Comendador

Guilherme Telles Ribeiro

Ascendência e Descendência

Açores - Brasil

PAULO FERNANDO TELLES RIBEIRO

ELIANA QUINTELLA DE LINHARES

Mil anos de Genealogia e História

Europa, arquipélago dos Açores, Brasil: a partir da ascendência de Guilherme Telles Ribeiro até chegar a cada um dos filhos de ambos seus casamentos, esta obra traça o perfil dele e de sua descendência, mediante a observação do ambiente cultural em que nasceram e se criaram cerca de seis gerações, e o que transmitiram como legado de sua formação e experiência, conquista e manutenção de um lugar na sociedade. O confronto subjacente entre ascendência e descendência se faz de molde a permitir uma possível relação entre elementos sociológicos que presidiram à evolução destas inúmeras gerações, as quais a obra faz desfilar para o leitor ao longo de mais de mil anos de Genealogia e História.

Boston Public Library
Boston, MA 02116

COMENDADOR

Guilherme Telles Ribeiro

Ascendência e Descendência

AÇORES — BRASIL

COMENDADOR

Guilherme Telles Ribeiro

Ascendência e Descendência

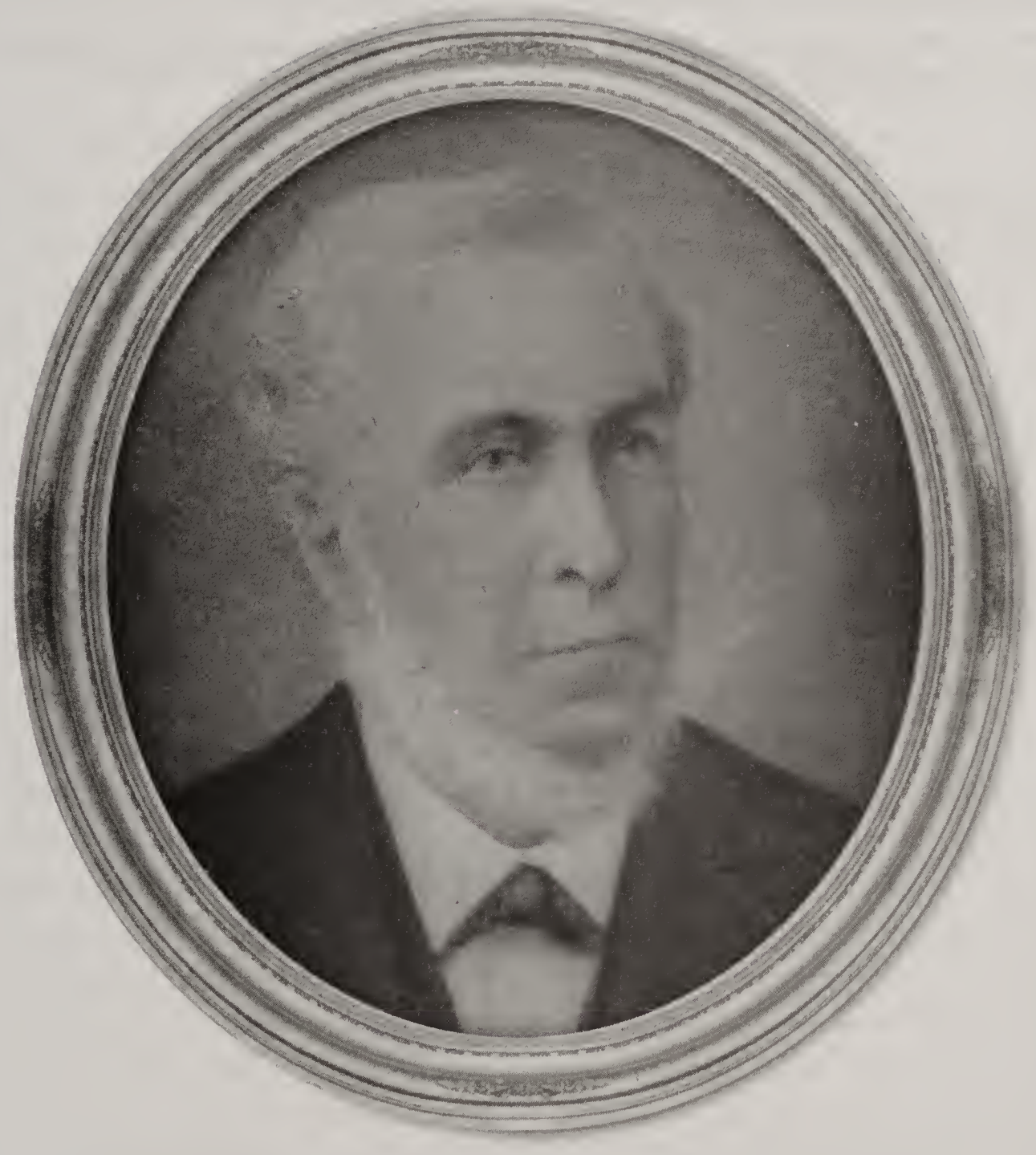
AÇORES — BRASIL

por
Paulo Fernando Telles Ribeiro
e
Eliana Quintella de Linhares

– 2003 –

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Boston Public Library

https://archive.org/details/comendadorguilhe00ribe



Comendador

Guilherme Telles Ribeiro

1827-1893

©2003 Paulo Fernando Telles Ribeiro e Eliana Quintella de Linhares

Capa
Thais Quintella de Linhares sobre foto da Ilha de Mocanguê Grande, gentilmente cedida pelo Serviço de Documentação Geral da Marinha (v. Ermakoff, George // Juan Gutierrez: *Imagens do Rio de Janeiro, 1892-1896*. Rio de Janeiro: Livraria/Editora Capivara, 2001, p. 224).

Projeto gráfico e diagramação
Victoria Rabello Telles Ribeiro

R482 Ribeiro, Paulo Fernando Telles.
Comendador Guilherme Telles Ribeiro : Açores – Brasil / Paulo Fernando Telles Ribeiro ; Eliana Quintella de Linhares. – Rio de Janeiro : [s.n.], 2003.

520p. ; 16x23cm.

ISBN 85-903257-1-7

1. Biografia. I. Linhares, Eliana Quintella de. II. Título.

CDD 920

Sumário

Prefácio 11

TOMO I

Ascendência do Comendador Guilherme Telles Ribeiro

1ª Parte – *A Ventura* 17

I- *Tu Felix Insula* 19
II- O vice-cônsul da França 34
III- A ação liberal 47
IV- Os anos de ternura 72
V- Guilherme 88
VI- Anna Joaquina 101
VII- Frederica 110

2ª Parte – *Genealogia dos Telles Ribeiro* 125

Introdução 127
Nomes 132
1 - João Luís 132
2 - Maria Pereira 133
3 - Francisco Gomes Pais 134
4 - Maria da Anunciada 136
5 - João Henriques Furtado de Mendonça 142
6 - Joana Lopes Lombada 143
7 - Auzenda de Frágoa (ou Izenda de Frágoa) 144
8 - Catarina Pimentel 145
9 - Susana Pimentel 146
10 - Francisca Gaspar Machado 147
11 - Paula da Silveira 151
12 - Antônio de Simas Telles 152
13 - Sebastião Gonçalves Albernoz 155
14 - Inês Antônia Pereira da Silveira 155
15 - Maria Luísa Bernarda 163
16 - João Garcia Pereira 165
17 - Úrsula Delfina Pereira de Lacerda 167
Quadro genealógico dos Teles de Meneses 173
Nota explicativa ao Quadro genealógico dos Teles de Meneses 176
Quadro genealógico de Bertrand de Risnel 181
Quadro do parentesco de Guilherme Telles Ribeiro e de sua 1ª esposa, Anna Joaquina de Sousa Meirelles 182

3ª Parte – *Anais da família Ribeiro no Faial – de 1783 a 1901* 187
Nota explicativa 189
Documentos 191

TOMO II

Descendência do Comendador Guilherme Telles Ribeiro

A Descendência 263
§ 1° D. Carlota Telles Ribeiro 270
§ 2º D. Minna Telles Ribeiro 279
§ 3° D. Luiza Telles Ribeiro 337
§ 4° Raul Telles Ribeiro 352
§-5° Hermann Telles Ribeiro 366
§ 6° D. Candida Carolina Telles Ribeiro 383
§ 7° João Telles Ribeiro 401
§ 8 ° D. Guilhermina Telles Ribeiro 415
§ 9 ° Drago Telles Ribeiro 428
§ 10 ° Bernardo Sergio Telles Ribeiro 450

APÊNDICES

Glossário Heráldico-Genealógico 457

Bibliografia e Fontes 465

Resumos
Português 473
Español 474
English 476
Français 478
Deutsch 480

Índice Onomástico 482

Convenção

Na presente obra, os seguintes sinais gráficos foram usados como abreviatura de expressões genealógicas consagradas:

★	Nascido em
≈	Batizado em
∞	Casado com (em)
°|°	União ilegítima; bastardia
✞	Falecido em
▫	Sepultura de, sepultado em
✠	Cavaleiro da Ordem de Cristo
>	Ascendente de
<	Descendente de
?	Embora provável, não há certeza quanto ao dado
c.	Indica data aproximada, por desconhecimento da data precisa
(1640-1680)	Nascido na primeira data e falecido na segunda ou ainda, reinou em
(1690 e 1710)	Mencionado nas datas citadas
(1624)	Vivo na data ou o fato mencionado ocorreu naquela data
q.s.	Que segue
c.g.	Com geração, isto é, com descendência
s.g.	Sem geração, isto é, sem descendência
at.	Atestado, mencionado em documento

Prefácio

A idéia de escrever este livro é antiga. Desde muito havia da parte dos autores o desejo de registrar experiências que pudessem ser repassadas ao círculo da família e contribuir para esclarecer suas origens e o meio em que evoluíram seus antepassados. Em mais de uma ocasião confrontaram eles o desafio de pesquisar esses temas mas a premência de outros afazeres e, sobretudo, a inexistência de dados precisos que servissem de ponto de partida para os estudos terminaram por desestimular um trabalho aplicado nesta direção.

Por muitos anos se dispunha somente de informações esparsas, uma palavra aqui outra acolá, memória de frases soltas, com afirmações isoladas e ocasionais, feitas por familiares sobre seus pais, tios, primos e avós. De concreto havia uma coleção de fotografias e de postais antigos, trocados pelos filhos de Frederica Huder Ribeiro, entre si e com a mãe, durante sua temporada de estudos na Europa ou quando ela, doente, viajou ao Velho Continente em 1906, em busca de tratamento médico.

Com isso, as dúvidas haviam permanecido sem esclarecimento e as indagações sem resposta, relegadas ao olvido, onde certamente teriam jazido para sempre, apagadas pelo desgaste do tempo, a assistir ao desaparecimento gradual de todas aquelas testemunhas contemporâneas que haviam vivenciado o passado. Restavam as lembranças dos momentos vividos com os parentes mais próximos, como marcos espaçados numa longa e sinuosa estrada.

Foi quando Eliana Quintella de Linhares soube da existência, na família, do livro de Marcelino Lima, "Famílias Faialenses", e teve a boa fortuna de conseguir, por intermédio de Roberto Menezes de Moraes, um exemplar daquela obra. Com isso passou a contar com dados iniciais importantíssimos, que registravam as origens dos Telles Ribeiro naquela ilha açoreana. A ajuda e orientação inestimáveis de Roberto, a quem os autores são particularmente gratos, foram fundamentais para a obtenção de informações sobre a família, quer mediante empréstimo de livros de sua importante biblioteca quer ao assinalar a intervenção positiva de Guilherme Telles Ribeiro em favor de um seu antepassado.

Servindo na Suíça, Paulo Fernando Telles Ribeiro viajou de férias ao Rio em 1994, quando Eliana lhe mostrou o esboço do trabalho que vinha realizando sobre a genealogia dos Telles Ribeiro, para o qual já contava, então, com

importantes subsídios recebidos de Portugal ou pesquisados no Brasil. Infelizmente, a obra se ressentia de ter tido início somente após todos os filhos de seus bisavós haverem falecido. Faltava praticamente tudo sobre a parte alemã, onde se inseria o vulto de Frederica Huder Ribeiro e não havia ninguém para consultar sobre esses elementos, imprescindíveis ao prosseguimento da pesquisa.

Animado com a perspectiva de poder colaborar em investigação fascinante, que vinha ao encontro de sua curiosidade, Paulo Fernando retornou a Berna decidido a utilizar seu posto de observação alpino como trincheira sobre os demais sítios que, supostamente, encerravam os valiosos dados de que carecia o trabalho de Eliana.

Assim foi feito. Seguindo as pistas de que se dispunha, partiu-se para as consultas nos arquivos de Münster (Alemanha), Horta (Açores), Paris e Nantes (França), as quais se estenderam a bibliotecas e arquivos no Rio de Janeiro, Lisboa e Bruxelas e ao cantão suíço de Appenzell, onde Drago Telles Ribeiro havia estudado. Foi uma aventura sherlockiana, cheia de encanto e mistério, em que as peças de um imenso quebra-cabeça pareciam por vezes escapar das mãos ou onde os postais e fotografias da coleção da família supriam, ora aqui ora ali, uma letra adicional, com pouco ou nenhum sentido, num imenso jogo de palavras cruzadas.

Mas valeu a pena. Partindo tantas vezes de indicações meramente aproximativas, complementadas por visitas aos locais onde haviam vivido os antepassados na Alemanha, Suíça e em Portugal, foi possível formar um painel coerente, capaz de fornecer dados confiáveis sobre as gerações que nos antecederam, no Brasil e em terras remotas da Europa. Na medida do interesse de cada um, haverá campo para se formar uma idéia do que somos como produto de nossos maiores, mediante a observação do ambiente cultural em que nasceram e se criaram e o que nos transmitiram como legado de sua experiência e cabedal para nossa formação, conquista e manutenção de um lugar na sociedade.

O livro não se propõe esgotar a investigação sobre o tema mas destina-se, sim, a compor um relato destinado ao recato da família, à curiosidade individual e à meditação do futuro de todos nós. Não pretende concluir mas somente suscitar, inclusive porque contém muito de impressões pessoais. Sem dúvida é fruto do esforço de equipe que, ademais da pesquisa desenvolvida pelos autores, não se teria concretizado se não se apoiasse na colaboração dos demais parentes e amigos, que prestimosamente forneceram dados e propiciaram informações. Representa, por fim, uma homenagem àqueles que nos antecederam e a quem tanto devemos em exemplo, trabalho, dedicação e amor.

Oferecemos o livro aos descendentes de Guilherme Telles Ribeiro, sobre quem recai a ênfase deste trabalho, às novas gerações que ostentam seu nome ou que com ele se entrelaçam. A elas caberá manter acesa e levar avante a chama sagrada dos princípios que nos ajudaram a chegar até aqui e que nos hão de acompanhar ainda por muitos séculos adiante.

Eliana Quintella de Linhares
Paulo Fernando Telles Ribeiro
Rio de Janeiro, março de 2003

TOMO I

ASCENDÊNCIA

DO

COMENDADOR

GUILHERME TELLES RIBEIRO

por

Paulo Fernando Telles Ribeiro

1ª PARTE

A Ventura

"Happy Isles,
Like those Hesperian gardens famed of old,
Fortunate fields, and groves, and flowery vales".
(Milton: "*Paradise Lost*")

"Fayal, seen from the roadstead or from Pico, is an incomparable island. It would be difficult to realize an image of more rich and fertile beauty, than the mountain presents when viewed, glowing through a hot morning mist, from the opposite shore".

(Bullar, J.: "*A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of Furnas*")

Tradução

"Ó, Ilhas Felizes,
como aqueles jardins das Hespérides, famosos por seus velhos,
venturosos campos, e pelos pomares e vales floridos".

(Milton: "Paraíso Perdido")

"O Faial, visto do ancoradouro ou do Pico, é uma ilha incomparável. Seria difícil visualizar imagem de beleza mais rica e fértil do que a montanha oferece, quando vista da margem oposta, incandescente por entre a névoa quente matinal.

(Bullar, J.: "Um inverno nos Açores e um verão nos banhos das Furnas"

I

TU FELIX INSULA

Os TELLES RIBEIRO provêm de estirpes portuguesas que, em algum momento, encontraram em um de seus representantes o desejo de buscar novas perspectivas de vida, na promissora terra do Brasil.

Este pioneiro foi GUILHERME TELLES RIBEIRO, que deu início ao ramo brasileiro da família. Natural da freguesia de Nossa Senhora das Angústias, concelho da Horta, ilha do Faial (Açores), onde nasceu em 16 de abril de 1827, era filho de GUILHERME RIBEIRO e de LUÍSA TELLES, numa genealogia que encontra raízes na própria origem da nacionalidade portuguesa e remonta aos primeiros povoadores do arquipélago açoreano, aqueles que posteriormente assentaram no Faial.

Os navegadores portugueses que de 1432 a 1464 descobriram sucessivamente as nove ilhas açoreanas, localizadas em pleno oceano Atlântico, chamaram-nas Açores, pois tomaram por estes animais os milhafres, aves de rapina diurnas semelhantes aos falcões, que abundavam na região. Nos portulanos[1] e cartas do século XIV, o Faial é designado como Ilha da Ventura[2] e diz a lenda que, depois de reconhecida, nela foi habitar um ermitão, que procurava no remanso de sua natureza isolada a ventura das coisas espirituais[3].

---

[1] Na Idade Média e no Renascimento, chamavam-se portulanos as cartas marítimas que descreviam os portos e o modo de a eles aceder; registravam sua posição costeira, as marés e os acidentes geográficos que os cercam, como baixios e recifes [*cf. À Descoberta de Portugal* (Lisboa: R. Digest, 1982), p. 543; W. Galvani, *Nau Capitânia* (Rio: Record, 1999), pp. 294-5].

[2] A antiga denominação de Ilha da Ventura inspirou para o presente capítulo o título em latim de *Tu felix insula*, em paralelo com a citação inscrita no início da 1ª Parte, extraída de John Milton (1608-74), um dos maiores poetas da língua inglesa.

[3] O ermitão da lenda pode ser entendido como alusão à figura de Gonçalo Velho Cabral, conhecido também simplesmente como Gonçalo Velho (Cabral era o apelido da mãe, Maria Álvares Cabral), que o infante Dom Henrique mandou para os Açores e que foi o descobridor da primeira das nove ilhas do arquipélago, a de Santa Maria, em 14.08.1432. Proveniente da mais antiga e ilustre nobreza de Portugal, integrava o conjunto de 69 cavaleiros da Ordem militar-eclesiástica de Nosso Senhor Jesus Cristo, instituída em 1319 pelo rei D. Dinis como herdeira das tradições da Ordem dos Templários (1116) e que foi instrumento importantíssimo utilizado

Depois dele foram pescadores da vizinha ilha de São Jorge, ali chegados em 1439 e que lhe deram seu atual nome, pois nela encontraram plantas que julgaram ser faias. Seguiram-se outros aventureiros originários da ilha Terceira, que se deslocaram para o Faial por volta de 1453 e se constituíram em seus verdadeiros primeiros povoadores. Do enunciado se evidencia que Faial significa "mata de faias", sendo a faia (*fagus sylvativa*) uma árvore européia alta e ramosa, de folhagem prateada, de cujo tronco liso se extrai uma madeira clara que já foi muito apreciada pela marcenaria de qualidade, para feitura de móveis finos.

Distante 1800 quilômetros de Lisboa e situada na mesma latitude, quase a meio caminho do continente americano, a ilha tinha fama de possuir minas de prata e estanho e isso atraiu quinze flamengos de Bruges, capitaneados por Joos van Hurtere (ou Josse van Huerter), homem de armas e brasão (em campo azul, três besantes de ouro postos em roquete), induzidos à empresa por Frei Pedro, franciscano da corte de Portugal que, em missão diplomática, fora à Flandres em 1464 e lhe confidenciara esta notícia. O fidalgote, que já por essa época havia vivido em Lisboa e fora feito cavaleiro da casa do príncipe D. Fernando, 2° duque de Viseu[4], não se fez esperar: aliciou companheiros com promessas de riquezas e desembarcou no Faial em 1466.

Voltando à corte de Flandres, informou a duquesa de Borgonha, D. Isabel, filha do rei de Portugal, D. João I (reinou 1385-1433) e esposa do duque Filipe III, "o Bom", de que a ilha era fantástica, possuía excelentes terras, clima e paisagem, frutos e animais, peixes e aves em abundância. Que belo país seria para tantos flamengos que padeciam de fome no rescaldo da Guerra dos Cem Anos e ali poderiam encontrar fortuna e felicidade! Sensibilizada, a duquesa escreveu ao sobrinho, o rei de Portugal, D. Afonso V (reinou 1438-81), que mandou nomear Josse van Huerter (já agora conhecido como Jos de Utra ou Jorge d'Utra) capitão-donatário do Faial. Propiciou-lhe também o casamento com uma portuguesa de boa linhagem, da rica e influente família dos *Macedos*, chamada Brites (Beatriz) de Macedo, formosa alentejana de mui dignas maneiras, aia

---

pelo Infante para viabilizar suas empresas marítimas. Como todo membro da Ordem de Cristo, Gonçalo Velho tinha o título de *frei*. Morreu em 1474, após estender sua atividade colonizadora às principais ilhas, inclusive o Faial, e sua importância histórica o faz presente em diversas passagens lendárias, de que constitui exemplo a associação de seu nome aos primórdios do povoamento faialense [v. nota 55; *cf. À Descoberta de Portugal*, *ibidem*; James H. Guill, *A History of the Azores Islands* (Tulare, CA: *Golden Shield Publications*, 1993), pp. 128-40].

[4] Filho do rei D. Duarte, foi perfilhado pelo tio, o infante D. Henrique, 1° duque de Viseu, a quem sucedeu no título (1461). Foi também 1° duque de Beja [*cf. À Descoberta de Portugal*, *ibidem*; A. E. M. Zúquete, *Nobreza de Portugal e do Brasil* (Lisboa: Ed. Enciclopédia, 1961), I, 311].

(dama de honra) da infanta D. Beatriz[5] e filha de Jerônimo Fernandes, da casa do duque de Bragança.

A carta de donataria foi passada em 21 de fevereiro de 1468 pelo marido de Dª Beatriz e irmão de D. Afonso V, o príncipe D. Fernando, duque de Viseu, que recebera a ilha em 1460, quando da morte do tio, o infante D. Henrique, "o Navegador", de quem era filho adotivo. Dª Beatriz, por sua vez, era irmã da rainha Isabel de Castela e, portanto, tia da futura e celebérrima Isabel que, com o marido, Fernão de Aragão, passaram à História como os "Reis Católicos", protetores de Cristóvão Colombo.

Van Huerter havia vendido quanto tinha em Flandres e convidara um amigo de nobre estirpe, WILLEM VAN DER HAGHEN[6], para acompanhá-lo na empreitada. Após recrutarem artesãos e trabalhadores, "homens e mulheres de todas as condições", como reza um texto da época[7], abastecidos de materiais, sementes e utensílios, partiram a integrar-se na administração da sua colônia e a acelerarem, com os companheiros, o povoamento da ilha. Esta contava em 1490 com uma comunidade de 1500 flamengos, estabelecidos inicialmente num vale pitoresco, "por ser lugar de verdura, de que os flamengos são muito amigos"[8], situado nos arredores da atual cidade da Horta, o qual ainda guarda o nome que homenageia aqueles pioneiros[9]. Ressentido do risco que isso poderia representar para a hegemonia de Portugal, o rei estimulou o deslocamento de contingentes de colonos portugueses, recrutados entre cativos e prisioneiros,

---

[5] Esposa de D. Fernando, 2° duque de Viseu e 1° duque de Beja, era filha dos infantes D. João (filho de D. João I) e D. Isabel (filha do 1° duque de Bragança) e irmã de D. Isabel, rainha de Castela pelo casamento com o rei D. João II, este, pai de Isabel, "a Católica" (v. nota 4, acima; *cf.* A. E. M. Zúquete, pp. 297 e 312).

[6] Foi curta a passagem de WILLEM VAN DER HAGHEN (ou Guilherme van der Haghen) pelo Faial, onde viveu junto à atual Praia do Norte. Após desentender-se com JOSSE VAN HUERTER, transferiu-se para outras ilhas do arquipélago, antes de estabelecer-se definitivamente na de São Jorge [v. n° 11 da 2ª Parte, "Genealogia": Paula da Silveira; *cf.* Diogo das Chagas, *Espelho Cristalino* (Ponta Delgada: 1989), pp. 406, 472, 497 e 533].

[7] Martin Behaim (Martinho da Boêmia), no *Globo de Nuremberg*. Foi viver no Faial em 1484 e lá casou com Joana de Macedo, filha do 1° capitão-donatário Josse van Huerter [*cf.* Júlio da Rosa, *Nossa Senhora das Angústias* (Horta: 1984), p. 27].

[8] Frei Agostinho de Monte Alverne, *Crônicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores* (Pta. Delgada: 1962), III, 151.

[9] A memória dos Telles Ribeiro registra esta ascendência "holandesa" da família que, em certo momento, se confundiu com a origem de Frederica Huder, esta, na verdade, alemã. Os que afirmavam que a família descendia de holandeses queriam certamente referir-se aos flamengos, que lhes são vizinhos e afins.

no Algarve e Alentejo[10], os quais trataram de ir gradualmente estabelecendo com os locais um melhor equilíbrio étnico.

Quando viajava a Lisboa, sabe-se que Jorge d'Utra residia numa importante casa, situada junto ao mosteiro de São Domingos. Era o paço dos Estaus[11], no Rossio (no lugar do atual Teatro Nacional D. Maria II), onde el-rei hospedava pessoas da corte sem residência e até embaixadores estrangeiros. Em 1494, ano em que pelo alvará de 15 de outubro o Capitão-donatário obteve o foro de cavaleiro da casa do 4° duque de Beja, futuro rei Dom Manuel I, "o Venturoso" (reinou 1495-1521), foi seu hóspede neste palácio o alemão Hieronymus Münzer[12], que lhe descreveu a esposa como "uma senhora nobre, sábia e perita em tudo, que nos deu de presente ânforas de musgo de urzela e nos tratou com a maior distinção". Esta "grandiosa e notável casa régia", como ao paço dos Estaus se referiu o Dr. Monetarius e a forma de vida larga e confortável que indica, bem expressam a condição social e o prestígio de que Jorge d'Utra gozava na corte portuguesa. Fidalgo por nascimento, distinguido na corte de Borgonha e casado em prestigiosa família portuguesa, com conexões importantes na casa real de Portugal, não admira que lhe tenha sido possível obter o privilégio de uma donataria nos Açores.

No ano seguinte (1495) à sua estada no Continente, regressando ao Faial, faleceu. Brites de Macedo devia ser bem mais nova que o marido, pois lhe sobreviveu trinta e seis anos e morreu em 1531, na sua casa "no limite de Porto Pim". No testamento mandou que se transformasse em igreja a ermida de Santa Cruz, que fundara e onde quis ser enterrada na cova onde jazia seu filho, Francisco de Utra. Mais tarde suas cinzas foram transferidas para a atual igreja das Angústias, a mesma que é sede da freguesia onde nasceu Guilherme Telles Ribeiro.

---

[10] A medida era corrente e permitia descongestionar as prisões mediante a transferência de elementos indesejáveis no Continente, os quais se beneficiavam com a aquisição da liberdade e a perspectiva de vida nova e ganhos materiais. Eram os chamados "degredados" (ou *degradados*, pois degredar deriva de degradar, isto é, diminuir de grau, rebaixar), condenados por delitos que, apesar de graves na época, hoje seriam considerados menores. Uma vez nas ilhas, distinguiam-se dos demais colonos por um pequeno brinco circular, preso ao lóbulo da orelha esquerda. O Algarve e o Alentejo, de onde geralmente provinham, são as regiões mais meridionais de Portugal (*cf.* R. Vainfas, *Dicionário do Brasil Colonial*, pp. 180-1, rev.).

[11] Os Estaus (do latim *hospitale*) vieram a ser mais tarde sede da Inquisição de Lisboa e do Conselho Geral.

[12] Conhecido dos portugueses como *Doutor Monetarius* († 1508), foi um viajante e cientista alemão, natural de Nuremberg, autor de um relato de viagem a Portugal e Açores (*apud* Júlio da Rosa, pp. 67-8).

Cabe esclarecer que a Flandres, de onde provinham os destemidos colonizadores arregimentados por VAN HUERTER e VAN DER HAGHEN, se situa junto ao mar do Norte e abrange territórios atualmente franceses, belgas e, em pequena parte, holandeses. Seus habitantes lutaram contra a França e a favor da Inglaterra na Guerra dos Cem Anos (1337 a 1453) e foram gravemente atingidos pela depressão econômica daquele período. As principais cidades da região são Bruges, Gand, Lille e Dunquerque (palco de importantes batalhas na Segunda Guerra Mundial). As relações com Portugal datam da Idade Média, quando cruzados flamengos tomaram parte na conquista de Lisboa aos sarracenos (1147) e intensificaram-se a partir de 1384, quando a Flandres foi integrada nos domínios do duque de Borgonha[13].

Foi esta a matéria-prima humana com que se fez a colonização do Faial e das demais ilhas dos arquipélagos portugueses. Os serviços que prestaram os primeiros povoadores impuseram-lhes uma portentosa missão, a exigir ânimo singular e indivíduos dignos e capazes de a levar a cabo. Coube-lhes, antes de tudo, conquistar uma posição atlântica avançada, fundar, com o espírito que procedia dos avoengos, uma nova sociedade e saber defendê-la, pondo contra inimigos que viessem do mar toda a coragem e fidelidade ao destino comum. Era obra para homens e mulheres robustos, resolutos, dianteiros na empresa de uma vocação antiga, que se revelava em promessa de triunfo, mediante um áspero combate de fundadores.

Confrontados com o alvorecer de uma reviravolta da História, dispuseram-se a ocupar e reter a ilha ainda virgem. Fizeram-no quebrando o mistério de segredos proféticos, em obediência à honra que lhes pertencia. Vinham de lares antigos, cujo lume aquecia sua alma religiosa mas exaltava-os e inspirava-os uma fé profunda, um pensamento claro e uma certeza única. Acima de tudo, fascinava-os a perspectiva de uma nova era. Eram conscientes de que lhes aguardavam privações, dias rigorosos, isolamento ("nós, desses Reinos alongados", diriam seus filhos)[14] mas tudo enfrentaram, de ânimo firme e criador. Dir-se-ia que, como piloto perdido nos confins dos mares, sabiam discernir o rumo mais além da cerração e podiam, assim, avistar o futuro, para lá do horizonte invisível.

Decorridos mais de cinco séculos desde o estabelecimento dos primeiros colonos, o Faial é, ainda hoje, terra de bonança, onde ressaltam os caracteres

---

[13] A epopéia do estabelecimento dos flamengos no Faial deu-se quando o duque de Borgonha era Filipe III, "o Bom" (1396-1467), em cujos domínios a Flandres estava integrada. Ao casar-se com Isabel de Portugal (1397-1471), filha de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, em 1430, Filipe criou a famosa Ordem do Tosão de Ouro (v. nota 98).

[14] *Apud* F. de Meneses Vaz, *Famílias da Madeira e Porto Santo* (Funchal: 1964).

somáticos, flamengos e portugueses, de sua hospitaleira população, calculada em 17 mil habitantes, que encantam os visitantes com seus costumes, arte e vida simples e original. Horta, a capital, cresceu da vontade de seu fundador, Joos van Hurtere, a quem possivelmente deve o nome e que a implantou à beira-mar, em volta de seu solar, erigido em Porto-Pim.

Com territórios que abrangem 2.314 km2 e cerca de 336 mil habitantes, o arquipélago português dos Açores compreende, além do Faial, outras oito ilhas: Corvo, Flores, Graciosa, Pico, Santa Maria, São Jorge, São Miguel[15] e Terceira[16]. A economia é basicamente agrícola mas a pesca, o artesanato e o turismo são fontes importantes de receita. Embora o Brasil tenha recebido numerosos açoreanos, a emigração dirige-se agora, preferentemente, para os Estados Unidos e o Canadá.

Vivendo do mar e para o mar, a antiga vila da Horta, promovida a cidade em 1833, foi porto de abrigo e de comércio dos navegantes que passavam entre a Europa e a América, nos séculos XVII, XVIII e XIX. Com enseadas tranqüilas, praias de areia branca, o espetáculo do por-do-sol, o círculo verdejante da montanha do Pico, visto da margem oposta, o casario branco, os mastros de veleiros vindos de todas as partes, as muralhas ocres de uma fortaleza que assistiu a batalhas navais[17], as hortênsias emoldurando casas e caminhos[18], internacional e receptiva aos estrangeiros que a visitam, a Horta é considerada por alguns a cidade açoreana típica e uma das cidades marítimas mais características do mundo.

Além disso, a posição geográfica favorável, praticamente a meio caminho entre dois continentes, a amenidade do clima e a conveniência do relevo costei-

---

[15] A maior e economicamente mais ativa, cuja capital, Ponta Delgada, é a sede da Região Autônoma dos Açores.

[16] De grande importância política no passado e cuja capital, Angra do Heroísmo, foi declarada pela UNESCO patrimônio cultural da Humanidade. Seus arredores hospedam uma base militar americana integrada no sistema da OTAN.

[17] Alusão à Fortaleza de Santa Cruz, histórica construção do século XVI de onde, em 1583, os habitantes tentaram defender-se do assalto da frota espanhola, que terminou por conquistar a ilha e sobre ela manter domínio até o fim da união das coroas de Portugal e Espanha (1640). Sujeita ao ataque dos corsários ingleses, em 1589 foi o conde de Cumberland, à frente de treze navios, que facilmente se apoderou de uma nau espanhola ancorada na enseada e saqueou a cidade. Logo depois, em 1597, foi a vez do galante Sir Walter Raleigh, da frota do conde de Essex que, em missão da rainha Isabel I, da Inglaterra, ocupou Horta e incendiou seus principais edifícios [M. Lima, *Anais do Município da Horta* (Famalicão: Minerva, 1940), pp. 628-34].

[18] O clima açoreano favorece a floração das camélias (dezembro a fevereiro) e das hortênsias e azáleas (maio a agosto), quando os prados se enchem de suas cores e perfume suave. O caráter insular individualiza os faialenses no contexto açoreano, graças à atmosfera internacional da Horta (*À Descoberta de Portugal*, pp. 543-4).

ro transformaram também o Faial num ponto de encontro do iatismo mundial, na esteira dessa tradição marítima secular. Na baía da Horta, aparelhada com equipamentos adequados, fundeiam numerosos iates que fazem o trajeto Europa-América e vice-versa, particularidade que lhe empresta um inconfundível ar cosmopolita. Neste contexto, surpreende que a ilha tenha uma superfície de apenas 174 km quadrados, com 21 km de comprimento, 14 km de largura e um perímetro arredondado de 90 km!

Pois foi aí mesmo, nesta atmosfera insular repleta de história, encanto e sortilégio que, no século XVII, João Luís [Silveira] (★ c. 1650 - ✞ 27.04.1720, Castelo Branco, Faial), filho de Manuel Luís Homem e de Maria da Rosa, casou com Ana Rodrigues [de Freitas] (★ c. 1650 - ✞ 10.10.1711, Castelo Branco, Faial), de quem teve a Manuel da Rosa Pires[19], que nasceu c. 1690 na freguesia de Capelo e casou em 15.07.1718, na freguesia de Castelo Branco, com Maria Pereira, nascida em 20.11.1701 (freg. Castelo Branco), filha de Amaro Pereira e de Catarina Gularte (✞ 14.07.1716). Quem era essa gente ignota, implantada na raiz de uma árvore genealógica frondosa, cujo tronco viria originar os ramos familiares de que hoje orgulhosamente derivam seus netos?

Era muito provavelmente descendente direta dos primeiros povoadores das ilhas, aqueles mesmos colonizadores flamengos e portugueses que receberam do capitão-donatário Josse van Huerter a posse de glebas e sesmarias e traçaram, assim, o contorno da ocupação humana e exploração econômica do Faial, baseadas na agricultura e pecuária de subsistência e no cultivo de plantas exóticas para exportação.

O Capelo[20], a freguesia de origem de João Luís, é uma das mais antigas do Faial, criada por volta de 1600, quando sua igreja paroquial tomou por orago Nossa Senhora da Esperança. Era conhecida por possuir o clima mais saudável da ilha e seu solo era muito fértil, até 1672, quando foi devastada pela erupção de um vulcão. Em fevereiro daquele ano ocorreram intensos tremores, que

---

[19] Embora não seja possível afirmar, com absoluta segurança, qual fosse a filiação de João Luís, nem que os pais de Manuel da Rosa Pires ostentassem, respectivamente, os apelidos *Silveira* e *de Freitas*, investigações exaustivas conduzidas nos anos de 1999 e 2000, pelo norte-americano Steven Silvia, nos documentos disponíveis das freguesias faialenses de Capelo e Castelo Branco, apontam para a grande probabilidade da hipótese aqui exposta. Quanto ao patronímico *Pires*, que é bastante frequente nos batismos de Capelo e praticamente inexistente em Castelo Branco, não foi encontrado em nenhum dos possíveis ancestrais de Manuel da Rosa, sendo de supor que possa provir de um padrinho, ainda mais que não figura no lugar de honra, aposto ao nome batismal mas se confunde com o apelido ao aparecer na posição deste, isto é, ao final do nome. Os registros de batismo dos filhos de Manuel da Rosa Pires atestam que ele era natural de Capelo [B.P.A.H.: *Capelo e Castelo Branco*, batismos (1693); v. nota 26].

[20] Assim denominada "por ordinariamente ter um capelo (*cobertura em forma de capuz*) de nuvens" [A. Cordeiro, *Historia Insulana* (Lisboa: 1717), Liv. VIII, Cap. I, nº 1, p. 451].

fizeram os moradores abandonar suas casas para viver em barracas improvisadas. Assustados, os próprios animais fugiram das pastagens. Os abalos se intensificaram por volta de 20 de abril e por fim, na noite de 23 para 24, entre uma e duas horas da manhã, rebentou o fogo. Expelida de uma cratera produzida no cimo de uma elevação, a lava incandescente deslizou em duas direções, uma para o Norte, outra para o Sul, destruindo toda a freguesia, junto com a igreja paroquial, assim como a vizinha Praia do Norte e convertendo em rochedos de pedra queimada a maior parte dos terrenos adjacentes que, desta forma, se tornaram impróprios para o cultivo.

Reduzidos à penúria, os habitantes dispersaram-se, sobretudo em direção à próxima freguesia de Castelo Branco, onde muitos passaram a viver. Mil e duzentas pessoas ficaram sem casa e sem fazendas e dos 308 lares que se contavam nas duas freguesias atingidas, somente um ficou de pé. Em março do ano seguinte a terra começou a brotar e, ocasionalmente, alguns dos antigos moradores regressaram ao Capelo, para ali aproveitar laboriosamente parte das antigas propriedades, plantando-as com vinhas, figueiras e outras árvores frutíferas[21].

João Luís e sua família certamente se incluíram entre as vítimas do cataclismo e passaram então a viver em Castelo Branco, onde Manuel da Rosa Pires se casou com uma filha daquela freguesia de adoção, Maria Pereira. Quando, no século XIX, o assentamento populacional se achava consolidado, os textos descritivos da ilha referem-se à freguesia de Castelo Branco como havendo nela "boas casas e abastados lavradores", já que "seu solo é muito fértil de todos os gêneros. Cria-se gado e se produz muita fruta"[22]. Havia-se aí avançado bastante na evolução por que passou a primitiva cultura de exploração agrícola do solo, com vistas à produção, entre outros, do trigo e do pastel, este último, uma planta crucífera destinada à tinturaria[23]. Introduzida pelos flamengos no início da colonização, sua exportação estava assegurada, de forma imediata, para a Flandres, onde era comercializada para outros mercados, a partir de Bruges e Antuérpia.

Hoje em desuso, o apelido ostentado por João Luís, originariamente patronímico, era corrente na época. Na Madeira, por exemplo, provém de uma família do Continente que, enraizada no "primeiro povoamento" da ilha, já em fins do século XV se achava fixada na localidade de Câmara de Lobos. Seu

---

[21] M. Lima, *Anais*, pp. 641-48.

[22] A. L. da Silveira Macedo, *História das Quatro Ilhas* (Horta: 1871), III, 52.

[23] *Isatis tinctoria*, de que o anil se tornou moderno sucedâneo (M. Lima, *Anais*, pp. 377-8; v. notas 103, 200 e 240).

chefe seria outro de mesmo nome, João Luís, que ali era dono de um engenho de açúcar, em 1495-6 foi vereador da Câmara Municipal do Funchal e em 24.12.1495 foi eleito juiz do civil. O apelido *Luís* manteve-se por várias gerações em Câmara de Lobos e no seu Estreito e liga-se a este proprietário de engenho por ascendência direta ou colateral. No Faial ele aparece mesmo com os primeiros colonizadores flamengos, que possivelmente o tomaram em lugar de seus apelidos originais e é assim que, no início do século XVII, vai-se poder encontrá-lo na ascendência dos **Telles Ribeiro**.

Já o apelido *Rosa*, ostentado por Manuel da Rosa Pires, é certamente de origem flamenga. Herdado de PIETER VAN ROSSEM = PITRE DA RUSE (Pedro da Rosa) e JOHAN VAN ROSSEM (João da Rosa), dos primeiros colonizadores que acompanharam JOSSE VAN HUERTER (Jorge d'Utra) e WILLEM VAN DER HAGHEN (Guilherme da Silveira), sofreu transformação semelhante à de outros nomes flamengos, em seu processo de aportuguesamento: *Rossem* > *Roose* > *Rosa*. Tanto quanto este, também PIRES e PEREIRA são apelidos encontráveis nos documentos mais antigos das ilhas[24] como, por exemplo, no seguinte trecho de uma carta de sesmaria, datada de 12 de janeiro de 1488 e passada por Jos d'Utra, em sua qualidade de capitão-mor do Faial e Pico:

> "... Damos e confirmamos a Bastião Dias e a sua mulher e filhos e netos e herdeiros e sucessores ... uma terra na ilha do Fayal na banda norte da dita ilha onde chamam a Ribeira Seca e parte da banda oeste, com Gonçalo Rodrigues e do este com Fernão Pires e do sul, com a lombada da serra ..."

Outro trecho extraído de uma reforma de tempo, assinada pelo filho de Jos d'Utra, também chamado Jos d'Utra e intitulado Capitão do Faial e do Pico, datada de 28 de julho de 1506, reza:

> "... digo que me apraz e dou corregimento na compra que Pedro Anes [do Canto][25] fez na calheta do Matheus das terras que foram de Duarte Pires ... seus gados e criações".

Já de uma escritura pública de 29 de março de 1702, consta que:

> " ... Domingos de Freitas e mulher vendem a Antônio de Lacerda Pereira [sogro do morgado Diogo de Labat] o campo da Caldeira de que se trata e aí declararam que houveram a propriedade vendida por compra a um terceiro".

---

[24] V. *Arquivo dos Açores*, 10 vols. (Ponta Delgada: 1888).

[25] Pedro Anes do Canto é ascendente dos **Telles Ribeiro** por intermédio de Úrsula Delfina Pereira de Lacerda (v. nº 17 da 2ª Parte).

Em 9 de agosto de 1725, o comprador Antônio de Lacerda Pereira dirigiu uma petição ao corregedor da comarca para que fosse intimado Manuel da Rosa[26], morador do Concelho, para

"... em três meses por fora os gados que trazia na Caldeira, que era dele suplicante".

Deferiu o corregedor esta petição, cominando a pena de 500 réis para o Concelho a cada pessoa que, nessa propriedade, trouxesse gados contra a vontade de seus donos.

Do acima referido vê-se que Manuel da Rosa tinha gado e que as terras podiam pertencer a outros *Pires* e *Pereiras*. Segundo vozes autorizadas, eram muitos nas ilhas os deste último apelido, os quais não tinham necessariamente relação de parentesco entre si e neles provavelmente se perde o nosso *Pereira*, sem que seja possível determinar seu efetivo entroncamento. Outros[27] são propensos a crer que as uniões de família que se verificam àquela altura estariam a indicar a boa origem de Manuel da Rosa Pires e da consorte, inclusive porque os cargos que mais adiante sua progênie vai obter requeriam pessoas de reputação. Neste caso, Maria Pereira bem poderia ligar-se, ela também, a algum ramo da estirpe de que provinha João Garcia Pereira que, depois de estar em Tânger como guerreiro, se fixou no Faial em 1501 e se destacou não só por seu valor mas porque os descendentes deram aos Açores nomes ilustres, entre os quais vários ascendentes dos Telles Ribeiro.

Naqueles tempos remotos, dos "três principais da ilha", foi João Garcia Pereira um dos que gozava de maior consideração, distinguindo-o muito a primeira "capitoa", Dª Brites de Macedo. Josse van Huerter, que sucedeu ao pai de mesmo nome como capitão-donatário do Faial, foi padrinho de batismo de um filho seu, Gaspar Garcia Pereira Sarmento. Apesar do recolhimento em que vivia, em 1519 esteve na baía da Horta uma armada que conduzia de volta ao Reino o governador da Índia, Lopo Soares de Albergaria[28]. Tendo sido alertado

---

[26] Seria o mesmo Manuel da Rosa Pires acima mencionado, filho de João Luís e de Ana Rodrigues, casado com Maria Pereira em 15.07.1718? A hipótese se harmoniza não somente com a cronologia, pois ele deveria ter, na época, cerca de 35 anos, como também com o fato de que residia na próxima freguesia de Capelo. Acrescente-se que, contrariando a pretensão da casa Labat, o costume considerava os terrenos da Caldeira logradouro comum e, desde época remota, ali ia o povo apascentar seus gados, em geral ovídeos. Seja como for, o episódio não interferiria no posterior casamento, em 1788, de uma neta de Manuel da Rosa Pires, Aurélia Luísa Clara Ribeiro, com um bisneto de Antônio de Lacerda Pereira, José Francisco de Labat Lacerda (v. notas 19 e 29; *cf.* M. Lima, *Anais* ..., pp. 137-42 e Cap. II, abaixo: "O Vice-Cônsul da França").

[27] M. Lima, *Famílias Faialenses* (Horta: Minerva Insulana, 1922).

[28] Sucessor de Afonso de Albuquerque (1509-15), partiu para Goa em 07.04.1515, com uma armada de 13 naus [Simão Ferreira Paes, *As Famosas Armadas Portuguesas 1496-1650* (Rio: Ministério da Marinha, 1937), p. 29].

para a presença de João Garcia Pereira, Lopo Soares mandou-o chamar à nau capitânia e, perante "alguns homens dos mais principais e dos mais honrados", muito o distinguiu e da mesma sorte outros fidalgos, que vinham nas naus, o reconheceram, tratando-o por parente e lhe fizeram "muitas cortesias e honras"[29].

Mas como afirma o Padre Antônio Cordeiro S.J. na sua "História Insulana", editada no início do século XVIII[30], "da mesma forma que não há rei algum que não tenha consangüíneos sem que sejam reis, nem ainda fidalgo que não tenha consangüíneos sem serem fidalgos, assim não há de admirar que dos excelentíssimos *Pereiras* haja tão legítimos parentes na nobre ilha do Faial: deles, pois, diz Frutuoso que não só eram aqueles *Pereiras Sarmentos* mas também um Tomé Pereira, clérigo e sua irmã, Isabel Pereira, ambos filhos de Tristão Pereira e netos de Diogo Pereira, "o Velho", primo-irmão de João Rodrigues Pereira, senhor de Basto e Vizela e muito parente do duque de Bragança e dos condes de Marialva e da Feira ..." Em um deles, quiçá, poderia entroncar o nosso Pereira!

Neste ponto caberia indagar: como vivia aquela gente, qual era seu quotidiano, a que atividades se dedicavam em sua faina de pioneiros? A resposta é que sua tarefa era laborar com afinco, abrir sulcos no solo bravo e adubá-lo. Viviam em suas casas, no assentamento, e se ocupavam da propriedade, que cumpria tornar produtiva. Nas terras que possuíam, já libertas das contingências da sesmaria, lidavam provavelmente pessoas de condição livre, "homens trabalhadores", isto é, assalariados que eles empregavam para agarrar na rabiça do arado e, de aguilhada em punho, conduzir a junta de bois mansos. Eles, os pioneiros, dominavam na sua "quinta" e o aproveitamento dela produzia frutos maduros, "os frutos da terra", que eram as primitivas culturas de subsistência e de exportação, mais acima assinaladas. Havia ainda o gado de lavoura e o do curral, o do pasto ou cercado e o rebanho de ovelhas, que completava o quadro de labor rústico e patriarcal. Eram "lavradores de raiz", cabia-lhes cuidar da fazenda e, com os seus rendimentos, tratar de fazê-la crescer e nunca deixá-la diminuir[31].

Isto posto, voltemos a orientar-nos pelos nomes citados na genealogia mais próxima dos Telles Ribeiro, que tocam seguramente terreno mais concreto e

---

[29] Justificação de nobreza de Antônio de Labat, em 1790, com as alegações do processo abonatório feito em 25.12.1542 por Álvaro Pereira Sarmento, neto de João Garcia Pereira (*apud* M. Lima, *Anais* ..., p. 45; v. notas 26 e 105 e n° 16 da 2ª Parte: "Genealogia").

[30] *Op. cit.*, Liv. VIII, Cap. V, n° 41.

[31] *Apud* F. de Meneses Vaz, *op. cit.*

retomemos o fio condutor da nossa narrativa: Manuel da Rosa Pires faleceu em 10.09.1759 e Maria Pereira, que lhe sobreviveu três anos e meio, veio a falecer em 31.04.1763. O filho, Francisco Pereira da Rosa Pires, nascido em 01.01.1725, casou em 17.01.1751 com Clara Luísa Bernarda de Jesus[32], nascida em 10.08.1729.

Clara era filha de Francisco Gomes Pais (≈ 18.02.1671, Praia, Graciosa - ✞ 26.09.1749, Matriz, Horta) e de Maria da Anunciada[33] (≈ 22.02.1693, Sta. Luzia, Terceira - ✞ 26.05.1759, Matriz, Horta). Os irmãos de Clara, padres José Augusto Ribeiro e Tomás Francisco Ribeiro, juntaram boa fortuna, não se sabe bem se advinda de seu mister pastoral, se mediante atividades mercantis ou por herança ou doação. O fato é que, ao morrer, legaram todos seus haveres ao cunhado, inclusive a casa de que eram proprietários e onde residiam na vila da Horta, situada na rua de Jesus nº 3.

Essa família PAIS, a que pertenciam Clara e seus irmãos sacerdotes, provinha de Mateus Pais (✞ 12.12.1713, com 90 anos), natural da vila da Praia, ilha Graciosa, o qual era casado com Maria da Cunha de Vasconcelos (✞ 08.01.1707, com 74 anos). O filho do casal, Francisco Gomes Pais, foi o primeiro deles que se transferiu para o Faial, em começos do século XVIII, onde se casou em segundas núpcias com Maria da Anunciada. Esta, nascida na freguesia de Santa Luzia da cidade de Angra (Terceira), onde os pais residiam, procedia de diversos troncos vinculados aos pioneiros que, vindos do Continente, se estabeleceram na Terceira após a descoberta, em 1450, e era bisneta de Luzia Ribeiro(≈ 05.08.1610, na Sé de Angra), a mais remota portadora do apelido *Ribeiro* encontrável nesta linha.

Protegido e financiado pelos abastados clérigos, seus cunhados, Francisco Pereira da Rosa Pires foi estudar farmácia em Coimbra e, ao retornar à Horta, licenciou-se nesta especialidade, por carta de 18.06.1757[34]. Muito reconhecido aos seus protetores, adotou em sua homenagem, para os descendentes, o apeli-

---

[32] Os preconceitos e superstições da época faziam que o nascimento de uma menina fosse visto antes como fatalidade que como bênção. Assim, ao nascer, davam-lhe logo um nome de santo, cuja proteção, acreditavam, a livraria dos males naturais advindos de sua condição de mulher [Denise C. Garcia, *Os Garcia Frades* (Belo Horizonte: 1977), p. 28]. Todos os registros de batismo, casamento e óbito, aqui citados, são da freguesia da Matriz (Horta).

[33] Inicialmente as mulheres não apunham ao nome o apelido do pai e a mulher casada continuava a usar apenas seu nome de batismo. Só depois de algum tempo lhes veio o hábito de usar o apelido da mãe, o qual conservavam mesmo depois de casadas. No caso de famílias importantes, por um sentimento de fidalguia que facilitava os casamentos de conveniência, passaram as mulheres a usar também o apelido da linhagem varonil [*Ibidem*; *cf.* A. M. de Faria, *O Uso dos Apelidos em Portugal*, Separata da Revista Brotéria (Lisboa: Tipografia Porto Médico - Porto), LII, fasc. 2, fev. 1951].

[34] Reg. Câm. Horta, liv. IX, 100.

do *Ribeiro*, tomado à esposa, pois "já é cousa muito usada nomearem-se muitas famílias pelos apelidos das linhas femininas, sendo diversos os da linha masculina, ou por assim serem obrigados com as condições de alguns morgados ou com outro algum afeto ou título", segundo a formulação do Pe. Antônio Cordeiro[35]. Ao tomar esta decisão, Francisco Pereira da Rosa Pires vinculou definitivamente sua progênie às linhagens dos *Ávilas*, *Coelhos*, *Corrêas*, *Gatos*, *Ribeiros* e *Valadões*, todos situados na ascendência dos pais de Maria da Anunciada, Tomás Ribeiro (≈ 11.03.1666, Altares, Terceira) e Catarina Valadão (≈ 23.07.1669, Sta. Luzia, Terceira), casados na freguesia de Santa Luzia (Terceira), em 31.05.1689.

Duas das filhas de Francisco Pereira da Rosa Pires, Aurélia e Matilde, foram afilhadas do Padre José Augusto Ribeiro e o filho, SÉRGIO, nascido em 16.03.1760 na Freguesia da Matriz, na Horta, foi batizado pelo Padre Tomás Francisco Ribeiro, que era então vigário da Freguesia da Candelária, ilha do Pico, do mesmo Distrito da Horta. Pertencer ao clero secular ou regular, como se sabe, representava para os filhos segundos dos morgados[36] a única alternativa digna e de acordo com a sua condição social, além da carreira das armas para os rapazes, mas era também encarado como uma elevação de *status* pelas classes mais baixas. Nesse contexto, vale a pena realçar certas características da personalidade dinâmica destes dois religiosos, a cuja generosidade e apego familiar tanto devem os descendentes de sua irmã.

Em 1760, por exemplo, à época do nascimento do afilhado, Sérgio, o Padre Tomás, como vigário da Candelária, deu início à transformação daquela ermida na igreja atual, que no entanto permaneceu inacabada até 1864, ano em que um seu sucessor tratou de concluí-la e adorná-la, tanto no exterior como no interior. Dez anos depois, em 1770, já como vigário da Madalena, também na ilha do Pico, o Padre Tomás empreendeu a reforma da igreja matriz, cuja construção remonta ao século XVI, dotando-a de um exterior com duas torres e um interior rico, especialmente a capela-mor, guarnecida de talha dourada (a feição atual, porém, é de 1871). Como coroamento de uma bela carreira sacerdotal, em 1780 o Pe. Tomás Francisco Ribeiro foi feito ouvidor-eclesiástico do Concelho das Lages, sempre na ilha do Pico.

---

[35] A. Cordeiro, *op. cit.*, Liv. V, Tít. V, n° 168, p. 194.

[36] No fim da Idade Média e começo da Renascença, ser *filho segundo* em Portugal significava ter de lutar com as próprias forças para fazer sua carreira, pois somente o primogênito herdava os títulos e o *morgado*, que eram as terras e demais bens inalienáveis a ele vinculados. Ao *filho segundo* tocava dividir com os demais irmãos a parte normal da herança (W. Galvani, pp. 292-6).

Casa do Padre José Augusto Ribeiro, na rua de Jesus nº 3 (Horta)
[foto de P.F. Telles Ribeiro – 1996]

Torre da antiga Igreja Matriz da Horta, onde Sergio Pereira Ribeiro foi investido como Cavaleiro da Ordem de Cristo (foto de P.F. Telles Ribeiro – 1996)

Fortaleza de Sta. Cruz, onde esteve preso Guilherme Ribeiro (foto de P.F. Telles Ribeiro – 1996)

II

O VICE-CÔNSUL DA FRANÇA

Francisco Pereira da Rosa Pires faleceu em 23.02.1794 e Clara Luísa Bernarda de Jesus, em 19.08.1804. Foram a personalidade forte e os dotes de inteligência de seu primogênito, Sérgio Pereira Ribeiro, que lograram consolidar para a família uma posição única de relevo no círculo social e econômico dos Açores. Sem embargo da importância de Sérgio na caracterização de certos traços especiais da ancestralidade dos Telles Ribeiro, é de notar que a situação financeira de seus pais já lhe assegurava uma cômoda posição social no meio faialense, tanto que uma das irmãs já citadas, Aurélia Luísa Clara Ribeiro, se casou em 1788 com José Francisco de Labat Lacerda, da prestigiosa família do morgado Diogo de Labat (1684-1744) e bisneto de Antônio de Lacerda Pereira, descendente direto do patriarca João Garcia Pereira. Vê-se que a esta altura, como de resto já no século XVII, os quadros da nobreza se franqueavam à entrada, quer por enlaces matrimoniais, quer por concessão de honrarias, da gente que se fazia próspera com a atividade econômica. E não foram os grandes nomes faialenses a embargar-lhe o acesso.

Daí terem sido essas relações de família a facilitarem, também a Sérgio, um conveniente casamento com Teresa Mariana da Silveira, natural da freguesia da Matriz, nascida em 27.02.1759 e falecida em 1832, filha de Francisco Pais de Mendonça e de Brízida Mariana da Silveira. A família descendia de João Henriques Furtado de Mendonça, fidalgo-cavaleiro da Casa Real, da nobre linhagem dos *Furtados de Mendonça* que, do Reino, foram para a ilha da Madeira no século XV, casado com Joana Lopes Lombada, filha do fidalgo madeirense D. João Lopes Lombada[37].

O pai de Teresa era bisneto de Francisco Furtado de Mendonça, de quem o franciscano da ilha das Flores, Frei Diogo das Chagas, em seu manuscrito "Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores", escrito entre 1640 e 1645, diz que era "mancebo muito honrado e que tem mui autorizada casa e boa fazenda e que naquela ilha [Faial] tem já servido todos os ofícios da República, cujo avô

[37] M. Lima, *Famílias Faialenses*, p. 363.

é dos legítimos Mendoças e Furtados, da Madeira ..."[38] Pelo lado materno, Teresa era neta de Domingos George, da nobre família dos *(Jorges) Velhos* e provinha de Guilherme da Silveira, o legendário Willem van der Haghen que, no século XV, convidado por Josse van Huerter, passara de Flandres ao Faial e outras ilhas, notadamente a Terceira, Flores e São Jorge. Havendo-se fixado nesta última, nela viveu *à lei da nobreza*, "com grande aparato e serviço", consentâneos à excelente estirpe de que provinha (Casa de Maastricht).

Sua maior preocupação em todas as ilhas onde esteve foi escavar o solo à procura de metais, como os tinham buscado os primeiros companheiros de Joos van Hurtere. Nas Flores, onde levou essa mania ao extremo, no sítio denominado Ribeira de Santa Cruz, cavou em grandes furnas, "a modo de salas e casas muito grandes", que abriu no tufo rochoso. No "Espelho Cristalino", Fr. Diogo das Chagas (1576-1661) diz que esteve nestas cavernas quando visitou a ilha.

O nome de Willem van der Haghen sofreu evolução filológica semelhante à que experimentaram o de muitos outros flamengos seus contemporâneos: traduzido *Willem* para "Guilherme", num primeiro momento *van der Haghen* teria derivado em "Vandaraga", até reduzir-se à fórmula perfeitamente portuguesa de "Silveira". De todos os colonizadores do arquipélago, este é o apelido que se reveste dos atributos mais eminentes de cavalheirismo e nobreza, a ponto de suas armas (em campo de prata, três faixas sanguinhas; por timbre, meio urso de prata cortado em sangue e armado da mesma cor, assentado sobre uma grinalda de silvas verdes) terem sido sempre as preferidas pela heráldica açoreana em seus esquartelamentos[39]. Confirmadas por D. João II (reinou em 1481-95), o respectivo diploma infelizmente se perdeu, junto com outros papéis importantes, no incêndio que devastou a casa de Guilherme da Silveira quando morava na ilha Terceira. Mediante casamentos, os *Silveiras* se entrelaçaram com as melhores famílias do Faial, das quais Teresa Mariana provinha.

O matrimônio de Sérgio Pereira Ribeiro com Teresa Mariana da Silveira foi celebrado em 24.11.1781, na freguesia da Conceição e, à época, Sérgio já dirigia sua empresa comercial, a "Sérgio Pereira Ribeiro & Compª.", cujo campo de

---

[38] Diogo das Chagas, *Espelho ...* , cap. 18º., art. 6º.

[39] O urso é timbre da família portuguesa dos *Silveiras*, que não se deve confundir com os descendentes de Willem van der Haghen. Nas ilhas, estes traduziram para *Silveira* o seu apelido flamengo e nada têm a ver com os *Silveiras* do Continente, cujas armas não podem usar [*cf.* visc. de Santarém, *Estudos de Cartographia Antiga* (Lisboa: 1919?), I, cxix]. Embora não documentado em fontes primárias, o entroncamento de Teresa Mariana da Silveira nos descendentes de Willem Van der Haghen é atestado, entre outros, pela evidência de que seus padrinhos de batismo foram o casal Guilherme Street (1711-1789) e D. Bárbara Nodim de Arriaga (1717-1772), ambos dos verdadeiros *Silveiras*, sendo ela neta paterna de Catarina Brum da Silveira (v. nº 14 da 2ª Parte: Inês Antônia Pereira da Silveira e nota 305).

atuação era o florescente negócio de fornecimentos a navios. Hábil, empreendedor e ambicioso, havendo recebido excelente educação, fluente em francês, iniciara o aprendizado comercial com o rico negociante João Street d'Arriaga Brum e Cunha (✞ 21.08.1812), descendente de William Street, comerciante de Londres que se transferira para o Faial em fins do século XVII e cuja geração se casara na família Arriaga, proveniente de Jean Dharriague, francês de Bayonne que fora o primeiro cônsul de seu país na ilha. Os *Arriagas* se casaram com os *Bruns*, que historicamente haviam dominado o comércio da urzela (*rocella tinctoria*) e do pastel até o século XVII e, como resultado, se haviam tornado a família mais rica não somente dos Açores mas, possivelmente, de todo Portugal. Como se não bastasse, haviam logrado as graças do poderosíssimo marquês de Pombal[40], que os distinguia com deferências especiais.

Seguindo a tradição de família, João Street d'Arriaga, que também era guarda-mor da Alfândega da Horta, conservara para si o cargo de vice-cônsul da França, cuja repartição consular na Horta tinha o nível de Vice-Consulado, subordinado ao Consulado-Geral daquele país em Lisboa. Nomeado para o cargo em junho de 1783, por patente do rei Luís XVI, logo no ano seguinte ao da nomeação ausentou-se do Faial para longa temporada em Lisboa, possivelmente ligada à excepcional situação que ali desfrutava seu irmão, José Street d'Arriaga Brum da Silveira (1747-1802), que casara na metrópole, por volta de 1784, com Ana Joaquina Inácia da Cunha. Esta rica herdeira baiana, que os lisboetas alcunharam de *monte de ouro*, era viúva do riquíssimo Conselheiro Joaquim Inácio da Cruz Sobral, que havia feito fortuna no Brasil e depois retornara a Portugal.

A longa ausência do responsável pelo consulado inspirou a Sérgio a excepcional oportunidade de substituí-lo: em petição dirigida em 31.10.1784 ao Juiz Conservador dos Direitos Reais da Alfândega e Juiz de Fora do Faial, ele alegou que " ... pela ausência de João Street d'Harriaga, que era Vice-Cônsul, ... ficou esta ilha carecendo de pessoa que pudesse requerer pelos seus interesses e exercer os mais atos anexos à dita ocupação e porque no Suplicante concorrem as qualidades necessárias para o seu exercício, não só porque possui suficientemente a linguagem francesa mas porque é capaz de prover com o necessário a qualquer navio da dita nação, portanto pede a Vossa Mercê, Senhor Juiz de Fora, se digne nomeá-lo interinamente, mandando-lhe passar portaria. *Sergio Pereira Ribeiro*".

---

[40] Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), conde de Oeiras e marquês de Pombal, foi notável estadista português. Ministro de D. José I e gozando de toda a confiança deste rei, governou o país com mão de ferro e foi responsável por importantes reformas, conduzidas sob a égide do "absolutismo esclarecido" (Lello Universal).

Sérgio soubera trabalhar muito bem o seu relacionamento nos altos círculos políticos e econômicos faialenses. O cargo consular era rendoso e as perspectivas que se abriam com ele valiam o esforço da conquista. Cercado o pleito das recomendações adequadas, que recolhera junto aos principais da terra, o despacho do juiz foi imediato, deu-se na mesma data da petição: "Em atenção ao expendido nesta petição e porque, aliás, estou bem persuadido, por informações que tirei, da aptidão do suplicante, Sérgio Pereira Ribeiro, para bem cabalmente encher com desempenho as funções de Vice-Cônsul da Nação Francesa, por possuir perfeitamente aquela língua, pela grande inteligência que tem do comércio e por ser muito capaz de prover de todo o necessário qualquer navio da dita Nação; atendendo eu, outrossim, aos interesses da mesma, que não há quem promova, por ausência de João Street de Harriaga, que até agora ocupou o dito emprego, nele nomeio e provo interinamente o dito Sergio Pereira Ribeiro, que solicitará a sua confirmação ao Cônsul Geral da mesma Nação. Vila da Horta, 31.10.1784. Como Juiz Conservador dos Direitos Reais da Alfândega desta Ilha do Faial e na mesma Juiz de Fora. *Joseph Philippe Ferreira Cabrall*"[41].

Sérgio entrou logo em função e dedicou-se com afinco ao desempenho das atividades ligadas ao atendimento dos navios franceses que aportavam na Horta, sem prejuízo do restante do seu comércio de fornecimento às embarcações consignadas à sua empresa. Não obstante, foi necessário aguardar anos até que João Street d'Arriaga se dispusesse a interromper o ócio metropolitano e formalizasse o imprescindível pedido de demissão, a fim de que o cargo fosse declarado oficialmente vago e Sérgio pudesse obter, em 12.01.1788, a patente de Vice-Cônsul da França, finalmente passada pelo Cônsul-Geral em Portugal, Charles Cardin Amé de Saint Didier, Tenente-Coronel de Infantaria, Cavaleiro da Ordem Real e Militar de São Luís[42]. Em 1º de julho daquele ano, Sérgio foi também nomeado Pesador e Guarda da Alfândega da ilha do Faial[43] e, em 15 de novembro, apresentou às autoridades da ilha a almejada patente consular, oito meses, portanto, antes do início da Revolução Francesa[44].

Em 1793, a prosperidade de Sérgio Pereira Ribeiro colocava-o no nível dos principais comerciantes da ilha, a ponto de ele ter aceito, juntamente com o

---

[41] V. doc. 1 e 2 da 7ª Parte: "Anais da Família Ribeiro no Faial".

[42] A Ordem de S. Luís foi fundada em 1693 pelo rei Luís XIV, de França, para recompensar militares por serviços prestados. É, pois, a precursora da *Légion d'honneur* (Legião de Honra), que dela guardou em comum a cor vermelha das insígnias (v. nota 307).

[43] ANTT, *mercês de D. Maria I*, liv. 21, fl. 163 (v. nota 308).

[44] A. L. da Silveira Macedo, I, 270.

onipresente João Street d'Arriaga, que a essa altura já regressara de Portugal, o apelo lançado pela Câmara da Horta a alguns negociantes, no sentido de colaborarem para suprir a imprevista carência de pão mediante a exportação de vinho (que por acaso abundava) para a América, em troca de farinhas. Sérgio e Arriaga ofereceram-se para fretar navios e remeter o número de pipas proposto, que então se fixou em mil, de vinho novo e quatrocentas, de vinho velho[45].

Em 07.06.1800, já então dirigida por Napoleão Bonaparte, a França declarou guerra a Portugal e Sérgio recebeu ordens para suspender suas funções de vice-cônsul, mas as autoridades militares portuguesas lhe pediram para continuar a assistir os franceses que aportavam na ilha, vítimas de naufrágios ou prisioneiros dos ingleses. Sérgio destacou-se nesta atividade assistencial, a que se prestou com toda humanidade, socorrendo e até mesmo abrigando, em sua casa, a quantos necessitavam de auxílio, inclusive à custa de importantes gastos financeiros com que teve de arcar. A situação perdurou até janeiro de 1802, com o restabelecimento da paz firmada em 29.09.1801, mas isto somente por seis anos, pois em janeiro de 1808 ele novamente recebeu ordens para entregar a patente consular, em conseqüência do novo estado de guerra que se declarara entre ambas nações, após a assinatura do Tratado de Fontainebleau entre França e Espanha, em outubro de 1807[46].

Será em janeiro de 1816, concluída a epopéia napoleônica, que Sérgio escreverá ao recém-empossado Cônsul-Geral da França em Lisboa, a fim de pleitear a reintegração em suas antigas funções consulares. É o seguinte o texto da carta[47]:

> "*Fayal, 22 janvier 1816. Monsieur Lesseps,*
> *Sergio Pereira Ribeiro, chevalier de l'ordre de Christ, Négociant à Fayal (Isle Açores) ayant appris votre arrivée à Lisbonne, a l'honneur de vous exprimer la joie sincère qu'il éprouve du changement du Gouvernement Français et du retour sur le Trône du légitime Roi Louis 18. Le dévouement que j'ai toujours manifesté publiquement pour la grande nation Française me donne quelques droits à votre bienveillance. Les services que je lui ai rendus à une époque critique où il y avait du courage à faire du bien, sont également connus dans ce Royaume.*

---

[45] M. Lima, *Anais* ..., p. 426.

[46] O Tratado dispunha a divisão do Reino de Portugal em três Estados [v. 3ª Parte: "Anais da Família Ribeiro no Faial", doc. 8 e 9; *cf.* J. P. Oliveira Martins, *História de Portugal,* 8ª ed. (Lisboa: A. M. Pereira, 1913), II, pp. 240-7)].

[47] *Archives Nationales, Paris: Affaires Etrangères, Fonds des Consulats, B'487 - Consulat à Horta, Fayal. Archives Diplomatiques, Nantes: Archives rapatriées du Consulat de France à Lisbonne. Série A-C.13-14.*

C'est sous ces auspices, Monsieur, que j'ai l'honneur de vous exposer que depuis l'année 1784 jusqu'à la révolution de France, j'ai exercé dans cette Isle les fonctions de Vice Consul Français, à la satisfaction des Gouvernements Français et Portugais. La confiance que notre cour m'a témoignée pendant le Règne de Bonaparte m'en fit continuer l'exercice à cette époque si critique et ce fut par son ordre que j'ai été à même de rendre des services à plusieurs Français que le Naufrage ou autres malheurs ont portés vers ce lieu.
Permettez donc, Monsieur, que je m'empresse de réclamer votre protection, afin de recevoir la confirmation positive de mon ancien titre, que je sollicite de vous. Je m'estime également très heureux, Monsieur, si à mon tour je puis vous être de quelque utilité et vous prouver par des réalités la sincérité de mon affection et vous assurer de la considération distinguée avec la quelle j'ai l'honneur d'être,

Monsieur
Votre très humble
et très Obéissant Serviteur,
Sergio Pereira Ribeiro".

[Tradução: Faial, 22 de janeiro de 1816. Senhor Lesseps,
Sérgio Pereira Ribeiro, cavaleiro da Ordem de Cristo, negociante no Faial (ilha dos Açores), tendo sabido da vossa chegada a Lisboa, tem a honra de expressar a alegria sincera pela mudança de Governo ocorrida na França e pela volta ao trono do legítimo rei Luís XVIII. O devotamento que sempre manifestei publicamente pela grande nação francesa me dá alguns direitos à vossa benevolência. Os serviços que lhe prestei numa época crítica, em que era necessário ter coragem para fazer o bem, são igualmente conhecidos neste Reino.
É neste quadro, Senhor, que tenho a honra de expor que, desde o ano de 1784 até à Revolução Francesa, exerci nesta ilha as funções de Vice-Cônsul da França, com a satisfação dos Governos francês e português. A confiança que nossa Corte me testemunhou durante o reino de Bonaparte fez-me prosseguir no exercício do cargo, naquela época crítica, e foi por ordem dela que tive ocasião de prestar serviços a vários franceses, que o naufrágio ou outros infortúnios trouxeram a este lugar.
Permiti, pois, Senhor, que eu me apresse a reclamar vossa proteção, a fim de receber a confirmação positiva de meu antigo título, que solicito de vós. Considerar-me-ei igualmente muito feliz, Senhor, se, de minha parte, vos puder ser de alguma utilidade e vos [puder] comprovar, com fatos, a sinceridade de minha afeição e [puder também] vos assegurar a distinta consideração com que tenho a honra de ser,

Senhor,
Vosso Servidor humilíssimo e obedientíssimo,
Sérgio Pereira Ribeiro.]

Sabe-se que, dos proventos auferidos do cargo consular, que eram substanciais e cumulativos com o importante comércio de fornecimentos a navios, Sérgio Pereira Ribeiro adquiriu apreciável fortuna. Segundo testemunhos con-

temporâneos, tratava-se com largueza e distinção, não ocultando a vaidade que tinha da sua pessoa e posição social. Como agente consular da poderosa nação francesa, sua casa era uma das de maior destaque na Horta, onde se reunia o melhor da sociedade faialense. Ali encontravam franca e fidalga hospitalidade quantos tinha por dever dar acolhida ou lhe eram recomendados, contando-se entre eles personagens notáveis como Chateaubriand e o Príncipe de Joinville. A propósito desta última visita, retribuindo os bons serviços de seu cônsul, desta feita dispensados na pessoa de seu filho, o Príncipe de Joinville, o rei Luís Filipe[48] presenteou Sérgio Pereira Ribeiro com rica caixa de rapé, de ouro cinzelado e cravejada de pedras preciosas, a qual, durante muito tempo, andou como relíquia no recato da família, ignorando-se hoje qual o destino tomado por este valioso objeto[49].

Quanto a Chateaubriand[50], ele menciona os Açores em suas obras "Essai Historique", "Le Génie du Christianisme", "Mémoires d'Outre Tombe", "Les Natchez" e "Voyage en Amérique". Em maio de 1791, a caminho da América, a embarcação em que viajava tocou na ilha Graciosa e ele pernoitou no mosteiro de Santa Cruz, acontecimento de que deixou relatos esparsos, de tom picaresco, nos livros citados. Não há, porém, evidência de que possa ter estado no Faial, nem mesmo ao regressar à França no final daquele ano, circunstância que torna ficção o episódio narrado por Ernesto Rebelo nas "Notas Açorianas", publicadas em 1885, segundo o qual *Sérgio Pereira Ribeiro* o teria recepcionado na Horta. M. Lima segue essa mesma linha e endossa a narrativa de Rebelo. Mas não só os fatos a que aludem ambos escritores faialenses como as datas mencionadas discrepam do itinerário seguido por Chateaubriand em suas viagens, particularidade que reforça a tese de que não são verídicos[51].

Vale a pena, neste ponto, tentar recriar o ambiente em que transcorriam as reuniões da sociedade faialense da época, as casas onde moravam seus protagonistas e como eram, se comportavam e se vestiam os convidados, entre os

---

[48] Rei dos Franceses (1830-48). O filho, príncipe de Joinville (1818-90), casou-se em 1843, no Rio de Janeiro, com a princesa brasileira Dª Francisca, irmã do imperador Pedro II [*Dic. de Hist. do Brasil* (S. Paulo, 1976); v. nota 93].

[49] O fato foi narrado por Sérgio Pereira Ribeiro logo depois da partida do príncipe, em carta enviada à filha Maria Teresa, que se encontrava veraneando na casa da Areia Larga, ilha do Pico (v. cap. IV: "A Ação Liberal").

[50] François René de Chateaubriand (1768-1848), insigne escritor, representante do movimento romântico na literatura francesa [*Nouveu Petit Larousse* (Paris, 1968)].

[51] Assim, a referência aqui ao pensador francês se dá por homenagem à tradição consagrada, a que apraz conservar a lisonjeira lembrança de que Sérgio Pereira Ribeiro o teria recepcionado na Horta.

quais figuravam nossos avoengos. Gustave Hebbe, um oficial sueco que passou pela Horta no final do século XVIII e publicou em Estocolmo, em 1802, as suas "Descrições dos Açores", proporciona-nos uma festiva visão destes elementos[52]:

> "Era raro as senhoras saírem, a não ser para ir à igreja ou fazer alguma visita e isso sempre acompanhadas ou de cadeirinha: esquivavam-se pudicamente, como era natural, às grosserias da rua. Passavam os dias entregues aos misteres domésticos, em regra costurando, sentadas numa esteira por dentro dos muxarabiês[53], realmente vendo quem passava, sem serem vistas ... Quase nunca assistiam a jantares lautos, nos quais se sentiam deslocadas diante das liberdades dos homens.
> Quando havia algum baile, os convites faziam-se por meio de cartas manuscritas, levadas ao destinatário, numa salva de prata, por um pajem ou criado de libré, conforme a representação social do mandatário. A escolha dos convidados era operação melindrosa, de muito meditar. Ter-se convite para um baile da nobreza, sem pertencer a ela, era particular honraria; era como subir de gradação, ficar pertencendo 'à roda'.
> A entrada para o baile principiava ao anoitecer, fazendo-se o trajeto de cadeirinha ou a pé, mesmo ainda de dia, para mostrar o esplendor das toaletes e ser-se notado pelos curiosos que se encontravam defronte da residência em festa. Os homens iam geralmente a pé, vestindo casacas verdes, azuis ou vermelhas, de gola alta, com botões de metal, calção, meia de seda preta, sapatos de fivela, gravata branca de laço e, no peito pregueado da camisa, um grande alfinete de pedras. Dos bolsos do colete brotavam os grilhões dos relógios, contendo enfiadas de miudezas — um sinete, anéis, figas de coral etc. As damas trajavam cores claras, xales de Tonquim, meias de seda branca ou cor de rosa, sapatos de cetim branco bordados a ouro ou a matiz de lantejoulas, com fitas cruzadas no peito do pé; colar, brincos e pulseiras recamados de pedras. Reputava-se de mau gosto o uso de objetos de ouro. Um rico leque era de rigor. Do pulso pendia pequeno saco de cetim, contendo um lenço de fina cambraia, perfumado à água de rainha da Hungria ou a espírito de lima.
> Iluminada a sala de baile, a dona da casa sentava-se cerimoniosamente numa cadeira de espaldar, espécie de trono, no fundo do aposento, em frente à porta de entrada. As demais damas entravam, dirigiam-se a cumprimentá-la e tomavam assento na fila de cadeiras ao redor da sala. Daí a pouco era a vez dos cavalheiros, quando o dono da casa convidava o mais qualificado a abrir a série: este atravessava o salão e, diante da cadeira de espaldar, fazia uma profunda reverência, à qual a dona da casa correspondia com outra igual e retrocedia, espalhando e recebendo mesura à direita, mesura à esquerda, até retomar o ponto de partida. Depois deste, outro; e todos

---

[52] J. G. Hebbe, *Description des Iles des Açores* (Estocolmo: 1802) *in Archivo dos Açores* (Pta. Delgada: 1888), X, 529-37.

[53] Presente também na arquitetura colonial brasileira, o muxarabiê é um balcão fechado, de estilo mourisco, protegido em toda a altura da janela por rótula (grade) de madeira. Efetivamente, quem está de dentro vê o exterior mas não é visto [Mª Elisa Carrazzoni, *Guia dos Bens Tombados* (Rio: Expressão e Cultura, 1980), p. 510; v. nota 62].

repetiam a cena, um por um, até ao último. Isto era uma espécie de prova qualificadora de saber ou não pisar numa sala.
Só quando chegavam as autoridades, governador, capitão-mor etc, é que começava o baile. A orquestra executava o hino nacional, que homens e senhoras cantavam — e rompiam então as danças, primeiro o minueto, em seguida a gavota, o solo inglês, alguma dança brasileira. O chá a fumegar nas porcelanas da China, acompanhado de bolos doces e massa cevada, servia-se impreterivelmente antes das dez horas, em bandejas de charão conduzidas por criados que entumeciam dentro das suas librés. O segundo e último serviço — carnes, vinhos generosos, licores — era pela uma da noite.
A gente sisuda ou de idade começava a retirar-se pela meia-noite, mesmo pouco antes. Os novos ainda se demoravam, muitas vezes até de madrugada. A causa desta prematura debandada era o limitado número de cadeirinhas para serviço das numerosas senhoras que enchiam as salas. Como era da etiqueta que toda cadeirinha que transportasse alguma dama fosse ladeada por certo número de criados com archotes e lanternas e um pajem à portinhola, havia que se apressar, a fim de assegurar, de antemão, este serviço.
As operações comerciais, os cuidados da cultura das vinhas ou da conservação do vinho não roubavam aos homens tanto tempo que lhes não restasse ainda algum para se divertirem com a leitura, conversação, caça e passeios campestres. Certamente também lhes sobrava lazer para se dedicarem aos preparativos de um importantíssimo evento que eram as festas do Espírito Santo, quando se escolhia e coroava o imperador do Divino. Esta festividade tem origem na rainha Santa Isabel da Hungria (1207-1231), cujo culto na Flandres, baseado na devoção à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, foi levado aos Açores pelos primitivos colonos flamengos. Sua popularidade entre os açoreanos levou-a a transmigrar para outras áreas de influência portuguesa, como o Brasil, onde ainda hoje é celebrada com desfiles de foliões, bailes, comilanças e esmolas, tudo envolvido pela simbologia do divino paráclito, a pomba de asas abertas que encima a coroa do imperador e seu cetro, assim como se desenha no fundo da bandeja destinada à coleta de esmolas.
No Faial, as festas do Divino foram objeto de posturas regulamentares, aprovadas pela câmara da Horta em 1747, as quais, em síntese, determinavam que 'o imperador será obrigado a contribuir com tudo o que for necessário para o serviço de sua mesa no teatro, na forma que até ao presente se tem observado, a qual se findará com um só serviço de doce e, no que respeita às esmolas, que ele, dito imperador, deve dar aos pobres, de pão não será menos de um moio de trigo, carne proporcionada ao dito pão repartido em esmolas e não terão obrigação de contribuir com mais cousa alguma ...'
A relevância e especiais características da festividade podem ser medidas pela descrição de algumas delas, feitas por narradores contemporâneos, entre as quais ressalta o luzimento com que se realizou, em 1812, a que foi oferecida por Sérgio Pereira Ribeiro. Concorreu ele com todo o bodo [integrado pela festa, pelo dinheiro e pelos alimentos] aos pobres. Era então a Câmara que fazia os convites para o serviço do império, tanto no teatro como na arramada [tenda ornamentada]: naquele ano, porém, foi ele, imperador, o próprio Sérgio, que escolheu pessoas para as

> funções de copeiros e trinchantes, de porta-estandarte, de capitão da guarda. Oito oficiais de milícias conduziram as lanternas e pegaram às varas do pálio! ...[54] "

Ademais dos bens de fortuna e da privilegiada posição social, tão bem ilustrados nas referências acima transcritas à sua forma de viver, Sérgio Pereira Ribeiro podia orgulhar-se de ser cavaleiro professo na Ordem de Cristo[55], honraria em que somente se investiam pessoas de qualidade, com relevo na sociedade e meios financeiros à altura. Para merecer recebê-la, o interessado devia, antes de tudo, ser pessoa de posses e de importância na comunidade.

Tendo sido mandado armar cavaleiro pelo alvará de 26 de junho de 1810 (mais tarde, em 1833, foi-lhe dada carta de comendador), a cerimônia realizou-se em 17 de maio de 1812, na velha igreja matriz da Horta, do século XVI[56]. A provisão para o armamento de Sérgio Pereira Ribeiro como cavaleiro, passada no referido alvará de 26.06.1810, foi assinada no Rio de Janeiro pelo príncipe regente, futuro D. João VI e coube fazer a investidura ao cavaleiro Manoel José d'Arriaga Brum da Silveira, tendo servido de padrinhos outros dois Cavaleiros, Estácio Machado d'Utra Telles e João Manuel da Câmara Berquó. Em conseqüência da precariedade da situação em Portugal, ainda vítima da invasão francesa, foi a primeira vez que no Faial se celebrou solenidade desta natureza, pois os cavaleiros da ilha tinham sido admitidos ou na igreja do convento de Tomar ou em alguma das capelas reais, onde até então se permitia o ingresso e profissão na Ordem[57].

Investido em suas honrosas atribuições como cavaleiro da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo, membro da Câmara da Horta na qualidade de

---

[54] M. Lima, *Anais* ..., p. 500.

[55] Herdeira da Ordem dos Cavaleiros do Templo, que havia sido fundada em Jerusalém por cruzados franceses, em 1116, a Ordem de Cristo foi estabelecida em 1319 pelo rei português D. Dinis, que manteve a estrutura e o símbolo dos templários, a Cruz de Copta, usada nas velas dos navios lusos na época dos descobrimentos. O objetivo da Ordem de Cristo era "combater os sarracenos e todos os demais infiéis e inimigos da cruz, não só na África mas em todas as outras partes do mundo". Foi, na época, a maior distinção honorífica do Reino de Portugal [v. nota 3; *cf.* Lello Universal; E. Bueno, *A Viagem do Descobrimento* (Rio, 1998), p. 56].

[56] Desativada a partir de 1825 por ameaçar ruir, em conseqüência dos danos causados por sucessivos abalos sísmicos, e demolida em 1842, de pé ficou até hoje apenas a torre do relógio, de meados do séc. XVIII. A Matriz do Santíssimo Salvador passou a ser, desde então, a antiga igreja do Colégio dos Jesuítas, tendo a mudança sido feita em 30.10.1825 (A. L. da Silveira Macedo, II, 38).

[57] *Ibidem*, I, 320 e 552; v. doc. 10 e 11 da 7ª Parte: "Anais da Família Ribeiro no Faial" e notas 313 e 314.

vereador e exercendo o cargo de síndico[58] do convento de São Francisco, coube a Sérgio Pereira Ribeiro participar de momentoso episódio, ocorrido em 1817 e narrado pelo escritor faialense Ernesto Rebelo em suas "Notas Açorianas", tal como referido nos documentos oficiais do Arquivo do Concelho[59]:

> "Em 17 de julho entrou na baía da Horta a nau *Vasco da Gama*, que capitaneava uma esquadra que recolhia do Rio de Janeiro, da qual era chefe o comendador Bernardino José de Castro, que viajava com sua família, gravemente enfermo, falecendo pouco depois de sua chegada, no dia 20. Veio nessa mesma tarde para terra o cadáver, acompanhado pelo capelão e pela tropa, salvando nessa ocasião o navio e o castelo com os tiros devidos à sua patente. No cais era esperado pela tropa de terra, autoridades e oficiais mais graduados, por quem foi conduzido lentamente, coberto com a bandeira portuguesa, pela rua de São Francisco até à casa do cônsul francês Sérgio Pereira Ribeiro, em cuja sala principal se reuniram as colegiadas e corporações religiosas para o acompanharem à igreja do Carmo. Ali ficou depositado para ofício do corpo presente que, no dia seguinte, se celebrou com grande pompa, concorrendo a ele o clero de toda a ilha, os principais da vila, povo e tropa da marinha e de terra, que no fim deram as descargas de estilo, conservando o navio as vergas e bandeira em funeral". E Ernesto Rebelo acrescenta: "Era Sérgio Pereira Ribeiro cavalheiro muito respeitável desta localidade, dotado de um gênio essencialmente franco e sociável. Sua abastada casa era então uma das mais elegantes moradias da Horta, distintíssima no fino trato e delicadeza de maneiras, hospedando ou privando, pela sua posição oficial, com quase todos os estrangeiros de educação que a esta ilha aportavam. Era uma família de bom-tom, como modernamente se diz".

Que casa era essa a que alude a narrativa, situada na artéria central da vila da Horta, a antiga rua de São Francisco? Ainda existente em nossos dias, com o novo endereço de rua Conselheiro Medeiros nº 8, é uma construção típica do século XIX, característica da burguesia abastada, misto de edifício comercial no rés-do-chão e habitacional nos dois andares superiores, coroados por uma torrinha. Certamente refeita após o terremoto de 1926, a ampla fachada é secionada por cinco fileiras de portas e janelas de guilhotina, marcadas no primeiro andar por varandins geminados, cercados por graciosa balaustrada. Em frente, nos atuais números 7 e 9, residia a família *Berquó*, muito ligada aos *Ribeiros*. Todo o conjunto e sua localização são eloqüentes a respeito da posição social de seus moradores e de sua forma de vida larga e confortável[60].

---

[58] Os conventos que prestavam obediência ao clero secular tinham, como seus responsáveis, um *síndico* e um representante do bispo. A eles e à abadessa cabia, nomeadamente, a decisão de aceitar as candidatas a noviças e negociar o dote das professas [J. Marinho dos Santos, *Os Açores nos sécs. XV e XVI* (Funchal: s.d.), II, 647].

[59] E. Rebelo, *Notas Açorianas*, cap. *O Comendador ...* in *Archivo dos Açores*.

[60] M. Lima, *Famílias Faialenses*, pp. 83 nota (1) e 115 nota (2).

É possível penetrar em seu interior através da descrição que Gustavo Hebbe nos proporciona em seu relato de viagem, quando fala das moradias da Horta na virada do século XVIII para o XIX[61]: "Na vila, as casas, algumas com três pavimentos, compreendendo lojas, têm aspecto simples e elegante. As janelas têm varandas fechadas com grades, de forma que as mulheres podem ver os que passam na rua, sem serem vistas[62]... As casas ricas oferecem variedade nos cômodos e na mobília. Os quartos habitados pelos homens têm as paredes caiadas de branco, ornadas de velhas gravuras francesas mas as do belo sexo são mais guarnecidas ... Em certa ocasião estive numa reunião de amáveis senhoras num salão cujas paredes estavam revestidas de espelhos, com o soalho de madeiras preciosas e os trastes vindos dos antigos palácios de França. Nas antecâmaras, marca constantemente presença um piano, quase sempre inglês, absolutamente necessário para a educação das meninas".

Segundo os cronistas, até quanto permitia sua situação oficial, Sérgio Pereira Ribeiro teria tido participação na chamada "Revolta do Castelo", em 4 de novembro de 1828, quando teria fomentado a oposição às tropas realistas de Dom Miguel[63], que ocupavam a ilha e, por algumas horas, seu grupo conseguiu assenhorear-se da Fortaleza de Santa Cruz. Os situacionistas logo retomaram o posto e iniciaram uma perseguição aos membros da facção oposta, que mandaram prender. Entre os detidos veio a figurar um dos filhos de Sérgio, Guilherme Ribeiro que, ao abrigo da posição consular do pai, embora com dificuldade, conseguiu escapar às penalidades extremas impostas a vários de seus companheiros.

Os historiadores registraram o caráter de improvisação que cercou a atitude quase burlesca dos poucos participantes deste movimento os quais, sem um planejamento maior, limitaram sua ação a penetrar na Fortaleza ao anoitecer, após render a guarda e, postados em seu interior ou do alto das ameias, se puseram a conclamar à adesão os raros passantes noturnos, até que, no dia

---

[61] *Ibidem.*, p. 529.

[62] É o muxarabiê, ausente no caso em pauta (v. nota 53).

[63] D. Miguel nasceu em Lisboa em 1802, veio para o Brasil com a família real portuguesa, em 1808, e morreu exilado em Karlsruhe, Alemanha, em 1866. Após a morte do pai, D. João VI e na crista dos acontecimentos que se lhe seguiram, foi aclamado rei em 11.08.1828 e passou a dar caça aos liberais. A ação miguelista repercutiu nos Açores, onde a ilha Terceira se constituiu em baluarte das forças liberais. Após ter repelido, em 11.08.1829, uma expedição absolutista que tentava desalojá-lo, o conde de Vila Flor, que ali governava, logrou assenhorear-se das demais ilhas do arquipélago, que passaram a servir de base ao movimento constitucionalista liderado pelo irmão de D. Miguel, D. Pedro, primeiro imperador do Brasil e 4° rei deste nome, em Portugal (A. E. M. Zúquete, II, 13-30).

seguinte, as forças da ordem reinante viessem desalojá-los. Custa crer que um homem experiente como Sérgio Pereira Ribeiro pudesse estar por detrás dessa atitude arrebatada do filho mas testemunhas afirmaram, em depoimentos, terem visto grupos de jovens saírem armados de sua casa e ganharem as poucas centenas de metros em direção à cidadela. Visto com a perspectiva do tempo, o gesto tem sabor de bravata que, todavia, talvez tenha servido para elucidar algo do temperamento idealista de Guilherme Ribeiro, influenciado pela formação liberal da elite burguesa a que pertencia e pelo pensamento fortemente anti-absolutista que inspirava seu pai e a maioria de seus contemporâneos ilhéus, de mesma classe social.

Em que consistiu realmente este desastrado episódio, qual o grau de envolvimento de Sérgio Pereira Ribeiro e do filho nos acontecimentos e que conseqüências trouxe para a família? A fim de obter respostas satisfatórias a estas indagações, recorramos às fontes históricas que investigou Marcelino Lima e à cópia dos depoimentos escritos que nos deixaram nossos avoengos[64].

---

[64] V. 7ª Parte: "Anais da Família Ribeiro no Faial", doc. 15 e seguintes. *Cf.* M. Lima, *Anais* ..., pp. 316-344.

III

A AÇÃO LIBERAL

Em 10.03.1826, morria D. João VI em Portugal. Ao receber a notícia no Brasil, D. Pedro I outorgou a Carta Constitucional (abril de 1826), abdicando a coroa portuguesa em favor da filha, D. Maria da Glória e dispondo o seu casamento com o irmão dele, D. Miguel. Na Horta, foi a Carta jurada em sessão municipal de 28 de agosto. D. Miguel, que jurara a Constituição em Viena, regressou a Portugal em fevereiro de 1828 e, logo em seguida, dissolveu as Cortes e convocou, à antiga, os três Estados. Em maio chegou à Horta a notícia de que ele se proclamara rei absoluto. Logo constou haver rebeliões no Porto e em Coimbra e, na Terceira, revoltou-se o 5º Batalhão dos Caçadores, que aclamou a rainha D. Maria II e a Carta Constitucional. Em 23.06.1828, chegou à Horta um escaler trazendo um deportado proveniente de Angra, o Tenente-Coronel realista Antônio Isidoro de Morais Âncora. No entanto, dissolveu-se a Junta do Porto, as tropas liberais, batidas, refugiaram-se na Espanha e o país inteiro parecia aclamar D. Miguel.

Apesar das notícias desanimadoras provindas do Continente, no Faial os constitucionalistas não se davam por vencidos. No partido militava a melhor gente da terra e tal era a confiança que não abdicava dos postos de comando: o governo municipal, por exemplo, continuava nas suas mãos. O próprio Morais Âncora, quando investido no cargo de comandante militar da ilha, em ofício ao ministro do Reino dizia: "... devo ao mesmo tempo não ocultar a V. Excia. que o espírito geral dos habitantes mais abastados desta ilha, e ainda mesmo de muitos da classe do povo, propende para o proscrito sistema constitucional". Até pensavam em imitar a decisão de Angra mas tinham receio da tropa, quase toda formada por gente contrária.

Os realistas consideravam ganha a partida. Alguns mais desenvoltos, sem esperar ordens, na madrugada de 03.09.1828 promoveram um movimento capitaneado por José de Betencurt Vasconcelos e Ávila, major de milícias, que pôs a correr o governador militar, Ruxeleben e o major Soares Luna[65], que

---

[65] João Pedro Soares de Luna, major, comandante do corpo de artilharia no Faial, com a outorga da Carta Constitucional (1826), foi depois o heróico comandante do Batalhão Acadêmico, a flor

escaparam pela calada da noite em um iate que largou da baía de Porto Pim. A governança ficou com Morais Âncora e, no dia seguinte, o corregedor Miguel Maria Borges da Câmara avisou que convocaria "a Câmara para se decidir sobre o reconhecimento dos direitos do Senhor D. Miguel". José de Betencurt foi então nomeado por Morais Âncora comandante da tropa de linha.

Senhores da situação, o número de realistas aumentou a olhos vistos. De S. Jorge apareceram logo alguns oficiais miguelistas, ali deportados pelo governo liberal implantado na Terceira. E principiaram as represálias: algumas autoridades foram demitidas, entre elas o ouvidor-eclesiástico, e foram presos os cadetes José Pamplona Moniz Corte-Real[66], José Teles d'Utra Machado[67] e Roque Francisco Furtado de Melo. Em 31 de outubro, fundeou na baía da Horta a fragata brasileira *Isabel*, comandada pelo conde de Beaurepaire[68]. Esta nau, proveniente do país onde vivia a sua jovem Rainha, incutiu esperanças aos constitucionalistas que, efetivamente, não se enganavam. D. Pedro estava resolvido a batalhar pela sua causa e o número de emigrados no estrangeiro crescia, preparando-se para se juntarem aos da Terceira. Andava a fragata a serviço da causa constitucional e procedia de Angra, onde tinham chegado cartas aflitas do capitão-mor da Madalena (ilha do Pico), Diogo José da Silveira, depois barbaramente chacinado pela guarda miguelista mandada a prendê-lo.

Desconfiaram os miguelistas que, na dúvida, rodearam os quartéis de peças de artilharia, enquanto algumas patrulhas percorriam a ilha. Sendo 3 para 4 horas da tarde de 4 de novembro, alguém viu que, em casa do vice-cônsul do Brasil, João Teixeira Maciel, se desfraldara o pavilhão brasileiro, acompanhado de uma pequena bandeira branca, que subiu e desceu do mastro várias vezes. Era o sinal, depois do qual partiram de bordo da fragata três escaleres, remando fortemente, diretos à praia. Em terra começou um desusado trânsito de pessoas, com armas proibidas ocultas debaixo de capotes, que apareciam especialmente do lado de Porto Pim, algumas de casas próximas, como do negociante Inácio de Sousa, do diretor da Alfândega, José de Goes Lara de Andrade

---

do exército de D. Pedro. Apaixonado pela arte dramática, a ele se deve o primeiro teatro público que houve na Horta (*Idem, Ibidem*, pp. 320, 517-8).

[66] Casado em 1832 com Teresa Ribeiro, neta de Sérgio Pereira Ribeiro (M. Lima, *Famílias* ..., p. 515).

[67] Primo-irmão de Estácio Machado d'Utra Telles, pai de Luísa Telles.

[68] Jacques Antoine Marc de Beaurepaire, conde de Beaurepaire (★ 1772 - ✞ Rio de Janeiro, 1838), nobre francês que se refugiou em Portugal na época da Revolução. Passou depois ao Brasil, onde lutou pela Independência e ascendeu na hierarquia militar até marechal-de-campo. Seu título de conde era francês [*Dicionário de História do Brasil* (S. Paulo: Ed. Melhoramentos, 1976), p. 72; A. E. M. Zúquete, III, 579].

e, conforme se afirmou, até do cônsul francês, Sérgio Pereira Ribeiro. Ao anoitecer, esta gente inopinadamente atacou a guarda do castelo de Santa Cruz e, sem resistência maior, nele penetrou, soltando vivas a D. Pedro e à Carta Constitucional. Tomada de pânico, a tropa realista fugiu, capitaneada pelo major Betencurt e foi alojar-se na freguesia da Feteira. Encerrados no Castelo, os revoltosos imaginaram haver feito tudo e, em vez de se apoderarem daquilo que os outros haviam deixado ao desamparo, entretinham-se a dirigir convites aos que passavam na rua para que se associassem à sua problemática empresa.

No dia seguinte, ao entardecer, o tempo começou a enturvar-se, obrigando a fragata a fazer-se à vela. Alguns mais prudentes (os cadetes presos por adversos ao movimento de setembro, Pamplona e Furtado de Melo), vendo o jogo complicar-se, preferiram por-se em segurança, a bordo da *Isabel*. Dando-se conta da ação desorganizada dos revoltosos, o major Betencurt desceu à vila com a tropa e, ao amanhecer, fez fogo contra o Castelo de Santa Cruz. Estava tudo acabado. Uns fugiram, deitando-se muralha abaixo e, até mesmo, caindo ao mar, restando de armas nas mãos apenas 26, que foram imediatamente presos. Resultaram dois mortos e dois feridos rebeldes, contra quatro realistas feridos.

Era natural uma devassa no caso e encetou-a o juiz Luiz da Terra Peixoto que, na ausência do juiz de fora e obediente às relações de parentesco e amizade, não sabia o que fazer. Livrou-o de apertos o corregedor Borges da Câmara, avocando o processo à sua exclusiva jurisdição, sem contudo imprimir-lhe o andamento que os "valentões" desejavam. Segundo Morais Âncora, "limitava-se a conceder muitas licenças para se falar aos presos, como quem os não conceitua compreendidos em alta traição". Enquanto isso, cresciam os ódios realistas. O corregedor começou a ser olhado como inimigo, o sargento-mor de Ordenanças, Antônio de Oliveira Pereira[69], também entrou na lista, o cônsul americano, Charles Dabney, diziam eles, estava "feito com os hereges", prestando-lhes facilidades e José Curry da Câmara Cabral[70] ostentava por toda parte a sua casaca constitucional de pano azul ... Foi quando se noticiou que, em Lisboa, se preparava uma poderosa esquadra para submeter por completo as ilhas ao "regime legítimo do Senhor D. Miguel" e que não tardaria a chegar ao Faial

---

[69] O filho, Joaquim de Oliveira Pereira, viria a casar com Maria Teresa Ribeiro, sobrinha de Guilherme Ribeiro (*cf.* M. Lima, *Famílias* ..., p. 512; v. nota 148. Sobre outros casamentos na família, v. nota 120).

[70] Futuro senador, concunhado de Guilherme Ribeiro (v. nota 133 e 3ª Parte: "Anais da Família Ribeiro no Faial", notas 317, 324 e 339).

o desembargador José Monteiro Torres que, por carta régia de 24.02.1829, fora nomeado para a missão de sindicar acerca da "Revolta do Castelo".

Foi a esta altura que Sérgio Pereira Ribeiro, em 25.02.1829, possivelmente já pressentindo que os ventos nefastos que impulsionavam os ódios políticos e os ressentimentos humanos terminariam por alcançá-lo e a seu filho, escreveu ao Cônsul-Geral da França em Lisboa, a fim de pedir para ser substituído na função consular na pessoa de Guilherme Ribeiro:

> "*En considération de mes services et me trouvant dans un âge avancé*", diz ele, "*je voudrais bien que mon fils Guillaume Ribeiro me substitue dans le Vice-Consulat de France à Fayal, il est marié, demeurant avec moi et il m'a toujours aidé dans ce qui concerne l'agence consulaire et je garantie sa bonne conduite. Je vous prie, Monsieur, de m'accorder cette grâce si vous trouvez que je la mérite*".
>
> [Tradução: Em consideração aos meus serviços e achando-me em idade avançada, gostaria que meu filho Guilherme Ribeiro me substituisse no Vice-Consulado da França no Faial. Ele é casado, mora comigo e sempre me ajudou no que respeita à agência consular e eu respondo por sua boa conduta. Peço-vos, Senhor, conceder-me esta graça, se julgardes que a mereço.]

A intenção parece clara: uma vez investido da função consular, Guilherme estaria ao abrigo da perseguição dos sequazes miguelistas e poderia, com mais segurança, recorrer à proteção da nação francesa. Quanto ao próprio Sérgio, sua idade (contava então 68 anos) e o prestígio de que desfrutava como agente consular certamente o levavam a crer que se manteria a salvo dos ataques inimigos.

A pretensão formulada por Sérgio teria tido curso rápido mas ele deixou de levar em conta que a instabilidade do regime português, com o recrudescimento da luta entre liberais e absolutistas, levava a que as relações políticas da França com Portugal não estivessem normais, circunstância que inviabilizava o acreditamento de pessoal, mesmo consular. A partir da revolução de julho de 1830 e do subseqüente advento de Luís Filipe ao trono, o governo francês, como de resto as principais potências européias, passaram a uma posição nitidamente hostil ao regime de D. Miguel, o que acentuou ainda mais as dificuldades do relacionamento com Lisboa. É o que expressa a respeito o Cônsul-Geral Ferdinand de Lesseps, o célebre futuro construtor do Canal de Suez que, por esta época, ainda integrante do serviço diplomático francês, fora removido do posto e, em relatório destinado a seu sucessor, deixara consignado o seguinte:

> "*Notes générales et observations sur le service et le personnel du Consulat Général de France à Lisbonne et sur les agences consulaires qui en dépendent — Agence consulaire de Fayal — Cette agence est exercée depuis près de 40 ans par M. Sergio*

Pereira Ribeiro, riche négociant et propriétaire, homme instruit, honnête et zélé. Il a dirigé avec beaucoup d'intelligence plusieurs avaries grosses et quelques naufrages. Il est fort considéré dans sa résidence. M. Ribeiro étant très avancé en âge m'a fait demander tout récemment de lui donner pour successeur son fils aîné. Sa prétention est de toute justice; mais on ne pourra réaliser le voeu de M. Ribeiro père que quand les relations politiques seront rétablies. J'ai promis le brevet de l'agence à M. Ribeiro fils et j'espère que M. Capras tiendra ma promesse, quand le moment sera venu".

[Tradução: Notas gerais e observações sobre o serviço e o pessoal do Consulado Geral da França em Lisboa e sobre as agências consulares que dele dependem — Agência consular do Faial — Exerce a chefia desta agência, há cerca de 40 anos, o Senhor Sérgio Pereira Ribeiro, rico negociante e proprietário, homem instruído, honesto e zeloso. Administrou com muita competência várias avarias grossas e alguns naufrágios. É bastante considerado no seu local de residência. Tendo atingido uma idade avançada, o Senhor Ribeiro pediu-me recentemente que lhe desse como sucessor a seu filho mais velho. A pretensão é plenamente justa. Mas somente se poderá realizar o desejo do Senhor Ribeiro, pai, quando as relações políticas [entre a França e Portugal] forem restabelecidas. Prometi a patente da agência consular para o Sr. Ribeiro, filho, e espero que o Senhor Capras faça cumprir a minha promessa, quando o momento for propício.]

Em 01.07.1829 regressou de S. Miguel o Juiz de Fora Garcia da Mata e recebeu os autos da devassa que, revestidos de indefectível zelo, apontavam umas tantas criaturas com as quais a justiça tinha que ajustar contas e que, por estarem sujeitas ao foro eclesiástico, não podiam ir de roldão com os civis: eram os padres Mateus Aquino, vigário da freguesia da Ribeirinha; Vitorino José Ribeiro, Domingos Guterres, Manuel Elias do Amaral, da colegiada da Matriz; João Antônio da Costa, cura das Angústias e madre Mariana Narcisa, do mosteiro da Glória. Instaurado processo e ouvidas numerosas testemunhas, pouco se apurou de conclusivo acerca de seus manejos sediciosos, pois as acusações diziam respeito, mais que tudo, a remoques e insinuações proferidos pelos religiosos, aqui e acolá, a propósito deste ou daquele figurante ou episódio revolucionário. Não obstante, tiveram pronúncia os padres Vitorino Ribeiro e João Antônio da Costa que, enviados a S. Miguel, foram depois condenados a cinco anos de degredo em Cabo Verde, de onde só seriam libertados, semimortos, em 24.07.1833.

Em agosto de 1829, a fragata *Diana* desembarcou na Horta trezentos homens e, com eles, veio a anunciada alçada judicial, presidida pelo desembargador José Monteiro Torres, um déspota obcecado pela paixão política. Sua presença foi uma calamidade, pois a missão de que se achava encarregado ia além da mera sindicância sobre a "Revolta do Castelo" e seu verdadeiro programa se propunha a expurgar a sociedade faialense de todas as resistências liberais. Mal

deu início aos trabalhos, começaram a supurar as perfídias e os rancores latentes, que semearam o desassossego nas famílias, estimulando as múltiplas perseguições sistematicamente exercidas contra os *malhados*, como se denominavam os adeptos da facção liberal. Um simples ato suspeito ou amizade duvidosa, qualquer palavra imprudente, bastavam para levar fosse quem fosse, mesmo sem chancela de *malhado*, a dar com os costados na cadeia. Tinha foro legal a delação e, através dela, foi grande o número de pessoas, entre elas algumas figuras principais da ilha, que a rede estreita do sindicante colheu. Personalidades de nomeada foram presas: o diretor da Alfândega, Lara de Andrade; o escrivão da mesma, Bernardo Telles; os morgados Linhares e Terra; o comerciante Domingos de Avelar; o escrivão da Câmara, Lourenço Tânger; o boticário Baptista da Silva; o mestre de piano, João Quaresma; e Guilherme Ribeiro, filho de Sérgio Pereira Ribeiro.

Em dois meses tinha o sindicante tomado "extensos depoimentos" a cento e duas testemunhas e feito seqüestro nos bens de vinte e tantos indivíduos. Isto semeou pânico na pacata sociedade faialense, que já não se considerava segura de nada e se escandalizava com estes fatos inéditos, sobretudo ao tomar conhecimento até mesmo da prisão do morgado José Francisco da Terra Brum[71], fidalgo-cavaleiro da Casa Real, ínclito paradigma do poder e das virtudes faialenses, por tudo que representava como tradição de nobreza e fortuna. Seu caráter bondoso e liberal sofria ao ver os sucessivos atentados contra os direitos e a vida dos cidadãos e revoltava-o a prepotência, que verberava sem nenhum temor, fosse diante de quem fosse. Certa manhã, capitaneados pelo major José de Betencurt Vasconcelos e Ávila — que muito se salientou nestes episódios pelo autoritarismo e a truculência com que dava vazão aos seus ódios — os beleguins do sindicante entraram em seu belo solar, a construção civil mais importante da Horta. Ante o aparato bélico, o morgado não se acobardou mas tampouco resistiu e terminou por partir, cercado por um grupo de baionetas lampejantes. Foi primeiro mandado para Ponta Delgada, depois para Lisboa, em seguida recambiado para Ponta Delgada, para ser submetido a julgamento. O cativeiro só teve fim com a implantação, naquela ilha, do governo vitorioso de D. Pedro, em 1831.

Guilherme Ribeiro foi preso em 25.09.1829, por ordem do famigerado sindicante[72]. Até 12 daquele mês, toda a família se encontrava na propriedade da Areia Larga, na ilha do Pico, entregue às atividades da vindima. Naquele dia,

---

[71] Nascido no Faial (Horta, 1776 - ✞ 1842), foi 1° barão de Alagoa, em duas vidas (22.12.1841, D. Maria II) [v. notas 81 e 143; *cf.* A. E. M. Zúquete, II, 212].

[72] Sobre a prisão de Guilherme Ribeiro e os autos do processo de que foi vítima, v. 3ª Parte: "Anais da Família Ribeiro no Faial", doc. 18 a 23.

Sérgio Pereira Ribeiro recebeu comunicação de que o brigue francês *St. Michel* aportara na Horta, procedente do Haiti, desprovido de um mastro e em muito mau estado e requeria reparos urgentes. Partiu imediatamente para o Faial, acompanhado de um criado, deixando no Pico a Guilherme, aos cuidados da colheita. Encontrando-se, porém, o contador de sua empresa doente, viu-se impossibilitado de cuidar sozinho do despacho da embarcação e, no dia 25, mandou seu barco particular buscar Guilherme e os demais, a fim de auxiliá-lo nesta tarefa da qual, de resto, o filho tinha prática, pois funcionava muitas vezes como chanceler do Consulado. Aí se deu o infortúnio: à tarde, no momento em que desembarcava no cais da Horta, na presença de Sérgio e de amigos, Guilherme foi agarrado por uma esquadra policial e levado para a Fortaleza de Sta. Cruz. A cena foi mesmo patética, pois Luísa, mulher de Guilherme, que estava no oitavo mês de gravidez e tinha consigo os três filhos pequenos, inclusive Guilherme Telles Ribeiro, então com apenas dois anos, tentou aos prantos impedir os soldados de agir, sob os protestos exaltados de Sérgio e à vista dos curiosos que se juntavam ao redor.

Assustados e profundamente consternados, recolheram-se todos à casa, pois Guilherme residia com os pais, no mesmo imóvel da rua de São Francisco. No dia seguinte, 26, outro nefasto acidente: à uma hora da manhã, quando se retirava do apartamento do filho, no segundo andar da casa, onde estivera a assistir a nora, que guardava o leito profundamente abalada, a chorar desconsolada, Sérgio rolou da escada. Na queda, quebrou a cabeça e fraturou o braço esquerdo. A partir desses infaustos acontecimentos, ferido no orgulho, chocado com a humilhação que lhe impunham, fisicamente tolhido em função das conseqüências da queda e da idade (contava então 69 anos), preocupado com o andamento dos negócios e dos despachos consulares, em que se habituara a contar com a colaboração de Guilherme e a que só podia agora dispor da ajuda das duas filhas solteiras, que sabiam francês mas não eram fluentes neste idioma, Sérgio assume como único objetivo conseguir a libertação do filho. Para isso, submete petições ao sindicante, contra-argumenta os autos do processo, solicita incessantemente os bons ofícios do Cônsul-Geral da França em Lisboa, para que aja junto às autoridades portuguesas, a fim de fazer prevalecer sua condição de vice-cônsul e as necessidades de funcionamento da agência consular.

Lamentavelmente, não consegue a almejada libertação mas ao menos logra que Guilherme não padeça os maus tratos que afligiram tantos de seus companheiros presos, como o primo José Inocêncio Telles d'Utra Machado (filho de José Telles d'Utra Machado), o qual sofreu amargas privações nos cárceres da Vila Franca (São Miguel). Também Guilherme foi transferido do Faial para São Miguel, em 21.06.1830 e lá permaneceu até 02.08.1831, data em que aquela

ilha foi finalmente ocupada pela divisão liberal comandada pelo conde de Vila Flor mas, segundo o próprio Sérgio afirmou, "ao menos tenho a satisfação de que ele [Guilherme] tenha sido tratado da melhor forma possível pelas autoridades de São Miguel ..."

Da leitura dos autos do processo, fica a impressão de que, estimulado pelo entusiasmo que animava tantos de seus companheiros em favor da causa liberal, Guilherme deixou escapar publicamente, em várias ocasiões, afirmativas contrárias ao regime miguelista. O fato de freqüentar companhias comprometidas com o liberalismo, como o major Soares Luna, o diretor da Alfândega, José de Goes Lara de Andrade e o Vice-Cônsul do Brasil, José Teixeira Maciel, foi usado por seus acusadores como argumento de que estava envolvido no episódio da sedição. No que respeita à sua participação ativa na "Revolta do Castelo", os mesmos delatores afirmaram que ele armou em sua casa indivíduos que haviam desembarcado da fragata *Isabel* e que só não os acompanhou na empreitada porque a mulher o impediu. Sérgio argumentou que todas essas acusações não passavam de falso testemunho, proveniente de desafetos, gente modesta e invejosa que, assim, lhe lançava a peçonha do ódio e da vingança. De qualquer forma, a adesão de Guilherme à causa liberal era, sem dúvida, ideológica, que seu comportamento quotidiano certamente traía, embora, por uma razão ou outra, ele se tenha abstido de seguir com os revoltosos no momento crucial da tomada do Castelo de Sta. Cruz. Como a facção miguelista estava empenhada em eliminar qualquer resquício de resistência liberal na ilha, seu nome entrou de roldão na lista daqueles que urgia afastar da vida civil insular.

Quanto ao pai, parece claro ter sido sua condição de agente consular da França que o preservou de ser preso. Sua notória e tradicional militância liberal, que já o levara a participar das primeiras manifestações políticas em favor do regime constitucional, cujo primeiro governo na ilha ele integrara[73], animou-o até mesmo a subir a bordo da fragata brasileira *Isabel*, quando ela chegou à baía da Horta em 31 de outubro, a pretexto de cumprimentar velhos amigos que ele certa vez hospedara e que, nas circunstâncias, preferiam não descer à terra[74]. Também sua amizade ostensiva com o Padre Mateus Aquino, um dos clérigos implicados no processo, vigário da freguesia da Ribeirinha e ex-preceptor de seus filhos, terá contribuído para sobrecarregar-lhe a reputação de inimigo dos realistas[75].

---

[73] A. L. da Silveira Macedo, II, p. 8.

[74] V. 3ª Parte: "Anais da Família Ribeiro no Faial", doc. nº 20.

[75] *Ibidem*, doc. nº 19.

À parte algumas impertinências dos soldados da guarnição militar, que ousaram dirigir-lhe insultos quando ele caminhava nas ruas e atirar pedras nas vidraças de sua casa, as autoridades locais mantiveram em relação a ele um tratamento condigno[76]. Pode ser mesmo que a esta deferência não tenha sido estranha a intervenção de Manuel Francisco Carvalhosa, visconde de Santarém (1791-1851), Ministro dos Negócios Estrangeiros de D. Miguel, junto a quem o Cônsul-Geral da França em Lisboa, Las Casas, comprovadamente efetuou gestão em favor da causa de Sérgio[77]. Ora, toda a política de Santarém se orientava no sentido de ganhar a simpatia das potências européias, reconhecidamente hostis à causa miguelista e nada lhe interessaria menos do que criar desnecessariamente uma área de atrito com a França, a propósito de um seu agente consular residente numa remota ilha do Atlântico. Sérgio soube, por outro lado, habilmente manipular a necessidade de Paris de contar com seus experientes serviços no Faial, a fim de assegurar a fluidez e eficiência no atendimento dos navios franceses que cruzavam a importante rota comercial do Atlântico, numa época convulsionada da política portuguesa e acirrada pela ativa concorrência, em meio aos permanentes conflitos e dissensões na Europa.

Sérgio sofreu bastante neste período intranqüilo, que assinalou o ocaso de sua vida, já avançada em anos e isto certamente terá influído para debilitar-lhe a saúde. A nora, Luísa, deu à luz um menino em 01.11.1829, que não sobreviveria muito tempo. Como se não bastassem os males que o afligiram nesta quadra tormentosa, em 07.03.1830 morreu seu filho, Sérgio Ribeiro, aos 36 anos de idade, deixando viúva e três crianças pequenas. A carta que escreveu a seus superiores franceses, a propósito deste triste desenlace, bem expressa seu combalido estado de espírito, em conseqüência da perda de um ente querido, das acusações de que era alvo, das provações por que passava Guilherme Ribeiro (não somente prisioneiro mas réu de pena de morte e do seqüestro de seus bens) e de todos os demais males que sobre ele se haviam simultaneamente abatido:

> "*A Monsieur Blanchet*
> *Grande rue nº. 13*
> *Passy*
> *Mon cher Monsieur. Les Lettres que j'ai eu l'honneur de vous écrire par la voie de St. Michel, je compte qu'elles vous soient parvenues mais comme je n'ai pas encore votre réponse, je vous adresse une duplicata.*

---

[76] *Ibidem*, doc. nº 20.

[77] *Ibidem*, doc. nº 22.

Mon fils Guillaume Ribeiro est encore au Château et pour comble de mes malheurs mon fils Sergio Ribeiro, à l'âge de 36 ans, a fini ses jours le 7 de ce mois, laissant sa jeune épouse avec trois enfants; il avait été élevé dans un collège à Boston et après, pendant quatre à cinq ans, il a voyagé dans les pays du Nord où il a appris diverses langues (il parlait correctement les langues anglaise e française e se faisait entendre dans la langue allemande) et ayant acquis les plus belles manières de se présenter dans la société. Cette perte a été sensible à toute la famille et à moi particulièrement. De quinze fils (enfants) ne me restent à présent que six, mon fils aîné Francisco, ayant été aussi élevé en Amérique, ne parle pas le Français, il est marié et ne loge pas avec moi; pour à présent je me trouve avec deux filles (demoiselles), qui parlent et écrivent le Français ou bien ou mal. Quelque maligne étoile a fait tomber sur moi des Fléaux, qui m'ont accablé, tout est dans un triste état dans cette malheureuse Isle, sans aucun espoir de soulagement et ce n'est que du Ciel que le grand nombre d'innocentes victimes attendent quelque secours.
Vous devez bien savoir, Monsieur, que votre retour en France m'a causé beaucoup de peine, particulièrement dans l'état actuel des choses; Monsieur Casas ne peut pas avoir la même opinion que vous et Monsieur Lesseps aviez de moi, malgré les expressions politiques de sa lettre, il ne me dit pas un mot à l'égard du Vice Consulat pour mon fils Guillaume Ribeiro; et c'est pour cela que je vous demande encore votre protection et celle de Monsieur Lesseps en temps et lieu. Je désire de tout mon Coeur que votre retour en France vous soit favorable en tout.
Agréez, Mon Cher Monsieur, la nouvelle assurance de ma considération et respect très distingués avec lesquels je suis
Votre très humble et
très obéissant Serviteur
Sergio Pereira Ribeiro"

[Tradução: Ao Senhor Blanchet
Grande rue n° 13 - Passy.
Meu caro Senhor,
As cartas que tive a honra de escrever-lhe via [ilha de] São Miguel, espero lhe tenham chegado às mãos mas como ainda não recebi resposta, envio-lhe uma duplicata. Meu filho, Guilherme Ribeiro, ainda está [na prisão] no Castelo [da fortaleza de Sta. Cruz] e para cúmulo de meus males, meu filho Sérgio Ribeiro, na idade de 36 anos, terminou seus dias a 7 deste mês. Tinha sido educado num colégio em Boston e depois, durante quatro ou cinco anos, viajou pelos países do Norte, onde aprendeu diversos idiomas (falava corretamente as línguas inglesa e francesa e se fazia entender em alemão) e tinha adquirido as belíssimas maneiras para se apresentar em sociedade. Toda a família ficou sensibilizada com esta perda e eu, em particular. Dos quinze filhos só me restam seis, o mais velho, Francisco, que também foi educado na América, não fala francês, é casado e não mora comigo. Assim, no momento me acho com duas filhas, que falam e escrevem o francês mais ou menos.
Alguma estrela maligna fez cair flagelos sobre mim, que me deixam arrasado, tudo oferece um triste estado nesta ilha infeliz, sem qualquer esperança de alívio e somente do Céu grande número de vítimas inocentes espera algum socorro.

Saiba, Senhor, que vosso regresso à França me deu muita pena, sobretudo no estado atual das coisas. O Senhor Casas não pode ter de mim a mesma opinião que tendes Vós e o Senhor Lesseps. Apesar das expressões políticas [e jeitosas] de sua carta, ele nada diz a respeito do Vice-Consulado para meu filho, Guilherme Ribeiro. É por isto que peço ainda vossa proteção e a do Senhor Lesseps, no devido tempo e lugar. Desejo de todo o coração que vosso regresso à França vos seja em tudo positivo.
Aceitai, meu caro Senhor, os protestos da distinta consideração e respeito com os quais sou,
Vosso humilíssimo e obedientíssimo Servidor,
Sérgio Pereira Ribeiro.]

Vitoriosa nas ilhas a facção liberal, a partir da ação levada a efeito pelo noto conde de Vila Flor, governador da Terceira e já estando, portanto, Guilherme Ribeiro em liberdade, Sérgio Pereira Ribeiro é protagonista em uma anedota histórica, igualmente narrada por Ernesto Rebelo em suas "Notas Açorianas"[78], envolvendo a passagem de D. Pedro I (D. Pedro IV, de Portugal) pela Horta, em 1832, nos ardores da campanha militar libertadora, que o impulsionavam em direção a Lisboa. Justamente o nosso D. Pedro, glorioso proclamador da Independência do Brasil, que viria poeticamente a definir o Faial como "o botão de rosa do ramalhete açoreano"![79]

Após deixar o trono brasileiro[80], sabe-se que o Imperador tocou três vezes na capital faialense, pela qual demonstrava especial afeição: a primeira delas,

---

[78] Ernesto Lavalière Rebelo (★ Lisboa, 1842 - ✞ Horta, 1890), jornalista e escritor faialense, é autor de "Notas Açorianas" (Pta. Delgada, 1885), coletânea de narrativas sobre a História dos Açores, em particular do Faial, baseadas em documentos e em lendas populares. A rua onde morou na Horta tem hoje o seu nome (M. Lima, *Famílias ...*, pp. 401 e 409-10). O episódio aqui mencionado confere em data e situação com a ação desenvolvida por D. Pedro I nos Açores, após abdicar a coroa imperial do Brasil, em sua campanha para restaurar o trono português na pessoa da filha, Dª Maria da Glória.

[79] Gervásio Lima, *A Pátria Açoreana* (Angra do Heroísmo, Terceira: Tip. Edit. Açoreana, 1928), p. 77.

[80] Depois de abdicar a coroa brasileira, em 07.04.1831, D. Pedro I seguiu para a Europa onde, durante estada em Londres, negociou apoio político e empréstimos financeiros destinados à campanha militar contra o absolutismo do irmão, D. Miguel. Tendo também, para este fim, contratado os serviços de oficiais britânicos, reuniu na costa francesa da Bretanha (Belle-Isle) uma expedição, que partiu para os Açores em 10.02.1832. Depois de tocar em São Miguel e já com o título de *duque de Bragança*, assumiu na Terceira a Regência do Reino (03.03.1832) em nome da filha, Dª Maria II e, nesta qualidade, visitou o Faial, São Jorge e a Graciosa. No caso do Faial, ademais de fornecer combatentes, a contribuição da ilha para a expedição foi fundamental, pois seu arsenal serviu para equipar a frota de 48 navios que, com 7500 homens, largou de São Miguel em 27.06.1832, para desembarcar no Norte de Portugal (Arnosa de Pampelido, próximo à povoação do Mindelo), em 08.07.1832. Um ano depois, D. Pedro entrou vitorioso em Lisboa mas somente em 26.05.1834 a Convenção de Evoramonte pôs fim às hostilidades

em 30.05.1831, logo após a abdicação, por força de escala da fragata inglesa *La Volage*, em que viajava do Brasil a caminho do porto francês de Cherbourg, na rota do périplo europeu que antecedeu seu retorno a Portugal; a segunda vez, de 7 a 11 de abril de 1832, com o título que assumira de duque de Bragança e regente de Portugal (em nome da filha, a rainha Dona Maria II), em visita oficial proveniente da ilha Terceira, sede do governo provisório do Reino; aí viajou a bordo do vapor *Superb*, a nau capitânia da esquadra que reunira em Belle Isle, na costa francesa da Bretanha e com que, dos Açores, partiria para a reconquista do trono português, usurpado pelo irmão, Dom Miguel; por fim, de 22 a 26 do mesmo mês, em viagem particular, a bordo do mesmo *Superb*, a fim de assistir ao baile de aniversário da filha mais velha do capitão-mor do Faial, José Francisco da Terra Brum, futuro barão de Alagoa (título conferido por D. Maria II, em 22.12.1841), que o hospedara em sua casa na visita precedente.

Tenente-Coronel de milícias, fidalgo-cavaleiro da Casa Real por alvará de 30.04.1794, o capitão-mor (patente que lhe fora atribuída por provisão de 14.03.1818)[81] vinha prestando assinalados serviços à causa liberal, em cuja defesa auxiliara ativamente com a organização de batalhões de voluntários locais. Sua militância o havia exposto aos esbirros do prepotente desembargador José Monteiro Torres e seu preposto, o arbitrário major José de Betencurt Vasconcelos e Ávila, por cujas mãos viera a padecer o cativeiro e o ostracismo, na metrópole e em São Miguel. Espírito generoso, cedo se deixara seduzir pelos ideais de liberdade e justiça e se tornara um decidido adepto do constitucionalismo na ilha do Faial. Era morgado, isto é, senhor de propriedade vinculada, que passava por herança ao primogênito. Rico e poderoso, chefiava uma das principais famílias açoreanas e seu solar constituía um dos edifícios civis importantes da Horta, tanto que foi imediatamente lembrado pelo Concelho da Câmara para nele hospedar o Imperador, quando dos extraordinários festejos organizados por ocasião de sua visita oficial. Por este e outros préstimos a D. Pedro e Dª Maria da Glória, o monarca decidira homenagear José Francisco da Terra Brum com a promessa de comparecer ao baile oferecido para comemorar o aniversário de sua filha, Joaquina, que em 22 de abril completava 26 anos.

---

entre liberais e absolutistas. Passados alguns meses da assinatura daquele instrumento e dias após as Câmaras terem decretado a maioridade de Dª Maria II (19.09.1834), D. Pedro morreu em Queluz, nos arredores de Lisboa, em 24.09.1834, no mesmo palácio e precisamente no mesmo quarto (hoje conhecido como "sala D. Quixote") em que havia nascido, em 12.10.1798. Tinha 36 anos incompletos (A. E. M. Zúquete, I, 727-42; A. L. da Silveira Macedo: *op. cit.*).

[81] Tombo da Câmara da Horta, liv. XIII, f. 74. A filha mais velha do capitão-mor era D. Joaquina Emília da Terra Brum (★ 1806), casada a 1ª vez com José Francisco da Câmara Berquó e a 2ª (1843), com José Maria de Sequeira (M. Lima, *Famílias* ..., p. 617; v. notas 71 e 143).

No dia aprazado, relata-nos Ernesto Rebelo, "apesar do compromisso, passou-se o tempo sem que Sua Majestade aparecesse. A certa hora, já ninguém tinha esperança de vê-lo e considerava-se que quisera apenas fazer uma gentileza vaga, sem intenção de efetivamente deslocar-se da ilha Terceira, a sede da Regência, onde estabelecera seu quartel-general.

Na verdade, D. Pedro havia bem calculado seu plano. Na calada da noite, chegou à baía da Horta a bordo do *Superb*, barco a vapor, com dois mastros e grandes caixas de rodas, nas laterais do casco. Logo desembarcou, acompanhado apenas de um ajudante-de-ordens e, vencida de escaler a distância até à terra, saltou em uns toscos degraus talhados na rocha, a fazer de cais junto ao Castelo de Santa Cruz (onde pouco depois foi construído o agora chamado Cais Velho). Nas ruas silenciosas e escuras encontraram um rapaz, o Aires, vagueante noturno, a quem tiveram de ameaçar de prender porque, ao reconhecê-los, começou a fazer alarido. Mais adiante cruzaram com um cavalheiro já entrado em anos, vestido de casaca e gravata branca, empunhando na destra um pequeno furta-fogo[82]. Vinha, evidentemente, do baile do capitão-mor e recolhia-se cedo, depois de haver dado um aperto de mão ao seu amigo Terra Brum.

Ora, este cavalheiro com quem o Senhor D. Pedro deparou na rua de São Francisco, recolhendo-se à sua morada, era o digno cônsul francês Sérgio Pereira Ribeiro o qual, pelo honrado caráter, muita simpatia merecera antecedentemente de Sua Majestade Imperial, que lhe deu inequívocas provas da consideração em que tinha as suas ótimas qualidades. Pasmo de ver o Imperador e seu acompanhante, travou-se entre eles o seguinte diálogo:

— Senhor, Vossa Majestade por aqui!

— Cala-te, homem! ... Como está o Capitão-mor?

— Perfeitamente, venho agora mesmo do seu baile.

— E eu para lá vou ...

— Permita-me Vossa Majestade que eu tenha a honra de o acompanhar.

— Isto não, vai lá ter, se quiseres, mas deixa-me agora ir sozinho ... Até logo, Ribeiro.

E o Regente continuou no seu destino, seguido do oficial de Marinha e do atônito Aires. Daí a mais um pouco, subia as escadas do imponente solar do morgado, ante as reverências atônitas do guarda do portão e irrompia no salão teatralmente, em meio a festivo burburinho, radiante de galanteria. Dentro de pouco tempo, as salas regurgitavam de convidados, pois a notícia correu célere e os que tinham ficado em casa acorreram a presenciar o final surpreendente desta festa, que Sua Majestade Imperial tão imprevistamente tinha vindo honrar".

---

[82] Lanterna surda munida de um aparelho que, acionado, oculta a luz (C. Aulete, *Dic.*).

Dos fatos e acontecimentos narrados até este ponto, tanto quanto de outros relatos contemporâneos, ressalta que mercê das alianças familiares e sustentado por uma confortável situação financeira, Sérgio Pereira Ribeiro integrou indubitavelmente o seleto círculo dos notáveis do Faial. Com uma personalidade especial que irradiava bondade e simpatia, a saudável ambição que o movia fez que pudesse ampliar extraordinariamente o cabedal original recebido dos pais e tornar-se um dos principais negociantes da ilha, dono de grande fortuna e figura proeminente nos círculos políticos e sociais locais. Baseando suas atividades na função consular, então altamente remunerativa, ao menos para os padrões locais insulanos, tanto quanto no fornecimento aos navios que aportavam na Horta e ligado ao comércio de exportação do vinho[83], Sérgio Pereira Ribeiro estendeu sua ação ao campo da política, chegando a ser membro da junta governativa faialense escolhida em 12.05.1821. Subordinada diretamente à Regência e desligada da influência de Angra, capital da província dos Açores desde 1771, a junta logo jurou adesão ao sistema constitucional estabelecido em Portugal, na esteira dos acontecimentos políticos suscitados pelas Cortes portuguesas e que levaram D. João VI a deixar o Brasil e retornar a Lisboa[84].

Do ponto de vista regional, tratava-se de romper com a antiga ordem monárquico-absolutista, na raiz da dependência administrativa do Faial em relação à ilha Terceira, sede tradicional do governo dos Açores e a que competia recolher os avultados direitos resultantes das transações comerciais efetuadas pelos faialenses. Ora, este comércio beneficiava-se, naqueles tempos de conflito entre a Inglaterra e a França, de um afluxo particular de navios americanos e ingleses à baía da Horta, que servia de depósito para suas mercadorias, ademais de ponto de partida para as exportações de produtos do Faial e do Pico, mormente o vinho. Assim, ao assegurar para os locais a autonomia necessária à retenção, em seu favor, dos ingressos resultantes de suas atividades econômicas, as bases do movimento constitucionalista proclamado no Porto, em 24.08.1820, traduzidas na constituição portuguesa de 1822, representavam extraordinário progresso para os faialenses: correspondiam à extinção do governo geral nos Açores, com seu sistema de delegados, assim como dos corpos de ordenanças, com seus capitães-mores e concediam a todo cidadão o voto livre nas eleições para representantes da nação, estabeleciam igualdade perante a lei e franqueavam a todos o acesso aos cargos públicos, antes monopolizados por uma classe privilegiada. Era a pragmática extensão à ilha dos princípios da Re-

---

[83] Este, produzido em sua vinha, na localidade de Areia Larga, ilha do Pico.

[84] A. L. da Silveira Macedo, II, pp. 8 e seguintes.

volução Francesa e de seus ideais de liberdade, de que os ilhéus se tinham mostrado sempre tão ciosos.

Dos registos lavrados na época, consta que aos festejos públicos com que os faialenses celebraram o novo regime constitucional[85], acresceram esplêndidos bailes dados pelos principais da ilha, sobressaindo aos mais o do capitão-mor José Francisco da Terra Brum, o do cônsul francês Sérgio Pereira Ribeiro e o do cavaleiro Antônio Francisco Taveira[86].

Por todo este período que cerca a campanha constitucional e que vai, *grosso modo*, de 1821 a 1832, Sérgio Pereira Ribeiro integrou diversas vezes a Câmara da Horta, onde deteve um dos cargos de vereador e, nesta qualidade, coube-lhe subscrever com seus pares documentos importantes para a vida faialense, tanto quanto representativos do estado de espírito dominante naquela época de incertezas e lutas pelos ideais liberais. Em 31.05.1831, por exemplo, como membro do governo, seu nome consta das assinaturas nas mensagens de felicitações enviadas pela Câmara a Sua Majestade Imperial o Duque de Bragança e a sua filha, a rainha Dª Maria II, verdadeiras profissões de fé liberal e de fidelidade à soberana constitucional de Portugal[87]. Vale esclarecer que a Câmara da Horta, já então denominada Municipal, era o órgão colegiado governativo da ilha e se compunha dos juízes, vereadores e procuradores do Concelho.

Sérgio Pereira Ribeiro soube também aproveitar a excepcional oportunidade que constituiu o estabelecimento da família americana *Dabney* na Horta, em 1804, a partir da nomeação de John Bass Dabney (1767-1826) para Cônsul-Geral dos Estados Unidos da América nos Açores. Naturais de Boston e provenientes de uma linhagem inglesa de notórias raízes normandas (*cf. d'Aubigné*)[88], com interesses profundos no comércio entre a Europa e as Américas, os *Dabneys* escolheram a ilha para sede de sua rede comercial, baseada na

---

[85] Que de resto teria curta duração, pois com o movimento contra-revolucionário da chamada "vila-francada", em maio de 1823, cedendo à pressão das Cortes, seria D. João VI reintegrado em seus poderes absolutos (Lello Universal).

[86] V. A. L. da Silveira Macedo, II, pp. 9 e 10.

[87] *Ibidem*, pp. 97 e 476 a 478.

[88] Dos registros do condado americano de Hanover (Virginia) consta que em abril de 1721, Cornelius Dabney, natural da Inglaterra, casou com Sarah Jennings. Foram pais de George Dabney, que teve a William Dabney, pai de Charles e George Dabney, que integraram o exército revolucionário americano (*Website: Dabneys*). Sobre a família Dabney e o Faial, v. A. L. da Silveira Macedo, *op. cit.*; M. Lima, *Anais ...*, pp. 597-603; J. Bettencourt Brum, *Coisas da Nossa Terra* (Horta: 1994), pp. 60-1; C. G. Barreira, *Um Olhar sobre a Cidade da Horta* (Horta: 1995), pp. 31-5 e 100-1; Núcleo Cultural da Horta, *O Faial e a Periferia Açoriana* (Horta: 1995), pp. 231-66; e F. de Barros Brotero, *A Vida do Dr. João Dabney de Avelar Brotero* (São Paulo: 1945).

exploração dos seus próprios navios, no contexto do comércio marítimo americano em expansão atlântica. Ali montaram um importante armazém de material náutico para reparo, municiamento e aguada de embarcações e estiveram presentes em todas iniciativas de indústria de sabões, pregos, tabaco, moagem e de exportação de vinho, as quais se estendiam por várias ilhas açoreanas. Suas instalações, geridas por sua empresa familiar, a *Dabney & Sons*, constituíram o centro de operações e o ponto de apoio da frota baleeira americana, que utilizava o Faial para descarga, armazenagem e trasfega de óleo e outros produtos da baleia reduzida.

Ricos e educados, verdadeiros representantes da elite bostoniana da época, fixaram-se nos arredores de Porto Pim e construíram na rua de São Paulo, a partir de 1823, uma magnífica residência principal que denominaram *Bagatelle.* Logo compuseram com os grandes da terra um círculo de amizades que se notabilizou por um convívio assíduo, entremeado por festas e passeios amenos. Sérgio Pereira Ribeiro e os seus faziam parte deste círculo exclusivo, a ponto de hospedarem os *Dabneys*, que passavam temporadas na casa de praia dos *Ribeiros*, na localidade de Areia Larga, Freguesia da Madalena, ilha do Pico e a freqüência com que se viam terá dado origem a um ou outro namorico entre os rapazes e moças de ambas famílias. Por Nancy Dabney, em carta de 14 de setembro de 1821 a seu irmão John[89], sabemos que

> " *... sisters Frances and R., Charles, cousins Mary Ann and Charles Young and myself have been passing ten days at Pico; we borrowed Mr. Sergio's (Ribeiro's) house, none of his family being over there this summer ... it being the time of the vintage, we had great abundance of grapes*".
>
> [Tradução: ... as irmãs Frances e R.[Roxana], Charles, os primos Mary Ann e Charles, o jovem, além de mim própria, estivemos dez dias no Pico. Pedimos emprestado a casa do Senhor Sérgio (Ribeiro), pois ninguém de sua família esteve lá este verão ... sendo o tempo da vindima, tínhamos abundância de uvas.]

Mais tarde os *Dabneys* vieram a possuir a casa e vinhas que pertenceram aos jesuítas, na Areia Larga[90], as quais, confiscadas com todos os seus bens quando da expulsão decretada pelo marquês de Pombal, haviam sido postas em hasta, em 1770.

---

[89] Dabney, R. L., *Annals of the Dabney Family in Fayal - Part First*, I, cap. V (1814), p. 67; cap. VII (1821), p. 107; cap. VIII (1821), p. 112; cap. XVIII (1832), p. 284-312; cap. XXI (1834), p. 344-58.

[90] Elisa W. Nye, *Diário de uma Viagem* in Insulana, vol. 29-30 (Ponta Delgada: 1973-4), nota n° 43, p. 88.

É no diário de viagem dos irmãos Joseph e Henry Bullar, publicado em Londres em 1841[91] que vamos encontrar, nas anotações relativas a abril de 1839, uma provável referência a esta aprazível vivenda dos *Ribeiros*, localizada à beira mar mas incluída na região vinícola do Pico. Assim como a tomavam emprestado para sua própria vilegiatura, os *Dabneys* aparentemente intermediavam nela a hospedagem de visitantes recomendados, como era o caso dos irmãos Bullar:

> "*A fresh breeze carried us across in about an hour to a small beach of black sand, in a quiet nook between masses of black lava and ridges of huge clinkers, which extended along the coast as far as the eye could see. The house, which, through Mr. Dabney's kindness, was put at our disposal, stands just above the landing-place; and the change of quarters is contenting ... for the sound of the waves breaking among the rocks below our windows, the sight of the ocean, the clouds, and the mountains, a private house and liberty. ... Boats with the picturesque lateen sails are passing and repassing, and larger vessels standing in and out of the bay. The windows look toward Fayal, and a small terrace upon which the door of the room we are occupying opens, gives us views of the top and sides of the mountain at whose base we are living ... We walked into the neighbouring town of Madelina (Madalena) ... by a path which led over a heavy sand between the rocks and a succession of black vineyard wall of rocky cinders*".
>
> [Tradução: Uma brisa fresca nos levou, em cerca de uma hora, até uma pequena praia de areia escura, um recanto tranquilo, entre massas de lava negra e cumes de montes de betume, que se estendiam pela costa até onde a vista podia alcançar. A casa que, intermediada pela gentileza do Senhor Dabney, havia sido posta à nossa disposição, se situa logo após o lugar onde havíamos chegado à costa. E a mudança do local de nossa hospedagem mostra-se mais que satisfatória ... pois o marulho das ondas quebrando nas rochas, debaixo de nossas janelas, a vista do oceano, as nuvens, as montanhas, a casa particular e a liberdade ... Barcos com as pitorescas velas triangulares latinas vão e voltam, e navios maiores permanecem dentro e fora da baía. As janelas têm vista para o Faial e um pequeno terraço para onde dá a porta do quarto que ocupamos, nos oferece vistas do cimo e partes laterais da montanha, em cuja base estamos hospedados ... Caminhamos até à cidadezinha vizinha da Madalena ... através um sendero que conduzia sobre a areia pesada, entre as rochas e uma fileira formada pela muralha de um vinhedo, enegrecido pelas cinzas rochosas.]

Ainda por Nancy Dabney sabemos da imensa alegria com que Sérgio Pereira Ribeiro recebeu de um barqueiro, em 14.09.1821, a notícia de que Guilherme Ribeiro acabara de regressar da viagem que fizera ao Brasil. Sempre se dirigindo ao irmão John, assim se expressa ela:

---

[91] Joseph & Henry Bullar, *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of Furnas*, 2 vols. (London: 1841).

"My dear brother, — ... We have seen Mr. Ribeiro several times since his return and he mentions your name in terms of the greatest esteem ... When he arrived he found all his family in great affliction, his brother Claudio had just breathed his last, and Manuel[92] *was not expected to live from hour to hour. Mr. Sergio in the morning was bewailing his unhappy situation, the father of so many sons and no one of them to bear him company, when a boatman presented himself and imparted to him the welcome and most unexpected news of the arrival of his son William* (Guilherme). *The tidings produced the effect of magic on Manuel, he recovered so rapidly that in the course of a few days he was able to go over to Pico, and attend to the vintage ..."*

[Tradução: Meu querido irmão, — ... Estivemos com o Senhor Ribeiro diversas vezes desde seu regresso e ele menciona o seu nome em termos da maior estima ... Quando ele chegou econtrou toda sua família muito aflita, o irmão, Claudio, acabara de exalar o último suspiro e de hora em hora não se esperava que Manuel (92) vivesse. De manhã o Senhor Sérgio deplorava esta situção infeliz, ele, pai de tantos filhos e sem nenhum deles para fazer-lhe companhia, quando um barqueiro se apresentou a ele e lhe deu a notícia, benvinda e completamente inesperada, da chegada de seu filho, Guilherme. A novidade produziu em Manuel o efeito de um passe de mágica, ele recuperou-se tão rapidamente que, em poucos dias, estava em condições de ir para o Pico e ajudar na vindima...]

A cunhada de Nancy, Frances Alsop Pomeroy, casada com Charles William Dabney, filho mais velho de John Bass Dabney, não escondeu certo despeito com que assistiu ao casamento do mesmo Guilherme com a "filha do Coronel Telles", Luísa, sendo o coronel a maior autoridade militar da ilha. Teria ela cobiçado o partido de Guilherme para uma de suas filhas, Roxa , Kate ou Fanny?

Mas certamente de maior interesse ainda é o relato da segunda passagem de D. Pedro I pelo Faial, de 22 a 26 de abril de 1832, inserido por Emmeline Dabney em seu diário. Coincidente em linhas gerais com a narrativa de Ernesto Rebelo, Emmeline acrescenta que o próprio Imperador, ao escolhê-la para dançar na noite do baile de aniversário de Joaquina da Terra Brum, lhe contou da surpresa de Sérgio Pereira Ribeiro ao ser abordado na rua pelo monarca, que o reconheceu como um dos notáveis locais que o haviam recepcionado na primeira visita à ilha, em 11 do mesmo mês:

"H.M. enjoyed the scene very much. He arrived on the quay about ten o'clock; he did not stop anywhere, came directly up to Mr. Terra's, in boots and a great coat, came into the ballroom in that trim. The only person he met, whom he knew, was Mr. Sergio,

---

[92] Manuel Pereira Ribeiro (★ 04.08.1758), irmão de Sérgio Pereira Ribeiro (M. Lima, *Famílias ...* p. 512).

whom he stopped and spoke to; the poor old gentleman was very much frightened, and asked, "what do you want with me?" however directly afterwards recognised him and explained "Oh! he! Sua Majestade!" The Emperor told me the anecdote himself, and seemed to enjoy it so much, they say he is fond of surprising people in that kind of manner".

[Tradução: Sua Majestade apreciou bastante a cena. Chegou ao cais cerca das dez horas. Não parou em nenhum lugar, foi direto para a casa dos *Terras*, de botas e vestido com um casacão, e apareceu no salão de baile daquele jeito. A única pessoa que encontrou e que conhecia, foi o Senhor Sérgio, que ele deteve no caminho e com quem falou. O pobre senhor ficou atemorizado e perguntou: "o que quer comigo?" Mas imediatamente depois o reconheceu e exclamou: "Ó, Sua Majestade!" O imperador contou-me esta historieta e parecia divertir-se com ela, dizem que ele gosta de surpreender as pessoas desta forma.]

Emmeline conta ainda que, no dia seguinte ao do baile, isto é, 23 de abril, o Imperador convidou seus anfitriões, os *Terras* (que o hospedavam em seu solar) mais os *Dabneys* e os *Ribeiros* — e somente estas três famílias — para um passeio a bordo do *Superb* o que, ademais da honrosa deferência, despertava inusitada curiosidade por se tratar de navio a vapor e a navegação com este meio de propulsão estar dando os primeiros passos:

"The Terras, Ribeiros and we were invited by his Majesty to go on board of the steamboat tomorrow morning, and sail a short distance, so we went this morning, and had a very pleasant time of it; we went on board with the Terras, in their boat, and all the ladies came back in it".

[Tradução: Nós, os *Terras* e os *Ribeiros* fomos convidados por Sua Majestade para ir a bordo do navio a vapor amanhã de manhã, e navegar um pouco, de modo que fomos hoje pela manhã e passamos momentos muito agradáveis. Fomos até o navio com os Terras, no seu barco, e todas as senhoras voltaram nele.]

Ernesto Rebelo dá-nos uma descrição deste barco dos *Terras*: "O *Amphytrite* era um grande e possante escaler, que se movia à força de remos, branco e tendo a cinta dourada, bem como no painel da popa o nome e, sobreposto a este, as armas dos *Terras Bruns*, timbradas por duas cabeças d'águia. Na popa tremulava a bandeira tricolor, toda de seda e com as armas nacionais primorosamente bordadas".

Já no dia 24, os *Dabneys* convidaram os *Terras* e os *Ribeiros* para uma reunião social exclusiva com que homenagearam o almirante inglês George Rose Sartorius (1790-1885), futuro visconde da Piedade e conde da Penha Firme, comandante da esquadra que acompanhava D. Pedro e depois desembarcaria com ele no Mindelo, para a retomada do poder em Portugal.

Outro episódio registrado na correspondência dabneyana foi a passagem do príncipe de Joinville[93] pelo Faial, de 22 a 28 de setembro de 1834, a que já nos referimos anteriormente. Joinville era então cadete da Marinha e, como tal, viajava incógnito e não na condição de filho do rei de França. Não obstante, os *Dabneys* ocuparam-se de recepcioná-lo, pretextando que o cônsul francês, "um homem válido mas já setuagenário ('*a worthy but septuagenarian*')" se achava repousando em sua casa do Pico e que o filho, Guilherme, que detinha o rendoso cargo de escrivão da Alfândega, preferia não envolver-se nesta complicada circunstância protocolar. É o seguinte o texto do relato correspondente, de autoria de Charles William Dabney (1794-1871), filho e sucessor de John Bass Dabney no Consulado-Geral americano na Horta:

> "*When the Prince of Joinville visited this Island, he preserved an incognito, but I called upon the Count of d'Oysonville*[94]*, the Commander of the 'Sirène' at the French Consul's. Mr. Sergio Pereira Ribeiro was an elderly gentleman, and was passing the summer in Pico; his son with whom I was on familiar terms held an office in the Customs House. I took an opportunity to tell him, that my resources were at his service to do the honours of the Island in a suitable manner; he thanked me, remarking that his family were mostly at Pico, and he could do but little! I asked him if it would be agreeable for me to volunteer? 'de tout mon coeur, c'est la plus grande faveur que tu puisses me faire!' I immediately explained the state of things to the Frenchmen and invited them to repair to my house. Upon arriving there, they expressed their sense of my kindness, and introduced the Prince, saying that with one who had thus treated them there could be no concealment*".
>
> [Tradução: Quando o príncipe de Joinville visitou esta ilha, quis manter-se incógnito mas eu visitei o conde d'Haussonville (94), comandante do "Sirène", em casa do cônsul da França. O Senhor Sérgio Pereira Ribeiro era um senhor idoso, que passava o verão no Pico. Seu filho, com quem eu tinha suficiente intimidade, deti-

---

[93] François-Ferdinand-Philippe-Louis-Marie d'Orléans, príncipe de Joinville (1818-1890), terceiro filho do rei de França Luís Filipe (1830-48), casou-se em 01.05.1843, no Rio de Janeiro, com a princesa Dª Francisca, irmã do imperador D. Pedro II. Joinville ingressou na Marinha em 1831 e em 1840, em meio a grande pompa, trouxe para a França os restos mortais de Napoleão Bonaparte, que até então jaziam na ilha de Santa Helena, onde morrera. Como se pode verificar, os Açores, e o Faial em particular, marcaram presença na movimentada carreira naval do príncipe [*Dic. de Hist. do Brasil* (1976); *Nouveu Petit Larousse* (Paris: 1968); v. nota 48].

[94] Na verdade, conde d'Haussonville. Sua esposa, a condessa d'Haussonville, que era neta da célebre Madame de Staël (Germaine de Staël, 1766-1817), mereceu do pintor Jean-Auguste-Dominique Ingres (1780-1867) um belo retrato a óleo (1845, Frick Collection, Nova York) em que, segundo a crítica especializada, "*envolta numa cascata azulada de seda pura, ela olha diretamente para o espectador, num tom próximo ao do desafio...*" ["Na alta roda," Revista *Veja*, seção *Arte*, nº 1584 (S. Paulo: Ed. Abril, 10.02.1999), pp. 122-4].

> nha um cargo na Alfândega. Aproveitei a oportunidade para dizer-lhe que ele podia dispor dos meus recursos para fazer as honras da ilha, de uma forma adequada. Ele agradeceu, fazendo notar que sua família estava quase toda no Pico e que ele podia fazer muito pouco neste sentido. Perguntei-lhe se concordava em que eu me voluntariasse. "Sinceramente, é o maior favor que me podes fazer". Imediatamente expliquei a situação aos franceses e convidei-os a refrescar-se em minha casa. Ao chegar, expressaram reconhecimento pela minha gentileza e apresentaram o príncipe, dizendo que com alguém que os tinha tratado daquela maneira não deveria haver segredo".

Em que pese à prestimosa disponibilidade dos *Dabneys* e à tímida reação do filho, Guilherme, sabe-se que Sérgio Pereira Ribeiro não aceitou ficar ausente das providências que lhe cabia tomar em tamanha circunstância. Não era de seu feitio omitir-se ou declinar um convite na oportunidade surgida. A Ernesto Rebelo de precisar: "Em 22 de setembro de 1834 desembarcava o príncipe de Joinville na Horta. Apesar de um rigoroso luto que então pesava sobre a família Ribeiro (*certamente o longo pesar que vinha desde o falecimento de Teresa Mariana da Silveira, em 1832*), ainda assim o Vice-Cônsul francês obsequiou em tudo que esteve ao seu alcance tão ilustre viajante, que levou do Faial as melhores impressões".

Em carta a uma de suas filhas, Maria Teresa, que efetivamente então vera-neava no Pico, relatou Sérgio Pereira Ribeiro alguns pormenores da visita principesca e do texto se infere que ele, sabedor da chegada de Joinville, se apressou a interromper a vilegiatura e regressar ao Faial, a fim de prestar as devidas homenagens ao importante visitante:

> "Faial, 27 de 7br°. à noute
>
> Minha cara, e mt°. Prezada Filha
>
> Sua Excelência deu a intender, que sahia hoje, e pela manhãa de baixo de grande chuva veio hum Guarda Marinha receber a ração, e o comissario ajustar as contas com Guilherme, e passar as letras, que não chegou a 50$ rs.= Mt°s. recados, e agradecimentos, e eu para dizer verdade mt°. satisfeito pela maneira com que me trataráo, e mt°. mais por ver, que todos, Princepe, e Mentor, conde, officialidade, todos mostrarão a mais completa satisfação, como te relatarei quando nos virmos.= Pelas duas horas fui para a meza, e a pouco, ainda com mtª. chuva dous crd°s. graves do Princepe com huma carta mt°. politica, e a oferta de huma rica caixa d'ouro, valendo 100$00 rs., agradecendo mt°. a manª. porque o tinha tratado, e a officialide. da Fragata Sirene; quando eu nenhuma conversa tive com elle, por me ser mt°. recomendado, que nunca o tratasse como Princepe, e foi hontem na despedida, que se dignou elle mesmo dar-me a mão, appertando-a.= ... passei mal 5a., e 6a. feira; hoje porém estou melhor, desejando mt°. passar ao Pico, por mais huns 10 ou 12 dias.=

Foi mtº. a proposito qe. Maria Magdª...[95] me acompanhasse: porque sem ella, não sei como se havia obzequiar tanta Fidalguia; ainda hontem a noute apparecerão na salla o primº. Medico do Príncepe, o Comissario, varios Fidalgotes Tenentes, e Guarda Marinhas, divertindo-se mtº. com jogos &. Aqui para entre nós, sempre para desabafo te direi que a nossa Mª. Magdª. ... (à) meza me magoou mtº. com sinallefas, dizendo, que todos eram de oppinião, que eu não devia tornar ao Pico; eu, ainda que velho, e tonto ainda sei o que me convem , e quando dei pelos conselhos d'outrem nunca me aconteceu bem: se Ds. me conservar a vida heide ir pa. a mª. varanda, e não preciso da compª. de Mª. Magdª., ... = Se te parecer comunica ao amº. Mendonça o que digo a resptº. da Fragata, que julgo sahira amanhãa tendo estado em huma Ilha das Canárias dous dias, na Madeira quarenta horas e no Fayal seis dias, e diz o conde mtº. seriamte., que vae para França, porque as suas ordens forão pª. o Fayal; mas o segundo com quem me dei mtº. disse-me que o comme. tinha fallado em dar huma volta à roda das Flores. A Ds., a Ds.

Teu Pai

Sergio P. Ribeiro

P.S. como a Fragata não sahira tão cedo vou escrever pª. bordo huma carta pª. agradecer o mimo do Princepe, e são 11 horas da noute".

A amável cortesia com que foi tratado por ocasião da visita de Joinville terá sido um dos últimos consolos para a auto-estima de Sérgio Pereira Ribeiro, numa vida feita de grandes lutas e empreendimentos. Sua correspondência, freqüentemente redigida num francês impecável, segundo M. Lima, "bastante nos traduz a atmosfera elegante daquela residência (a dos *Ribeiros*) e o caráter do seu dono"[96].

Efetivamente, vários elementos deste caráter deixam-se entrever, por detrás do estilo epistolar ameno mas vigoroso de nosso ilustre antepassado. Ousemos suscitar alguns deles: a atenção do negociante arguto ao movimento dos negócios e ao valor pecuniário das coisas; a susceptibilidade a qualquer atitude tomada no seu confronto; a responsabilidade de bem desincumbir-se dos deveres; o tato ao lidar com as autoridades constituídas e o cuidado de sempre causar impressão favorável, que satisfaça o ego e a vaidade pessoal; o forte apego familiar, o gosto pela vida social, a noção de hierarquia e a consciência do seu lugar na sociedade; o temor da solidão, certa neurastenia da idade, obstinação de idéias e constância do pormenor precioso, pelo que ele pode valer não

---

[95] Maria Magdalena Ribeiro: filha de Sérgio Pereira Ribeiro. Do Arquivo do Concelho da Horta consta que, em 1858, esta senhora ofereceu ao "Asilo da Infância Desvalida para o Sexo Feminino", por si e por suas amigas, objetos para uma rifa, que produziu 99$000 réis. O fato é mencionado como testemunho da benemerência da alta sociedade faialense em relação a uma instituição assistencial patrocinada pelo Concelho (v. A. L. da Silveira Macedo, II, p. 257).

[96] M. Lima, *Famílias Faialenses*, p. 520.

somente para si como para outras pessoas ligadas a seu círculo imediato de relações. Outras expressivas frases, tiradas ao acaso de cartas suas, como as que são citadas a seguir, traduzem sua capacidade de humor, com uma dose sutil de fatalismo mas também denotam adesão complacente aos pequenos grandes prazeres da vida, àqueles que, se não levam à felicidade, auspiciam boas porções dela, a serem degustadas prazerosamente, antes que se dissipem na monótona seqüência dos desprazeres quotidianos:

> "*Mon cher monsieur: c'est le triste sort des mortels, pour deux jours de réjouissance, nous avons tout de suite des contretemps. Vous, vos camarades, et les Demoiselles particulièrement, doivent avoir beaucoup souffert dans la traversée et je suis extrêmement fâché de ne pas avoir empêché le départ ... nous avions encore du pain, un morceau de viande, un quart de Pipe de bon vin, et des raisins, assez pour passer le jour. Enfin, tout est écrit là haut, comme dit Jacques, le Fataliste* ... Salut. Je suis tout à vous. S. P. Ribeiro. Area Larga Ire. Ville de Pico*" (carta a John Bass Dabney, datada de 09.09.1814).
>
> [Tradução: Meu caro Senhor: é da triste sorte dos mortais que, para dois dias de regozijo, logo se tenham contratempos. Vós, vossos companheiros e as moças, em particular, devem ter sofrido muito durante a travessia e fiquei extremamente contrariado por não vos ter impedido de partir ... ainda tínhamos pão, um pedaço de carne, um quarto de pipa de bom vinho e uvas, o bastante para passar o dia. Enfim, tudo está escrito lá em cima, como diz Tiago, o Fatalista* ... Saudações. Inteiramente seu. S. P. Ribeiro. Areia Larga, ilha do Pico.]

Como parece indicar a lisonjeira escala do príncipe de Joinville na Horta, após os anos agitados de enfrentamento entre liberais e absolutistas, a que a Convenção de Evoramonte, firmada em 26.05.1834, veio pôr fim, as atividades nos Açores voltaram gradualmente à normalidade e o Faial podia até mesmo, quem sabe, pleitear a sua antiga e idílica denominação de "ilha da Ventura". Por ali passavam continuamente visitantes, passavam os navios, passava o tempo, sob a vista plácida e dominante da montanha do Pico. Enquanto isso, Sérgio Pereira Ribeiro via também tudo passar. Guardava na memória os difíceis embates que tivera de suportar e mantinha viva a mágoa dos quase dois anos em que seu filho estivera injustamente preso. Os flagelos que então o acometeram eram feridas difíceis de cicatrizar e seu ânimo combalido lhe sugeria agora que era chegado o momento da grande pausa. Se a Deus aprouvesse, o velho guerreiro queria poder finalmente "ir para a sua varanda" (alusão ao pretendido ócio em sua casa da Areia Larga, no Pico) e deixar-se repousar, olhando o mar em frente e as encostas lavosas, plantadas de vinhedos.

---

* Alusão à personagem do romance *Jacques le Fataliste et son maître*, do escritor e filósofo francês Denis Diderot (1713-84) inspirador da "Enciclopédia" e figura proeminente do pensamento do séc. XVIII (*Nouveau Petit Larousse*, 1968).

Por isso decidiu retomar com os superiores em Lisboa o tema da sua substituição no Vice-Consulado da França e, em 15.03.1835, escreveu-lhes:

> "*... J'ai l'honneur de vous représenter, Monsieur, qu'ayant commencé à exercer le Vice-consulat de France à Fayal depuis l'année 1785, je me trouve maintenant dans un âge où il m'est difficile d'en accomplir les obligations; et par cette raison ce serait pour moi la plus grande faveur si vous daigniez nommer en ma place mon fils Guillaume Ribeiro, qui demeure avec moi et m'a toujours aidé dans le V. Consulat et dont, par cette même raison, je puis garantir la probité et l'intelligence ...*" Atento às limitações que lhe impunha a precariedade de sua saúde, aduziu amavelmente, em *post scriptum*: "*L'état de ma santé ne m'a pas permis, Monsieur, d'écrire cette lettre avec ma propre main et je vous demande de m'excuser*".
>
> [Tradução: Tenho a honra de fazer-vos presente, Senhor, que tendo começado a exercer a chefia do Vice-Consulado da França no Faial, desde o ano de 1785, acho-me agora numa idade em que me é difícil cumprir com as obrigações deste cargo. Por este motivo, Vós me faríeis um enorme favor se vos dignásseis nomear para meu lugar a meu filho, Guilherme Ribeiro, que mora comigo e sempre me ajudou no Vice-Consulado e de quem, por esta mesma razão, eu posso responder pela probidade e competência ... Meu estado de saúde não me permitiu, Senhor, escrever esta carta de próprio punho e peço-vos desculpar-me por isto.]

Compreendendo a situação, as autoridades francesas avaliaram que era bem hora de ir ao encontro do desejo de seu antigo e fiel servidor. Mas a lenta burocracia arrastou por vários meses a designação, até que em 27.07.1835 foi expedida a patente de vice-cônsul em nome de Guilherme Ribeiro. Sem ainda ter conhecimento de que a providência havia sido tomada, três dias depois daquela data, isto é, em 30 de julho, Sérgio Pereira Ribeiro reiterou o pedido de sua substituição. Desta vez evidentemente instado por Guilherme, colocou em dúvida a questão que havia sido levantada da necessidade de o filho desincompatibilizar-se do cargo de escrivão da Alfândega, de que ele alegava não poder abrir mão por ser imprescindível à manutenção de sua numerosa família, tendo em vista as grandes perdas que sofrera nos dois anos de seu cativeiro. Por isso Sérgio recomendou ao Cônsul-Geral da França que a autorização a ser emitida pelo Governo português, para que Guilherme pudesse aceitar o cargo de agente consular, se fizesse acompanhar de declaração expressa de que ele podia manter o emprego na Alfândega.

Já pouco restava então de vida a Sérgio Pereira Ribeiro, que morreu em 12 de setembro de 1835, em sua propriedade da ilha do Pico, justamente um ano depois de escrever a bela página epistolar de 27.09.1834, dirigida a sua filha e mais acima transcrita. Se a condição social e as oportunidades financeiras que os **Telles Ribeiro** mais tarde hão de desfrutar resultam de um longo processo de agregação e consolidação de valores, fruto do esforço de muitas gerações, é em Sérgio Pereira Ribeiro que se identifica um passo fundamental para a famí-

lia, que a projetou em outra dimensão e lhe assegurou um quadro privilegiado para seu posterior assentamento e expansão no Brasil.

Dotado de inteligência, vontade e determinação especiais, ele se mostrou apto a entender a sociedade do seu tempo e o momento particular que as mudanças históricas ofereciam. Fiel a princípios de honra, dignidade e honestidade e marcado por um estilo elegante e generoso, pôde confiantemente lançar-se na empreitada de um destino maior, a fim de dotar sua progênie de um horizonte mais amplo do que lhe proporcionaria a mera acomodação aos relativos conforto e benefícios auspiciados por seu nascimento. Possuindo notáveis virtudes e qualidades de espírito, que o habilitavam à perfeita consciência da importância da educação e da cultura como elementos de trânsito e avanço social, compreendeu as limitações que o meio insular periférico lhe haviam imposto e, mediante abnegados estudo e trabalho e excepcional dedicação aos filhos, abriu-lhes perspectivas novas, traduzidas em conquistas duradouras, que se estenderam a tantas gerações posteriores, até os nossos contemporâneos.

Deixou seis filhos (três homens e três mulheres), dos quinze que havia tido, vários deles casados nas melhores famílias faialenses. Apenas como exemplo, João Pereira Ribeiro casou-se com Maria Isabel da Câmara Cabral, irmã do futuro senador José Curry da Câmara Cabral, cuja filha, Carolina, viria a desposar o príncipe russo Constantino Meschersky, em 15.03.1866. Sabe-se ademais que receberam educação primorosa, orientada por um preceptor, o Padre Mateus Aquino, futuro vigário da freguesia da Ribeirinha, a qual foi posteriormente aperfeiçoada em longas temporadas no exterior. Todos falavam vários idiomas, inclusive as mulheres (Maria Isabel, Maria Teresa e Maria Madalena), que conheciam perfeitamente o francês. Graças à orientação dos *Dabneys*, o mais velho, Francisco, foi mandado estudar num colégio em Boston e era fluente em inglês. Quanto a Sérgio, também educado em Boston e, como vimos, morto prematuramente na idade de 36 anos, passara diversos anos nos países do norte da Europa e dominava o alemão. O mesmo se pode supor ocorresse com João e Guilherme, já que este, comprovadamente, falava muito bem francês.

IV

OS ANOS DE TERNURA

É Guilherme Ribeiro, nascido em 20.02.1796 (Angústias, Faial) e falecido em 02.01.1862 (Matriz, Ponta Delgada), quem passa a ser o centro de nosso relato, pois é deste filho de Sérgio Pereira Ribeiro que descendem os Telles Ribeiro. Conforme também já vimos ao falar do diário de Emmeline Dabney, ele esteve no Brasil, provavelmente a negócios ou para visitar amigos faialenses transferidos no nosso país. Na ocasião, depois de vencer a perigosa travessia atlântica, seu regresso a casa causou tamanha alegria a seus próximos que foi capaz de reanimar o tio Manuel, que jazia moribundo. Com efeito, do registro de entrada e saída de estrangeiros do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, consta que ele retornou ao Faial em 04 de julho de 1821. Tinha na época 25 anos e é descrito como de estatura normal, rosto comprido e bastante barba.

Três anos depois, em 30.09.1824, casou-se com Luísa Telles, nascida em 30.12.1798 (Matriz, Faial), filha de Estácio Machado D'utra Telles (padrinho da investidura de Sérgio Pereira Ribeiro na Ordem de Cristo) e de Francisca Cordélia de Sousa Sarmento de Lacerda. A família descendia de Estácio D'utra Machado, que era neto de Josina D'utra, irmã do legendário Jorge d'Utra, originalmente Joos van Hurtere, o capitão-donatário do Faial, em 1468. Jorge e Josina d'Utra, em sua nobre ascendência flamenga, eram filhos de Leo van Hurtere, bailio[97] de Wynendael, senhor feudal de Oghebrone (Haegenbrone).

Do senhorio de Wynendael, cujo castelo e respectiva propriedade, então pertencentes ao duque de Clèves, distam cerca de 19 km da cidade belga de Bruges, dependiam cerca de 400 feudos, entre os quais o de Oghebrone. O nome van Hurtere, relacionado com os referidos domínios e cargos, consta de cartas patentes muito antigas, a primeira datada de 1352, seguida de outras, de

[97] Bailio: governador, magistrado. Na Idade Média os bailios tinham por missão representar o rei ou os senhores feudais nas províncias, na qualidade de agentes administrativos, financeiros, militares e judiciais. Em Portugal, estas funções correspondiam às de *meirinho-mor* (Lello Universal).

21.06.1365 e de 28.09.1469. O irmão mais velho de Jorge d'Utra, Bartolomeu d'Utra, que sucedeu ao pai, Leo van Hurtere, no feudo de Oghebrone, seguiu a carreira das armas e militou sob as ordens de Filipe III, "o Bom"[98] e também no exército do filho deste, Carlos, "o Temerário". Na corte de Flandres tinha o cargo honorífico de panadeiro-mor (vedor) da casa da duquesa de Borgonha, a mencionada infanta D. Isabel[99].

Estácio d'Utra Machado foi personagem de destaque no Faial, tanto pela nobreza e fortuna como pelo caráter ponderado, ilustração e maneiras distintas e afáveis. Gaspar Frutuoso (1522-1591), que o conheceu pessoalmente, dele diz em seu livro "Saudades da Terra" (liv. VI cap. 38): "... homem de tanto primor e de tão boa conversação que não há pessoa que vá àquella Ilha que se não perca por ele, muito cortês, liberal e muito gracioso ..." Com a morte do cardeal-rei D. Henrique, em 1580, Estácio pretendeu ser correligionário do prior do Crato, D. Antônio, durante o tempo em que a ilha Terceira lhe obedeceu mas após a união das coroas de Portugal e Espanha, serviu de bom grado a Filipe II (I, de Portugal)!... Sua primeira esposa foi Paula da Silveira, filha de Catarina da Silveira (✞ 1568) e de Diogo Gomes (✞ 1565), da ilha Graciosa, ela, filha de Jorge da Terra e de Margarida da Silveira. Fidalgo flamengo, Jorge da Terra (Josse van Aard Aetrijcke) pertencia ao grupo de "primeiros povoadores", companheiros de Jorge d'Utra e a consorte, Margarida da Silveira, era filha do célebre Guilherme da Silveira (Willem van der Haghen) e de Margarida Sabuyo.

Um dos netos do casal, Estácio Machado D'utra (★ 14.04.1620 - ✞ 1655), nomeado para o cargo de escrivão da Alfândega da Horta por alvará de 15.02.1641, casou com Inês Pereira(ou de Simas Valadão), filha de Antônio de Simas Valadão e de Inês de Utra. Ora, Antônio de Simas Valadão, que se presume nascido na ilha Terceira, filho de Antônio Dias de Simas e de Catarina Bolim (∞ Sé de Angra, 05.10.1587), tomou ordens sacras depois de viúvo e acabou cônego da Sé de Angra. Quando casado, assinava-se *Simas Valadão* mas, uma vez ordenado, passou curiosamente a firmar-se *Simas Telles* e é com este nome que aparece no registo de óbito daquela sede episcopal, em 18.10.1656. Tendo em vista que, na sua ascendência, *Valadões* e *Telles* não figuram na varonia, que é *Simas*, a peculiaridade de ter, em momentos distintos, assumido estes dois tradicionais apelidos somente se pode atribuir ao desejo de dar luzimento ao nome, tomando-os a ancestrais importantes por via feminina, pois de outra forma não se justificaria o empenho em adotá-los.

---

[98] Casado com a infanta de Portugal, D. Isabel, filha de D. João I (v. nota 13).

[99] Júlio da Rosa, pp. 78-85.

Determinar quem fossem estes ancestrais tem-se mostrado tarefa difícil e os mais denonados investigadores têm renunciado à possibilidade de desvendar o desconcertante enigma. Levando, porém, em conta que *Simas* tem incidência geográfica restrita a algumas poucas ilhas, mormente a Graciosa e o Pico, especula-se[100] que *Telles* possa provir de Duarte Telles Barreto, fidalgo do Algarve que passou à primeira daquelas ilhas por volta de 1460 e foi co-donatário de sua parte sul. Ramo da nobilíssima casa dos *Teles de Meneses*, seus descendentes apenas teriam usado o apelido *Telles* em seus enlaces com famílias locais, de que constitui exemplo a associação com o apelido *Simas*, no século XVIII, promovida por Antônio de Simas Telles. Este deixou-os à filha, nomeada Inês de Simas Telles, que por sua vez legou o *Telles* à progênie com o marido, por intermédio do filho, Estácio Machado D'utra Telles (★ 1643 - ✞ 31.10.1681), casado em 20.02.1666 com Apolônia Machado Valadão. A partir do neto, Antônio Machado D'utra Telles (✞ 21.09.1745, na Matriz, Horta, com 70 anos de idade), casado com Inês Antônia Pereira da Silveira (✞ 08.09.1721, Matriz, Horta), consolidou-se na família o costume de ostentar estes três apelidos justapostos.

O bisneto, Estácio Machado D'utra Telles[101], casado em 14.06.1730 com Maria Luísa Bernarda, legou-os ao filho, Antônio Telles D'utra Machado e ao neto, também ele Estácio Machado D'utra Telles (1776-1831), pai de Luísa Telles e que foi o último coronel do Corpo de Milícias do Faial, extinto nos Açores, juntamente com o Corpo de Ordenanças, pelo decreto constitucional de 25.03.1832.

Os batalhões de ordenanças formavam a milícia municipal e integravam o sistema de sustentação da monarquia absoluta em Portugal. Dentro da estrutura então vigente, a seu comandante, sempre pessoa da primeira nobreza local, que recebia a patente de coronel, correspondiam as prerrogativas de capitão-mor, tendo o imediato o título de sargento-mor, com a patente de major. Em ambos regimentos os oficiais eram nomeados pela Câmara, por proposta do capitão-mor e confirmados por carta-patente outorgada por el-rei, recaindo a escolha sempre em indivíduos de distinção. Não obstante esta vinculação

---

[100] Tese levantada pelo hisoriador norte-americano James H. Guill, *op. cit.* (v. notas 103, 251 e 252).

[101] ✞ 01.08.1784, com oitenta anos de idade, foi cavaleiro professo na Ordem de Cristo. Sucedeu no ofício de escrivão da Alfândega da Horta, que fora de seu pai e avós, tendo nele tomado posse em 09.11.1746 e dele desistido na pessoa do filho, Tomás, em 26.06.1775, para isso autorizado por provisão régia de 18.07.1775 (Reg. Câmara da Horta, liv. X, fl. 49). Quando casou, o pai deu-lhe a terça em dote, sob cláusula de correr na linha masculina. Se dos irmãos, Manuel e Antônio, não houvesse sucessão, iria à neta, Bernarda Luísa, filha do capitão-mor da Madalena, ilha do Pico (apud M. Lima, *Famílias Faialenses*, Tít. XXXI, nota 35, p. 712; v. quadro genealógico do n° 10 da 2ª Parte, "Genealogia": Francisca Gaspar Machado).

ao antigo regime, Estácio Machado d'Utra Telles foi membro da Câmara Municipal da Horta sob o governo constitucional, em 25.06.1831, ao lado de Sérgio Pereira Ribeiro[102].

O pai de Estácio e avô de Luísa Telles, Antônio Telles D'utra Machado, nasceu no Faial em 10.04.1735 e faleceu em Angra do Heroísmo (S. Pedro), em 08.11.1821. Casado em 22.10.1769, na Sé de Angra, com Úrsula Delfina Pereira de Lacerda, natural de Angra, já em 1761 era vereador da Câmara da Horta e em 177l foi nomeado guarda-mor da Alfândega da Horta, seguindo a tradição que constituíra de sua família uma dinastia de escrivães da Alfândega, almoxarifado e lealdação de pastéis, da ilha do Faial. Fidalgo de cota de armas, por carta de 04.07.1763 D. José I conferiu-lhe as seguintes armas: escudo em pala, na primeira, dos *Machados*; na segunda, dos *Telles* (*Barreto*); timbre: dois machados postos em aspa, atados com um torcel verde e, por diferença, uma brica de ouro com um M negro[103].

Em 1779, achando-se vago o cargo de sargento-mor das Ordenanças do Faial, diversos candidatos o pretendiam, sendo um deles Antônio Telles d'Utra Machado. A seu favor foi invocado o atestado[104] passado em 02.02.1774 pela nobreza, chefes militares e comerciantes da ilha (entre eles o Doutor Manoel Ignácio de Sousa), segundo o qual "Antônio Teles é casado com uma pessoa principal de Angra e aparentado com os capitães-mores e sargentos-mores da ilha do Pico; seu pai, Estácio Machado de Utra Teles, é escrivão próprio da Alfândega do Faial, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, sobrinho de Dona Maria Luísa Úrsula Teles, que foi casada com o capitão-mor da vila da Madalena, da ilha do Pico, João Pereira Cardoso e também sobrinho de Francisco Pereira Cardoso, sargento-mor, cavaleiro professo na Ordem de Cristo e familiar do Santo Ofício. Descende das ilustres famílias dos Peixotos, Pereiras e Silveiras."

Já o governador e capitão-general dos Açores, Denis Gregório de Melo Castro Mendonça, assim informou o governo, em 03.03.1779, a respeito da pretensão de Antônio Telles d'Utra Machado: "que é capitão da 3ª companhia do terço de auxiliares (*Ordenanças*), é das principais famílias da dita ilha, em que tem servido todos os cargos da República; aparentado com a melhor no-

---

[102] A. L. da Silveira Macedo, II, 97.

[103] Câmara da Horta, Liv. Reg. nº 9, fl. 44. O fato de a 2ª partição deste escudo representar as armas dos *Teles Barreto* é dado pelo historiador norte-americano James H. Guill, de Tulare, CA, como indício de que o apelido *Teles*, dos *Teles-Dutra-Machado*, pode ter sido tomado a Duarte Teles Barreto, que seria assim provavelmente seu ancestral (correspondência ao autor, em 04.06.1997; v. notas 23, 100, 200, 240, 251 e 252).

[104] *Apud* A. Ferreira de Serpa, *Os Flamengos na Ilha do Faial: A Família Utra* (Lisboa: 1929), pp. 135-143.

breza desta capital, Angra, filho primogênito de uma boa casa, com bom tratamento nela e de sua pessoa e como tal independente, muito benquisto dos povos, amante da paz, com muito desembaraço e agilidade para o Real Serviço, como ocularmente o tenho presenciado, de grande capacidade e inteligência, como informam os oficiais da Câmara, circunstâncias que simultaneamente não concorrem em nenhum dos outros nomeados".

Dos ancestrais mais próximos de Luísa Telles, é para estes avós paternos, o casal Antônio Telles d'Utra Machado e Úrsula Delfina Pereira de Lacerda, que convergem a principal nobreza e fidalguia das ilhas, provenientes das antigas e ilustríssimas linhagens continentais. Com efeito, o pai de Úrsula Delfina, Agostinho Pereira de Lacerda, descendia na varonia do renomado João Garcia Pereira[105], aparentado na nobilíssima casa dos condes da Feira e um dos mais notáveis povoadores do Faial e de outras ilhas do arquipélago, casado com a prima, Isabel Pereira Sarmento Roxo, tão nobre e ilustre quanto o marido. Em sua descendência, os dois apelidos de *Pereira de Lacerda*, assim justapostos, foram retomados a partir do seu bisneto, Luís Pereira de Lacerda, casado com Margarida de Betencurt, cujo pai, João de Betencurt de Vasconcelos, foi decapitado na praça velha da cidade de Angra, na ilha Terceira, em março de 1582, por ser partidário de Filipe II, de Espanha, contra D. Antônio, prior do Crato, na disputa entre os pretendentes ao trono de Portugal, após a morte do cardeal-rei D. Henrique[106].

Já a mãe de Úrsula Delfina, Francisca Úrsula de Meneses Borges Corte-Real, provinha da nobre geração dos *Teles de Meneses*, dos *Borges* e dos *Corte-Reais*, descendentes de D. Gonçalo Teles (irmão da rainha de Portugal, D. Leonor Teles) e de Afonso Anes da Costa Corte-Real, este, casado na ilha Terceira com Catarina Borges Abarca. A estirpe de que provinha Úrsula Delfina abrangia, assim, as principais famílias açoreanas que, ademais de *Ávilas, Betencurts, Borges, Bruns, Câmaras, Cortes-Reais, Pereiras de Lacerda, Sarmentos e Oliveiras*, incluía *Abarcas, Antonas, Alpoins, Azevedos, Baldayas, Cantos, Correias, Pachecos, Séguiers, Sieuves, Vasconcelos e Vieiras*, tornando-a digníssima representante da flor da aristocracia insulana.

Mas não só o lado paterno ilustrava a ascendência de Luísa Telles. Sua mãe era filha do Dr. Manoel Ignácio de Sousa e da sobrinha deste, Dª Luísa Francisca Sarmento de Lacerda, com quem se casou em 18.08.1773. Manoel Ignácio, nascido em 30.12.1739 na ilha Graciosa, cursou a Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra (1760-66), onde obteve em 23.07.1766 a licenciatura

---

[105] V. nota 29 e nº 16 da 2ª Parte: "Genealogia".

[106] V. 2ª Parte: nota 280.

naquela disciplina[107]. Depois exerceu alguns cargos públicos na Horta: foi nomeado capitão de Ordenanças em 1775; vereador da Câmara da Horta, em 1784 e provedor interino dos resíduos, em 13.02.1791. Auxiliado pelo irmão, o padre João José de Sousa, dedicou-se ao comércio de importação e exportação com seus próprios navios (chegou a ter seis deles), atividade que lhe proporcionou juntar imensa fortuna. Do irmão e sogro, Antônio, nascido em 26.06.1731 e falecido em 14.04.1767, herdou todos os bens, que não eram poucos. Tudo isso ele multiplicou depois no negócio, associado ao outro irmão padre, de quem também foi principal legatário, vindo então a tornar-se o primeiro exportador de vinhos do Pico[108].

Aos conhecimentos jurídicos e comerciais reunia apurado gosto artístico, tendo construído nos arredores da capital, no sítio do Pilar, uma das mais belas e opulentas vivendas faialenses, famosa pelos valiosos e finos materiais de acabamento utilizados em sua edificação. As ruínas do palacete existem ainda hoje e atestam uma grandiosidade que se beneficiava, ademais, de esplêndida vista para o mar. O fato é que, depois que seu irmão e sócio, João José, faleceu, já riquíssimo, Manoel Ignácio resolveu diminuir o ritmo de trabalho e tratar de gozar a vida. O decreto de 20.08.1770 tinha mandado avaliar e pôr à venda os bens confiscados aos jesuítas quando da expulsão decretada por Pombal, os quais incluíam, no Faial, os 74 alqueires de terra lavradia e mato que constituíam a Quinta do Pilar. Em 29.11.1773 o Tribunal da Junta da Fazenda Nacional, com sede em Angra, anunciou que Manoel Ignácio arrematara a propriedade pelo valor da avaliação, isto é, 1.210$000 [réis] e ele, logo em seguida, deu início aos trabalhos da edificação planejada. O quadro ambiental era realmente sedutor, pois situado num dos pontos mais pitorescos da ilha, de onde se descortina o gracioso panorama da baía da Horta, tendo à direita os montes verdejantes e, à esquerda, o vulto colossal da montanha do Pico. Além do mais, logo ali perto ficava a ermida do Pilar, que fora piedosamente reconstruída graças à obra benemérita de seus pais.

Manoel Ignácio usou de toda imaginação e bom-gosto, além de parte de sua fortuna, para finalizar a construção. Uma vez pronta, um espaçoso jardim estendia-se ao redor da casa, em suave declive, com ruazinhas bem varridas, ladeadas pelos buxos dos canteiros. Nele vicejavam o alecrim, as camélias e azáleas, cortadas à tesoura e formando, segundo o estilo do tempo, figuras caprichosas como pirâmides, esferas, sofás com seus espaldares ou ânforas esguias. Entremeavam-nas vasos de faiança de Delft e duas estátuas de gesso repre-

---

[107] Arquivo da Universidade de Coimbra: atos nº 100, fls. 74, 138 e 140 (1766).

[108] M. Lima, *Famílias Faialenses*, título XXVIII, nota nº 5, pp. 590-6.

sentando personagens mitológicos, em atitudes indecisas. Em frente, alimentada por duas cisternas, havia uma piscina de mármore com um repuxo (hoje numa propriedade particular da ilha de São Miguel). As banquetas amplas ofereciam-se para as merendas das tardes de verão e ostentavam nos ângulos, à guisa de abrigo ou guarda-sol, umas enormes conchas marinhas, revestidas de pequeninos cacos de louça da Índia. Próximo havia ainda um tanque onde se podia remar numa pequena embarcação.

No interior, o fausto requintava e as madeiras preciosas, trazidas do Brasil nos navios da frota particular, haviam sido empregadas prodigamente. No escritório arrumava-se em altas estantes uma riquíssima biblioteca. Dos frisos dourados da sala de visitas pendiam dois grandes espelhos e algumas molduras ovais, com retratos de família. Ao centro dominava um pesado lustre de bronze, em que se acendiam dezenas de velas. Foi nesta residência luxuosa que transcorreu o mais belo período da vida elegante faialense, pois ali concorria a melhor roda, toda a nobreza e burguesia fina da Horta. As festas sucediam-se quase sem intervalo, com um brilhantismo desusado, para admiração dos conterrâneos e surpresa dos forasteiros. Mas havia também reuniões mais singelas, os serões familiares com entretenimentos ao acaso, entremeados de jogos, conversas, leituras e recitativos. Quando no grande relógio inglês soavam as nove horas, apareciam os criados de libré verde com bandejas de charão, a circular entre os convidados o fumegante chá aromático.

Este giro principesco absorvia por completo a imaginação do doutor Manoel Ignácio, que nem à vila descia e, se porventura o fazia, era de longe em longe, levado em sua cadeirinha ricamente adornada, com criados à portinhola. Era homem muito ilustrado e poeta de incontestado talento. Sua conversação leve e colorida, cheia de conhecimentos e salpicada de frases picantes, prendia todos que dele se acercavam. Valeu-lhe essa verve, por vezes sarcástica, a fama de pessoa de má língua! O poeta parnasiano Reis Quita, de quem foi condiscípulo em Coimbra, refere-se a ele em uma de suas obras, ao evocar os companheiros da vida acadêmica:

> ..... tu, Sousa do Faial, a quem as Musas
> as correntes franqueam do Parnaso[109] .....

---

[109] *Obras poéticas*, II, 26 (Idílio IV). Domingos dos REIS QUITA (Lisboa, ★ 1728 - ✞ 1770) pertenceu à *Arcádia Olisiponense* com o pseudônimo de *Alcino Micênio*. Autor de poesias e das tragédias *Inês de Castro* e *Hermione*, Almeida Garrett considerava-o o primeiro poeta bucólico português (Lello Universal).

Já o pai, Domingos de Sousa e Silva, nascido em 1699 na ilha Graciosa, amealhara grosso cabedal, após estabelecer-se no Faial no decorrer do primeiro quartel do século XVIII, com um pequeno negócio de exportação de vinhos, panos, farinha, açúcar etc. Prosperou ao ponto de arrendar as propriedades que, nas ilhas das Flores e Corvo, haviam sido confiscadas ao duque de Aveiro, após sua condenação à morte em 12.01.1759, pela participação na conspiração contra D. José I e o marquês de Pombal. Deteve o cargo de escrivão da Câmara da Horta desde 1749 até seu falecimento e era, ademais, morgado mas, ao contrário da praxe seguida pelos membros desta aristocracia, esmerou-se em dar seleta educação aos três filhos: Antônio, herdeiro do vínculo, João José, sacerdote e Manoel Ignácio, mandado estudar em Coimbra.

Curiosa a ascendência destes riquíssimos *Sousas*! Antônio de Sousa e Silva, que foi o pai de Luísa Francisca Sarmento de Lacerda, mulher de Manoel Ignácio de Sousa, era cônsul da Suécia, por patente de 21.06.1755 e teve a jactância de requerer carta para uso de brasão de armas, que lhe foi conferida em 04.12.1756 (escudo esquartelado com as armas dos *Mendonças*, *Furtados*, *Rochas* e *Alvernazes*; timbre: o dos *Mendonças*; diferença: uma brica de prata com um trifólio azul). Logo depois foi feito fidalgo-cavaleiro da Casa Real por alvará de 03.07.1757, título de que muito se orgulhava e cuja abreviatura correspondente, *FICav.CR*, fazia questão de exibir na sua assinatura, numa surpreendente elaboração caligráfica presente em documentos que nos chegaram, firmados por ele[110]. Sentindo talvez que sua ascendência não se tivesse ainda suficientemente adornado da riqueza reabilitadora de senões genealógicos, fez descender o pai de João Mendonça e Ágada de Melo, neto paterno de João de Avis e de Catarina Albernaz Furtado, neto materno de André Furtado de Mendonça e de Maria da Rocha, que seria filha de Salvador Gonçalves e de Isabel Fernandes. Quem sabe, no encaminhamento de todo este atento processo de nobilitação, ter-lhe-ia sido mais simples invocar o Padre Antônio Cordeiro que, ao falar dos *Sousas* da Graciosa, na sua "História Insulana", cita Gaspar Frutuoso para afirmar que "são gente ilustre e conhecida e muito parentes de Gonçalo Ferreira, Porteiro-mor"[111].

Domingos de Sousa e Silva não parecia ter a mesma preocupação que o filho demonstrava com os brasões. A mulher, Bárbara da Trindade, com quem se casou em 24.10.1723, era taberneira estabelecida na rua da Boa Viagem, ignorando-se se foi quando solteira ou depois de casada que exerceu tal mister. Dizem ser possível que ainda depois de casada, pois o marido, homem de ne-

---

[110] Livro de Batismos da Matriz da Horta (Faial): Sérgio Pereira Ribeiro, 16.03.1760.

[111] Cargo palatino somente atribuído pelo rei a fidalgos (v. A. Cordeiro, p. 447).

gócios, somente pensava no lado prático da vida e se mostrava pouco atento às veleidades heráldicas do filho. Além de ocupar-se em enriquecer e dar boa educação à prole, Domingos e Bárbara eram muito religiosos e foram quem mais concorreu para a reedificação da ermida do Pilar, não só monetariamente mas também com a iniciativa de instituir a irmandade cujos estatutos, aprovados em 1729 pelo visitador-geral, contêm, entre outras, as seguintes curiosas disposições: "Os irmãos trarão no braço, por insígnia, uma cadeia de ferro e não de ouro ou prata ... A esta Santa Irmandade se não aceitarão homens titulares nem de menos condição dos que a constituíram ... Não consentirão os nossos irmãos que nos dias das vésperas e festas da Senhora se façam banquetes nem mais daquilo que for de serviço da dita Senhora ..."

A ermida do Pilar tinha sido fundada em 1701 pelo padre Filipe Furtado de Mendonça, ligado por parentesco ao pai de Teresa Mariana da Silveira, mulher de Sérgio Pereira Ribeiro. Logo depois, devastada por um incêndio, foi relegada ao abandono e ficou por muitos anos sem teto nem portas, a ponto de pensarem em demoli-la. Foi quando um grupo de vinte e cinco almas devotas, liderado por Domingos de Sousa e Silva e a consorte, tratou de reconstruí-la. Dotaram-na de um novo retábulo e lajeado de pedra branca, fizeram-lhe escadas e muro ao redor, alargaram-lhe o adro e até lhe construíram uma casa contígua, "para servir de reparo ao sol e chuva dos devotos que fazem suas novenas"[112]. Puseram-lhe também um sino e a ornaram de seu cálice dourado, de um frontal de tela rica, de cruz e tocheiros e, por fim, se congregaram em irmandade, legalmente constituída e regulamentada em 20 de janeiro de 1729. Domingos e Bárbara figuram como primeiros signatários dos estatutos, revistos pelo visitador-geral em 09.08.1734 e confirmados pelo bispado em 17.10.1734. Permaneceram, enquanto viveram, como principais e mais dedicados protetores da ermida, a ponto de a terem dotado com um alqueire e três-quartos de terra lavradia, situada na canada de Sant'Ana, hoje ladeira do Pilar. Fizeram testamento de mão comum, deixando cada qual seis mil missas para serem rezadas dentro de seis meses e uma missa pelo Natal, *in perpetuum,* no dito templo. Domingos de Sousa e Silva morreu em 06.01.1768, com sessenta e oito anos de idade e Bárbara da Trindade, em 06.08.1773, com setenta e sete, justamente no ano em que sua querida ermida foi devastada por um incêndio.

Falecendo, por sua vez, o doutor Manoel Ignácio de Sousa em 15.05.1801 e deixando por herdeiros todos os seus filhos, estes se encarregaram de dispersar a enorme fortuna paterna. Hipotecaram sem escrúpulo nem medida e tudo

---

[112] M. Lima, *Famílias* ..., título XXVIII, nota nº 1, pp. 585-7, fonte destas informações sobre os *Sousas* e a irmandade do Pilar. A canada onde se situava a ermida era uma "estrada estreita", um "caminho".

venderam. Por último, desaparecida a mãe, Dona Luísa Francisca, em 1825, lançaram-se à admirável moradia do Pilar, já despojada de sua decoração e mobiliário e arrasaram-na, como se a fúria de um verdadeiro saque se tivesse abatido sobre ela. Venderam-lhe as portas e janelas, as telhas que a cobriam, os sobrados, o travejamento! Ficaram de pé apenas as paredes, nuas e solitárias, a ressoar ao murmúrio do vento alguns versos soltos de autoria de seu saudoso e versátil construtor, que tanto amor e trabalho a elas dedicara[113]:

Enquanto pelos campos estendidos
só vejo o triste horror da soledade,
quero soltar a voz dos meus gemidos,
quero fartar a minha alma de saudade ...
.....
A tristeza comigo anda lutando
em aparentes risos escondida,
o rosto um ar alegre respirando,
a alma de tormentos combatida;
por desafogo à dor busco um retiro,
ali por Márcia chamo, ali suspiro.

Aos verdes montes do Pilar subindo
estendo p'ra te ver os olhos tristes;
mas não te avisto e só vou descobrindo
o sítio venturoso onde existes;
chamo por ti e tu a meus gemidos
voltas a face, cerras os ouvidos!
.....

Manoel Ignácio de Sousa casara em 18.08.1773 com sua sobrinha, Luísa Francisca Sarmento de Lacerda (★ 19.06.1760 - ✞ 28.05.1825), dama de peregrina formosura e esmerada educação, filha de seu irmão, Antônio de Sousa e Silva, casado em 18.02.1760 com Clara Francisca Angelica Pereira Sarmento (★ 23.09.1744 - ✞ 1772). Esta era filha de Manoel Pereira Sarmento (✞ 31.08.1744) e de Mariana Jacinta Vitória da Silveira (✞ 29.05.1772), casados em 18.11.1743 e sendo neta de Bonifácio Pereira Sarmento e de Maria Gomes de Lacerda, pelo lado paterno e de José Furtado de Mendonça e de Leonarda Antônia da Silveira, pelo lado materno, nela se conjugavam as nobilíssimas linhagens dos *Furtados de Mendonça*, dos *Silveiras* e dos *Pereira-Sarmento-Lacerda*, oriundos, estes, do tronco principal de João Garcia Pereira, um dos primeiros e mais insignes povoadores do Faial, do qual, aliás, Luísa Telles também

---

[113] M. Lima, *Anais* ..., p. 553, com a transcrição dos versos de Manoel Ignácio de Sousa.

descendia por intermédio de sua avó paterna, Úrsula Delfina Pereira de Lacerda. Entre os ancestrais de Clara Francisca Angélica, provenientes desta mesma estirpe, figura Antônio Silveira de Lacerda Pereira Sarmento, nascido em 1618 e falecido em 1686, construtor do solar dos *Lacerdas*, conspícua morada na Horta, situada na rua da Conceição nº 24, onde aquele fidalgo optou pela peculiaridade de não colocar no frontal a usual pedra de armas mas sim quatro escudos ovalados, contendo cada um deles as armas dos *Sarmentos*, dos *Silveiras*, dos *Lacerdas* e dos *Pereiras*[114].

Outra personagem que muito enobreceu esta família foi Brás Pereira Sarmento, falecido em 1606. Ainda jovem saiu a correr mundo, foi para a Índia lutar e lá ganhou um pouco de fama e outro tanto de cabedal. De volta ao Faial, em cumprimento a um voto por ter escapado com vida a um ataque de piratas sarracenos, ocorrido na manhã de 15 de janeiro de 1525, mandou construir uma ermida dedicada a Santo Amaro. A escritura de sua instituição e dote foi finalmente passada em 14 de setembro de 1575 e dela consta a dotação de sete alqueires de terra no sítio do Farrobo, aforada por 20 alqueires de trigo e 300 réis anuais, obrigando-se os dotadores, por essa mesma escritura, a guarnecer a ermida com sino, imagens, vasos sagrados e tudo mais que fosse necessário para a celebração da missa. Nela está sepultado Brás Pereira Sarmento com a consorte, Maria Gomes, em um carneiro debaixo do altar, achando-se lavrado na pedra que o encerra, no nível do solo, o seguinte brasão de armas: escudo esquartelado, tendo no primeiro quartel as armas dos *Pereiras*, no segundo as dos *Sarmentos*, no terceiro as dos *Albergarias*, no quarto as dos *Lacerdas* e, por timbre, o dos *Pereiras*: a cruz do escudo entre duas asas de ouro abertas.

Entre os filhos de Manoel Ignácio de Sousa e Luísa Francisca Sarmento de Lacerda está Francisca Cordélia de Sousa Sarmento de Lacerda, casada com Estácio Machado d'Utra Telles (★ 1776, Sé de Angra). Foram eles os pais de Luísa Telles, casada com Guilherme Ribeiro.

Francisca Cordélia nasceu em 29.03.1781 (Matriz, Horta). Por tudo que representavam seus pais e avós, foi uma das mais ricas, senão a primeira herdeira faialense. Assim seu casamento com o tenente de Milícias, futuro coronel, comandante do respectivo regimento no Faial, Estácio Machado d'Utra Telles, constituiu um acontecimento na Horta. O casal foi residir no palacete de três andares da rua de São Francisco, atual rua Walter Bensaúde nº 8, esquina da rua de Jesus, o qual, tal como a casa do Pilar, se tornou também um famoso

---

[114] J. Bettencourt Brum, *Coisas da nossa terra* (Horta: 1994), pp.63-5. O avô materno de Clara Francisca Angélica Pereira Sarmento, José Furtado de Mendonça, era vereador da Câmara da Horta, em 1761 (A. F. Serpa, *Os Flamengos na ilha do Faial – A família Utra*, pp. 138-9).

ponto de reunião da sociedade faialense. Nela se repetiam os bailes luxuosos e os serões, onde Francisca Cordélia, inspirada no talento literário do pai, versejava para os convivas. Falava francês, inglês e italiano e de suas poesias, quase todas infelizmente perdidas, ficou curiosamente o seguinte epigrama satírico, dito a propósito de uma dama da sociedade, de reputação oscilante mas que trazia ao peito uma imagem de ouro do Menino Jesus[115]:

Nas fábricas de escultura,
Onde bonecos se engenham,
Para que os fregueses venham,
Põem à porta uma pintura;
Hoje as damas com loucura,
Seguindo seus desatinos,
Põem às vezes sobre o peito
Uns bonecos pequeninos,
Como quem diz: ó fregueses,
Aqui se fazem meninos!

Como visto, a família do Coronel Estácio Machado d'Utra Telles deu-se por muito anos, na Horta, um tratamento de grande luxo e representação mas por morte do "Coronel", como era conhecido dos faialenses, ocorrida em 09.10.1831 (Matriz, Horta) e em conseqüência de uma existência faustosa e descuidada, sua viúva acabou por esgotar a fortuna, já bem inferior à do pai. Seguindo a má sina que invariavelmente cerca o destino das antigas e mais preponderantes famílias da ilha, sua morada veio então lamentavelmente a decair. Tendo passado à mão de terceiros, em 1874 foi atingida por pavoroso incêndio e ficou reduzida a umas ruínas requeimadas. Reconstruída, a versão que dela hoje se vê, em elegante fachada cortada por varandins, com grade de ferro batido, ainda guarda certa dignidade, a recordar a era de seu apogeu.

Foi nos tempos de fausto e glória daquela residência que nela nasceu Luísa Telles, criada pelos genitores nas melhores tradições de seus opulentos e cultivados avós e foi nela que Guilherme Ribeiro, mediante o convívio propiciado pela antiga amizade que unia seu pai e seu futuro sogro, veio a conhecer a esposa, com quem se casou em 30.09.1824. A cerimônia, consignada à matriz da Horta, foi na verdade oficiada "no oratório das casas de Sérgio Pereira Ribeiro", por autorização do bispo dos Açores, Dom Frei Manuel Nicolau de Almeida[116]. Essa particularidade, no primeiro quartel do século XIX, dá bem medida da significação da residência e do prestígio de seu proprietário.

---

[115] M. Lima, *Famílias* ..., título XXVIII (*Sousas*), nota nº 9, pp. 597-8.

[116] B.P.A.H., casamentos, Matriz, 1802/1853.

Quatro anos depois, em 1828, Guilherme Ribeiro seria envolvido nas seqüelas da malograda Revolta do Castelo. Após cumprir praticamente dois anos de prisão, sua militância em favor do movimento liberal voltou a exprimir-se mediante o engajamento no primeiro Batalhão de Voluntários Nacionais, formado em outubro de 1831 para a defesa da ilha. Nele, Guilherme, com a patente de alferes, se pôs sob o comando do sogro, Estácio Machado d'Utra Telles, eleito capitão pelos demais oficiais integrantes da unidade mas que, infelizmente, iria falecer logo depois. O fervor militante de Guilherme colheu os bons frutos da vitória liberal e terá sido com imenso regozijo que ele e seus companheiros tomaram conhecimento dos sucessos do duque de Bragança no Continente, em sua gloriosa campanha pela retomada do poder em Portugal. Em 04.07.1833 outra boa notícia veio alegrar os faialenses: por alvará do Duque, a vila da Horta foi elevada à categoria de cidade, gesto que atendia a antigo pleito dos cidadãos locais.

Como já vimos, Guilherme foi nomeado vice-cônsul da França por carta-patente de 27.07.1835, na esperança de poder acumular o cargo com o rendoso emprego de escrivão da Alfândega da Horta[117]. Infelizmente o Governo português se opôs a esta acumulação e, no devido tempo, o notificou da incompatibilidade, em conseqüência da qual ele foi compelido a pedir demissão da função consular em favor do sobrinho, Sérgio Augusto Ribeiro, filho de seu irmão mais velho, Francisco Pereira Ribeiro, o qual foi nomeado para o cargo em 20.03.1841. Esta situação se manteve até 1851, quando Guilherme decidiu então renunciar ao emprego da Alfândega e retomar as funções de agente consular da França, para as quais foi novamente nomeado por carta-patente de 22.08.1851, em substituição ao sobrinho, que foi afastado do cargo. Em 23.09.1851 o irmão, Francisco, o substituiu na Alfândega e, logo depois, em novembro, Guilherme foi eleito para a Câmara da Horta.

Em julho de 1855, após vários apelos ao Consulado-Geral da França em Lisboa, Guilherme conseguiu que sua função de agente consular fosse elevada ao nível de vice-cônsul, para o que lhe foi expedida nova carta-patente em 08.09.1855. Tratava-se de antigo pleito seu, pois lhe incomodava que os colegas dos demais países ostentassem aquele título, enquanto ele se sentia constrangido de ser chamado meramente de "agente consular". Na verdade, embora do ponto de vista funcional as atribuições, vantagens e privilégios de ambas categorias fossem idênticos, a questão se resumia a uma postura hierárquica, pois a

---

[117] Para os cargos ocupados por Guilherme Ribeiro ou seu envolvimento na "Revolta do Castelo", v. A. L. da Silveira Macedo, *op. cit.*; M. Lima, *Anais* ... e *Famílias* ...; e 3ª Parte: "Anais da Família Ribeiro no Faial", doc. 15 a 42 e outros.

patente de vice-cônsul era tradicionalmente emitida pelo rei e, mais modernamente, pelo Ministro das Relações Exteriores, enquanto a autoridade do agente consular emanava de uma delegação de poderes passada pelo Consulado-Geral em Lisboa, que era quem expedia a carta-patente.

Em 1857, Guilherme foi nomeado Tesoureiro da Junta do Distrito da Horta, por intervenção do Ministro da Fazenda do governo do duque de Loulé, Antônio José de Ávila (1806-1881), velho amigo dos *Ribeiros*. Futuro duque de Ávila e Bolama, Antônio José nascera na Horta e se destacara desde jovem nas fileiras do movimento liberal, tendo integrado, com somente 26 anos de idade, a primeira Câmara eleita após a expulsão das forças miguelistas do Faial. Na qualidade de presidente daquele órgão governamental, coube-lhe saudar D. Pedro IV (D. Pedro I, do Brasil), quando de sua visita à ilha, como duque de Bragança, em 1832. De tal forma se impressionou o monarca com a inteligência e ponderação de Ávila que várias das medidas preconizadas pelo jovem político chegaram a ser decretadas pela Regência. O próprio alvará de 04.07.1833, de elevação da vila da Horta a cidade, assinado por D. Pedro IV como duque de Bragança, consignou excepcionalmente que a resolução era devida às exposições feitas pelo ilustre insulano, que "inclinaram a minha benignidade a lhes fazer honra e mercê"[118]. Em 1861 foi feito Par do Reino e, em 1864, o rei D. Luís lhe conferiu o título de conde de Ávila, do qual foi elevado a marquês de Ávila e Bolama e, finalmente, em 1878, a duque do mesmo nome.

No início dos anos 60, a saúde de Guilherme dava sinais de declinar e, um ano depois, foi ele acometido de uma isquemia, em conseqüência da qual ficou privado do uso da mão direita. Já não podendo ocupar-se do Consulado, designou para substituí-lo, em 25.06.1861, o filho, João Sérgio Ribeiro e, em 05.07.1861, encaminhou formalmente a seus superiores o pedido de demissão. Uma semana depois, em 12.07.1861, ao passarem pelo Faial em inesperada visita, o príncipe Jerônimo Napoleão e a princesa Clotilde[119], foram João Sérgio e uma irmã que lhes fizeram as honras, pois Guilherme repousava no Pico e não pode deslocar-se para recepcioná-los. Ciceroneado todo o tempo por estes filhos de seu Vice-Cônsul, após desembarcar, o casal principesco limitou-se a ir conhecer o Passeio Público da Horta, belo jardim nas proximidades da torre do relógio.

---

[118] A. L. da Silveira Macedo, II, 517-8.

[119] Jerônimo Napoleão (1822-1891), filho do ex-rei da Vestefália, Jerônimo Bonaparte (irmão de Napoleão Bonaparte) e primo do imperador da França, Napoleão III. Sua esposa, a princesa Clotilde, era filha do rei da Itália, Vítor Emanuel II [M.-N. Bouillet, *Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie* (Paris: Hachette, 1869)].

Meses depois deste episódio, em 10.12.1861, Guilherme viajou para São Miguel, a fim de buscar tratamento em uma das estâncias hidrominerais daquela ilha, provida de banhos vaporosos e com melhores recursos médicos que o Faial mas veio a falecer ali em 02 de janeiro de 1862, tendo sido logo seguido por Luísa Telles, falecida em 20 de setembro do mesmo ano (Angústias, Horta). Segundo o óbito da Matriz de São Sebastião de Ponta Delgada, Guilherme morreu às oito horas da noite na casa nº 33 do Largo da Praça, naquela freguesia.

Animado por um idealismo algo juvenil, familiarizado com a vida mundana e as figuras exponenciais da Horta e casado com senhora finíssima e muito educada, é de supor que o patrimônio herdado do pai e as funções exercidas tenham possibilitado a Guilherme Ribeiro manter, até o final de seus dias, o trem de vida a que se habituara pessoa da sua posição social. Com efeito, é sempre na correspondência dabneyana, de que seguem alguns trechos, que vamos encontrar menção ao hábito prazeroso a que se ateve a família, mesmo depois da morte de Sérgio Pereira Ribeiro, de freqüentar a casa de praia, na Areia Larga, na companhia de um seleto círculo de parentes e amigos:

"*Bagatelle, Sep. 1st, 1837.*
Yesterday we went to Pico, Maria Leonor, her aunt D. Ursula and Clarinha, Mr. Moura, William Ribeiro, Pamplona ... and the Guerras[120] *and several others!*"

[Tradução: Bagatelle, 1° de setembro de 1837. Ontem formos ao Pico, Maria Leonor, a tia dela, D. Úrsula, e Clarinha, o Senhor Moura, Guilherme Ribeiro, Pamplona ... e os Guerras (120) e várias outras pessoas.]

"*Area Larga, 14/08/1842.*
Mr. Garcia's familly, Thomaz Francisco da Rosa's and Mr. William Ribeiro's families[121] *are here*".

---

[120] Maria Leonor: filha de Guilherme Ribeiro; D. Úrsula: irmã (ou tia) de Luísa Telles; Clarinha: filha de D. Úrsula e prima de Maria Leonor; Mr. Moura: Nicolau Tolentino de Moura, cunhado de Guilherme Ribeiro, casado com sua irmã, Maria Isabel; William Ribeiro=Guilherme Ribeiro; Pamplona: José Pamplona Moniz Corte-Real, casado com Teresa Ribeiro, filha do irmão de Guilherme Ribeiro, Francisco Pereira Ribeiro; Guerras: Francisca Ribeiro (outra sobrinha de Guilherme, irmã de Teresa Ribeiro), casada com Rodrigo Alves Guerra.

[121] Mr. Garcia: Antônio Garcia da Rosa (1790-1876), filho de Manuel Garcia da Rosa, Juiz de Fora no Faial, em 1781. Foi fidalgo da Casa Real, Tenente-Coronel de Milícias, governador civil, interino, do distrito da Horta e barão da Areia Larga (título conferido em 1857). O filho, Manuel Garcia da Rosa, homônimo do avô, formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, seguiu a carreira diplomática e foi Primeiro-Secretário da Legação de Portugal no Rio de Janeiro, em 1850 (por diversas vezes Encarregado de Negócios, a.i.; v. M. Lima, *Famílias* ..., Título XII e pp. 265 e 728; e A. E. M. Zúquete, II, p. 294). A família imperial distinguia-o com deferências e quando o conde d'Eu esteve em Lisboa, durante o banimento, Manuel Garcia da Rosa era um dos que o acompanhavam. Eram aparentados com os *Ribeiros*, pois também provinham dos *Rosas* e dos *Pereiras* (*cf.* em 1868, Thomaz Pereira da Rosa era Juiz de Paz na Horta).

[Tradução: Areia Larga, 14/08/1842. As famílias dos Senhores Garcia, Thomaz Francisco da Rosa (121) e Guilherme Ribeiro estão aqui.]

Quanto ao temperamento de Guilherme Ribeiro, podemos quiçá intuí-lo das seguintes expressivas citações dos irmãos Joseph e Henry Bullar. Em seu já mencionado livro de viagem "*A Winter in the Azores and a Summer in the Baths of Furnas*" eles registram, em abril de 1839, que se hospedaram numa casa da Areia Larga, conseguida por intermédio dos *Dabneys*, a qual tudo faz crer, pelos motivos já expostos, tratar-se daquela pertencente aos *Ribeiros*. Abstraída certa arrogância e uma dose de desdenhosa ironia, típica de escritores ingleses viajantes do século passado, o texto resulta sem dúvida lisonjeiro no que respeita ao nosso preclaro avoengo:

"*The owner of this house ... possesses that mixture in his nature which Bacon sets down as so useful in going through life, — 'a little of the fool, and not too much of the honest! ... a landlord who considered it a part of his duty to bestow his company as well as food upon his guests and whose provoking good-humour made it impossible to get rid of him*".

[Tradução: O dono desta casa ... possui em sua natureza aquela mescla que Bacon registra como tão útil para a sobrevivêrncia: um pouco de loucura e não muito de honestidade ... um proprietário que considerava obrigação oferecer aos hóspedes sua companhia, assim como comida, e cujo bom-humor provocativo tornava impossível livrar-se dele.]

A generosa fidalguia, atenta aos deveres do bom anfitrião e temperada de bom-humor, um entusiasmo sem malícia mas não desvinculado do senso pecuniário inerente a certas situações da vida, são características que parecem sobressair deste retrato sumário de Guilherme Ribeiro, traçado, porém, com linhas marcantes.

V

GUILHERME

Foi um dos filhos de Guilherme Ribeiro e de Luísa Telles, GUILHERME TELLES RIBEIRO, quem deu início ao ramo brasileiro da família, ao transferir-se definitivamente para o Brasil trazendo o capital de que dispunha, o qual aplicou na formação de um próspero negócio dedicado à exploração agrícola, ao comércio de importação e exportação e, posteriormente, a um estaleiro de reparação naval.

Sua transferência para o nosso país pode situar-se no final da década de 1840 (provavelmente em 1847) e coincide com o fim do ciclo da laranja e do vinho, cuja exportação vinha até então marcando a economia do Faial. Por um curioso concurso de circunstâncias que teve por fundamento, sobretudo, sua privilegiada localização, a vocação mercantil internacional da ilha já se pre-

nunciava no século XVII quando, a despeito do declínio das produções de trigo e pastel, as embarcações vindas do Novo Mundo e da Índia, fugindo ao fenômeno atmosférico das calmarias, que as privava do imprescindível vento propulsor, aportavam necessariamente na Horta, onde aproveitavam a escala para aguada, reparação, descanso das tripulações e espera de comboio para Lisboa.

Data desta época o enriquecimento de muitos faialenses, que expressavam a bonança em faustosos solares, granéis, armazéns, igrejas e conventos. A elite governante, oriunda dos grandes proprietários detentores do poder político e econômico, ostentava nomes de famílias aristocráticas, vários deles citados ao longo da presente narrativa como incluídos entre os ancestrais dos **Telles Ribeiro**, "descendentes da linhagem dos que no Reino são fidalgos", para usar a formulação de uma carta de brasão de 1519[122]. A título ilustrativo, vejamos como ficaram registrados, nos arquivos do Concelho da Horta[123], os grandes festejos organizados para comemorar a Restauração da monarquia portugue-

[122] Brasão de armas de Mundos Furtado de Mendonça, por carta régia passada em Lisboa, em 1519 (E. de Campos, II, p. 61).

[123] A. L. da Silveira Macedo, I, p. 144.

sa, após o período de união das coroas de Portugal e Espanha (1580-1640). Vale esclarecer que a resistência espanhola estendeu-se nos Açores até 1642 mas, já em 31 de março de 1641, foi possível aclamar oficialmente no Faial o novo rei, D. João IV:

> "Logo que chegaram os emissários da ilha Terceira e se soube da sua vinda, convocou a câmara municipal as três classes em que então se dividia a população, a saber, clero, nobreza e povo, para os paços do concelho. Lida então a carta que eles traziam [na qual se participava a derrota espanhola e a ascensão do novo rei ao trono português] na presença de toda a assembléia, tomou o capitão-mor o estandarte da câmara e chegando-se com ele a uma janela, aclamou por três vezes D. João IV rei de Portugal, a que todos responderam com calorosos vivas, seguindo-se três descargas de mosquetaria dadas por um troço d'ordenanças que se achava formado na praça, a que o castelo de Santa Cruz correspondeu com uma salva real. Em seguida saiu a câmara com toda a assembléia em solene cortejo a percorrer as principais ruas da vila, sendo a referida assembléia composta dos seguintes principais cavalheiros da ilha: o capitão-mor Thomaz de Porras Pereira, o ouvidor das justiças e procurador do donatário, capitão Fernão Furtado de Mendonça, o ouvidor eclesiástico, padre Gregório d'Utra Pereira, vigário da Matriz, dos juízes Manuel Vila Lobos e Pedro Dias Cabral, dos vereadores Mathias da Silveira, Francisco Furtado de Mendonça e Amaro Pereira de Lacerda, do procurador do concelho Pedro Quaresma Furtado e do escrivão da câmara Domingos Pereira Sarmento, do sargento-mor Francisco d'Utra Machado e mais oficiais, dos vigários e prelados das ordens religiosas, do almoxarife e mais empregados da alfândega e outros distintos cavalheiros da ilha".

O século XVIII continuou proveitoso para a burguesia marítimo-comercial e a vila cresceu, em resultado da importância permanente de seu porto como entreposto comercial e ponto de reabastecimento e encontro das rotas internacionais da era pós-industrial. Já ao final do período, que coincide com a nomeação de Sérgio Pereira Ribeiro para agente consular da França, a produção de vinho na ilha do Pico e a cultura da laranja passaram a constituir uma extraordinária fonte adicional de receita. Dos tipos de vinho produzidos, especial era o "verdelho", que ainda existe em alguns pontos da ilha, como a Areia Larga. Chegou a ser famoso pela qualidade e aroma e rotulava-se como vinho do Faial, porque os proprietários das vinhas (entre os quais Sérgio Pereira Ribeiro) eram na maioria faialenses e o exportavam pelo porto da Horta. Era principalmente embarcado para a Inglaterra, Alemanha, América do Norte, Brasil e Rússia, tendo constado que chegou a ser apreciado pelos czares russos[124].

Ademais da afluência proporcionada pelo vinho e pela laranja, cuja exportação atingiu o máximo em 1837, o século XIX trouxe uma nova fonte de recei-

---

[124] C. G. Barreira, pp. 30-4.

ta com a baleação, estimulada pelos negócios da família *Dabney*. A riqueza traduziu-se então nas casas dos morgados e dos principais comerciantes mediante móveis valiosos provenientes do estrangeiro, cravos e pianos imprescindíveis para a educação das meninas bem-nascidas, suntuosas alfaias e serviços de porcelana e cristal e adornos de luxo para as damas, os quais acentuavam a vida galante e amena da sociedade local. No dizer de Carreiro da Costa[125], "a Horta é, com efeito, a mais agradável sala de visitas dos Açores". Já o visconde Júlio de Castilho[126], que foi governador civil da Horta em 1877, traça o seguinte quadro da alta sociedade faialense da primeira metade do século XIX: "Todas as noites (há uns bons 40, 60, 70 anos) se reunia a alta sociedade, os morgados, o capitão-mor, os juízes, a alta milícia, o alto clero, em tertúlias animadas; e competia o loquaz voltarete e o estrídulo gamão com as gavotas e contradanças".

Neste quadro de prosperidade econômica e galanteria social, as famílias fidalgas casavam as filhas com negociantes abastados e vice-versa, conservando entre si, bem vivos, os preconceitos classistas[127] . Passou a ser característica desta aristocracia um raciocínio de casta que permanece ainda em muitas gerações de seus descendentes, assim como uma configuração senhoril em sua atitude geral, com nítida noção das distâncias!...

Seguiram-se as lutas entre liberais e absolutistas que, em 1832, trouxeram duas vezes à ilha o ex-imperador do Brasil, D. Pedro I. Findas essas dissensões, o aumento do tráfego marítimo levou à construção de novos estaleiros de reparação naval e, já em meados do século, à instalação de empresas de armazenagem e fornecimento de carvão à novel navegação a vapor. No entanto já se vislumbrava a decadência das exportações de vinho e laranja, esta, atacada por pragas a partir de 1842, tendo os vinhedos, por sua vez, sido destruídos por completo em 1852, com a invasão do oídio[128]. Por essa época, os *Ribeiros* não parecem ter perdido a posição e o prestígio de que desfrutavam enquanto Sérgio Pereira Ribeiro vivia mas, sem dúvida, as perspectivas econômicas para os jovens já não eram brilhantes. Isso pode ter induzido Guilherme Telles Ribeiro a dar vazão à sua ambição juvenil do outro lado do Atlântico, num país onde empresários faialenses ou a eles ligados, inclusive os *Dabneys*, possuíam interesses comerciais e vários se haviam mesmo instalado.

Ele trocou o Faial pelo Brasil num momento de transição importante, em que a proibição do tráfico negreiro, a partir da Lei Eusébio de Queiroz, em

---

[125] F. Carreiro da Costa, *Esboço Histórico dos Açores* (Pta. Delgada: 1978).

[126] Visc. Júlio de Castilho, *As Ilhas Ocidentais* (Lisboa: 1886), p. 17.

[127] Mª Isabel João, *Os Açores no Século XIX* (Lisboa: Cosmos, 1991).

[128] Mal das vinhas, devido à presença de uma criptogâmica, que é o *Oidium tuckeri* (C. Aulete, *Dic.*).

1850, abriu para a economia brasileira novas perspectivas, geradas pelo desbloqueio de capitais antes empatados naquele comércio, os quais passaram a orientar-se de maneira mais produtiva. Liderado por Irineu Evangelista de Sousa, o barão de Mauá, o processo de industrialização com base no modelo de capitalismo inglês ensaiava os primeiros passos. Datam daquela década a produção da fábrica e dos estaleiros da Ponta da Areia, em Niterói; a criação do novo Banco do Brasil e a conseqüente estruturação de um sistema bancário e creditício; a ampliação do mercado de câmbio e a nova dimensão do comércio exterior do país; a construção da primeira ferrovia, que ligou o porto de Estrela, no fundo da Baía de Guanabara, ao sopé da serra de Petrópolis, seguida, poucos anos depois, do início das operações da Estrada de Ferro D. Pedro II; a inauguração da usina e da rede de iluminação a gás no Rio de Janeiro; e o lançamento das ações da Companhia de Navegação do Amazonas.

O ineditismo da atividade empresarial de Mauá demonstrou que havia enormes possibilidades para pioneiros decididos a beneficiar-se do clima favorável aos negócios. Mercê de seu espírito corajoso e empreendedor, aliado à cultura e elegância de estilo (além do português, falava francês, inglês e alemão), Guilherme seguiu esta trilha e seu triunfo na terra de adoção foi de molde a garantir à sua descendência um padrão financeiro e educacional elevado, capaz de dar-lhe acesso à elite governamental e às altas camadas sociais do país, dentro de parâmetros éticos e religiosos profundamente humanos e orientados por grande apego à família.

Apesar dos altos e baixos a que está sujeita a atividade comercial, soube ampliar consideravelmente o cabedal inicial e, utilizando-se dos conhecimentos e da experiência adquiridos na terra natal, na linha de atividades empresariais que já constituíam tradição em sua família, juntou considerável fortuna, traduzida em importante patrimônio imobiliário; na sede e terras da Fazenda da Posse (Freguesia de Nossa Senhora do Pilar, Município da Estrela, Província do Rio de Janeiro) e no respectivo engenho, dotado de capela particular com direito à celebração de missa; e nas máquinas e aparelhos do estaleiro de reparação naval situado na ilha de Mocanguê Grande, Freguesia de São Lourenço, Município de Niterói, Estado do Rio de Janeiro[129], bens e rendimentos capazes

---

[129] A enunciação não é exaustiva, pois se orienta, a título ilustrativo, pelos bens mencionados no inventário do filho, Guilherme, falecido em 12.04.1894 (Arquivo Nacional, nº 1740, Cx. 1461, Galeria A). A ilha de Mocanguê Grande, hoje cortada por um trecho da ponte Presidente Costa e Silva, em seu acesso a Niterói, passou a abrigar o Centro de Instrução e Adestramento Almirante Átila Monteiro Aché, da Marinha de Guerra. A extensão da fortuna, a amplitude dos negócios e as honrarias obtidas, ademais da ativa vida familiar, são indicadores do dinamismo de Guilherme Telles Ribeiro e da ambição que o animava. Sob esse aspecto, sua psicologia era a de um bom faialense, fiel aos princípios e valores da família da qual provinha, na terra natal.

de assegurar o sustento e a educação primorosa da progenitura. Essa benesse financeira e a correspondente posição social foram acentuadas por dignidades oficiais: ainda no Faial, fora designado vice-cônsul da Holanda e, no Brasil, o imperador Pedro II lhe outorgou a Imperial Ordem da Rosa, no grau de cavaleiro[130].

No Rio de Janeiro dedicou-se ao alto comércio, tendo aberto, já em 1855, em parceria com dois sócios alemães, Hermann Tesdorpf e Gustav Ballauf, a firma "Ribeiro, Tesdorpf & Ballauf", com sede na rua dos Pescadores nº 23 (hoje Visconde de Inhaúma) e filial na rua do Sabão nº 55 (depois General Câmara, desaparecida com a abertura da avenida Presidente Vargas), consignatários e casa de comissões de gêneros de importação e exportação[131]. Em Niterói seus negócios estenderam-se a propriedades na antiga Praça Barão de Mauá (outrora Ponta da Areia), localizada nas imediações da Ponta da Armação, onde hoje se acha instalado o Centro de Armamento da Marinha.

Uma iniciativa sua que é citada como exemplo de investimento pioneiro no campo da técnica dos transportes é um projeto de 1870, não realizado, para construção de elevadores em plano inclinado, no Rio de Janeiro, mediante a utiliação de cabos de arame[132].

Enquanto isso, na Horta, a passagem constante de navios internacionais continuou a estimular ganhos para a elite comercial, que abriu seus salões ao oficialato estrangeiro casadoiro, tendo havido até mesmo, em 1866, o matrimônio da filha de um grande local, Carolina Curry da Câmara Cabral[133], com um membro da alta nobreza européia, o príncipe Constantino Meschersky, aparentado com a família imperial russa. As principais nações da Europa continuaram a nomear representantes de grandes famílias locais como seus cônsules, os quais fomentavam o comércio, agora levado a cabo por intermédio das novas docas do porto, inauguradas em 1876. Nesse contexto, o exame da coleção de documentos oficiais nos arquivos faialenses revela a freqüência com que membros da família continuaram a ser citados por sua atuação social e política ou por ocuparem funções oficiais, na segunda metade do século passado. Mencionam-se, a seguir, alguns casos selecionados, que ilustram quais fo-

---

[130] *Almanak Laemmert* (Rio de Janeiro), ed. 1855, pp. 387 e 465; ed. 1864, p. 463; ed. 1865, pp. 176 e 449; ed. 1869, p. 469; ed. 1875, p. 124.

[131] J. Cruvello Cavalcanti, *Nova numeração dos prédios da cidade do Rio de Janeiro* (Rio: 1878), p. 1239 e F. A. Noronha Santos, *As Freguesias do Rio Antigo* (Rio: Ed. "O Cruzeiro", 1965), p. 108.

[132] F. A. Noronha Santos, *Meios de Transporte no Rio de Janeiro*, 2 vols. (Rio: 1934), p. 452.

[133] Sobrinha, por casamento, de um dos irmãos de Guilherme Ribeiro, João Pereira Ribeiro (v. nota 70 e 3ª Parte: "Anais da Família Ribeiro no Faial", notas 317, 324 e 339).

ram os caminhos tomados pela descendência de Sérgio Pereira Ribeiro no Faial, até os albores do século XX.

Comecemos com o primogênito, Francisco Pereira Ribeiro, (★ 19.06.1784 - ✞ 29.09.1842), que em 1832 foi feito Juiz do Peso da Alfândega da Horta e, em 13.09.1841, foi eleito membro da Junta Geral do Distrito da Horta, onde exerceu as funções de vogal[134]. Casou em 10.04.1809 com Rita Arcângela e foram pais de Francisco Pereira Ribeiro [Filho], Sérgio Augusto Ribeiro, Teresa Ribeiro e Francisca Ribeiro. Vejamos o que fez cada um destes quatro netos de Sérgio Pereira Ribeiro, primos, portanto, de Guilherme Telles Ribeiro.

Francisco Pereira Ribeiro [Filho] (★ 10.10.1821 - ✞ 13.03.1909) foi nomeado em 12.06.1851 para o cargo de feitor e recebedor da Alfândega da Horta, por três meses até assumir, em 23.09.1851, como escrivão da Alfândega, quando o tio, Guilherme Ribeiro, irmão de seu pai, munido da patente de 22.08.1851, deixou este cargo para retomar o posto de agente consular da França que, por sua vez, deixara vago o irmão de Francisco, Sérgio Augusto Ribeiro. Francisco Pereira Ribeiro [Filho] casou em 19.02.1852 com sua sobrinha, Francisca Adelaide Guerra(★ 28.09.1837 - ✞ 29.10.1883), que era filha da irmã de Francisco, Francisca Ribeiro (★ 14.03.1812 - ✞ 21.06.1883), casada em 21.05.1832 com Rodrigo Alves Guerra(✞ 29.11.1840), administrador do real contrato do tabaco e saboarias no Faial (ambos, então, monopólios de Estado) e vice-cônsul da Bélgica e da Suécia.

Além de Francisca Adelaide Guerra, Rodrigo Alves Guerra e Francisca Ribeiro foram pais de Manuel Alves Guerra [Sobrinho] e de Rodrigo Alves Guerra [Filho], futuro barão de Santana (★ 1833 - ✞ 05.05.1901), casado em primeiras núpcias, em 10.11.1855, com sua prima Teresa Ribeiro (★ 27.01.1840 - ✞ 11.09.1882), que era uma das cinco irmãs de Guilherme Telles Ribeiro.

Rodrigo Alves Guerra [Filho] foi agraciado em 1898 com o título de barão de Santana e passou a assinar "Barão de Santana, Rodrigo", a fim de se distinguir do irmão, Manuel Alves Guerra [Sobrinho] (★ Horta, 01.11.1834 - ✞ Bruxelas, 15.10.1910), que foi o 2° barão de Santana[135]. Rodrigo foi nomeado agente consular da França em 28.02.1862, por falecimento de Guilherme Ribeiro, irmão de seu avô, Francisco Pereira Ribeiro e promovido a Vice-Cônsul, em agosto de 1864. Comendador da Ordem de Cristo[136], em 25.04.1867, foi tam-

---

[134] A. L. da Silveira Macedo, II, pp. 160 e 171.

[135] V. nota n° 138; M. Lima, *Famílias ...*, Título XXV (*Ribeiros*), nota n° 9, p. 525 e 3ª Parte: "Anais da Família Ribeiro no Faial", doc. 52.

[136] Arquivos Nacionais/Torre do Tombo: IAN/TT (A.S.E, Decretos, Ministério do Reino), np 1491.

bém cônsul da Rússia, Dinamarca, Suécia e Noruega, além de presidente da Câmara Municipal da Horta, em 1867 e governador civil do Distrito da Horta, de 1879 a 1881. Talvez o cargo mais importante que ocupou, no quadro da administração portuguesa, tenha sido o de presidente da Comissão de Recenseamento Eleitoral, para o qual foi escolhido pelos quarenta maiores contribuintes do Faial. Homem ilustrado, que aliava a graça de um espírito fino aos primores de uma educação esmerada, franco e despido de vaidade, foi dos raros que no Faial souberam manter as proverbiais tradições de hospitalidade de seus avós. Na sua casa, o belo palacete de Santana, propriedade de seu tio paterno, Manuel Alves Guerra (★ Lisboa, 04.09.1814), 1° barão e 1° visconde de Santana, recebia fidalgamente todos os visitantes ilustres, em especial a oficialidade dos navios de guerra dos países que representava, organizando serões, bailes e passeios, a que concorria toda a sociedade elegante da Horta.

É sabido que ali se cultivavam as artes, mormente a literatura e o teatro. Os *Dabneys* nos deixaram memória da festa organizada no palacete de Santana, em 14.03.1866, para celebrar o 54º aniversário de Francisca Ribeiro que, viúva, se manteve ativa na disposição das centenas de flores que emolduraram a representação das três peças encenadas na ocasião: "A mania das recordações"; "O diabo atrás da porta"; e "A criada impagável". Além disso, apresentaram-se três quadros: "Dante e as nobres senhoras de Ravena"; "O altar de Himeneu"; e "A fé", em que a própria Francisca apareceu segurando uma grande cruz, tendo ao pé uma menina que orava. A noite se concluiu com um baile em que se dançou até de madrugada![137]

A propósito, os títulos de barão e visconde de Santana derivam do nome da magnífica propriedade constituída pela ermida de Santana e residência anexa, que Antônio da Cunha e Silveira edificou quando era capitão-mor da ilha do Faial, em 1701, com sua quinta de plantação e de árvores de espinho, por ele também amurada. O conjunto, que havia sido desfigurado por um incêndio, foi comprado aos descendentes por Manuel Alves Guerra, que o reformou e embelezou, fazendo da residência um elegante palacete em linhas que lembram o chamado estilo colonial, com imponente escadaria de acesso.

Rodrigo Alves Guerra [Filho] e Teresa Ribeiro tiveram seis filhos. O mais velho, que recebeu o mesmo nome do pai (e do avô!), Rodrigo Alves Guerra, nasceu no sítio da Areia Larga, em 29.07.1862. Foi um dos mais estimados literatos faialenses, detentor de um estilo leve e gracioso. Como folhetinista, tem páginas intensas, repassadas de um humorismo fácil e borbulhante, às vezes

---

[137] R. L. Dabney, *Annals* .., III, cap. LXIX (1866), p. 1239.

um tanto mordaz mas sem laivos de maldade, todas, porém, de delicado sabor artístico.

Outro dos filhos de Rodrigo Alves Guerra e Francisca Ribeiro foi o já citado MANUEL ALVES GUERRA [Sobrinho], homônimo do tio, o 1º barão e 1º visconde de Santana, que era irmão de seu pai. Nascido em 01.11.1834, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1856 entrou para a carreira diplomática de Portugal como adido à legação na Haia. Em 1861 foi eleito deputado pelo círculo da Horta e, em 21 de maio daquele ano, foi agraciado com o foro de fidalgo-cavaleiro da Casa Real. Retornando à diplomacia, serviu em Bruxelas, Florença, Viena e Londres. Comendador da Ordem de Cristo, foi feito 2º barão de Santana em 14.02.1870, quando o tio deixou vago o título para ser elevado a visconde, por decreto de 16.08.1870. Em 1874 chefiou a legação portuguesa em Washington como Ministro Plenipotenciário. Foi feito 2º visconde de Santana em 15.07.1882, após o que, em 07.12.1882, o título de (3º) barão de Santana passou ao filho, Manuel Fernando Rodrigo José Alves Guerra (★ 08.10.1864). Faleceu em 15.10.1910 como Ministro Plenipotenciário em Bruxelas, onde se havia casado, em 16.09.1861, com Luísa Maria Cornélia Bounder de Melsbroeck, filha de Fernando Désiré Bounder de Melsbroeck, da nobre casa dos barões Bounder, e de Maria Filipina Amélia de Jonghe[138].

Curioso notar que os barões de Santana, descendentes de Rodrigo Alves Guerra e de Francisca Ribeiro, adotaram, como armas, o escudo esquartelado: l, de *Guerras* (das Astúrias); 2 e 4, de *Ribeiros* e 3, de *Pereiras*; coroa de barão e timbre de *Guerras*. Sendo geralmente admitido tratar-se o escudo da parte mais importante, no caso de armas individuais, por nele figurarem as peças demonstrativas da ascendência de seu portador, vê-se que os *Guerras* fizeram questão de realçar em seu brasão que descendiam de Sérgio Pereira Ribeiro, pois a ele dedicaram três quartéis do mencionado escudo. Assinale-se também que o filho do casal Manuel Alves Guerra [Sobrinho] e Luísa Maria Bounder de Melsbroeck, herdeiro do baronato de Santana em Portugal, seguiu inicialmente a carreira diplomática portuguesa, como o pai mas posteriormente adquiriu a nacionalidade belga e foi admitido na nobreza daquele país pelo rei Leopoldo II, em 30.05.1893, com o título de "Baron de Sant'Ana"[139].

A outra filha de Francisco Pereira Ribeiro e Rita Arcângela, TERESA RIBEIRO (★ 11.02.1809 - ✞ 24.08.1867), casou em 01.03.1832 com José Pamplona Moniz

---

[138] O. Coomans de Brachène, *Etat présent de la noblesse belge* (Bruxelas), An. 1984, p. 63; An, 1885, p. 125-6 (v. nota 135).

[139] Bruxelas, *Ministère des Affaires Etrangères, Conseil de la Noblesse*: *Registre aux Copies des Pièces* (1891-1897) — *Registre des copies des lettres patentes étrangères,* I, pp. 9, 12, 18 e 21.

Corte-Real (★ 17.04.1805 - ✞ 24.08.1880), filho do Coronel Teodoro Pamplona, governador militar do Faial em 1864. José Pamplona seguiu a carreira do pai, foi governador da ilha do Pico e exerceu igual função no Faial, de 1852 a 1855, tendo integrado diversas vezes a Câmara da Horta. Um filho do casal, Francisco Ribeiro Pamplona Corte-Real, nascido em 1848, aparece em 1877 como grande proprietário na ilha[140]. No âmbito público ocupava o cargo de oficial-chefe da Repartição da Junta Geral.

Chegamos assim ao outro filho do casal Francisco Pereira Ribeiro e Rita Arcângela, Sérgio Augusto Ribeiro (★ 21.03.1811 - ✞ 17.11.1882), que casou com Rosa Adelaide Maciel em 17.06.1839. Em junho de 1835, quando contava 24 anos de idade, foi escolhido para porta-bandeira do corpo da Guarda Nacional. Em 1840 substituiu o tio, Guilherme Ribeiro, como cônsul da França, até 1851, quando este lhe retomou o cargo, após renunciar ao emprego de escrivão da Alfândega[141]. Em 1854 foi feito vice-cônsul da Dinamarca e, em 1865, foi eleito presidente da Câmara da Horta, da qual se havia mantido membro, em sucessivas legislaturas, a partir de 1857. Em 25.04.1867 foi agraciado com a Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, no grau de comendador[142].

Em 1858 coube-lhe papel importante nas festividades organizadas para recepcionar o infante D. Luís, futuro rei de Portugal, filho da rainha D. Maria II. Como cadete da Marinha, D. Luís aportou na Horta em 2 de novembro a bordo do *Bartolomeu Dias*, o navio de instrução em que estava embarcado. No dia 7 houve um baile oferecido pelo governador civil no solar do falecido morgado José Francisco da Terra Brum, onde o imperador Pedro I (D. Pedro IV, de Portugal) se hospedara por duas vezes, em 1832[143]. Conduzido Sua Alteza ao quarto em que residira o avô, ali lhe foram apresentados todos os descendentes do morgado e com a viúva do primogênito[144], 2ª baronesa de Alagoa, dançou a primeira contradança. A particularidade é que ainda existia na casa um velho criado que servira D. Pedro e que, naquela noite, também serviu um copo d'água ao Infante, seu neto!

---

[140] Núcleo Cultural da Horta: *op. cit.*, p. 280.

[141] A. L. Silveira Macedo, II, pp. 141 e 167. V. 3ª Parte: "Anais da Família Ribeiro no Faial", doc. nº 37-39.

[142] Arquivos Nacionais/Torre do Tombo: IAN/TT. A.S.E. Decretos. Ministério do Reino, np 1491.

[143] O morgado falecera em 1842, depois de ter sido feito barão de Alagoa por Dª Maria II, em 1841 (v. notas 71 e 81; *cf.* Cap. III: "A Ação Liberal"; v. M. Lima, *Anais* ..., pp. 612-4).

[144] José Francisco da Terra Brum Júnior (1809-44), casado com D. Maria Júlia Terra Carvalhal (M. Lima, *Famílias* ..., p. 618).

Dia 11, às 8.30 horas da noite, D. Luís foi assistir ao baile que a Câmara Municipal dava em sua honra, preparado na bela vivenda do comendador Sérgio Augusto Ribeiro, na rua de São Paulo. É mais uma vez em Ernesto Rebelo que vamos buscar o relato desta imponente ocasião: "Por mais cômoda a casa do que os Paços do Concelho, pediram os vereadores para se realizar este baile a bela residência do abastado proprietário, comendador Sérgio Augusto Ribeiro, sendo enfeitada a extensa entrada que a precede, uma rua povoada de arvoredos, com arcos de verdura e uma iluminação à veneziana, destacando-se no fundo, em grade transparente, as armas do Príncipe. O interior daquela morada estava excelentemente decorado, tendo Sua Alteza dois quartos reservados para descansar ou tomar qualquer refresco. Faziam as honras da casa as esposas e filhas dos vereadores, a consorte do proprietário daquele prédio, bem como alguns cavalheiros para este fim convidados"[145].

Infelizmente não há notícia sobre a progênie deste rico e distinto casal!

Ademais de se aparentarem com o importante ramo dos *Alves Guerra*, Francisco Pereira Ribeiro [Filho] e Francisca Adelaide Guerra foram pais de Francisco Pereira Ribeiro Jr., nascido em 15.03.1858. No dizer de José Guilherme Reis Leite[146], "de uma família notável da Horta", foi empresário de importância, vice-cônsul da Noruega, cônsul da Espanha e presidente da Junta da Liga Naval. Eleito para a Câmara Municipal da Horta como vereador, em 1906, foi seu presidente naquele mesmo ano e integrou-a até 1910, quando se retirou para Lisboa, onde morreu em 1929. Foi casado em primeiras núpcias com Alice de Lacerda Bulcão (★ 02.12.1866 - ✞ 15.01.1897), irmã de Eduardo Laemmert Bulcão (★ 18.11.1870), personalidade de destaque na Horta pela posição, fortuna, distinção de trato e elegância com que abria os salões de sua casa, na rua Conselheiro Medeiros nº 18 (outrora rua de São Francisco). Na qualidade de agente consular da França (era membro da "*Légion d'Honneur*") e diretor da "*Fayal Coal*", empresa com interesses vários no ramo da navegação e dos fornecimentos a navios, Bulcão recepcionava com fidalguia a oficialidade de passagem. Sua residência, de aspecto exterior burguês de grande aparato e ricos interiores moldados em gesso, ao gosto da época, certamente construída depois do terremoto de 1926 e situada numa privilegiada localização em gaveto, foi posteriormente adquirida pela Secretaria Regional do Turismo e Ambiente para abrigar o Museu de Arte Sacra da Horta[147].

---

[145] E. Rebelo, *Notas Açorianas* in *Archivo dos Açores* (Pta. Delgada etc), VIII, 5.

[146] *In*: *Política e Administração nos Açores de 1890 a 1910*, p. 79.

[147] *Apud* Pe. Júlio da Rosa, historiador e escritor, vigário da Paróquia de Nª Sª das Angústias (Horta) e fundador do Museu de Arte Sacra da Horta, em correspondência ao autor, em 22.01.1997.

Há ainda mais dois exemplos significativos, que valeria a pena citar. O primeiro é Maria Teresa Ribeiro (★ 10.10.1821 - ✞ 06.02.1901), filha de Sérgio Ribeiro (★ 20.11.1792 - ✞ 07.03.1830), um dos irmãos de Guilherme Ribeiro. Casou-se em 25.08.1845 com Joaquim de Oliveira Pereira (★ 11.01.1820 - ✞ 12.02.1903), que era filho de Antônio de Oliveira Pereira, sargento-mor de Ordenanças e uma das ilustres e conspícuas autoridades do Faial, repetidas vezes membro da Câmara da Horta e cônsul da Espanha. Em junho de 1835 foi feito Tenente-Coronel do corpo da Guarda Nacional e marcou presença em todos os acontecimentos relevantes da história da ilha, até sua morte, em 1868.

Um episódio interessante na carreira de Antônio de Oliveira Pereira foi que ele hospedou, em 1831, o tribuno português José Estêvão Coelho de Magalhães (1809-1869), então simples cadete do Batalhão Acadêmico, fazendo parte do corpo expedicionário que, sob o comando do conde de Vila Flor, submeteu as ilhas de São Jorge, Pico e Faial ao governo de D. Pedro IV. O Conde recomendou ao Sargento-Mor o jovem que desembarcara na Horta, doente e debilitado e este encontrou, no seio da família Oliveira, todos os cuidados de que carecia, dispensados com uma franqueza e carinho inexcedíveis. É Ernesto Rebelo[148] quem conta: "Nas janelas do seu quarto palpitavam umas cortinas leves de cassa; sobre a cômoda, nas jarras de faiança holandesa, havia sempre ramalhetes frescos e flores; e à cabeceira, enquanto doente e mesmo depois, até o último momento de sua permanência no Faial, teve a dedicação solícita e humilde de uma velhota, serva da casa, que àquele jovem tão galante e dócil, de olhar cismador, consagrava uma amizade quase de mãe.

Antônio de Oliveira esforçou-se sempre por tornar alegres e salutares as horas de permanência do seu hóspede, junto de si. Levava-o a passeio de vez em quando; relacionou-o com as melhores pessoas da terra; teve-o consigo, veraneando, na sua casa do Cabeço Chão (Pico), da qual só se descortinavam campos e campos de vinha, a perder de vista — tristonhos campos de lava, ásperos e negros, apenas alegrados pelos pâmpanos verdes das cepas; proporcionava-lhe amiudados serões, à moda do tempo, em que se fazia roda para os jogos de prendas e, ao bater regulamentar das nove horas, se servia o chá familiar, o belo chá verde, aromático e fumegante, em pintalgadas porcelanas da China ... Assim se demorou João Estêvão no Faial, cerca de um ano ..."

Era a fidalga hospitalidade proporcionada por uma grande família faialense, a que pertenciam Maria Teresa Ribeiro e o marido.

Alcançamos por fim a figura de João Sérgio Ribeiro, o único irmão varão sobrevivente de Guilherme Telles Ribeiro (★ 24.08.1836 - ✞ 28.05.1910), casa-

---

[148] E. Rebelo, *Notas Açorianas* in *Archivo dos Açores* (Pta. Delgada etc), VIII, 5; v. notas 69 e 120.

do em 27.11.1871 com CAROLINA DART, de quem teve a GUILHERME DART RIBEIRO. João Sérgio aparece citado em 1863 como grande proprietário nas ilhas e cônsul da Itália[149]. Esta família *Dart*, a que pertencia sua mulher, era de origem inglesa e estabeleceu-se nos Açores no início do século XIX, ligada ao comércio marítimo que, em muitos aspectos, se associava aos negócios da família *Dabney*. Em Ponta Delgada, ilha de São Miguel, fundaram a empresa "Dart e Cª.", armadores e comerciantes. Seu chefe, Joseph Henry Dart, casou em 1834 com Sara Hickling Anglin, neta do notório comerciante Thomas Hickling, nomeado em 1795 cônsul americano em São Miguel, onde se estabelecera desde 1769. Hickling foi o impulsionador da exportação de laranjas de São Miguel para a Inglaterra e os Estados Unidos, em cujo comércio fez grande fortuna. A partir de 1770 projetou em sua propriedade nas Furnas um magnífico parque arbóreo, com plantas exóticas provenientes de diversos países, no centro do qual fez construir uma bela casa de verão, visitada hoje como uma das atrações turísticas da ilha. Sua esplêndida morada em Ponta Delgada, em frente à igreja de São Pedro, hospeda agora um hotel de luxo[150].

Não foi possível determinar mas é provável que este ramo açoreano dos *Darts* esteja vinculado ao da poderosa família americana de igual nome que, na segunda metade do século XX, centrada em negócios financeiros e industriais bilionários, conduzidos a partir do Estado de Michigan e, posteriormente, da Flórida, chegou a possuir parte ponderável dos papéis da dívida externa brasileira, a ponto de influir em sua cotação no mercado internacional. O irmão de Joseph Henry Dart, Thomas Dart, pai de Carolina Dart, casou-se em Ponta Delgada, em 17.12.1851, com Caroline Perry Cough, filha de James M. Cough e dirigiu na Horta o ramo faialense da empresa[151]. Em 1868 recepcionou com um baile em sua casa o príncipe Alfredo, filho da rainha Vitória, da Inglaterra, de passagem pelo Faial a bordo da fragata *Galathea*. Todas essas famílias anglófonas mantinham estreitas relações com os *Dabneys* e seus negócios articulavam-se em poderosa rede de interesses, acentuados por ramificações que chegavam até o Brasil. Assim, o casamento de João Sérgio representou também a consolidação de alianças empresariais, por intermédio de um vínculo de família.

O mesmo parece ter sucedido a Guilherme Telles Ribeiro. Ele casou-se no Rio de Janeiro, em 29.01.1848, com ANNA JOAQUINA DE SOUSA MEIRELLES, nascida

---

[149] Núcleo Cultural da Horta, *op. cit.*, p. 281.

[150] Rolf Osang, *Azoren* (Colônia, Alemanha, Dumont Buchverlag, 1995), p. 70; Elisa W. Nye, *op. cit.*, nota nº 73, p. 91.

[151] *Ibidem*, nota nº 132, p. 96; R.L. Dabney, *Annals...*, III, LXXVII (1868).

em 30.05.1834, filha de Damazo Moreira de Sousa Meirelles e de Francisca Joaquina de Oliveira Barbosa. De uma família tradicional, descendente dos primeiros povoadores da cidade do Rio de Janeiro e aparentada com o próprio Guilherme, provinha de algumas linhagens portuguesas ilustres como *Teles de Meneses* e *Moniz Barreto*.

Conforme era comum entre famílias abastadas do Rio de Janeiro, à época do Segundo Reinado, em algum momento Guilherme mandou contratar uma preceptora alemã para os filhos. Tratava-se de substituir Mademoiselle Maurine Biet, a governanta francesa que vinha zelosamente atendendo a família e estivera com eles na viagem que haviam feito ao Faial, logo após o falecimento de Guilherme Ribeiro e Luísa Telles, em 1862. Haviam então permanecido longamente na ilha, por todo o ano de 1863, enquanto Guilherme finalizava o recebimento da herança e encerrava os negócios do pai. No entretempo, Mlle Biet havia prosseguido com a tarefa de educar a prole dos Telles Ribeiro, que ela também divertia com jogos ao ar livre e passeios pelos arredores da Horta, no dorso dos burricos que constituíam a montaria insulana[152].

Era uma francesa inteligente e preparada, simpática e competente, de idéias próprias, cultivadas no convívio dos bons autores, inclusive alemães e trabalhadas por uma lógica típica de sua formação européia. Não pareceu, portanto, fácil encontrar-lhe uma substituta e foi com desconfiança que os pupilos receberam a jovem Frederica Huder, natural da cidade de Münster, Vestefália, a qual se tornou a segunda esposa de Guilherme e com quem ele teve treze filhos.

---

[152] Dabney, R. L., *Annals* ..., Cap. LXIII (1863), III, p. 1117.

VI

ANNA JOAQUINA

Guilherme Telles Ribeiro casou a primeira vez na igreja de Santana, Rio de Janeiro, a 29.01.1848, com Anna Joaquina de Sousa Meirelles, nascida no Rio de Janeiro a 15.05.1834 e aí falecida a 12.03.1906. Era *filha* de Damaso Moreira de Souza Meirelles (★ 05.04.1801 - ✞ 09.05.1869) e de sua prima terceira, D. Francisca Joaquina de Oliveira Barbosa (★ 24.12.1809 - ✞ 05.03.1836); *neta pat.* de Damaso Moreira de Carvalho (✞ 18.10.1804) e de D. Anna Moreira de Sousa Meirelles; *neta mat.* do Tenente-Coronel Carlos José Moreira Barbosa (★ 12.05.1790) e de D. Escolástica Maria de Oliveira Telles (≈ 24.06.1781); *bisneta pat.* do Alferes Manoel José Moreira Barbosa e de D. Maria Rosa das Mercês (★ 23.09.1749); *bisneta mat.* de Francisco Telles Barreto de Menezes (≈ 22.02.1733 - ✞ 31.12.1806), Juiz de Orfãos, e de D. Francisca Joaquina das Chagas e Oliveira (≈18.09.1741 - ✞ 06.12.1806), filha do Juiz da Alfândega João Martins Brito e de D. Escolástica Maria de Jesus Oliveira.

A família descendia do Capitão Diogo Lobo Teles, um dos primeiros povoadores da cidade do Rio de Janeiro, nascido na Ilha da Madeira por volta de 1594 e falecido no Rio de Janeiro a 23.02.1658, filho de Fernão Lopes Lobo e de D. Antônia de Menezes, casado em segundas núpcias com D. Maria da Silveira, nascida no Rio de Janeiro por volta de 1605 e falecida a 29.09.1687, filha de André Vilalobos da Silveira e de D. Isabel do Souto. Por ocasião da celebração do 4° centenário de fundação da cidade, em 1965, o governador Carlos Lacerda outorgou a seus descendentes a medalha de "Família Quatrocentona".

Anna Joaquina esteve com o marido, por mais de uma vez, na ilha do Faial e lá nasceu uma de suas filhas, Carlota. Nos "Anais da Família Dabney no Faial", a obra editada por Roxana L. Dabney em Boston (EUA), em 1902, a primeira esposa de Guilherme Telles Ribeiro é descrita como uma jovem brasileira muito interessante, que gostava de cantar modinhas e se ocupava fazendo crochê. Embora não revelasse educação esmerada, era uma pessoa franca e de bom coração (v. nota 161, *in fine*).

É a seguinte a ascendência de Anna Joaquina de Sousa Meirelles, na linha do Capitão Diogo Lobo Teles[153]:

Capitão Diogo Lobo Teles, ★ Ilha da Madeira circa 1594, ✞ Rio (Sé 4°, 22) 23.02.1658, filho de Fernão Lopes Lobo e de Antonia de Menezes. Casado (c. 1624) em 2as núpcias c. D. Maria da Silveira, ★ Rio circa 1605, ✞ Rio (Candelária 2°, 70) 29.09.1687, filha de André Vilalobos da Silveira e de D. Isabel do Souto (Maior).

Pais do:

Capitão Francisco Telles (Barreto) de Menezes, ★ Rio (Sé 2°, 41v), ≈ 12.10.1625, ✞ Rio (Candelária 2°, 33v) 06.06.1679. C. circa 1655 c. D. Inês de Andrade, ★ Rio, filha de Inácio de Andrade Machado e de D. Helena do Souto Maior, proprietários do engenho de Sto. Antonio das Pedras, em Irajá (RJ).

Pais do:

Licenciado Luiz Telles Barreto, ★ Rio (Irajá 6°, 11v), ≈ 30.10.1657, ✞ Rio (Candelária 3°, 53) 18.12.1702, solteiro. Entretanto reconheceu como filho e herdeiro o que tivera c. Monica Godinho, ★ Rio e aí ✞ (Candelária 8°, 231v) 17.06.1735, viúva de Jorge de Souza e filha de Francisco Godinho e de Maria de Faria.

Pais do:

Dr. Antonio Telles (Barreto) de Menezes, formado em leis pela Universidade de Coimbra e proprietário do cargo hereditário de Juiz de Órfãos da cidade do Rio de Janeiro, ★ Rio circa 1685 e aí ✞ 28.4.1757 (▫ ilha de Bom Jesus). C. Lisboa (Sta. Catarina 7°, 249v) a 30.11.1715 c. D. Catarina Josefa de Andrade, ★ S. Bartolomeu da Charneca, patriarcado de Lisboa, circa 1695, filha de Carlos Soares de Andrade e de D. Antonia Ferreira da Encarnação.

Pais do:

Dr. Francisco Telles Barreto de Menezes, que herdou do pai o cargo de Juiz de Órfãos da cidade do Rio de Janeiro e foi Familiar do Santo Ofício (1753). ★ Rio (Sé 8°, 86v), ≈ 22.02.1733, ✞ Rio (Candelária 14°, 204) 31.12.1806. C. no Rio (Candelária 6°, 95) a 25.11.1760, em casa do pai da noiva, c. D. Francisca Joaquina das Chagas e Oliveira, ★ Rio (Candelária 6°, 84), ≈ 18.09.1741, ✞ Rio (Candelária 14°, 204) 06.12.1806, filha do Juiz da Alfândega João Martins Brito e de D. Escolástica Maria de Jesus Oliveira.

Pais de:

D. Escolástica Maria de Oliveira Telles, ★ Rio (Jacarepaguá 8°, 222v), ≈ 24.06.1781 (na capela de Bom Jesus da Taquara). C. no Rio (Candelária 8°,

---

[153] C. Rheingantz, *Primeiras Famílias do R. Janeiro*, II, 408; C. Barata e A. Bueno, *Dicionário das Famílias Brasileiras*, II, 2189.

297v) a 10.03.1809, em casa do Dr. Joaquim José Suano, em Botafogo, c. o Tenente-Coronel Carlos José Moreira Barbosa, ★ Rio (Candelária 8°, 253v) 12.05.1790, ≈ 22.05.1790, filho do Alferes Manoel José Moreira Barbosa e de D. Maria Rosa das Mercês. O noivo tinha 19 anos e a noiva já completara 28.

Pais de:

D. Francisca Joaquina de Oliveira Barbosa, ★ Rio (Candelária 10°, 11) 24.12.1809, ≈ 10.01.1810 (Jacarepaguá, fls 202), ✞ Rio (Candelária 15°, 229v) 05.03.1836. C. no Rio (Candelária 9°, 160) a 19.02.1831 c. seu primo terceiro Damaso Moreira de Souza Meirelles, ★ Rio (Candelária 9°, 13v) 05.04.1801, ≈ 09.05.1801, ✞ Rio 09.05.1869 (no Largo do Paço n° 8, 2° andar — casa conhecida por nela situar-se o famoso "Arco do Teles"), filho de Damaso Moreira de Carvalho e de D. Ana Moreira de Souza Meirelles.

Pais de :

Anna Joaquina de Sousa Meirelles, primeira esposa de Guilherme Telles Ribeiro.

É a seguinte a linha do bisavô materno de Anna Joaquina de Sousa Meirelles, o Juiz da Alfândega João Martins Brito:

João Martins Brito, ★ S. João de Brito, termo de Guimarães (arcebispado de Braga, Portugal), ✞ Rio (Candelária 12, 105v) 24.12.1760, filho de Diogo Martins e de D. Maria Gonçalves. C. Rio (Sé 5, 30) a 28.05.1720, na igreja de S. José, c. D. Escolástica Maria de Jesus Oliveira, filha de Antônio João D'Oliveira e de D. Francisca das Chagas.

Antônio João D'Oliveira , ★ Porto (N. S. da Vitória), filho de Manoel João e de Madalena Vaz. C. no Rio (Sé 3, 58) a 23.01.1702, na igreja de S. José, c. D. Francisca das Chagas, ★ Rio, filha de Lourenço da Silva Borges e de D. Beatriz Henriques.

É a seguinte a linha do avô materno de Anna Joaquina de Sousa Meirelles, o Tenente-Coronel Carlos José Moreira Barbosa:

Alferes Manoel José Moreira Barbosa, ★ S. Pedro de Cete, bispado do Porto (Portugal), filho de Custódio José Barbosa, ★ freguesia de S. Pedro de Cete, e de D. Mariana Moreira, ★ freguesia de Rebordosa (Porto). C. no Rio (Candelária 8°, 78v) a 30.05.1789 c. D. Maria Rosa das Mercês, ★ Rio (Candelária 6°, 290) 23.09.1749, ≈ 11.10.1749, filha de Dionisio Pires Querido e de D. Mariana da Ascenção Pinheiro da Távora. D. Maria Rosa das Mercês era irmã de D. Feliciana Maria Joaquina, esposa do Capitão Manoel de Souza Meirelles (v. abaixo a linha de Damaso Moreira de Souza Meirelles).

Dionisio Pires Querido , ★ Sta. Maria de Viade, arcebispado de Braga (Portugal) c. 1720, filho de Manoel Pires Querido e de D. Clara Leal. C. no Rio (Sé

7°, 82) a 07.07.1745 c. Mariana da Ascenção Pinheiro da Távora, ★ Rio (Sé) c. 1724, filha de João Lopes Pinheiro e de Feliciana Maria de Távora.

Na linha de seu pai, Damaso Moreira de Souza Meirelles, é a seguinte a ascendência de Anna Joaquina de Sousa Meirelles:

Capitão Manoel de Sousa Meirelles, ★ S. Pedro de Miragaia — Porto (Portugal), ✞ Rio (Candelária, 65) 29.10.1799, filho de Gabriel de Sousa e de Isabel Meirelles. C. no Rio (Candelária 7°, 39v) a 05.05.1765, na Igreja da Misericórdia, com D. Feliciana Maria Joaquina, ★ Rio (Candelária) e aí ✞ (Candelária 54v) 27.11.1814, filha de Dionisio Pires Querido e de Mariana da Ascenção Pinheiro da Távora. D. Feliciana Maria Joaquina era irmã de D. Maria Rosa das Mercês, esposa do Alferes Manoel José Moreira Barbosa (v. acima a linha do Tenente-Coronel Carlos José Moreira Barbosa).

Pais de:

Anna Moreira de Sousa Meirelles, ★ Rio (Candelária). C. no Rio (Candelária 8°, 196v) a 20.01.1799 c. Damaso Moreira de Carvalho, ★ N. S. do Rosário de Meia Ponte – Goiás, ✞ Rio (Candelária, 168) 18.10.1804, filho do Capitão Manoel Moreira de Carvalho e de D. Rosa Maria Tavares.

Pais de:

Damaso Moreira de Sousa Meirelles, ★ Rio (Candelária 9°, 13v) 05.04.1801, ≈ 09.05.1801, ✞ 09.05.1869.

Destes ancestrais de Anna Joaquina, ressalta indubitavelmente, entre outros, o ramo do Capitão Diogo Lobo Teles, pertencente a uma das mais ilustres linhagens de Portugal, proveniente das notáveis estirpes dos *Teles de Meneses* e dos *Moniz Barreto*. Descendia ele do mesmo tronco do governador-geral do Brasil ao tempo da guerra contra os holandeses (1647), o general Antonio Teles de Meneses, conde de Vila Pouca de Aguiar, assim como do general Francisco Barreto de Meneses, o vencedor da batalha dos Guararapes (1648-9), também ele governador-geral do Brasil[154]. Diogo Lobo Teles era Capitão de Infantaria e nele se estabeleceu, a partir de 1639, que a vara de Juiz de Órfãos do Rio de Janeiro se transmitiria de pai a filho, como se fosse hereditária.

É por intermédio de sua mãe, D. Antônia de Meneses, sétima avó de Anna Joaquina de Sousa Meirelles, que nesta convergem as estirpes dos *Teles de Meneses* e dos *Moniz Barreto*, as mesmas de que procede Diogo Moniz Barreto, nono avô de Guilherme Telles Ribeiro. Ambos, Anna Joaquina de Sousa Meirelles e Guilherme Telles Ribeiro, descendiam de Henrique Moniz e de D. Inês de

---

[154] B. Gerson, 411.

Meneses Barreto, seus décimos primeiros e décimos terceiros avós, respectivamente, assim como do casal Martinho Teles de Meneses e Tareja Vasques Coutinho, seus décimos quartos e décimos sextos avós, respectivamente[155].

Do Capitão Diogo Lobo Teles e de sua segunda esposa, D. Maria da Silveira, foi bisneto o Dr. Antônio Teles (Barreto) de Meneses (1685-1757), ilustre prosseguidor da dinastia no cargo de Juiz de Órfãos da cidade do Rio de Janeiro. Homem de imensas posses, foi proprietário da ilha de Bom Jesus, na baía de Guanabara, onde os franciscanos tiveram uma igreja e convento, edificados em 1704, ao receberem-na em doação da viúva do Capitão Francisco Teles (Barreto) de Meneses (1625-1679). O convento possuía catacumbas, uma das quais localizada sob o altar-mor, destinada a abrigar os túmulos dos *Teles de Meneses*, inclusive o do próprio Dr. Antônio Teles (Barreto) de Meneses, mais tarde ali sepultado. Este benefício não impediria que ele pedisse de volta aos franciscanos pelo menos a metade do que lhes doara sua avó. D. João VI era assíduo visitante da igreja, sem jamais ter faltado às festas de S. Francisco nela organizadas.

A ilha de Bom Jesus era ainda conhecida como dos Frades, ou da Caqueirada, por causa de um crime ali cometido em tempos distantes, quando um morador foi assassinado a bofetões e pancadas, ou caqueiradas, como se dizia no linguajar da época[156]. A ilha permaneceu propriedade dos *Teles de Meneses* e chegou a Guilherme Telles Ribeiro, pois Anna Joaquina de Sousa Meirelles a recebeu de herança de sua avó materna, D. Escolástica Maria de Oliveira Teles.

O Dr. Antônio Teles (Barreto) de Meneses era, ademais, proprietário de parte ou da totalidade do engenho da Pedra (entre os portos de Inhaúma e Maria Angu) e simultaneamente do engenho que se chamaria da Taquara, onde em 1738 mandou levantar uma bonita capela, dedicada à Santa Cruz. As terras da Taquara estão na origem do bairro carioca de Jacarepaguá e na referida capela da Taquara, reconstruída em 1745 e 1824 e existente ainda hoje, foi batizada pelo bispo do Rio de Janeiro, D. José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castelo Branco, em 1781, a citada avó materna de Anna Joaquina de Sousa Meirelles, D. Escolástica Maria de Oliveira Teles.

O engenho da Taquara passou por herança a uma das filhas do Dr. Antônio Teles (Barreto) de Meneses, casada com João Alves Pinto Ribeiro e o herdou o

---

[155] Admitida aqui, como certa, a filiação de D. Inês de Meneses, avó de D. Inês de Meneses Barreto, por alguns contestada. V. "Quadro Genealógico dos *Teles de Meneses*" e "Quadro do Parentesco de Guilherme Telles Ribeiro e de sua 1ª esposa, Anna Joaquina de Sousa Meirelles, pelas linhagens comuns dos *Teles de Meneses* e dos *Moniz Barreto*", ao final da 2ª Parte.

[156] B. Gerson, 372.

comendador Francisco Pinto da Fonseca (RJ 1800-65). Este casou com uma sobrinha de D. Escolástica Maria de Oliveira Teles, D. Ana Maria Teles Barreto de Meneses (1803-1840), filha de seu irmão terceiro, o Dr. Luiz Teles Barreto de Meneses (1766-1826), que sucedera ao avô e ao pai no cargo de Juiz de Órfãos da cidade do Rio de Janeiro. D. Ana Maria Teles Barreto de Meneses casou com o comendador Pinto da Fonseca em 1837, na mesma capela de Santa Cruz do engenho da Taquara, e o filho do casal, Francisco Pinto da Fonseca Teles (1839-1918), herdou por sua vez do pai a propriedade do engenho e foi agraciado pelo imperador Pedro II com o título de barão da Taquara, em 1882.

De Antônio Teles (Barreto) de Meneses foi filho e sucessor o Dr. Francisco Teles Barreto de Meneses (1733-1806), bisavô materno de Anna Joaquina de Sousa Meirelles. Herdou do pai o cargo de Juiz de Órfãos da cidade do Rio de Janeiro e foi Familiar do Santo Ofício (1753). Conforme registrou Brasil Gerson[157], na melhor tradição dos *Teles de Meneses*, gostava ele de possuir terras, como atestam os pedidos de sesmarias que em 1789 dirigiu ao Vice-Rei, D. Luís de Vasconcelos e Sousa. Embora já fosse senhor de dois engenhos, desejava para seu governo outras terras mais, "visto dispor de muitos escravos para cultivá-las ..."

A ele se deve a construção do chamado "Arco do Teles", uma das reminiscências do Rio Antigo, situado na atual Praça 15 de Novembro e vizinho do Paço Imperial (antigo Palácio dos Vice-Reis). Sobre o "Arco" ficavam as luxuosas casas de moradia da família *Teles de Meneses*. Em 1790 nelas funcionava o Senado da Câmara, quando arderam num dos incêndios mais relembrados do Brasil-Colônia. Para combatê-lo saiu às pressas do seu palácio fronteiro o próprio Vice-Rei, D. José Luís de Castro, 2° conde de Resende, que pouco tempo antes sucedera ao Vice-Rei D. Luís de Vasconcelos e Sousa. Tudo quanto continham as velhas casas se perdeu mas, sobre suas ruínas, reergueu-as o Dr. Francisco Teles Barreto de Meneses em duas porções distintas, tendo o "Arco" permanecido como parte integrante do conjunto. Tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), ele ficou de pé quando naquele sítio foi mais tarde construído um grande edifício comercial, num curioso casamento do Rio colonial com a moderna cidade quatrocentona[158].

Em que consistiam estas casas de moradia da família *Teles de Meneses*? Situadas à direita do Largo do Paço e encomendadas pelo Dr. Antônio Teles Barreto de Meneses nos meados do século XVIII, sua planta foi traçada pelo Brigadeiro-engenheiro José Fernandes Pinto Alpoim (1698-1770), o mesmo

---

[157] B. Gerson, p. 411.

[158] *Ibidem*, p. 32.

arquiteto do Palácio dos Vice-Reis, empreendimento, este, inaugurado em 1743 à esquerda do Largo e devido ao primeiro governador, Gomes Freire de Andrada, conde de Bobadela. Eram as casas uns sobradões chegados à rua, em número de três, de fachada unida mas com confrontações bem definidas, o primeiro, na esquina da rua Direita (hoje, 1° de Março), o segundo chegava até o "Arco" e o terceiro ficava além deste, para o lado do mar. É entre os dois últimos segmentos (hoje, de números 32 e 34, na praça 15 de Novembro) que se rasgou a abertura preservada como "Arco do Teles", enquanto os dois sobrados existentes, pelo menos nas lojas térreas, se encontram bastante desfigurados por sucessivas reformas. O "Arco" dá acesso à Travessa do Comércio (antes, beco do Teles), conducente à rua do Ouvidor, e foi o meio arquitetônico de que se serviu o Brigadeiro Alpoim para construir as casas sem interromper a passagem. Foi no terceiro sobrado que se instalou, desde 1757, o Senado da Câmara, devorado pelo pavoroso incêndio a que acima se aludiu[159].

A casa então de nº 6, descrita como possuindo três janelas de sacada e grades de ferro nos dois sobrados, e duas portas, adquirida, metade por compra a Francisco Alves de Castro Rosa (que havia comprado esta metade, em 07.06.1851, a Carlos José Moreira Barbosa, marido de D. Escolástica Maria de Oliveira Teles), e metade por herança deixada a Anna Joaquina de Sousa Meirelles por sua tia avó, D. Maria Rosa Teles de Meneses, foi vendida por Guilherme Telles Ribeiro, em 05.04.1871, a José Joaquim Ferreira Bragança e Manoel Antônio Paes[160]. A 03.06.1871, Guilherme Telles Ribeiro e Anna Joaquina de Sousa Meirelles venderam a José Teixeira de Mesquita Basto a casa então de nº 4 (1º Ofício, L. 315, fl. 120v). Na de nº 8, conhecida por nela justamente situar-se o "Arco do Teles", faleceu em 09.05.1869 o pai de Anna Joaquina, Damaso Moreira de Souza Meirelles.

De seu casamento com Anna Joaquina de Sousa Meirelles, teve Guilherme Telles Ribeiro as seguintes cinco filhas: Francisca, nascida em 1848 e falecida em 08.09.1864; Carlota, nascida em 1853 e falecida em 15.07.1890, casada com Eugênio Joaquim de Sá; Minna, nascida em 24.11.1855 e falecida em 04.11.1929, casada com John Ferguson Murray; Anna, nascida em 1857, casada com Ernest Wilhelm Spann (filho de Karl Anton Spann e de Henriquetta Spann, natural da cidade de Dresde e batizado na igreja católica daquela cidade da Alemanha, capital do antigo reino da Saxônia); Luíza Julieta, nascida em 13.04.1869 e falecida em 14.08.1937, casada com José de Larrigue Faro; e mais três filhos,

---

[159] G. Cruls, I, 167-74; Vivaldo Coaracy, 62-6.

[160] 3º Ofício (RJ), L. 262, fl. 107.

Guilherme, nascido em 07.11.1857 e falecido menino; Carlos Guilherme, nascido em 11.10.1859, e Sérgio, falecido em 1905[161].

Arco do Teles, na praça 15 de Novembro, RJ (foto de Tuxaua P.B. de Linhares)

---

[161] Filhos mencionados no inventário de 1902 (Arquivo Nacional, nº 625, CX 3882, Galeria A). No que respeita aos filhos homens, constam deste documento somente dois, Carlos Guilherme e Sérgio, mas sabe-se que os nascidos foram três. Como Guilherme, nascido em 1857, morreu antes de completar três anos de idade, é possível que a Carlos (★ 1859) tenham juntado mais tarde o nome do irmão falecido, como era costume na época. Quanto à menção à educação de Anna Joaquina nos "Anais da Família Dabney no Faial" (R. L. Dabney, "*Anais ...Part II*", cap. LXIII – 1863, p. 1117), o texto diz que "*She was not very highly educated*" mas a expressão deve ser entendida à luz do modelo educacional previsto para a elite feminina bostoniana da época. Ao que tudo indica, o fato de Ana Joaquina não falar inglês ou francês, nem estar familiarizada com as obras de literatura inglesa que constituíam a leitura obrigatória das mocinhas anglo-americanas daquela faixa social, foi visto pela autora como sinal de "falta de educação esmerada", quando, na verdade, o padrão de formação adotado para jovens pertencentes à elite brasileira contemporânea era diferente (v. notas 88 e 89).

Igreja de St. Lambert – Münster, onde foi batizada Frederica Huder
(foto da visita de Paulo Fernando Telles Ribeiro a Münster, abril de 1995)

VII

FREDERICA

Com a segunda esposa, Frederica Huder, teve Guilherme Telles Ribeiro os seguintes treze filhos: Wilfried, Guilherme, Frederica, Frederico, Luíza, Raul, Bernardo, Hermann, Cândida Carolina, João, Guilhermina, Drago e Sérgio[162].

Friederike Maria Hermine Huder, como era o nome completo de Frederica Huder, nasceu em Münster, Vestefália, em 3 de maio de 1849, filha de Bernhard Huder e de Bernhardine Theresia Vaupel e foi batizada três dias depois, na igreja de São Lamberto (*Lambertikirche*)[163]. Seu pai, nascido em 05.12.1808 e falecido em 26.09.1883[164], pertencia à pequena burguesia de Münster, constituída pelos artesãos e comerciantes de ofício, agrupados em corporações, as poderosas "Guildas" da Idade Média, cuja influência e prestígio alcançaram o século XIX.

---

[162] Na melhor tradição faialense, Guilherme Telles Ribeiro liga-se à família por laços muito fortes. Sua preocupação em pessoalmente ocupar-se do registo civil de cada um dos filhos denota o cuidado de evitar embaraços à prole advinda do segundo casamento. Ilustrativo deste propósito é a declaração de dívida registrada no Juízo do Tesouro Nacional, em 1893, em favor de Frederica Huder, apensa ao inventário aprovado em 17.03.1893 e aberto em 13.06.1893, de que Guilherme Telles Ribeiro (Júnior) foi testamenteiro. Inscrito em 05.07.1893, diz o documento que "todos os móveis, roupas e mais arranjos que existem em casa onde reside pertencentes a D. Frederica Huder, de quem recebeu o dinheiro para a compra dos mesmos objetos". E mais, "que é devedor à mesma senhora de diversas quantias que dela recebeu por diversas vezes, como fosse 7:000$, produto da venda de uma casa dela na rua do Resende nº 163, e outras somas, e que tudo monta a 18:000$, além de 12 apólices de 6:000$ cada uma, dinheiro todo por ele empregado em trabalhos cujo resultado não foi feliz. Para indenização destas quantias e juros, fez cessão à mesma senhora do produto líquido de empresa de salvação do vapor Paraná, naufragado, como também do ... ito (*ilegível*), naufragado na Bahia. Se algum outro bem ou valores vierem a pertencer-lhe, serão repartidos entre a mesma e mais herdeiros" (A.N., nº 83, L. 61, Fl. 96, Galeria B). Não obstante, em 18.02.1902, Anna Joaquina de Sousa Meirelles entrou na Justiça com uma contestação ao Inventário dos bens de Guilherme, aberto em favor de Frederica Huder. Na petição, ela invoca a qualidade de esposa legítima para tentar anular qualquer pretensão de Frederica e seus filhos, alegando que os verdadeiros herdeiros eram ela própria, seus filhos e netos (Juízo da 9ª Pretoria do DF – Inventário nº 436/1902. AN nº 625, Caixa 3882, Galeria A).

[163] *Bistumsarchiv-Münster: St. Lamberti Münster*, Kb. 6, Bl. 126, Nr. 53/1849.

[164] *Standesamt-Münster*: Nr. 867/1883.

A grafia histórica de HUDER é HUDERE, derivada do alemão medieval "Huotaere", antiga alcunha que designava o fazedor de capuzes ou capelos, profissão modernamente exercida pelos "chapeleiros". O primeiro registro deste sobrenome é do século XII, referente a um certo Wilhelm Hudere, cidadão de Colônia (Köln) em 1135.

Tal como o pai, JOHANN WILHELM HUDER (★ 30.08.1777 - ✞ 09.03.1847), Bernhard Huder era mestre-telhador e membro da corporação dos construtores civis enquanto o avô, JOAN FRIEDRICH HUDER, casado com ANNA GERTRUD STÜCKER, integrava a corporação dos mestres-canteiros. A mãe, MARIA ANNA ALDRUP, nasceu em dezembro de 1779 em Lüdinghausen, também na Vestefália e faleceu em 10.03.1847. A mulher, Bernhardine Theresia Vaupel (★ 20.07.1812 - ✞ 01.01.1906), provinha da cidade vizinha de Paderborn e era filha de LUDWIG VAUPEL, comerciante de carnes e de ANNA MARIA REELSEN[165].

Bernhard Huder tinha como especialidade a parte da construção civil que se ocupa dos projetos e cálculos da cobertura dos prédios, isto é, da estrutura de madeira (mais tarde, também de metal) destinada a suportar o telhado. Seu ofício o habilitava a projetar trabalhos destinados a edificações, que podiam variar de uma simples casa a uma catedral. Münster dispunha à época de uma importante escola de formação profissional, a *Baugewerkenschule* (escola para construção civil) e é provável que ele a tenha freqüentado, pois o grau de "mestre" não lhe teria sido conferido se ele não tivesse cumprido todas as fases de aprendizado, que pressupunha também a aquisição dos graus inferiores de aprendiz, artífice e oficial. Como "mestre" ele era o artífice-chefe, capacitado a dirigir outros artífices e a trabalhar por conta própria.

Vale acrescentar que, numa sociedade muito bem estruturada como a alemã, mercê de fatores evolutivos próprios, só o trabalho desfruta do respeito geral, atitude que, nas sociedades ibéricas, ganha maior flexibilidade. Essas características, muito provavelmente, encontram-se na raiz do extraordinário progresso material da Alemanha, hoje um dos países mais ricos do mundo e com uma produção, acumulação e distribuição de riqueza das mais equânimes, numa combinação de elementos que talvez não encontre precedente na história humana. Assim sendo, a aptidão e os conhecimentos requeridos para o exercício de sua profissão, aliados ao título que lhe dava autoridade e autonomia, certamente asseguravam ao pai de Frederica Huder um nível financeiro razoável e a apreciação social correspondente.

Essa situação relativamente estável dos HUDER pode ser medida pelos seus locais de residência, imóveis situados nas proximidades da rua mais importan-

---

[165] *Erzbistumsarchiv-Paderborn: Dompfarrei Paderborn*, B. 4, Nr. 673/1812.

te de Münster e com o metro quadrado mais caro no século XIX, a *Prinzipalmarket*, flanqueada pelas casas da burguesia e lojas do alto comércio local e que guarda, ainda hoje, suas arcadas e belas fachadas renascentistas. A casa familiar[166] de Johann Wilhelm Huder ficava na *Gruetgasse nº 1* e, depois da morte dos pais, Bernhard Huder mudou-se para o velho prédio da *Gruetgasse nº 4*, datado de 1470, cuja estrutura em vigas de madeira constituía o único remanescente de construção civil deste gênero em Münster, até 1903, quando lamentavelmente foi demolido[167]. Esses endereços situavam-se a poucos metros da histórica *Rathaus*, a Prefeitura do século XIV, obra-prima do gótico alemão, em cujo salão da paz (*Friedensaal*) foi assinado em 24 de outubro de 1648 o Tratado da Vestefália, que pôs fim à Guerra dos Trinta Anos[168]. O interesse da casa da *Gruetgasse nº 4* mereceu sua inclusão, sob a referência 1771:593 *Ludgeri-Leischaft 9*, na prestigiosa obra "Os monumentos arquitetônicos e artísticos da Vestefália — A cidade de Münster, vol. I-VI", do Professor Max Geisberg (1875-1943), erudito historiador e ex-diretor do Museu do Estado da Vestefália, que editou um verdadeiro catálogo descritivo dos edifícios de valor na cidade e o estado em que se encontravam, até as duas grandes guerras.

Os Huder eram ademais paroquianos de São Lamberto, a igreja da burguesia de Münster e, depois da catedral, seu principal templo católico, magnífica realização do chamado gótico "flamboyant", construída de 1375 a 1450. Na segunda metade do século passado a cidade contava cerca de 50 mil habitantes, que eram 140 mil às vésperas da Segunda Guerra Mundial e hoje em dia beiram os 270 mil, dos quais cerca de 40 mil são estudantes provenientes de outras regiões do país. De longe, nenhuma chaminé de indústria perturba a perspectiva da bela capital histórica da Vestefália, que permanece acima de tudo um grande mercado agrícola. Avistam-se, sim, os múltiplos campanários e torres das igrejas, com seus telhados de ardósia a acentuar-lhe o prestígio religioso e cultural. Com ruas pitorescas e praças calmas e arborizadas, suas atividades mais importantes orientam-se pela vida política e comercial e por sua famosa universidade, fundada em 1780 e ainda considerada uma das mais importantes da Alemanha.

É provável que Frederica tenha estudado para ser professora primária, tal como dois dos irmãos de seu pai, o tio Gerhard, mestre-escola em Nienberge e a tia Elisabeth, professora em Telgte, lugarejos nos arredores de Münster, pois se tratava de profissão respeitada, que somente podiam abraçar membros de

---

[166] *Stadtarchiv Münster: Personenkartei "Theissing"*, 1817-1840; *Adressbuch* 1853, 1860, 1869.

[167] *Stadtarchiv Münster: Gruppe* XI d., Nr. 154.

[168] Conflito político-religioso entre casas reais européias, católicas e protestantes (Lello Universal).

famílias de excelente reputação e os HUDER gozavam da estima geral. Nesta condição, teria aceitado vir para o Brasil, onde lhe teria sido assegurada uma situação financeira mais favorável, mediante colocação como preceptora dos filhos do próspero negociante português, Guilherme Telles Ribeiro.

Os primeiros tempos na pequena metrópole tropical, ainda dominada por uma estrutura de trabalho escravocrata que lhe condicionava o quotidiano, não devem ter sido fáceis para a jovem alemãzinha, que desembarcou no Rio de Janeiro por volta de 1867. A língua desconhecida, o calor que lhe castigava a pele sensível, a luminosidade a ferir-lhe as delicadas pupilas e, sobretudo, os insetos inesperados, todo o ambiente deve tê-la certamente chocado.

Mas não se pode esquecer que, nesta segunda metade do século XIX, o comportamento da elite carioca havia mudado e o Rio perdera bastante de seu aspecto colonial modorrento. Com o redirecionamento dos investimentos, após a extinção do tráfico negreiro, surgira uma vida urbana mais cosmopolita, que favorecia as reuniões sociais, o teatro, a ópera, os concertos e procurava afastar-se das descrições de Debret e Rugendas, isto é, das lojas de armarinhos vulgares, dos armazéns com carne seca e toucinho expostos, das ruas acanhadas, úmidas e mal cheirosas, onde trafegavam carroças ao fundo musical dos cantos de escravos. Contagiada pela tentativa de imitar a corte francesa, a cidade havia ganho iluminação a gás, inaugurada em 27.03.1854 e assistia ao nascimento da mística da rua do Ouvidor, com suas charutarias, modistas francesas, floristas e joalheiros, onde mais de uma livraria vendia os últimos lançamentos editoriais de Paris. As elegantes movimentavam-se com desenvoltura pelas ruas do centro, calçadas com paralelepípedos a partir de 1854 e os senhores de sobrecasaca e cartola freqüentavam o banco e entretinham-se a comentar assuntos literários ou seus investimentos em ações de empresas. Tudo isso emoldurado por um cenário paradisíaco, onde as incomparáveis belezas naturais se deixavam languidamente embalar nas radiosas ondas da Guanabara.

Decidida a aceitar essa nova realidade e, como boa alemã, impulsionada por extraordinária capacidade de adaptação, Frederica foi-se ambientando pouco a pouco à nova terra que viria, por fim, a adotar como sua, pois havia de ser a pátria de seus filhos extremados.

O estágio como preceptora dos jovens Telles Ribeiro, na Fazenda da Posse, não foi muito longo. Nesse período, terá várias vezes entreouvido zombarias dos pupilos que, às ocultas, lhe davam o apodo de *Karrapatu*, num arremedo de sua exclamação arrevesada ao verificar que um carrapato indesejável teimava em burlar-lhe a aversão e insistia em sugar-lhe o sangue novo, agarrado à sua pele alva.

Já em 1870 era mãe, dando início com Guilherme a uma prole de treze filhos, que soube criar com sabedoria e fortaleza de ânimo, tendo-lhes instilado, ao longo de sua formação, a experiência da cultura européia, os recursos da língua alemã e a tradição cristã de sua alma profundamente religiosa. Suas fotos, no último quartel do século XIX, mostram-na serena e confiante, belamente vestida e ornada de jóias, em algumas delas ao lado de Guilherme e circundada dos filhos pequenos, consciente de sua condição de burguesa abonada e distante da realidade que deixara para trás, na longínqua Alemanha.

Guilherme Telles Ribeiro faleceu em 13 de junho de 1893, às 05:10 hs da manhã, na casa da rua dos Coqueiros n° 59, situada no acesso do Catumbi a Santa Teresa e que viria a desaparecer no início da década de 1960, a fim de dar lugar à saída do Túnel Santa Bárbara, na ligação com Laranjeiras. Foi enterrado no cemitério de São João Batista da Lagoa[169].

Seu patrimônio tinha-se reduzido bastante, em função dos azares da atividade comercial (prejuízos de safra, variação da cotação internacional dos produtos com que negociava, especialmente o algodão) mas, particularmente, em conseqüência da venda de várias propriedades a que se viu forçado, a fim de pagar dívidas de jogo do filho Bernardo. Este teria falsificado a assinatura do pai em algumas letras, dadas como garantia a credores, as quais Guilherme, embora com sacrifício, preferira honrar. A par do estrago financeiro, o dissabor contribuiu para debilitar-lhe a saúde já alquebrada e precipitar sua morte.

A partir deste momento, Frederica assumiu a chefia do clã e a direção dos negócios, agora ameaçados pelas reivindicações judiciais dos herdeiros do primeiro casamento de Guilherme. Quanto ao segundo casamento, entre os treze filhos está Drago Telles Ribeiro[170], nascido em 26 de janeiro de 1891 na praça do Barão de Mauá, na antiga Ponta da Areia, em Niterói. O local não era distante da ilha de Mocanguê Grande, situada ao largo da capital fluminense, onde seu pai possuía um estaleiro. Ele foi o 12° mas não o último filho, pois Frederica daria ainda à luz a Sérgio.

---

[169] Testemunho importante sobre Guilherme e Frederica foi dado pela ex-escrava da família, de nome Isabel, que até ao final da década de 1930 ainda visitava os filhos do casal. Sabe-se que sua condição de cativa era praticamente nominal, pois Guilherme, a quem ela se referia respeitosa e entusiasticamente como "o Comendador", lhe dispensava tratamento bastante humano e até mesmo lhe pagava salário. Isabel era reconhecida a seus antigos amos e lhes dedicava grande afeição, não se cansando de lhes louvar a generosidade e fidalguia. Insere-se no mesmo contexto a figura de Crispim, ex-escravo que, ao final da década de 1940, terminou seus dias como agregado à casa de Drago Telles Ribeiro, na rua Carvalho Alvim n° 735, Tijuca (RJ).

[170] Guilherme teria entendido mal o desejo de Frederica de dar ao 12° filho o nome de *Dagoberto*, havendo-o registrado como *Drago*. *Dagoberto* permaneceu como nome de batismo e é como ficou nos documentos escolares. Adulto, ele chegou a pensar em retificar o registro civil mas preferiu corrigir os certificados de que já dispunha e adotar neles o nome que lhe fora dado pelo pai.

Embora mais raro no Brasil, Drago é apelativo conhecido em Portugal[171], derivado de antiga alcunha que significa "dragão". É também como se conhece popularmente o dragoeiro (*dracaena draco*), arbusto da família das liliáceas, nativo das ilhas Canárias e encontrado nos Açores, onde é considerado uma das mais belas árvores ornamentais. Do tronco, que se ramifica em forma dicotômica, extrai-se uma resina de cor avermelhada denominada "sangue-de-drago". Alcança 18 metros de altura e 6 metros de copa e é extremamente longevo, podendo chegar a mais de 700 anos de idade, embora só comece a dar flores após os 25 anos. O alemão Hieronymus Muntzer, conhecido como doutor Monetarius, ao descrever o Faial no relato da viagem que fez a Portugal e Açores, em 1494, diz que a ilha era "... abundante de madeira de drago ou dragoeiro ..." Na cidade da Horta há exemplares desta espécie que ornam logradouros como o Passeio Público e as casas mais tradicionais orgulham-se de ostentar no jardim um secular dragoeiro, como é o caso da *Bagatelle*, outrora residência principal dos *Dabneys*. Seria válido supor que Guilherme Telles Ribeiro tenha querido evocar, no nome do filho, esta árvore imponente, típica da terra natal. Ainda nesse contexto, ocorre lembrar que desde D. João I (1385) o dragão é timbre da casa real portuguesa, pelo casamento daquele rei com Dona Filipa de Lencastre, que o tinha em suas armas. Figura heráldica recorrente em brasões portugueses, aparece também nas armas de algumas distintas famílias, de cujo entrelaçamento descendia nosso bisavô.

Ao perder o pai em 1893, Drago tinha apenas dois anos e foi, portanto, a mãe, auxiliada pelas filhas mais velhas, que se ocupou de sua primeira educação. Em algum momento após ficar viúva, Frederica mudou-se para Salvador, na Bahia, levando consigo os filhos mais novos (os mais velhos teriam ficado no Rio) e foi residir no Corredor da Victória nº 25, sede de um estabelecimento hoteleiro denominado "Pensão Internacional". O menino Drago teria passado aí alguns anos despreocupados, dividindo o tempo entre a escola, banhos de mar e brincadeiras com amiguinhos de infância. Um deles, Luiz S. Magalhães Castro, o "Lulu", também morador do Corredor da Victória, em carta de 02.07.1906, rememora o tempo em que ambos "saíam para pescar ou iam pegar sapos no campo".

Em meados de 1905, com 14 anos, Drago foi para a Suíça a fim de freqüentar o *Knabeninstitut Steinegg*[172], tradicional colégio em Herisau, cantão de

---

[171] *Cf.* Comendador Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, governador militar da ilha Terceira, em 1831.

[172] O *Knabeninstitut Steinegg* (Instituto para Rapazes Steinegg, do nome do bairro de Herisau, em que se situava) funcionou como educandário até fins dos anos 1950, quando a família que o dirigia se desfez dos dois imóveis que o integravam. O prédio do internato guardou o aspecto

Appenzell, não distante da cidade de St. Gallen, dirigido pela família Schmid (Sr. Karl Schmid e filho), tendo aí permanecido até o final de 1906. Não se sabe como a escolha recaiu sobre aquela instituição mas o fato é que, com exceção de Hermann, todos os demais filhos de Guilherme e Frederica foram enviados em algum momento à Europa, a fim de complementarem os estudos. No caso de Drago, aparentemente o único a ir para Herisau, a indicação pode ter partido de um amigo da família, Alfredo Urpia, um ex-aluno que, em cartas enviadas da Bahia ao jovem Drago, se refere com familiaridade aos colegas e proprietários do Instituto, Sr. Karl Schmid "velho e filho", ademais de outras pessoas de suas relações, como a família Longoni, também residente na Suíça.

Alfredo Urpia nasceu em Salvador, Bahia, em 1883. Após o curso em Herisau, já de volta a Salvador em 1903, ingressou na firma "Wildberger & Cia". Tinha, portanto, 21 anos e já trabalhava quando Drago foi para a Suíça. Era filho de Horácio Urpia, nascido em 1842, rico empresário de família portuguesa que, com 13 anos, foi enviado pelo pai para o colégio Clamor Topp, na Alemanha. Concluído o secundário, cursou dois anos de tecnologia na Escola Industrial de Hagen, na Vestefália e regressou ao Brasil em 1860, quando foi fazer a aprendizagem comercial na "Masle, Lackermann & Co.", no Rio de Janeiro. Retornou à Bahia em 1864, onde por 30 anos se dedicou à indústria e às atividades de exportação. Faleceu em 1916, com 74 anos[173]. Sendo empresário de porte, fluente em alemão e familiarizado com a Vestefália, região de onde era originária Frederica, não surpreende que se tivessem conhecido, como parece comprovar o companheirismo do filho, Alfredo, com vovô Drago. É provável que morassem na mesma área do Corredor da Victória, no dizer de Alfredo Moreira Pinto[174], em 1899, "elegante bairro aristocrático, composto de magníficas chácaras e belos jardins", preferido para residência das famílias abastadas de matriz européia. A convivência no círculo social comum pode bem ter levado à sugestão para que Drago fosse estudar no mesmo colégio suíço que Alfredo Urpia havia freqüentado.

---

exterior mas, internamente, os dormitórios, salas de estudo e serviços foram eliminados, de maneira a adaptá-lo a um edifício de apartamentos. Quanto ao prédio da direção, onde se situavam as salas de aula, foi cedido à municipalidade de Herisau, que nele instalou uma escola de música para crianças, inaugurada em 1988. O último proprietário do Instituto, Sr. Karl Schmid, filho, faleceu por volta de 1985. Ao comentar a abertura da escola de música e os trabalhos de adaptação empreendidos no imóvel, a imprensa local referiu-se a ele como à antiga sede do "legendário Instituto Schmid".

[173] H. Neeser, *A Descendência de Horácio Fortunato Urpia* (Separata da Revista do Instituto Genealógico da Bahia, 1946).

[174] A. Moreira Pinto, *Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil* (Rio: 1899), III, p. 476.

A par de um ensino aprimorado, com ênfase nos idiomas alemão, francês e inglês, o internato exigia disciplina dos alunos, que despertavam diariamente às seis da manhã (6.30 hs no inverno) e lhes transmitia método de aprendizado moderno, de que faziam parte os exercícios físicos, a vida ao ar livre e o contato com a natureza.

Esta era onipresente na paisagem circundante, uma nobre moldura para os dois prédios que constituíam o *Knabeninstitut*, separados apenas por um campo verde, na *Eggstrasse*, a rua periférica a cavaleiro da cidadezinha: o da escola, com três andares e fachada em linhas clássicas, que abrigava a direção e as salas de aula; e o do internato, amplo chalé com ático habitável. Em frente ao conjunto, pressente-se a suave encosta que sobe em direção ao maciço do *Säntis*, coroado de neves eternas e, ao fundo, o vale ameno onde repousa o casario colorido e a torre da igreja matriz. Na primavera, vacas e ovelhas no pasto, bosques perfumados e cerejeiras em flor emprestam os traços finais a este quadro de formosa harmonia.

Pode-se imaginar o impacto deste ambiente típico da Suíça alemã, de discreta beleza mesclada de austera severidade, sobre o espírito em formação de um jovem habituado à informalidade tropical do Rio de Janeiro e da Bahia. Contudo, o fato de ter mãe alemã e ser fluente neste idioma terá amenizado qualquer dificuldade que pudesse ter encontrado para absorver o rigor e o formalismo de uma educação tipicamente européia. Esses fatores influenciaram-no a vida toda e deixaram traços marcantes em sua personalidade, caracterizada pelo respeito à ordem e à disciplina e por um comportamento reservado e contido, profundamente ligado à família e afeiçoado à simplicidade do trabalho, sem luxo ou riqueza.

Durante a estada no colégio suíço, Drago trocou assídua correspondência no Brasil com Frederica e os irmãos, que o mantinham a par dos acontecimentos relacionados com a família: nascimentos, casamentos, doenças, luto, infortúnios, qualquer fato podia suscitar uma linha, sempre vazada em termos carinhosos, numa linguagem repleta de ternura e, por vezes, bastante inquieta em relação a pormenores que pudessem pôr em risco a saúde ou a segurança do clã. Assim, mereceram menção o casamento da irmã, Mimi (**Guilhermina**), em 02.05.1906, ou do irmão, **Raul**, também em maio de 1906, o aniversário de Frederica, em 3 de maio, o nascimento da sobrinha **Valina**, filha da irmã **Luíza** e do coronel **Jonathas Salathiel Dias da Rocha** ou até mesmo o gesto corajoso mas temerário do irmão, **Raul**, que se lançou ao mar em 2 de maio de 1906, "dia do casamento de Mimi, véspera do dia 3!", relata Frederica aflita, a fim de salvar uma moça que queria suicidar-se. "Porém não acho tão imponente a ação praticada visto a moça querer morrer e Hans se expondo a afogar-se junto ...", comentou ela, com maternal preocupação, ao referir-se à notícia publicada

no "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro, de 02.05.1908, de seguinte teor: "Uma senhora, decentemente trajada, residente à Rua Senador Furtado, atirou-se ontem ao mar da proa da Barca *Quinta* que partiu às 5 h e 10 m da tarde da ponta da Capital. O Sr. Raul Telles Ribeiro, passageiro da referida barca, percebendo o ato de desespero cometido pela infeliz senhora, atirou-se resolutamente ao mar conseguindo salvá-la. A desesperada, desembarcando em São Domingos, foi conduzida ao Hospital São João Baptista". Chama atenção, no caso, a confusão feita por Frederica ao relatar o fato, quando troca o nome de Raul pelo de João (Hans).

Em outro trecho, manifesta ao filho Drago: "Depois de ter recebido teu retrato, escrevi-te dizendo que tive grande prazer e satisfação de te ver gordo". Em 27.01.1906 comunica comovida: "Receberás a carta com a notícia da morte de minha querida mãe - em 1º de janeiro deste ano ela faleceu tranqüilamente, em idade avançada. Reza pelo seu descanso"[175]. Em 22.06.1906, explode de saudade, no melhor português que lhe permite o substrato da língua materna alemã: "Meu filho do coração, estuda bem para que breve *podermos* estar juntos — que a vida sem um ente querido ao pé de mim é mais do que *desgostoso* — Adeus meu benzinho — saúde e até depois. *Ter* notícias tuas pela Atlantique[176]. Te abraça e beija tua *mamãe*."

Embora em breves mensagens, os irmãos também mostraram-se assíduos correspondentes: "Ao meu inesquecível mano Drago, envio mil saudades, desejando que já tenha melhorado da dor de garganta ... envia-te mil beijos a sincera mana *Lina*". Em outros trechos, Lina queixa-se: "Já tenho te escrito por muitas vezes, porém até hoje não deste importância aos meus cartões e cartas. Peço que me escrevas amiudadamente, pelo menos uns postais com vistas daí". Ou mais terna ainda: "Espero que em breve me escreverás uma extensa cartinha dando-me notícias de tudo que fazes, pois não avalias a minha satisfação quando sei qual a tua vida. Quem me dera que eu pudesse ir até aí voando para abraçar-te ..." Extasiada com a capital brasileira, de que lhe manda um postal, recomenda: "Olha o cais de pharoux[177] como está bonito, é uma beleza o Rio

---

[175] *Standesamt-Münster*: Nr. 13/1906.

[176] Referência à *Compagnie de Navigation Sud-Atlantique*. Seus navios *Atlantique*, de 40 mil toneladas, e *Lutetia* faziam a linha Europa-América do Sul, no início do século XX.

[177] O cais Pharoux, originalmente conhecido como "cais do Pharoux", junto à Praça Quinze, onde hoje se situa a estação das barcas, no Rio de Janeiro. Deve o nome ao Hotel Pharoux, hoje desaparecido, que ficava nas imediações e cujo proprietário era o francês Luís Adolfo Pharoux, natural de Marselha, estabelecido no Rio por volta de 1815. O hotel notabilizou-se pela excelência da cozinha e a qualidade dos vinhos franceses (antes só se bebia na cidade vinho português), tornando-se ponto de referência para a sociedade da época [G. Cruls, *Aparência do Rio de Janeiro* (Rio: J. Olympio, 1955), I, 582; B. Gerson, *História das Ruas do Rio* (Rio: Nova Aguilar, 2000), pp. 25,28 e 32].

de Janeiro". O mais novo, Sérgio, diz-lhe saudoso: "Amado Draguinho, mil votos de felicidades e adiantamentos nos estudos ... aceita um abraço e mil beijos de teu mano, *Sérgio*".

Já ao final da estada na Europa, Drago, agora com 15 anos, recebeu a visita de Frederica que, doente de câncer, decidira viajar, possivelmente também para encerrar assuntos de família, pendentes desde o falecimento do pai, em 1883 e, por último, da mãe, em janeiro de 1906. Ela embarcou no *S.S. Pernambuco*, pertencente à *Hamburg-Südamerikanische Dampfschifffahrts Gesellschaft*, empresa que assegurava a ligação da América do Sul com Hamburgo, no início do século XX. Tendo descido na metrópole hanseática em 24.08.1906, logo se dirigiu à cidade natal a fim de rever parentes e amigos, após tantos anos de ausência. Na viagem, levou o filho mais moço, **Sérgio**, então um rapazinho de 13 anos.

O ambiente que encontrou diferia bastante do que deixara quarenta anos atrás. Sua querida igreja de São Lamberto, onde fora batizada, ganhara uma torre-campanário nova, neogótica, inaugurada em 1898, pois a original, que sobrepusera diversos estilos ao longo dos séculos e recebera, inclusive, uma cobertura barroca, ameaçava ruir e fora demolida em 1881. A bela e tradicional *Prinzipalmarkt*, a rua a que tinha acesso a casa onde se criara, na *Gruetgasse*, fora cortada por trilhos de bonde e passara a regurgitar de gente ao passeio do entardecer, numa animação antes desconhecida. Quanto aos parentes, havendo perdido os pais e o irmão durante os longos anos de estada no Brasil, a família mais próxima se resumia agora a uma tia e alguns primos. O contacto mais importante, portanto, foi com Clara Wörmann, a acompanhante que cuidara da mãe, Bernhardine, na casa da Loerstrasse 15/17, para onde esta se mudara em 1899 e onde vivera até extinguir-se, velhinha, aos 93 anos de idade. Como agregada à família, Clara tinha-se ocupado do funeral e da missa de sétimo dia, na igreja próxima de São Servácio[178] e terá sido ela a entregar a Frederica os objetos pessoais de Bernhardine e a orientar-lhe sobre o que devia fazer para finalizar os assuntos que ainda requeriam suas providências.

Além de deter-se em Münster, Frederica procurou alento para a saúde na pequena estação de *Bad Rosenberg*, nas proximidades de *Neuhausen am Rheinfall*, cidadezinha suíça quase na fronteira com a Alemanha, famosa pelas "quedas d'água do Reno". Estas constituem uma curiosidade geológica, pois um desnível no curso do rio é capaz de produzir as maiores cachoeiras da Europa em volume de água, com uma descarga média de 700 m3 por segundo. O romantismo do sítio, cativante pela massa de espuma branca que se espalha na superfície das águas, atraiu sempre turistas e serviu de inspiração a escritores

---

[178] *Münsterischer Anzeiger* Nr. 4, 03.01.1906.

célebres como Goethe, Hans Christian Andersen e Victor Hugo, cujas descrições entusiasmadas impulsionaram então uma florescente rede de hotéis disseminados na região[179].

Esta atmosfera de imponente e bucólica beleza terá sido o cenário do reencontro de Frederica com Drago, que em 25.08.1906 lhe escrevia do colégio, em correspondência endereçada a Münster: "Espero que tu chegaste em boa saúde em terra. Queria ver-te agora porque as saudades me esmagam... Escreva quando vens e se eu posso te buscar em Zurique. Aceite mil beijos e abraços do filho que te ama do coração, *Drago*".

É difícil retraçar outros deslocamentos de Frederica durante a estada na Europa. Em dezembro de 1906, a filha Lina escrevia de Münster ao "mano Drago", que já retornara à Bahia, a fim de "fazer os mais ardentes votos de felicidades para o novo ano de 1907". Supõe-se que Lina se achasse então com a mãe, em companhia dos parentes alemães.

É certo, porém, que já bastante debilitada, Frederica faleceu em Hamburgo, em 20 de agosto de 1908, aos 59 anos[180], vítima de um ataque de uremia, quando se preparava para retornar ao Brasil no navio *Cabo Verde*. Sua bagagem estava embarcada quando teve de ser socorrida às pressas, vindo a morrer às 23:45 horas na clínica da *Sechslingspforte nº 5*, hoje Hospital St. Georg, localizada na área nobre e residencial do *Alster*[181]. Foi assistida em seus últimos momentos por uma parenta ou agregada que lhe servia de acompanhante, Clara Hettwer Ribeiro, alemã e também viúva que, ao registrar o óbito, declarou residir na *Graummannsweg 20 C*[182]. Foi certamente Clara quem informou do fa-

---

[179] Esses hotéis, implantados na maior parte no século XIX, precederam o chamado turismo alpino, desenvolvido no século XX com a finalidade de estimular a prática do esqui. Quanto aos nomes citados: Johann Wolfgang Goethe (1749-1832), o mais notável dos poetas alemães, autor do "Fausto"; Hans Christian Andersen (1805-1875), poeta e romancista dinamarquês, autor de contos famosos pela graça e riqueza de imaginação; Victor Hugo (1802-1885), poeta, dramaturgo e romancista, autor de "Os miseráveis", "Nossa Senhora de Paris", "Os Trabalhadores do Mar", considerado o grande gênio literário francês do século XIX (Lello Universal; *Nouveu Petit Larousse*).

[180] *Standesamt 21 Hamburg (Hamburg-Barmbek/Uhlenhorst): Register Nr.* 708/1908.

[181] Em 08.09.1908, ainda desconhecendo que a mãe já falecera, tia Rica escreveu da ilha da Madeira para o irmão, Drago, na Bahia: "... mamãe não veio, como devia, no Cabo Verde. Telegrafei para o sanatório para saber notícias. Pois estou inquieta. Escreva-me, tua irmã, Rica". Frederica foi enterrada em 25.08.1908, no cemitério hamburguês de *Ohlsdorf* (Fuhlsbüttler Strasse 756), sepultura nº D 18 - 531, desfeita em 1933, ao se completarem os 25 anos de sepultamento, previstos na legislação local. À época, os filhos sobreviventes cogitaram de promover a transladação dos restos para o Brasil, iniciativa que não chegou a efetivar-se.

[182] O registro de óbito menciona que Frederica residia na *Graummannsweg* 20 C. O imóvel foi destruído durante um bombardeio na Segunda Guerra Mundial e, em seu lugar e terrenos adjacentes, ergue-se hoje um moderno hotel da cadeia americana *Holiday Inn*. Provavelmente era

lecimento a família no Brasil e cuidou do funeral, realizado cinco dias depois e dirigido ao cemitério hamburguês de *Ohlsdorf*[183]. A oportuna menção do sobrenome *Ribeiro* terá servido para afastar dificuldades burocráticas devidas à ausência no local de um familiar direto, para autorizar todas as providências pertinentes.

Com o desaparecimento de Frederica, os filhos sofrem um golpe que traz, para alguns, inesperadas dificuldades. Os mais jovens que, como Drago, ainda não estavam encaminhados, tiveram de procurar rapidamente um emprego, como foi o caso de João que, em 25.08.1908, escrevia: embora "muito bem empregado desde o dia 9, não escrevo cartas por estar desarmado, contando só com o suficiente para o bonde todos os dias. Economia louca ... Apenas as coisas andarem mais favoráveis, escreverei a todos vocês. Adeus, com lembranças, sou o mano que te estima, *Hans*". A um tempo inteligente e arrojado, bondoso e pacífico, João tinha o espírito da aventura e lhe agradavam os empreendimentos em lugares de risco, no interior do Brasil.

Em 25.10.1909 Drago está trabalhando no "Escriptório do Guinle, rua da Praia — Nictheroy, Estado do Rio de Janeiro". Anos mais tarde referiu-se a esse período com palavras amargas, ao dizer que "fui forçado a abandonar os estudos quando terminava o 4º ano ginasial, a fim de ter os recursos para a própria subsistência, pois aos 17 anos perdia a minha boa mãe, ficando órfão. Comecei nessa idade a conhecer as agruras da vida e mercê de Deus, lutando sempre, consegui prosseguir os meus estudos, formar-me com os próprios recursos fazendo um longo curso de 6 anos por correspondência". Essas dificuldades e "agruras" a que alude, após a morte da mãe, devem certamente entender-se num contexto particular, pois traem também a emocionalidade do jovem, influenciado pela privilegiada situação anterior em que vivia.

Do "Escriptório do Guinle" passou para as companhias *Light* e "Jardim Botânico de Ferrocarris", pois não se deve esquecer que o bonde fora introduzido no Rio em 1868, em 1880 já entrava nos hábitos do carioca e, em 1894, principiava a tração elétrica. A primeira empresa a gerir este serviço foi justa-

---

apenas o endereço de passagem de Frederica por Hamburgo, pois até então ela estivera hospitalizada. Tratava-se de pequenas casas, designadas com as letras A, B e C, ao fundo de um jardim interno situado atrás do prédio principal, de número 20, este, ocupado pela firma *Wossidle & Co.* e pela família *Thoms*. A elegância do conjunto, construído em estilo neoclássico, era típica desta zona da cidade, de perfil nobre exclusivo. Sabe-se que os moradores das pequenas casas dos fundos costumavam receber hóspedes por prazos curtos, geralmente viajantes que preferiam aquelas instalações mais econômicas e de ambiente doméstico menos formal que os hotéis (*Staatsarchiv Hamburg: Adressbücher von 1900-35*).

[183] *Hamburger Friedhöfer, Friedhof Ohlsdorf*: D 18 - 531.

mente a *Botanical Garden Rail Road*. Em seguida, a partir de 20.04.1910, Drago ingressou na *Société Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro*, lotado no departamento de eletricidade, encarregado da montagem das estações de transformadores. Em 10.05.1912 foi transferido para o setor responsável pela construção dos novos gasômetros da cidade, como operador do equipamento elétrico da usina de compressores da fábrica de gás. Em janeiro de 1920, já como engenheiro civil registrado junto ao CREA, foi nomeado assistente da divisão de distribuição do gás, na qualidade de engenheiro eletricista. Depois de designado chefe da seção de canalização, em 01.05.1939, coroou a carreira com a nomeação, em abril de 1949, para Superintendente da Distribuição e, como tal, graças à altíssima competência e amplos conhecimentos especializados, passou a ser o supervisor da execução do serviço externo, a que competia o controle da segurança do fornecimento de gás canalizado a toda a cidade do Rio de Janeiro. Aposentou-se neste cargo, um dos mais elevados do nível técnico da empresa, em 31.12.1954.

Com a esposa, Albertina de Andrade (Branquinha), Drago teve quatro filhos, **Ayrton**, Neusa, **Jerson** e **Arycléa** (Cleíta), os quais lhes deram quatorze netos e vinte e oito bisnetos.Os demais irmãos encontraram, cada um, seu próprio caminho: o mais velho, Wilfried, casado com Anízia Maria Serpa, teve dois filhos, **Guilherme** e **Amizuê**, que morreram meninos. O segundo irmão, Guilherme, faleceu de varíola (febre perniciosa) em Niterói, em 12.04.1894, solteiro e com 22 anos. Frederica (tia Rica), casada com o rico negociante português Alfredo Aleixo Fernandes, viveu algum tempo no Recife e passava longas temporadas na Europa e na ilha da Madeira, em companhia dos parentes do marido, que era madeirense. Frederico casou com Josefa de Azevedo, com quem teve uma filha, **Irma**, que nasceu e foi batizada em Campos, Estado do Rio. Consta que Frederico morreu naquela cidade durante tiroteio com bandidos que assaltaram a fazenda em que vivia. Luíza casou-se em 1906 com Jonathas Salathiel Dias da Rocha, oficial do Exército, mais tarde Tenente-Coronel, os quais foram pais de duas talentosas pianistas, **Valina** e **Inocência** (Inoca), além de **Lucília** (Lulu) e **Laura**. Raul, casado com Isalinda Chavantes (tia Lalá), foram pais de **Guilherme Aloysio** (Willy, oficial-engenheiro da Aeronáutica, onde alcançou o posto de Coronel-aviador), **Leônidas** ("Leo", oficial da Marinha, Vice-Almirante do Corpo de Fuzileiros Navais), **Isacyr** (oficial do Exército da arma de Artilharia, onde se reformou no posto de Coronel), e **Helka**. Bernardo guardou fama de jogador e mulherengo, o que lhe valeu passar por ter sido o dilapidador do patrimônio da família. Hermann foi um dos fundadores da Casa Pratt e, casado com Bianca Delaorden, foram pais de **Nelson**, **Lydia**, **Milton** (diplomata que deixou memória no Itamaraty e, em coroamento de esplêndi-

da carreira, foi embaixador do Brasil em Taipé, Seul, Manila e Georgetown), **Dinah, Paulo** e **Jorge.** Cândida Carolina (tia Lina) casou-se com o suíço Max Alfred Weber e foram pais de **Fritz, Hans, Susanna, Lina, Max, Louise-Antoinette** (Nette), **Judith, Marina** e **Alfredo.** João, casado com Evangelina da Cruz Camarão (tia Lili), foi pai de **Helena, Olga, João Camarão** [que fez brilhante carreira na Aeronáutica, onde alcançou o posto de Tenente-Brigadeiro-do-ar; comandou a Escola Preparatória de Cadetes do Ar em Barbacena-RJ (1965-67) e a 1ª Zona Aérea, em Belém-PA (1970-75); indigenista, foi um desbravador da Amazônia e o verdadeiro demarcador do Pico da Neblina, o ponto mais alto do Brasil] e de **Lucy**; com a segunda esposa, Edith Maria Cassimira dos Santos, teve a **Antônio Guilherme** (Tonico), brilhante oficial da Aeronáutica, e **Jânio.** Guilhermina (tia Mimi) casou-se com William John Millions, com quem teve a **John, Arthur William** e **Mary.** Finalmente Sérgio, o último rebento, também batizado com o prenome de Bernardo (Bernardo Sérgio), em homenagem ao avô materno e ao bisavô paterno, após passar temporada na Europa, casou-se com Belarmina (tia Bela) e foram pais de **Álvaro** .

Drago Telles Ribeiro aos 15 anos,
quando estudava em Herisau, Suíça
(foto: Atelier Fels, Herisau – 1905)

Vista atual do antigo prédio do Knabensinstitut Steinegg,
em Herisau, Suíça, onde Drago Telles Ribeiro estudou
(foto de P.F. Telles Ribeiro – 1995)

2ª PARTE

Genealogia dos Telles Ribeiro

"... pelo que resoluto quase estive a passar totalmente tal matéria mas como vejo a Sagrada Escritura cheia de genealogias, não só no Testamento Velho mas também no Novo, nos sagrados Evangelistas; e como o mesmo Deus nos manda, por um Santo Isaías, que atendamos à pedra de que somos cortados e à cova de que saímos (*Isai. 51 n°. I*), que consideremos bem nossos maiores, como versa o doutíssimo Padre Mariana; e São Paulo só proíba tratar de genealogias, de que só nascem contendas e que são vãs e inúteis, como a Timóteo escreve (*Epist. 2 cap. I n° 3*) e como, enfim, todo o extremo em matérias morais é ordinariamente vicioso, por isso me resolvi a nem tratar tanto delas que fique mundana e vã ou fantástica história, nem tampouco as tocar, que falte à fidelidade dos religiosos e católicos doutores a que sigo e ao fruto que devem tirar os descendentes dos exemplos de seus antepassados, imitando os bons e dos maus fugindo sempre. Recopilemos o muito e o melhor que se diz disto, reduzindo a títulos de algumas genealogias o que delas pode ser de maior utilidade e imitação comum."

Pe. Antônio Cordeiro, S.J.: *Historia Insulana (Liv. V, cap. XVII, n° 134).*

Introdução

Apresentam-se a seguir alguns quadros genealógicos e notas explicativas, com as relações entre famílias cuja união, do século XV ao século XIX, está na origem dos Telles Ribeiro. Embora contenham omissões e até mesmo, em alguns casos, possíveis imprecisões, ocasionadas pela falta de dados disponíveis, os diferentes quadros valem por seu caráter ilustrativo e se destinam, mais que tudo, a facilitar a leitura desta obra, na medida em que sintetizam e põem em relevo os elementos informativos que, de outra forma, somente se encontrariam esparsos ao longo da narrativa.

Para melhor entendimento desta seção, consultar o "Glossário Heráldico-Genealógico", no *Apêndice* e recordar que a nobiliarquia portuguesa difere dos demais sistemas europeus do gênero, oriundos da divisão do Sacro Império Romano-Germânico do Ocidente nas vertentes franco-teutônica e itálica. Em Portugal, em virtude de características peculiares derivadas, sobretudo, do fato de a Península Ibérica não ter adotado o feudalismo como ele foi praticado em grande parte da Europa[184], o enobrecimento tinha a ver com a riqueza e as posses as quais, de par com o nascimento, orientavam uma determinada maneira de comportar-se que, em última análise, se descrevia como *viver à lei da nobreza*. Isto significava conquistar fama e poder e cercar-se de certo aparato e serviço (viver do rendimento da sua fortuna, com casa de pedra, criados e cavalos), particularidade que excluía deste círculo seleto os detentores de ofícios mecânicos mas aceitava os comerciantes de grosso trato e podia assimilar os "lavradores abastados", que se conduziam numa forma de vida larga e confortável[185].

Esta regra geral admitia exceções, pois há registro de que, no século XVI, um certo João Luís, pedreiro de profissão e morador em Sintra, o qual foi mestre das obras do forte do Seixal, em Setúbal e na vila de Alcácer, na costa africana do Marrocos, por serviços ali prestados foi feito Cavaleiro por D. João III, em 1550. Um outro, também chamado João Luís, de profissão carpinteiro[186] e

---

[184] "Haverá que, nomeadamente, atender ao fato de a realidade medieval da Península ter sido profundamente marcada pelo 'fenômeno' da Reconquista, a qual deu contornos específicos à evolução política, social, econômica e cultural dos vários reinos ibéricos" (J. A. Pizarro, I, 112).

[185] A. E. M. Zúquete e A. M. de Faria, *Armorial Lusitano* (Lisboa: Ed. Enciclopédia, 1961), pp. 9-16.

[186] Nos séculos XV a XVII a expressão englobava uma vasta gama de participantes da construção civil, desde o artífice manual ao técnico dirigente. Para se conhecer a verdadeira situação de um indivíduo nesta atividade há de se estudar sua posição social. Só os técnicos, equiparados na

que trabalhou nas obras do mosteiro de Alcobaça, parece ter sido mais que um simples oficial, pois foi eleito em 1551 para procurador do concelho, cargo de que foi isentado por el-rei. Em ambos casos, a par da distinção excepcional que lhes foi conferida por decisão real, verifica-se a coincidência de o nome *Luís* aparecer como patronímico[187].

Geralmente requeria carta de brasão, mediante um processo de *justificação de nobreza*, quem pretendia afirmar-se na comunidade, muitas vezes porque a família havia deixado de *viver à lei da nobreza* por algumas gerações e a ela havia posteriormente retornado. Já quem detinha nobreza incontestada era quase sempre reconhecido como tal, sem necessidade de comprovação. A nobreza em Portugal não era, portanto, um grupo fechado mas uma classe relativamente aberta, a que podiam aceder outros indivíduos e da qual também se saía, até que se configurassem as condições para a reentrada. Assim, na verdade, a perda da nobreza deveria, em muitos casos, ser encarada mais como uma suspensão do estado nobre do que como sua perda definitiva[188].

Outro elemento essencial deste sistema e que também o individualiza em relação à nobiliarquia franco-teutônica é o fato de Portugal não se ter regido pela *Lei Sálica* (que excluía as mulheres da sucessão). Em conseqüência, a nobreza se transmitia igualmente por via feminina e era, pois, natural que um nobre adotasse em seu brasão as armas do lado materno. Tampouco recebiam os filhos necessariamente o apelido do pai mas podiam herdar o da mãe e é comum deparar-se com quem ostenta o apelido de um dos avós, diferente do dos pais e, até mesmo, com casos em que se retoma o apelido de um bisavô ou bisavó maternos[189]. Sob este aspecto, os apelidos femininos eram freqüente-

---

atualidade aos arquitetos e engenheiros, pertenciam à aristocracia dos agregados populacionais, eram influentes, eventualmente ricos, podiam até corresponder-se com os reis e gozavam do privilégio de escudeiros, quando não tinham foros de nobreza próprios. No caso, o João Luís em pauta talvez fosse rico e ilustrado, sendo de presumir que pudesse escrever com boa caligrafia e correção para a época (*cf.* M. de Abrantes, p. 128; v. notas 214 e 220, abaixo).

[187] F. de Menezes Vaz, *Famílias da Madeira e Porto Santo* (Funchal: 1964).

[188] Edgar H. Brunner, *Do Direito Heráldico* in "Armas e Troféus", separata do Tomo VI, pp. 83-94.

[189] Na virada dos séc. XIII para XIV, induzidos por seu prestígio, o apelido *Sousa* foi adotado pelos descendentes de duas sobrinhas do último varão da casa, o conde D. Gonçalo Garcia de Sousa: uma delas, casada com um Aboim-Portel e a outra, com um Valadares. Depois, uma filha de cada casal contraiu matrimônio com dois bastardos de D. Afonso III, que foram Afonso Dinis e Martim Afonso Chichorro e os descendentes de ambas apelidaram-se como as suas avós maternas. É ainda mais extraordinário que outras duas famílias tenham seguido esta orientação, quando a ligação aos *Sousas* ainda era mais recuada, pois que os filhos de D. João Rodrigues de Briteiros e do 2° conde de Barcelos, D. Martim Gil de Riba de Vizela, também se apelidaram *de Sousa*, por via de uma bisavó comum [J. A. Pizarro, *Linhagens Medievais Portuguesas* (Porto: 1999), II, 614].

mente mais evidenciados que os masculinos, pois os genitores se preocupavam em valorizar o parentesco das filhas, a fim de melhor casá-las. Os homens prescindiam deste cuidado e o que eram devia pertencer ao domínio geral.

Esses nomes de família (apelidos) provinham essencialmente de três fontes: a *toponímica*, quando originalmente vinham precedidos da preposição *de*, indicativa da origem geográfica, partícula essa que, em geral, se perdeu com o tempo (exemplo: *de Pereira*, *de Ribeiro*); a *patronímica*, quando os nomes quase sempre terminam pela desinência *es*, que significa filho ou descendente de (exemplo: *Fernandes*, isto é, filho ou descendente de Fernando; *Teles*, filho ou descendente de Telo); e finalmente as *alcunhas*, atribuídas inicialmente por haver ligação entre a pessoa alcunhada e o objeto ou adjetivo empregado (exemplos: *Peixoto*, que quer dizer "peixe pequeno"; *Pimentel*, que se dizia de um "indivíduo colérico"; ou ainda *Pimenta*, que se aplicava ao indivíduo que negociava com este produto).

No caso de Telles Ribeiro, conforme visto no decorrer da narrativa da 1ª Parte, se trata da justaposição dos apelidos Telles e Ribeiro, a partir do casamento de Guilherme Ribeiro com Luísa Telles, em 30.09.1824. O filho do casal, Guilherme Telles Ribeiro, nascido em 16.04.1827, foi o primeiro a ostentar o sobrenome assim composto e o transmitiu à descendência.

Teles tem origem patronímica e é derivado de *Telo*, eventualmente também usado como designação familiar. Embora tenha caído em desuso, o nome próprio *Telo* foi muito difundido na Idade Média. O apelido *Teles*, do qual deriva[190], provém do rico-homem D. Telo Teles (1109 e 1117), da estirpe castelhana dos *Afonsos*, o qual associou seu prenome aos *Meneses* e o transmitiu até nós, na forma genitiva. Aparece em algumas personalidades conspícuas da História de Portugal, como a rainha D. Leonor Teles, mulher de D. Fernando I (reinou em 1367-83), pertencente à nobilíssima casa dos *Teles de Meneses*, tronco dos *Teles da Silva* (ou *da Silva Teles*) e dos *Teles Barreto*, na origem próxima dos Telles Ribeiro. Já *Ribeiro* é de origem toponímica, derivado do substantivo "ribeiro"[191] e, segundo a tradição, designava originalmente um senhorio na

---

[190] A grafia com dois *eles (ll)* é histórica e, modernamente, também se escreve com apenas um *ele (l)*.

[191] No português atual significa "rio pequeno, regato" e provém do latim *ripariu* = que se encontra pelas margens [de rios]; *cf.* J. P. Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Lisboa: Liv. Horizonte, 1977), V, 99]. Para além da tradição que vincula os *Ribeiros* aos senhores de Cabreira e Ribeira, na linhagem de Maria Pais Ribeiro, a famosa "Ribeirinha", a genealogia moderna lhes situa a origem nos *Guedões*, a partir do casamento de Nuno Gomes Guedeão com Maria Álvares Rabaldes, pais de Pero Nunes (1200), que por ter bens na freguesia de S. Miguel da Ribeira (ou de Ribeiradio), tomou *da Ribeira* como apelido (J. A. Pizarro, *op. cit.*, II, pp. 77, 105-17).

Galiza, pertencente a D. Ordonho Ordonhes, conde de Cabreira e Ribeira, o qual serviu o rei de Leão e Castela, D. Fernando, "o Magno" (1037). Um neto de D. Ordonho, D. Osório de Cabreira, senhor de Ribeira, décimo-neto do rei das Astúrias, D. Afonso I, "o Católico" (739-57), foi para Portugal com o conde D. Henrique de Borgonha (1093) e alguns de seus descendentes usaram o apelido *de* (ou *da) Ribeira*, como D. Martim Pais da Ribeira. Com o tempo, *de Ribeira* se transformou em *de Ribeiro* e terminou, mais tarde, por perder a preposição.

Cumpre esclarecer que, na primeira fase de existência da nacionalidade portuguesa, a nobreza era principalmente constituída por descendentes de fidalgos leoneses, muitos deles com importantes *terras* na Galiza e, por isso, se diz que a nobreza portuguesa de antanho entronca sempre na da Galiza, de Aragão e de Castela[192]. Provinham estes fidalgos de uma trintena de homens estabelecidos no Norte do atual território português, no tempo de D. Afonso VI, de Leão (1065-1109), em cujo reino viveram o Cid Campeador (D. Rodrigo Dias de Bivar) e o conde D. Henrique de Borgonha[193]. Era sobretudo para além do Douro, e especialmente na região do Entre Douro e Minho, que se achavam situados os solares destas famílias notáveis, chefiadas então pelos denominados *ricos-homens*, cuja proeminência como classe no seio da aristocracia era assinalada por sua numerosa clientela de vassalos. Entre estes poderosos senhores incluíam-se chefes de várias famílias de que derivam os Telles Ribeiro, conforme pormenorizadamente exposto mais abaixo. Neste processo, mais precisamente a partir de D. Afonso V, de Portugal (reinou em 1438- 81), os fidalgos que entravam para o serviço da Casa Real passaram a dividir-se em categorias, que mais tarde se reduziram a duas, fidalgo-cavaleiro e moço-fidalgo. É quando a nobreza tomou decididamente o caráter palatino, que se consolidou com o tempo, conforme sobressai na nobilitação observada nos Açores, até o século XIX.

---

[192] A. E. M. Zúquete e A. M. de Faria, pp. 9-16.

[193] Neto de Roberto I, duque de Borgonha, o conde D. Henrique (1070-1114) foi para a Península Ibérica com o objetivo de combater os mouros e obter glória, fortuna e terras, pois a condição de 4° na linha de sucessão o privava de maiores riquezas na terra natal. Distinguir-se nas lutas da "Reconquista" podia significar para ele uma boa boda, dote e ascensão social. Efetivamente, em reconhecimento de seus feitos, em 1096 o rei de Leão, D. Afonso VI, casou-o com Teresa (Tareja), sua filha ilegítima e deu-lhe Portugal, na época simplesmente Condado de Portucale, situado na região retomada aos mouros, entre os rios Douro e Minho. Tendo então chegado até o Tejo, ao vencer a batalha de Ourique, em 1139, o filho e sucessor do casal, D. Afonso Henriques, proclamou o antigo condado reino independente, que foi reconhecido como tal pelo rei de Castela, em 1143 e homologado pelo Papa Alexandre II, em 1179 [A. E. M. Zúquete, *Nobreza de Portugal e do Brasil* (Lisboa: 1960), I, 67-84].

Grande número dos nomes citados nos quadros reproduzidos nesta seção vêm igualmente mencionados no texto da 1ª Parte ("A Ventura"), onde se acham acompanhados dos dados que ressaltam a importância do papel desempenhado por esses protagonistas, no encaminhamento da história da família. A fim de não sobrecarregar excessivamente o texto, considerou-se preferível eximir a narrativa de muitos pormenores de natureza genealógica, relativos a personalidades não preponderantes mas que, não obstante, podem ser de interesse, mesmo que secundário, na caracterização desta mini-saga familiar. São essas as informações que se relacionam a seguir, algumas delas simples anedotas históricas, onde a lenda se confunde com os fatos reais, as quais, neste caso, constituem registro pitoresco, em complementação ao presente trabalho.

Os nomes não incluídos nesta 2ª Parte podem ser encontrados na própria narrativa, onde vêm referidos com o devido realce. A consulta, porém, tem de levar em conta que é por vezes impossível situar o entroncamento das famílias insulanas na linhagem continental. Mesmo quando se trata de descendentes de titulares, detentores de fidalguia reconhecida, no momento que se deseja entroncar o ramo no Continente, esbarra-se na inexistência de dados comprobatórios. As dificuldades são múltiplas, isto porque, conforme ensina o Cônego Fernando de Meneses Vaz em sua obra genealógica sobre a ilha da Madeira[194], "descoberto o nosso arquipélago [da Madeira], durante anos vieram a ele povoadores de todas as classes e condições. Uns, da velha fidalguia lusitana ou ao menos honrados, desde el-rei D. Afonso IV, a quem foram dados grandes tratos de terra em sesmaria, outros de boa nobreza, para a governança das capitanias e, finalmente, gente vulgar da qual alguns, pelo andar dos tempos e acumulação de bens, passaram a viver à lei da nobreza e, pela aliança com filhas de nobres decaídos, entraram na sociedade e tornaram-se nobres também. Dos fidalgos e nobres pouquíssima descendência chegou até nós, por varonia. Legaram-nos seus nomes através de fêmeas, cujos filhos, abandonando o nome paterno, tomavam o materno por ser de maior respeitabilidade e importância, mais nobre e mais chique".

Isto posto, tentemos desvendar os segredos de alguns desses nomes, que adentram a Idade Média familiar dos Telles Ribeiro.

---

[194] F. de Menezes Vaz: *op. cit.*

Nomes

1 - João Luís: nos Açores, a ascendência paterna de Sérgio Pereira Ribeiro, avô de Guilherme Telles Ribeiro, remonta a *João Luís*, natural da freguesia de Capelo, ilha do Faial, que viveu na segunda metade do século XVII.

O patronímico *Luís* aparece em Portugal no século XV, divulgado pela fama piedosa de São Luís[195], cujo culto se espalhou sobretudo no Algarve. Na Madeira manteve-se como apelido por várias gerações, em Câmara de Lobos e no seu Estreito e, como tal, se vincula por ascendência direta ou colateral a um certo João Luís, que ali era dono de um engenho de açúcar, em 1495-6 foi vereador da Câmara Municipal do Funchal e, em 24.12.1495, foi eleito juiz do civil[196]. Ao que tudo indica, provinha de uma família do Continente (Entre Douro e Minho ou Algarve), enraizada no "primeiro povoamento" da ilha a qual, já em fins do século XV, se encontrava fixada na localidade de Câmara de Lobos.

No Faial o apelido aparece já com os primeiros povoadores flamengos, companheiros de Josse van Huerter e Willem van der Haghen (1466), entre eles o irmão de Josse van Aard (Jorge da Terra, v. n° 11, abaixo: Paula da Silveira), chamado Johane Anne (João Anes), que fixou residência na parte Norte da ilha, onde são as freguesias do Salão, Ribeirinha e Pedro Miguel. Casou com *Margarida Luís*, também de proveniência flamenga, de quem houve filhos que usaram o apelido Boim[197].

Sabe-se que Willem van der Haghen (Guilherme da Silveira) foi para o Faial um ano depois de Josse van Huerter, com duas naus carregadas de sua fazenda, acompanhado de muita gente trabalhadora, oficiais de todos os ofícios, entre os quais Pero Pasteleiro e *Govaert Luís* (ou *Guarte Luís*)[198], entendidos na manipulação e cultura do pastel (*isactis tinctoria*).

Consta que Guilherme da Silveira teve a *Guarte Luís* em sua casa alguns anos, com a mulher e filhos, porque lhe semeavam e beneficiavam o pastel. De grande importância para a tinturaria e fabricação de tecidos da época, esta planta foi levada para os Açores pelos flamengos, que ali começaram a cultivá-

---

[195] Luís IX, rei de França, foi canonizado pela Igreja Católica em 1279. Aqui se trata, porém, de seu sobrinho-neto, S. Luís de Anjou, bispo de Toulouse, canonizado em 1317, cujo culto foi levado para Portugal por D. Álvaro Pais († 1349), bispo do Algarve [J. P. Machado, *Dic. Onomástico Etimológico* (Lisboa: 1993), II, 903-4].

[196] Vereações, 1495-6, fls. 89 e 149, no A.D.F. (*apud* F. de Menezes Vaz, *op. cit.*).

[197] M. Lima, *Anais do Município da Horta* (Famalicão: Minerva, 1943), p. 42.

[198] É vária a grafia para este nome flamengo, equivalente a Godofredo, de que derivou modernamente o apelido *Goulart* (*ibidem*, pp. 42, 71-2, 377; *idem*, *Famílias Faialenses*, p. 538; v. nota 208, abaixo).

la e a comercializá-la a partir da Flandres. Falando dela, Valentim Fernandes Alemão ou Valentim Fernandes da Morávia[199], como também ficou conhecido e que era escudeiro da rainha D. Leonor, mulher de D. João II (reinou em 1481-95), escreveu: "... e semeiam o pastel assim: enquanto lavram a terra, então lançam sua semente e a cobrem com o rasto que tem para isso. E isto no mês de fevereiro. E no meio de maio começam a sair folhas como de alface nova, as quais colhem ..."[200].

Embora não seja possível determinar o entroncamento dessas personagens no ascendente direto de Sérgio Pereira Ribeiro, é bastante provável que neles ou em algum outro dos pioneiros flamengos se situe a origem do marido de Ana Rodrigues, pai de Manuel da Rosa Pires.

2 - Maria Pereira: avó paterna de Sérgio Pereira Ribeiro, era natural da freguesia de Castelo Branco (Faial), filha de Amaro Pereira e de Catarina Gularte (✞14.07.1716). A cronologia indica que Amaro Pereira pode ter sido filho de Amaro d'Utra Pereira e de sua prima, Maria Pereira (∞ 15.05.1671), ele, filho de Sebastião Alvernaz (✞ 21.01.1675) e de Maria Almança (✞ 08.05.1663) e ela, filha de Matias Pereira e de Bárbara Luís (∞ 30.10.1645), que por sua vez era irmã de Maria Almança, ambas filhas de Bartolomeu Luís Pereira. Este era filho de Bartolomeu Luís Fialho e de Isabel Pereira, que residia na Freguesia dos Cedros, gente abastada e próximos parentes do tronco principal dos *Pereiras*.[201] É provável que tenham sido os deste ramo, por intermédio da nossa Maria Pereira, os responsáveis por trazer para a família o apelido que, embora vulgarizado, pertenceu originalmente a uma das mais nobres linhagens de Portugal.

Tem origem toponímica, relacionado com uma quinta situada junto ao rio Ave, no *couto* (terra defesa, privilegiada) de Palmeira, freguesia de São Pedro Fins, onde houve uma torre (torre de Pereira) de que ainda existiam ruínas no

---

[199] De origem alemã, Valentim Fernandes foi um renomado impressor português, profissão que exerceu em Lisboa de 1495 a 1516. Era escudeiro da rainha D. Leonor, mulher de D. João II e irmã do rei D. Manoel, e também foi historiador, geógrafo e tabelião público, nomeado em 1503 corretor do mercado de Lisboa para as transações de especiarias destinadas à Alemanha. Traduziu do latim para o português e, de 1506 a 1509, reuniu relatos de viagens e navegações dos portugueses na costa africana, no século XV. Foi perante ele que o degredado Afonso Ribeiro, deixado no Brasil por Pedro Álvares Cabral, dois anos depois prestou um depoimento juramentado, datado de 20.05.1503, sobre sua estada em terras brasileiras [E. Bueno, *Náugragos, Traficantes e Degredados* (Rio: Objetiva, 1998), p. 47; *idem*, *A Viagem do Descobrimento* (Rio: Objetiva, 1998), p. 113].

[200] M. Lima, *Anais* ..., pp. 42 e 377; v. notas 23, 103 e 240.

[201] M. Lima, *Famílias Faialenses* (Horta: Minerva Insulana, 1922), Tít. XXIII, § 10° e nota 68, pp. 437 e 493.

princípio do século XIX. O titular dessa propriedade, rico-homem de D. Afonso Henriques, *D. Rodrigo Gonçalves de Pereira* (1177), o primeiro a tomar o nome da quinta como apelido, também recebeu do pai, D. Gonçalo Rodrigues da Palmeira (c. 1110-54), filho de Rodrigo Froiaz, conde de Trastâmara, o castelo de Lanhoso (distrito de Braga)[202]. Ora, Dª Inês Sanches, sua mulher, aproveitando uma ausência do marido, meteu neste castelo um frade do mosteiro de Santa Maria de Bouro[203], do qual se enamorara. Ao saber do ocorrido, D. Rodrigo voltou a ele, fechou-lhe as portas deixando dentro tudo que lá se achava, inclusive o frade, criados e animais e deitou-lhe fogo. Como alguns o censurassem, pois os criados poderiam morrer inocentes, respondeu que fazia dezessete dias que o frade ali se encontrava e, por isso, a todos julgava cúmplices, pois nenhum o avisara do sucedido.

Após este trágico episódio, casou em segundas núpcias com Dª Sancha Henriques de Portocarreiro, filha de D. Henrique Fernandes Magro, segundo senhor do couto de Portocarreiro, por sua mulher, Dª Ouroana Raimundes de Portocarreiro. Deste casamento houve filhos, entre eles *D. Pero Rodrigues de Pereira* (vencedor da lide de Trasconho, entre Paço de Sousa e Valongo, em 1224), pelos quais se propagou o apelido *de Pereira*, que cedo perdeu a preposição indicativa da origem geográfica (v. nº 16 e nº 17, abaixo, respectivamente: João Garcia Pereira e Úrsula Delfina Pereira de Lacerda).

3 - Francisco Gomes Pais: casado em segundas núpcias com Maria da Anunciada (v. nº 4, abaixo), foram os avós maternos de Sérgio Pereira Ribeiro.

Nascido em 18.02.1670 na vila da Praia, Graciosa, filho de (1) *Mateus Pais* († Praia, 12.12.1713, com 90 anos) e de (2) *Maria da Cunha de Vasconcelos* († Praia, 08.01.1707, com 74 anos), (3) *Francisco Gomes Pais* faleceu em 26.09.1749 na freguesia da Matriz (Horta), com quase 80 anos de idade. Era sargento de infantaria do Corpo de Milícias do Faial e aparentemente esta posição lhe assegurava prestígio e situação financeira abonada no círculo social da Horta, pois se sabe que, nas alturas de 1727, possuía escravos negros[204], um luxo que so-

---

[202] D. Gonçalo Rodrigues da Palmeira foi o 1º desta linhagem que passou da Galiza a Portugal, entre 1112 e 1128 [A. Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1996), I, 303-9].

[203] Situado junto ao rio Cávado, concelho de Amares, Braga (Lello Universal).

[204] O livro de batismos da freguesia da Matriz (Horta, Faial), ano 1727 (s.d.), na B.P.A.H., refere o sacramento conferido a Rosa, escrava adulta de Francisco Gomes Pais, nativa da costa da África.

mente membros das principais famílias podiam ostentar[205]. Dos dez filhos conhecidos que teve em ambos casamentos, dois foram clérigos e uma foi freira professa no mosteiro da Glória, da Horta, privilégio reservado a famílias abastadas, dada a necessidade de os pais proverem de dote as filhas que ingressavam em religião[206].

A mãe de (3) Francisco Gomes Pais, (2) *Maria da Cunha de Vasconcelos*, provinha não somente dos *Cunhas*, mais abaixo referidos mas também dos *Vasconcelos*, que na Graciosa descendiam de Mem Rodrigues de Vasconcelos, o qual passou àquela ilha no século XV, onde deixou larga geração. Uma filha dele, Constança de Mendonça de Vasconcelos, foi segunda mulher de Álvaro de Ornelas Saavedra (filho de Álvaro de Ornelas e de Elvira Fernandes de Saavedra), instituidor do morgado do Caniço na ilha da Madeira, em 1499 e os seus descendentes chamaram-se *Ornelas de Vasconcelos*.

A primeira mulher de (3) Francisco Gomes Pais, Maria de Melo († Matriz, Horta, 09.12.1711, com 31 anos), pertencia à prestigiosa família dos *Melos*, que na Graciosa descendiam dos netos de João de Melo, alcaide-mor e comendador de Casével, entre os quais figura D. Beatriz de Melo, filha de Álvaro Martins de Melo, sobrinho de D. Pero Vaz de Melo, 1° conde de Atalaia (1466)[207].

D. Beatriz de Melo passou à Graciosa no último quartel do século XV, com o marido, Gaspar Dias de Arce, fidalgo espanhol natural das Astúrias e a filha, Leonor de Melo, desposou Duarte Corrêa da Cunha, 3° capitão-donatário daquela ilha, filho do 2° capitão-donatário, Pedro Corrêa da Cunha (1474). Este era trineto de Martim Lourenço da Cunha, por seu filho, Vasco Martins da Cunha, que também foi avô de João Lourenço da Cunha, o bem conhecido primeiro marido da rainha D. Leonor Teles.

Com D. Beatriz de Melo foram para a Graciosa seus irmãos, Diogo de Melo e Jorge de Melo e todos tiveram numerosa geração.

Mas ademais de (3) Francisco Gomes Pais, (1) *Mateus Pais* e (2) *Maria da Cunha de Vasconcelos* também tiveram a (4) Fernando Pais, que casou com Isabel Nunes e tiveram a (5) Teresa Pais de Jesus, casada com (6) João de Mendonça Furtado, que foram os avós paternos de (7) Teresa Mariana da Silveira (★ Matriz, Horta, 27.02.1759), mulher de Sérgio Pereira Ribeiro. Pelo lado materno (7) Teresa Mariana da Silveira era neta de Domingos George (filho de

---

[205] "Encontram-se escravos nas casas ricas mas unicamente empregados nos serviços domésticos, onde são tratados com muita caridade. O único preconceito que ali existe contra a raça negra consiste em os pretos nunca se calçarem, mesmo quando se vestem com elegância" [J. G. Hebbe, *Description des Iles des Açores* (Estocolmo: 1802) in M. Lima, *Anais* ..., p. 474].

[206] M. Lima, *Famílias Faialenses*, p. 388; J. Marinho dos Santos, *Os Açores nos sécs. XV e XVI* (Funchal: s/d), II, 641-49.

[207] E. de Campos, *Nobiliário da Ilha Terceira* (Porto: Liv. Fernando Machado, 1944), II. 119.

Bartolomeu George e de Clara Luís), casado em 06.06.1724 (Conceição, Horta) com Luzia da Silveira (✞ Conceição, 06.03.1766), filha de (8) Antônio da Silveira Gularte e de (9) Catarina Pereira. A mãe de (7) Teresa Mariana da Silveira, (10) Brízida Mariana da Silveira (★ 1730), casou em 12.06.1758 (Conceição, Horta) com (11) Francisco Pais de Mendonça, filho de (6) João de Mendonça Furtado e de (5) Teresa Pais de Jesus, mas morreu de parto em 04.03.1760 (Matriz, Horta). Viúvo, (11) Francisco Pais de Mendonça casou em segundas núpcias com a irmã de (10) Brízida, (12) Dorotea Francisca da Silveira, em 09.06.1777 (Conceição, Horta; v. cap. I da 1ª Parte, "A Ventura" e quadros genealógicos do nº 9 – Suzana Pimentel, abaixo).

Os nomes acima assinalados, situados na ascendência direta dos **Telles Ribeiro**, nitidamente se vinculam aos primeiros povoadores do Faial, entre outros, os *Silveiras* e os *Goularts*[208], descendentes, respectivamente, dos flamengos van der Haghen e Govaert, que se estabeleceram nas localidades faialenses conhecidas como Flamengos e Cedros; e os *Pereiras*, portugueses, estabelecidos nas bandas da Feteira.

4 - Maria da Anunciada: segunda mulher de Francisco Gomes Pais (v. nº 3, acima) e avó materna de Sérgio Pereira Ribeiro, dela advém o apelido *Ribeiro*, segundo o uso da época de se nomearem as famílias pelas linhas femininas, "ou porque assim requeriam as condições dos morgados ou por outro afeto e título"[209]. Batizada em 22.02.1693 na freguesia de Santa Luzia da cidade de Angra (Terceira), era filha de *Tomás Ribeiro* (≈ Altares, 11.03.1666) e de *Catarina Valadão* (≈ Santa Luzia, 23.07.1669), casados em Santa Luzia em 31.05.1689 e vários de seus ancestrais vinculam-se aos pioneiros que, vindos do Continente, se estabeleceram naquela ilha logo após a descoberta, em 1450.

Tomás Ribeiro era filho de Sebastião Nunes e de Bárbara de Ávila (∞ Altares, 13.01.1659), naturais da freguesia de São Roque do lugar dos Altares ("Altos Ares"), onde os *Valadões* eram morgados. Sebastião Nunes era de condição modesta, como atesta sua profissão de sapateiro, que herdou do pai, Manuel Nunes, este, casado na Sé de Angra, em 18.02.1629, com *Luzia Ribeiro*, batizada na Sé de Angra, em 05.08.1610 e que é a mais remota portadora do apelido *Ribeiro* encontrável nesta linha. Manuel Nunes era filho de outro Sebastião Nunes e de *Maria Coelho*, enquanto *Luzia Ribeiro* era filha de Bartolomeu Gil e

---

[208] V. nota 198, acima. Grafado usualmente *Gularte*, é apelido de origem flamenga (*Govaert* > *Guarte* > *Gularte*), que só no século XIX, depois do constitucionalismo (1821-32), equivocadamente se afrancesou para *Goulart* (M. Lima: *Anais* ..., pp. 42, 71-2).

[209] A. Cordeiro, *Historia Insulana* (Lisboa: 1717), Liv. V, Tít. V, nº 168, p. 194.

de Maria Fernandes, todos residentes na freguesia dos Biscoitos (Praia da Vitória) e com o nascimento situado em torno de 1580.

É bastante provável que a mãe de Maria da Anunciada, *Catarina Valadão* descendesse de João Valadão e Margarida Valadão, que passaram à Terceira no século XV e fizeram assento no lugar dos Altares (v. n° 12, abaixo: ANTÔNIO DE SIMAS TELES). O certo é que os avós maternos, Manuel Corrêa, soldado do Castelo de Angra, casado com outra Catarina Valadão em Santa Luzia, em 11.04.1660, eram filhos, respectivamente, do homônimo, Manuel Corrêa e de Magdalena Gonçalves; e de *Domingos Ferreira Coelho* e Maria Gato Valadão.

Domingos Ferreira Coelho bem pode ter sido aquele a que se refere o "Espelho Cristalino" de Frei Diogo das Chagas[210] como residente na vila de São Sebastião, neto de Catarina Rodrigues da Costa (filha de Salvador Coelho, cavaleiro do hábito de Santiago, e de Catarina Martins, natural da vila da Praia), esta, neta de outra Catarina Rodrigues da Costa, com quem, já casado, o fidalgo *João Coelho* foi do Reino para os Açores, por volta de 1450. Catarina Rodrigues da Costa, a segunda do nome, foi casada com Germão Lopes Cabaço, filho de Lopo Dias Cabaço[211] e de Catarina Dias Leonardes[212], esta, filha de *João Leonardes* e de Isabel Gonçalves.

Ora, aqueles eram tempos difíceis, em que manter a situação financeira e social exigia grande esforço e aptidão e nem sempre isto sendo possível, facilmente certas linhas familiares podiam decair socialmente, sobretudo no momento em que atuava o princípio da herança. Assim se explica porquê, mediante uniões matrimoniais, ramos secundários dos *Coelhos, Ávilas, Corrêas, Gatos* e *Valadões* se encontram situados na categoria dos mesteres/mecânicos, os quais constituíam então cerca de 1/5 da população das ilhas e cuja idade de ouro corresponde ao período que decorreu até aos anos 30 ou 40 do século XVI[213].

Em que pese às dificuldades com que se viam acossados pelas vereações dos concelhos, que lhes impunham "posturas", taxas e a exigência de licenças,

---

[210] *Op. cit.*, Capítulo XII, art. 2°, n°. 342, pp. 313-4.

[211] Armado cavaleiro por D. Nuno Mascarenhas, em Safim (E. de Campos: *op. cit.*, I, 296). Tal como Azamor, Safim era praça portuguesa na costa ocidental do Marrocos, ambas conquistadas no reinado de D. Manuel I e abandonadas por D. João III. Era onde os xerifes muçulmanos da dinastia Sus desafiavam as bases do império lusitano em território marroquino (Lello Universal; J. P. Machado, *Dic. Onomástico Etim.*).

[212] Testou com o marido em 13.08.1535 e com ele instituiu a capela de Nª Sª da Encarnação na Matriz da Vila de S. Sebastião [Diogo das Chagas, *Espelho Cristalino* (1989), pp. 314 e 328; E. de Campos, I, 296].

[213] J. Marinho dos Santos, II, 648 e 668.

das primeiras décadas do referido século datam documentos que comprovam o poder de compra e, por conseguinte, a vida praticamente desafogada desses oficiais mecânicos, distribuídos principalmente nos ofícios de alfaiate (*quem fazia e comerciava roupas*), carpinteiro (*como tal também entendido o mestre de obras*)[214], tecelão (*na acepção de fabricante e comerciante de tecidos e panos*) e sapateiro (*o que fazia calçados e os reparava ou tinha loja para vendê-los*)[215].

Para exercerem o seu ofício eram todos primeiramente examinados e só quando considerados aptos se lhes passava carta de exame. Tabelavam-lhes os salários e a mão de obra e alguns prestavam fiança e eram obrigados a ensinar o ofício a um filho, "sendo capaz". No caso de lhe quererem "dar melhor vida", ensinavam um órfão à sua custa, "pelo tempo que parecer de razão ao juiz dos órfãos". Ilustrativo da concepção que orientava essas "posturas", e que se prolongou pelo século XVIII, é o código que a Câmara da Horta aprovou em 28.12.1719 o qual, no que se refere ao mester de sapateiro, reza especificamente: "... 4° Que o oficial que vender sapatos de carneira (pele de carneiro) por cordovão (couro de cabra), pague 1$000 réis ... — Taxas: Levarão por um par de sapatos de bom bezerro e sola de sete pontos, sendo seu o couro e a sola, 900 réis ... Levarão por um par de sapatos para mulher, do mesmo couro e sola, 480 réis ... Levarão pelos de menino de sete anos até doze, doze vinténs ... Levarão de botar umas solas em uns sapatos de rapaz, dando o dono a sola, um vintém ... Levarão por jornal (paga de um dia de trabalho) um dia, dando-se-lhe de comer e beber, seis vinténs, sendo a seco dois tostões ..."[216]

Já no século XVII, falando da vila da Ribeira Grande (São Miguel), narra Diogo das Chagas[217] que "há nela para mais de 40 oficiais de sapateiro, de boas tendas e alguns deles muito ricos, tendo todos bom cabedal". Destacando-se da categoria dos camponeses, estes, relegados a condições de vida extremamente difíceis, no meado do século XVI a família de um sapateiro possuía na Horta (Faial) uma pequena casa onde morava e algumas parcelas de terra (uma delas, com cerca de 18 a 20 alqueires, pagava um moio de trigo de foro por ano), adquiridas por compra[218]. Pela mesma época Pedro de Seia, também sapateiro

---

[214] V. notas 186 e 220.

[215] J. Marinho dos Santos, II, 669.

[216] M. Lima, *Anais* ..., pp. 117-9 e 484.

[217] Diogo das Chagas, *op. cit.*, cap. 3°, art. 7°, n° 192, p. 170.

[218] B.P.A.H.: Translado do testamento de Maria Coelho, mulher de Afonso Anes, sapateiro, feito em 06.01.1558 (Arquivo da Sta. Casa da Misericórdia da Horta, cx. 10K; Tombo da Sta. Casa da Misericórdia, 1764, f. 21).

e sua mulher, Guiomar Gil, residentes na Terceira, possuíam como bens imóveis uns *biscoitos* (terras de pomar e vinhedo) e o foro (domínio útil) de uma vinha com 20 alqueires de área, localizada nas proximidades de Angra[219].

Este era muito provavelmente o contexto social e econômico de que emanava Maria da Anunciada († 26.05.1759, Matriz, Horta) e nele encaixa a particularidade de seu irmão, Estêvão Nunes Ribeiro (≈ Sta. Luzia, 21.01.1691), ter exercido o mester de oficial de pedreiro[220]. Não obstante, mercê de ligações de família possivelmente viabilizadas mediante seu parentesco com um ramo influente dos *Ávilas*, a avó materna de Sérgio Pereira Ribeiro veio a casar-se (c. 1712) com o sargento de infantaria do Corpo de Milícias do Faial, Francisco Gomes Pais, viúvo de Maria de Melo († Matriz, Horta, 09.12.1711, com 31 anos).

Foi a partir da união da filha do casal Francisco Gomes Pais e Maria da Anunciada, Clara Luíza Bernarda de Jesus, com o faialense Francisco Pereira da Rosa Pires (∞ 17.01.1751, na Matriz de São Salvador, Horta), que este passou a beneficiar-se da generosidade dos irmãos de Clara, os beneméritos sacerdotes Tomás Francisco Ribeiro e José Augusto Ribeiro, os quais não só lhe financiaram os estudos de Farmácia como, ao morrer, lhe legaram todos os seus bens. Ao filho do casal, *Sérgio Pereira Ribeiro*, competirá inteligentemente aproveitar o ambiente favorável de que se viu circundado, a fim de concluir a ascensão social e financeira então em curso e situar-se, e à sua geração, no nível das principais famílias faialenses.

É nele que se consolida a permanência do apelido *Ribeiro*, o qual, conforme visto, vem da linha feminina (como, de resto, também é o caso do *Teles*) e vai terminar por compor o sobrenome dos Telles Ribeiro. Com sua origem identificável no século XVI, se trata, pois, de uma família terceirense, embora tenha sido no Faial, entre os séculos XVIII e XIX, que ela acabou por se afirmar social e economicamente[221].

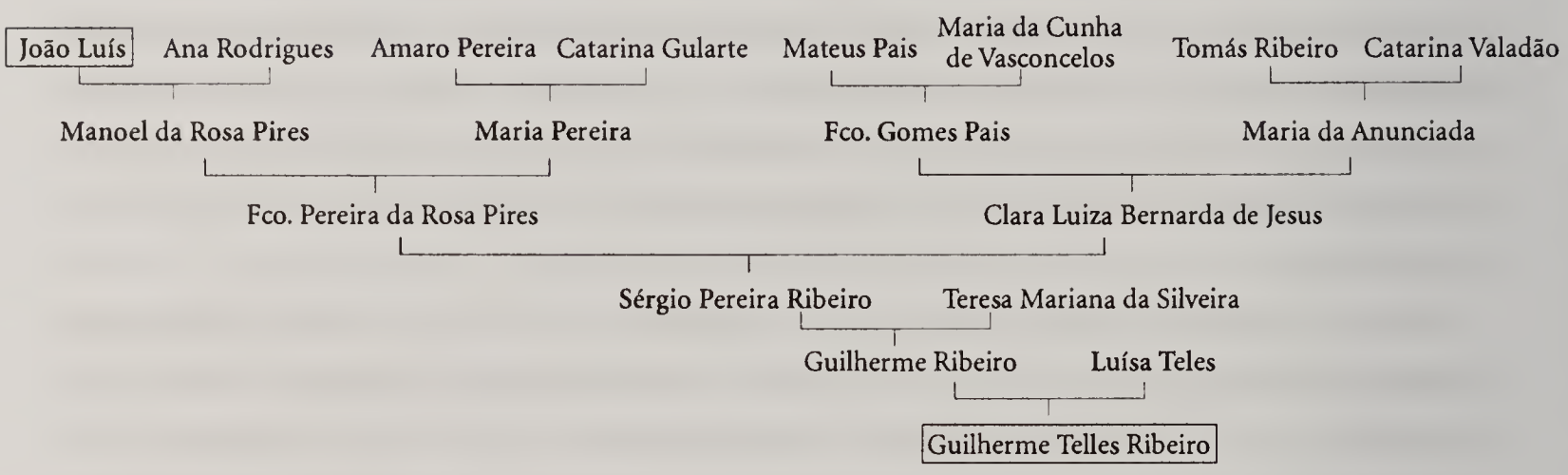
---

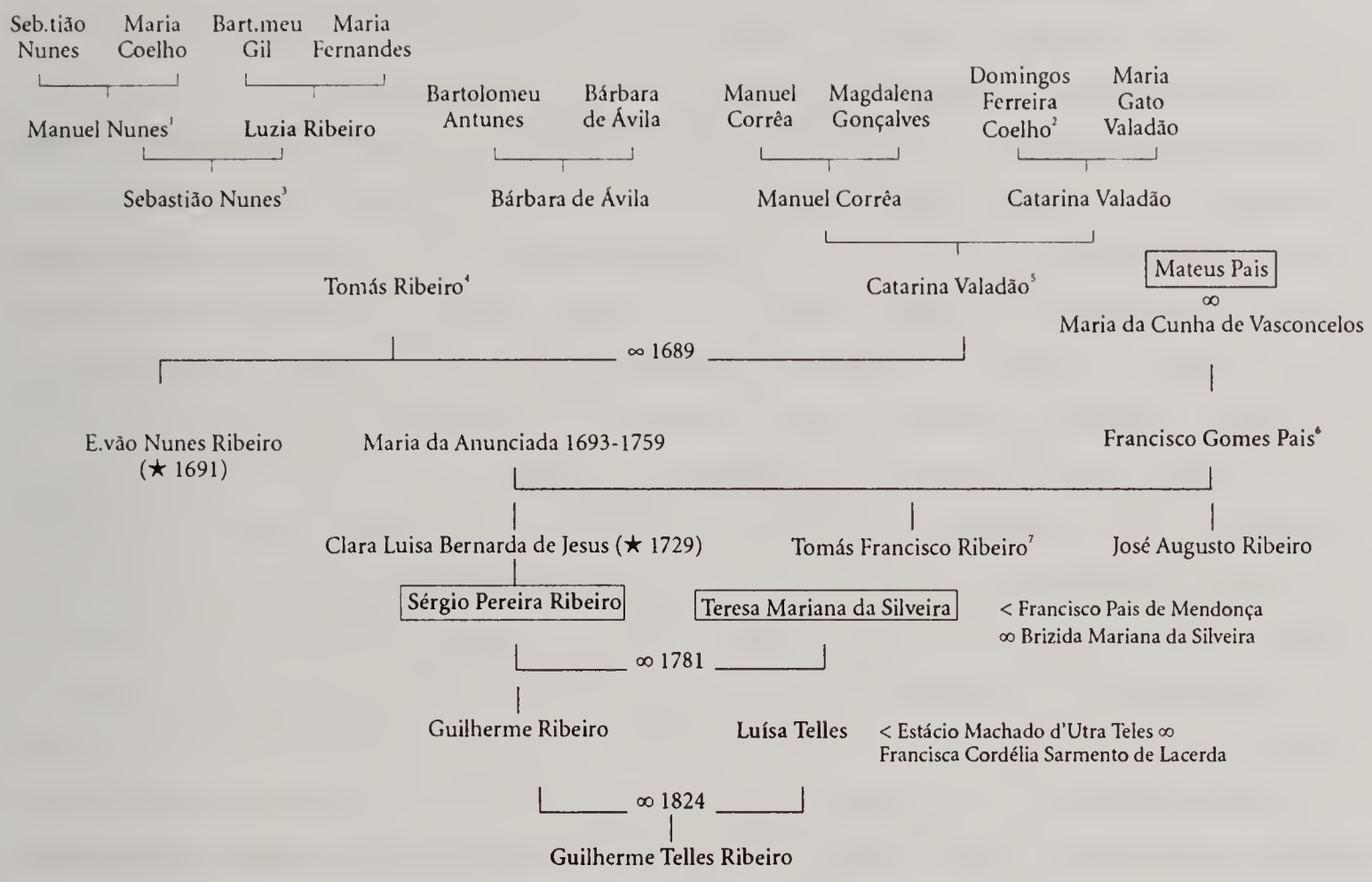
[219] J. Marinho dos Santos, II, 668.

[220] Compreendido também como mestre de obras. V. registro de casamento de Francisco Pereira da Rosa Pires com Clara Luísa Bernarda de Jesus (Matriz, Horta, 17.01.1751). *Cf.* notas 186 e 214. A ligação de família com um ramo influente dos *Ávilas*, a que o texto alude mais abaixo, bem pode ter sido D. Jerônima Maria Paim da Câmara e Sousa (1672-1750), mulher do Capitão Tomás de Brum da Silveira Porras Taveira, os quais foram padrinhos de batismo de André Gomes (≈ 05.12.1711, Matriz, Horta), um dos filhos de Francisco Gomes Pais e de Maria de Melo. D. Jerônima era filha do Capitão-mor da Vila da Praia (Terceira), Manoel Paim da Câmara e Sousa e de D. Maria Paula Borges de Ávila. No registro de batismo de André Gomes também figura, como testemunha, Antônio de Ávila de Betencurt.

[221] *Apud* Dr. Jorge Eduardo de Abreu Forjaz, de Angra do Heroísmo, Terceira (correspondência ao autor, em 21.10.1998).

Os dois quadros a seguir mostram as relações de família assinaladas nos itens acima, 1 – João Luís; 2 – Maria Pereira; 3 – Francisco Gomes Pais; e 4 – Maria da Anunciada, até chegar a Guilherme Telles Ribeiro:





[1] Manuel Nunes (∞ 18.02.1629 na Sé de Angra, Terceira) era de condição modesta, como atesta sua profissão de sapateiro, que passou ao filho, Sebastião Nunes. Os pais, outro Sebastião Nunes (★ c. 1575) e Maria Coelho, residiam na freguesia dos Biscoitos (Praia da Vitória, Terceira) e a mulher, **Luzia Ribeiro**, batizada na Sé de Angra em 05.08.1610, é a mais remota portadora do apelido *Ribeiro* encontrável nesta linha.

[2] Residente na vila de São Sebastião (Terceira), devia descender dos *Coelhos* (v. Diogo das Chagas: *Op. cit.*, Cap. XII, art. 2°, n° 342, p. 314). Quanto à esposa, v. nota 5, a seguir.

[3] Sebastião Nunes e Bárbara de Ávila (∞ 13.01.1659 na freguesia dos Altares, Terceira) eram primos terceiros e, para contrair matrimônio, tiveram de pedir dispensa canônica.

[4] Tomás Ribeiro (≈ Altares, Terceira, 11.03.1666) e os pais, Sebastião Nunes e Bárbara de Ávila, eram naturais da freguesia de São Roque do lugar dos Altares ("Altos Ares") mas a filha, Maria da Anunciada, nasceu em 22.02.1693 na freguesia de Santa Luzia da cidade de Angra, onde eles haviam passado a viver.

[5] É provável que Catarina Valadão (≈ Sta. Luzia, Angra, 23.07.1669) descendesse de João Valadão e Margarida Valadão, que passaram à Terceira no século XV e fizeram assento no lugar dos Altares. O pai, Manuel Corrêa, soldado do Castelo de Angra, casou com outra de nome Catarina Valadão, na mesma freguesia de Santa Luzia, em 11.04.1660.

[6] Casado em segundas núpcias com Maria da Anunciada, era sargento de infantaria do Corpo de Ordenanças do Faial (v. n° 3, acima: Francisco Gomes Pais).

[7] Tomás Francisco Ribeiro e o irmão, José Augusto Ribeiro, foram os dois sacerdotes que financiaram os estudos de Farmácia do cunhado, Francisco Pereira da Rosa Pires, marido de Clara Luísa Bernarda de Jesus e, ao morrer, lhe legaram todos os seus bens. Essa generosidade e apego familiar asseguraram que, em reconhecimento e perpetuação da memória, o sobrinho e afilhado, Sérgio Pereira Ribeiro, ganhasse o apelido *Ribeiro* (que lhe adveio do bisavô materno, Tomás Ribeiro) e pudesse, assim, transmiti-lo à geração (v. Cap. I da 1ª Parte: "A Ventura").

5 - João Henriques Furtado de Mendonça: situado na ascendência paterna de Teresa Mariana da Silveira, mulher de Sérgio Pereira Ribeiro, provinha de uma das mais ilustres e antigas famílias da Espanha, também estabelecida em Portugal. Em 1164, D. Lopes Iñigues († 1189), da linhagem dos condes e senhores soberanos de Biscaia, foi feito senhor de Llodio e Mendoza, pelo que tomou este topônimo como apelido. Era casado com Dª Teresa Ximenes, filha de D. Ximeno Iñigues, rico-homem, senhor de Los Cameros e de sua mulher, Dª Maria Gonçalves de Lara, nascendo deste matrimônio vários filhos que usaram o apelido *de Mendoza*. Um deles foi *D. Iñigo Lopes de Mendoza,* quarto senhor de Llodio e senhor de Zaitegui e Mendoza, rico-homem que combateu em Navas de Tolosa (1212), casado com *Dª Leonor Furtado*, senhora de Mendívil (Álava), filha de Fernão Peres de Lara (1122-58), chamado *o Furtado* por dizerem que sua mãe, a rainha Dª Urraca[222], o havia tido *a furto* de D. Pedro Gonçalves de Lara († 1130).

Pelo casamento de *D. Iñigo Lopes de Mendoza* (ou *de Mendoça*, segundo a grafia portuguesa) com *Dª Leonor Furtado* uniram-se os dois apelidos, que uns usaram em separado, outros em conjunto, chamando-se *Furtado de Mendoça* ou *Mendoça Furtado*. Um filho (ou, segundo outros, neto) deste casal, *Fernão Furtado de Álava* (1242), nascido nas Vascongadas, passou a Portugal em 1253, na companhia da rainha Dª Brites (mulher de D. Afonso IV) e o rei lhe deu a *honra*[223] de Pedroselo (julgado de Penafiel de Sousa, distrito do Porto). Integrou a casa do infante (depois rei) D. Dinis e casou com Dª Guiomar Afonso de Resende, filha de Geraldo Afonso de Resende († 1290, bisneto de Afonso Hermiges de Baião) e de D. Teresa Soares de Riba de Vizela (irmã de Mem Soares de Melo) e deles proveio ilustre descendência dos apelidos *Furtado de Mendonça* ou *Mendonça Furtado,* como passou a grafar-se o antigo nome de Mendoça.

Situado na ascendência de Teresa Mariana da Silveira, *João Henriques Furtado de Mendonça* nasceu na ilha da Madeira, de onde saiu com a consorte a estabelecer-se na ilha das Flores. Sendo certo que sua mãe foi Dª Catarina Guevara, natural de Castela[224], ele era *neto* de Garcia Henriques; *bisneto* de João

---

[222] D. Urraca (1082-1126), herdeira das coroas de Castela e Leão, era filha do rei D. Afonso VI, de Leão e Castela e de Constança de Borgonha, e mulher de Raimundo de Borgonha († 1107), conde de Galiza pelo casamento. Era, assim, meia irmã de D. Teresa, herdeira de Portugal, casada com o conde D. Henrique e mãe de D. Afonso Henriques, primeiro rei português (v. notas 287 e 299). Esta paternidade fazia Fernão Peres de Lara ser irmão inteiro de D. Elvira Peres de Lara (v. notas 275 e 285) e ambos, meio-irmãos de Afonso VII, de Castela (A. E. M. Zúquete, I, 67-84).

[223] Terra privilegiada pertencente a um fidalgo (*cf.* A. E. M. Zúquete e A. M. de Faria, p. 231).

[224] M. Lima, *Famílias Faialenses*, p. 363; e *Website* Paul Theroff (versão 2000).

QUADRO GENEALÓGICO DOS *FURTADO DE MENCONÇA* PORTUGUESES

Fernão Furtado, "de Alava" [1] — Guiomar Afonso de Resende[2]

Rui Fernandes Furtado[3] — Leonor Martins[4]

Fernão Rodrigues Furtado[5] — Isabel Osório (?)

Afonso Furtado[6] — Maria de Mendonça[7]

Afonso Furtado de Mendonça[8] — ①-①

Fernão Furtado de Mendonça[9] — Catarina de Guevara[10]

João Henriques Furtado de Mendonça[11] — Joana Lopes Lombada

---

[1] ☼ em Portugal c. 1260 - ✞ c. 1315. Deve ser aquele que a 01.10.1278 foi tomado, como vassalo, para a casa do infante, depois rei D. Dinis, com a soldada anual de 300 libras em panos. Segundo Alão de Morais, o "de Alava" seria um acrescentamento seiscentista de Lavanha. C. (c. 1288) c. Guiomar Afonso de Resende.

[2] ✞ c. 1317, filha de Geraldo Afonso de Resende (✞ 1290) e de Teresa Soares de Melo (de Riba de Vizela), *n.p.* de Afonso Rodrigues de Baião, senhor da honra de Resende (✞ c. 1258) e de Mor Pires Portugal (Quartela).

[3] ☼ c. 1290-✞ c. 1342. Escudeiro (1310) e cavaleiro (1321), morador no Porto, ∞ (c. 1322) c. Leonor Martins.

[4] Senhora da honra de Pedroso (Penafiel), filha de Martim Gil de Vilela e de Elvira Anes Tenro, esta, filha de João Pires Tenro, senhor da honra de Perozelo (✞ c. 1258) e de Alda Martins Botelho.

[5] ☼ c. 1323, escudeiro, senhor da honra de Perozelo (1342), supostamente casado com Isabel Osório.

[6] ☼ c. 1360, capitão-mor do mar (1385) e anadel-mor dos besteiros do conto (1414), era dos próximos do Mestre de Avis, futuro D. João I. Sua filiação não está documentada e, por isso, alguns começam nele a linhagem portuguesa.

[7] ∞ 1411, já viúva do fidalgo galego (de Tui) Rodrigo Álvares de Queiroga. Embora sua filiação não esteja determinada, certamente era da alta nobreza e a ela se deverá a ascendência social dos Furtado de Mendonça portugueses, até uma sua bisneta, D. Joana de Mendonça, casar (1520) c. D. Jaime, 4º duque de Bragança.

[8] ☼ c. 1412 – ✞ c. 1475, do conselho de D. Afonso V e anadel-mor dos besteiros do conto (1444), teve, certamente depois de seu 1º casamento e fora dele, a Fernão Furtado de Mendonça, referido como bastardo.

[9] ☼ c. 1438, era irmão (por bastardia) de D. Catarina de Mendonça, 3ª mulher de Bartolomeu Perestrelo, senhor de Porto Santo (Madeira). A filha deste casal, outra de nome Catarina, foi mulher de Mem Rodrigues de Vasconcelos. Terá sido Bartolomeu Perestrelo a chamar o cunhado à Madeira, de onde, casado (c. 1462) c. D. Catarina de Guevara, foi com filhos menores a povoar a Graciosa (c. 1478), entre eles, João Henriques Furtado de Mendonça (∞ Joana Lopes Lombada) e Mundus (Mendo) Furtado de Mendonça. Este já assina como proprietário na Graciosa, em 1492, e tirou carta de armas para Mendonça, em 1519 (*apud* Manuel Lamas de Mendonça *in* Manuel Abranches de Soveral, *website* http://pwp.netcabo.pt/0437301501).

[10] V. filiação no texto. Por D. Catarina de Guevara, João Henriques Furtado de Mendonça é tetraneto de D. Afonso, conde de Noronha e Gijón (c. 1355-95) e, portanto, quinto neto de Henrique II, de Castela.

[11] O quadro de João Henriques Furtado de Mendonça prossegue na p. 147, até Guilherme Telles Ribeiro.

ORIGEM DOS *SOUSA*, DITOS *DO PRADO**

D. Afonso III ①-① Madragana, ≈ Mor Afonso (amante moura do rei, filha de Aloandro Ben Bekar, alcaide de Faro)

Martim Afonso Chichorro I ∞ Inês Lourenço de Valadares

Martim Afonso Chichorro II ①-① Aldonça Anes de Briteiros

Vasco Martins de Sousa (1° senhor de Mortágua) ∞ Inês Dias Manoel

Martim Afonso de Sousa (2° senhor de Mortágua) ∞ Margarida Gonçalves de Sousa ou de Briteiros
①-① Aldonça Rodrigues de Sá

Gonçalo Anes de Sousa

Martim Afonso de Sousa (senhor do couto e torre de Sto. Estêvão)
∞
Violante Lopes de Távora (filha do senhor de Mogadouro)

Pedro de Sousa

* *apud* Manuel Abranches de Soveral, *website* http://pwp.netcabo.pt/0437301501; *v.* pág. 159-60, nota 4, abaixo.

Henriques (casado com Dª Beatriz Mirabel, fidalga aragonesa); *trineto* de Diogo Henriques (residente em Sevilha, casado com Dª Maria Brites de Gusmão, filha de Henrique de Gusmão, conde de Niebla[225] e de Teresa Suarez de Figueroa); *tetraneto* de D. Afonso (c. 1355-95), conde de Noronha e Gijón (bastardo de Henrique II, de Castela, com Elvira Iñiguez de Vega), casado com D. Isabel (c. 1364-95, filha ilegítima do rei D. Fernando, de Portugal), pais também de Dª Constança de Noronha, mulher de D. Afonso, conde de Barcelos e 1° duque de Bragança (1377-1461). D. Constança era somente meia-irmã de Diogo Henriques (o *trineto* residente em Sevilha), pois a mãe deste, que não está identificada, não era D. Isabel.

Esta linhagem materna é dada como indício de que o avô paterno de *João Henriques Furtado de Mendonça* pode ter sido Fernão Furtado de Mendonça cujo filho, Mundos (ou Mendo) Furtado de Mendonça, foi de Castela para a ilha da Madeira no século XV e, desta, passou em 1519 à Graciosa[226].

6 - Joana Lopes Lombada: mulher de João Henriques Furtado de Mendonça (na origem de Guilherme Ribeiro), era filha de João Lopes *da Lombada*, proprietário de engenho de açúcar na ilha da Madeira, no final do séc. XV e início do séc. XVI. Seu nome consta dos livros de pagamento dos quartos sobre o açúcar produzido naquela ilha, em 1509-11 e era, portanto, contemporâneo de João Esmeraldo, "o Velho". Figura como João Lopes *da Lombada* e uma única vez, tendo pago a Simão Acciaioly (Simam Amxioly) justo o correspondente a trinta arrobas, número que parece indicar que sua produção era de pouca monta e se tratava, pois, de produtor de expressão menor, no contexto dos proprietários de engenhos da ilha da Madeira, no período considerado[227].

Como apelido, *Lombada* tem origem toponímica e provém de localidades deste nome em algumas das ilhas. Na Madeira designou originalmente um sítio onde o primeiro capitão-donatário do Funchal, João Gonçalves da Câmara, traçou a vila pioneira da sua jurisdição. Junto a ela se desenvolveu uma grande fazenda de açúcar chamada "a Lombada", não distante da futura vila da Calheta.

---

[225] Os condes de Niebla estão na origem dos duques de Medina Sidonia. Em 1371 Henrique II, de Castela, bastardo de Afonso XI e de Leonor de Guzmán, senhora de Medina Sidonia, casou sua filha ilegítima, Beatriz († 1409), senhora de Niebla, com Juan Alonso Perez de Guzmán († 1396), 4° senhor de Sanlucar de Barrameda, que herdou o senhorio da mulher e foi feito conde de Niebla. Em 17.02.1445 João II criou o então conde de Niebla, Juan Alonso de Guzmán, duque de Medina Sidonia (D. Schwennicke: *Europäische Stammtafeln*, 1984+; v. nota 276).

[226] E. de Campos, Título XLVIII, II, 57-61. V. quadro genealógico após nº 9 – Suzana Pimentel.

[227] ANTT, Núcleo antigo, nº 904, *in* Fernando Jasmins Pereira e José Pereira da Costa, *Livros de Contas da Ilha da Madeira. 1504-1537, II - Registo da Produção de Açúcar* (Funchal: Ed. Brochado, 1989), p. 8.

Em 28.01.1493 João Esmeraldo, "o Velho", fidalgo flamengo que teve muitas terras de sesmaria na Madeira, comprou ou aforou a Rui Gonçalves da Câmara, 2º filho varão de João Gonçalves [Zarco] da Câmara, a "Quinta da Lombada da Ponta do Sol". Rui a recebera do pai, por doação, e foi aí que o novo proprietário, João Esmeraldo, "o Velho", construiu seu solar. Faleceu ele em 1535 e jaz sepultado na igreja que edificou em 1494, junto àquela que passou a ser chamada de "Quinta da Lombada" e cujos terrenos permaneceram intactos até ao final do século XIX, quando foram vendidos pelos herdeiros em hasta pública. Situava-se no atual lugar da freguesia de Nª Sª da Luz, concelho de Ponta do Sol[228].

Ainda no século XV se registra, sempre na ilha da Madeira, o nome de Rodrigo Anes da Lombada, da casa do infante D. Henrique, parceiro do povoamento das "terras novas", lá para as bandas do Oeste, onde as sesmarias foram mais amplas do que na zona do Concelho do Funchal, nos seus limites atuais[229].

7 - Auzenda de Frágoa (ou Izenda de Frágoa): mulher de Manuel Furtado de Mendonça, na ascendência materna de Guilherme Ribeiro, era filha do capitão-mor da ilha das Flores, *Antônio de Frágoa,* fidalgo natural da cidade de Braga (Portugal) e dos primeiros povoadores daquela ilha, junto com a consorte, Isabel Rodrigues e os irmãos desta, Miguel e Álvaro Rodrigues.

Auzenda de Frágoa faleceu com 116 anos de idade. Como indica a partícula *de*, *Frágoa* é topônimo, encontrável em Portugal e na Galiza e os filólogos sustentam sua origem latina, evolução de *fabrica* (oficina, forja) por intermédio de *frávega*[230]. Alguns genealogistas afirmam ter o vocábulo sido levado para a Península Ibérica pelos cartagineses que assentaram na região de Braga (434 a.C.) e derivar-se de uma vila situada nos arredores de Cartago (na atual Tunísia). Segundo Gaspar Frutuoso, os desse nome "eram corpulentos e tinham muita força, como bons e generosos africanos [no sentido de 'cartagineses'] e portugueses antigos, no falar e no trato[231]".

Ficou registrado que Antônio de Frágoa testou no Caniço (ilha da Madeira), em 1572[232].

---

[228] F. A. da Silva e C. A. de Meneses, *Elucidário Madeirense* (Funchal: Tip. Esperança, 1922), II, 71-2.

[229] F. de Menezes Vaz: *op. cit.*

[230] J. P. Machado, *Dic. Onomástico Etimológico* ..., II, 664.

[231] Diogo das Chagas, *op. cit.*, cap. XVIII, art. 6°, p. 548.

[232] F. de Meneses Vaz: *op. cit.*

8 - Catarina Pimentel: mulher de Adão Furtado de Mendonça, na origem de Guilherme Ribeiro, pertencia à família *Mesquita Pimentel*, fidalgos que foram de Elvas (Portugal) para a ilha das Flores, no século XVI. Um antepassado foi Martim Fernandes *de Novais*[233], contemporâneo dos reis D. Sancho II e D. Afonso III, morador de Riba de Vizela e que esteve no cerco de Sevilha (1248) com o segundo soberano citado. Foi casado com Dª Sancha Martins, da linhagem dos "de Riba de Vizela" mas fora do matrimônio teve a D. Vasco Martins de Novais, alcunhado de *Pimentel*, parece que por ser colérico[234]. A alcunha transmitiu-se como apelido aos filhos e, desta forma, *D. Vasco Martins Pimentel*, rico-homem, foi feito *meirinho-mor* do Reino, de 1277 a 1281 (v. 8ª Parte: "Glossário). Nesta qualidade, casado com Maria Anes, morou na freguesia de Santo Adrião de Vizela, junto ao rio Vizela (afluente do rio Ave), na quinta que se chamava Lourosa e depois se denominou Paço Velho. A filha, D. Urraca Vasques Pimentel, casou com D. Gonçalo Pires de Pereira, filho de D. Pero Rodrigues de Pereira e de D. Maria Pires Gravel (v. n° 2, acima: Maria Pereira; e n° 10, abaixo: Francisca Gaspar Machado).

No século XIV, Inês Vasques de Melo, filha de Vasco Martins de Melo e de Maria Afonso de Brito, casou com Martim Afonso Pimentel, irmão bastardo de João Afonso Pimentel, senhor de Bragança e Vinhais que, passando a Castela, lá foi criado 1° conde de Benavente por carta de 13.09.1398. A filha deste, D. Beatriz Pimentel, casou em 1395 com Martim Afonso de Melo, irmão da citada Inês Vasques de Melo e é destes *Pimentéis* que descendem os *Mesquitas Pimentéis* que se estabeleceram na ilha das Flores, no século XVI.

Vale citar que a mulher do 1° conde de Benavente, Joana Teles de Meneses, era filha ilegítima de Martim Afonso Telo, pai de D. Gonçalo Teles e da rainha D. Leonor Teles; e que o conde era filho de D. Rodrigo Afonso Pimentel, senhor de Bragança, comendador-mor da Ordem de Santiago e de sua mulher, D. Lourença da Fonseca[235].

---

[233] O solar da família era a torre de S. Simão de Novais, junto do mosteiro de Landim, na Galiza, de onde os *Novais* passaram a Portugal durante a Reconquista, no tempo dos primeiros reis. Aí Afonso Fernandes de Novais (1090) assentou na honra de Novais (concelho de Vermoim), dela se apelidou e teve a Fernando Afonso de Novais, senhor do solar de Novais, que casou com Teresa Viegas da Fonseca (filha de Egas Garcia da Fonseca e de Mor Pais) e cujos filhos continuaram com o apelido (J. A. Pizarro, II, 142; A.E.M. Zúquete e A. de Faria, pp. 397 e 435).

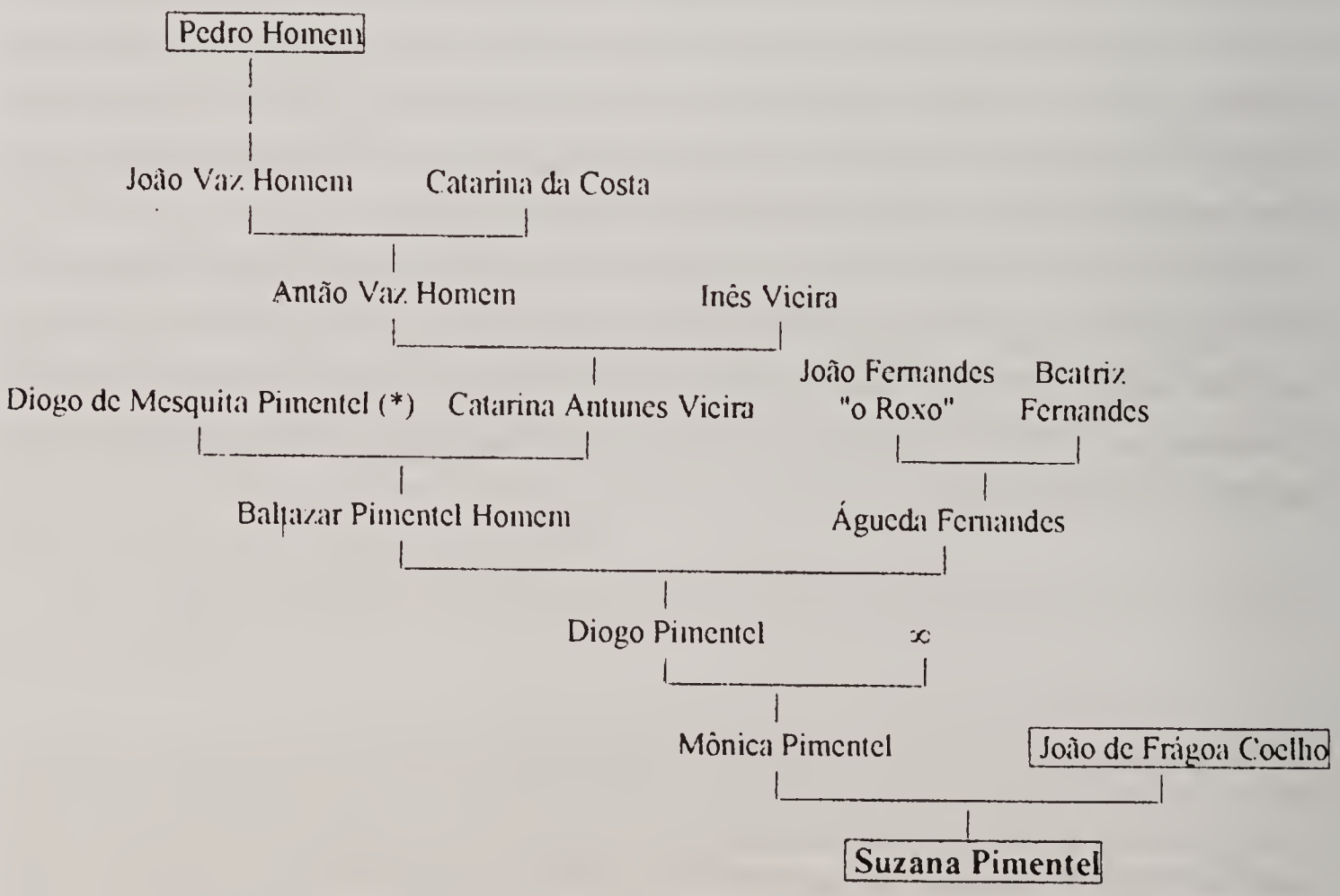
[234] Segundo outros, assim o chamava o rei D. Afonso III, porque era esperto e de gênio alegre.

[235] Luís de Bivar-Weinholtz de Azevedo, *Menezes, Notas Históricas e Genealógicas* (Lisboa, 1999), p. 17.

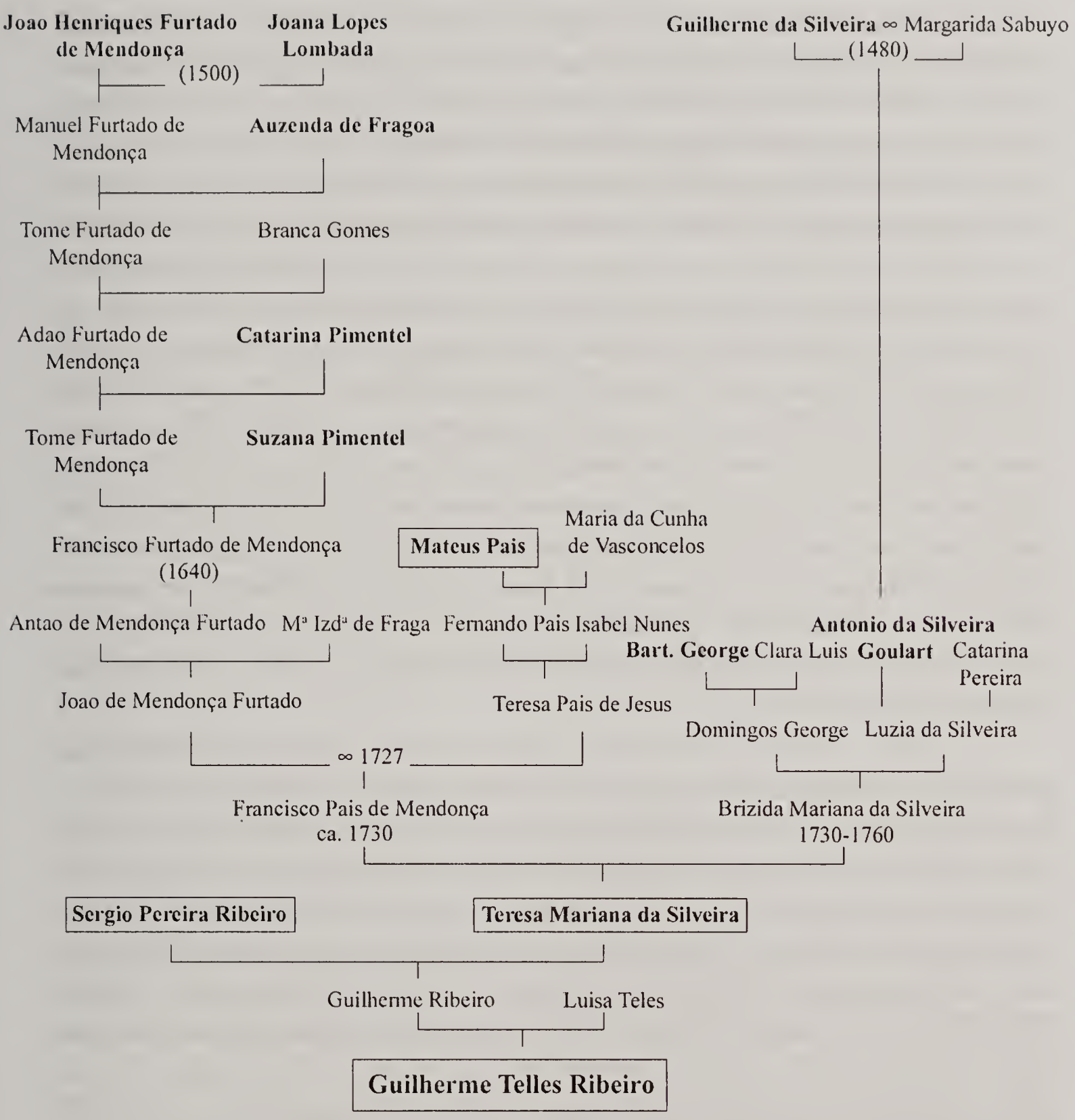
9 - Susana Pimentel: mulher de Tomé Furtado de Mendonça, na origem de Guilherme Ribeiro. Tal como Catarina Pimentel, provinha dos *Mesquitas Pimentéis.*

Entre os desta família que se transferiram de Elvas para as Flores, no século XVI, está o 2° capitão-mor desta ilha, *Diogo de Mesquita Pimentel*, casado na ilha Terceira com *Catarina Antunes Vieira.* Esta descendia da nobre geração e linhagem dos *Homens* (v. nº 10, abaixo: Francisca Gaspar Machado), originários da Beira, que passaram à ilha Terceira pouco depois de sua descoberta, entre eles João Vaz Homem, casado com Catarina (ou Francisca) da Costa, que foram pais de Antão Vaz Homem, casado com Inês Vieira, os quais tiveram a *Catarina Antunes Vieira*, que casou com *Diogo de Mesquita Pimentel.*

O casal teve a Baltazar Pimentel Homem, que se casou com Águeda Fernandes e tiveram a Diogo Pimentel, que foi contador do Juízo da Correção dos Açores, casado mais de uma vez e pai de Mônica Pimentel, que desposou João de Frágoa Coelho e foram pais de *Susana Pimentel.* Um neto desta, chamado João Marcelino de Mesquita Pimentel, teve carta de brasão passada em 08.03.1815, com as armas dos *Pimentéis*, dos *Mesquitas* e dos *Furtados de Mendonça*, em escudo esquartelado[236].



[236] M. Lima, *Famílias Faialenses*, Tít. XIX, nota 7, p. 365; E. de Campos, II, 147-57 (Título LX).
(*) Diogo de Mesquita Pimentel era dos *Pimentéis*, do ramo de João Afonso Pimentel, senhor de Bragança e Vinhais que, tendo seguido o partido castelhano contra o Mestre de Avis, passou a Castela e lá foi criado 1° conde de Benavente, por carta de 13.09.1398.



10 - Francisca Gaspar Machado: mulher de Antônio d'Utra Nunes[237], ouvidor no Faial (na origem de Luísa Teles e na descendência de Leo van Hurtere), pelo lado materno provinha de *Gaspar Gonçalves Machado da Ribeira Seca*, "o primeiro homem nascido na Terceira" (★ 05.01.1449 - ✞ 1552)[238], o qual era filho de Gonçalo Anes [da Fonseca], natural de Barcelos (Entre Douro e Minho) e um dos primeiros povoadores daquela ilha, onde residia na Ribeira Seca, localidade de que tomou o apelido e o transmitiu à descendência.

---

[237] Embora curioso, em Antônio d'Utra Nunes é o topônino que precede o patronímico.

[238] Assim consta dos autores mas é de observar que as datas de nascimento e morte não concordam com a cronologia. A aceitá-las, ele teria vivido 103 anos.

Gonçalo Anes da Ribeira Seca chegou do Reino casado com D. Mécia Anes de Andrade, filha do Dr. João de Lisboa Machado, que foi Regedor das Justiças de el-rei, senhor de muitas terras e de sua mulher, D. Maria de Castro. Estes *Machados* tinham solar na Freguesia de São Martinho dos Ferreiros, no antigo couto de Fonte Arcada, concelho de Lanhoso e descendiam dos nobres senhores de Entre Homem e Cávado, da velha linhagem que procede dos *Pereiras* (v. nº 2, acima: Maria Pereira), por intermédio de D. Pero Pires de Pereira (1248), a quem chamavam vulgarmente *Pedro Homem*, alcunha de que se desconhece a causa e que sua descendência tomou como apelido. Este era filho de D. Pero Rodrigues de Pereira e de D. Maria Pires Gravel (filha de D. Pero Pires Gravel e de D. Ouroana Pais Correia) e, casado com Teresa Anes Redondo (filha de João Pires Redondo), um de seus descendentes, também de nome *Pedro Homem,* integrou os "Doze de Inglaterra", aqueles valorosos e exímios cavaleiros portugueses que tomaram parte no célebre torneio realizado em Smithfield, em 9 de maio de 1390, durante o reinado de D. João I, episódio celebrado por Camões nos "Lusíadas" (VI: 43-69). Um neto deste *Pedro Homem*, Álvaro Martins Homem, foi feito capitão-donatário da Praia (Terceira), em 1474 (v. nº 8, acima: "Catarina Pimentel").

Já o apelido *Machado* provém de *Martim Martins Machado*, de uma das mais antigas famílias de Portugal, cuja linha remonta a D. Moninho Viegas, "o Gasco", governador da *terra* (domínio, propriedade) de Arouca pelos anos de 1092. D. Moninho serviu o conde D. Henrique de Borgonha e foi pai de D. Mendo Moniz, que por ter sua casa no lugar de Gandarei, junto ao rio Douro, se apelidou do mesmo. D. Mendo Moniz de Gandarei viveu no tempo do primeiro rei português, D. Afonso Henriques (1139-85), filho do conde D. Henrique de Borgonha. Sendo cavaleiro valoroso, comandou a ala esquerda na batalha de Ourique (1139) e alguns pretendem que ele e seus filhos, Pedro Mendes e Nuno Mendes de Gandarei, na tomada de Santarém aos mouros, em 1147, tenham sido dos primeiros a entrar no castelo, cujas portas arrombaram com machados.

Pedro Mendes de Gandarei casou com Dª Elvira Martins, filha de D. Martim Fernandes "de Riba de Vizela", da qual houve a Martim Pires, de alcunha *o Machado*, suposta alusão ao feito do avô e do pai. Martim Pires (1249) casou com Dª Maria Pires Moniz e deste matrimônio houve filhos com o apelido *Machado*, um dos quais o já citado *Martim Martins Machado*, que foi o continuador da linhagem.

O quadro genealógico a seguir mostra como se situa o entroncamento deste ramo dos *Machados* nos primeiros povoadores das ilhas e nas gerações posteriores, que derivaram nos *Machados d'Utra Telles*, até chegar à avó de Guilherme Telles Ribeiro, Luísa Telles. Entre estes figura Estácio Machado d'Utra

Telles (✞ 01.08.1784, com 80 anos), marido de Maria Luísa Bernarda, com quem se casou a 14.06.1730, o qual tomou posse como escrivão da Alfândega da Horta em 09.11.1746, cargo que exerceu por quase 29 anos, até 26.06.1775 e que provinha de seu tetravô, o capitão Estácio d'Utra Machado, que o exercera por mais de 20 anos. Seu bisavô, Estácio Machado d'Utra (≈ 14.04.1630), foi nomeado escrivão da Alfândega, Almoxarifado e Lealdação dos Pastéis da ilha do Faial, em 27.11.1642[239].

Em alvará de 20.09.1655 se dá o cargo como vago, por falecimento de seu titular, que o servira por 12 anos e dele se faz mercê à viúva, Dª Inês Pereira, para seu filho mais velho, Estácio Machado d'Utra, de 12 anos de idade, "por serem pessoas de qualidade, com pouco remédio, por lhes não ficarem legítimas em razão de o dito seu pai haver comprado os ditos ofícios ...: e durante a menoridade apresentará pessoa para servir a contento do Conselho de Fazenda, dando-lhe a terça parte do rendimento para seus alimentos e de seus filhos". Finalmente, por carta de mercê de 18.11.1665 foi concedida a Estácio Machado d'Utra a propriedade dos ofícios de escrivão da Alfândega, Almoxarifado e Lealdador dos Pastéis[240] da ilha do Faial, com o ordenado de 4$400 [réis] a dinheiro e 6 moios de trigo por ano, ofício em que prestou juramento e tomou posse em 21.01.1666[241].

O pai de Francisca Gaspar Machado, Diogo da Ponte Maciel, era filho de João da Ponte, sendo de presumir que o apelido *Maciel* lhe viesse da mãe[242]. Os *Maciéis*, que no reino existiam com nobreza[243], teriam passado da França à região de Viana do Castelo, no tempo dos primeiros reis portugueses e aí surge, no século XV, Gonçalo Anes Maciel, fidalgo de brasão, de que descende um homônimo, casado com Clara Luís, os quais tiveram a Guiomar Luís Maciel, casada com Jácome Dias Flamengo, morador no Funchal (Madeira), no século XVI[244].

---

[239] Registos das Chancelarias (Arquivo Nacional/Torre do Tombo), que também dão como mentecapto o filho do capitão Estácio d'Utra Machado (o que serviu o emprego por mais de 20 anos), Manuel d'Utra Machado (✞ 24.01.1664), do qual foi filho o neto daquele, Estácio [*apud* A. Ferreira de Serpa, *Os Flamengos na Ilha do Faial: A Família Utra* (Lisboa: Centro Tip. Colonial, 1929), p. 137].

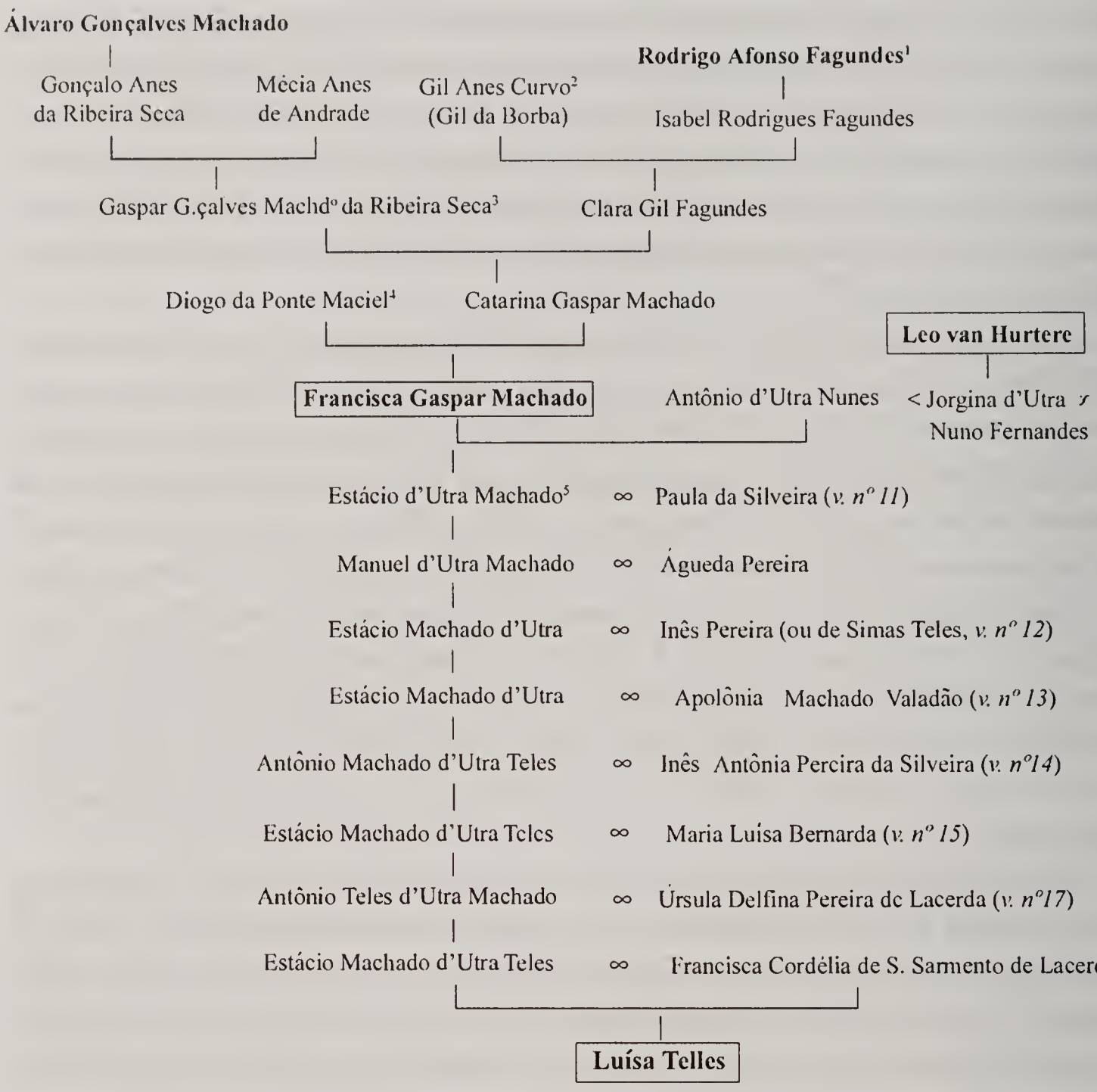
[240] Fiscal ou inspetor dos impostos alfandegários devidos pela exportação do pastel (*isatis tinctoria*), planta destinada à tinturaria, da qual o anil se tornou moderno sucedâneo [C. Aulete, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (Rio: Delta, 1958); Júlio da Rosa, *Nª Sª das Angústias* (Horta: 1984), p. 72); v. notas 23, 103 e 200].

[241] Fl. 274 v. do L. 5° do Registo da Câmara da Horta (*apud* A. Ferreira de Serpa, *op. cit.*, p.136). Este Estácio Machado d'Utra (✞ 31.10.1681) casou a 20.02.1666 com Apolônia Machado Valadão.

[242] E. de Campos, II, 101 (v. nº 4, acima: Maria da Anunciada).

[243] *Ibidem.*

[244] L. P. Clode, *Registo Genealógico de Famílias que passaram à Madeira* (Funchal: Tip. Comercial, 1952).



[1] Ademais de Isabel Rodrigues Fagundes, casada com Gil Anes Curvo (Gil da Borba), Rodrigo Afonso Fagundes teve a Inês Rodrigues Fagundes, que foi a segunda mulher de Afonso Gonçalves de Antona, na origem de (1) João de Frágoa Coelho, pai de Suzana Pimentel (v. n° 9, acima: SUSANA PIMENTEL); e de (2) Maria do Canto da Silveira, segunda mulher de Vital de Betencurt de Vasconcelos, trisavós de Úrsula Delfina Pereira de Lacerda (v. n° 17, abaixo).

[2] Natural do Alentejo e tronco dos *Borbas* na Vila da Praia (Terceira).

[3] Gaspar Gonçalves Machado da Ribeira Seca e a esposa, Clara Gil Fagundes, fizeram testamento em 19.02.1545. Gaspar era irmão de Inês Gonçalves Machado da Ribeira Seca.

[4] Filho de João da Ponte que, junto com Diogo de Teive, João Coelho, João Bernardes e João Leonardes, foi dos fidalgos que acompanharam o flamengo Jácome de Bruges, 1° capitão-donatário da Terceira, em 1450 e, como senadores, compuseram a primeira câmara (órgão judicial e administrativo) por ele organizada na ilha (v. n° 4, acima: MARIA DA ANUNCIADA; *cf.* Diogo das Chagas, *op. cit.*, Cap. 6°, n° 261, p. 218).

[5] O *Espelho Cristalino* de Fr. Diogo das Chagas (p. 489) lhe dá por esposa a Antônia Ferreira Drummond, dos *Drummonds* da ilha da Madeira mas os demais autores o dão casado com Paula da Silveira. O Pe. A. Cordeiro (*op. cit..*, Liv. VIII, Cap. IV, n° 22, p. 459) afirma que "... Vieram mais com o dito 1° capitão Joz de Utra outros seus parentes ... e outro por nome Antônio de Utra, de quem diz [em 1584, Gaspar] Frutuoso *liv. 6 cap. 37* [e 38] que era pessoa muito

11 - Paula da Silveira: casada com Estácio d'Utra Machado, era filha de *Catarina da Silveira* (✞ 1568), mulher de Diogo Gomes, fidalgo natural da ilha Graciosa (✞ 1565). *Catarina da Silveira* era filha do colonizador flamengo *Jorge da Terra* (Josse van Aard Aetrijcke) e de Margarida da Silveira, esta, por sua vez, filha do pioneiro *Guilherme da Silveira* (Willem van der Haghen) e de sua esposa, *Margarida Sabuyo* (v. nº 1, acima: João Luís e nº 14 abaixo: Inês Antônia Pereira da Silveira).

Alguns genealogistas[245] sustentam que Guilherme da Silveira nasceu em Bruges (Flandres), neto do duque de Borgonha, João "Sem-medo" (Dijon, França, 1371-1419), que era filho de Filipe II, "o Audaz" (*le Hardi*). Margarida Sabuyo seria filha de Amadeu VIII, duque de Sabóia (★ Chambéry, França, 1383 - ✞ Genebra, 1451), eleito antipapa em 1440 com o nome de Félix V. A hipótese é curiosa mas tendo sido a Flandres integrada nos domínios do duque de Borgonha, em 1384, não seria descabido que um fidalgo flamengo de boa estirpe pudesse ter acesso a um casamento que teria unido, na verdade, duas famílias com raízes principescas, embora pertencentes a ramos secundários, extraídos à linhagem principal via uniões ilícitas dos citados duques reinantes.

Como sói acontecer em meio às imprecisões destes casos, o certo é que Guilherme da Silveira era nobre e tinha bastantes posses, pois encheu às suas expensas duas naus com oficiais de todos os ofícios, suas mulheres e seus pertences, ferramentas, móveis e objetos pessoais, tudo, enfim e zarpou em direção aos Açores, primeiro para o Faial, onde pouco se demorou e depois para a Terceira, onde se fixou no sítio hoje conhecido como Quatro Ribeiras e ali viveu "com grande aparato e serviço". Na ilha de São Jorge, para a qual se mudou em 1483, depois de deixar a ilha das Flores, onde havia permanecido sete anos, chegou a possuir tantas terras de semeadura de trigo e pastel e de criação de gado, no sítio denominado do Topo, que este quase todo lhe pertencia. O rendimento desses bens atingia altas somas e raras casas havia tão abastadas quanto a sua. Morreu por volta de 1510, em data imprecisa mas que caiu na festa de São Tomé. Pressentindo sua hora, fez questão de se despedir dos oito filhos,

---

principal e que casou na ilha e dele procedem os *Utras* que hoje há nela, como um Estácio de Utra Machado, casado com Paula da Silveira, de que já em 1580 tinha duas filhas e seis filhos". Felipe II, de Espanha (I de Portugal), confirmou-o como sargento-mor em 18.12.1597, cargo que exercia há 16 anos sem ordenado, tendo, este, sido então fixado em 25$000 (v. nº 11, abaixo: Paula da Silveira). Em 29.02.1602 sucedeu-lhe o primogênito, Antônio d'Utra Machado, casado com Joana de Escobar de Gouveia e a este, o neto, Francisco d'Utra Machado (Diogo das Chagas, p. 482).

[245] James H. Guill, *A History of the Azores Islands* (Tulare, CA: Golden Shield, 1993), V, 139-40.

que viviam em distintas ilhas açoreanas. No dia derradeiro, pediu a um padre que rezasse a missa e, logo após a comunhão, faleceu na mais completa paz[246].

Quanto ao outro pioneiro flamengo, *Jorge da Terra*, era também fidalgo e foi de Flandres diretamente para o Faial, onde vinculou sua terça no testamento que fez, em 1546 e no respectivo codicilo, de 1553. Fixou residência junto a uma encosta, no lado Norte da Horta (Espalamaca), onde plantou um grande jardim (ou horta), que se estendia até quase à beira-mar. Próximo à morada fundou uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Conceição, que não tardou a ser igreja, sede da paróquia de mesmo nome. Na incursão que fizeram na ilha em 1597, os ingleses a saquearam, junto com outros templos, conventos e habitações privadas. Após ter sido restaurada em 1604, adquiriu a feição atual com a reforma empreendida em 1700, às custas de donativos conseguidos pelo pároco de então, Padre Teodósio Ferreira de Melo e é a sede da freguesia de origem da família de Teresa Mariana da Silveira, mulher de Sérgio Pereira Ribeiro[247].

12 - Antônio de Simas Telles: pai de Inês Pereira (também chamada Inês de Simas Telles), casada com Estácio Machado d'Utra (1620-55), passou à posteridade por ter sido o responsável pela introdução do apelido *Telles* na família, que ele bem pode ter tomado a um seu ancestral, na linha feminina. Qual teria sido este ancestral permanece, porém, um desconcertante mistério. Dada a restrita presença geográfica dos *Simas*, uma hipótese é que possa ter sido *Duarte Teles Barreto*, fidalgo do Algarve que passou à ilha Graciosa por volta de 1460. Ali fez assento na parte Sul da ilha, onde em 1546 foi fundada a Vila da Praia e casou com Joana Sodré, irmã de Vasco Gil Sodré, natural de Montemor-o-Velho[248], que vivia em Angra (Terceira) e foi o primeiro povoador da Graciosa logo após a sua descoberta. Os dois cunhados compartilharam a capitania da ilha antes que Pedro Correia da Cunha para lá fosse como capitão-donatário (1485). Vale assinalar que Vasco Gil Sodré e a irmã, filhos de João de Resende Sodré [249] e de Maria da Silva, eram netos do fidalgo inglês John Sudeley, que foi para Portugal no séquito da rainha Dª Filipa de Lencastre, quando de seu casamento com D. João I (1386), e dele se tornou *acontiado*[250]. Uma outra irmã,

---

[246] Júlio da Rosa, pp.109-13; M. Lima, *Anais ...*, pp. 42-3; *idem*, *Famílias Faialenses*, pp. 536-43.

[247] *Ibidem*, pp. 619-22.

[248] Na margem direita do Mondego, concelho de Coimbra (Lello Universal).

[249] Provedor das velas em Santarém, esteve na tomada de Ceuta em 1415.

[250] Remunerado pelo rei com a *contia*, cujo valor determinava que o vassalo devia servir o soberano com maior ou menor número de *lanças* (A. E. M. Zúquete e A. M. de Faria, p. 14).

Isabel Sodré e o marido, Estêvão da Gama, governador de Sines (Alentejo), foram pais de Vasco da Gama (★ 1469), o que fazia com que Vasco Gil Sodré e Joana Sodré fossem tios do célebre navegador.

Capturado por navegantes espanhóis durante as guerras de 1476-9 e levado para Castela, *Duarte Teles Barreto* foi morto com requintes de crueldade, mas consta que sua família lhe teria sobrevivido na Graciosa e alguns descendentes apenas usaram o apelido *Teles* em seus enlaces com famílias locais, entre as quais os *Simas*, guardando assim o vínculo com a nobilíssima casa dos *Teles de Meneses* (v. "Notas explicativas ao quadro genealógico dos *Teles Meneses*, ao final da 2ª Parte), da qual os *Teles Barreto* (tal como os *Teles da Silva* ou *da Silva Teles*) constituem um ramo.

Assumindo, como hipótese, ter sido aí que Antônio de Simas Teles foi buscar o *Teles* do seu apelido, consta que era *filho* de Antônio Dias de Simas[251], natural da vila do Nordeste, ilha de São Miguel, casado em 05.10.1587, na Sé de Angra, com Catarina Bolim (filha de João Gonçalves Bolim e de Inês Dias); e *neto pat.* do espanhol Domingos de Simas, *fidalgo de cota d'armas*, e de sua primeira mulher, Maria Álvares.

Antônio de Simas Teles casou com Inês de Utra e a filha, Inês de Simas Telles, desposou Estácio Machado d'Utra e deu início aos *Machados d'Utra Telles*, com geração na Terceira e no Faial. Mas os genealogistas[252] observaram que, quando casado, Antônio de Simas Telles curiosamente se assinava *Simas Valadão*. Viúvo, ordenou-se padre e passou a se assinar *Simas Telles* e é assim que figura no registo de óbito de 18.10.1656, da Sé de Angra, cujo cabido integrava como um de seus doze cônegos titulares. Tendo em vista que, na sua ascendência, *Valadões* e *Teles* não figuram na varonia, que é *Simas*, o fato de ele ter, em épocas distintas, assumido estes dois tradicionais apelidos somente se pode atribuir ao desejo de dar luzimento ao nome.

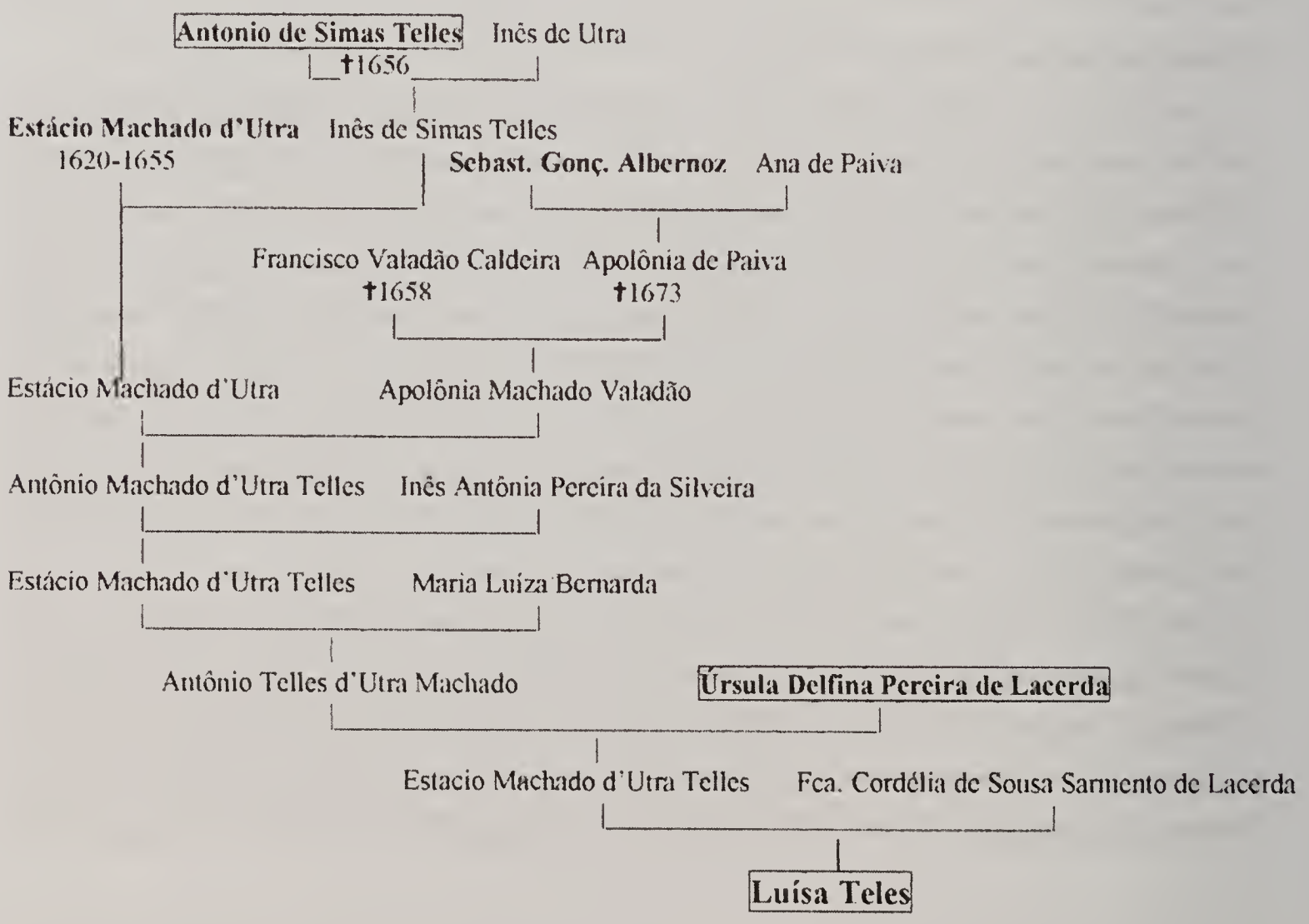
Se *Teles*, conforme visto, é apelido ilustre no Continente, *Valadão*, que morfologicamente significa "natural ou morador de uma valada (vale extenso e largo)", provém de *João Valadão*, que no século XV passou à ilha Terceira, onde recebeu várias terras de sesmaria, principalmente as que lhe foram doadas no limite das Quatro Ribeiras por Fernão Vaz e outros, por carta de

---

[251] *Apud* Dr. Jorge Eduardo de Abreu Forjaz, de Angra do Heroísmo, Terceira, citado por Cristiano Ferin, de Pta. Delgada, S. Miguel (correspondência ao autor, em 31.07.2001). M. Lima (*Famílias Faialenses*, p. 711, nº 32) dá-lhe por pai o capitão-mor de São Roque (ilha do Pico), Antônio Dias de Simas, com flagrante problema de cronologia, pois os filhos do 1º casamento deste, com Maria de Oliveira, nasceram entre 1617 e 1622, enquanto Antônio de Simas Teles certamente nasceu bem antes destas datas (Freg. S. Roque, Pico – batismos e casamentos).

[252] Dr. Jorge E. de A. Forjaz (correspondência ao autor, em 07.12.1996; v. notas 100, 103 e 221).

30.01.1495, confirmada por D. Manoel I em 14.04.1502. Sua principal residência foi a Casa dos Altos Ares, depois denominada "dos Altares", na freguesia do mesmo nome, que constava como sendo das mais ricas da ilha. Foi pai, entre outros filhos, de Margarida Valadão, Isabel Valadão e *Catarina Valadão*, esta, casada com Gomes Pacheco de Lima, fidalgo-cavaleiro da Casa Real, os quais tiveram a Iseu Pacheco de Lima, casada com Cristóvão Borges da Costa, também ele fidalgo-cavaleiro da Casa Real e foram avós de outro Cristóvão Borges da Costa, igualmente fidalgo-cavaleiro da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo (alvará de 16.08.1642, renovado em 04.04.1643), capitão de Ordenanças em Angra, senhor e herdeiro da casa e quinta dos Altares, que casou com Dª Catarina Coelho de Melo, da família dos *Coelhos*, na origem de Úrsula Delfina Pereira de Lacerda (v. nº 4, acima e nº 17, abaixo).



13 - Sebastião Gonçalves Albernoz: casado com Ana de Paiva, foram pais de Apolônia de Paiva († 24.11.1673), mulher de Francisco Valadão Caldeira († 21.02.1658) e avós maternos de Apolônia Machado Valadão, casada em 20.02.1666 com Estácio Machado d'Utra.

Sabe-se que Fernão Albernoz de Mendonça residia no Faial no primeiro quartel do século XVI, filho de Martim Albernoz de Mendonça e de Brásia da Câmara e casado com Paulina Furtado de Mendonça. Mas já Frei Agostinho de Montalverne[253], ao descrever a expedição de Joos van Huerter à ilha em 1466, diz: "... Como Job Dutra lhe não agradasse o sítio da Praia, deixou nela a *Pero Gomes Albernaz* e outro irmão, Fernão de Évora ..." E Gaspar Frutuoso, na descrição que faz do Faial em seu manuscrito "Saudades da Terra" (Ponta Delgada, 1584), indica: "Há nesta vila de Horta muita gente nobre: os de geração de Jos Dutra, capitão, e de Guilherme da Silveira, e de Jos da Terra e dos *Albernazes*, que são africanos[254], os Pereiras, Brandões, Fialhos, Melos, Escovares, Evangelos (sic), Carvalhos, Peixotos e Xarmentos (sic), que procedem de Ponte de Lima [no Minho]".

O apelido *Albernoz*, variante de *Albernaz*, designaria o natural da Alvérnia, isto é, da região francesa da *Auvergne*[255]. Já outros o têm por um topônimo de origem árabe, proveniente de mouros convertidos ao cristianismo durante a ocupação da Península Ibérica e, neste caso, a partícula *de* teria desaparecido com o tempo[256].

Três representantes desta família ilustre figuram entre os cavaleiros que apoiaram a aclamação de D. João I como rei, em 1385, dando início à dinastia de Avis no trono de Portugal: Diogo Afonso Alvernaz, João Afonso Alvernaz e Martim Afonso Alvernaz. No tempo do rei D. Afonso VI (1438-81) passou a Portugal Fernão Carrilho de Albernaz, que casou com Maria Borges e tiveram entre seus netos a Diogo Borges de Albernaz, natural da vila de Guimarães e que viveu na ilha da Madeira, onde deixou descendência. Teve carta de brasão de armas passada em 30.03.1538.

14 - Inês Antônia Pereira da Silveira: mulher de Antônio Machado d'Utra Telles, trisavós de Luísa Telles. Foi possível remontar à sua genealogia distante

---

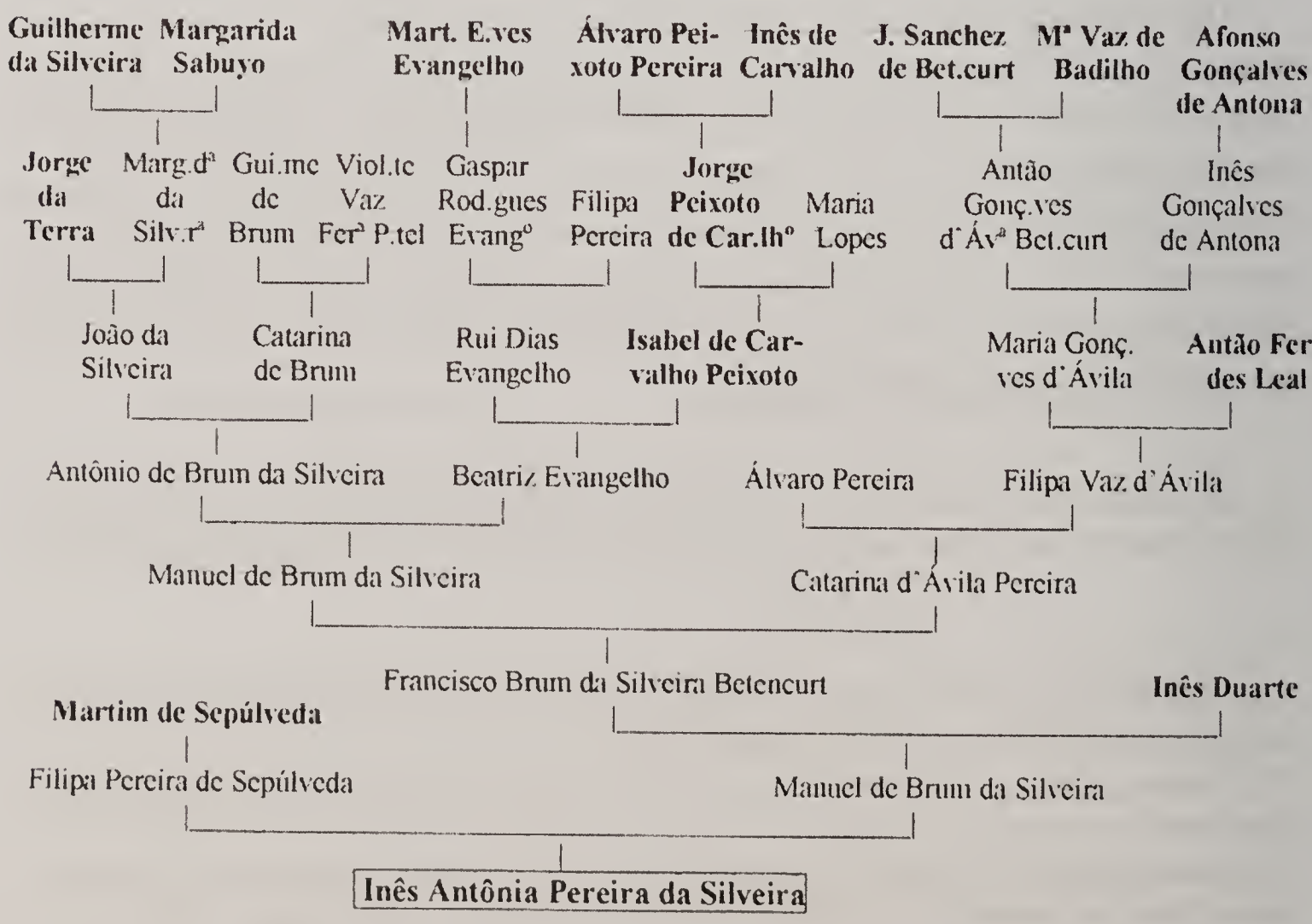
[253] Fr. Agostinho de Monte Alverne (S. Miguel, 1629-1726), *Crônicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores* (Pta. Delgada: 1962).

[254] Do Norte da África, i. é, descendentes dos mouros (séc. VIII A.D.) ou dos cartagineses que assentaram em Braga, em 434 a.C.

[255] *Cf.* nas cantigas de Santa Maria, do séc. XIII: "Casar-te quero com um Alvernaz" e, em 1368: "... Afonso Martins Alvernaz" (*apud* J. P. Machado, *Dic. Onomástico e Etimológico* ..., I, 73).

até compor praticamente toda a geração que se estabeleceu no Faial nos primeiros tempos da colonização (século XV). A partir daí se conseguiu chegar, com relativa segurança, até algumas raízes francesas, no século XIII, mencionadas nos quadros genealógicos reproduzidos nesta seção.

Assinale-se que em Inês Antônia Pereira da Silveira se conjuga a descendência de alguns dos principais colonizadores flamengos dos Açores, entre eles *Guilherme da Silveira* (Willem van der Haghen); Jorge da Terra (Josse van Aard Aetrijcke); e *Guilherme de Brum* (Willem van Bruyn Kasmasch), natural de Maastricht, que assentou na ilha da Madeira por volta de 1480 e daí passou ao Faial. A consorte, Violante Vaz Ferreira Pimentel, era de família fidalga madeirense e o casal também teve a Antônio de Brum, "o Velho", casado com Bárbara da Silveira, outra das filhas de *Jorge da Terra* e de Margarida da Silveira. Isto faz que os três pioneiros citados tenham sido, respectivamente, bisavô e avôs de (1) *Antônio Brum da Silveira*, casado em segundas núpcias com (2) *Beatriz Evangelho*, filha de (3) *Isabel de Carvalho Peixoto* e de (4) *Rui Dias Evangelho*, ela, filha de (5) *Jorge Peixoto de Carvalho* e de (6) *Maria Lopes*. Outro dos pioneiros nesta ascendência foi *Afonso Gonçalves de Antona,* casado no Reino, em 1ªs núpcias, com *Antônia Gonçalves* e pais de *Inês Gonçalves de Antona* (v. nº 6, nº9 e nº 11, acima):



(5) *Jorge Peixoto de Carvalho,* natural de Guimarães, onde nasceu em 1487, era fidalgo da nobre casa de Pousada e veio estabelecer-se no Faial em 1518, fugindo da justiça do Rei e da represália dos familiares de um seu desafeto, que ele mandara para a melhor em duelo de morte. Nunca mais deixou a ilha, onde viveu *à lei da nobreza* e investido em alguns dos primeiros cargos do governo. Casou com Inês Fernandes, nobre e rica como ele mas dela não teve descendência, que lhe adveio de união extraconjugal com (6) Maria Lopes, natural da Freguesia dos Cedros, mulher de condição humilde, porém, *muito limpa de sangue*, como reza um documento da época[257].

(5) *Jorge Peixoto de Carvalho* era *filho* de Álvaro Vaz Peixoto Pereira, fidalgo da Casa Real e 5° senhor do morgado de Pousada, em Guimarães, e de sua mulher, D. Inês de Carvalho[258]; *neto* de Rui Vaz Peixoto, escudeiro de D. Afonso, 1° duque de Bragança (1442-1461), e de D. Florinda Fernandes (filha de Fernão Anes e de Leonor Gomes); *bisneto* de Vasco Gomes Peixoto, senhor do morgado de Pousada (22.11.1435), casado (2ªs núpcias) em 23.04.1408 com D. Maria Nicolas († 30.05.1433); *trineto* de Gomes Gonçalves Peixoto, casado com D. Elvira Pires Botelho[259]; *tetraneto* de Gonçalo Gonçalves Peixoto († 1308), instituidor do referido morgado de Pousada, em 1302, e de Maior Aires (união extra-conjugal); *quinto neto* de Gonçalo Gomes Peixoto (≈ 1258), porteiro-mor de D. Afonso III (reinou 1248-79), e de sua mulher, D. Auzenda Anes Guimarães[260]; *sexto neto* de Gomes Viegas de Portocarreiro[261] († 1257), por alcunha *Peixoto* (diminutivo de "peixe"), rico-homem de D. Sancho II (reinou 1223-47) e seu embaixador à França, valido de D. Afonso III, de quem recebeu

---

[256] *Cf.* as variantes, Dª Margarida de Albernaz (1378), 2ª esposa de Nuno Fernandes Cogominho, almirante do Reino no tempo de D. Dinis (1279-1315) e D. Álvaro Fernandes de Albornoz, senhor de Albornoz, senhorio situado no distrito espanhol de Cuenca (Castela), de que tomou o apelido no século XIII (*ibidem*).

[257] Isto é, "sem sangue judeu, mulato ou mouro" (M. Lima, *Famílias ...*, Tít. XXII: *Peixotos*, n. 1 e 2, pp. 403-8). Sobre a genealogia dos *Peixotos*, v. Artur Vaz Osório da Nóbrega, *Peixotos – Subsídios para a sua genealogia* (Braga: 1973).

[258] Filha do desembargador Diogo Afonso de Carvalho (at. 1439-1444), corregedor de Trás-os-Montes, e de sua mulher, Branca Pinheiro. Diogo Afonso de Carvalho era filho de Maria de Azevedo e de Afonso Lourenço de Carvalho, senhor da quinta de Adanha e que vivia na quinta de Costa, freguesia de Mouquim (Braga).

[259] Filha de Pero Martins Botelho e de Dórdia (Dorotéia) Martins de Lisboa.

[260] Filha de João Mouro e de D. Urraca Nunes Manteigas († 1288), senhora da quinta do Outeiro. Sobre o cargo de porteiro-mor, v. nota 111.

[261] Dado tradicionalmente como progenitor dos *Peixotos*, ligação destes com os *Portocarreiros* não aceita por J. A. Pizarro (*op. cit.*, II, 323-4), que dá como marido de Maria Rodrigues de Pereira a Gomes Peixoto, "o Velho", sem patronímico, dele derivando a linhagem que se apelidou *Peixoto* (*ibidem*, p. 297).

a honra de Pardelhas, junto de Guimarães e teve o senhorio da Calçada, em Santo Estêvão de Oldrões, no concelho de Penafiel de Sousa (Porto), que era solar da família. Filho de Egas Henriques de Portocarreiro (na corte de D. Sancho I, em 1187) e de Teresa Gonçalves de Curveira[262], foi casado com Maria Rodrigues de Pereira (filha de Rui Gonçalves de Pereira e de D. Sancha Henriques de Portocarreiro e neta paterna de D. Gonçalo Rodrigues da Palmeira) e deste matrimônio provêm os de apelido *Peixoto* (v. n° 2, acima: MARIA PEREIRA).

A filha de *Jorge Peixoto de Carvalho*, (3) *Isabel de Carvalho Peixoto*, obteve de D. João III, em 19.06.1539, carta de legitimação com todos os foros de nobreza do pai, de quem foi nomeada herdeira universal. Alguns parentes invejosos não viram com bons olhos esta medida, que não só revestia Isabel de um nome ilustre mas, sobretudo, lhe propiciava a entrada na posse de bens por eles cobiçados. Moveram-lhe então uma guerra surda, feita de intrigas, calúnias e vexações, a ponto de denunciá-la como cristã-nova[263] perante o tribunal do Santo Ofício, sob o pretexto de ser o pai neto de *Branca Pinheiro*, tia de Maria Pinheiro, em quem começou a aleivosa suspeita. Isabel, que contava a seu favor com pessoas de vulto, refutou todas as supostas falsidades que lhe haviam lançado, num processo que vagueou anos pelos tribunais e mesas da Inquisição. Demonstrou-se, por fim, a sua *limpeza de sangue*, a sua fidelidade católica e a de seus ascendentes, atestada pelo próximo parentesco com bispos, arcebispos e inquisidores gerais. O ato justificativo pertinente produziu-se na ilha do Faial em 15.06.1574, sendo a acusada imediatamente isentada pelo Santo Ofício e, portanto, restituída à sua antiga fama. Algum tempo depois, em 09.04.1608, outra justificação igual foi apresentada na vila de Guimarães, terra natal de seu pai[264].

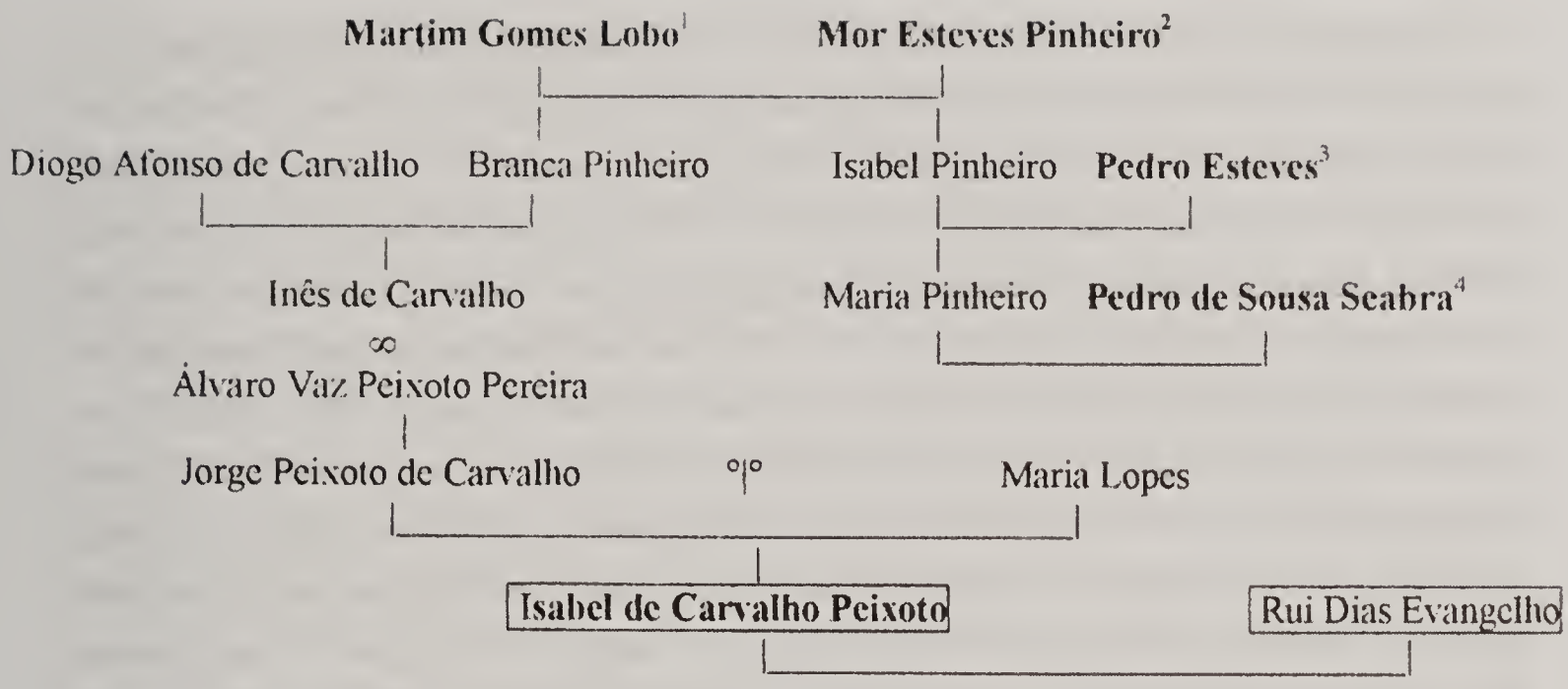
O quadro a seguir mostra as vinculações familiares acima descritas:

---

[262] Por quem terá entrado nos *Portocarreiros* a torre de Curveira (*ibidem*).

[263] Conheciam-se como *cristãos-novos* os judeus convertidos ao cristianismo por força de decretos reais, assinados em Portugal a partir de 1497. Eram chamados *marranos* quando, para evitar perseguições, professavam abertamente o cristianismo mas continuavam ocultamente fiéis à sua primitiva religião. Eventualmente pode ter sido este o caso de Isabel de Carvalho Peixoto que, embora cristã, teria sido acusada de práticas judaizantes (E. Bueno, *Náufragos...*, p. 68; C. Aulete, *op. cit.*).

[264] M. Lima, *Famílias Faialenses*, pp. 404-5.



---

[1] Doutor em leis e ouvidor-geral da casa de D. Afonso, 1° duque de Bragança (1442-1461), é incerta sua origem nos grandes *Lobos*, senhores de Alvito, em cujo ramo Diogo Lopes Lobo II, 3° senhor de Alvito (1450), foi casado com D. Isabel de Sousa, filha do Mestre da Ordem de Cristo, Lopo Dias de Sousa. A estirpe de Martim Gomes Lobo confirmar-se-ia, porém, com o bom casamento das filhas, Branca Pinheiro, com Diogo Afonso de Carvalho; Isabel Pinheiro, com Pedro Esteves, também cavaleiro da casa do duque de Bragança; e Leonor Gomes Pinheiro, com Martim de Castro, outro cavaleiro da casa do duque de Bragança e alcaide-mor de Melgaço, avós de Pedro de Castro, que casou com D. Beatriz de Melo, filha de João de Melo (v. nota 207). Assim sendo, ele poderia descender de Rui Dias Lobo, 2° senhor de Alvito e de Maria Vasques, sendo, então, *neto* de Diogo Lopes Lobo I, "o Velho", 1° senhor de Alvito, cavaleiro e alcaide-mor de Évora e senhor das vilas de Alvito, Vila Nova de Alvito e Ribeira de Nisa (D. João I, 1385); *bisneto* de Lopo Fernandes Lobo e de Maria Vaz Mascarenhas; *trineto* de Fernão Pires Lobo, cavaleiro de D. Afonso III, e de D. Maria de Brito; *tetraneto* de Pero Pais Lobo, que veio da Galiza no reinado de D. Sancho II e dele recebeu o senhorio da terra de Basto, e de D. Maior Moscoso, filha de Fernão Gonçalves de Moscoso; *quinto neto* de Paio Pires Lobo e de D. Sancha; *sexto neto* de Pedro Lopes Lobo; e *sétimo neto* do conde D. Lopo Dias († 1170), 9° senhor soberano de Biscaia, Nagera e Castela-a-Velha, e de D. Aldonça Rodrigues de Castro, filha de D. Rodrigo Fernandes de Castro, "o Calvo", senhor de Cuellar (Anselmo Braamcamp Freire, I, pp. 70, 145, 281 e 384; III, pp. 302-3; A. de Morais, *Pedatura Lusitana*).

[2] ✞ ▫ vila de Barcelos, *filha* de Estêvão Gomes de Outiz [Pinheiro], *neta* de Estêvão Gomes de Outiz, senhor da quinta de Outiz (reinado de D. Pedro I) e *bisneta* de Gomes Nunes de Outiz e de Mília Fernandes Camelo. Esta era *filha* de Fernão Gonçalves Camelo, cavaleiro (c. 1306-26) e de Constança Pires de Arganil; *n.p.* de Gonçalo Martins da Cunha *Camelo* (c. 1282, filho de Martim Lourenço da Cunha, cavaleiro em 1248, fundador da honra de Cunha-a-Nova, na freguesia de Sto. André de Parada, no julgado de Faria) e de Teresa Anes de Portocarreiro (filha de João Pires de Portocarreiro, cavaleiro em 1272, casado com Mor Anes Coelho, filha do trovador João Soares Coelho); e *n.m.* de Pero Afonso de Arganil (filho de Afonso Pires de Arganil, que levou as cabeças dos Santos Mártires do Marrocos para Sta. Cruz de Coimbra) e de Estevainha Pais de Valadares, esta, por sua vez, *filha* de Paio Soares de Valadares e *neta* de Soeiro Pais de Valadares, cavaleiro em 1222 e mordomo de Afonso IX, de Leão, em 1225 (J. Pizarro, II, 383-5).

[3] ★ c. 1405, era afilhado de batismo do condestável D. Nuno Álvares Pereira. Doutor *in utroque jure* pela Universidade de Salamanca, foi desembargador do conselho de el-rei, coudel-mor (*capitão de cavalaria*) da câmara de Guimarães, cavaleiro da casa do duque de Bragança e seu procurador em Guimarães (1441), ouvidor das terras do ducado e vedor (*inspetor, intendente*) das

O marido de *Isabel de Carvalho Peixoto*, (4) *Rui Dias Evangelho*, foi ouvidor das justiças nas ilhas do Faial e Pico, por provisão régia de 11.06.1559. Era *bisneto* de Martim Esteves Evangelho, "o Beirão" (natural da Beira, c. 1455-95); *neto* de Rui Lourenço, escudeiro, natural de Óbidos, e de Isabel Rodrigues Evangelho e *filho* de Gaspar Rodrigues Evangelho, que se diz ter sido o primeiro desta família que passou aos Açores e se tornou senhor de extensas propriedades na ilha do Pico, onde dera início ao povoamento. Gaspar Rodrigues Evangelho era casado com Filipa Pereira, filha de Isabel Pereira, fundadora de uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Conceição na vila das Lages, no lugar onde depois se erigiu o convento de São Francisco. Mas não se há de esquecer que, no "Espelho Cristalino" (1640-1645), Diogo das Chagas[265] conjeturava que "o primeiro homem que se pratica por certo haver entrado nesta ilha [do Pico] para povoar, foi um Fernando Alvarez Evangelho" .

O filho de (1) *Antônio de Brum da Silveira* e (2) *Beatriz Evangelho*, *Manuel de Brum da Silveira*, casou-se com *Catarina d'Ávila Pereira*, da nobre geração dos *Béthencourts*, de França, com casa e solar na Picardie, senhores de Grainville la Teinturière (Caux, ducado de Longueville, na Normandia). Após estarem em Espanha, com Antão Gonçalves d'Ávila Betencurt os desta linhagem se foram estabelecer na ilha Terceira, logo depois da sua descoberta (c. 1450) e daí passaram ao Faial e Pico, por via de Filipa Vaz de Ávila, casada com Álvaro Pereira, que era natural desta última ilha.

---

obras dos paços e fortalezas de D. Afonso V (1464). Quiseram-no de origem humilde, filho bastardo de um sacerdote com uma moura e, por amores, matrimoniado com uma "formosa judia" (que seria Isabel Pinheiro). O cronista Damião de Góis (1502-74) fomentou essa imputação ao dele dizer que "se criou judeu no foro de sua mãe e depois se fez cristão ..." (M. Lima, *op. cit.*).

[4] Fidalgo da casa do duque de Bragança e meirinho-mor de suas terras, foi 1° senhor da vila de Prado, por doação do 3° duque, D. Fernando II (1430-83). Com a execução deste em Évora, abrigou-se em Castela junto do conde de Benavente, D. Rodrigo Anes Pimentel, que lhe deu a alcaidaria-mor de Seabra. Era filho de Martim Afonso de Sousa, 4° senhor de Mortágua, descendente de Martim Afonso de Sousa *Chichorro*, e de D. Violante Lopes de Távora, filha do senhor de Mogadouro. Com a consorte, Maria Pinheiro, teve a (1) D. Violante de Távora, casada com D. Álvaro de Ataíde, pais de D. Antônio de Ataíde (1500-63), 1° conde da Castanheira, homem de prestígio na Corte de D. João III, articulador da decisão real de dividir o Brasil em capitanias hereditárias, em 1532 e sobre quem recaiu a pecha de que a avó era judaizante; a (2) Lopo de Sousa († 1515), aio de D. Jaime, 4° duque de Bragança, que o nomeou alcaide-mor de Bragança. Foi pai de Martim Afonso de Sousa (1500-71), que casou em Castela com D. Ana Pimentel, em 1524 e em 1530 chefiou a 1ª expedição exploradora à costa brasileira; e a (3) João de Sousa, pai de Tomé de Sousa, futuro 1° governador-geral do Brasil, em 1549 [*cf.* E. Bueno, *Capitães do Brasil* (Rio: Objetiva, 1999), pp. 25-35, 77].

[265] Diogo das Chagas, p. 507.

Provenientes da lídima nobreza de França, os irrequietos *Béthencourts* (modernamente grafados *Betencurts*) marcaram presença em episódios cruciais da história daquele país. Vários de seus representantes perderam a vida na célebre batalha de Azincourt[266], em que Henrique V, de Inglaterra, infligiu fragorosa derrota ao exército francês, nos meados da Guerra dos Cem Anos, ali mesmo na Normandia, onde os *Béthencourts* eram senhores de burgos e cidadelas.

Foi por esta altura que alguns deles se transferiram para a Espanha e tomaram parte na aventura marítima do século XV, quando empreenderam a conquista das ilhas Canárias (1402-1418), de que foi senhor Jean de Béthencourt (1360-1425), camarista de Carlos VI, rei de França, e cognominado "o Rei das Canárias", por mercê de Henrique III, de Castela, em 1402. Nestes feitos se destacaram também seus sobrinhos, Maciot e Henri de Béthencourt, filhos de seu irmão, Regnault. Outro dos filhos de Regnault, Georges, passou a Castela, onde se instalou na Corte de Valhadolid, a fim de tratar dos interesses de seu tio, Jean e foi ele quem casou em Sevilha com Elvira de Ávila e foram avós do acima citado Antão Gonçalves d'Ávila Betencurt, o primeiro da família a se estabelecer na Terceira (c. 1450).

Das Canárias Maciot e Henri de Béthencourt foram para a ilha da Madeira, onde constituíram o grupo dos "primeiros povoadores". Maciot era casado em França com Lerianda de Gardaleme e tiveram a Marguerite de Béthencourt, que casou com o tio, Henri. Estes foram pais de outro de mesmo nome, Henrique de Betencurt, que viveu na Ribeira Brava, onde teve muitas terras na Banda de Além e, casado com Isabel Fernandes Tavares, tiveram a João de Betencurt, marido de Bárbara Gomes Teixeira, de quem foi filho Francisco de Betencurt que, passando à Terceira, ali faleceu em 09.10.1582. Francisco casou em primeiras núpcias com Joana Mendes de Vasconcelos e são os avós de Vital de Betencurt de Vasconcelos, casado quatro vezes, a terceira das quais com Iseu Pacheco Abarca.

Da Madeira foi um passo para as ilhas açoreanas onde, sempre atentos às alianças entre famílias, também os representantes deste ramo se uniram com a

---

[266] A batalha de Azincourt travou-se em 25.10.1415 junto à localidade francesa de Azincourt (Agincourt é a grafia inglesa do nome), situada no departamento de Pas-de-Calais. Em cerca de três horas de combate, as tropas do condestável Charles I d'Albret foram massacradas pelo exército inglês que, embora esgotado pela longa marcha que empreendera nos dias anteriores, viu-se favorecido pela situação do terreno, densamente arborizado e molhado, em consequência das chuvas que caíram na ocasião. As perdas inglesas foram pequenas, enquanto Charles d'Albret e doze outros membros da mais alta nobreza, cerca de 1500 cavaleiros e 4500 soldados, pereceram do lado francês. O episódio foi magistralmente celebrado por William Shakespeare na peça teatral "*King Henry the Fifth*", em que exalta a coragem, habilidade e magnanimidade do rei Henrique V (*Encyclopaedia Britannica-1974*).

nobreza local. Em Angra edificaram o palacete da rua da Rosa, situado no atual n° 49 daquele logradouro.

Conforme se pode verificar pelo quadro abaixo, a genealogia dos *Béthencourts* remonta a *Filipe, Cavaleiro e Senhor de Béthencourt*, que viveu no tempo do rei Luís VIII (c. 1225), antes de chegar às gerações insulanas[267]:

Philippe de Béthencourt (1226)
|
Regnault de Béthencourt (1260)
|
Jean de Béthencourt (ca 1275-1337) ∞ Nicole de Grainville
|
Jean de Béthencourt (c. 1320) ∞ Isabeau de Saint Martin < Jean de St. Martin ∞ Isabeau de Harcourt
(✞ 1357, em Honfleur, no exército do marechal de Chermont)
|
Jean de Béthencourt (c. 1339) ∞ Marie de Bracquemont, Florenville e Sedan < Regnault de Bracquemont
(✞ 1364, em Cocherel, no exército do condestável Bertrand du Guesclin)
|
Regnault de Béthencourt ∞ Philipote de Troyes
(Grão-mestre da casa do duque de Borgonha e irmão de Jean de Béthencourt, governador das ilhas Canárias. c. 1362-1425)
|
| 1° filho de Regnault | 2° filho de Regnault
Henri de Béthencourt ∞ Marguerite de Béthencourt < Maciot de Béthencourt
| ∞ Lerianda de Gardaleme
| 3° filho de Regnault
Georges de Béthencourt ∞ Elvira de Ávila < Estèvão Domingos de Ávila ∞ Ximena Blasques de Ávila
(origem dos Ávilas Betencurts) (Senhor das Navas e Cespedora, Galiza: alferes e alcaide-mor de Ávila)
|
Juan Sanchez de Betencurt e Ávila ∞ Maria Vaz de Badilho < dos nobres senhores de Badilho
(Senhor de S. Bartolomeu de Lunares e Nave Redonda) (Badilho: província de Samora)
|
Antão Gonçalves d'Ávila Betencurt ∞ Inês Gonçalves de Antona < Afonso Gonçalves de Antona
(casou na Terceira, onde o sogro era proprietário)
|
Maria Gonçalves d'Ávila ∞ Antão Fernandes Leal
|

---

[267] H. H. de Noronha, *Nobiliário da ilha da Madeira*, II, 52-6 [rev. com base no *website* dos *Betencurts* (www.meganet)].

|

Filipa Vaz d'Ávila ∞ Alvaro Pereira

|

Catarina d'Ávila Pereira ∞ Manuel de Brum da Silveira < Antônio Brum da Silveira

| ∞ Beatriz Evangelho

Francisco Brum da Silveira Betencurt ∞ Inês Duarte

|

Manuel de Brum da Silveira ∞ Filipa Pereira de Sepúlveda < Martim de Sepúlveda

| (Senhor de Noudar e Buarcos)

Inês Antônia Pereira da Silveira ∞ Antônio Machado d'Utra Telles

15 - Maria Luísa Bernarda: mulher de Estácio Machado d'Utra Telles e bisavó de Luísa Telles. Foi também possível traçar-lhe boa parte da genealogia e remontá-la a alguns dos primeiros povoadores do Faial. O quadro genealógico correspondente bem ilustra a representatividade dos nomes citados.

Do lado materno, Maria Luísa Bernarda era neta de *Ana Carrascosa* (≈ 05.08.1658, ∞ 1678 com Manuel Silveira Gouvêa), cuja família paterna provinha de *Pedro Rodrigues Carrascosa*, filho de Álvaro Rodrigues Carrascosa e de Paula de Bom-Dia, irmã de Francisco de Bom-Dia (Buendia), um espanhol que foi para o Faial como soldado de pique (cabo lanceiro), no terço (regimento) dos castelhanos comandados pelo capitão Ruas, quando do governo filipino (1580-1640). Casou na ilha e lá ficou vivendo, desonerado do serviço militar e por tal forma agenciando o seu negócio que acumulou grossa fortuna. Ocupou alguns cargos públicos, entre eles, durante muitos anos, o de síndico do convento de São João. Era filho de Pedro de Buendia e de sua mulher, Elvira Sierra, residentes em Villamayor (Espanha). O sobrinho, o mencionado *Pedro Rodrigues Carrascosa*, foi para o Faial a chamado do tio e, mercador como ele e à sua sombra, tão bom comércio fez que juntou largo cabedal e foi um dos principais na governança da terra. Chegou a ocupar, em 1643, o cargo de Juiz dos Órfãos e dos Ausentes.

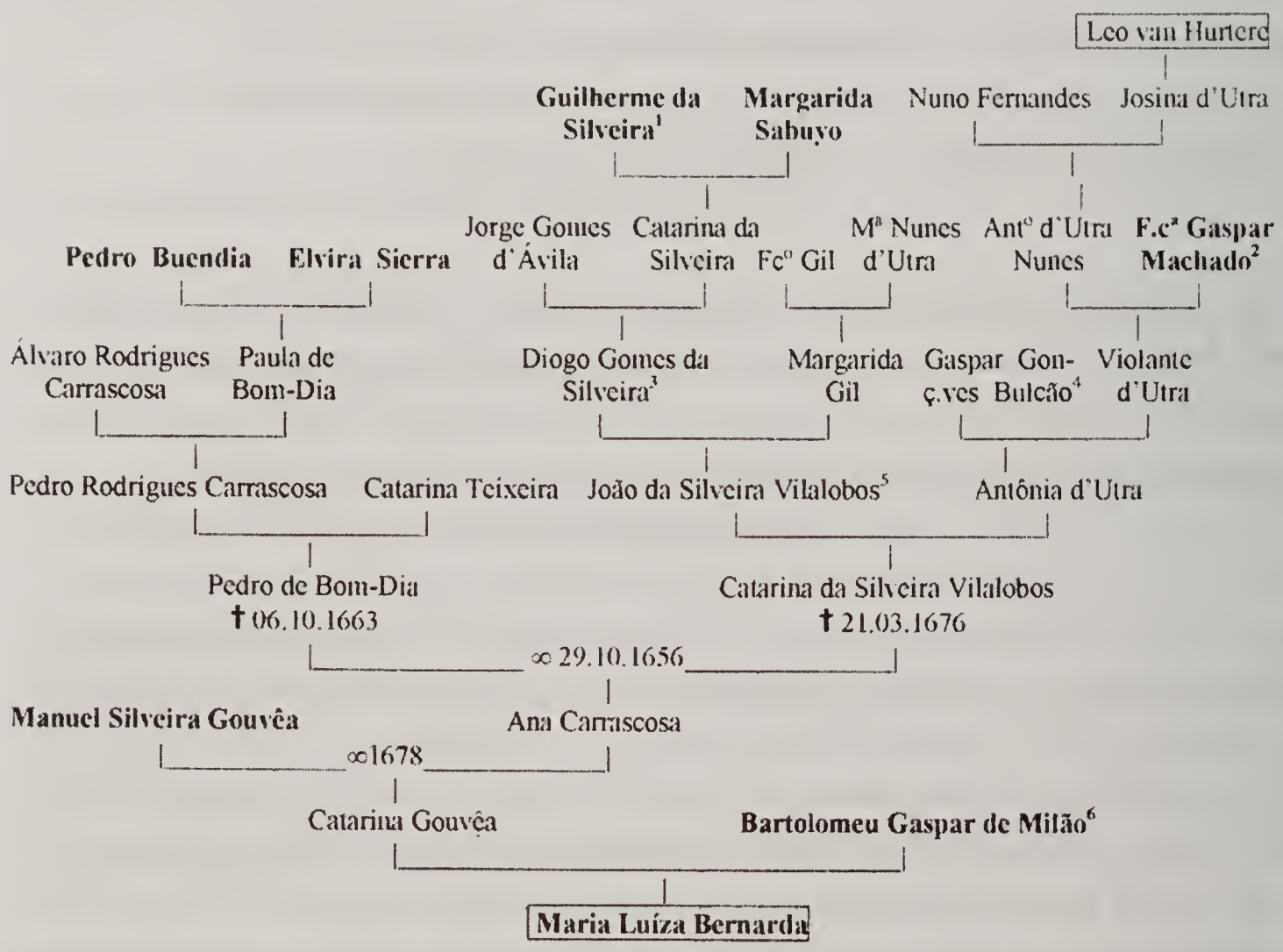
O avô materno de *Ana Carrascosa*, João da Silveira Vilalobos, era filho de Diogo Gomes da Silveira, o primeiro capitão-mor do Faial, de 1573 a 1578, que foi governador militar do Pico e síndico do convento de São João, casado com Margarida Gil, filha de Francisco Gil, natural da Beira (Portugal) e de Maria Nunes d'Utra. Quanto à avó materna, Antônia d'Utra, era filha de Gaspar Gonçalves Bulcão[268] e de *Violante d'Utra*, ele, fidalgo de origem flamenga, de eleva-

---

[268] *Bulcão* é como ficou conhecido nos Açores o apelido flamengo *Bulscam* ou *Bulscamp* (*cf.* M. Lima, *Anais* ..., p. 41).

da posição social pelos bens de fortuna e escolhidas relações de parentesco. *Violante d'Utra*, por sua vez, era irmã de Estácio d'Utra Machado, ambos, netos de *Josina d'Utra*, irmã do célebre pioneiro flamengo, *Josse van Huerter* (v. n° 10 acima: Francisca Gaspar Machado).

O quadro a seguir ilustra o alto nível de representatividade dessas famílias, cuja união se encontra na origem de Maria Luíza Bernarda:



---

[1] Aqui imbrica o quadro genealógico de Inês Antônia Pereira da Silveira (v. n° 14, acima). Também por seu intermédio, tanto quanto de Maria Luíza Bernarda, descendem os Telles Ribeiro de um dos mais notáveis troncos derivados dos primeiros povoadores das ilhas açoreanas (v. n° 11, acima: Paula da Silveira; nota 6 do Cap. I e o Cap. II da 1ª Parte: "A Ventura").

[2] V. n° 10, acima.

[3] 1° capitão-mor da ilha do Faial e governador militar da ilha do Pico (1573-8), foi síndico do convento de S. João (Horta, Faial). Ao filho, João da Silveira Vilalobos, legou 33 alqueires de terra lavradia, "pouco mais ou menos ou tanta quanta for", de que este mencionou ser proprietário ao dotar para freira a filha, Ágada da Trindade, em 1637. Foi casado com Margarida Gil, filha de Francisco Gil, natural da Beira (*apud* M. Lima, *Famílias Faialenses*, Tít. 26: *Silveiras*, nota n° 8, p. 545; v. nota 5, abaixo).

[4] Por esta via entroncam mais uma vez os Telles Ribeiro nos descendentes dos pioneiros flamengos que assentaram no Faial logo no início do povoamento, no século XV, pois Bulcão é adaptação fonética do flamengo *Bulscam* ou *Bulscamp* (v. nota 268, acima e n° 3 da "Genealogia": Francisco Gomes Pais).

[5] Seria o caso de indagar: de onde assumiram João da Silveira Vilalobos e seus irmãos o ilustre apelido de *Vilalobos*, que juntaram ao luzidio *Silveira*? Uma das filhas de João da Silveira Vilalobos,

16 - João Garcia Pereira: proveniente de uma das mais ilustres linhagens de Portugal, a dos *Pereiras*, era *filho* de Garcia Álvares Pereira e de Dª Inês da Silva de Magalhães; *neto* de Gonçalo Pereira e de Dª Filipa Henriques de Albergaria; e *bisneto* de Fernão Pereira, senhor da casa da Feira e de sua segunda mulher, Dª Maria (ou Isabel) de Berredo. O avô paterno de João Garcia Pereira, Gonçalo Pereira, era meio-irmão de Rui Vaz Pereira, 1° conde da Feira, pois nasceu primogênito do segundo casamento de Fernão Pereira com D. Maria (ou Isabel) de Berredo, filha de Gonçalo Pereira, "o das Armas de Riba de Vizela" e de D. Maria de Miranda (filha natural do arcebispo de Braga, D. Martim Afonso da Charneca).

João Garcia Pereira (★ c. 1445) tinha gênio arrebatado e, por cousa de nada, arrancava da espada. Depois de ter estado em Tânger[269], onde prestou relevantes serviços a el-rei, consta ter aportado no Faial no início do século XVI, ao fugir das penas que lhe teriam sido imputadas por haver matado no Continente, numa desforra de mocidade, um fidalgo, próximo parente de D. Francisco Coutinho, 4° conde de Marialva (✞ 1532). Viveu na ilha vida recatada e foi muito considerado pela 1ª "capitoa", Dª Brites de Macedo, cujo filho, Jos de Utra[270], foi padrinho de batismo de um filho seu, (1) *Gaspar Garcia Pereira Sarmento*.

Casou-se c. 1470 com sua prima, Dª Isabel Pereira Sarmento Roxo, viúva de Gabriel de Bruges[271] e filha de *Gonçalo Pereira Roxo* e de Dª Maria Sarmento[272]. *Gonçalo Pereira Roxo*, da casa dos senhores de Basto, era *filho* de João

---

Ágada da Trindade, professou no convento de S. João (Horta) e a escritura de retificação de dote foi feita pelos pais em 02.07.1638 (Tombo do Conv. de S. João, Liv. IV, *in* M. Lima, *op. cit.*, p. 547; v. nota 3, acima).

[6] A. Ferreira de Serpa (*ob. cit*, p. 135) admite que Bartolomeu Gaspar de Milão seria um picheleiro (*fabricante de pichel, antiga vasilha para tirar vinho das pipas*), que em 1718 servia na ilha do Faial como procurador do Concelho.

[269] Cidade do Marrocos, situada no estreito de Gibraltar, foi tomada por D. Afonso V em 1471 (*cf.* Lello Universal). Sobre a genealogia de João G. Pereira, v. M. de Abrantes, *Pereiras Titulares e Titulares Pereiras*.

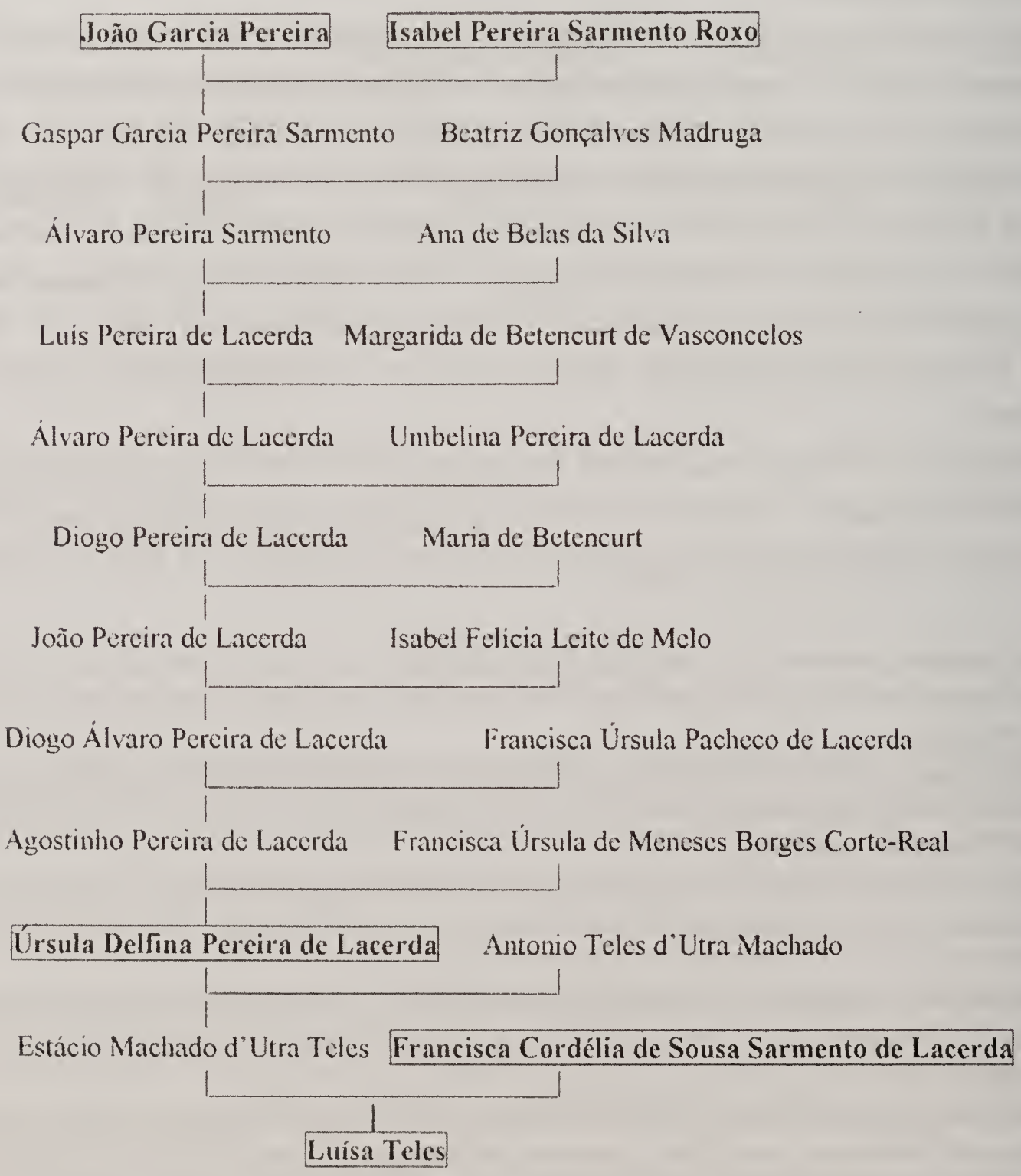
[270] Homônimo do pai, que foi o 1° capitão-donatário do Faial, em 1468 (M. Lima, *Anais*, pp. 49-60).

[271] Filho de Jácome de Bruges, o 1° capitão-donatário da ilha Terceira, em 1450 (M. Lima, *Famílias* ..., p. 442).

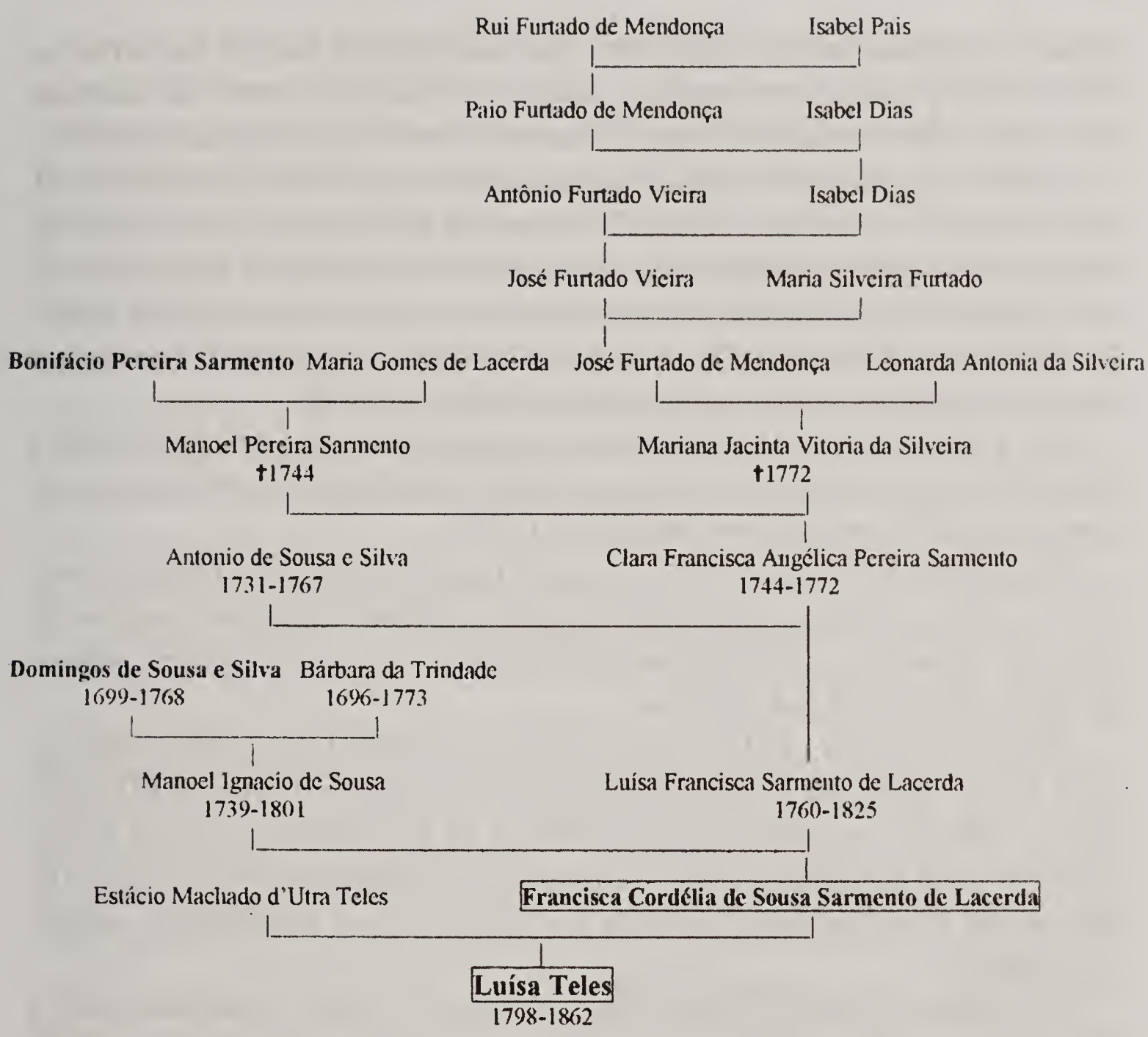
[272] Dª Maria Sarmento era filha de Garcia Sarmento, senhor de Vigo, Salvaterra e Sobroso, e de Dª Francisca de Sotomaior, esta, filha da condessa de Caminha (*Ibidem*, p. 446). Os condes de Caminha eram senhores da grande casa de Sotomaior, na Galiza, de que provêm D. Pedro Álvares de Sotomaior (1476), conde de Caminha, casado com D. Teresa de Távora, condessa de Caminha, filha de Álvaro Pires de Távora, senhor do Mogadouro(v. nota 3: Pedro Esteves, do n° 14, acima: Inês Antônia Pereira da Silveira); e seu filho, D. Álvaro de Sotomaior (1486), casado com D. Inês Henriques de Sotomaior e Monroi, condessa de Caminha (Anselmo Braamcamp Freire, III, 322-4).

Rodrigues Pereira[273], casado com Dª Leonor de Tovar e *neto* de Reimão Pereira de Lacerda.

Via (1) *Gaspar Garcia Pereira Sarmento*, a descendência de João Garcia Pereira mantém-se, na varonia, até Agostinho Pereira de Lacerda, pai de Úrsula Delfina Pereira de Lacerda (v. nº 17, abaixo), avó paterna de Luísa Teles. Esta também se vinculava a Isabel Pereira Roxo pelo lado materno, por intermédio de Bonifácio Pereira Sarmento (v. nº 2, acima: MARIA PEREIRA; e cap. I e cap. III da 1ª Parte: "A Ventura"; sobre Francisca Cordélia de S.S. de Lacerda, v. cap. IV).



[273] Valido de D. João II (1481-95) e 4º senhor de Celorico de Basto, o apelido *Roxo*, que ganhou o filho, provém de antiga alcunha derivada do adjetivo "roxo" [J. P. Machado, *Dic. Onom. Etim. da L. Portuguesa* (Lisboa: 1993)].



17 - Úrsula Delfina Pereira de Lacerda: mulher de Antônio Telles d'Utra Machado, avós de Luísa Teles. Lacerda provém do castelhano *La Cerda* e o primeiro deste apelido foi o infante D. Fernando, primogênito do rei D. Afonso X de Castela, "o Sábio"[274], e de Violante de Aragão, o qual ao nascer, em 24.01.1256, tinha no peito uma guedelha de cabelos parecida com cerda.

D. Fernando, que morreu em vida do pai, em 1275, casou em 1269 com Branca de França (c. 1253-1320), filha do rei Luís IX (S. Luís) e de Margarida de Provença. O filho, D. Afonso de La Cerda (1271-1324), que não sucedeu nos reinos de seu avô, casou com Mafalda de Narbona, filha de Aimérico VI, visconde de Narbona[275] e de Sílvia de Foix, de quem teve diversos filhos que se-

---

[274] Rei de Leão e Castela (1252-84), encomendou as "Cantigas de Santa Maria", admirável coletânea de 400 poesias de exaltação à Virgem Maria, cantadas em galego e inspiradas no cancioneiro medieval peninsular (in *Editio Classica*, D-7800 Freiburg: *harmonia mundi*, 1980).

[275] Manrique de Lara, da ilustre casa de Lara, proveniente dos condes de Castela, assumiu o título de visconde de Narbona em 1130, quando a família se dividiu em dois ramos. O segundo

guiram o apelido paterno, entre eles o primogênito, D. Luís de La Cerda (c. 1296-1348), príncipe das Canárias, casado em 1306 com Leonor de Guzmán († c. 1341), filha de Alfonso Perez de Guzmán, senhor de Medina Sidonia[276].

O filho segundo de D. Afonso de La Cerda e de Mafalda de Narbona, D. João Afonso de La Cerda (c. 1304-47), foi senhor de Gibraleão, Guelva, Real de Manzanares e Deza, por doação do pai e viveu em Portugal por alguns anos. O rei D. Dinis (1261-1325) lhe deu herdamentos e casou-o com sua filha ilegítima, Dª Maria Afonso, havida em Marinha Gomes[277], mulher nobre de Lisboa mas já na segunda geração a descendência voltou a Castela.

Em 1368, Henrique II de Trastâmara outorgou o condado de Medinaceli a Isabel de La Cerda, última sobrevivente legítima da linhagem castelhana dos *La Cerdas*, o qual foi erigido em ducado em 1479[278].

No reinado de D. João I (1385-1433), de Castela passou a Portugal um neto de D. Luís de La Cerda, príncipe das Canárias, chamado *Martim Gonçalves de La Cerda* (★ Sevilha, c. 1350), filho bastardo que D. Juan de La Cerda[279], senhor de Huelva, houve em Sol Martínez.

Martim Gonçalves de La Cerda casou com Violante Pereira, filha ilegítima de D. Álvaro Gonçalves Pereira, o noto prior do Hospital e de Marinha Domingues, e toda sua geração chamou-se *Pereira de Lacerda*, justaposição que se manteve assim até chegar às ilhas e entende-se tal empenho por parte dos titulares destes dois apelidos, pois neles se conjugam duas nobilíssimas estirpes portuguesas.

Ostentou-os o pai de Úrsula Delfina Pereira de Lacerda, Agostinho Pereira de Lacerda, que descendia na varonia do renomado *João Garcia Pereira* (vide nº 16 acima). Em sua ascendência, porém, o apelido composto somente foi retomado a partir do bisneto de João Garcia Pereira, isto é, Luís Pereira de Lacerda, casado com Margarida de Betencurt de Vasconcelos, cujo pai, João de Betencurt de Vasconcelos, foi decapitado na praça velha da cidade de Angra (Terceira), em março de 1582, por ser partidário de Filipe II, de Espanha, contra D. Antônio, prior do Crato, na disputa entre os pretendentes ao trono de Portugal após a morte do Cardeal-rei, D. Henrique[280].

---

ramo, chefiado por Fernão Peres de Lara, conservou o título de condes de Lara e se extinguiu na segunda metade do século XIV [v. notas 222, 285 e 287; *cf.* M.-N. Bouillet, *Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie* (Paris: Hachette, 1869), II, 1045].

[276] *Cf. website* de Paul Theroff-2000; v. nota 225.

[277] Marinha é diminutivo de Martinha, por sua vez, feminino de Martinho (ou Martim).

[278] *Microsoft*: "Enciclopedia Encarta-99".

[279] ★ c. 1325 e executado em Sevilha em 1357, era casado com Maria Coronel, senhora de Aguiar (*cf. website* de Paul Theroff-2000).

[280] V. 1ª Parte: nota 106.

A mãe de Úrsula Delfina, Francisca Úrsula de Meneses Borges Corte-Real, provinha das nobres linhagens dos *Teles de Meneses* (v. "Nota explicativa ao quadro genealógico dos *Teles de Meneses*", mais abaixo), dos *Borges* e dos *Corte-Reais*, descendentes de *Afonso Anes da Costa Corte-Real* (pajem do infante D. Henrique), nascido em Tavira (Faro) e casado na ilha Terceira com *Catarina Borges Abarca*. Afonso Anes era dos *Costas*, do Algarve e foi armado cavaleiro por D. Francisco de Castro, em Santa Cruz do Cabo de Gué, conforme alvará de 18.02.1519, confirmado por D. João III em 13.09.1527. Por ostentação tomou o apelido de seu próximo parente, Vasco Anes da Costa Corte-Real, um dos "Doze de Inglaterra", conhecido pelos feitos heróicos praticados na tomada de Ceuta (1415), de quem, todavia, não era descendente. Segundo a tradição, ao dar a Vasco Anes o apelido de *Corte-Real*, o rei D. Duarte quis premiar o luzimento com que este fidalgo assistia em sua *corte*, pois costumava dizer que, somente quando ele estava presente, esta era verdadeiramente *real*.

Já os *Borges* provêm de Rodrigo Anes, fidalgo natural de Santarém, que serviu a Filipe II, de França, dito "o Augusto"[281] (1180-1223), nas diversas guerras que manteve durante seu reinado, tendo mostrado tanto valor que o rei o mandou socorrer Bourges, capital do ducado de Berry, quando esta praça esteve sitiada. Imortalizou-se então como o "Cavaleiro de Bourges" e seus descendentes passaram a chamar-se *Borges* (aportuguesamento de Bourges). De volta a Portugal estabeleceu-se em Trás-os Montes, na comarca da Torre de Moncorvo, onde fez solar da família. Da consorte, Grácia Mendes, teve a *João Rodrigues Borges*, senhor da terra de Álvaro, casado com Catarina Lopes († 01.05.1220). Um seu descendente, João Borges, "o Velho", foi fidalgo da casa do infante D. Pedro, duque de Coimbra[282], ao serviço de quem se achava quando este se defrontou em Alfarrobeira, em 20.05.1449, com o rei D. Afonso V, seu sobrinho, por quem governava. O exército do Infante foi vencido e, tendo ele morrido na batalha, João Borges foi refugiar-se na ilha Terceira, que por esse tempo havia sido descoberta. Ali casou com Isabel Abarca, filha de Pedro Abarca e foram

---

[281] Assim chamado por ter nascido no mês de agosto, grafado então *augusto*. Considerado um grande rei da dinastia dos Capetos e um dos fundadores da unidade francesa, empreendeu guerras vitoriosas contra alguns de seus vassalos, como o conde de Flandres e o duque de Borgonha; contra Henrique II e Ricardo I, "Coração de Leão", da Inglaterra, assim como contra o sucessor deste, João "Sem Terra". Antes de combater Ricardo I, participou com ele da 3ª Cruzada, no intuito de reconquistar Jerusalém ao sultão Saladino e, nesta ocasião, assistiu à tomada de S. João d'Acre, na Palestina (1191). No âmbito civil, fortificou e embelezou Paris. A História o acusa de ter entesourado riquezas às custas de cruéis perseguições aos judeus (M.-N. Bouillet, II, 1477-8).

[282] V. "Nota explicativa ao quadro genealógico dos *Teles de Meneses*", mais abaixo.

pais de *Catarina Borges Abarca*, que desposou o acima citado *Afonso Anes da Costa Corte-Real.*

Quanto aos *Teles de Meneses*, conforme assinalado na Introdução desta 2ª Parte, derivam seu nome de *Teles*, patronímico do rico-homem D. Telo Teles (1109 e 1117), da estirpe castelhana dos *Afonsos*, cuja descendência o associou a *Meneses* e o transmitiu até nós, na forma genitiva. De origem toponímica, *Meneses* tornou-se o gentílico designativo dos habitantes da localidade de Mena[283] (ao norte de Burgos) e, justaposto a *Teles*, passou a compor o apelido da "mais orgulhosa de todas as grandes famílias ibéricas"[284], procedente dos reis de Leão e da Galiza, que pertenciam às antigas dinastias visigóticas. Daí dela também se dizer com propriedade que "vinha de reis e os reis dela vinham"!

No século XII D. Elvira Peres de Lara (c. 1112-59), filha natural que o conde Pedro Gonzalez de Lara[285] (✞ 1130) teve de sua ligação com a rainha D. Urraca[286] (1082-1126), casou em segundas núpcias (c. 1125)[287] com o cruzado

---

[283] *Menes*=natural do vale do Mena, donde o plural *Meneses* (A. Nascentes, *Dic. Etimológico*, II, 198).

[284] F. A. Doria, *Lendas, Mitos in Convergência* (Rio: Sette Letras, 1999).

[285] Herdeiro de um dos cinco grandes solares de Castela (a saber, *Lara*, *Haro*, *Castro*, *Gusmão* e *Villamaior*), insígnes por sua antiguidade e por derivarem de reis (A. Braamcamp Freire, I, 104), Pedro Gonzalez de Lara era filho de Gonzalo Nunes de Lara e de D. Goda Salvadores, e *neto* de Nuno Gonzalez de Lara (at. 1062-83). Este era *trineto* de *Fernão Gonzalez* (910-70), conde de Álava e de Lara e 1° conde soberano de Castela (932), casado com D. Sancha (filha de Sancho Garcês I, de Navarra e de D. Toda Asnar). Os condes soberanos de Castela provinham de Rodrigo (852-73), que aparece como "irmão" de Ramiro I, das Astúrias (791?-850), possivelmente por ser irmão da 2ª mulher deste rei, Paterna, senhora de Castela, filha de Diego Rodriguez, senhor de Castela. Rodrigo foi pai de Diego Rodriguez *Porcelos* (873-885), conde de Castela, fundador de Burgos e de muitos castelos (donde o nome "Castela"), o qual foi avô de Gonzalo Fernandez (889?-932), conde de Castela e de Burgos e também conde de Lara, por seu casamento com D. Nuna Fernandez, filha e herdeira de Fernão Gonzalez, conde de Lara. Gonzalo Fernandez e D. Nuna Fernandez tiveram ao acima citado *Fernão Gonzalez*, conde de Álava e de Lara e 1° conde soberano de Castela (*website* Paul Theroff; A. E. M. Zúquete e A. M. de Faria: *op. cit.*, pp. 295-6; v. notas 222, 275 e 287).

[286] *Apud* Jaime de Salazar Acha; v. Luís de Bivar-Weinholtz de Azevedo, *Menezes* (Lisboa: 1999), pp. 9-14; *idem*, *História e Genealogia dos Mendoça Furtado* (Lisboa: 2001), pp. 12-3.

[287] D Elvira Peres casou 1° com Garcia Perez de Trava, filho do poderoso conde galego D. Pero Froiaz, senhor de Trastâmara e de Trava. Viúva, doou ao Real Mosteiro de Sahagún e ao seu abade, D. Gutierre, os lugares de Magaz e Olmillos, que ela recebera do irmão, o rei Afonso VII, quando do seu casamento (*cf.* F. de Bettencourt, *História Genealógica de la Monarquia Española*, Lib. V, pp. 550-1). Sua mãe, D. Urraca, filha do rei Afonso VI, de Castela, e de Constança de Borgonha, herdou do pai as coroas de Leão e Castela e casou 1° com o conde Raimundo de Borgonha (✞ 1107) e, em seguida (1109), com o rei Afonso I, de Aragão (✞ 1134), do qual depois se separou (1111). Da ligação de D. Urraca com Pedro Gonzalez de Lara nasceu também Fernão Peres de Lara, "o Furtado" (1122-56), origem dos *Furtado de Mendonça* (v. n° 5 da 2ª Parte e notas 222, 275, 285 e 286).

francês Bertrand de Risnel[288], filho de Guy de Conflens (at. 1093-1103) e de Hildegarda de Reynel.

Bertrand de Risnel mantinha a estratégica cidade de Burgos e era, desde 1117, delegado (*vicarius*) de seu primo, Afonso I, de Aragão, nos territórios de Castela. De seu casamento com D. Elvira Peres de Lara nasceu D. Pedro Beltrán [de Sahagún], senhor do castelo de Magalon, rico-homem do rei Afonso VII, "o Bom", de Leão e Castela (1126-57) e padroeiro do mosteiro de Sahagún[289].

D. Pedro Beltrán (at. 1152) casou com uma filha de D. Telo Telez[290], pertencente a uma velha estirpe castelhana, ramo dos nobilíssimos *Afonsos*, e com ela teve a *D. Tel Peres [de Meneses]* (at. 1162-85), que sucedeu na casa de seu pai, foi rico-homem do rei Afonso VIII, de Castela (1158-1214), que lhe doou os senhorios de Ocana e do Infantado de Matallana (1173). Senhor do mesmo castelo de Magalon, D. Tel Peres o trocou com o referido soberano pelas vilas de Meneses (Navarra), Vila Nova, S. Romão e outras terras, em 1181. Em 1179 esteve presente à conclusão do Pacto de Cazorla[291], que selou a paz entre Castela e Aragão. Seus filhos, entre os quais *D. Afonso Teles de Meneses*, seguiram o apelido *Mene-*

---

[288] Neto de Refroi de Conflens, senhor de Prémy (at. 1050-80), Bertrand de Risnel (ou Reynel) era filho terceiro de uma nobre casa da Lorena (França), com origens, por via feminina, na dinastia carlovíngia. Passou como cruzado à Península Ibérica, onde se pôs a serviço de Afonso I, de Aragão, seu primo, pois sua tia-avó, Felícia († 1123), irmã de sua avó materna, Hermentrude de Roucy (mulher de Teobaldo I, de Reynel), fora casada com o rei de Aragão, Sancho I Ramirez (1043-94), pai de Afonso I (1073-1134). O trisavô de Hermentrude e de Felícia, Renaud de Roucy († 967), casou com Alberada de Lorena (c. 945), esta, por sua vez, filha de Gerberga da Saxônia (filha do rei germânico, Henrique I, "o Passarinheiro") e trineta de Lotário I (neto do glorioso imperador Carlos Magno). Bertrand de Risnel foi senhor de Carrión, por doação de Afonso I, de Aragão, juntamente com quem pereceu em Fraga, em 17.07.1134, quando de uma ofensiva aragonesa contra os mouros [(*apud* E. Brandenburg, *Die Nachkommen Karls des Grossen* (Neustadt: Verlag Degener & Co., 1995) e *website: Descendants of Charlemagne*)].

[289] *Apud* David Masnata. Sahagún é uma povoação do antigo reino de Leão, situada às margens do rio Cea, entre Burgos e a capital provincial, Leão. Fundada por Afonso III em 872, converteu-se numa localidade-chave do "Caminho de Santiago", na direção de Santiago de Compostela, donde sua importância medieval [Bernard F. Reilly, *The Kingdom of Léon-Castilla under Queen Urraca* (Princeton: 1982); Microsof, *Atlas Encarta-99*].

[290] *Apud* Salazar Acha (v. nota 298). Os nobiliários portugueses (Livro Velho das Linhagens, Livro do Deão e Nobiliário do conde D. Pedro) o dão casado com D. Maria Soares da Maia. D. Telo Telez (at. 1109 e 1117) era *filho* de Telo Gutierres (1042-1100), mordomo real (1073); *neto* de Gutierro Afonso (1028-55), conde em Cea e em Saldanha; *bisneto* de Afonso Dias (983-1029); *trineto* de Diogo Afonso (974); *quarto neto* de Afonso Pepis, conde em Liebana (924), fundador do mosteiro de Sta. Maria de Nevancia (932), junto com sua mulher, Justa Ruiz; e *quinto neto* de Pepi, de provável origem visigótica, que é o mais remoto ancestral conhecido nesta linha (*cf.* Szabolcs de Vajay, correspondência ao autor, em 02.02.2001; *idem*, *Structures du pouvoir et reseaux de familles du VIII au XII siècles*).

[291] Mediante este acordo, em 20.03.1179, os reis Afonso II, de Aragão e Afonso VIII, de Castela, delimitaram as zonas da futura conquista de seus reinos aos muçulmanos, no territorio de *al-Andalus* (Microsoft: *ibidem*).

ses mas conservaram também o patronímico *Teles* ou o prenome de que deriva (*Telo*), em homenagem aos gloriosos antepassados que os portavam. Na verdade, individualizaram-se com essa medida os *Meneses*, descendentes dos reis de Leão, de outras famílias que eventualmente adotaram Meneses como apelido.

Os *Teles de Meneses* deram a Castela uma rainha, D. Maria de Molina, em cujo bisneto, D. Pedro I, "o Cruel", recaiu a casa de *Meneses*[292]. Isto porque D. Maria de Molina era *filha* do infante D. Afonso de Molina (irmão do santo rei D. Fernando III) e de D. Maria Afonso, senhora de Meneses, que era filha de D. Afonso Teles e de D. Maria Anes de Límia; *neta* de D. Afonso Teles, "o Velho", fundador do castelo de Albuquerque (1218) e de sua 1ª mulher, D. Tareja Roiz Girão[293]; e *bisneta* de D. Tel Peres [de Meneses], o 1° dos Meneses.

Passaram os *Teles de Meneses* a Portugal, onde se tornaram a primeira linhagem da nobreza durante a segunda metade do século XIV e foram contemplados com os primeiros condados criados no Reino, entre eles o de Barcelos, conferido em 1298 pelo rei D. Dinis a *D. João Afonso [Teles de Meneses]*. A neta de um seu primo-irmão (D. Afonso Martins Telo), D. Leonor Teles [de Meneses], foi rainha de Portugal, mulher de D. Fernando I. O tio de D. Leonor, *D. João Afonso Telo* (conde de Ourém em 1371) e o irmão dela, *D. Gonçalo Teles* (conde de Neiva em 1373), assim como seus descendentes, aliaram-se às mais nobres casas da Península e tiveram voz ativa em momentos importantes da História de Portugal. Para que se tenha idéia de seu significado, na famosa batalha de Alcácer Quibir (1578), em terras do Marrocos, pelo menos quatorze representantes de uma mesma geração de *Teles de Meneses* perderam a vida, ao lado do rei D. Sebastião[294].

As armas dos *Teles de Meneses* eram de ouro, pleno, isto é, somente um escudo de ouro, que a posterior associação com os *Silvas* tornou esquartelado: 1 e 4, de ouro liso (*Meneses*); 2 e 3, de prata, com um leão de púrpura armado e lampassado de azul (*Silva*). [*cf.* Ana Josefa de Meneses Borges Corte-Real, avó materna de Úrsula Delfina Pereira de Lacerda].

Em suas uniões com famílias ilustres do Reino, alguns *Teles de Meneses* optaram por largar o apelido *Meneses* e ficaram somente com o patronímico *Teles*, que ligaram a outro apelido, como os *Teles da Silva* (ou *da Silva Teles*) e os *Teles Barreto*, também estes, na origem mais próxima dos Telles Ribeiro (v. n° 12, acima: Antônio de Simas Teles).

---

[292] D. Maria de Molina foi mulher de D. Sancho IV, rei de Castela em 1284-95. Em 1384, D. João I, de Castela, doou o senhorio das vilas de Meneses e Montealegre a seu tio, D. Henrique Manuel de Vilhena, irmão de sua mãe, D. Joana Manuel (*cf.* A. Braamcamp Freire, III, 8).

[293] A 2ª mulher foi D. Teresa Sanches, filha ilegítima de D. Sancho I, de Portugal (J. A. Pizarro, I, 169).

[294] James H. Guill, *A History of the Azores Islands*, V, 94.

Quadro genealógico dos Teles (*de Meneses*, ramo de *Abiul*), desde Pedro, Duque de Cantábria (737 a.d.), até Guilherme Telles Ribeiro (1827).

Pedro, duque de Cantábria

Pelágio,
príncipe das Astúrias (c. 718-737)

Fruela, duque de Cantábria († 765) — Afonso I, rei das Astúrias (739-57) ∞ Ermesinda — Favila (737-9)

Bermudo I, rei das Astúrias (788-91)
∞
Usenda

Fruela I, rei das Astúrias (757-68)

Afonso II, rei das Astúrias (791-842)

Ramiro I, rei das Astúrias (842-50)

Ordoño I, rei das Astúrias (850-66) ∞ Munia

Afonso III (866-910), rei das Astúrias
∞
Ximena < Garcia I Íñiguez, rei de Navarra (852-70)

Ordonho II (914-24), rei de Leão
∞
Elvira († 921) < conde Hermenegildo Guterres (869-911) ∞ Ermesenda Gatonez

Ramiro II, rei de Leão (931-51)
∞
Adosinda (c. 925-30) < conde Goterre Osores ∞ Ildoncia Goterres

Ordonho III, rei de Leão (951-6)

Bermudo II, "o Gotoso", rei de Leão (984-99)
∞
Elvira († 1017) < conde Garcia I, de Castela († 995) ∞ Ava < conde Raimundo II de Ribagorza ∞ Gersenda de Fezensac

Afonso V, "o Nobre" (994-Viseu, 1028), rei de Leão (999-1028)
∞
Elvira Menendez († 1022) < conde Menendo Gonzalez

Sancha Alfonsez (1013-67)
∞
Fernando I, "o Magno", rei de Leão e Castela (1037-1065) < Sancho III, de Navarra ∞ Munia Maior (995-1066)

Afonso VI, rei de Leão (1065-1109), de Castela (1072-1109) e da Galiza (1073-1109)
∞
Constança < Roberto I, "o Velho", duque de Borgonha (1032) < Roberto II, rei de França (996) < Hugo Capeto (987)

Urraca (1082 - † 1126), rainha de Leão e Castela (1109-26)
°|°
Pedro Gonzalez, conde de Lara († 1130)

Elvira Perez de Lara (1112-59)
∞
Bertrand de Risnel († 1134) < Guy de Conflens ∞ Hildegarda de Reynel < Teobaldo I de Reynel ∞ Hermentrude de Rouey

Pedro Beltrán |de Sahagun| (1152), senhor do castelo de Magalon ∞ N ... Telez < Telo Telez

Tel Peres |de Meneses| (c. 1162-85), 1° senhor de Meneses (1181)

∞

Gontroda Garcez de Villamayor < Garcia Ordonhes, senhor de Villamayor ∞ D.Maria, senhora de Almenara

Afonso Teles |de Meneses|, "o Velho", 1° senhor de Albuquerque (1218)

∞

Teresa Sanches < D. Sancho I, de Portugal °|° D. Maria Pais Ribeira, "a Ribeirinha" (c. 1180-1253)

João Afonso Telo |de Meneses|, 2° senhor de Albuquerque (c. 1250-55)

∞

Elvira Gonçalves Rodrigues Girão < Gonçalo Rodrigues Girão

Rodrigo Anes Telo |de Meneses|	Gonçalo Anes Telo *Raposo*
∞	∞
Teresa Soverosa	Urraca F.des de Limia
João Afonso	Afonso Martins Telo
∞	∞
Teresa Sanches	Berengária L.ço de Valadares
Teresa Martins	Martim Afonso Telo
∞	∞
Afonso Sanches	Aldonça de Vasconcelos

João Afonso

João Afonso Telo ∞ Beatriz de Albuquerque

Gonçalo Teles ∞ Maria Afonso de Albuquerque

Leonor Teles ∞ 1. João Lourenço da Cunha 2. D. Fernando I

Maria Teles ∞ 1. Álvaro Dias de Sousa 2. D. João

João Afonso Telo ∞ Guiomar Lopes de Vilalobos

João Afonso Telo ∞ Guiomar de Portocarreiro

Pedro de Meneses *1° capitão de Ceuta*

Martinho de Meneses

∞

Teresa Vasques Coutinho

Beatriz de Meneses

∞

Aires Gomes da Silva

Fernão Teles de Meneses ∞ Maria de Vilhena (*Teles da Silva*)

João [Teles] da Silva ∞ Branca Coutinho

Gonçalo da Silva ∞ Joana da Silva

Francisca da Silva de Meneses ∞

Isabel de Meneses ∞ Rodrigo Afonso de Melo

∝
Henrique Moniz
|
Joana [da Silva] de Meneses
∝
Sebastião Moniz Barreto — [< Guilherme Moniz Barreto ∝ Joana Vaz Corte-Real < João Vaz Corte-Real ∝ Maria Abarca]
|
Guilherme Moniz Barreto
∝
Simoa Álvares de Carvalho — [< Sebastião Álvares ∝ Garcia Fernandes]
|
Diogo Moniz Barreto
∝
Isabel Abarca — [< Constantino Machado ∝ Catarina Pacheco]
|
Maria de Meneses Corte-Real
∝
Manoel do Rego Borges I — [< Maria Cota ∝ Manoel do Rego da Silveira < Estêvão da Costa Borges ∝ Ana da Silveira Abarca]
|
Guilherme Moniz da Silveira
∝
Maria Mallory
|
Manoel do Rego Borges II
∝
Margarida Thounzend de Figueiredo
|
Rosa Maria de Meneses da Silveira Corte-Real
∝
Manoel Borges da Silva — [< João da Silva Costa ∝ Maria Alpoim]
|
João Borges da Silveira
∝
Ana Josefa de Meneses Corte-Real — [< Antônio Sieuve ∝ Maria Josefa de Meneses Corte-Real, esta, irmã de Manoel do Rego Borges]
|
Francisca Úrsula de Meneses Borges Corte-Real
∝
Agostinho Pereira de Lacerda
|
Úrsula Delfina Pereira de Lacerda
∝
Antônio Teles d'Utra Machado
|
Estácio Machado d'Utra Teles — [*v. nº 10: Francisca Gaspar Machado*]
∝
Francisca Cordélia de Sousa Sarmento de Lacerda
|
Luísa Teles
∝
Guilherme Ribeiro — [*v. quadro genealógico do nº 4: Maria da Anunciada*]
|
Guilherme Telles Ribeiro

Nota explicativa ao Quadro genealógico dos *Teles de Meneses*

O quadro que precede, elaborado a partir da genealogia de Úrsula Delfina Pereira de Lacerda, bisavó materna de Guilherme Telles Ribeiro, na verdade constitui um exercício de dados genealógicos sobre algumas grandes linhagens de Portugal e Espanha, cuja união aparece na origem dos Telles Ribeiro ou que, em algum momento, entroncam em qualquer de seus principais ascendentes.

Como metodologia tomou-se por base a nobilíssima família dos *Teles de Meneses*, conforme acima assinalado, sem dúvida uma das grandes casas peninsulares, que chegou a ser a primeira linhagem da nobreza portuguesa na segunda metade do século XIV[295]. Sua origem perde-se nas monarquias gótica e carlovíngia[296], que derivaram, a primeira, nos reis de Castela, Leão, Navarra e Aragão e a segunda, na dinastia capetíngia e em diversas linhagens franco-borgonhesas e lorenas. Para além dos feitos memoráveis de que foram responsáveis tantos de seus membros, ao esplendor dos *Teles de Meneses* contribuiram dois fatores notáveis que compunham seu apanágio: a antiguidade e a ascendência real[297].

Para situar-nos em algum momento do passado documentado de sua história, pode-se dizer que esta importantíssima família começa num distante personagem do século XII, um cavaleiro francês de nome Bertrand de Reynel,

---

[295] J. A. Pizarro, *Linhagens Medievais Portuguesas* (Porto: 1999), I, 158.

[296] Os reis francos carlovíngios procediam não somente dos merovíngios, como Clóvis I (466-511), mas também de alguns reis visigodos e mesmo, segundo consta, de imperadores romanos, como Teodósio I, "o Grande". Sua posterior união com os David-Autun-Toulouse, mediante o casamento, celebrado depois de 768, de Auda Martel, irmã do rei Pepino III, "o Breve", com Makhir-Natronai David, presumível chefe da casa real de David em França, poderia até mesmo vincular este ramo carlovíngio à linhagem putativa dos reis de Israel e de Judá (Joaquín Javaloys, *El Origen Judio de las Monarquias Europeas*. Madri: Editorial EDAF, 2000, pp. 46-7, 50, 91-4). Makhir-Natronai David e Auda Martel tiveram a Guilherme de David-Toulouse, pai de Bernardo, marquês de Septimania, cuja filha, Sancha David (Rosalinda), condessa de Agen, foi mãe de Munia, que casou com Garcia Sanchez, duque de Gasconha (920). O casal teve a Guilherme I, conde de Fezensac, cuja neta, Ava de Ribagorza (por seu pai, Ramón II, conde de Ribagorza e Pallars), casou com Garcia I, conde de Castela (filho de Sancha de Navarra e de Fernão Gonzalez, 1º conde soberano de Castela, 910-70) e tiveram a Elvira Garcês de Castela, mulher do rei Bermudo II, de Leão (*idem*, *ibidem*, pp. 91-7, 100-1, 169-71, 237-8).

[297] A. Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1996), I, 104. O Mestre vai além ao afirmar que os *Meneses* certamente figurariam ao lado dos *Laras*, *Haros*, *Castros*, *Guzmán* e *Villamaior* e elevariam a seis os tradicionais cinco grandes solares de Castela, proclamados pelos linhagistas espanhóis, se sua linhagem não se tivesse extinto em Espanha, conservando-se unicamente em Portugal (v. nota 285).

mais conhecido como Bertrand de Risnel, filho terceiro de uma nobre casa da Lorena, descendente do imperador Carlos Magno. Lançado, em busca de glória e fortuna, à aventura das Cruzadas trans-pireinaicas, abrigou-se junto a seu primo, o rei Afonso I, de Aragão, que o casou com a filha ilegítima de sua ex-esposa, D. Urraca, rainha de Leão e Castela, fruto da união de amor desta soberana com o conde Pedro González de Lara. A geração oriunda deste casamento vinculará, em sua dupla origem franco-ibérica, os *Teles de Meneses* ao contexto loreno das Cruzadas[298].

A rainha D. Urraca[299] era *filha* de Afonso VI, rei de Leão (1065-1109), de Castela (1072-1109) e da Galiza (1073-1109), e de D. Constança de Borgonha (filha de Roberto I, "o Velho", duque de Borgonha); *neta* de Fernando I, "o Magno", rei de Leão e Castela (1037-65); *bisneta* de Sancho III, rei de Navarra e da infanta D. Sancha, filha de Afonso V, rei de Leão (999-1028), que era assim *trisavô de D. Urraca*; *tetraneta* de Bermudo II, rei da Galiza (982-99) e de Leão (984-99) e de Elvira, filha do conde Garcia I, de Castela; *quinta neta* de Ordonho III, rei de Leão (951-6); *sexta neta* de Ramiro II, rei de Leão (931-51); *sétima neta* de Ordonho II, rei de Leão (914-924) e de Elvira († 921), filha do conde Hermenegildo e de Ermesinda Gatonez; *oitava neta* de Afonso III, "o Magno", rei das Astúrias (866-910) e de Ximena, filha de Garcia I, rei de Navarra (852-70); *nona neta* de Ordonho I, rei das Astúrias (850-66) e de Munia; *décima neta* de Ramiro I, rei das Astúrias (842-850); *undécima neta* de Bermudo I, "o Diácono", rei das Astúrias (788-91); *duodécima neta* do duque Fruela de Cantábria († 765); *décima terceira neta* de Pedro, duque de Cantábria[300].

Pedro, duque de Cantábria, era parente e companheiro do célebre Pelágio († 737), que no ano 718 foi proclamado príncipe pelos trinta e dois nobres visigodos cristãos que se haviam refugiado nos Montes Cantábricos (norte da Espanha), para escapar ao domínio muçulmano da Península Ibérica. Logo depois, em 922, ele consolidou a liderança ao obter uma importante vitória

---

[298] Segundo a tese de Jaime de Salazar Acha, David Masnata e Szabolcs de Vajay [*cf.* Instituto Português de Heráldica, 1989, *Actas do XVII Congresso Internacional das Ciências Genealógica e Heráldica* (Lisboa, 7-13.11.1986), pp. 275-315; v. notas 288, 289 e 290].

[299] D. Urraca (1082-1126) era irmã de D. Teresa (1075?-1130?), mulher do conde D. Henrique de Borgonha (1057?-1112) e, portanto, tia do 1° rei português, D. Afonso Henriques (1110?-1185) [A. E. M. Zúquete, *Nobreza de Portugal e do Brasil* (Lisboa: 1960), I, 67-84; B. F. Reilly, *The Kingdom of Léon-Castilla under Queen Urraca* (Princeton: 1982); v. notas 222 e 287].

[300] Pai também de Afonso I, "o Católico", rei das Astúrias e da Galiza (739-57), este, casado com Ermesinda, filha do célebre Pelágio, príncipe das Astúrias (c. 718-37). De Afonso I foi filho Fruela I (c. 740-68) que, sendo neto de Pedro, duque de Cantábria, era primo-irmão de Bermudo I, "o Diácono" (c. 788-91) [Detlev Schwennicke, *Europäische Stammtafeln*, 1984, rev. por Paul Theroff].

sobre os mouros, em Covadonga, dando início à retomada dos territórios ibéricos ocupados pelos árabes, período conhecido como da "Reconquista". Pelágio, que era primo coirmão do último rei visigodo, Rodrigo[301], foi o fundador da dinastia das Astúrias, de que deriva a monarquia espanhola, a ponto de até hoje (e desde 1388!) o herdeiro daquele trono intitular-se "Príncipe das Astúrias".

A linhagem dos *Teles de Meneses* é, portanto, particularmente significativa para os Telles Ribeiro, pois pode ser retraçada ao longo de mais de mil anos, até alcançar Luísa Telles, mãe de Guilherme Telles Ribeiro, o pioneiro que se transferiu dos Açores para o Rio de Janeiro, nos meados do século XIX e deu início ao ramo brasileiro da família.

Ademais de ter legado o honroso nome, com os *Teles de Meneses* entroncam praticamente todas as grandes linhagens peninsulares e deste fato advém outra vantagem de elegê-los como ponto de partida deste exercício. Na medida em que se vai baixando na árvore genealógica, vão nela pouco a pouco surgindo apelidos como *Albuquerque, Coutinho, Cunha, Lima, Maia, Ribeiro, Silva, Sousa, Vasconcelos e Velho,* entre tantos outros com participação ativa na formação da nacionalidade e, posteriormente, no grande empreendimento da consolidação do Estado português, habilmente conduzido pela dinastia de Avis, até desdobrar-se na fascinante aventura dos descobrimentos marítimos do século XV. Com eles se aporta nos arquipélagos da Madeira e dos Açores e aí se identificam, uma a uma, as personagens que compõem este mosaico familiar, cuja carreira, nos quatro séculos seguintes, vem relatada na narrativa constante da 1ª Parte desta obra, intitulada "A Ventura".

O segmento mais remoto da árvore, isto é, aquele que se origina em Carlos Magno (742-814), rei dos francos e imperador do Ocidente (800-814), se entrelaça com os descendentes de Pedro, duque de Cantábria e vai até D. Elvira Perez de Lara, mulher de Bertrand de Risnel, é de estirpe real, pois está constituído por descendentes dos titulares dos reinos peninsulares de Oviedo[302], Castela, Leão e Navarra ou de seus grandes condados vassalos. O referido casal teve a D. Pedro Beltrán de Sahagún (at. 1152), casado com uma filha do poderoso

---

[301] Morto por Tarik-Ibn-Ziyad em 26.07.711, na Andaluzia, ao se enfrentarem os exércitos mouro e visigodo às margens da lagoa (hoje seca) de La Janda, a 25 km de Algeciras, na direção de Vejer. Segundo outros a batalha se travou junto do rio Guadalete, a leste de Xerez de la Frontera. O pai de Rodrigo, Teodofredo, duque de Córdoba, era irmão de Favila, duque de Cantábria, de quem Pelágio, príncipe das Astúrias, era filho (Microsoft, *Enciclopedia Encarta-99*).

[302] Nome que tomou o reino das Astúrias em 761, quando Fruela I, 3° sucessor de Pelágio, aí estabeleceu sua capital. Os reis das Astúrias usaram o título de reis de Oviedo até Ordonho II, que se estabeleceu em Leão em 913 [M.-N. Bouillet, *Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie* (Paris: Hachette, 1869), p. 131].

rico-homem D. Telo Teles, e este matrimônio está na raiz da associação do patronímico *Teles* ao topônimo *Meneses*, oriundo do senhorio de Meneses, tomado à vila de igual nome que o filho deles, D. Tel Peres, adquiriu em 1181, por troca com o rei de Castela, Afonso VIII, "o Nobre" (reinou em 1158-1214).

Deste ponto até Afonso Martins Telo os casamentos se fazem com as filhas dos grandes senhores medievos, *Maia, Villamaior, Girão* ou *Lima*. A partir de Martim Afonso Telo entram os *Vasconcelos, Albuquerques, Coutinhos* e *Silvas* e é neste último entroncamento, resultante do casamento de D. Beatriz de Meneses com Aires Gomes da Silva, 3° senhor de Vagos, que as armas dos *Teles de Meneses*, esplêndidas na sua simplicidade primitiva do ouro pleno, vão orgulhosamente ostentar o escudo esquartelado, com dois quartéis de ouro liso (*Meneses*) e dois de prata, com um leão de púrpura, armado e lampassado de azul (*Silva*), tendo por timbre o mesmo leão.

Penetra-se assim no século XVI, onde se localiza Joana [da Silva] de Meneses, iniciadora da linhagem insular mediante o casamento com seu primo, Sebastião Moniz Barreto, na ilha Terceira, origem do entroncamento da família nas diversas linhagens açoreanas dos *Abarcas, Borges, Corte-Reais* e *Silveiras*, entre outras, até chegar a Francisca Úrsula de Meneses Borges Corte-Real, quando entronca nos *Pereiras* e nos *Machados*, avós e pais de Luísa Telles. Sebastião Moniz Barreto era *filho* de Guilherme Moniz Barreto, "o Velho", que passou à Terceira no século XVI e aí adquiriu terras ao capitão-donatário João Vaz Corte-Real, com cuja filha, Joana Vaz Corte-Real, veio a casar; e *neto* de Henrique Moniz, "o Velho", alcaide-mor de Silves (1435), e de sua segunda mulher, Dª Inês de Meneses Barreto.

Joana [da Silva] de Meneses e Sebastião Moniz Barreto eram primos primeiros, pois ambos eram netos de Henrique Moniz, "o Velho", casado *em primeiras núpcias* com Isabel Vaz da Costa Corte-Real, filha bastarda, legitimada e herdeira de Vasco Anes da Costa Corte-Real, 1° alcaide-mor de Silves e irmã de João Vaz Corte-Real († 1496), o acima citado 1° capitão-donatário de Angra (Terceira). Henrique Moniz, "o Velho", herdou a alcaidaria do sogro e foi o 2° alcaide-mor de Silves. Foi fidalgo da casa do infante D. Henrique e obteve, em 1438, a tença anual de 6 mil reais brancos, pagos no almoxarifado de Faro, confirmada em 09.03.1439. Esteve em Alfarrobeira ao lado de D. Afonso V, a quem acompanhou na expedição a Tânger, em 1464, ano em que, por carta de 06.03, obteve do soberano a tença anual de 10 mil reais brancos, além dos 6 mil que já recebia da coroa. Casou *em segundas núpcias* com Inês de Meneses Barreto († após 1510, em Lisboa), filha de Gonçalo Nunes Barreto, 2° senhor da Quarteira e alcaide-mor de Faro, e de D. Isabel Pereira, esta, filha de Diogo

Pereira, comendador de Santiago e governador da casa do infante D. João, filho de D. João I.

Henrique Moniz, "o Velho", deixou como 3° alcaide-mor de Silves seu primogênito, Diogo Moniz (1490), que por sua vez passou a alcaidaria ao irmão, outro de nome Henrique Moniz, que foi o 4° alcaide-mor de Silves e que a vendeu (c. 1500) ao bispo D. Fernando Coutinho. Foi este Henrique Moniz, chamado "o Moço", quem casou com Francisca da Silva de Meneses, filha de Gonçalo da Silva, 1° senhor de Abiul († 1521) e de Joana da Silva († 1542) e foram pais de *Joana [da Silva] de Meneses*, mulher de Sebastião Moniz Barreto.

O presente exercício tomou como principal fonte de dados a monumental obra de Anselmo Braamcamp Freire, "Brasões da Sala de Sintra", na edição facsimilada de 1996, tirada da que foi realizada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em Lisboa, em 1973, a partir da edição de 1921-1930 da Imprensa da Universidade de Coimbra, acrescida de Apresentação e Apêndices de Luís Bivar Guerra. A partir daí utilizou extensivamente dados sobre a ascendência de Úrsula Delfina Pereira de Lacerda e sua origem *Teles de Meneses*, extraídos do "Nobiliário da Ilha Terceira", de Eduardo de Campos de Castro de Azevedo Soares-Carcavellos (3 vol.; Porto, Fernando Machado & Cia. Lda., 1954). Outras obras relacionadas no Apêndice: "Bibliografia e Fontes", cujos títulos seria fastidioso repetir, constituíram igualmente importante manancial de informações, entre elas "Linhagens Medievais Portuguesas", de J. A. de Sotto Mayor Pizarro (Porto, 1999, 3 vol.).

Quadro genealógico de *Bertrand de Risnel* (? - 1134), marido de *D. Elvira Peres de Lara*, e sua origem carlovíngia (v. Quadro genealógico dos *Teles de Meneses*).

Carlos Magno (742-814), rei dos Francos (768-814) e imperador do Ocidente (800-814)

∞

Hildegarda de Vinzgau, princesa da Suábia

|

Luís I, "o Bonacheirão" (778-840), imperador do Ocidente e rei dos Francos (814-840)

∞

Ermengarda da Alemanha

|

Lotário I (795-855), imperador do Ocidente (840-855)

∞

Ermengarda de Tours († 851) < Hugo de Tours

|

Ermengarda de Lorena (c. 830-849)

∞

Giselbert, conde em Maasgau († 863)

|

Regnier I, conde em Hainaut (c. 849-915)

∞

Alberada

|

Giselbert, duque de Lorena (c. 880-939)

∞

Gerberga da Saxônia < Henrique I, "o Passarinheiro", rei germânico (c. 876-936) ∞ Matilde de Hamalaut

|

Alberada de Lorena (c. 935-967)

∞

Renaud, conde de Roucy e de Reims († 967)

|

Giselbert, conde de Roucy (991)

∞

N...

|

Ebles I, conde de Roucy (at. 997-1020)

∞

Beatriz de Hainaut (1038) < Regnier IV, conde de Hainaut ∞ Edwiges de França < Hugo Capeto, rei de França

|

Adélia de Roucy († 1067)

∞

Hilduino de Ramerupt († 1063), conde de Arcis-sur-Aube (1031)

|

Hermentrude de Roucy († 1102), irmã de Felícia († 1123) ∞ Sancho I Ramirez, rei de Aragão (1043-94)

∞

Teobaldo I, conde de Reynel († c. 1101) < Ulrico de Reynel < Arnould

|

Hildegarda de Reynel

∞

Guy de Conflens, cavaleiro loreno (at. 1093-1103) < Refroi de Conflens, senhor de Prémy (at. 1050-1080)

|

Bertrand de Risnel (Reynel) *(v. nota 288 e Quadro genealógico dos Teles de Meneses, 1ª pág., última linha)*

Roberto, "o Forte" († 866)

|

Roberto I, de França (922-3)

|

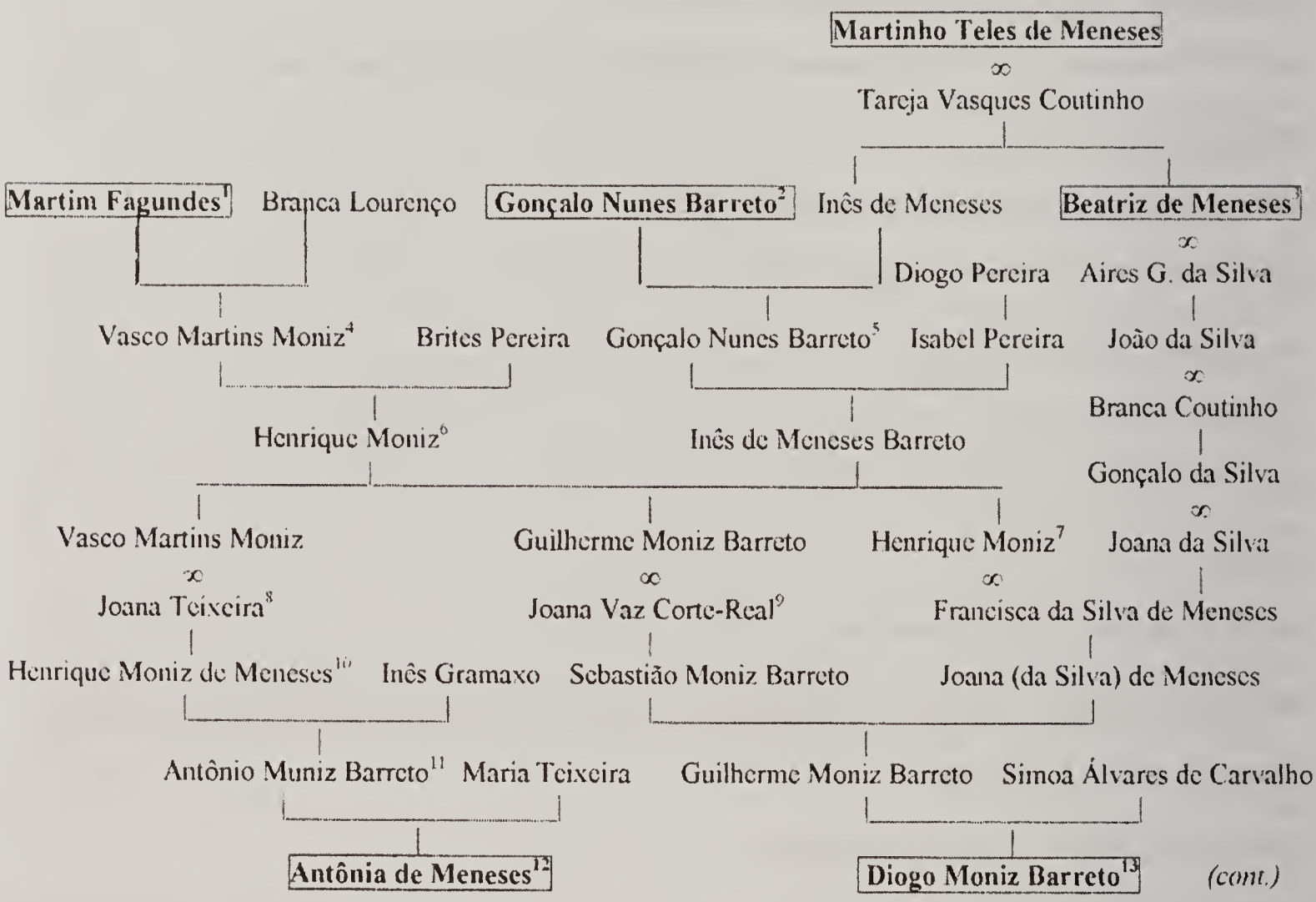
Hugo "o Grande" († 956)

|

∞ (c. 968) Adelaide de Poitou (c. 945-1004)

Quadro do parentesco de Guilherme Telles Ribeiro e de sua 1ª esposa, Anna Joaquina de Sousa Meirelles, pelas linhagens comuns dos Teles de Meneses *e dos* Moniz Barreto

(v. quadro genealógico dos *Teles de Meneses e capítulo VI da 1ª Parte*)



(cont.)

---

[1] Era algarvio. Embora não devesse descender de Egas Moniz, dos *de Ribadouro*, já em fins do século XIV ostentava o apelido *Moniz*, sendo também conhecido como Martim Moniz.

[2] Senhor de Cernache dos Alhos (Coimbra) e de direitos e casas no termo de Alvaiázere (Leiria) e na Albergaria-a-Velha (Aveiro), que cedeu ao rei D. João I (de cujo conselho fazia parte), por escambo de outros no Algarve (senhorio da Quarteira, 1413, *in* ANTT-Chanc. D. João I- Dir. Reais- Liv. I, fls. 275-8 e Liv. 3, fl. 185). Foi alcaide-mor de Faro e fronteiro-mor do Algarve. Quanto à esposa, v. nota 155; *cf.* E. de Campos, II, 125.

[3] Filha do 1° senhor de Cantanhede e neta de D. Gonçalo Teles, conde de Neiva e senhor de Faria, esta sobrinha-neta da rainha D. Leonor Teles foi notável mulher. Ao casar-se com o cavaleiro Aires Gomes da Silva, do conselho do rei D. João I, em 1427, ganhou do soberano a renda anual de 42.857 reais brancos e da avó, a condessa de Neiva, D. Maria Afonso de Albuquerque, recebeu as terras de Azurara (Porto) e Fão. Suas reconhecidas virtudes levaram o rei D. Afonso V a confiar-lhe a educação dos príncipes, seus filhos e, em reconhecimento, cumulá-la e a seu marido de deferências e honrarias. Em 1462 retirou-se da corte para se recolher ao convento de S. Marcos, na freguesia de S. Silvestre do Campo (Coimbra), onde doara todos os seus bens à Ordem de São Jerônimo (Hieronimitas), a fim de, naquele sítio, fundar o monumento religioso que viu seus últimos dias e hoje abriga seus restos mortais (A. Braamcamp Freire, I, 112 e 136-8).

V. prosseguimento do *Quadro* na pág. 184

---

[4] Armado cavaleiro em Tavira (Faro), casou c. Beatriz Pereira, filha de Paio Pereira, "homem honrado do Algarve".

[5] Homônimo do bisavô e do pai, foi 2° senhor da Quarteira. Quanto à mãe, D. Inês de Meneses, v. nota 2, acima; *cf.* L. Weinholtz de Azevedo, *Menezes*, 18-9.

[6] Algarvio como o pai e o avô, casou primeiro com Isabel da Costa, filha bastarda, legitimada e herdeira de Vasco Anes da Costa Corte-Real, 1° alcaide-mor de Silves (Faro), de quem ele herdou a alcaidaria.

[7] Herdou a alcaidaria-mor de Silves, enquanto os outros dois irmãos, Vasco Martins Moniz e Guilherme Moniz Barreto, passaram às ilhas. O primeiro assentou na Madeira, onde manteve grande casa, e o segundo, na Terceira.

[8] Filha de Lançarote Teixeira, "o Velho", e de Beatriz de Goes.

[9] Filha do capitão-donatário da ilha Terceira, João Vaz Corte-Real e de Maria Abarca, esta, irmã de Isabel Abarca, casada com João Borges, "o Velho", ambas filhas de Pedro Abarca.

[10] Forado na Casa Real e Comendador de Santa Cosma na Ordem de Cristo. Casou em 2ªs núpcias (c. 1541) com Inês Gramaxo (?-1562), filha de Salvador Gramacho e de Isabel Matoso.

[11] (1542-1586), casado (c. 1562) c. Maria Teixeira (?-1610), filha de Manoel Carvalho e de Maria Teixeira.

[12] (1576-?), sobrinha-neta de Egas Moniz Barreto, patriarca dos *Moniz Barreto*, da Bahia, o qual era irmão de Henrique Moniz de Meneses (v. nota 10, acima). Casou c. 1591 c. Fernão Lopes Lobo.

[13] Casado com outra de nome Isabel Abarca, filha de Constantino Machado e de Catarina Pacheco Corte-Real. A mãe, Simoa Álvares de Carvalho, era filha de Sebastião Álvares e de Grácia Fernandes (*cf.* E. de Campos, *Nobiliário...*).

(cont.)

Antônia de Meneses
∞
Fernão Lopes Lobo[1]
|
Diogo Lobo Teles[2]
∞
Maria da Silveira
|
Francisco Teles Barreto de Meneses[3]
∞
Inês de Andrade
|
Luiz Teles Barreto[4]
°|°
Mônica Godinho
|
Antônio Teles Barreto de Meneses[5]
∞
Catarina Josefa de Andrade
|
Francisco Teles Barreto de Meneses[6]
∞
Francisca Joaquina das Chagas e Oliveira
|
Escolástica Maria de Oliveira Teles[7]
∞
Carlos José Moreira Barbosa
|
Francisca Joaquina de Oliveira Barbosa
∞
Damazo Moreira de Souza Meirelles[8]
|
Anna Joaquina de Souza Meirelles
∞

Diogo Moniz Barreto
∞
Isabel Abarca
|
Maria de Meneses Corte-Real
∞
Manoel do Rego Borges I
|
Guilherme Moniz da Silveira
∞
Maria Mallory
|
Manoel do Rego Borges II
∞
Margarida Thounzend de Figueiredo
|
Rosa Maria de Meneses da Silveira Corte-Real
∞
Manoel Borges da Silva
|
João Borges da Silveira
∞
Ana Josefa de Meneses Corte-Real
|
Francisca Úrsula de Meneses Borges Corte-Real
∞
Agostinho Pereira de Lacerda
|
Úrsula Delfina Pereira de Lacerda
∞
Antônio Teles d'Utra Machado
|
Estácio Machado d'Utra Teles
∞
Francisca Cordélia de Sousa Sarmento de Lacerda
|
Luísa Teles ∞ Guilherme Ribeiro
|
Guilherme Telles Ribeiro

---

[1] Filho de Francisco Fernandes e de Maria Henriques Lobo, naturais de Pederneiras (Portugal). Sua origem nos grandes *Lobos*, senhores de Alvito, não está comprovada (v. quadro de Martim Gomes Lobo, no nº 14, acima: INÊS ANTÔNIA PEREIRA DA SILVEIRA).

[2] Capitão, ∞ em 2ªs núpcias c. Maria da Silveira. Era irmão de Antônio Moniz Barreto, patriarca dos *Moniz Barreto* e de Francisco Barreto de Meneses, patriarca dos *Barreto de Meneses*, ambas famílias do Rio de Janeiro.

[3] Capitão (RJ ≈ 12.10.1625 – ✞ 06.06.1679), ∞ c. 1655 c. Inês de Andrade, filha de Inácio de Andrade Machado e de Helena do Souto Maior, proprietários do engenho de Sto. Antônio das Pedras, em Irajá (RJ).

[4] RJ ≈ 30.10.1657 - ✞ 18.12.1702. Solteiro, reconheceu como filho e herdeiro o que tivera com Mônica Godinho (✞ RJ 17.06.1735), viúva de Jorge de Souza e filha de Francisco Godinho e de Maria de Faria.

[5] RJ c. 1685 – 28.04.1757, ▫ ilha do Bom Jesus. Formado em leis pela Universidade de Coimbra, proprietário do cargo hereditário de Juiz de Órfaos da cidade do Rio de Janeiro, foi dono da ilha do Bom Jesus e de parte ou da totalidade do engenho da Pedra (entre os portos de Inhaúma e Maria Angu) e simultaneamente do engenho que se chamaria da Taquara (Jacarepaguá, RJ), onde em 1738 levantou uma capela dedicada à Santa Cruz.

[6] RJ ≈ 22.02.1733 – ✞ 31.12.1806, herdou do pai o cargo de Juiz de Órfãos da cidade do Rio de Janeiro e foi Familiar do Sto. Ofício. Foi o construtor do "Arco do Teles" (RJ).

[7] ≈ 24.06.1781 na capela de Sta. Cruz do engenho da Taquara (Jacarepaguá, RJ).

[8] ✞ 09.05.1869 no Largo do Paço n° 8, 2° andar, casa conhecida por nela situar-se o "Arco do Teles" (RJ).

Fachada atual da casa de Sergio Pereira Ribeiro na Horta, ilha do Faial (Açores) [foto de P.F. Telles Ribeiro – 1996]

3ª PARTE

Anais da família Ribeiro *no Faial*

- de 1783 a 1901-

(Subsídios para a História da Campanha Liberal nos Açores)

Anais da Família Ribeiro no Faial
- de 1783 a 1901 -

Extraídos de documentos contemporâneos e transcrições da correspondência conservada nos "Archives du Ministère des Affaires Etrangères de la République Française", section "Archives Diplomatiques de Nantes (Loire)", na parte referente à Agência Consular da França no Faial (Consulado Geral da França em Lisboa)[303].

Nota explicativa

Investigação levada a cabo durante o mês de fevereiro de 1997 nos "Archives Diplomatiques", conservados pelo Ministério das Relações Exteriores da França na cidade de Nantes, Departamento do Loire, resultou na localização de abundante correspondência trocada entre o Consulado Geral da França em Lisboa e o Vice-Consulado francês na ilha do Faial (Açores), de 1783 até o início do século XX, período em que foram titulares daquela agência consular Sérgio Pereira Ribeiro, seu filho, Guilherme Ribeiro, o neto, Sérgio Augusto Ribeiro e o bisneto, Rodrigo Alves Guerra. O ano de 1783 precede, na verdade, a entrada em função de Sérgio Pereira Ribeiro mas é elucidativo quanto à sua nomeação para agente consular.

Grande parte desta correspondência é de natureza exclusivamente consular e está relacionada com as atribuições de atendimento aos interesses comerciais da França naquela parte do mundo. Excetuadas situações excepcionais de calamidade, envolvendo guerras, avarias grossas e naufrágios, trata do quotidiano da assistência aos cidadãos franceses de passagem e do despacho e fornecimentos aos navios de bandeira francesa. Não obstante, certo número de cartas justapõe matéria de natureza pessoal e, sob este aspecto, constitui-se de particular interesse para o estudo da ancestralidade dos Telles Ribeiro. São manuscritos redigidos quase sempre em francês, alguns em mau estado pela ação do tempo, circunstância que, aliada a características individuais da caligrafia antiga, exacerbam a dificuldade de sua leitura. A fim de facilitar-lhes a

---

[303] *Archives Diplomatiques, Nantes. Archives rapatriées du Consulat de France à Lisbonne: Série A-C.13-14 - Agences consulaires des Açores: Ile du Fayal (1778-1903).*
Idem, Répertoire numérique, 1538-1817. Répertoire des Agents Consulaires: cote 48.*

compreensão, procedeu-se à transcrição mediante decifração de uma escrita por vezes quase inacessível.

Os documentos reproduzidos a seguir foram selecionados entre as várias centenas de exemplares consultados e sua duplicação foi possível graças à obsequiosidade da Direção dos "Archives Diplomatiques". Ordenados cronologicamente, fazem-se acompanhar, em alguns casos, de inserções explicativas, com base em outras fontes contemporâneas, para maior clareza de sua exposição seqüencial. A fim de não descaracterizá-los, preferiu-se manter algumas de suas incorreções ortográficas e gramaticais, facilmente identificadas com o contexto onde se originaram e suas limitações naturais.

Vale assinalar que a correspondência em apreço corresponde a um conjunto documental de notável valor descritivo e bastante eloqüente quanto à realidade sócio-econômica em que viveram os antepassados faialenses dos Telles Ribeiro, no período considerado. De sua leitura sobressai, entre outros pontos destacáveis:

1. O surpreendente nível alcançado pela formação cultural, no ambiente insular em questão e sua repercussão no comportamento social;

2. A educação esmerada, de que era componente importante o conhecimento dos principais idiomas europeus (francês, em primeiro lugar, ademais do inglês e, eventualmente, do alemão);

3. O profundo senso de responsabilidade profissional;

4. O apego à família e aos valores dela decorrentes;

5. O padrão ético em que se pautava a conduta, em todos os setores de atividade;

6. A dedicação ao trabalho e sua importância nas relações sociais;

7. A luta pertinaz contra as adversidades impostas pelas agressões da natureza, pela precariedade dos recursos disponíveis e por fatores ligados à instabilidade política;

8. A expressividade de muitos pormenores relatados, que se inserem curiosamente num contexto particular da História Geral e alcançam momentos importantes das Histórias de Portugal e do Brasil.

Paulo Fernando Telles Ribeiro
Fevereiro de 1997

Documentos

1. Juin 1783

Extraits des décisions du Roy[304] *et du Ministre pendant l'année 1783:*
Nº 30 — Lettre qui accorde le brevet de Vice Consul à J. Street d'harriague[305] *faisant fonction de V.C. au Fayal.*

[Tradução: Junho de 1783 – Extratos das decisões do Rei (304) e do Ministro durante o ano de 1783. N° 30 – Carta que outorga a patente de Vice-Cônsul a J. Street d'harriague (305), que exerce a função de Vice-Cônsul no Faial.]

2. Em 31.10.1784

Petição ao Juiz Conservador dos Direitos Reais da Alfândega e Juiz de Fora do Faial:

... pela ausência de João Street d'Harriaga, que era Vice-Cônsul, ... ficou esta ilha carecendo de pessoa que pudesse requerer pelos seus interesses e exercer os mais

---

[304] Luís XVI, rei de França.

[305] João Street d'Arriaga Brum e Cunha (✞ 21.08.1812): rico negociante pertencente a uma das mais importantes famílias açoreanas, que tradicionalmente detinha o consulado da França no Faial. Casado com sua prima, Francisca Xavier Borges da Câmara Arriaga, era irmão de Guilherme Street d'Arriaga Brum da Silveira e Cunha (1757-1826) e de José Street d'Arriaga Brum da Silveira (1747-1802), este, casado em Lisboa, por volta de 1784, com Ana Joaquina Inácia da Cunha, herdeira baiana que os lisboetas alcunharam de *monte de ouro*, viúva do riquíssimo Conselheiro Joaquim Inácio da Cruz Sobral (1773), que havia feito fortuna na Bahia e depois retornara a Portugal.
Os irmãos Street d'Arriaga descendiam de William Street, natural de Londres, que se estabeleceu com comércio no Faial em fins do século XVII. Seus descendentes casaram-se na família Arriaga, proveniente de João d'Arriaga (que se assinava Jean Dharriague), francês de Bayonne (1652-1716) que se transferiu para o Faial e cujo ancestral espanhol, Salvador Arriaga, havia, por sua vez, passado das Vascongadas à França. Sempre mediante casamentos, os *Streets d'Arriaga* aliaram-se aos poderosos *Bruns da Silveira*, que historicamente haviam dominado o comércio da urzela e do pastel, até o século XVII e, como resultado, se haviam tornado a família mais rica não somente das ilhas mas, possivelmente, também de todo Portugal. Como se não bastasse, lograram acercar-se do poderosíssimo marquês de Pombal, que os distinguia com deferências especiais.
Foi junto a João Street d'Arriaga que Sérgio Pereira Ribeiro fez seu aprendizado comercial e se familiarizou com os assuntos consulares franceses. Logo depois, estabelecido com seu próprio negócio de fornecimentos a navios, "Sérgio Pereira Ribeiro & Compª.", aproveitou a longa ausência de Arriaga na metrópole para pleitear substituí-lo como titular do Consulado da França. Tinha à época 24 anos [*cf.* M. Lima, *Famílias Faialenses* (Horta: 1922), pp. 598-606; J. de Campos e Souza, *Loiça Brasonada* (Porto: 1962), pp. 299-301; v. nota 40 e o texto que segue aquela menção].

actos anexos à dita ocupação e porque no Suplicante concorrem as qualidades necessárias para o seu exercício, não só porque possui suficientemente a linguagem francesa mas porque é capaz de prover com o necessário a qualquer navio da dita nação, portanto pede a Vossa Mercê, Senhor Juiz de Fora, se digne nomeá-lo interinamente, mandando-lhe passar portaria. *Sergio Pereira Ribeiro.*

Despacho:

Em atenção ao expendido nesta petição e porque, aliás, estou bem persuadido, por informações que tirei, da aptidão do suplicante, Sérgio Pereira Ribeiro, para bem cabalmente encher com desempenho as funções de Vice-Cônsul da Nação Francesa, por possuir perfeitamente aquela língua, pela grande inteligência que tem do comércio e por ser muito capaz de prover de todo o necessário qualquer navio da dita Nação; atendendo eu, outrossim, aos interesses da mesma, que não há quem promova, por ausência de João Street de Harriaga, que até agora ocupou o dito emprego, nele nomeio e provo interinamente o dito Sergio Pereira Ribeiro, que solicitará a sua confirmação ao Cônsul Geral da mesma Nação. Vila da Horta, 31. 10.1784. Como Juiz Conservador dos Direitos Reais da Alfândega desta Ilha do Faial e na mesma Juiz de Fora. *Joseph Philippe Ferreira Cabral.*

3. Le 8 juin 1785

A Monsieur le Chevalier Meyronet de St. Marc, Consul Général de France à Lisbonne:

Resumo: Sérgio Pereira Ribeiro agradece a carta de 30 de abril, enviada pelo Cônsul Geral em Lisboa, que estava acompanhada de uma remessa de 300.083$00 réis, correspondente ao ressarcimento de despesas em que ele havia incorrido pelo atendimento da fragata *Mont Réal.* A mensagem do Cônsul Geral é uma confirmação de que Sérgio se acha investido das funções que pleiteara de Vice-Cônsul da França no Faial, embora a nomeação somente se devesse formalizar após o cônsul anterior, Street d'Arriaga, ter apresentado sua demissão. Sérgio aproveita para informar que em 8 de maio atendeu ao navio *Le Courrier*, que vinha da Martinica (Port au Prince) em direção a Nantes, necessitando de víveres e água. Mas houve um problema, perderam-se cabos, que afundaram na água e, malgrado os esforços, não foi possível recuperá-los, pois o mar estava muito agitado. Em 25 de novembro a situação permanece a mesma, sem que tenha sido possível encontrar os cabos e, ademais, também se perderam as bóias. Tendo tido conhecimento de que Street d'Arriaga já apresentara sua demissão, Sérgio aproveita para reiterar o pedido de merecer ser confirmado no cargo de vice-cônsul e, neste sentido, solicita que lhe seja enviada a carta-patente.

4. Le 12 janvier 1788

Patente de Vice-Consul de France à l'île de Fayal en faveur de Sieur[306] Sergio Ribeiro:

> *La charge était vacante par la démission de Sieur Street d'Harriague; donné à Lisbonne, le 12 janvier 1788, par Charles Cardin Amé de Saint Didier, Chevalier, Lieutenant (Colonel) d'Infanterie, Chevalier de l'Ordre Royal et Militaire de St. Louis[307], Consul Général de France au Portugal.*
>
> [Tradução: 12 de janeiro de 1788
> Patente de Vice-Cônsul da França na ilha do Faial, em favor do Senhor (306) Sérgio Ribeiro:
> O cargo estava vago em virtude da demissão do Senhor Street de Arriaga. Dado em Lisboa, em 12 de janeiro de 1788, por Charles Cardin Amé de Saint Didier, Cavaleiro, Tenente-Coronel de Infantaria, Cavaleiro da Ordem Real e Militar de São Luís (307), Cônsul-Geral da França em Portugal.]

5. Em 01/07/1788

Sérgio Pereira Ribeiro recebe a patente de Pesador e Guarda da Alfândega da Ilha do Faial (reinado de D. Maria I)[308].

6. Em 26 de abril de 1792

Atestado passado por Sérgio Pereira Ribeiro na qualidade de Vice-Cônsul de Sua Majestade Cristianíssima[309] no Faial, para efeitos de um futuro processo judicial na França, envolvendo cidadãos franceses de passagem e o comandante do navio em que viajavam.

7. **Atestado** passado por franceses[310] que receberam a ajuda de Sérgio Pereira Ribeiro no Faial, de 09.02.1796 a 28.08.1797:

---

[306] *Sieur*: do latim *senior*=mais velho. Equivalente em francês antigo a *seigneur*, passou a usar-se com regime semelhante ao de *sire*, que era um título honorífico anteposto ao nome de burgueses investidos em certos cargos. No século XIX, o vocábulo perdeu o sentido feudal mas conservou-se como fórmula indicativa de respeito, sobretudo utilizada em algumas situações jurídicas especiais, como no caso da designação de um cônsul. Em português, a tradução possível é "senhor" [*Nouveau Petit Larousse* (1968); *Nouveau Petit Robert* (1993)].

[307] V. 1ª Parte: "A Ventura", nota 42.

[308] V. 1ª Parte: "A Ventura", nota 43.

[309] O rei de França era tratado de "Sua Majestade Cristianíssima", enquanto o rei de Espanha era "Sua Majestade Católica", titulagem, essa, outorgada pelo Papa (v. nota 311; *cf.* Lello Universal).

[310] Trata-se de marinheiros da fragata *Astrée*, que naufragara nas costas da ilha do Pico. A instabilidade das relações políticas com a França, em plena ebulição no período da Revolução, impediu o repatriamento destes desafortunados e Sérgio Pereira Ribeiro, a pedido das autoridades militares portugueses, dispôs-se a dar-lhes assistência enquanto se aguardava uma solução por parte do Governo francês, que lhes possibilitasse retornar à sua Pátria (v. nota 329).

"*Nous sousignés certifions avoir reçu du Citoyen Ribeiro cy devant, Consul de France à l'isle de Fayal, notre subsistance pendant notre séjour dans la dite isle, depuis le 9 février 1796 jusqu'au 28 août 1797, ce qu'il a reçu dernièrement du Gouvernement Portugais. Nous attestons, en outre, que le dit citoyen Ribeiro s'est prêté à nous secourir avec toute l'humanité possible et que, sans lui, nous aurions beacoup souffert. En foi de quoi nous lui avons délivré le présent. A Fayal, le 27 août 1797*".

8. 2 de abril de 1802

Atestado assinado pelas "Pessoas da Nobreza e Negociantes desta Vila de Horta, Ilha do Fayal", mesma redação do atestado acima mas enfatizando: "sem que ofendessem as leis de Sua Majestade Fidelíssima[311]". Entre os signatários há um Antonio Vieira de Simas.

9. 3 de abril de 1802

Resumo: Sérgio Pereira Ribeiro obtém um atestado do escrivão ajudante da Câmara, firmado por personalidades locais, entre as quais Street de Harriaga, Thomas Telles D'Utra Machado, Manoel Inácio Brum da Silveira e José Bernardino de Sousa Machado, de que ele, na época da guerra entre a Coroa e aquela Potência[312], havia continuado, com a maior eficácia, a prestar auxílio e socorro a todos os franceses que a ele se apresentaram durante a mesma guerra, "tanto naufragados na Ilha do Pico como prisioneiros dos ingleses, sem que se ofendessem as leis do Seu Soberano, sustentando e vestindo alguns à sua custa, sendo a única pessoa da Ilha que deliberadamente se encarregou de os manter, com toda humanidade". A petição se fez a fim de atestar os bons serviços de Sérgio, "que se havia oferecido, com toda humanidade e, as mais das vezes, havia socorrido os que se achavam em desgraça, conforme as circunstâncias, atendendo ao pedido das autoridades militares portuguesas, no sentido de abrigar e hospitalizar os franceses que aportavam na dita ilha, já naufragados, já prisioneiros, liberalizando-lhes a sua casa e toda a sorte de agasalho, sem que ofendessem os direitos ao nosso Imperante, no tempo da guerra".

10. 26 de junho de 1810

Provisão para o armamento de cavaleiro

---

[311] O rei de Portugal era "Sua Majestade Fidelíssima", titulagem paralela às de "Sua Majestade Cristianíssima", atribuída ao rei de França e de "Sua Majestade Católica", atribuída ao rei de Espanha (v. nota 309; *cf. Lello Universal*).

[312] A França, com que a coligação liderada pela Inglaterra e com a participação de Espanha e Portugal entrou em guerra, em 1793 [campanha do Roussillon (J. P. Oliveira Martins, *História de Portugal*, 8ª ed. (Lisboa: A. M. Pereira, 1913), II, p. 240)].

Eu, o Príncipe Regente de Portugal[313], como governador e perpétuo defensor da Ordem de Cristo etc. Mando a qualquer cavaleiro professo da dita Ordem, a quem este meu alvará for apresentado, que na igreja da Matriz do Ssmo. Salvador da Vila da Horta, da ilha do Faial, arme cavaleiro a Sérgio Pereira Ribeiro, a quem hora mando lançar o hábito da mesma Ordem: para cujo ato requererá dois cavaleiros mais da Ordem, para o ajudarem como padrinhos e, de como o fizer cavaleiro, lhe passará certidão nas costas deste mesmo alvará, que se cumprirá, sendo passado pela Chancelaria da dita Ordem. Rio de Janeiro, aos 26 de junho de 1810. *O Príncipe.*

11. 17 de maio de 1812

Certidão
Fr. Manuel José de Arriaga Brum e Silveira, cavaleiro professo da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo. Certifica que, na igreja Matriz do Santíssimo Salvador desta vila da Horta, armei cavaleiro a Sérgio Pereira Ribeiro, contendo no alvará de Sua Alteza Real; sendo adjuntos dois cavaleiros iniciados por mim, requeridos na falta de professos; e em tudo se praticou conforme o definitório da dita Ordem. Vila da Horta, ilha do Faial, 17 de maio de 1812. *Fr. Manuel José de Arriaga Brum da Silveira. Fr. João Manuel da Câmara Berquó. Fr. Estácio Machado d'Utra Telles*[314].

12. Com o restabelecimento da monarquia capetíngia na França, na pessoa de Luís XVIII e encerrados os capítulos revolucionário e napoleônico, Sérgio Pereira Ribeiro pede ao Governo francês sua reintegração na titularidade da

---

[313] Regente desde 1792 (só usou o título a partir de 1799), quando sua mãe, a rainha D. Maria I, se viu afetada das faculdades mentais, D. João VI foi aclamado rei no Rio de Janeiro, por morte dela, ocorrida em 1816, durante a estada da família real no Brasil [*Dic. de História do Brasil* (S. Paulo: Ed. Melhoramentos, 1976)].

[314] Como membros da Ordem de Cristo, os três signatários tinham direito ao título de "Frei" (v. M. Lima, *Famílias Faialenses* e notas 55, 56 e 57).

1) Manuel José d'Arriaga Brum da Silveira (1768-1883): formado em direito pela Universidade de Coimbra, foi juiz de fora e corregedor na cidade de Angra (Terceira), onde se notabilizou pelo equilíbrio e ponderação de atitudes (*ibidem*: pp. 14, 24-7).

2) João Manuel da Câmara Berquó (★ 1775): também formado em leis pela Universidade de Coimbra, foi juiz de fora na ilha do Faial (1810-18). Na Horta, morava em frente à casa de Sérgio Pereira Ribeiro, que era na antiga rua de São Francisco, atual rua Conselheiro Medeiros, nº 8. À natural afabilidade e primorosa educação, aliava uma grande integridade e vastos conhecimentos de seu ofício, qualidades que lhe grangearam excepcional estima de seus conterrâneos (*ibidem*: pp. 76, 82, 83 (nota 1) e 115 (nota 2).

3) Estácio Machado d'Utra Telles (✞ 1861): futuro coronel de Milícias no Faial, tornou-se sogro de Guilherme Ribeiro, em 1824, quando a filha, Luísa, desposou o filho de Sérgio Pereira Ribeiro. Tal como os *Ribeiros* e os *Berquós*, também residia na rua de São Francisco, na Horta (*ibidem*: pp. 597, 733).

agência consular no Faial, a qual havia sido suspensa naqueles períodos. Já figura, no documento, como "Cavaleiro da Ordem de Cristo".

Fayal, 22 janvier 1816
Monsieur Lesseps, Lisbonne.
Sergio Pereira Ribeiro, chevalier de l'ordre de Christ, Négociant à Fayal (Isle Açores), ayant appris votre arrivée à Lisbonne, a l'honneur de vous exprimer la joie sincère qu'il éprouve du changement du Gouvernement Français et du retour sur le Trône du légitime Roi Louis 18. Le dévouement que j'ai toujours manifesté publiquement pour la grande nation Française me donne quelques droits à votre bienveillance. Les services que je lui ai rendus à une époque critique où il y avait du courage à faire du bien, sont également connus dans ce Royaume.
C'est sous ces auspices, Monsieur, que j'ai l'honneur de vous exposer que, depuis l'année 1784 jusqu'à la révolution de France, j'ai exercé dans cette Isle les fonctions de Vice Consul Français, à la satisfaction des Gouvernements Français et Portugais. La confiance que notre cour m'a témoignée pendant le Règne de Bonaparte m'en fit continuer l'exercice à cette époque si critique et ce fut par son ordre que j'ai été à même de rendre des services à plusieurs Français que le Naufrage ou autres malheurs ont portés vers ce lieu.
Permettez donc, Monsieur, que je m'empresse de réclamer votre protection, afin de recevoir la confirmation positive de mon ancien titre, que je sollicite de vous. Je m'estime également très heureux, Monsieur, si à mon tour je puis vous être de quelque utilité et vous prouver, par des réalités, la sincérité de mon affection et vous assurer de la considération distinguée avec laquelle j'ai l'honneur d'être,
Monsieur,
Votre très humble
et très Obbt. Serviteur
Sergio Pereira Ribeiro

[Tradução:
Faial, 22 de janeiro de 1816.
Senhor Lesseps,
Sérgio Pereira Ribeiro, cavaleiro da Ordem de Cristo, negociante no Faial (ilha dos Açores), tendo sabido da vossa chegada a Lisboa, tem a honra de expressar a alegria sincera pela mudança de Governo ocorrida na França e pela volta ao trono do legítimo rei Luís XVIII. O devotamento que sempre manifestei publicamente pela grande nação francesa me dá alguns direitos à vossa benevolência. Os serviços que prestei a ela numa época crítica, em que era necessário ter coragem para fazer o bem, são igualmente conhecidos neste Reino.
É neste quadro, Senhor, que tenho a honra de expor que, desde o ano de 1784 até à Revolução Francesa, exerci nesta ilha as funções de Vice-Cônsul da França, com a satisfação dos Governos francês e português. A confiança que nossa Corte me testemunhou durante o reino de Bonaparte fez-me prosseguir no exercício do cargo, naquela época crítica, e foi por ordem dela que tive ocasião de prestar serviços a vários franceses que o naufrágio ou outros infortúnios trouxeram a este lugar.

Permiti, pois, Senhor, que eu me apresse a reclamar vossa proteção, a fim de receber a confirmação positiva de meu antigo título, que solicito de vós. Considerar-me-ei igualmente muito feliz, Senhor, se, de minha parte, vos puder ser de alguma utilidade e vos [puder] comprovar, com fatos, a sinceridade de minha afeição e [puder também] vos assegurar a distinta consideração com que tenho a honra de ser,
Senhor,
Vosso humilíssimo e obedientíssimo Servidor,
Sérgio Pereira Ribeiro.]

13. O Consulado Geral em Lisboa atende à solicitação de Sérgio Pereira Ribeiro e anota todos os documentos com que ele instruiu o pedido para ser reintegrado como Vice-Cônsul da França no Faial:

M. Sergio Pereira Ribeiro est nommé pour l'Isle de Fayal;
Il a produit:
1º. Une nomination provisoire du Juiz de Fora de l'Isle de Fayal, de juin 1814
2º. Un brevet attestant qu'en 1796 il a assisté 40 français naufragés sur la côte du Pic .... et leur a donné des faveurs
3º. La nomination provisoire comme Vice-Consul de France par les autorités de l'isle en 1802
4º. Le certificat du Gouvernement des Isles de Fayal et du Pic en date de 1802, constatant qu'il a été Vice Consul de la Nation Française depuis 1784
5º. Certificat de probité et de responsabilité donné par le Corregedor de la Camara d'Angra de Hº.
6º. Un certificat de la Douane de Fayal, donné me 1814, pour constater qu'il a exercé les fonctions de Vice Consul depuis 1784 jusqu'à l'époque de la guerre.
7º. Pareil certificat délivré par la Chambre de Fayal.
8º. Pareil certificat délivré par le conseil de la Noblesse et celui des négociants de l'isle de Fayal.
9º. Même attestation délivré par le Capitaine Mor de l'Isle
10º. Même certificat délivré par le Vice-Consul d'Angleterre
11º. Même certificat du Consul des Etats Unis
12º. Expédition authentique délivrée par l'autorité de Fayal de la démission de Vice Consul donnée à M. Street d'Harriague, par M. de St. Didier, Consul Général.
& 13º. Copie certifié de la Commission donné à M. Ribeiro par M. Dannery, Consul Général.
Toutes les pièces ont été renvoyées, avec la lettre qui prévient M. Ribeiro de la nomination nouvelle, à M. Guillaume Street d'Arriague[315]*, Rue de Convento nº. 408.*
M. Ribeiro est né à Fayal, âgé de 48 ans, Négociant et Chevalier de l'Ordre du Christ.

---

[315] Guilherme Street d'Arriaga Brum da Silveira e Cunha (1757-1826): conforme visto mais acima (doc. nº 1 e nota 305), era irmão de João Street d'Arriaga e José Street d'Arriaga. Riquíssimo herdeiro do morgado de Carnide (3ª freguesia de Lisboa), instituído pelo irmão, José, este faialense era correspondente de Sérgio Pereira Ribeiro na metrópole e também lhe encaminhava, vez por outra, a correspondência consular.

[Tradução: O Senhor Sérgio Pereira Ribeiro está nomeado para a ilha do Faial. Ele apresentou:
1°) Nomeação provisória do Juiz de Fora da ilha do Faial, de junho de 1814.
2°) Patente atestando que, em 1796, ele assistiu 40 franceses que naufragaram na costa do Pico ... e lhes prestou favores.
3°) A nomeação provisória como Vice-Cônsul da França pelas autoridades da ilha, em 1802.
4°) O certificado do governo das ilhas do Faial e do Pico, datado de 1802, confirmando que ele foi Vice-Cônsul da Nação francesa desde 1784.
5°) Certificado de probidade e de responsabilidade, passado pelo Corregedor da Câmara de Angra do Heroísmo.
6°) Um certificado da Alfândega do Faial, passado em 1814, para atestar que ele exerceu as funções de Vice-Cônsul desde 1784 até a época da guerra.
7°) Igual certificado emitido pela Câmara do Faial.
8°) Igual certificado emitido pelo Conselho da Nobreza e pelos negociantes da ilha do Faial.
9°) Mesmo atestado emitido pelo Capitão-mor da ilha.
10°) Mesmo certificado emitido pelo Vice-Cônsul da Inglaterra.
11°) Mesmo certificado emitido pelo Cônsul dos Estados Unidos.
12°) Expediente autêntico emitido pela autoridade do Faial sobre a exoneração de Vice-Cônsul, concedida ao Senhor Street d'Harriague, pelo Senhor de St. Didier, Cônsul-Geral [da França].
e 13°) Cópia certificada da Comissão dada ao Senhor Ribeiro pelo Senhor Dannery, Cônsul-Geral [da França].
Todas as peças foram devolvidas, junto com a carta que participa ao Senhor Ribeiro a nova nomeação, ao Senhor Guilherme Street d'Arriaga (13), rua do Convento n° 408. O Senhor Ribeiro nasceu no Faial, tem 48 anos de idade, é negociante e cavaleiro da Ordem de Cristo.]

14. Em 9.5.1819

Resumo: Carta a Monsieur Lesseps, Cônsul-Geral da França em Lisboa, assinada por Sérgio Ribeiro, um dos filhos de Sérgio Pereira Ribeiro, o qual devia permanecer algum tempo em Hamburgo, para pedir que o recomendasse ao Cônsul da França naquela cidade.

15. 04.11.1828

Cronologia da chamada "Revolta do Castelo"[316]

Em 1828, apesar das notícias desanimadoras provindas do Continente, no Faial os constitucionalistas (partidários de D. Pedro I, do Brasil e IV, de Portu-

---

[316] Baseada nos *Anais do Município da Horta*, de M. Lima (Famalicão: Of. Gráficas "Minerva", 1943). V. capítulo III – A Ação Liberal, da 1ª Parte: "A Ventura", de que o texto abaixo constitui um resumo.

gal) não se davam por vencidos. No partido liberal militava a elite da terra e tal era sua confiança na situação que não abdicava dos postos de comando: o governo municipal, por exemplo, continuava nas suas mãos. *José Curry da Câmara Cabral*[317] ostentava por toda parte a sua casaca constitucional de pano azul e entre os adeptos também estavam Sérgio Pereira Ribeiro e o filho, Guilherme Ribeiro.

À essa altura, os realistas (partidários do irmão de D. Pedro, D. Miguel) consideravam ganha a partida. Contando com a tropa, alguns mais desenvoltos, sem esperar ordens, promoveram na madrugada de 03.09.1828 um movimento, capitaneado por José de Betencurt Vasconcelos e Ávila, major de milícias, que pôs para correr o governador militar, Ruxeleben e o *Major Soares Luna*[318], que escaparam na calada da noite, em um iate que zargou da baía de Porto Pim. O governo ficou com Morais Âncora, investido no cargo de comandante militar da ilha, o qual nomeou José de Betencurt comandante da tropa de linha.

Senhores da situação, o número de realistas aumentou a olhos vistos. De S. Jorge apareceram logo alguns oficiais miguelistas, ali deportados pelo governo liberal implantado na Terceira. E principiaram as represálias: algumas autoridades foram demitidas, entre elas o ouvidor eclesiástico e foram presos os cadetes *José Pamplona Moniz Corte Real*[319], *José Teles d'Utra Machado*[320] e *Roque Francisco Furtado de Melo*.

Esta era a situação quando, em 31.10.1828, fundeou na baía da Horta a fragata brasileira *Isabel*, comandada pelo conde de Beaurepaire[321].

Antes de anoitecer, inopinadamente, os constitucionalistas atacaram a guarda do castelo de Santa Cruz e, sem resistência maior, nele penetraram, soltando vivas a D. Pedro e à Carta Constitucional. Tomada de pânico, a tropa realista fugiu, capitaneada pelo Major Betencurt e foi alojar-se na freguesia da Feteira. Encerrados no Castelo, os revoltosos imaginaram haver feito tudo e, em vez de se apoderarem daquilo que os outros haviam abandonado, entretinham-se a dirigir convite aos que passavam na rua para que se associassem à sua problemática empresa.

---

[317] Futuro senador e concunhado de Guilherme Ribeiro (v. notas 324 e 339 e 1ª Parte: notas 70 e 133).

[318] V. nota 65.

[319] Casado em 1832 com Teresa Ribeiro, neta de Sérgio Pereira Ribeiro (M. Lima, *Famílias* ..., pp. 515,523).

[320] V. nota 67.

[321] V. notas 68 e 335.

No dia seguinte o tempo começou a mudar, obrigando a fragata a fazer-se à vela. Alguns mais prudentes (os cadetes que tinham estado presos por serem adversos ao movimento de setembro, *Pamplona* e *Furtado de Melo*), vendo o jogo complicar-se, puseram-se em seguro, a bordo da *Isabel*. O governador e o major Betencurt, dando-se conta da ação desorganizada dos revoltosos, desceram com a tropa à vila e, ao amanhecer, abriram fogo contra o Castelo de Santa Cruz. Logo estava tudo acabado: uns fugiram, deitando-se muralha abaixo e até mesmo caindo ao mar, restando de armas nas mãos apenas 26, que foram imediatamente presos. Resultaram dois mortos e dois feridos rebeldes, contra quatro feridos entre os realistas.

Era natural que se procedesse a uma devassa no caso e dela se encarregou o juiz Luiz da Terra Peixoto que, na ausência do juiz de fora e fiel às relações de parentesco e amizade, não sabia o que fazer.

Em agosto de 1829 a fragata *Diana* desembarcou na Horta trezentos homens e, com eles, veio a anunciada alçada judicial, presidida pelo desembargador *José Monteiro Torres*. A missão de que se achava investido era sindicar sobre a "revolta do Castelo" mas seu verdadeiro programa consistia em expurgar o Faial de toda e qualquer resistência liberalista. Mal deu início aos trabalhos, começaram a supurar os rancores e as perfídias, que estimulavam as múltiplas perseguições exercidas contra os *malhados* (como se denominavam os adeptos da facção liberal). Um simples ato suspeito, toda amizade duvidosa ou, mesmo, qualquer palavra imprudente, bastavam para levar, fosse quem fosse, para a cadeia. Tinha foro legal a delação e inúmeras pessoas de nomeada foram presas, entre elas algumas das principais da ilha: *Lara de Andrade*, diretor da Alfândega; *Bernardo Teles*, escrivão da mesma; os morgados *Linhares* e *Terra*; e até *Guilherme Ribeiro*, filho do cônsul francês[322].

Outro detido foi *José Inocêncio Telles d'Utra Machado*, filho de José Telles d'Utra Machado, primo de Estácio Machado d'Utra Telles, pai de Luísa Telles.

---

[322] A situação descrita bem se enquadra no conceito histórico-social da *murmuração*, manifestação de um comportamento típico do Antigo Regime (o das monarquias européias antes da Revolução Francesa, em 1789), o qual pretende expressar a bisbilhotice como voz popular, relacionada com algo que é público e notório. Em Portugal e no Brasil, a *murmuração* fica patente nas devassas de caráter político, conduzidas pela justiça régia por ocasião de um levante ou sedição, e das inquirições eclesiásticas, realizadas durante a ação pastoral de um bispo ou de uma visita da Inquisição. Por ela se explica a atuação de personagens como os comissários do Santo Ofício, sempre atentos ao saber por ouvir dizer e que registravam, por escrito, as denúncias que lhes chegavam, muitas delas motivadas pela intriga e multiplicadas pelos boatos que circulavam de boca em boca. Como instrumento de indiciamento e coleta de provas terá sido utilizada durante a devassa ordenada pela autoridade régia, a fim de punir os implicados no movimento da Inconfidência Mineira, em Vila Rica (Ouro Preto), em 1789 [v. Ronaldo Vainfas, *Dicionário do Brasil Colonial* (Rio: Objetiva, 2000)].

Jovem, seguira a carreira das armas mas antes tinha chegado a cursar até o segundo ano da faculdade de matemática, em Coimbra. Regressando ao Faial, assentou praça na companhia franca que guarnecia a ilha e tomou parte nas lutas da guerra civil, finda a qual, tendo alcançado o posto de capitão de artilharia, nele se reformou. Quando do movimento de 04.11.1828, era cadete e sofreu amargas privações e penosos sofrimentos nos cárceres da Vila Franca, em S. Miguel, até o dia em que aquela ilha foi ocupada pela divisão liberal. Quanto a *João Carvalhal da Silveira*, terceirense de 18 anos de idade, foi um dos 26 presos no dia 6 de novembro, quando o major Betencurt retomou o Castelo. Condenado à morte, seguiu para São Miguel, local da execução mas foi felizmente salvo da forca pela expedição libertadora do conde de Vila Flor (v. nota 332, abaixo).

Passou-se o ano de 1830, entrou o novo ano e as coisas corriam, no Faial, sem modificação. Nem se calculava o que ia pela Terceira, onde vencia o conde de Vila Flor que, após repelir um ataque realista em 11.08.1829, partiu para subjugar as demais ilhas ao governo liberal, tendo chegado ao Faial em junho de 1831, quando a vereação foi deposta e os cargos públicos entregues a gente de confiança. A 29 de junho Vila Flor já estava de volta à Terceira, tomando fôlego para a investida contra S. Miguel. Um dos primeiros atos do governo liberal da Horta foi eleger a nova vereação: Dr. *Antônio José de Ávila*[323], José de Almeida e Silva, *José Curry da Câmara Cabral*[324], Dr. Tomaz de Betencurt, *Nicolau Tolentino de Moura*[325] e Tenente-Coronel *Antônio Garcia da Rosa*[326]. Tomaram posse em 05.10.1831, tendo como presidente o Dr. Antônio José de Ávila.

Com a chegada de D. Pedro a Angra, após assumir a Regência, as coisas tomaram um caminho bem mais definido. Sua presença removeu embaraços, impulsionou os ânimos, acalmou dissidências e atritos. Mal se apresentou em terra açoreana, ao desembarcar em Ponta Delgada em 22.02.1832, a Câmara da Horta enviou-lhe saudações e logo seguiu uma deputação de militares a cumprimentá-lo. Em abril D. Pedro visitou o Faial, S. Jorge e Graciosa e em 26.06.1832, acompanhado de grande entusiasmo, partiu de Ponta Delgada para o Continente, em direção à gloriosa campanha da qual sairia vitorioso com a Convenção de Evoramonte (26.05.1834), que pôs fim às hostilidades entre liberais e absolutistas.

---

[323] Futuro duque de Ávila e Bolama (v. nota 342).

[324] Cuja irmã era casada com João Pereira Ribeiro, filho de Sérgio Pereira Ribeiro (v. notas 317 e 339).

[325] Casado com Maria Isabel Ribeiro, filha de Sérgio Pereira Ribeiro (M. Lima, *Famílias Faialenses*, p. 314).

[326] V. nota nº 121 do cap. IV da 1ª Parte: "A Ventura".

16. Instaurado na ilha o clima de perseguições políticas e temendo suas conseqüências para o filho, Sérgio Pereira Ribeiro trata de pô-lo sob a proteção do privilégio e imunidade consulares. Pede, pois, a seus superiores, em Lisboa, para ser substituído no Consulado por Guilherme Ribeiro, que acabara de completar 33 anos.

Fayal, 25 février 1829
Monsieur Lesseps[327],
J'ai l'honneur de vous représenter que, depuis l'année 1784, j'ai été chargé du Vice Consulat de France à Fayal, ayant été pourvu par le Consul-Général de Lisbonne et cela par recommandation du Gouvernement de France, d'après la démission de M. Street d'Arriague, mon prédécesseur. Cette première Patente m'a été retirée au temps de la Guerre, par ordre du Général en Chef de ces Isles mais pendant cette même Guerre, le Gouverneur et le Sénat de cette Isle m'ont toujours chargé de secourir tous les Français arrivés ici ou prisonniers de Guerre ou naufragés, ayant été après positivement autorisé par notre Ministre de la Marine, D. Rodrigo[328]*. Ce fut pendant ce temps que j'ai fait à la Nation Française tous les services qui ont été en mes pouvoirs, nourrissant et habillant, à mes dépenses, la plus grande partie des Français arrivés ici sans moyens; et seulement les frais que j'ai faits avec les naufragés de la Frégate* Astrée[329]*, lesquels j'ai abrité pendant 18 mois, le Gouvernement de Lisbonne me les a faits payer, ne les jugeant pas prisonniers de Guerre, comme l'avait fait le Gouvernement Général de ces Isles, m'ordonnant en même temps de faciliter leur retour.*
Dans le cours de ces ans, j'ai donné des preuves non équivoques du bien que j'ai toujours fait à la Nation, ne trouvant pas un seul citoyen Français, tant des Bâtiments de Guerre comme Marchants, qui n'aie été content de moi. En considération à mes services et me trouvant dans un âge avancé, je voudrais bien que mon fils Guillaume Ribeiro me substitue dans le Vice-Consulat de France à Fayal, il est marié, demeurant avec moi et il m'a toujours aidé dans ce qui concerne l'Agence consulaire et je garantie sa bonne conduite.
Je vous prie, Monsieur, de m'accorder cette grâce si vous trouvez que je la mérite. Je ne sais pas si vous êtes de retour à Lisbonne et j'adresse celle-ci à Monsieur Blanchet, pour l'envoyer en France. Dans le cas que vous ne soyez pas arrivé.

---

[327] Ferdinand de Lesseps (1805-1894): personalidade notável do séc. XIX. De uma família de diplomatas, serviu no Consulado da França em Lisboa, no Cairo e em Alexandria (1831-47). Deixando a diplomacia voltou para o Egito (1854), onde obteve do vice-rei Mohamed Saïd a concessão para construir o canal de Suez, festivamente inaugurado em 20.11.1869 (*Lello Universal*; *Encyclopaedia Britannica*-1974).

[328] D. Rodrigo Domingos de Sousa Coutinho, 1° conde de Linhares (1745-1812): Ministro da Marinha e do Ultramar, em 1796, acompanhou ao Brasil o príncipe regente, futuro D. João VI, em 1808. Nomeado Ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros, foi o principal orientador da política portuguesa no difícil período que se seguiu à partida da família real de Portugal (*Lello Universal*; A. E. M. Zúquete, p. 690).

[329] V. nota 310 (doc. n° 7).

J'ai l'honneur d'être avec la considération et respect,
Votre très humble serviteur,
Sergio Pereira Ribeiro

[Tradução: Faial, 25 de fevereiro de 1829.
Senhor Lesseps (327),
Tenho a honra de fazer-vos presente que desde o ano de 1784 estive encarregado do Vice-Consulado da França no Faial, tendo sido provido no cargo pelo Cônsul-Geral [da França] em Lisboa e isto por recomendação do Governo francês, depois da exoneração do Senhor Street d'Arriaga, meu predecessor. Esta primeira patente foi-me retirada no tempo da Guerra, por ordem do General em Chefe destas ilhas mas durante esta mesma Guerra, o Governo e o Senado desta ilha sempre me encarregaram de socorrer todos os franceses aqui chegados, como prisioneiros de guerra ou náufragos, tendo sido depois [para isso] positivamente autorizado por nosso Ministro da Marinha, D. Rodrigo (328). Foi durante este tempo que prestei à nação francesa todos os serviços que estiveram ao meu alcance, alimentando e vestindo, às minhas expensas, a maior parte dos franceses aqui chegados, sem meios; e somente os gastos em que incorri com os náufragos da fragata *Astrée* (329), a que dei abrigo durante 18 meses, o Governo de Lisboa me reembolsou, não os considerando prisioneiros de guerra, como tinha feito o Governo Geral destas ilhas, ordenando-me ao mesmo tempo facilitar seu regresso [à sua Pátria].
No curso daqueles anos, dei provas inequívocas do bem que sempre fiz à Nação [francesa], não se encontrando um único cidadão francês, quer dos navios de guerra quer dos mercantes, que não tenha estado contente comigo. Em consideração aos meus serviços e achando-me em idade avançada, gostaria que meu filho Guilherme Ribeiro me substituisse no Vice-Consulado da França no Faial. Ele é casado, mora comigo e sempre me ajudou no que respeita à agência consular e eu respondo por sua boa conduta. Peço-vos, Senhor, conceder-me esta graça, se julgardes que a mereço. Não sei se estais de regresso a Lisboa e dirijo esta [carta] ao Senhor Blanchet, para que ele a envie à França. No caso de vós não terdes chegado.
Tenho a honra de ser, com a consideração e o respeito,
Vosso humilíssimo servidor,
Sérgio Pereira Ribeiro.]

17. Ao despedir-se do Consulado-Geral da França em Lisboa, o Cônsul-Geral Ferdinand de Lesseps deixa anotado, para seu sucessor, o pedido de Sérgio Pereira Ribeiro:

NOTES GENERALES ET OBSERVATIONS SUR LE SERVICE ET LE PERSONNEL DU CONSULAT-GENERAL DE FRANCE A LISBONNE ET SUR LES AGENCES CONSULAIRES QUI EN DEPENDENT:
Agence consulaire de Fayal: Cette agence est exercée, depuis près de 40 ans, par M. Sergio Pereira Ribeiro, riche négociant et propriétaire, homme instruit, honnête et zélé. Il a dirigé avec beaucoup d'intelligence plusieurs avaries grosses et quelques naufrages. Il est fort considéré dans sa résidence.

M. Ribeiro étant très avancé en âge, m'a fait demander tout récemment de lui donner pour successeur son fils aîné. Sa prétention est de toute justice; mais on ne pourra réaliser le voeu de M. Ribeiro père que quand les relations politiques seront rétablies. J'ai promis le brevet de l'agence à M. Ribeiro fils et j'espère que M. Capras tiendra ma promesse, quand le moment sera venu.
Dans l'état actuel du commerce en Portugal, les agents consulaires pour la France sont des emplois fort onéreux pour ceux qui en sont revêtus. Ils le sont même en tout sens dans la plupart des Résidences. Le seul avantage que ces emplois offrent à leurs titulaires est, pour quelques uns, une satisfaction de vanité, pour tous, la jouissance de certains privilèges, qui consistent dans l'exemption du logement des gens de guerre.
Le titre d'agent consulaire correspond à celui de Vice-Consul, qui en France n'est accordé qu'aux agents brevetés par le Roi. Mais les fonctions, les attributions, les prérogatives des délégués du Consulat Général de France en Portugal sont absolument les mêmes que celles des Vice-Consuls.

[Tradução: Notas gerais e observações sobre o serviço e o pessoal do Consulado Geral da França em Lisboa e sobre as agências consulares que dele dependem — Agência consular do Faial —
Exerce a chefia desta agência, há cerca de 40 anos, o Senhor Sérgio Pereira Ribeiro, rico negociante e proprietário, homem instruído, honesto e zeloso. Administrou com muita competência várias avarias grossas e alguns naufrágios. É bastante considerado no seu local de residência. Tendo atingido uma idade avançada, o Senhor Ribeiro pediu-me recentemente que lhe desse como sucessor a seu filho mais velho. A pretensão é plenamente justa. Mas somente se poderá realizar o desejo do Senhor Ribeiro, pai, quando as relações políticas [entre a França e Portugal] forem restabelecidas. Prometi a patente da agência consular para o Sr. Ribeiro, filho, e espero que o Senhor Capras faça cumprir a minha promessa, quando o momento for propício.]

18. Por ordem do sindicante, desembargador José Monteiro Torres, Guilherme Ribeiro foi preso em 25.09.1829. Onze dias depois, Sérgio Pereira Ribeiro dirige a primeira petição em favor do filho. Na mesma data, Guilherme peticiona no sentido de que lhe seja aliviado o regime do cativeiro.

Horta, 05.10.1829
Diz Sergio Pereira Ribeiro, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo, Agente Consular da Nação Francesa e negociante da Praça desta Vila da Horta, que ele, suplicante, achando-se na Ilha do Pico às suas colheitas com toda a família, incluído seu filho Guilherme Ribeiro e sucedendo chegar a esta ilha, desarvorado, um navio da dita Nação, foi o suplicante obrigado a deixar as ditas colheitas aos cuidados da família e a passar-se a esta ilha com um criado unicamente, para dar as necessárias providências a respeito do dito Navio, que de mais a mais se lhe consignara, o que presumia arranjar em poucos dias; mas como as circunstâncias e o estado do navio demandavam mais demora e dependiam de escrituração de contas e protestos, em que o dito filho do suplicante se costuma empregar em tais ocasiões, servindo de

chanceler do Consulado, o mandara o suplicante chamar à dita ilha do Pico, a fim de ocupar-se de tais negócios; mas ao tempo que desembarcava com a sua pequena família no lugar do cais desta ilha do Faial, que foi na tarde do dia 25 do mês de setembro próximo passado, sucede ser preso à ordem de Vossa Senhoria e conduzido para o castelo de Santo Antônio da Cruz, aonde permanece ainda, ignorando-se a causa da sua prisão: contudo o estado atual das cousas e o ser Vossa Senhoria quem ordenara a sua prisão, fazem presumir ao suplicante que ela procede talvez de cousas políticas, o que só podia acontecer sob efeito da mais atroz calúnia, em razão de ser o filho do suplicante um homem de gênio dócil, pacífico, inimigo de intrigas, contrário a partidas e obediente às leis, como poderá provar com toda esta ilha, excetuando os seus caluniadores. Depois deste infeliz acontecimento, sucede dar o suplicante uma perigosa queda de que se acha gravemente doente e sem uso de um braço, sem que tenha pessoa alguma que lhe possa arranjar e dirigir os seus negócios, assim domésticos como mercantis e consulares, acrescendo a tudo isto a proximidade de um parto em que está sua nora, mulher do preso, a qual se acha em bastante risco com o sentimento da sua prisão: com isto não pretende o suplicante que Vossa Senhoria lhe solte absolutamente seu filho, dando-o por absolvido, sem mais formalidades; porque, visto haverem imputações capazes de exigirem tais medidas, convém mesmo à sua honra que se lhe dê lugar de justificar-se, manifestando a calúnia com que foi culpado: só pretende pois o suplicante, à vista da sua impossibilidade e do estado atual da sua Casa, que Vossa Senhoria se digne de remover a prisão de seu filho para a mesma casa do suplicante, o qual se oferece para fiador dele e a prestar mais alguém, se necessário for, renunciando para esse efeito todo e qualquer privilégio que tenha, ou como representante da Nação Francesa nesta Ilha ou por qualquer outro princípio.

P. V. S. Ilmo. Sr. Desembargador
seja servido de o atender deferindo-lhe
com a equidade e justiça que costuma.
E.R.M.

Despacho: "Indeferido. Horta, 5 de outubro de 1829".

Diz Guilherme Ribeiro desta Vila da Horta que, por ordem de Vossa Senhoria, foi o suplicante preso no Castelo de Santo Antonio da Cruz, aonde se acha há 21 dias, sem liberdade de sair fora do recinto da prisão, a qual se lhe não abre senão às horas da corrida para ela entrar. Como, porém, esta contínua estreiteza e aturado encerramento vão alterando a saúde do suplicante, recorre pois a Vossa Senhoria para que se digne permitir que ele possa, durante o dia, dar alguns passeios pela Praça e conservar, por este modo, a saúde e a vida que naturalmente se desejam, servindo-se Vossa Senhoria, a este fim, de dar as providências que julgar necessárias, a respeito das Guardas Militares.

P. a V.S. Ilmo. Sr. Desembargador seja servido deferir-lhe com a humanidade e equidade que costuma.

E.R.M.

Despacho: "Não tem lugar. Horta,
15 de outubro de 1829".

19. Sérgio Pereira Ribeiro consegue obter um relato a respeito do que consta dos autos do processo contra Guilherme Ribeiro e, tendo-o reproduzido por escrito, após aduzir seus comentários, envia-o ao Consulado-Geral da França em Lisboa. Com esta providência, consciente de que a França terminará por objetar ao regime absolutista de Dom Miguel, tenta habilmente provar a inocência do filho, enquanto procura sensibilizar as autoridades francesas para a sua causa.

25 de novembro de 1829

Depois de feitas as perguntas de estilo a meu filho, Guilherme Ribeiro, sua idade, estado, etc.

Foi perguntado se era sócio do Teatro particular[330] e, como tal, se sabia quem eram os que tinham festejado, no dia ou na noite de 31 de julho de 1828, com música e iluminação no mesmo teatro, etc. A tudo quanto se lhe perguntou a este respeito, respondeu que não sabia: foi instado para dizer a verdade; pois que, sendo aquele dia festivo para os sócios do teatro e tendo o mesmo sido iluminado, era natural que ele ali tivesse estado, como constava; assim como também constava que ele tinha andado na música, que tendo passado pela casa da sua habitação, ali tinha tocado o Hino Constitucional e até tinha dado vivas etc, etc. Respondeu meu filho a isto que, desde 1826, nunca mais tinha tocado de noite pelas ruas e que, naquela ocasião, nem acompanhou música, nem mesmo se lembrava se aquele dia 31 de julho era festivo; que era certo, por aquele tempo, ter ouvido música pelas ruas mas que não se recordava do dia exato; que não ouvira nem Hino, nem vivas, porque se recolhera à casa pelas dez horas da noite e vira passar a tal música de volta para a banda da Vila, tocando uma marcha.

> Primeiro falso testemunho;
> pois que meu filho não es-
> teve no teatro, nem tocou o
> Hino, como claramente se
> pode mostrar.

Perguntado se, nos fins de agosto de 1828, conversando com Mateus Borges, lhe dissera que o Governo de Angra era muito útil, por ter mandado para aqui degredados, sendo meia dúzia de Peralvilhos, aludindo aos oficiais, cadetes e soldados mandados pelo governo rebelde; o que negou meu filho, dizendo que

---

[330] Fundado pelo líder liberalista, Major Soares Luna (v. nota 318).

havia mais de dois anos que não falava com os tais Srs. Aços, com quem estava indiferente e muito menos naquele tempo, com que os não vira, etc.

Foi instado para dizer a verdade, porque o tal Aço, Mateus Borges, presente e com quem ele estava confrontado, dava por testemunhas seus dois irmãos, Diniz e Theotônio, que assim tinham deposto, etc. Respondeu meu filho que aqueles homens, por estarem mal com ele e por lhe quererem fazer mal, assim o tinham caluniado, que era verdade que, nos fins de outubro, estando na Areia Larga com *José de Goes Lara d'Andrade* e o capitão *Antônio de Mendonça*, apareceram ali aqueles três sujeitos, conversando todos em cousas indiferentes; mas com ele, nada; e quando se separaram, nem uma só palavra lhe dirigiram. Acareado, aquele patife sustentou o que tinha deposto; ao que respondeu meu filho que aquilo era para se vingar dele; replicou que tinha jurado em sua consciência ... Consciência de um Aço !!!! Quanto às duas pessoas que estavam presentes, disse o tal tratante que, naquele momento da conversa, estavam um pouco apartadas de meu filho e dele, o que é falso e aleivoso; porque, diz meu filho, não se apartou deles um só instante e com eles se recolhera para casa.

O Palhinha[331], sendo confrontado, depôs que o Carvalhal[332], no dia 6 de novembro, já depois de preso, lhe dissera que no dia da tomada do Castelo, estivera em nossa Casa com Antônio Ramos e que ali jantara e que, na hora em que vinham os escaleres de bordo da fragata, meu filho os armara e que os não acompanhara porque a mulher lho obstara. Com a absoluta negativa de meu filho, foi instado para dizer a verdade, porque o moço do Carvalhal depôs que naquele dia o viera chamar à nossa casa, da parte da sua família e até dissera que ele, Carvalhal, estava na Torre. Sustentou meu filho o que tinha dito e que, tendo estado em casa todo aquele dia, se o Carvalhal ali tivesse estado, sem dúvida ele o saberia e, finalmente, que nenhuma intimidade tinha com ele e muito menos com Antônio Ramos, com quem até estava indiferente. O mesmo Palhinha depôs que, no desembarque do Vice-Cônsul brasileiro, de Angra, lhe dissera que era um Macaquinho do Brasil e que os Corcundas de Angra haviam de dar cabo nos calcanhares: confessou meu filho ter ouvido parte daquilo que dizia o Palhinha, sem saber a quem se referia e que só dissera se aquela Fragata era a Brasileira, que tinha aparecido na véspera ou o corsário de seis peças, que tinha estado em Angra, isto por zombaria, visto que algumas

---

[331] Antônio Teles Peixoto Gutierrez Palhinha (★ Horta, 1814), depois, advogado em Angra do Heroísmo, secretário da Junta Governativa Constitucionalista (22.04.1847) e redator do semanário "O Terceirense" [E. de Campos, *Nobiliário da Ilha Terceira* (Porto: 1944), II, 238].

[332] João do Carvalhal da Silveira, jovem faialense então com 18 anos (★ Horta, 12.10.1809 - ✞ Angra, 30.09.1894), herdeiro da casa e morgado de seus maiores, chegou a ser condenado à morte por sua participação no movimento (*Ibidem*, I, 270-1).

pessoas lhe tinham dado esta denominação; acareado, o Bicho sustentou o seu juramento e meu filho, para corroborar a sua verdade, deu por testemunhas as muitas pessoas que se achavam no cais, entre as quais Estácio Manoel de Sousa e José Daniel.

> Este é um dos mais falsos testemunhos; porque ao tempo que vieram os escaleres de bordo da Fragata, o Carvalhal estava dentro do Castelo e Antônio Ramos a bordo da mesma Fragata, de mais a mais tinha eu mandado fechar a porta da Rua e meu filho sempre presente com a família, todo o dia e noite.

Foi perguntado se tinha amizade com José Teixeira Maciel[333] e se, desde 31 de julho de 1828, havia freqüentado a sua casa, se sabia de haverem naquela casa ajuntamentos depois daquele dia, etc, etc. Respondeu que tinha alguma amizade com aquele sujeito e que, até o mês de maio ou junho daquele ano, ia a sua casa algumas noites da semana, onde se entretinha a jogar o voltarete; mas que, por aquele tempo pouco mais ou menos, tendo-lhe morrido seu Pai, cessara de ir a sua casa de noite, bem como outras muitas pessoas que ali se ajuntavam e só de dia o cumprimentava e que nunca lhe constou que ali se tratasse de ajuntamentos políticos. Foi também perguntado se, depois da chegada da Fragata Brasileira, tinha ido algumas vezes à casa do mesmo Teixeira e se havia ali ajuntamentos; negou uma e outra cousa e que era tudo falso. Se meu filho sabia se alguma Pessoa tinha convidado a Fragata para vir aqui animar a Rebelião e quem, e se sabia qual era o fim da mesma e quem eram os cabeças.

Finalmente, depois de quatro para cinco horas, mandou escrever o Sr. Sindicante o seguinte: que os ditos irônicos de meu filho, a respeito da Fragata Brasileira, davam bem a conhecer que ele folgava por ser um navio de força; que isto e a deposição do Palhinha eram bastantes provas de que tinha entrado na rebelião do Castelo. Isto é pouco mais ou menos o que eu pude colher, transmitido de palavras.

> 1ª Reflexão:
> Observações de um pai na idade de 70 anos, amante de um desgraçado filho, que sabe estar inocente, como depois e a seu tempo se mostrará, sendo este filho a única companhia que lhe resta nos fins de sua vida. De que maneira um ajunta-

---

[333] Era o Vice-Cônsul do Brasil.

mento de tanta gente, que concorrera ao cais desta Vila na chegada da fragata, dizendo cada um o que bem quis, o único, Palhinha (que logo deu a voz de prisão a meu filho), depondo contra ele agora, é uma prova e três malvados irmãos, seus inimigos declarados, fazendo-o aleivosamente (sem dúvida não os conhece o Ilmo. Ministro Sindicante) e, por fim, os seus ditos, que não tenderam a outra coisa senão a zombar da Fragata, do muito que dela se tinha dito, é a probabilidade para meu Filho ser julgado criminoso, como se tivesse estado no Castelo e fornecido armas, que há mais de 30 anos não existem nesta casa. Paciência! Deus é justo e algum dia há de aparecer a Verdade e eu, desde quando sobreviver, farei ver com toda esta povoação quem são os Srs. Aços; pois que até se diz que o grande M.M. do Aço — tio dos ditos — também depôs, referindo-se aos ditos dos seus sobrinhos, ora dizendo que meu filho dissera, da janela, ao vizinho Berquó, que vinha ou aparecia a nossa Baleeira, e isto é o que muitos e muitos tinham dito da sua entrada, antes de chegar à baía.
Torno a repetir: Deus é justo e é para quem eu apelo.

Ribeiro

2ª Reflexão:
Observações ou reflexões de um Pai, na Idade de 70 anos.
Que dialética é esta em objetos de tanta gravidade, Ilmo. Sr. Sindicante? Pois os ditos irônicos de um homem, dado o caso que mesmo os dissesse, sequer se pode tomar por boa conclusão, que ele entrara em rebeliões; quando eles pelo réu foram confessados: e quando é que a confissão do réu, em qualquer estado do processo, pode constituir prova suficiente para fundamentar a culpa do interrogado?
A fim de arrancar tão cruamente dos braços de um Pai ancião o único filho que lhe restava nos fins da sua vida! Filho desgraçado, que tão inocentemente padece! Por que não tem V.S. inquirido as testemunhas a que se referiu meu filho, acerca da calúnia de Mateus Borges e Irmãos Aços? Por que se não chamou também a Estácio Manoel e José Daniel, com alguns outros homens de conhecida probidade, para ver se conciliam ou não com o que meu filho alegava contra a deposição do cadete Palhinha e, então, absolvê-lo ou condená-lo, conforme o que ocorreu?
É possível que faça prova e prevaleça o dito de um homem só, contra tantos! Homem que, mais a mais, já se considerava inimigo de meu filho; pois que, quando o simples soldado o prendeu, quando ele passava para o cais com vários amigos, no dia da chegada da Fragata, só por falar na Baleeira, o que outros muitos também falaram, isto sem ordem superior para o fazer e, sendo imediatamente solto, depois o ameaçou! Paciência. Deus é justo. Meu filho está inocente, eu o juro, mas os seus brados, os brados de muitos outros desgraçados, os clamores sempre vivos já do órfão, já da viúva, já do exilado, já do preso, chegarão sem dúvida a retumbar nos altos céus e a verdade e a justiça triunfarão. Essas vis testemunhas, que na deposição têm jurado e incriminado a muitos, não têm, meu Deus, na ordem social, conceito algum bom e nem sequer um só merece o nome de homem probo, pois é justo permitir a que meia dúzia de vis denunciantes ou delatores sectários, doutros tantos clérigos ignorantes, influindo em soldados e moços saídos da casa de seus amos para dar ordens, façam desgraçados a tantos inocentes? Essas desordens se não têm

seguido, por causa de semelhante caterva; as prisões continuarão, o nosso amigo Andrade está preso há três meses, o Vice-Cônsul do Brasil igualmente, seqüestros estão à porta; enfim, nem quem se conta seguro, tudo é desordem, tudo são lamentos das famílias que têm seus filhos, parentes ou amigos presos. Deus proveja o que sobreviver a tantos males, Deus seja o que me valha, já que os poderes da Terra parecem surdos e insensíveis a tão grandes desgraças. Paciência! Quem diria que o velho Pai não estaria ao abrigo das altas perquirições do Ministro Sindicante? V.S. vai conhecer o que confidencialmente me tem chegado a este respeito. Estão presos seis clérigos, todos homens de conhecida probidade, entre eles há um Vigário Velho, de uma Freguesia do Campo (*Padre Mateus Aquino, da Freguesia da Ribeirinha*), homem de talento e de virtude, preso há nove meses, tendo sido até agora o amparo de sua mãe, na idade de mais de 80 anos e de uma irmã muito doente, foi inquirido pelo Ministro Sindicante se tinha amizade com Sérgio Pereira, ao que respondeu o Padre que sim e que havia mais de 40 anos, tendo sido por algum tempo Mestre de seus filhos, ao que respondeu o Sr. Sindicante que melhor fora não ter sido, porque então não falaria em matérias políticas; pois que um homem do campo, da sua Freguesia, ali tinha jurado que o Padre, em 8 dez. de 1828, tinha recebido uma carta minha, em virtude da qual espalhara notícias subversivas: eu nunca dei notícias políticas ao Padre, enquanto tal houvesse feito, ele não era capaz de me comprometer, dando-as a campônios. Sabe-se que isto foi armado por outros clérigos, que têm representado nesta trágica cena; também houve outro preso inquirido, a quem perguntou o Ministro se eu tinha dado vivas ao Imperador do Brasil, a bordo da Fragata *Isabel*. Deste esboço e mais coisas que eu omito (para não ser tão prolixo), verá V.S. o quanto estou olhado pelo Sr. Sindicante e qual será o encarregado consular desta Ilha, que agora se julgue a salvo e seguro! Eu sou o que mais está na lembrança do Ministro; quando, pelo meu procedimento, me julgava a salvo de calúnias, que por nenhum modo deveriam ser escutadas de um Ministro reto; e tudo isto feito a um Vice Cônsul de França, o qual tem servido a Nação há 45 anos, com tal felicidade que até hoje só tem obtido documentos que provam, na sua mão, daquela generosidade e refletida consideração com que V.S. e seus ilustres antecessores se têm dignado atender os seus serviços, não tendo prestado, estes, só à digna Nação Francesa, pois que, no decurso de muitos anos, fui eu quem assistiu os comboios, esquadras e mais navios de guerra portugueses, que por esta ilha passaram e sempre com a maior satisfação dos Chefes, dos quais alguns existem ainda nesta Corte, sendo um dos que mais me honram o Ilmo. Sr. Quintella[334]. Queira o Céu que os meus padecimentos não sejam mais agravados e que a sorte futura de meu filho não seja agora fatal para sua mãe e sua mulher, de cujo deplorável estado já tive a honra de informar a V.S; porque se ele for forçado a ir fora desta ilha justificar a sua notória inocência, certo que elas a este apartamento sobreviver não poderão. Seria para mim da maior satisfação que me entregassem meu filho debaixo

---

[334] Vice-Almirante Manuel Inácio da Costa Quintela, (Lisboa, 1763-1838), comandante da nau *Afonso de Albuquerque*, na frota que em 1807 levou a família real para o Brasil. Foi Ministro do Reino em 1821 e em seguida Ministro da Marinha, cargo que ocupou até dezembro de 1826 (*Lello Universal*).

da mesma prisão, sendo a sua fiança e quantas outras exigirem dos principais da terra, que para isso estão prontos; mas ignoro a quem devo requerer eu, pois que até os letrados da terra não se atrevem a fazer um requerimento; tal é o melindre a que subiram as matérias políticas, neste calcanhar do mundo; lembrava-me pedir que este negócio fosse cometido a qualquer Ministro desta Comarca, ou do Faial ou do Pico; pois estou firme e certo que seria atendida a justiça de meu filho e confundidos os seus caluniadores.

Perdoe V.S., por quem é, o cometer-lhe esta fastidiosa narração, mas este é o alívio de quem tão desapiedadamente sofre, o desabafar com uma pessoa tal como V.S., que tantas provas tem dado do muito que me preza, sem me conhecer pessoalmente, o que muito cordialmente lhe agradeço, sendo com o maior respeito e consideração,

De V. S.

Mto. Venerador amigo, Ob.

Sergio Pereira Ribeiro

P.S. Queira V. S. desculpar algum erro na escrita e repetições de um Velho, que ainda se acha doente do braço, valendo-se da ajuda das suas filhas para o ajudar nos seus trabalhos.

20. Sérgio Pereira Ribeiro agradece a seus superiores as providências tomadas para a nomeação de Guilherme Ribeiro como seu substituto. Ao esclarecer que a matéria perdeu a urgência inicial, narra as circunstâncias da prisão do filho e tenta sensibilizar as autoridades francesas para sua repercussão negativa no funcionamento da agência consular, a fim de pedir que intercedam, em seu favor, junto às autoridades miguelistas. Entretanto Luísa Telles dá à luz um bebê e Sérgio Pereira Ribeiro cai da escada, no segundo andar de sua casa e quebra a cabeça e o braço esquerdo.

Fayal, le 8 Janvier 1830
Monsieur Blanchet
Lisbonne
J'ai reçu, Monsieur, vos Lettres du 10, 14, 29 juillet et 29 août et c'est à présent que je me trouve en état de pouvoir vous répondre, après avoir été bien impossibilité depuis le 26 septembre, comme j'aurai l'honneur de vous le dire après.
Dans la première lettre du 10, je vois avec beaucoup de reconnaissance votre généreuse approbation à l'égard de mon fils Guillaume Ribeiro, ce que je vous remercie de tout mon coeur. Dans la seconde, de même date, vous me certifiez avoir reçu les comptes et pièces relatives à l'Aimable Elisabeth et les Instructions que vous avez eu la bonté de me donner pour l'avenir, en pareil cas, auxquelles je me conformerai ponctuellement. Dans la même lettre, vous me demandez à quel Gouvernement Civil appartiennent les isles et je vais satisfaire à cet article. — Les Isles des Açores sont partagés par Câmaras, à savoir: St. Michel a, sous les ordres d'un Corregedor, l'Ile de Ste. Marie — Terceira, sous les ordres d'un autre Corregedor, St. George et Gracieuse. — Fayal ayant aussi un

Corregedor et [se trouvant] sous ses ordres civils, sa juridiction s'étend sur Pico, Flores e Corvo.- Je me chargerai volontiers, ou mon fils à ma place, de nommer des personnes capables de se prêter au service de la Nation avec zèle et probité; et si vous trouvez à propos que je me charge aussi de nommer des personnes à St. George et Gracieuse, j'y connais des individus de toute probité. — L'Ile de St. George est bien plus proche de Fayal que de l'Ile Terceira et le voyage par ici est de 4 à 5 heures; et Gracieuse, quoique un peu éloignée au Nord, est ordinairement sur correspondance avec Fayal par le produit des tuiles (?), plus qu'avec Terceira, et j'y connais quelques personnes de toute probité, particulièrement deux Capitaines-Mors, qui ne se ressemblent aucunement avec Machado, le Consignataire du Capitaine Carmac, qui lui a fait des vols bien connus et qui sont bien difficiles à corriger.
*La lettre du 14 juillet porte des observations encore à l'égard des naufragés de l'*Aimable Elisabeth, *auxquelles je me conformerai, ayant en vue vos sages réflexions.*
Avec la lettre du 29 juillet, j'ai reçu les exemplaires des avis imprimés pour l'entrée et sortie des Bâtiments et les instructions pour l'Agence Consulaire, auxquelles de même je me conformerai. Le 30 octobre dernier, j'ai reçu votre lettre du 29 août, dans laquelle vous avez eu la bonté de réitérer vos gracieuses intentions à l'égard de mon malheureux fils Guillaume Ribeiro et c'est de mon devoir de vous répéter mes sincères remerciements et, quoique vous avez déjà l'approbation de Monsieur Lesseps et du Ministère, dans les circonstances actuelles, cela ne presse pas et je vais vous exposer le motif. — Le 12 du mois de septembre, j'étais encore à Pico avec toute ma famille pour la récolte et ayant reçu, ce même jour, vos premières lettres, je fus obligé de partir tout de suite à Fayal, pour traiter des dépêches du Brick Français le St. Michel, *de Marseille, Capitaine et Armateur M. Deiglun, venant de Haïti, démâté du mât de Misaine et dans un très mauvais état, comme vous verrez du Procès Verbal. — J'ai laissé à Pico mon fils Guillaume, pour finir les travaux de la vendange, ainsi que la famille mais après, me voyant seul pour les affaires du Bâtiment, puisque mon Teneur de livres se trouvait malade, le 25 du même mois j'ai envoyé mon canot à Pico pour transporter mon fils avec sa femme et ses enfants à Fayal, pour m'aider dans cette affaire, parce qu'il en était au fait, me servant toujours de chancelier depuis longtemps: mais quel malheur, mon cher Monsieur! quel triste tableau suis-je obligé à vous présenter! Dans le moment où il débarquait, on l'a prit d'entre mes bras pour le mettre en prison au Château. — Vous pouvez bien concevoir, Monsieur, l'effet que cette prison, au milieu de la rue et devant tout le monde, produirait sur un vieillard septuagénaire, entouré de ses chers petits fils, de sa belle fille, qu'il adore et de quelques amis; devant presque porter dans ses bras les enfants en pleures; et la mère éperdue, s'opposant de toute sa force à ceux qui voulaient le conduire à la prison: tout cela dans le moment où le vieux père, plein de la satisfaction naturelle de revoir son fils et sa famille, descendait au bord de la mer pour les recevoir. — Mon innocent fils est encore en prison: innocent puisque je l'atteste, connaissant sa conduite. — Le lendemain 26, à une heure après minuit, sortant de l'appartement de ma belle fille, alors comme aujourd'hui inconsolable, je tombe d'un escalier du second étage et j'ai cassé la tête et le bras gauche déjoué, dont je souffre encore beaucoup. La femme de mon fils était proche à ses couches et le premier du mois de novembre elle a mis au monde un bel enfant; mais depuis la prison de son mari, elle garde le lit, pleurant continuellement, sans lever la tête et on craint beaucoup pour sa vie. — Le proverbe dit*

qu'un seul aviron ne porte point la barque; mais avec l'aide de mes filles, qui n'étaient pas au fait des affaires du comptoir mais qui entendent le français, nous avons pris soin des affaires du Bâtiment pendant plus de vingt jours et je dois vous dire que, depuis 45 ans que je suis employé au service de la Nation, parmi tant de bâtiments qui ont passé par ici, c'est celui-ci qui m'a donné le plus de travail, parce que le capitaine n'était point marin, n'entendait nullement des affaires d'une pareille relâche, exigeant des choses qu'on ne devait pas pratiquer. — Il fut expédié le 12 novembre dernier, très satisfait, faisant sa dépense pour la relâche 996$157 reis et, pour la quarantaine, 4.013$881 reis; ce qui fait la somme de 5.010$038 reis, qu'il a faite à la grâce de MM. Seanle H., négociants anglais, à 16 %, ce qu'il n'obtiendrait pas sans moi, vu que pour l'Angleterre on ne donne pas de l'argent à ce prix et, par ce moyen, il a évité la vente du café à vil prix. Ce qui a troublé la tête à cet homme c'est que je lui observai que les assurances déduiraient du prix de la réparation un-tiers, ce qui je ne pouvais pas remédier, vu qu'on a refait les crémones presque toutes à neuf, pour suivre son voyage et au bénéfice des assurances, que je devais aussi respecter, comme les Français.

Le 30 du mois d'octobre est entré aussi dans ce port le Brick Français Héloïse, de Bordeaux, Capitaine Martin, venant du Sénégal, ayant perdu les ferrures du gouvernail, qu'il a remplacées ici avec beaucoup de facilité, ayant trouvé bien à propos des ferrures en bronze d'un autre Bâtiment. Il avait à son bord dix passagers, comme vous verrez de la copie du Procès-Verbal, tous des gens bien honnêtes et particulièrement le capitaine qui, dès le premier abord, j'ai observé, c'était un homme raisonnable et très intelligent dans le métier. Il a été expédié le 14 du même mois, comme vous verrez par l'exemplaire de la sortie, faisant la dépense de Rs. 613$920, qu'il m'a payé en argent comptant. Pendant les 15 jours de sa relâche, il m'a beaucoup aidé dans les comptes du St. Michel *et faisant quelques judicieuses observations au Capitaine Deiglun qui, à la fin des fins, m'a fait beaucoup d'excuses à l'égard de quelques impertinences qu'il avait eues pendant les deux mois de sa relâche. Et ci-inclus, l'exemplaire de la sortie.—*

Le Brick Héloïse, *parmi son faible équipage, avait à bord un matelot Hespagnol nommé Joseph Merledet, en service dans le rôle d'équipage. Pigé (?) par MM. Dumoulin, Comm. des classes et Boussin, Ordinateur et vu par le Gouvernement du Sénégal=Brous. Ce matelot a déserté du bord et j'ai demandé au Gouvernement militaire de le faire mettre au Château, pour le faire transporter à bord au moment du départ du navire, vu que le capitaine ne pouvait pas le dispenser: il s'est adressé à un Francisco da Silva Ribeiro, qui (au défaut de Vice-Consul Hespagnol) a été nommé par le Corregedor pour exercer les fonctions de ce Vice-Consulat, et pour le faire sortir de prison; ce qu'il a obtenu du Juge par l'ordonnance,* Luís da Terra Peixoto, *qui avait pour lors la Juridiction, le Juge de Fora étant malade. — Le matelot est sorti tout de suite, sans que le capitaine ni moi eussent connaissance d'une pareille chose et sans avoir précédé aucune notification à aucun de nous: je fis immédiatement une requête, qui a eu pour dépêche que le matelot, comme étranger, n'était pas obligé de suivre son engagement. Je ne puis pas vous envoyer une copie exacte, parce que le capitaine Martin l'a emporté du comptoir à mon insu me disant, la veille du départ (quoique un peu fâché avec un tel procédé), que je ne devais pas me plaindre, vu que c'était une personne du pays où je vivais et que cela avait eu lieu par les circonstances actuelles, mais je trouve que c'est de mon devoir de vous rendre compte de cet accident et, en même temps, de vous demander, pour l'avenir,*

si un étranger d'une nation n'étant pas en guerre avec la France peut s'excuser de finir son voyage, une fois inscrit légalement dans le rôle de l'équipage qui, quant à moi, est plus fort que ce que nous appelons matricula. *Comme je sais que vous entendez parfaitement le Portugais, je prends la liberté, mon cher Monsieur, d'envoyer à votre connaissance les faux témoins qui ont été présentés à mon fils, en présence du Syndic et leurs réponses, ainsi que les seules requêtes que j'ai faites à son égard. Les prisons continuent et tout le monde craint son destin. — Quant à moi, quoique j'ai souffert dans mon chemin quelques impertinences des soldats de la garnison, très insubordonnés et que, même s'ils aient poussé l'insulte jusqu'à casser mes vitres à coups de pierre, de ce que mon fils Guillaume a presque été la victime, cependant je n'ai rien de plus à ajouter; et quant'à l'avenir, je ne puis pas connaître quel soit mon sort, malgré que je ne me trouve nullement impliqué dans les affaires politiques, comme j'ai eu l'honneur de vous le dire. — Ce qui m'a fait remarquer par les soldats, c'est que j'ai été à bord d'une Frégate Brésilienne qui a paru ici il y a plus d'un an et qui a été ici à l'ancre, plusieurs jours, commandée par le comte de Beaupaire* (Beaurepaire)[335], *sur laquelle se trouvaient aussi trois de mes anciens amis et qui, même il y a plusieurs années, avaient logé chez-moi, lesquels m'ont invité à les aller voir, ne voulant point descendre à terre. Parmi ces MM. se trouvait M. le Brigadier Pallares.—*
Agréez, je vous prie, Monsieur, la nouvelle assurance de ma considération très distinguée, ayant l'honneur d'être

Votre très humble serviteur
Sergio Pereira Ribeiro

P.S. Février 28
Cette lettre a été retardée faute de navire pour Lisbonne et c'est à présent que je peux l'expédier par la voie de St. Michel.

[Tradução: Faial, 8 de janeiro de 1830.
Senhor Blanchet, Lisboa.
Recebi, Senhor, vossas cartas de 10, 14, 29 de julho e 29 de agosto, e só agora me acho em situação de poder responder-vos, depois de ter estado impossibilitado desde 26 de setembro, como terei a honra de dizer mais adiante.
Na 1ª carta, do dia 10, vejo com bastante reconhecimento vossa generosa aprovação a respeito de meu filho, Guilherme Ribeiro, o que vos agradeço de todo o coração. Na 2ª, de mesma data, me certificais haverdes recebido as contas e peças relativas ao *Aimable Elisabeth* e as instruções que tivestes a bondade de me dar para o futuro, em casos semelhantes, às quais me conformarei pontualmente. Na mesma carta me perguntais a que governo pertencem as ilhas e passo a satisfazer a este artigo. — As ilhas dos Açores são compartilhadas por Câmaras, a saber: à de São Miguel corresponde, sob as ordens de um corregedor, a ilha de Santa Maria; à Terceira, sob as ordens de um outro corregedor, São Jorge e Graciosa; tendo o Faial também um corregedor e [achando-se] sob suas ordens civis, sua jurisdição esten-

[335] V. notas 68 e 321.

de-se ao Pico, Flores e Corvo. Eu poderia encarregar-me, ou meu filho, em meu lugar, de nomear pessoas capazes de se por ao serviço da Nação [francesa], com zelo e probidade. E se julgardes oportuno que eu também me encarregue de nomear pessoas para São Jorge e Graciosa, conheço aí indivíduos de total probidade. A ilha de São Jorge é bem mais próxima do Faial que a ilha Terceira e a viagem daqui é de 4 a 5 horas. A Graciosa, embora um pouco mais afastada, ao Norte, está normalmente em correspondência com o Faial, mais que com a Terceira e aí conheço pessoas de total probidade, particularmente dois capitães-mores, que nada têm a ver com Machado, o consignatário do Capitão Carmac, que sabidamente cometeu roubos difíceis de corrigir.

A carta de 14 de julho traz ainda observações a respeito dos náufragos do *Aimable Elisabeth*, às quais me conformarei, tendo em vista vossas sábias reflexões.

Com a carta de 29 de julho recebi os exemplares dos [formulários de] avisos impressos, para a entrada e saída de embarcações e as instruções para a agência consular, às quais da mesma forma me conformarei. Em 30 de outubro passado recebi vossa carta de 29 de agosto, na qual tivestes a bondade de reiterar vossos amáveis propósitos a respeito de meu desafortunado filho, Guilherme Ribeiro, e é meu dever reiterar-vos meus sinceros agradecimentos. Embora já tenhais a aprovação do Senhor Lesseps e do Ministério, nas circunstâncias atuais, não há pressa e vos direi porquê. — A 12 de setembro eu ainda estava no Pico com toda a família, para a colheita e tendo recebido, naquele mesmo dia, vossas primeiras cartas, fui obrigado a partir imediatamente para o Faial, a fim de tratar do despacho do brigue francês *St. Michel*, de Marselha, capitão e armador o Senhor Deiglun, vindo do Haiti, desprovido do mastro da mezena e em muito mau estado, como vereis no relatório. Deixei no Pico meu filho Guilherme, para terminar os trabalhos da vindima, assim como a família, mas depois, vendo-me sozinho para tratar dos negócios da embarcação, pois meu contador se achava doente, a 25 do mesmo mês enviei meu bote ao Pico, com a finalidade de transportar meu filho com sua mulher e as crianças ao Faial, para me auxiliar nos negócios, de que ele estava a par, ajudando-me sempre, já há algum tempo, como oficial de chancelaria. Mas que desgraça, meu caro Senhor, que quadro triste me vejo obrigado a apresentar-vos! No momento em que ele desembarcava, tomaram-no dos meus braços para pô-lo na prisão no castelo [da fortaleza de Santa Cruz]. Bem podeis avaliar, Senhor, o efeito que esta detenção, no meio da rua e diante de todo mundo, produziria em um ancião septuagenário, cercado de seus netos, de sua nora, por quem ele tem adoração, e de alguns amigos. Devendo quase carregar nos braços as crianças aos prantos. E a mãe desnorteada, opondo-se com todas as forças aos que queriam levá-lo para a prisão. Tudo isto no momento em que o velho pai, cheio de satisfação natural por rever o filho e sua família, descia à beira-mar para recebê-los. Meu filho inocente ainda está na prisão. Inocente porque eu o atesto, conhecendo sua conduta. No dia seguinte, 26, à uma hora da manhã, saindo do apartamento de minha nora, então, como agora, inconsolável, caí da escada do segundo andar e quebrei a cabeça e desloquei o braço esquerdo, cujas consequências ainda sofro bastante. A esposa de meu filho estava às vésperas de dar à luz e a 1° de novembro ela pôs no mundo uma bela criança mas desde a prisão do marido ela guarda o

leito, chorando continuamente, sem levantar a cabeça e teme-se por sua vida. Diz o provérbio que um remo só não conduz a barca mas com a ajuda de minhas filhas, que não estavam a par dos assuntos da agência mas que compreendem o francês, cuidamos dos negócios da embarcação durante mais de vinte dias e devo dizer que, nos 45 anos em que estou empregado à serviço da Nação, entre tantas embarcações que passaram por aqui, foi a que me deu mais trabalho, pois o capitão não sendo marinheiro, nada entendia dos negócios que cercam um despacho nestas circunstâncias, exigindo coisas sem cabimento. Ele recebeu autorização de partir a 12 de novembro passado, muito satisfeito, tendo sua despesa com a estadia somado 996 mil 157 réis e a quarentena, 4.013 mil e 881 réis, o que totaliza 5.010 mil e trinta e oito réis, que ele conseguiu graças aos Senhores Seanle H., negociantes ingleses, a 16 %, o que ele não teria conseguido sem mim, haja vista que para a Inglaterra não se oferece dinheiro a este preço e, por este meio, ele evitou ter de vender o café a preço vil. O que transtornou a cabeça deste homem foi que eu lhe observei que o seguro deduziria um-terço, do valor do custo da reparação, o que era irremediável, pois foi necessário refazer as juntas de metal quase que completamente, para poder seguir viagem e de acordo com o seguro, que eu tinha que respeitar, da mesma forma que os franceses [também têm de respeitar].

A 30 de outubro entrou neste porto o brigue francês *Héloïse*, de Bordeaux, capitão Martin, vindo do Senegal, tendo perdido as ferragens do leme, que ele substituiu aqui com bastante facilidade, tendo achado muito convenientemente ferragens de bronze de uma outra embarcação. Tinha a bordo dez passageiros, como vereis da cópia do relatório, todos gente honesta e particularmente o capitão que, desde o primeiro contato, notei que era um homem razoável e muito competente na sua profissão. Terminou as formalidades dia 14 do mesmo mês, como vereis pelo formulário de saída, totalizando as despesas 613 mil 920 réis, que ele me pagou em dinheiro. Durante os 15 dias que durou a estadia ele me ajudou bastante com as contas do *St. Michel* e fez observações judiciosas ao capitão Deiglun que, no final das contas, pediu-me muitas desculpas por algumas impertinências que ele tinha feito durante os dois meses de sua etadia. Em anexo, o formulário de saída.

Na pequena tripulação do brigue *Héloïse* havia um marinheiro espanhol chamado Joseph Merledet, arrolado como membro da tripulação. Pego pelos Senhores Dumoulin, comissário das classes e Boussin, calculador e visto pelo Governo do Senegal=Brous. Este marinheiro desertou e eu pedi ao Governo militar para colocá-lo no Castelo [da fortaleza de Santa Cruz], a fim de somente levá-lo para bordo no momento da partida do navio, pois o capitão não podia dispensá-lo. Ele se dirigiu a um Francisco da Silva Ribeiro, que na falta do Vice-Cônsul espanhol foi nomeado pelo corregedor para exercer as funções no Vice-Consulado, para fazê-lo sair da prisão, coisa que ele conseguiu do juiz em exercício, Luís da Terra Peixoto, que tinha então a jurisdição, pois o juiz de fora estava doente. O marinheiro logo saiu, sem que nem o capitão nem eu tivéssemos conhecimento e sem que o ato fosse precedido de qualquer notificação a qualquer de nós dois. Fiz imediatamente uma solicitação, que teve por despacho que o marinheiro, como estrangeiro, não estava obrigado a seguir como engajado. Não vos posso enviar uma cópia exata, porque o

capitão Martin levou-a da agência, à minha revelia, dizendo-me, na véspera da partida (embora um pouco aborrecido com este procedimento), que eu não deveria queixar-me, pois se tratava de uma pessoa do país onde moro e que isto tinha acontecido por causa das circunstâncias atuais. Acho, porém, que é meu dever dar-vos conta deste incidente e, ao mesmo tempo, perguntar se, no futuro, um estrangeiro de uma nação que não está em guerra com a França pode recusar-se a terminar uma viagem, uma vez inscrito no rol da tripulação que, quanto à mim, é mais forte do que aquilo que nós chamamos de matrícula. Como sei que compreendeis perfeitamente o português, tomo a liberdade, meu caro Senhor, de remeter para o vosso conhecimento os falsos testemunhos que foram apresentados a meu filho, na presença do sindicante, e suas respostas, assim como as únicas solicitações que eu fiz a respeito dele. As detenções continuam e todo mundo teme pelo seu destino. Quanto a mim, embora tenha tido de suportar, no caminho, algumas impertinências dos soldados da guarnição, muito insubordinados e que, embora tenham levado o insulto ao ponto de quebrar-me os vidros com pedradas, do que meu filho Guilherme quase foi vítima, entretanto nada mais tenho a acrescentar. Quanto ao futuro, não posso saber qual será minha sorte, embora eu não esteja de nenhuma forma envolvido em assuntos políticos, como tive a honra de dizer-vos. O que me fez ser notado pelos soldados é que eu estive a bordo da fragata brasileira que apareceu por aqui há mais de um ano e que ficou ancorada vários dias, comandada pelo conde de Beaurepaire (335), na qual se achavam também três velhos amigos, que se tinham mesmo hospedado em minha casa vários anos atrás, os quais me convidaram para ir vê-los, pois não queriam descer à terra. Entre estes senhores se achava o brigadeiro Palhares.

Peço-vos aceitar, Senhor, os protestos da minha distinta consideração, com a honra de ser,

Vosso humilíssimo servidor,

Sérgio Pereira Ribeiro.

P. S. Fevereiro 28

Esta carta foi retardada por falta de navio para Lisboa e somente agora posso expedi-la via São Miguel.]

21. Sérgio Pereira Ribeiro insiste em fazer crer às autoridades francesas que a prisão de Guilherme Ribeiro repercute negativamente no funcionamento da agência consular e no prestígio da Nação francesa. Entretanto morre outro de seus filhos, Sérgio Ribeiro. Não obstante, ele continua a servir à França o melhor que pode e crê que seus serviços, prestados em circunstâncias tão adversas, o fazem credor da intervenção das autoridades francesas junto às autoridades miguelistas, em favor da libertação de Guilherme.

Fayal, 29 mars 1830
Reçu seulement à Passy le 3 août 1830

A Monsieur Blanchet
Grande rue nº. 13, Passy
Mon cher Monsieur. Les Lettres que j'ai eu l'honneur de vous écrire par la voie de St. Michel, je compte qu'elles vous seront parvenues mais comme je n'ai pas encore votre réponse, je vous adresse une duplicata.
Mon fils Guillaume Ribeiro est encore au Château et, pour comble de mes malheurs, mon fils Sergio Ribeiro, à l'âge de 36 ans, a fini ses jours le 7 de ce mois, laissant sa jeune épouse avec trois enfants; il avait été élevé dans un collège à Boston et après, pendant quatre à cinq ans, il a voyagé dans les pays du Nord, où il a appris diverses langues (il parlait correctement les langues anglaise e française e se faisait entendre dans la langue allemande) et ayant acquis les plus belles manières de se présenter dans la société. Cette perte a été sensible à toute la famille et à moi particulièrement. De quinze fils (enfants)*, ne me restent à présent que six, mon fils aîné Francisco, ayant été aussi élevé en Amérique, ne parle que la langue anglaise* (ne parle pas français)*, il est marié et il ne loge pas avec moi; pour à présent, je me trouve avec deux demoiselles* (filles)*, qui parlent et écrivent le Français ou bien ou mal. Quelque maligne étoile a fait tomber sur moi des Fléaux, qui m'ont accablé, tout est encore ici dans un triste état dans cette malheureuse Isle, sans aucun espoir de soulagement et ce n'est que du Ciel que le grand nombre d'innocentes victimes attendent quelque secours.*

[Tradução: Ao Senhor Blanchet
Grande rue nº 13 — Passy.

Meu caro Senhor,
As cartas que tive a honra de escrever via [ilha de] São Miguel, espero vos tenham chegado às mãos mas como ainda não recebi resposta, envio uma duplicata.
Meu filho, Guilherme Ribeiro, ainda está [prisioneiro] no Castelo [da fortaleza de Sta. Cruz] e para cúmulo de meus males, meu filho Sérgio Ribeiro, na idade de 36 anos, terminou seus dias a 7 deste mês. Tinha sido educado num colégio em Boston e depois, durante quatro ou cinco anos, viajou pelos países do Norte, onde aprendeu diversos idiomas (falava corretamente as línguas inglesa e francesa e se fazia entender em alemão) e tinha adquirido as belíssimas maneiras para se apresentar em sociedade. Toda a família ficou sensibilizada com esta perda e eu, em particular. Dos quinze filhos só me restam seis, o mais velho, Francisco, que também foi educado na América, não fala francês, é casado e não mora comigo. Assim, no momento me acho com duas filhas, que falam e escrevem o francês mais ou menos. Alguma estrela maligna fez cair flagelos sobre mim, que me deixam arrasado, tudo oferece um triste estado nesta ilha infeliz, sem qualquer esperança de alívio e somente do Céu grande número de vítimas inocentes espera algum socorro.]

Juin 20 1830
Ci dessus est la copie de la lettre que j'ai eu l'honneur de vous écrire le 29 mars dernier, et c'est au 3 de ce même mois que m'est parvenue votre lettre du 2 avril dernier, par laquelle vous m'annoncez votre départ pour la France, avec les expressions d'amitié que vous avez toujours pratiqué envers moi, ce que je vous remercie de tout mon coeur. Par la lettre de Monsieur Casas, du 10 avril dernier, je vois que c'est lui qui a reçu toutes mes lettres et les rapports des deux bâtiments qui ont relâché dans cette isle, et je profite de la première occasion que se présente pour lui répondre et, en même temps, je lui prie de vous envoyer la duplicata de mes lettres, pour vous faire voir toutes mes peines, depuis le 25 septembre dernier jusqu'à présent.
Vous devez bien savoir, Monsieur, que votre retour en France m'a causé beaucoup de peine, particulièrement dans l'état actuel des choses; Monsieur Casas ne peut pas avoir la même opinion que vous et Monsieur Lesseps aviez de moi, malgré les expressions politiques de sa lettre, il ne me dit pas un mot à l'égard du Vice Consulat pour mon fils Guillaume Ribeiro; et c'est pour cela que je vous demande encore votre protection et celle de Monsieur Lesseps en temps et lieu. Je désire de tout mon Coeur que votre retour en France vous soit favorable en tout.
Agréez, Mon Cher Monsieur, la nouvelle assurance de ma considération et respect très distingués, avec lesquels je suis
Votre très humble et
très obéissant Serviteur
Sergio Pereira Ribeiro

P.S. Depuis votre lettre du 29 août 1830, je n'ai pas eu de nouvelles de Lisbonne; pas même de mes correspondants.

[Tradução: 20 de junho de 1830.
O acima transcrito é cópia da carta que tive a honra de vos escrever a 29 de março passado, e foi a 3 deste mesmo mês que me chegou vossa carta de 2 de abril último, pela qual me anunciais vossa partida para a França, com as expressões de amizade que sempre utilizastes a meu respeito, o que vos agradeço de todo coração. Pela carta do Senhor Casas, de 10 de abril último, vejo que foi ele quem recebeu todas as minhas cartas e os relatórios das duas embarcações que aportaram nesta ilha e aproveito a primeira ocasião que se apresenta para responder a ele e, ao mesmo tempo, lhe pedir para enviar a duplicata das minhas cartas, para fazer-vos ver todas minhas penas, desde 25 de setembro passado até o presente.
Saiba, Senhor, que vosso regresso à França me deu muita pena, sobretudo no estado atual das coisas. O Senhor Casas não pode ter de mim a mesma opinião que tendes Vós e o Senhor Lesseps. Apesar das expressões políticas de sua carta, ele nada diz a respeito do Vice-Consulado para meu filho, Guilherme Ribeiro. É por isto que peço ainda vossa proteção e a do Senhor Lesseps, no devido tempo e lugar.
Desejo de todo o coração que vosso regresso à França vos seja em tudo positivo.
Aceitai, meu caro Senhor, os protestos da distinta consideração e respeito com os quais sou,

Vosso humilíssimo e obedientíssimo Servidor,
Sérgio Pereira Ribeiro.

P.S. Desde vossa carta de 29 de agosto de 1830, não recebo notícias de Lisboa, nem mesmo de meus correspondentes.]

22. Guilherme Ribeiro é transferido para a prisão em São Miguel e Sérgio Pereira Ribeiro agradece às autoridades francesas sua intervenção junto ao Ministro dos Negócios Estrangeiros, visconde de Santarém, a fim de que, ao filho, seja dispensado um bom tratamento. Sente-se algo aliviado, pois a hipótese de condenação à morte, com que alguns dos acusados haviam sido punidos, parece finalmente afastada.

Fayal, le 21 Juin 1830
Monsieur Las Casas,
J'ai reçu, Monsieur, le 3 juin vos deux lettres du 10 avril et 8 mai derniers, dans la première vous m'avez fait l'honneur de m'annoncer votre heureuse arrivée à Lisbonne, ce dont je vous félicite.
Par ces deux lettres, je vois que ma correspondance avec Monsieur Blanchet est entre vos mains et, de même, les pièces relativement à la Prison de mon fils, Guillaume Ribeiro; je vous remercie, Monsieur, de tout mon coeur vos bons offices à cet égard envers Monsieur le Comte de Santarém[336]*. Par ordre du Général Prégo, mon fils partira aujourd'hui pour St. Michel, où son innocence bientôt sera jugé.*
Quand vous avez le temps de lire tout ce que je disais à Monsieur Blanchet dans ma lettre et les pièces qui y étaient jointes, vous verrez que je désirais beaucoup la substitution de mon fils dans l'agence consulaire de cette isle. Monsieur Blanchet ayant l'approbation de Monsieur Lesseps et du Ministère, c'était tout à fait d'avoir, comme il m'a promis dans sa lettre du 29 août 1829, en temps et lieu. J'attends de vous, Monsieur, cette même grâce, si vous croyez que je la mérite, après avoir servi la Nation pendant 46 ans.
Dans l'occasion d'un navire pour la France, je vous prie, Monsieur, d'envoyer ma duplicata avec les rapports et pièces jointes, ainsi que le timbre, à Monsieur Blanchet ou à Monsieur Lesseps; il ne faut pas que ça soit par le courrier, il vaut mieux par quelque Bâtiment, pour éviter la dépense.
Je profite de cette première occasion pour vous assurer du plaisir que j'éprouve à me trouver en relations avec vous, protestant mon attachement et obéissance à vos ordres.
Veuillez agréer, Monsieur, l'assurance de ma considération très distinguée.
Votre très humble et très obéissant serviteur,
Sergio Pereira Ribeiro

---

[336] Na verdade, 2° visconde de Santarém, Manuel Francisco de Barros e Sousa Carvalhosa, (1791-1851). Diplomata e erudito investigador, foi Ministro dos Negócios Estrangeiros de Dom Miguel, o cargo mais importante para a causa miguelista, que enfrentava a hostilidade das potências européias (A. E. M. Zúquete, pp. 301-3).

[Tradução: Faial, 21 de junho de 1830.
Senhor Las Casas,
Recebi, Senhor, a 3 de junho vossas duas cartas de 10 e 8 de maio últimos, na primeira me destes a honra de anunciar vossa feliz chegada a Lisboa, pela qual vos felicito.
Por estas duas cartas vejo que minha correspondência com o Senhor Blanchet se acha em mãos dele e, da mesma forma, as peças relativas à prisão de meu filho, Guilherme Ribeiro. Agradeço-vos, Senhor, de todo o coração vossos bons ofícios a este respeito junto ao Senhor conde de Santarém (336). Por ordem do general Prego, meu filho partirá hoje para São Miguel, onde sua inocência logo será julgada. Quando tiverdes tempo de ler tudo o que eu dizia ao Senhor Blanchet em minha carta e as peças que seguiram anexas, vereis que eu desejaria muito a substituição de meu filho na agência consular desta ilha. O Senhor Blanchet teve a aprovação do Senhor Lesseps e do Ministério, era coisa decidida, como ele me prometeu em sua carta de 29 de agosto de 1829, nos devidos tempo e lugar.
Espero de vossa parte, Senhor, esta mesma graça, se julgardes que a mereço, depois de ter servido a Nação [francesa] durante 46 anos. Na ocasião de um próximo navio para a França, peço-vos, Senhor, enviar minha duplicata com os relatórios e as peças anexas, assim como o selo, ao Senhor Blanchet e ao Senhor Lesseps. Não é necessário que seja pelo correio, é melhor por alguma embarcação, para evitar a despesa.
Aproveito esta primeira oportunidade para assegurar-vos do prazer que tenho em manter relações convosco, protestando minha fiel ligação e obediência às vossas ordens. Aceitai, Senhor, os protestos da minha mais distinta consideração.
Vosso humilíssimo e obedientíssimo servidor,
Sérgio Pereira Ribeiro.]

23. Com a revolução de julho de 1830 e a ascensão de Luís Filipe ao trono francês, Sérgio Pereira Ribeiro informa seus superiores do cumprimento de instruções recebidas sobre o hasteamento da nova bandeira daquela Nação. O clima ideológico na França tornou-se favorável aos liberais e ele, embora admita ter trânsito junto a estes, reitera sua inocência quanto ao envolvimento em fatos políticos concretos e tenta, mais uma vez, sensibilizar as autoridades francesas para a necessidade de que intervenham junto às autoridades miguelistas, a fim de preservar a dignidade de sua função consular.

Fayal, le 12 novembre 1830 *Reçu le 15 X.bre 1830*
Monsieur L. Casas,
J'ai reçu, Monsieur, le 27 octobre, votre lettre du 31 août, par laquelle vous m'annoncez avoir reçu des ordres du Ministère des Affaires Etrangères, pour informer le Gouvernement Portugais du changement du Pavillon national Français et de lui demander les mesures nécessaires, pour que les honneurs d'usage fussent observées à l'égard de ce Pavillon et que le Brick Tufeaux *était sorti du Tage sans obstacle, sous le Pavillon Tricolore.*

Vous croyez, Monsieur, que des ordres seront transmises dans tous les ports de Portugal; c'est vrai qu'un petit Brick courrier a paru dans cette rade le 6 octobre, pour quelques heures, avec des dépêches pour le Gouverneur Militaire et tout le monde a cru que cela était pour reconnaître le Pavillon National; mais jusqu'à présent, aucun ordre n'a été publié par le Gouverneur. Tous les Consuls étrangers ont l'usage de déployer le Pavillon de la Nation, aussitôt à l'arrivée de quelque Bâtiment mais je suis décidé de ne pas le faire, craignant quelque insulte et j'attends que vous me donniez quelque instruction à ce sujet.
Mon fils Guillaume Ribeiro est encore en Prison à St. Michel, depuis le 25 juin et son procès, ainsi que celui de tous les prisonniers, est à Fayal, retardé entre les mains du syndic; j'ai pour le moins la satisfaction qu'il a été traité par les autorités de St. Michel le mieux possible et, a mon égard, je ne peux pas m'empêcher de vous dire que je suis regardé avec mépris et même accusé par de faux témoins et je dois vous dire, Monsieur, très sincèrement, que je ne me suis jamais mêlé dans aucune affaire politique, dans la malheureuse époque où se trouve cette isle et je crains tous les jours mon destin, particulièrement à présent; malgré tout cela, on n'a pas osé me mettre en prison, peut être par le respect dû à la grande Nation Française, que j'ai l'honneur de servir depuis un si grand nombre d'années.
Agréez, Monsieur, s'il vous plaît, les protestations de respect avec lequel j'ai l'honneur d'être,

Votre très humble et
très obéissant serviteur
Sergio Pereira Ribeiro

[Tradução: Faial, 12 de novembro de 1830. Recebido em 15 de dezembro de 1830

Senhor Las Casas,
Recebi, Senhor, em 27 de novembro, vossa carta de 31 de agosto, pela qual me anunciais terdes recebido ordens do Ministério dos Negócios Estrangeiros, para informar o Governo português da mudança do pavilhão nacional francês e de lhe solicitar as medidas necessárias, para que as honras habituais sejam observadas em relação a este pavilhão; e que o brigue *Tufeaux* havia partido do Tejo sem obstáculo, sob o pavilhão tricolor.
Crede, Senhor, que as ordens serão transmitidas em todos os portos de Portugal. É verdade que um pequeno brigue correio apareceu neste porto em 6 de outubro, por algumas horas, com os despachos para o governo militar e todo mundo acreditou que era para reconhecer o pavilhão nacional. Mas até agora nenhuma ordem foi publicada pelo Governador. Todos os cônsules estrangeiros têm o costume de desfraldar o pavilhão da Nação, logo da chegada de alguma embarcação, mas decidi não fazê-lo, temendo algum insulto e aguardo que me deis alguma instrução a respeito.
Meu filho Guilherme Ribeiro ainda está na prisão em S. Miguel, desde 25 de junho, e seu processo, assim como o de outros prisioneiros, está no Faial, retardado nas mãos do sindicante. Tenho ao menos a satisfação de que ele tenha sido tratado o melhor possível pelas autoridades de S. Miguel e, no que me diz respeito, não posso deixar de vos dizer que sou olhado com desprezo e mesmo acusado por falsas testemunhas e devo dizer, Senhor, muito sinceramente, que jamais me envolvi em as-

suntos políticos, nesta época infeliz em que se encontra esta ilha, e temo todos os dias por meu destino, particularmente agora. Apesar de tudo, não ousaram colocar-me na prisão, possivelmente pelo respeito devido à grande nação francesa, que tenho a honra de servir já há muitos anos.
Aceitai, Senhor, por favor, os protestos de respeito com que tenho a honra de ser,
Vosso humilíssimo e obedientíssimo servidor,
Sérgio Pereira Ribeiro.]

24. Com a libertação de Guilherme Ribeiro, em 02.08.1831 e a subseqüente vitória liberal no Continente, as atividades consulares voltam gradualmente ao normal. De 22 a 28 de setembro de 1834, a bordo da fragata *Sirène*, visitou a ilha o príncipe de Joinville, filho do rei de França, Luís Filipe. Embora alquebrado pela idade e pelos padecimentos, Sérgio Pereira Ribeiro prestou toda assistência ao ilustre visitante e à fragata, conforme relatou em carta à filha, Maria Teresa, que veraneava na casa da Areia Larga, ilha do Pico[337].

Faial, 27 de setembro de 1834
Minha cara e muito prezada filha,
... Sua Excelência deu a entender que saía hoje e, pela manhã, debaixo de grande chuva, veio um guarda-marinha receber a ração e o comissário ajustar as contas com Guilherme e passar as letras, que não chegaram a 50$Rs. Muitos recados e agradecimentos e eu, para dizer a verdade, muito satisfeito pela maneira como me trataram e muito mais por ver que todos, Príncipe e Mentor, conde e oficialidade, todos mostraram a mais completa satisfação ...
Teu pai,
Sérgio P. Ribeiro

25. Três meses depois Sérgio Pereira Ribeiro dá conta a seus superiores da liquidação de um navio, que chegara à Horta em péssimo estado. Tendo ascendido de grau na Ordem de Cristo, em 1833, ostenta agora o título de "Comendador".

Ville de la Horta, 19 décembre 1834
Monsieur le Consul Général,
... Un navire français nommé Bacchus, de Nantes, ... en destination du Havre de Grâce ... Des experts ayant été nommés ... Ce bâtiment a été condamné par cause d'innavigabilité et vendu ... Je prends la décision de vous expédier ces hommes ...
J'ai l'honneur d'être
avec un profond respect
votre serviteur
Sergio Pereira Ribeiro
Commandeur de l'Ordre de Christ et
agent consulaire de France à Fayal

---

[337] V. texto integral da carta no capítulo III (A ação liberal) da 1ª Parte: "A Ventura", e nota 95.

[Tradução: Cidade da Horta, 19 de dezembro de 1834
Senhor Cônsul Geral,
... Um navio francês chamado *Bacchus*, de Nantes, ... com destino ao Havre de Graça ... Peritos foram nomeados ... Esta embarcação foi condenada devido à inavegabilidade e vendida ... Tomo a decisão de expedir-vos estes homens ...
Tenho a honra de ser,
com profundo respeito,
vosso servidor,
Sergio Pereira Ribeiro,
Comendador da Ordem de Cristo e
agente consular da França no Faial.]

26. Seis meses antes de morrer, doente e debilitado, Sérgio Pereira Ribeiro volta a pedir que Guilherme Ribeiro seja nomeado para substituí-lo no Vice-Consulado.

Faial, le 15 mars 1835
Monsieur,
... J'ai l'honneur de vous représenter, Monsieur, qu'ayant commencé à exercer le Vice-Consulat de France à Faial depuis l'année 1785, je me trouve maintenant dans un âge où il m'est difficile d'en accomplir les obligations; et par cette raison, ce serait pour moi la plus grande faveur si vous daigniez nommer en ma place mon fils, Guillaume Ribeiro, qui demeure avec moi et m'a toujours aidé dans le Vice-Consulat et dont, par cette même raison, je puis garantir la probité et l'intelligence.
Je me flatte de mériter cette grâce par les services que j'ai rendus à la France dans toutes les époques, depuis que j'exerce le Vice-Consulat, même pendant la guerre où, mes fonctions de Vice-Consul ayant été suspendues par le gouvernement portugais, j'ai eu plusieurs occasions de secourir des prisonniers et des naufragés, en déboursant des fonds avec sacrifice de ma fortune, dans un temps même où tout le monde croyait que je perdais mes avances, mas dont j'ai été honorablement payé.
Je vous adresse celle-ci par la voie de mon digne et respectable ami, M. le Colonel (Soares) *Luna, afin qu'il obtienne du Gouvernement portugais la confirmation de la patente du Vice Consulat si, comme je vous en prie, vous la passez en faveur du dit mon fils.*
J'ai l'honneur d'être
Monsieur
Votre très humble et très obéissant Serviteur,
Le Commandeur
Sergio Pereira Ribeiro

P.S. L'état de ma santé ne m'a pas permis, Monsieur, d'écrire cette lettre avec ma propre main et je vous demande de m'excuser.

[Tradução: Faial, 15 de março de 1835
Senhor,
... Tenho a honra de fazer-vos presente, Senhor, que tendo começado a exercer a chefia do Vice-Consulado da França no Faial, desde o ano de 1785, acho-me agora numa idade em que me é difícil cumprir com as obrigações deste cargo. Por este motivo, me faríeis um enorme favor se vos dignásseis nomear para meu lugar a meu filho, Guilherme Ribeiro, que mora comigo e sempre me ajudou no Vice-Consulado e de quem, por esta mesma razão, eu posso responder pela probidade e competência.
É lisonjeiro para mim merecer esta graça pelos serviços que prestei à França em todas as épocas, desde que exerço a chefia do Vice-Consulado, mesmo durante a guerra, quando depois de minhas funções de Vice-Cônsul terem sido suspensas pelo governo português, tive diversas oportunidades de socorrer os prisioneiros e náufragos [franceses], desembolsando dinheiro com sacrifício de minha fortuna, quando até mesmo todos acreditavam que eu perdia meus adiantamentos, dos quais, na verdade, fui honradamente pago.
Dirijo-vos esta [carta] por intermédio de meu digno e respeitável amigo, o Senhor Coronel [Soares] Luna (*v. nota 65*), a fim de que ele obtenha do governo português a confirmação da patente de Vice-Cônsul se, como vos peço, ela for passada em favor do dito meu filho.

Tenho a honra de ser, Senhor,
Vosso humilíssimo e obedientíssimo servidor,
O Comendador
Sérgio Pereira Ribeiro.

P.S. Meu estado de saúde não me permitiu, Senhor, escrever esta carta de próprio punho e peço-vos desculpar-me por isto.]

27. *Le 27 juillet 1835*
Le brevet d'agent consulaire de France à Fayal est délivré à Guillaume Ribeiro.

[Tradução: 27 de juilho de 1835
A patente de agente consular da França no Faial é emitida em nome de Guilherme Ribeiro.]

28. Desconhecendo que o filho já fora nomeado seu substituto, Sérgio Pereira Ribeiro insiste no pedido. Desta feita tenta contornar a possibilidade de que as autoridades portuguesas exijam que Guilherme renuncie ao emprego na Alfândega, a fim de poder assumir a chefia da agência consular.

Faial, le 30 juillet 1835
M. Ad. de Lurde, Chargé d'affaires de France en Portugal
J'ai reçu, Monsieur, votre lettre du 25 juin, à laquelle j'ai l'honneur de répondre. C'est avec bien de regret que je ne puis exécuter qu'en partie, cette fois-ci, les ordres que vous me donnez, car le tarif qui m'a été envoyé par l'ancien consulat général a disparu peu

de temps après que je l'ai reçu, à la suite de l'emprisonnement de mon fils, en 1829. J'ai commis la faute de n'en avoir pas demandé une duplicata, croyant qu'on me rendrais les papiers qui avaient été pris à mon fils lors de son emprisonnement, parmi lesquels était le tarif, ce que je n'ai pas pu obtenir, et j'ai continué à me régler par la perception des droits consulaires d'après l'ancien usage. Je vous prie donc, Monsieur, de faire extraire une duplicata du tarif pour me l'envoyer, afin que je puisse, dans la suite, exécuter vos ordres ponctuellement.

Comme ordinairement il ne vient point de navires ici que par causes de relâche, les capitaines s'adressent presque toujours à moi et, par cette raison, j'ai l'usage de porter au compte des autres frais les droits consulaires. Ainsi, n'ayant pas eu jusqu'à présent de registre pour ces droits, ceux qui je vous envoie ci-inclus sont extraits de mes livres de comptes des navires français; et par cette raison, je n'ai pas mis de numéros, ni le paragraphe du tarif, ce que je ferai, lorsque vous aurez la bonté de me l'envoyer.

Vous trouverez aussi, Monsieur, ci-inclus, la déclaration des retenues provenant des droits consulaires, faites à mon profit, pour chacun des trimestres de l'année dernière et des deux premiers trimestres de l'année actuelle, ainsi qu'une déclaration de n'avoir rien retenu à mon profit ce mois-ci.

Et je vous prie, Monsieur, de me dire si cette déclaration est suffisante, dans le mois où je n'aurai fait aucune perception et, par conséquent, où il n'y aura pas de navire arrivé ici ou si, même dans ce cas, je suis obligé de vous envoyer une copie certifiée de mon registre, n'ayant rien registré.

Je crois, Monsieur, qu'on vous aura remis ma lettre datée du 15 mars, qui était adressée au Consul-Général de France en Portugal ou à qui aurait ses pouvoirs et dont, n'ayant pas eu de réponse, j'ai envoyé dernièrement une duplicata. J'espère obtenir ce que je demande dans cette lettre et que vous daignerez, Monsieur, être mon avocat auprès du gouvernement Portugais pour qu'il donne sa confirmation à la patente de Vice-Consul ou agent consulaire de France à Faial, dans la personne de mon fils, Guillaume Ribeiro. Je répète ici ce que je dis dans ma lettre du 15 mars, que je garantis la probité et l'intelligence de mon fils, parce que depuis longtemps il m'a toujours aidé dans ce Vice-Consulat. Mais après les pertes qu'il a souffertes pendant les deux années qu'il a été en prison, ce serait pour lui un trop grand sacrifice, ayant une nombreuse famille, d'abandonner l'emploie qu'il a à la Douane, s'il y était obligé, pour accepter le Vice-Consulat, en même temps que je serais bien à l'aise que mon fils continue à servir la France, puisqu'il y a plus de 50 ans que j'exerce ce Vice Consulat.

Je suis persuadé qu'il n'y a pas d'incompatibilité à servir la France avec la permission du Gouvernement portugais, étant employé en même temps en Portugal et je me flatte de mériter cette grâce par les services que j'ai rendus à tant de Français qui sont passés dans ce pays, et bien des fois gratis.

Je vous prie d'excuser cette digression d'un vieux père âgé de soixante quinze ans et recevez, Monsieur, l'assurance de mon profond respect et de ma considération distinguée.

Le Commandeur et Agent Consulaire de France

Sergio Pereira Ribeiro

[Tradução: Faial, 30 de julho de 1835
Senhor Ad. de Lurde, Encarregado de Negócios da França em Portugal
Recebi, Senhor, vossa carta de 25 de junho, que tenho a honra de responder. Lamento muito que, desta vez, só possa cumprir em parte as ordens que me dais, pois a tarifa que me enviastes por intermédio do antigo Consulado Geral desapareceu logo depois que a recebi, em consequência da prisão de meu filho, em 1829. Cometi o erro de não ter pedido uma duplicata dela, achando que me devolveriam os papéis tomados de meu filho quando da sua detenção, entre os quais se encontrava a tarifa, o que não pude conseguir, e continuei a orientar-me para a percepção dos direitos consulares segundo o antigo uso. Peço, pois, Senhor, mandar extrair uma duplicata da tarifa para enviar-me, a fim de que eu, a partir daí, possa cumprir vossas ordens pontualmente.
Como normalmente os navios só vêm aqui para estadias, os capitães se dirigem quase sempre a mim e, por este motivo, tenho o hábito de incluir entre as outras despesas os direitos consulares. Assim sendo, não tendo mantido até agora um registro para estes direitos, o que ora vos envio, em anexo, são extratos de meus livros de contas dos navios franceses. Por esta razão, não pus números nem o parágrafo da tarifa, o que farei tão logo tenhais a bondade de ma enviar.
Encontrareis também, Senhor, em anexo, a declaração de renda proveniente dos direitos consulares, contabilizados como meu lucro, para cada um dos trimestres do ano passado e dos dois primeiros trimestres do presente ano, assim como uma declaração de nada haver recolhido como lucro no corrente mês.
Peço dizer-me, Senhor, se esta declaração é suficiente, no mês em que não se haja registrado nenhum ingresso e, como consequência, quando nenhum navio tenha chegado aqui ou se, mesmo neste caso, estou obrigado a enviar uma cópia autenticada do meu registro, ainda que nada tenha sido registrado.
Creio, Senhor, que vos entregaram minha carta datada de 15 de março, que estava dirigida ao Cônsul-Geral da França em Portugal ou a quem tenha seu poder e da qual, não tendo tido resposta, enviei ultimamente uma duplicata. Espero obter o que peço naquela carta e que vos digneis ser meu advogado junto ao governo português, a fim de que ele dê sua confirmação à patente de Vice-Cônsul ou agente consular da França no Faial, na pessoa de meu filho, Guilherme Ribeiro. Repito aqui o que disse em minha carta de 15 de março, que respondo pela probidade e competência de meu filho, porque desde há muito ele me tem sempre ajudado no Vice-Consulado. Mas depois das perdas que ele sofreu durante os dois anos em que esteve na prisão, seria para ele um grande sacrifício, pois tem uma família numerosa, ter de abandonar o emprego na Alfândega, se fosse obrigado a isto, para poder aceitar o cargo no Vice-Consulado, ao mesmo tempo em que eu me sentiria à vontade que meu filho continue a servir a França, pois há mais de 50 anos que exerço minhas funções no Vice-Consulado.
Estou persuadido de que não há incompatibilidade entre servir a França, com a permissão do Governo português, e ao mesmo tempo permanecer empregado em Portugal e é lisonjeiro para mim merecer esta graça pelos serviços que prestei a tantos franceses que passaram por esta região, muitas vezes gratuitamente.

Peço desculpar esta digressão de um velho pai de 75 anos e aceitai, Senhor, os protestos de meu profundo respeito e distinta consideração.

O comendador e agente consular da França,

Sérgio Pereira Ribeiro.]

29. Sérgio Pereira Ribeiro morre em sua casa na Areia Larga, ilha do Pico, em 12.09.1835 e Guilherme Ribeiro é o substituto do pai na agência consular da França no Faial.

Nº. 56 - *Faial, le 12 novembre 1835*

M. A. de Lurde, Chargé d'affaires de France en Portugal

Monsieur,

J'ai l'honneur, Monsieur, d'accuser réception de vos deux lettres du 30 juillet, duplicata, et du 24 septembre. Par la première, vous me confirmez la nouvelle que j'avais déjà su, sans pourtant en avoir reçu l'original, que le gouvernement de France avait approuvé le choix que vous aviez daigné faire de moi pour l'agence consulaire de France à Faial. Je suis on ne peux plus reconnaissant de votre bonté et vous pouvez être persuadé, Monsieur, que jamais vous n'aurez pas lieu de vous repentir d'avoir agréé aux désirs de mon cher père et que je ferai tout ce qui sera en mon pouvoir pour mériter l'honneur que je viens de recevoir.

J'attends, donc, l'approbation du gouvernement portugais pour commencer à exercer les fonctions d'agent consulaire; cependant vous trouverez tous les papiers que je vous envois maintenant signés par moi même, car je m'y crois autorisé, d'après votre lettre du 30 juillet; seulement je vous prie de ne vous point servir de ma signature que lorsque j'aurai obtenu l'exequatur du gouvernement portugais.

Quant aux observations que vous faites dans votre seconde lettre, à l'égard de celle que mon père vous avait écrite le 30 juillet, je dois vous avouer, Monsieur, qu'il lui a été absolument impossible d'exécuter ponctuellement vos ordres pour les raisons qu'il a allégué dans le second et dans le troisième paragraphes de sa lettre, car les perceptions qu'il faisait alors étant d'après l'usage très ancien, et n'ayant point de tarif pour se régler, elles ne pouvaient pas être conformes à celui que j'ai reçu maintenant. Pour ces mêmes raisons, les perceptions qui ont été réunies, devant être détaillées, avec désignations du tarif V.C., ce fut par l'impossibilité de faire autrement, parce qu'il n'y en avait point alors, ni de registre pour ces recettes, et elles n'étaient pas détaillées dans les comptes d'où elles ont été extraites. Cependant vous trouverez, Monsieur, ci-incluses, les déclarations des retenues faites par mon père pendant les trimestres des années 1834 et 1835, où elles ont eu lieu, jusqu'au mois de juillet, et la copie pour néant du registre de perception du 3ème trimestre et du mois d'octobre 1835. Et vous remarquerez, Monsieur, que ce n'est que depuis ce dernier mois, après la réception de votre lettre du 25 juin, que le registre des recettes a été fait.

Je vous envois aussi la copie de l'inventaire que j'ai fait de tous les papiers concernant ce Vice-Consulat. Je prends la liberté de vous assurer, Monsieur, que jamais vous n'aurez lieu de répéter la recommandation que vous me faites dans la fin du second paragraphe de votre dernière lettre et, quoique je puisse commettre des fautes, ce ne sera jamais pour de pareils motifs.

Dans la crainte que les copies pour néant du registre des perceptions que je vous envois, ne soient pas bien en règle, je vous prie de faire écrire sur celui qui est en blanc ce qui sera nécessaire dans un pareil cas, et de me l'envoyer comme modèle.
Votre obligeante lettre du 30 juillet, adressée à mon père, m'est aussi parvenue et je vous préviens, Monsieur, que celle que je vous ai écrite le 20 septembre, en vous annonçant sa mort, a été adressée par un de mes amis à M. P. Dijond, lui priant d'y mettre votre adresse que j'ignorais, parce que les papiers de mon père étaient encore à l'île de Pico, où il est mort.
J'ai tant écrit que je crains bien de devenir importun et que vous trouviez peut être du galimatias dans ma lettre.
Veuillez donc m'excuser et agréer, Monsieur, avec l'expression de ma gratitude, la nouvelle assurance de ma considération distinguée.
Guillme. Ribeiro

Copie de l'inventaire des papiers concernant l'agence consulaire de France à Faial, qui ont été trouvés dans le bureau du dernier agent consulaire:
1er. 1 livre de registre pour les déclarations faites par les capitaines des navires arrivés à Faial, ou procès verb.
2ème 1 li. de registre de lettres
3ème 2 dits de comptoir
4ème Une petite quantité de modèles imprimés pour l'entrée et pour la sortie des navires français
5ème Instructions aux capitaines des navires français à l'égard de tabac
Pour extrait conforme
Horta, le 12 novembre 1835
G. Ribeiro
Agent consulaire.

[Tradução: Faial, 12 de novembro de 1835
Senhor A. de Lurde, Encarregado de Negócios da França em Portugal
Senhor,
Tenho a honra, Senhor, de acusar recebimento de vossas duas cartas, de 30 de julho, duplicata, e de 24 de setembro. Pela primeira me confirmais a notícia que eu já tinha sabido, sem entretanto ter dela recebido o original, que o Governo francês aprovara a escolha que vos havíeis dignado fazer, de mim, para chefiar a agência consular da França no Faial.
Não posso estar mais agradecido por vossa bondade e podeis persuadir-vos, Senhor, de que jamais vos arrependereis de ter acedido aos desejos de meu querido pai, e que farei tudo que estiver ao meu alcance para merecer a honra que acabo de receber.
Aguardo, pois, a aprovação do governo português para entrar no exercício das funções de agente consular. Entretanto encontrareis todos os papéis que ora vos envio, assinados por mim, pois me creio para isso autorizado, de acordo com vossa carta de 30 de julho. Peço-vos apenas para somente utilizar minha assinatura depois de eu obter o exequatur do Governo português.

Quanto às observações que fazeis em vossa segunda carta, a respeito da que meu pai vos havia escrito em 30 de julho, confesso, Senhor, que lhe havia sido absolutamente impossível cumprir pontualmente vossas ordens, pelos motivos que ele alegou nos segundo e terceiro parágrafos de sua carta, pois as cobranças que ele então fazia seguiam o antigo uso, devido a que ele não dispunha da tarifa e elas não podiam, portanto, conformar-se com a [tarifa] que recebi agora. Pela mesma razão, as cobranças que foram reunidas tiveram de ser pormenorizadas na contabilidade, com a especificação da tarifa V.C., isto devido à impossibilidade de fazer de outra forma, uma vez que não havia então nem registro das receitas, o que impossibilitava que fossem pormenorizadas na contabilidade de que eram extraídas. No entanto encontrareis, Senhor, anexas, as declarações da renda obtida por meu pai durante os trimestres dos anos de 1834 e 1835, onde ela ocorreu, até o mês de julho, e a cópia negativa do registro da cobrança do 3° trimestre e do mês de outubro de 1835. Notareis, Senhor, que somente a partir deste último mês, após recebimento da vossa carta de 25 de junho, o registro das receitas passou a ser feito.

Envio também a cópia do inventário que preparei de todos os papéis atinentes ao Vice-Consulado. Tomo a liberdade de assegurar-vos, Senhor, que nunca haverá necessidade de repetir a recomendação feita no final do segundo parágrafo de vossa última carta e, embora eu possa cometer erros, não serão jamais por este motivo.

Temendo que as cópias negativas do registro das cobranças, que ora vos envio, não estejam em regra, peço-vos mandar escrever no que está em branco o que pareça necessário neste caso, e de me enviar como modelo.

Vossa obsequiosa carta de 30 de julho, dirigida a meu pai, chegou-me também às mãos e informo, Senhor, que a que vos escrevi em 30 de setembro, anunciando sua morte, foi endereçada por um amigo meu ao Senhor M. P. Dijond, solicitando-lhe de apor seu endereço, que eu ignorava, pois os papéis de meu pai ainda se encontravam na ilha do Pico, onde ele morreu.

Escrevi tanto que temo tornar-me importuno e que talvez encontreis ininteligências na minha carta. Desculpai-me, pois, e aceitai, Senhor, com a expressão de minha gratidão, o protesto renovado da minha distinta consideração. Guilherme Ribeiro.

Cópia do inventário dos papéis atinentes à agência consular da França no Faial, que se achavam no escritório do último agente consular:

1°. 1 livro de registro para as declarações feitas pelos capitães dos navios arribados no Faial, ou relatórios.

2°. 1 livro de registro de cartas.

3°. 2 livros de contabilidade.

4°. Pequena quantidade de modelos impressos para a entrada e saída de navios franceses.

5°. Instruções aos capitães dos navios franceses a respeito do tabaco.

Extrato confere conforme.

Horta, 12 de novembro de 1835.

G. Ribeiro, agente consular.]

30. Surgem as primeiras dificuldades depois de suscitada a necessidade de Guilherme Ribeiro desincompatibilizar-se do emprego de escrivão da Alfândega da Horta, a fim de manter o cargo de agente consular. Ele pede então para que o sobrinho, Sérgio Augusto Ribeiro, filho de seu irmão, Francisco, o substitua no Consulado.

Nº. 403 - *Faial, le 28 octobre 1836*
A Monseigneur le Comte de Saint Priest[338]*, Ministre de France en Portugal*
C'est avec bien de regret que je vous annonce, Monsieur, qu'il m'est impossible d'exercer l'emploie d'agent consulaire de France à Faial, parce que la confirmation du gouvernement portugais, datée du 19 octobre 1835, n'ayant pas la déclaration que j'ai exigée alors, c'est-à-dire, que malgré mon emploi à la Douane de Faial, je pourrais exercer celui d'agent consulaire de France, ce qu'à mon avis n'était pas une accumulation d'emplois, puisque je ne reçois point d'honoraires pour celui-ci, je crains qu'avec le nouvel ordre des choses on ne me fasse perdre mon emploie de la douane, auquel je tiens beaucoup, parce qu'étant chargé d'une nombreuse famille, dont la subsistance en dépend presque absolument et ayant eu des pertes considérables pendant le gouvernement migueliste, dans presque deux années que j'ai été en prison, ce serait pour moi un véritable malheur si je venais à perdre l'emploi que j'exerce à la douane. Cependant, ayant été chargé de cette agence consulaire par le prédécesseur de Votre Excellence, à la prière de mon père, qui avait servi la France en cette qualité pendant plus de 50 ans, j'ose espérer que V.Exc. aura la bonté de nommer en ma place mon neveu Sergio Auguste Ribeiro, dont je garantis la probité et si j'obtiens cette faveur, j'aurai au moins le plaisir de voir que cet emploi ne sort pas tout à fait de ma famille. Je répète que c'est avec bien de regret que je renonce à l'honneur de servir la France et je vous assure, Monseigneur, que s'il y avait moyen de concilier ces deux emplois, puisque je ne puis absolument renoncer à celui de la douane, je m'estimais heureux d'exercer l'agence consulaire de France.
Agréez, je vous prie, Monseigneur, la nouvelle assurance de ma considération distinguée.
Guillaume Ribeiro

[Tradução: Faial, 28 de outubro de 1836
Ao Senhor conde de Saint Priest (338), Ministro da França em Portugal
Lamento muito anunciar-vos, Senhor, que me é impossível exercer o emprego de agente consular da França no Faial, pois a confirmação do governo francês, datada de 19 de outubro de 1835, não contém a declaração que eu havia exigido, isto é, de

---

[338] ALEXIS, COMTE DE SAINT-PRIEST (1805-1851): neto do conde de Saint-Priest, que foi ministro do rei Luís XVI. Partidário do rei Luís Filipe e das idéias liberais, como diplomata servira antes no Brasil (1832) [M.-N. Bouillet, *Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie* (Paris: 1869), p. 1676]. O tratamento de *Monseigneur* (Monsenhor), que na época correspondia a um título honorífico, reservado a personagens eminentes, modernamente só se aplica a prelados e príncipes de famílias soberanas [*Nouveau Petit Robert* (1993)].

que apesar do meu emprego na Alfândega do Faial, eu poderia exercer o cargo de agente consular da França, o que, na minha opinião, não seria uma acumulação de cargos, uma vez que não recebo honorários por este. Temo que, com a nova ordem das coisas, me obriguem a perder meu emprego na Alfândega, de que faço muita questão, pois devendo sustentar uma numerosa família, cuja subsistência depende quase que completamente disto e tendo tido perdas consideráveis durante o governo miguelista, em quase dois anos que permaneci na prisão, seria para mim uma verdadeira infelicidade se me acontecesse perder o emprego que tenho na Alfândega. Entretanto, tendo sido encarregado desta agência consular pelo predecessor de Vossa Excelência, a pedido de meu pai, que tinha servido a França nesta qualidade durante mais de 50 anos, ouso esperar que Vossa Excelência tenha a bondade de nomear em meu lugar meu sobrinho Sérgio Augusto Ribeiro, por cuja probidade eu respondo, e se obtenho este favor, ao menos terei o prazer de ver que este emprego não sairá completamente de minha família. Repito que lamento muito ter de renunciar à honra de servir a França e asseguro-vos, Senhor, que se houvesse meio de conciliar os dois empregos, uma vez que absolutamente não posso renunciar ao da Alfândega, me consideraria feliz de exercer a chefia da agência consular da França.

Peço-vos receber, Senhor, o renovado protesto de minha distinta consideração.

Guilherme Ribeiro.]

31. Guilherme Ribeiro volta a suscitar a possibilidade de que o sobrinho, Sérgio Augusto Ribeiro, o substitua no Consulado.

Fayal, le 31 décembre 1836
A Monseigneur le Chevalier de Boislecomte
Envoyé Extraordinaire et Ministre Plénipotentiaire de France en Portugal
J'ai reçu, Monseigneur, la lettre que vous avez daigné m'écrire le 18 novembre dernier. Je me trouverais honoré de pouvoir continuer à exercer l'agence consulaire ..... les raisons que j'ai exposées à M. le Comte de St. Priest dans ma lettre du 28 octobre, dont je prends la liberté de vous envoyer une copie, m'obligent encore à vous prier de vouloir bien nommer à ma place mon neveu Sergio Augusto Ribeiro puisque, malheureusement, je n'ai pas obtenu du gouvernement portugais la déclaration .....

P.S. N'ayant pas eu de ...

[Tradução: Faial, 31 de dezembro de 1836
Ao Senhor cavaleiro de Boislecomte, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário da França em Portugal
Recebi, Senhor, a carta que vos dignastes escrever-me em 18 de novembro último. Julgar-me-ia honrado de poder continuar a exercer a chefia da agência consualar ... os motivos que expus ao Senhor conde de St. Priest em minha carta de 28 de outubro, de que tomo a liberdade de enviar-vos uma cópia, me obrigam ainda a pedir-vos que nomeeis em meu lugar a meu sobrinho, Sérgio Augusto Ribeiro, pois infelizmente eu não obtive do Governo português a declaração ...

P.S. Não tendo tido ...]

32. Guilherme Ribeiro volta atrás e decide optar pelo cargo de agente consular.

Faial, le 5 mars 1837
A Monseigneur le Vicomte de Boislecomte, Envoyé Extraordinaire et Ministre Plénipotentiaire de France en Portugal
J'ai reçu, Monseigneur, Votre lettre du 5 janvier. Je crois que je n'aurai pas le .....
Au risque de paraître inconséquent, d'après mes lettres du 28 octobre et 31 décembre dernier, je vous prie, Monseigneur, de vouloir bien me conserver dans l'agence consulaire de France, car je me suis décidé, afin de pouvoir librement exercer cette charge, à demander dans cette occasion au gouvernement portugais la démission de celle que j'ai à la douane et à y être remplacé par mon neveu, celui même que j'avais prié V. Ex. de nommer en ma place agent consulaire.
Le respect pour la mémoire de mon père, qui a si longtemps servi la France, et d'autres considérations que je ne pourrais exposer à V. Exc. que de vive voix, me forcent à préférer ma charge d'agent consulaire et j'espère, Monseigneur, que si vous avez déjà pourvu à mon remplacement, vous aurez la bonté, malgré cela, d'en suspendre l'exécution et je me flatte de mériter cette nouvelle grâce.
Je vous demande mille pardons, Monseigneur, pour ce qu'il vous paraîtra de singulier dans cette affaire et j'attends la continuation des ordres de V. Exc., que je ferai tout mon possible d'exécuter ponctuellement.
Agréez, Monseigneur, ... Guillaume Ribeiro
Agent consulaire.

[Tradução: Faial, 5 de março de 1837
Ao Senhor cavaleiro de Boislecomte, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário da França em Portugal
Recebi, Senhor, vossa carta de 5 de janeiro. Creio que não terei o ...
Com o risco de parecer inconseqüente, segundo minhas cartas de 28 de outubro e 31 de dezembro, peço-vos, Senhor, conservar-me na agência consular da França, pois a fim de poder livremente exercer este cargo, decidi solicitar nesta ocasião ao Governo português minha demissão do [cargo] que tenho na Alfândega e de ser nele substituído por meu sobrinho, o mesmo que eu havia pedido a Vossa Excelência para nomear agente consular, em meu lugar.
O respeito pela memória de meu pai, que durante tanto tempo serviu a França, ademais de outras considerações que só poderia expor a Vossa Excelência de viva voz, me levam a preferir meu cargo de agente consular e espero, Senhor, que se já tiverdes provido minha substituição, tenhais a bondade, apesar disso, de suspendr a execução e congratulo-me de merecer esta nova graça.
Peço-vos mil perdões, Senhor, pelo que vos parecerá singular neste assunto e aguardo a continuação das ordens de Vossa Excelência, que farei o possível para cumprir pontualmente.
Aceitai, Senhor, ... Guilherme Ribeiro
Agente consular.]

33. Guilherme Ribeiro pede para que a agência consular da França seja elevada a Vice-Consulado, a fim de igualá-la ao nível das demais representações consulares estrangeiras no Faial.

Faial, le 7 mars 1837
A Monseigneur le Vicomte de Boislecomte, Envoyé Extraordinaire et Ministre Plénipotentiaire de France
*Bien persuadé que je serai conservé par V.Ex. dans l'agence consulaire ..... j'ose encore vous importuner, en vous priant de vouloir bien proposer au gouvernement du roi (*Louis-Philippe*) que mon titre d'agent consulaire soit changé en celui de Vice-Consul. Si V.E. trouve à propos d'agréer cette demande, vous m'obligerez infiniment, car j'y tiens beaucoup, parce que les représentants des autres nations à Faial ont tous le titre de Consuls ou Vice Consuls.*
Je profite encore de cette occasion pour vous dire que, même dans le cas que mon neveu soit déjà nommé agent consulaire, cette circonstance ne pourrait pas être une objection à ma conservation dans l'agence consulaire, puisque j'exerce encore cette charge et qu'il faut plusieurs formalités pour qu'il puisse l'exercer. Il est vrai que je vous en ai demandé la démission mais j'espère que vous daignerez souscrire à ma prétention, dont ma gloire même en dépend actuellement.
Recevez, M., l'assurance ....
Guillaume Ribeiro
Agent Consulaire.

[Tradução: Faial, 7 de março de 1837
Ao Senhor visconde de Boislecomte, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário da França
Persuadido de que serei mantido por Vossa Excelência na agência consular ... ouso ainda importunar-vos, solicitando propor ao governo do rei [Luís Filipe] que meu título de agente consular seja mudado em Vice-Cônsul.
Se este proposta parecer aceitável, Vossa Excelência muito me obsequiaria, pois faço questão disto, uma vez que os representantes das outras nações no Faial têm o título de Cônsul e de Vice-Cônsul.
Aproveito ainda esta ocasião para dizer-vos que, mesmo no caso de meu sobrinho já ter sido nomeado agente consular, esta circunstância não poderia ser objeção à minha manutenção na agência consular, pois exerço ainda este cargo e são necessárias muitas formalidades para que ele possa entrar no exercício destas funções. É verdade que pedi demissão mas espero que vos digneis subscrever a minha petição, de que atualmente depende até mesmo a minha glória.
Aceitai, Senhor, o protesto ...
Guilherme Ribeiro
Agente consular.]

34. Atendendo ao que dele exige o Governo português, tendo em vista a impossibilidade de acumular a função consular com o emprego de escrivão da

Alfândega, Guilherme Ribeiro pede a seus superiores para ser substituído no Vice-Consulado na pessoa do sobrinho, Sérgio Augusto Ribeiro.

Faial, le 4 juin 1840
Monsieur G. B. Varenne, Ministre de France en Portugal
Monsieur le Ministre, l'emploi d'agent consulaire de France, que j'exerce depuis 1835, a été occupé par mon père pendant plus de cinquante ans. Il a fait bien des services à la France, même pendant la guerre, soit avec des naufragés, soit avec des prisonniers. Moi-même j'ai fait tout mon possible jusqu'à présent pour bien le mériter du gouvernement du roi [Louis-Philippe]; et dernièrement, ayant voulu renoncer à un emploi que j'exerce à la douane en faveur d'un de mes neveux, afin de me délivrer de toute entrave dans mes fonctions d'agent consulaire, on m'a fait entrevoir tant de difficultés que j'ai abandonné cette prétention.
Le respect pour la mémoire de mon père, qui a si longtemps servi la France et d'autre considérations, me font un devoir de préférer l'emploi d'agent consulaire à celui de la douane, malgré les profits que j'ai avec celui-ci. Cependant si vous daigniez, Monsieur, me substituer dans ma charge d'agent consulaire de France par mon neveu Sergio Auguste Ribeiro, petit-fils de l'ancien agent consulaire, je pourrais par ce moyen conserver mon emploi de la douane et celui d'agent consulaire serait exercé par une personne de ma famille, ce dont à quoi je tiens beaucoup. Et je puis vous assurer, Monsieur, que mon neveu est digne de cet emploi, il a travaillé avec moi pour l'arrangement des tableaux de commerce envoyés à la Légation et à d'autres affaires concernant l'agence consulaire.
Ce que je viens de dire n'est pas une renonciation formelle à ma charge d'agent consulaire, à moins que je sois remplacé par mon neveu; car autrement je n'abandonnerais jamais volontairement cet emploi. Je vous prie, Monsieur, de vouloir bien répondre à cette lettre le plutôt que vous pourrez et daignez excuser tant d'importunité.
J'ai l'honneur d'être, Monsieur,
Votre très humble et respectueux serviteur,
G. Ribeiro

[Tradução: Faial, 4 de junho de 1840
Senhor G.B. Varenne, Ministro da França em Portugal
Senhor Ministro, o emprego de agente consular da França, que exerço desde 1835, foi ocupado por meu pai durante mais de cinquenta anos. Ele prestou muitos serviços à França, mesmo durante a guerra, seja com os náufragos, seja com os prisioneiros. Eu próprio fiz o possível até agora para merecê-lo do governo do rei [Luís Filipe]. Ultimamente, ao querer renunciar ao emprego que tenho na Alfândega em favor de um de meus sobrinhos, a fim de me livrar de todo entrave às minhas funções de agente consular, fizeram-me entrever tamanhas dificuldades que abandonei esta pretensão.
O respeito pela memória de meu pai, que durante tanto tempo serviu a França e outras considerações, fazem-me considerar um dever preferir o emprego de agente consular ao da Alfândega, apesar dos ganhos que tenho com este último. Entretan-

to se vos dignardes, Senhor, substituir-me no meu cargo de agente consular da França por meu sobrinho Sérgio Augusto Ribeiro, neto do antigo agente consular, eu poderia, por este meio, conservar meu emprego na Alfândega e o de agente consular seria exercido por uma pessoa de minha família, circunstância a que muito me atenho. E posso assegurar-vos, Senhor, que meu sobrinho é digno deste emprego, ele trabalhou comigo na organização dos quadros do comércio enviados à Legação, e em outros negócios atinentes à agência consular.
O que acabo de dizer não é uma renúncia formal ao cargo de agente consular, a menos que eu seja substituído por meu sobrinho, pois de outra forma eu jamais abandonaria voluntariamente este emprego. Peço-vos, Senhor, responder a esta carta logo que possais e dignai-vos desculpar tanta importunação.
Tenho a honra de ser, Senhor,
Vosso humilíssimo e respeitoso servidor,
G. Ribeiro.]

35. O Senador José Curry da Câmara Cabral intercede junto ao Cônsul-Geral da França em Lisboa em favor da pretensão de Guilherme Ribeiro, que formaliza a demissão mas, ao mesmo tempo, insinua a possibilidade de rever o pedido, caso o cargo consular passe a contar com honorários fixos.

Horta, le 11 septembre 1840
Monsieur C. Famin,
En regrettant de tout mon coeur d'avoir renoncé à ma charge d'agent consulaire de France, ce qui n'aurait jamais eu lieu si je n'étais pas pleinement convaincu que je serais substitué par une personne de ma famille, je vous adresse, Monsieur, mes humbles remerciements et les protestations de ma vive reconnaissance pour la part qui vous avez eu au bon résultat de mes prétentions. J'en étais sûr, d'après ce que m'avait dit mon ami M. Curry[339] *en me parlant de vous, Monsieur.*
Je me croirais heureux si je pourrais, un jour, me dédier de nouveau au service de la France, ce qui, en vérité, serait maintenant un sacrifice assez grand, puisque je serais obligé à me désister de mon emploi de la douane. Encore si cette agence consulaire avait des honoraires, comme quelques uns des autres consulats des Açores mais c'est une idée inadmissible, car ce serait un exemple à faire; à moins que M. le Ministre ne crût de quelque utilité d'avoir dans ces îles un consul général de France, à l'exemple de plusieurs

---

[339] José Curry da Câmara Cabral (1789-1868): personalidade de destaque na Horta, cônsul da Rússia e várias vezes presidente da Câmara, foi eleito Senador em 1838. Os bailes em sua casa ficaram famosos por reunir o melhor da sociedade faialense. Num deles, em homenagem à oficialidade de um navio russo de passagem, sua filha, Carolina, conheceu o príncipe Constantino Meschersky, da nobreza russa, com quem se casou em 1866. Em 1832, integrando a comitiva de D. Pedro IV, foi seu hóspede o marquês de Fronteira, que registrou em suas memórias (parte IV, 222): "Fizemos honra à sua adega e ao seu cozinheiro, passando uma vida alegre enquanto ali estivemos". A irmã, Maria Isabel da Câmara Cabral, era casada com João Pereira Ribeiro, irmão de Guilherme Ribeiro (v. notas 317 e 324 e 1ª Parte: notas 70 e 133; *cf.* M. Lima, *Famílias Faialenses*, p. 512; *Idem*, *Anais ...*, p. 338).

autres nations, ou un vice-consul gérant le consulat général. Les honoraires alloués à ce poste ne seraient pas sans doute bien forts; mais étant proportionnés à la dignité d'un employé du gouvernement du roi, j'aurais par ce moyen le plaisir de continuer à me rendre utile aux sujets de France et j'obtiendrais facilement ma démission de mon emploi de la douane.
Mon neveu, qui aurait dû vous adresser ses remerciements, manque à présent à ce devoir parce qu'il est allé passer quelques semaines à l'île du Pic, avec sa famille.
Agréez, Monsieur, avec l'expression de ma gratitude, les assurances de ma considération très distinguée.
Guilherme Ribeiro

Ayant été notifié par l'ordre du gouvernement de la reine (D. Maria II) *de faire mon désistement de la charge d'agent consulaire, si je voulais conserver celle que j'exerce à la douane et ayant obtenu un terme de deux mois, afin de recevoir une réponse de M. le Ministre de France à ma lettre du 4 juin dernier, cette réponse je ne l'ai pas encore reçue. Mais d'après l'assurance positive que m'a donnée mon ami M. Curry (*), que je serais remplacé par mon neveu et le terme que j'ai demandé devant expirer le 21 du courant, j'ai fait ce désistement mais avec la crainte d'avoir manqué à M. le Ministre. Je vous prie donc, Monsieur, d'être mon avocat auprès de M. Varenne, pour qu'il daigne m'excuser et je vous assure, en outre, que si quelque navire français arrive à Fayal, avant que mon neveu ait reçu sa patente, nous ferons tout ce qui sera en notre pouvoir, pour qu'il ne lui manque rien.*
Ribeiro

[Tradução: Horta, 11 de setembro de 1840
Senhor C. Famin,
Lamentando de todo coração ter renunciado ao cargo de agente consular da França, o que jamais teria acontecido se eu não estivesse plenamente convencido de que seria substituído por uma pessoa da minha família, dirijo-vos, Senhor, meus humildes agradecimentos e os protestos de meu vivo reconhecimento pela parte que teve no bom resultado de minhas pretensões. Eu estava seguro disto, de acordo com o que me havia dito meu amigo M. Curry (339), ao me falar de vós, Senhor.
Considerar-me-ia feliz de poder algum dia dedicar-me de novo ao serviço da França, o que, na verdade, seria agora um sacrifício bastante grande, pois eu seria obrigado a desistir de meu emprego na Alfândega. Caso esta agência consular propiciasse honorários, como ocorre com alguns outros consulados nos Açores, mas é uma idéia inadmissível, pois constituiria precedente. A menos que o Senhor Ministro julgue de alguma utilidade ter nestas ilhas um Cônsul Geral da França, a exemplo de várias outras nações, ou um vice-cônsul capaz de gerir o Consulado Geral. Os honorários alocados a este posto certamente não seriam elevados mas seriam proporcionais à dignidade de um empregado do governo do rei, eu teria por este meio o prazer de continuar a ser útil aos súditos da França e conseguiria facilmente a demissão de meu emprego na Alfândega. Meu sobrinho, que teria de dirigir-vos

seus agradecimentos, falta no momento a este dever porque foi passar algumas semanas na ilha do Pico, com a família.
Aceitai, Senhor, com a expressão de minha gratidão, os protestos da minha mais distinta consideração.
Guilherme Ribeiro.

Tendo sido notificado, por ordem do governo da rainha [D. Maria II], para desistir do cargo de agente consular, caso quisesse manter o que exerço na Alfândega e tendo obtido um prazo de dois meses, a fim de receber uma resposta do Senhor Ministro da França à minha carta de 4 de junho último, ainda não recebi esta resposta. Mas de acordo com a segurança positiva que me deu meu amigo, o Senhor Curry (339), de que serei substituído por meu sobrinho e devendo expirar dia 21 do corrente o prazo que solicitei, apresentei a desistência mas com o temor de haver faltado ao Senhor Ministro. Peço, pois, Senhor, ser meu advogado junto ao Senhor Varenne, para que ele se digne desculpar-me e vos asseguro, ademais, que se algum navio aportar no Faial, antes que meu sobrinho tenha recebido a patente, faremos tudo que estiver ao nosso alcance para que nada lhe falte.
Ribeiro.]

36. Guilherme Ribeiro adota uma estratégia que requer habilidade, a fim de impedir que a agência consular no Faial escape à sua família: seu pedido de demissão só é válido para o caso de seu substituto ser o sobrinho, Sérgio Augusto Ribeiro. Caso contrário, ele afirma preferir perder o emprego da Alfândega e permanecer como chefe da agência consular.

Fayal, le 8 janvier 1841
Monsieur G. B. Varenne, Ministre de France en Portugal
Monsieur le Ministre,
Sans avoir reçu de réponse à la lettre que j'ai eu l'honneur de vous écrire, Monsieur, le 4 juin dernier, j'ai cependant reçu les assurances les plus positives par un de mes amis qui se trouvait alors à Lisbonne (José Curry da Câmara Cabral)*, que l'affaire qui en faisait le principal objet avait eu votre approbation. Dans ce même temps, le gouvernement portugais m'ayant ordonné de donner ma démission de l'agence consulaire de France, "si je voulais continuer à exercer mon emploi de la douane", j'ai obtenu un répit de deux mois, afin d'être remplacé comme je vous en avais prié, ou au moins pour savoir ce que je devais faire, car je ne demanderais plutôt pas ma démission de cet emploi si je ne devait pas être remplacé dans l'agence consulaire par une personne de ma famille. Les deux mois étant expirés et recevant de nouvelles assurances que tout était arrangé selon mes désirs, j'ai enfin donné ma démission de l'agence consulaire, au mois de septembre dernier.*
Je n'ai pas osé, Monsieur, vous écrire de nouveau sur cette affaire, espérant toujours recevoir votre réponse à ma susdite lettre, car si vous me faisiez entrevoir quelque difficulté à la nomination de mon neveu ou, à son défaut, quelqu'autre personne de ma famille, j'aurais donné ma démission de l'emploi de la douane, comme je viens de

le dire et je la donnerai encore aujourd'hui, si vous l'exigez, Monsieur, afin d'être conservé dans l'agence consulaire.
Depuis le mois de septembre, nous avons eu à Fayal deux navires français: la frégate Cordelia, *capitaine M. Romain Desfossés, venant de quelques ports d'Asie et, dernièrement, le* Ste. Hellène, *entré dans ce port le 4 octobre, afin de prendre quelques rafraîchissements et pour savoir des nouvelles de l'Europe. Je me suis rendu à bord pour offrir mes services au commandant. L'autre navire ce fut le* Génie du Havre, *capitaine P. Smith, venant de Rio de Janeiro et relâché à Fayal le 6 décembre, pour prendre quelques rafraîchissements et parce que le capitaine se trouvant indisposé, il a voulu consulter les médecins du pays.*
Vous trouverez, Monsieur, ci-inclus, les tableaux de commerce de Fayal, exigés par la légation à la fin de toutes les années.
En attendant ma substitution, ou ma conservation dans l'agence consulaire, comme vous le trouverez bon, je vous assure, Monsieur, que si d'autres navires relâchent à Fayal, il ne leur manquera rien.

J'ai l'honneur d'être, Monsieur,
Votre très humble et très obéissant serviteur,
G. Ribeiro

[Tradução: Faial, 8 de janeiro de 1841
Senhor G. B. Varenne, Ministro da França em Portugal
Senhor Ministro,
Sem ter recebido resposta à carta que tive a honra de vos escrever, Senhor, em 4 de junho último, recebi entretanto a mais positiva segurança, por um de meus amigos que se encontrava em Lisboa [José Curry da Câmara Cabral], de que o assunto que constituía seu tema principal havia tido vossa aprovação. Ao mesmo tempo, o governo português me ordenou pedir demissão da agência consular da França, "caso eu quisesse continuar a exercer meu emprego na Alfândega", e obtive um prazo de dois meses, a fim de ser substituído, como vos havia pedido, ou ao menos para saber o que eu devia fazer, pois eu não pediria demissão deste emprego se não devesse ser substituído na agência consular por uma pessoa da minha família. Tendo-se esgotado os dois meses e tendo recebido notícias tranquilizadoras no sentido de que tudo se arranjaria segundo meu desejo, apresentei finalmente minha demissão da agência consular, no último mês de setembro.
Não ousei, Senhor, escrever-vos de novo sobre este assunto, esperando sempre receber vossa resposta à minha carta mencionada, pois se me fizésseis entrever alguma dificuldade para a nomeação de meu sobrinho ou, na falta dele, a alguma outra pessoa da minha família, eu teria apresentado minha demissão ao emprego da Alfândega, como acabo de dizer e o faria ainda hoje, se me exigísseis, Senhor, a fim de ser mantido na agência consular.
Desde setembro tivemos no Faial dois navios franceses: a fragata *Cordelia*, capitão o Senhor Romain Desfossés, vindo de alguns portos da Ásia e, ultimamente, o *Ste. Hellène*, que arribou neste porto a 4 de outubro, para refresco e para saber notícias da Europa. Subi a bordo a fim de oferecer meus serviços ao comandante. O outro

navio foi o *Génie du Havre*, capitão P. Smith, vindo do Rio de Janeiro e que arribou no Faial a 6 de setembro, para refresco e porque o capitão se achava indisposto e quis consultar os médicos da cidade.
Encontrareis, Senhor, anexos, os quadros de comércio do Faial, exigidos pela Legação, no fim de todos os anos.
Aguardando a substituição, ou minha conservação na agência consular, como julgardes melhor, asseguro-vos, Senhor, que se outros navios arribarem no Faial, nada lhes faltará.
Tenho a honra de ser, Senhor,
Vosso humilíssimo e obedientíssimo servidor,
G. Ribeiro.]

37. As autoridades francesas atendem ao pedido de Guilherme Ribeiro e Sérgio Augusto Ribeiro é nomeado Cônsul da França.

Le 20.03.1841
Le gouvernement portugais m'ayant ordonné de donner ma démission de l'agence consulaire de France — "si je voulais continuer à exercer mon emploi de la douane", j'ai obtenu un répit de deux mois afin d'être remplacé, comme je vous en avais prié.

[Tradução: O governo português me ordenou pedir demissão da agência consular da França, "caso eu quisesse continuar a exercer meu emprego na Alfândega", e obtive um prazo de dois meses, a fim de ser substituído, como vos havia pedido.]

38. Guilherme Ribeiro agradece às autoridades francesas a nomeação do sobrinho para Cônsul da França no Faial e deixa entrever a possibilidade de algum dia voltar a ocupar o cargo.

Fayal, le 20 juillet 1841
Monsieur le Ministre,
Je prends la liberté d'adresser à V. Exce. mes humbles remerciements pour la bonté que vous avez eue d'agréer la prière que je vous ai faite de me substituer dans cette agence consulaire par mon neveu, S. A. Ribeiro. Le regret bien amer que j'ai ressenti en demandant ma démission de cet emploi a été, en partie, modifié par cette circonstance et parce que, de cette manière, il me reste encore l'espérance de pouvoir, un jour, me consacrer de nouveau au service de la France.
Comme dans la nomination de mon neveu ma démission y est mentionnée, j'oserai prier V. Exce. de me faire passer un certificat, par lequel il soit constaté que j'ai moi-même demandé mon remplacement par mon neveu et que j'ai servi la France, sinon avec la plus grande intelligence, au moins avec zèle et loyauté.
Daignez recevoir, Monsieur, les nouvelles assurances de ma considération très distinguée.
Guillaume Ribeiro.

[Tradução: Faial, 20 de julho de 1841
Senhor Ministro,

Tomo a liberdade de dirigir a Vossa Excelência meus humildes agradecimentos pela bondade que teve em aceitar o pedido que vos fiz de me substituir nesta agência consular por meu sobrinho, S. A. Ribeiro. Muito lamentei pedir demissão deste emprego, sentimento em parte amenizado por esta circunstância e porque, desta maneira, me fica ainda a esperança de um dia poder consagrar-me de novo ao serviço da França.
Como na nomeação de meu sobrinho menciona-se a minha demissão, ousaria pedir a Vossa Excelência que me mande passar um certificado, no qual se ateste que eu próprio pedi minha substituição por meu sobrinho e que servi a França, senão com a maior competência, ao menos com zelo e lealdade.
Dignai-vos receber, Senhor, os renovados protestos da minha mais distinta consideração.

Guilherme Ribeiro.]

39. Passados dez anos, Guilherme Ribeiro retoma o cargo de agente consular da França. Revendo a decisão que tomara em 1841, ele prefere agora pedir demissão da Alfândega, em favor do emprego consular.

Le 22 août 1851
Brevet d'agent consulaire délivré par la Légation à M. Guilherme Ribeiro, portugais.

[Tradução: 22 de agosto de 1851
Patente de agente consular expedida pela Legação [da França em Lisboa] ao Senhor Guilherme Ribeiro, português.]

40. Guilherme Ribeiro é promovido de agente consular a Vice-Cônsul.

Le 8 septembre 1855
Autorisation du Ministère du 21 juillet 1855. Brevet de Vice Consul de France à Horta (Ile de Fayal) pour le Sieur Guilherme Ribeiro.
Enregistrement: par Victor Fontainier, Consul de France à Lisbonne. Fait à Lisbonne, le 8 septembre 1855.

[Tradução: 8 de setembro de 1855
Autorização do Ministério, de 21 de julho de 1855. Patente de Vice-Cônsul da França na Horta (ilha do Faial) para o Senhor Guilherme Ribeiro.
Registro por Victor Fontainier, Cônsul da França em Lisboa. Feito em Lisboa, em 8 de setembro de 1855.]

41. Às funções consulares tradicionais, Guilherme Ribeiro logra agregar a designação de delegado da Marinha francesa.

Fayal, le 22 janvier 1857
Monsieur H. Flury, Consul de France à Lisbonne

Monsieur le Consul,
Je viens de recevoir la lettre que vous m'avez fait l'honneur de m'écrire le 4 octobre dernier, renfermant la dépêche de son Exce. M. le Ministre de la Marine & des Colonies, en date du 16 mai, par laquelle je suis autorisé à remplir les fonctions conférées aux consuls comme suppléant, à l'étranger, des administrateurs de la Marine.
J'apprécie à sa juste valeur cette nouvelle marque de confiance du gouvernement de Sa Majesté l'Empereur [Napoléon III] et je vous prie, Monsieur le Consul, d'être mon interprète auprès de M. L'amiral Hamelin[340]*, pour lui témoigner l'expression de ma reconnaissance.*
Je profite aussi de cette occasion pour vous adresser mes remerciements de la part que vous avez eue dans cette affaire, qui était, pour ainsi dire, mon cauchemar, toutes les fois que j'exerçais quelques unes de ces fonctions, autorisé seulement par M. Houet.
Agréez, Monsieur le Consul, les nouvelles assurances de ma considération très distinguée.
Le Vice-Consul de France,
Gme. Ribeiro

[Tradução: Faial, 22 de janeiro de 1857
Senhor H. Flury, Cônsul da França em Lisboa
Senhor Cônsul,
Acabo de receber a carta que me fizestes a honra de escrever em 4 de outubro último, capeando o despacho de Sua Excelência o Ministro da Marinha e das Colônias, com a data de 16 de maio, pelo qual sou autorizado a desempenhar as funções outorgadas aos cônsules como suplentes, no estrangeiro, dos administradores da Marinha.
Aprecio em sua justa medida esta nova demonstração de confiança do governo de Sua Majestade o imperador [Napoleão III] e peço-vos, Senhor Cônsul, ser meu intérprete junto ao almirante Hamelin (340), para testemunhar-lhe a expressão do meu reconhecimento.
Aproveito também esta ocasião para vos dirigir meus agradecimentos pela parte que tivestes neste assunto, que era, por assim dizer, meu pesadelo, todas as vezes que exercia algumas das funções, autorizado apenas pelo Senhor Houet.
Aceitai, Senhor Cônsul, o renovado protesto da minha mais distinta consideração.
O Vice-Cônsul da França,
Gme. Ribeiro.]

42. Guilherme Ribeiro é nomeado Tesoureiro da Junta do Distrito da Horta, por ato do Ministro da Fazenda de Portugal, Antônio José de Ávila, velho amigo da família, e indaga ao Consulado da França em Lisboa se o cargo seria incompatível com a função consular. É uma forma de dar conhecimento às autoridades francesas de sua designação para um elevado cargo da administra-

---

[340] Ferdinand-Alphonse Hamelin (1796-1864): Ministro da Marinha da França, de 1855 a 1862 [M.-N. Bouillet: *ob. cit.*, p. 830; *Nouveau Petit Larousse* (1968), p. 1284; *Encyclopaedia Britannica* (1978].

ção portuguesa, indicativo de seu prestígio político mas que, ele assegura, não o afasta de seus compromissos com a Nação francesa.

Fayal, le 17 juillet 1857
Monsieur H. Flury, Consul de France à Lisbonne
Monsieur le Consul,
Je prends la liberté de vous adresser particulièrement ces lignes pour vous prévenir qu'ayant été nommé, il y a quelques mois, trésorier intérimaire de ce district, emploi que j'ai accepté uniquement pour venir en aide à la nombreuse famille de l'ancien trésorier, décédé, et dont la fortune était délabrée, je viens d'être nommé effectivement à cet emploi par le Gouvernement de Sa Majesté Très Fidèle.
Tenant plus à la charge de Vice-Consul de France - parce que cet emploi a été constamment occupé par des personnes de ma famille depuis 1780[341] *et par les marques de confiance que je reçois continuellement du Gouvernement de Sa Majesté l'Empereur [Napoléon III] - qu'à tout autre emploi, quoique lucratif, mais par déférence pour S. Ex. M. le Ministre des Finances, d'Avila*[342]*, ancien ami de ma famille, qui a signé le décret de ma nomination, ne voulant pas répondre par un refus formel à la preuve de confiance qu'il m'a donnée par cette nomination, je vais m'adresser à Son Exce. pour lui demander, avec tous les ménagements possibles, qu'il me donne un remplaçant.*
En attendant, comme la charge de trésorier ne me gêne aucunement dans mes fonctions de Vice-Consul, car la loi m'autorise à nommer un préposé pour servir à ma place, dans les cas d'empêchement, veuillez me dire, Monsieur, ce que vous pensez au sujet de cette affaire, c'est-à-dire, s'il n'y a pas d'inconvénient à ce que je continue à occuper la place de trésorier de ce District, jusqu'à ce qu'il me soit donné un remplaçant, ou s'il faut que j'y renonce tout de suite.
Recevez, Monsieur le Consul, les nouvelles assurances de ma considération distinguée.
Gme. Ribeiro

---

[341] Na verdade, 1784 (v. doc. nº 2).

[342] Antônio José de Ávila (1806-1881): nascido no Faial, filho de Manuel José de Ávila e de Prudência Joaquina Cândida da Costa, cursou a Universidade de Coimbra, onde se diplomou bacharel em Filosofia. Em 1831 foi eleito Presidente da Câmara Municipal da Horta e, em 1832, quando D. Pedro IV visitou a ilha, coube-lhe nesta qualidade saudar o ex-imperador do Brasil, com quem teve ocasião de conversar longamente e expor-lhe sua opinião sobre as urgentes medidas econômicas e políticas que o país requeria. D. Pedro ficou vivamente impressionado com a inteligência e argúcia do jovem Ávila, então com apenas 26 anos de idade, tanto que várias das medidas por ele preconizadas chegaram a ser decretadas pela Regência. Mercê destes atributos e de suas profundas convicções liberais, logo sobressaiu junto ao novo governo implantado em Portugal. Após participar de vários gabinetes, foi nomeado Ministro da Fazenda no governo do duque de Loulé (de 14.03.1857 a 16.03.1859). Em 1861 foi feito Par do Reino e em 1864 o rei D. Luís lhe concedeu o título de conde de Ávila. Em 1865, como Ministro Plenipotenciário junto à corte de Madri, foi encarregado de estudar a questão de Bolama, na Guiné, de que a Inglaterra se havia apoderado, alegando ter direito à soberania sobre aquela ilha, questão na qual fez prevalecer a posição portuguesa. Em rememoração deste feito, em 1870 foi feito marquês de Ávila e Bolama e, em 1878, foi elevado, em sua vida, a duque de Ávila e Bolama (v. nota 323; *cf.* M. Lima, *Anais* ..., pp. 360-4).

T.s.v.p.
J'oubliais de vous dire, Monsieur, que si je n'ai pas renoncé d'abord à cet emploi, c'est parce que je voulais tâcher d'être remplacé par un de mes parents, afin qu'il puisse continuer à se rendre utile à la famille du trésorier décédé. Et veuillez m'excuser de vous prendre votre temps pour mes petites affaires de famille; mais j'ai cru que le cas demandait quelques explications en particulier.
Ribeiro.

[Tradução: Faial, 17 de julho de 1857
Senhor H. Flury, Cônsul da França em Lisboa
Senhor Cônsul,
Tomo a liberdade de vos dirigir estas linhas para informar-vos de que, tendo sido nomeado, há alguns meses, tesoureiro interino deste distrito, emprego que aceitei exclusivamente para ajudar a numerosa família do antigo tesoureiro, falecido, cuja fortuna estava dilapidada, acabo de ser efetivado neste emprego pelo governo de Sua Majestade Fidelíssima.
Fazendo mais questão do cargo de Vice-Cônsul, porque este emprego tem sido ininterruptamente ocupado por pessoas da minha família desde 1780 (341), e pelas mostras de confiança que continuamente recebo do governo de Sua Majestade o imperador [Napoleão III] – do que de qualquer outro emprego, mesmo que lucrativo, mas por deferência ao Ministro das Finanças, d'Ávila (342), velho amigo de minha família, que assinou o decreto de minha nomeação, não querendo responder com uma recusa formal à prova de confiança que ele me deu com esta nomeação, vou dirigir-me à Sua Excelência a fim de solicitar, com todo o cuidado possível, que ele me dê um substituto. Enquanto aguardo, como o cargo de tesoureiro não interfere de nenhuma maneira nas funções de Vice-Cônsul, pois a lei me autoriza a nomear um preposto para servir no meu lugar, em caso de impedimento, peço-vos dizer-me, Senhor, o que pensais sobre este assunto, isto é, se não há inconveniente em que eu continue a ocupar o lugar de tesoureiro deste Distrito, até que me seja dado um substituto, ou se é necessário que eu renuncie a ele imediatamente.
Aceitai, Senhor Cônsul, os renovados protestos de minha distinta consideração.
Gme. Ribeiro.

(Virai a página, por favor).
Esquecia-me de dizer, Senhor, que se não renunciei antes a este emprego, é porque queria tentar ser substituído por um de meus parentes, a fim de que ele possa continuar a ser útil à família do tesoureiro falecido. Queira desculpar-me por tomar vosso tempo para meus pequenos assuntos de família mas julguei que o caso requeria algumas explicações em caráter particular.
Ribeiro.]

43. Em conseqüência da isquemia que sofreu, Guilherme Ribeiro vê-se com a mão direita semi-paralisada, ademais de seu estado geral achar-se bastante

debilitado. Apressa-se então em cumprir o dispositivo regulamentar que determina que ele proceda à designação de um substituto-interino.

Fayal, le 25 juin 1861
Monsieur Sénevier, Consul-Général de France à Lisbonne
Monsieur le Consul,
A la suite d'une maladie que j'ai faite dernièrement, dont je ne fais que relever, je suis presque privé de me servir de la main droite.
J'ai donc nommé mon fils, Jean Sergio Ribeiro, pour me remplacer dans le Vice Consulat de France pendant mon empêchement. Ce que j'ai l'honneur de vous annoncer, d'après les instructions que vous m'avez transmises.
Agréez, Monsieur le Consul, l'assurance de ma considération très distinguée.
Le Vice-Consul de France,
Gme. Ribeiro

[Tradução: Faial, 25 de junho de 1861
Senhor Sénevier, Cônsul-Geral da França em Lisboa
Senhor Cônsul,
Como consequência de uma enfermidade que sofri ultimamente, após a qual acabo de deixar o leito, estou quase privado do uso da mão direita.
Por isso nomeei meu filho, João Sérgio Ribeiro, para me substituir no Vice-Consulado da França, durante meu impedimento. É o que tenho a honra de anunciar-vos, segundo as instruções que me transmitistes.
Aceitai, Senhor Cônsul, o protesto da minha distinta consideração.
O Vice-Cônsul da França,
Gme. Ribeiro.]

44. Sentindo-se incapacitado para o exercício da função consular, Guilherme Ribeiro pede demissão e solicita o cargo para o filho, João Sérgio Ribeiro. Mas pleiteia que a jurisdição do novo cônsul se estenda à ilha do Pico, certamente tendo em vista que lá se acha a propriedade vinícola e de repouso da família.

Fayal, le 5 juillet 1861
Monsieur Sénevier, Consul Général de France à Lisbonne
Monsieur le Consul,
Ayant relevé d'une grave maladie, à la suite de laquelle j'ai été privé de me servir de la main droite et craignant, que de long temps, je ne puisse pas remplir les fonctions du Vice-Consulat de France à Fayal, je suis obligé de vous demander un remplaçant.
Mon fils, Jean Sergio Ribeiro, qui m'a aidé dans ce Vice-Consulat pendant plus de six ans, avec zèle et dont je garantis l'intelligence et la bonne volonté, qui parle le français, l'anglais et l'allemand et qui est majeur, est à même de remplir les fonctions de Vice-Consul de France.
J'ai donc l'honneur, Monsieur, de le proposer pour me remplacer et je crois que je mérite, par mes bons e loyaux services, la faveur que je demande.

Je désirerais, s'il était possible, que mon fils fût nommé Vice-Consul comme moi et qu'il fût nommé Vice-Consul de Pic & de Fayal ou, tout simplement, du département d'Horta car, de cette manière, il pourrait exercer ses fonctions à l'île de Pic, éloignée seulement d'une lieu de Fayal et pourrait se rendre dans cette île, dans quelque cas de besoin, sans inconvénient de la part des autorités de cette île, qui pourront faire quelques difficultés, la nomination de mon fils étant seulement Vice-Consul pour Fayal.
Agréez, Monsieur le Consul, l'assurance de ma considération très distinguée.
Le Vice-Consul de France
Gme. Ribeiro

[Tradução: Faial, 5 de julho de 1861
Senhor Sénevier, Cônsul-Geral da França em Lisboa
Senhor Cônsul,
Tendo acabado de recuperar-me de uma grave enfermidade, que me deixou privado do uso da mão direita e temendo que, por longo tempo, não possa desempenhar minhas funções no Vice-Consulado da França no Faial, vejo-me obrigado a solicitar-vos um substituto.
Meu filho, João Sérgio Ribeiro, que me tem auxiliado no Vice-Consulado durante mais de seis anos, com zelo, e do qual respondo pela competência e boa vontade, que fala francês, inglês e alemão e que é maior de idade, está em condições de desempenhar as funções de Vice-Cônsul da França.
Tenho, pois, a honra, Senhor, de propô-lo para substituir-me e julgo merecer, por meus bons e leais serviços, o favor que ora peço.
Desejaria, se for possível, que meu filho fosse nomeado Vice-Cônsul, como eu, e que ele fosse nomeado Vice-Cônsul do Pico e do Faial, ou, simplesmente, do departamento da Horta, porque desta maneira ele poderia exercer suas funções na ilha do Pico, distante somente uma légua do Faial e poderia ir até aquela ilha, em caso de necessidade, sem inconveniente da parte daquelas autoridades, que poderão suscitar algumas dificuldades, se meu filho for nomeado somente como Vice-Cônsul para o Faial.
Aceitai, Senhor Cônsul, o protesto da minha distinta consideração.
O Vice-Cônsul da França,
Gme. Ribeiro.]

45. Pressentindo dificuldades para a nomeação do filho, Guilherme Ribeiro prefere assegurar-se a permanência no cargo de Vice-Cônsul da França.

Fayal, le 21 Novembre 1861
Monsieur Sénevier, Consul Général de France à Lisbonne
Monsieur le Consul,
Je suis si étonné du retard qu'il y a dans la décision de l'affaire dont j'ai eu l'honneur de vous entretenir dans ma lettre du 5 juillet 1801, surtout en voyant la promptitude qu'il y a eue, à ma simple recommandation, pour la nomination de M. Armas, de Flores, pour l'agence consulaire de cette île, que je prends la liberté de vous dire que, s'il y a eu la moindre difficulté pour la nomination de mon fils pour le Vice-Consulat de France

à Fayal, me trouvant encore valide, je désiste formellement de ma démission, que j'ai demandée de cet emploi, car je pense avoir le droit de continuer dans cet exercice, où mes longs et loyaux services ont été reconnus plusieurs fois par mes supérieurs.
Veuillez me dire ce qu'il y a à cet égard et excusez-moi, s'il vous plaît, mon importunité.
Veuillez agréer, Monsieur le Consul, l'assurance de ma considération très distinguée.
Le Vice-Consul de France
Gme. Ribeiro

[Tradução: Faial, 21 de novembro de 1861
Senhor Sénevier, Cônsul-Geral da França em Lisboa
Senhor Cônsul,
Estou tão surpreendido pelo atraso na decisão relativa ao assunto sobre o qual tive a honra de vos informar em minha carta de 5 de julho de 1801, sobretudo ao verificar a presteza com que, à vista da minha simples recomendação, se procedeu à nomeação do Senhor Armas, de Flores, para a agência consular naquela ilha, que tomo a liberdade de vos dizer que, se houver a menor dificuldade para a nomeação de meu filho para o Vice-Consulado da França no Faial, achando-me ainda válido, desisto formalmente de minha demissão, que solicitei deste emprego, pois penso ter o direito de continuar no exercício deste cargo, em que meus longos e leais serviços foram reconhecidos várias vezes por meus superiores.
Peço-vos dizer-me o que há a este respeito e desculpai, por favor, a minha impertinência.
Aceitai, Senhor Cônsul, o protesto da minha mais distinta consideração.
O Vice-Cônsul da França,
Gme. Ribeiro.]

46. Guilherme Ribeiro parte para tratamento médico na ilha de São Miguel.

Fayal, le 10 décembre 1861
Monsieur Sénevier, Consul Général de France à Lisbonne
Monsieur le Consul,
Ayant besoin de m'absenter pendant un mois ou deux pour traiter, à l'ile St. Michel, de ma santé, j'ai l'honneur de vous annoncer, Monsieur, que j'ai nommé de nouveau mon fils, Jean Sergio Ribeiro, pour me remplacer dans les fonctions de Vice-Consul, pendant mon absence.
Agréez, Monsieur le Consul, l'assurance de ma considération très distinguée.
Le Vice-Consul de France
Gme. Ribeiro

[Tradução: Faial, 10 de dezembro de 1861
Senhor Sénevier, Cônsul-Geral da França em Lisboa
Senhor Cônsul,
Tendo necessidade de ausentar-me durante um ou dois meses para tratar de minha saúde na ilha de São Miguel, tenho a honra de vos anunciar, Senhor, que nomeei

novamente meu filho, João Sérgio Ribeiro, para substituir-me nas funções de Vice-Cônsul, durante minha ausência.
Aceitai, Senhor Cônsul, o protesto de minha mais distinta consideração.
O Vice-Cônsul da França,
Gme. Ribeiro.]

47. Com o falecimento de Guilherme Ribeiro em São Miguel, em 02.01.1862, Rodrigo Alves Guerra, de 29 anos, bisneto de Sérgio Pereira Ribeiro, é o novo Cônsul da França no Faial.

Le 28 février 1862
Brevet d'agent consulaire, délivré par M. Sénevier à Rodrigo Alves Guerra. Autorisation du Ministère, par dépêche du 3 février 1862, en remplacement de M. Guilherme Ribeiro, décédé en janvier 1862.

[Tradução: 28 de fevereiro de 1862
Patente de agente consular, emitida pelo Senhor Sénevier a Rodrigo Alves Guerra. Autorização do Ministério, por despacho de 3 de fevereiro de 1862, em substituição ao Senhor Guilherme Ribeiro, falecido em janeiro de 1862.]

48. Rodrigo Alves Guerra entra em função como agente consular da França no Faial. Sua mãe, Francisca Ribeiro, era neta de Sérgio Pereira Ribeiro. Homem de prestígio, proveniente de uma família abastada e sobrinho de Manuel Alves Guerra, o visconde de Santana, Rodrigo era professor do Liceu da Horta e ocupou, por várias vezes, cargos importantes na administração portuguesa. Em mais de uma legislatura foi presidente da Câmara da Horta[343].

Horta, île de Fayal, le 27 avril 1862
Monsieur Edmond Brévil, Consul-Général de France à Lisbonne
Monsieur le Consul Général,
Comme j'ai eu l'honneur de faire part à votre prédécesseur, lorsque j'ai été informé, à l'île de St. Michel, de ma nomination d'agent consulaire de France en cette île, je me suis empressé de venir occuper mon poste, où je viens d'arriver et j'ai trouvé ici les lettres que vous m'avez fait l'honneur de m'écrire, datées du 6 et 10 mars dernier, la première étant circulaire, pour me faire connaître votre nomination de Consul Général de France à Lisbonne, en remplacement de M. de Sénevier.
J'espère, Monsieur le Consul, pouvoir mériter votre confiance, dans la qualité de votre agent dans cette île et je ferai tout mon possible pour accomplir scrupuleusement vos ordres.
Je regrette de ne pas remplir dans cette occasion la formalité que vous exigez, de vous transmettre le type en double de ma signature, réclamée par le Département des Affaires

---

[343] Vide M. Lima, *Famílias Faialenses*, pp. 516 e 525.

Etrangères, parce que je ne sais pas quel est le modèle en usage et que je vous prie, Monsieur le Consul, de vouloir bien m'indiquer.
J'ai l'honneur de vous informer que, le 27 mars dernier, est relâchée dans ce port, pour faire du charbon, la corvette à vapeur de la Marine Impériale, le Chantal, *commandant M. Lagé, venant de la Havane en destination de Toulon et qui n'a pas été admise à la libre pratique par l'autorité sanitaire.*
Cette corvette est sortie le 28 mars pour sa destination et, en conséquence du mauvais temps, n'a pas pu régler tous ses comptes, n'ayant pas été payés le pilotage et le canot du service, le tout pour la somme de 9$800 reis ou 49 francs.
Veuillez donc, Monsieur le Consul, avoir la bonté de me dire si j'ai le droit de réclamer ces dépenses et à qui je dois m'adresser.
Recevez, Monsieur le Consul, l'assurance de ma considération très distinguée.
R. A. Guerra

[Tradução: Horta, ilha do Faial, 27 de abril de 1862
Senhor Edmond Brévil, Cônsul-Geral da França em Lisboa
Senhor Cônsul-Geral,
Como tive a honra de participar a vosso predecessor, assim que fui informado, na ilha de São Miguel, de minha nomeação como agente consular da França nesta ilha, apressei-me a vir ocupar meu posto, onde acabo de chegar e encontrei aqui as cartas que me fizestes a honra de escrever, datadas de 6 e 10 de março último, a primeira sendo circular, destinada a me comunicar vossa nomeação para Cônsul-Geral da França em Lisboa, em substituição ao Senhor de Sénevier.
Espero, Senhor Cônsul, poder merecer vossa confiança, na qualidade de vosso agente neste ilha e farei todo o possível para cumprir escrupulosamente vossas ordens.
Lamento não executar neste ocasião a formalidade que me exigis, de vos transmitir o espécime em duplicata de minha assinatura, reclamado pelo Departamento de Negócios Estrangeiros, porque não sei qual é o modelo em uso e vos peço, Senhor Cônsul, a gentileza de me indicar.
Tenho a honra de informar que, em 27 de março último, arribou neste porto, para carregar carvão, a corveta a vapor da Marinha Imperial, *Chantal*, comandante M. Lagé, vindo de Havana, com destino a Toulon e que não foi admitida à livre praticagem pela autoridade sanitária.
Esta corveta saiu em 28 de março para seu destino e, em consequência do mau tempo, não pode pagar todas suas contas, permanecendo em suspenso a pilotagem e o bote de serviço, tudo totalizando 9 mil e 800 réis ou 49 francos.
Peço, pois, Senhor Cônsul, a bondade de dizer-me se tenho direito de reclamar estas despesas e a quem me devo dirigir.
Recebei, Senhor Cônsul, o protesto da minha mais distinta consideração.
R. A. Guerra.]

49. Rodrigo Alves Guerra pleiteia, junto ao Cônsul-Geral da França em Lisboa, ser condecorado com a "Legião de Honra" e instrui o pedido com seu *curriculum*, que ele chama de *Mémorial*:

Rodrigo Alves Guerra, natif de l'île de Fayal des Açores, Portugal, a été nommé Agent consulaire de France à Fayal, par brevet de Mars 1862 et promu Vice-Consul, à titre honorifique, par nouveau brevet d'août 1864.
Nommé par M. le Chargé d'Affaires de France à Lisbonne, Administrateur Honoraire de la Société Française de Bienfaisance (Lettre du 20 juin 1865).
Au moi de février 1867, ayant eu connaissance du naufrage ...
Au mois de juillet 1870, au moment de la déclaration de la guerre à la Prusse, se trouvait mouillée sur la rade de Horta la Frégate Prussienne Arcona, *navire école des Aspirants. La nouvelle de cette déclaration est arrivée par un vapeur anglais, le* Dane, *envoyé expressément par le Gouvernement allemand, avec des dépêches pour le Commandant de l'Arcona, et aussitôt reparti avec les élèves. Immédiatement l'*Arcona *a commencé a faire une espèce de blindage, au moyen de chaînes en fer, recouvertes de bois par travers des roulages (?), avec des moyens de terre. M. Guerra a adressé au Gouvernement Civil une réclamation contre les procédés du navire prussien et a envoyé à M. Le Consul à Lisbonne la traduction de la correspondance à ce sujet (Lettre du 5 août 1870). etc. etc. (épisodes de la guerre franco-prussienne, où l'intervention de M. Guerra s'est avérée importante dans les îles).*
M. Guerra a été nommé Président du Conseil Municipal en 1867, après élection directe de Membre du Conseil et, réélu après, a exercé cette charge pendant 4 ans. Il a été, en outre, élu Membre du Conseil général et Président de la Commission du Recensement électoral, plusieurs fois. En 1879, il a été nommé, par Décret du Roi [D. Luís], Gouverneur Civil substitut du District de Horta, qu'il a exercé jusqu'en 1881.
Il est actuellement Président de la Commission du Recensement électoral, élu par les 40 les plus grands contribuables de l'île Fayal, place assez importante dans l'Administration Civile du Portugal.
M. Guerra a reçu, au mois de mai 1867, la croix de Commandeur de l'Ordre du Christ.

[Tradução: Rodrigo Alves Guerra, nativo da ilha do Faial dos Açores, Portugal, foi nomeado agente consular da França no Faial, por patente de março de 1862 e promovido a Vice-Cônsul, a título honorífico, por nova patente de agosto de 1864.
Nomeado pelo Encarregado de Negócios da França em Lisboa, administrador honorário da Sociedade Francesa de Beneficência (carta de 20 de junho de 1865).
Em fevereiro de 1867, tendo tido conhecimento do naufrágio ...
Em julho de 1870, no momento da declaração de guerra à Prússia, achava-se ancorada no porto da Horta a fragata *Arcona*, navio-escola dos Aspirantes [da Marinha]. A notícia desta declaração chegou pelo vapor inglês *Dane*, enviado expressamente pelo governo alemão, com os despachos para o comandante do *Arcona*, o qual logo zarpou com os alunos. Imediatamente o *Arcona* começou a fazer uma espécie de blindagem por meio de cadeias de ferro, recobertas de madeira atravessada nas engrenagens, com os meios da terra. O Senhor Guerra dirigiu ao Governo civil uma reclamação contra os procedimentos do navio prussiano e enviou ao Senhor Cônsul em Lisboa a tradução da correspondência a esse respeito (carta de 5 de agosto de 1870), etc, etc (episódios da guerra franco-prussiana, onde a intervenção do Senhor Guerra se mostrou importante nas ilhas).

O Senhor Guerra foi nomeado Presidente do Conselho Municipal em 1867, depois da eleição direta como Membro do Conselho e, depois de reeleito, exerceu este cargo durante 4 anos. Foi, ademais, eleito várias vezes Membro do Conselho Geral e Presidente da Comissão de Recenceamento Eleitoral. Em 1879 foi nomeado, por decreto do rei [D. Luís], Governador Civil, substituto, do Distrito da Horta, [cargo] que exerceu até 1881.
Atualmente é Presidente da Comissão de Recenceamento Eleitoral, eleito pelos 40 maiores contribuintes da ilha do Faial, praça bastante importante na Administração Civil de Portugal.
Em maio de 1867, o Senhor Guerra recebeu a cruz de comendador da Ordem de Cristo.]

50. Rodrigo Alves Guerra agradece a seus superiores a indicação para a "Legião de Honra" e afirma que entenderá, caso a condecoração não lhe seja outorgada. Com efeito, em seu lugar, é agraciado com as palmas de "Oficial da Instrução Pública".

Fayal, le 12 juin 1884
Extrait: M. Guerra écrit à M. Clément Silva, Consul-Général de France à Lisbonne, pour lui remercier d'avoir transmis au Département des Affaires Etrangères une proposition pour qu'il lui fût conférée la Légion d'Honneur, à la promotion du 14 juillet. M. Guerra admet qu'au cas où cette proposition ne soit pas acceptée, il comprendra qu'il y a d'énormes difficultés pour qu'un agent de son grade, n'étant pas français, puisse obtenir une telle décoration. Il est tout de même content du fait que la proposition elle-même atteste de la reconnaissance de son supérieur immédiat, M. Clément Silva, de son mérite et de tout ce qu'il a fait pour la France.

[Tradução: Faial, 12 de junho de 1884.
Extrato: O Senhor Guerra escreve ao Senhor Clemente Silva, Cônsul-Geral da França em Lisboa, para agradecer-lhe ter transmitido ao Departamento dos Negócios Estrangeiros uma proposição para que a ele [Senhor Guerra] fosse outorgada a Legião de Honra, na lista de 14 de julho. O Senhor Guerra admite que, caso a proposição não seja aceita, ele compreenderá que há enormes dificuldades para que um agente de seu nível, não sendo francês, possa obter tal condecoração. De qualquer modo ele se satisfará com o fato de que a própria proposição testemunha o reconhecimento, por parte de seu superior imediato, Senhor Clemente Silva, do seu mérito e de tudo o que ele fez pela França.]

51. Rodrigo Alves Guerra designa o tio, Manuel Alves Guerra, visconde de Santana, seu substituto eventual no Consulado.

Fayal, le 28 août 1888
Monsieur C. Silva, Consul Général de France à Lisbonne
Monsieur le Consul Général,

En vertu de l'arrêté du 19 novembre 1883 rendu, sur votre proposition, par S. Exce. Monsieur le Ministre des Affaires Etrangères, j'ai nommé mon intérimaire Monseigneur le Vicomte de Sant'Anna, en remplacement de M. Guillaume H. Lane[344]*, qui s'est retiré de cette île depuis quelque temps.*
Je vous prie, Monsieur le Consul, d'agréer ma considération très distinguée.
Le Vice-Consul,
M.A. Guerra.

[Tradução: Faial, 28 de agosto de 1888
Senhor C. Silva, Cônsul-Geral da França em Lisboa
Senhor Cônsul,
Em virtude do decreto de 19 de novembro de 1883, expedido, por vossa proposta, por Sua Excelência o Senhor Ministro dos Negócios Estrangeiros, nomeei meu interino o Senhor Visconde de Santana, em substituição ao Senhor Guilherme H. Lane (344), que se retirou desta ilha já há algum tempo.
Peço-vos, Senhor Cônsul, aceitar minha distinta consideração.
O Vice-Cônsul,
M. A. Guerra.]

52. Le 15.11.1898

Resumo: Rodrigo Alves Guerra comunica ao Cônsul-Geral da França em Lisboa que o rei de Portugal (*D. Carlos*) lhe conferiu o título de "barão" e que ele passará a assinar-se "Barão de Sant'Ana, Rodrigo".

53. As autoridades francesas tomam conhecimento do título de "barão", conferido a Rodrigo Alves Guerra e registram o recebimento do cartão autógrafo com o espécime de sua nova assinatura.

Le 15.12.1898
A M. le Ministre de la Marine,
Notre agent consulaire à Fayal, M. Rodrigo Alves Guerra, vient de me faire savoir que S. M. Le Roi de Portugal lui a conféré le titre de Baron et qu'il prendra dorénavant le nom de "Baron de Sant'Anna, Rodrigo". Votre Excellence trouvera d'ailleurs ci-joint, en double exemplaire, le type de la nouvelle signature de cet agent consulaire. V. Agréé.
Le Consul-Général de France à Lisbonne.

[Tradução: 15.12.1898
Ao Senhor Ministro da Marinha,
Nosso agente consular no Faial, Senhor Rodrigo Alves Guerra, acaba de me participar que Sua Majestade o rei de Portugal lhe conferiu o título de barão e que ele

---

[344] Guilherme Henrique Lane: era casado com Teresa Adelaide Moura, filha de Maria Isabel Ribeiro e de Nicolau Tolentino de Moura, ela, filha de Sérgio Pereira Ribeiro (*ibidem*, p. 514).

tomará, daqui por diante, o nome de "barão de Santana, Rodrigo". Vossa Excelência, ademais, encontrará, anexo, em duplo exemplar, o espécime da nova assinatura deste agente consular. Como combinado.

54. Rodrigo Alves Guerra morreu em 05.05.1901. Daí em diante, tendo pouco a pouco a descendência direta de Sérgio Pereira Ribeiro desertado a ilha, a chefia do Vice-Consulado da França no Faial passou a EDUARDO LAEMMERT BULCÃO (★ 18.11.1870), rico negociante[345], gerente da poderosa casa Bensaúde e diretor da "Fayal Coal", empresa com interesses vários no ramo da navegação e dos fornecimentos a navios. Foi também Vice-Cônsul da Bélgica, Dinamarca, Grécia, Holanda, Rússia e Suécia. Destacou-se nos serviços prestados durante a I Guerra Mundial, em mérito do que o Governo francês lhe outorgou a "Legião de Honra" e a "Medalha de Verdun". Sua irmã, Alice de Lacerda Bulcão (1866-1897), era casada com Francisco Pereira Ribeiro (1858-1929), um dos bisnetos de Sérgio Pereira Ribeiro. De certa forma o Vice-Consulado permanecia na família ...

55. Nas páginas a seguir se acham reproduzidos alguns documentos a que aludem estes "Anais", com a finalidade de ilustrar a ação das personalidades neles mencionadas e seu protagonismo no encaminhamento da história familiar. A numeração se reporta ao texto dos "Anais":

Documento nº 3 (08.06.1785) – Sérgio Pereira Ribeiro entra nas funções de agente consular da França no Faial.

Documento nº 6 (26.04.1792) – Atestado passado por Sérgio Pereira Ribeiro, na qualidade de Vice-Cônsul de Sua Majestade Cristianíssima.

Documento nº 12 (22.01.1816) – Sérgio Pereira Ribeiro pede para ser reintegrado como Vice-Cônsul da França.

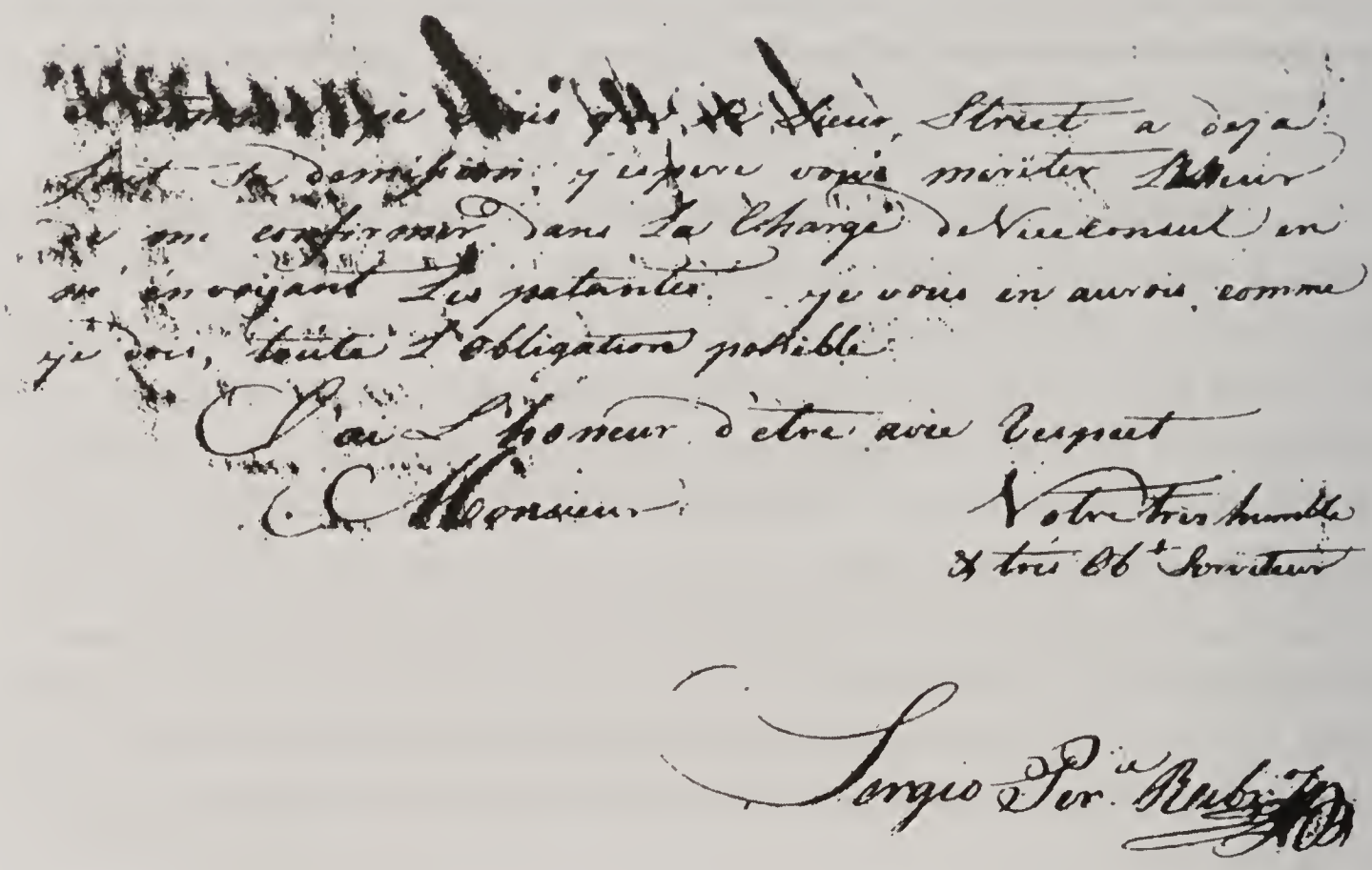
Documento nº 20 – Formulário de despacho consular, datado de 13.09.1829.

Documento nº 38 (20.07.1841) – Guilherme Ribeiro agradece a nomeação do sobrinho, Sérgio Augusto Ribeiro, para Cônsul da França no Faial.

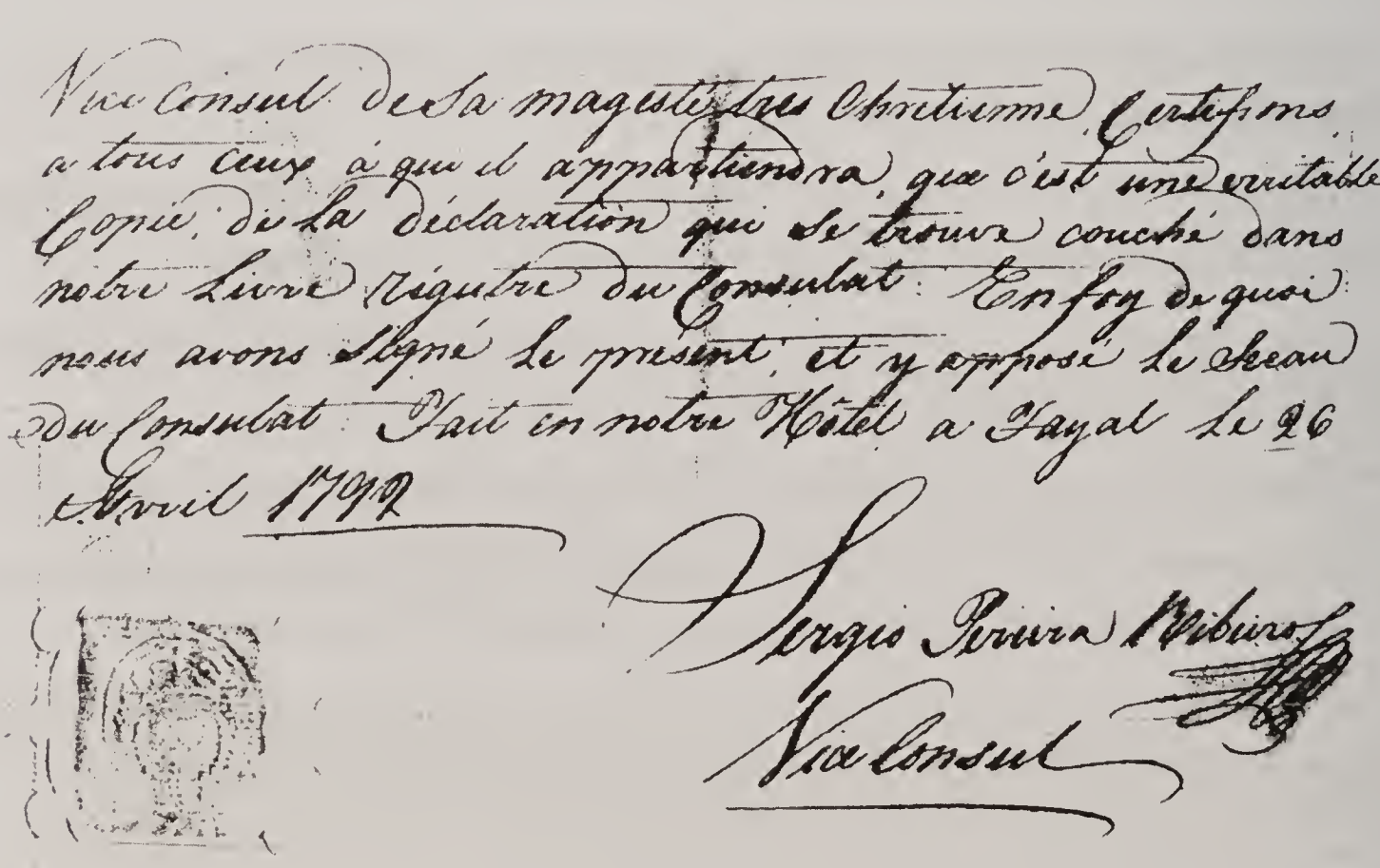
Documento nº 43 (25.06.1861) – Guilherme Ribeiro designa o filho, João Sérgio Ribeiro, para substituí-lo interinamente na chefia do Consulado.

---

[345] *Ibidem*, pp. 192, 201-3.



Documento nº 3 (08.06.1785) — Sérgio Pereira Ribeiro entra nas funções de agente consular da França no Faial. A assinatura cuidada reflete a confiança e decisão que o animam

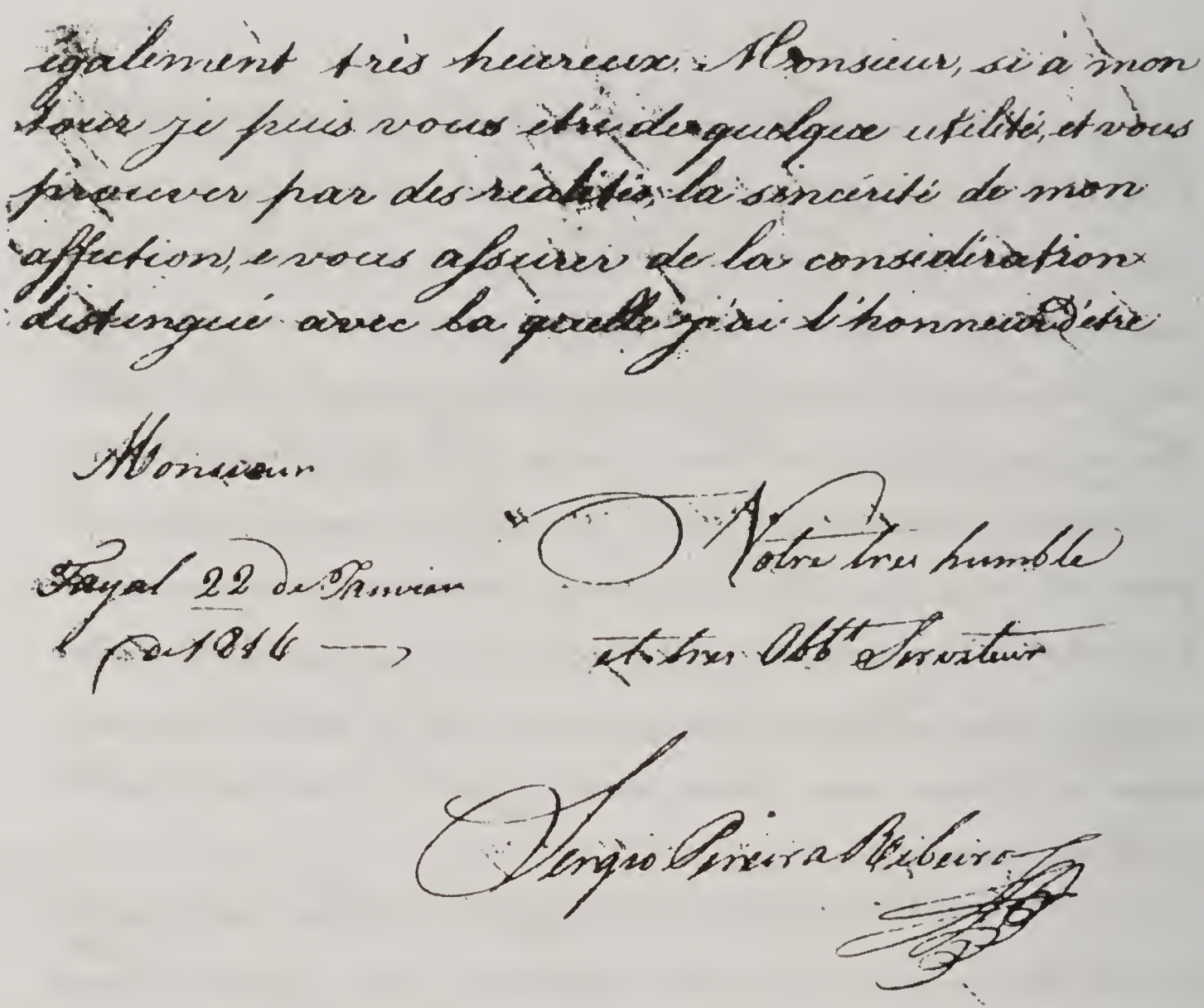


Documento nº 6 (26.04.1792) — Atestado passado por Sérgio Pereira Ribeiro, na qualidade de Vice-Cônsul de Sua Majestade Cristianíssima. Ostenta o selo com as armas da França

Sergio Pereira Ribeiro, chevalier de l'ordre de Christ Négociant à Fayal (Isle Açores) ayant appris votre arrivée à Lisbonne, a l'honneur de vous exprimer la joie sincère qu'il éprouve du changement du Gouvernement François, adu retour sur le Trone du légitime Roi Louis 18. Le dévouement que j'ai toujour manifesté publiquement pour la grande nation Françoise me donne quelques droits à votre bienveillance. Les services, que je lui ai rendus à une époque critique, ou il y avoit du courage à faire du bien, sont également connus dans ce Royaume.

C'est sous ces auspices, Monsieur, que j'ai l'honneur de vous exposer que depuis l'année 1784 jusqu'à la revolution de France, j'ai exercé dans cette Isle, les fonctions de Vice consul Français, a la satisfaction du Gouvernement Français, et Portugais. La confiance que notre cour m'a témoigné pendant le Regne de Bonaparte m'en fit continuer l'exercice à cette epoque si critique, et ce fut par son ordre que j'ai été à même de rendre des services à plusieurs Français que le Naufrage, ou autres malheurs ont porté vers ce lieu.

Permétez donc Monsieur que je m'enpresse de reclamer votre protection, afin de recevoir la confirmation positive de mon ancien titre, que je sollicite de vous. Je m'estime



également très heureux, Monsieur, si à mon
tour je puis vous être de quelque utilité, et vous
prouver par des réalités la sincérité de mon
affection, et vous assurer de la considération
distinguée avec la quelle j'ai l'honneur d'être

Monsieur

Votre très humble

et très Obt Serviteur

Fayal 22 de Janvier
de 1816 —

Sergio Pereira Ribeiro

***Documento nº 12** (22.01.1816) — Com o retorno de Luís XVIII ao trono, Sérgio Pereira Ribeiro pede para ser reintegrado como Vice-Cônsul da França*

Vice-Consulat de France
à Faial

ENTRÉE.

Aujourd'hui 12 8bre 1829, Est entré dans ce Port de Faial
le navire Français Brig. nommé le St Michel appartenant au Port de Marseille
Capitaine M. Douglas Propriétaire M. le même Jaugeant environ 272 Tonneaux, venant de Jacmel de Haïti, muni
— d'un Rôle d'Equipage N.° 321, délivré à Marseille le 3 Fevrier 1829
— d'un Congé N.° 70, délivré à Marseille le 29 Janvier 1829
— et d'un acte de Francisation, N.° 874, en date du 10 Decembre 1817
Et ayant à son Bord,
1.° Un Equipage, composé de 15 hommes, y compris le Capitaine
2.° deux Passagers a leurs frais
& 3.° Un Chargement reçu à Jacmel et composé des articles ci-après.

2.094 Sacs de Café pesant ensemble 226.968 K.
117.214 K. de Bois de campeche.
45 Belles de Bois d'Acajou mesurant 213 pieds

Ce Batiment est destiné pour le Port de Marseille

Détails particuliers.

Le navire a relaché à Faial à cause d'avoir perdu le mat de Misaine avec toutes ces voiles comme on verra dans le procès verbal sous la date du 12 de 8bre 1829, et consigné a notre maison de Commerce.

à Faial le 13 Septembre 1829
L'Agent Consulaire de France
Sérgio Pereira Ribeiro

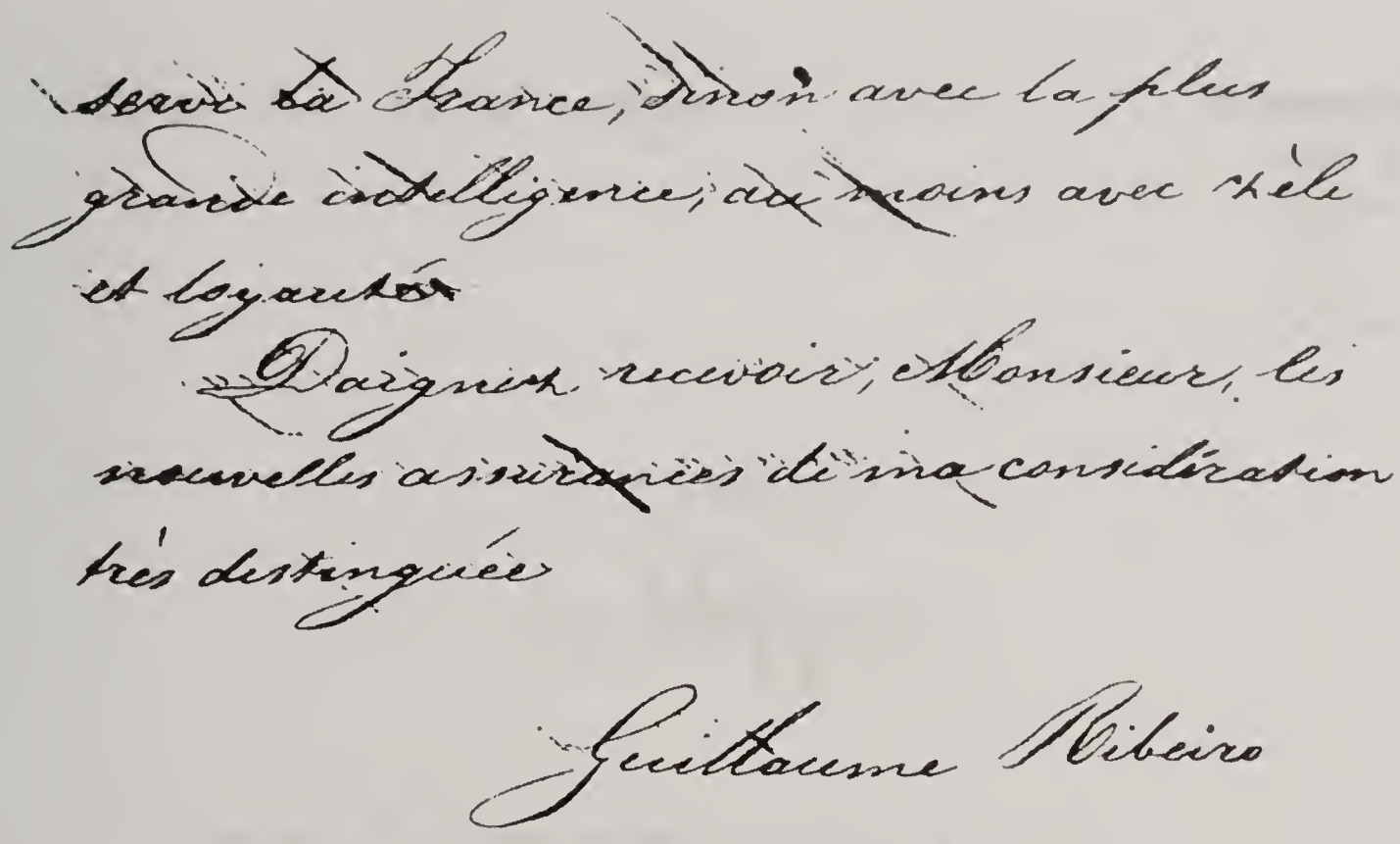
Formulário de despacho consular, datado de 13.09.1829. Diz respeito ao brigue St. Michel, *mencionado no documento nº 20, o qual perdera um dos mastros com todas as velas. Transportava uma carga de café e madeiras e estava consignado à casa comercial de Sérgio Pereira Ribeiro*

Fayal le 20 juillet 1841

Monsieur le Ministre

Je prends la liberté d'adresser à V. Ex^ce mes humbles remercimens pour la bonté que vous avez eu d'agréer la prière que je vous ai faite de me substituer dans cette agence consulaire par mon neveu S. A. Ribeiro. Je regrette bien amer que j'ai ressenti en demandant ma démission de cet emploi a été en partie, modifié par cette circonstance, et parce que de cette manière il me reste encore l'espérance de pouvoir un jour me consacrer de nouveau au service de la France.

Comme dans la nomination de mon neveu ma démission y est mentionnée j'oserai prier V. Ex^ce de me faire passer un certificat par lequel il soit constaté que j'ai moi même demandé mon remplacement par mon neveu, et que j'ai



servi la France, sinon avec la plus
grande intelligence, au moins avec zèle
et loyauté.

Daignez recevoir, Monsieur, les
nouvelles assurances de ma considération
très distinguée

Guillaume Ribeiro

Documento nº 38 (20.07.1841) — Guilherme Ribeiro agradece a nomeação do sobrinho, Sérgio Augusto Ribeiro, para Cônsul da França no Faial e deixa entrever a possibilidade de, algum dia, voltar a ocupar o posto

VICE-CONSULAT
de France
à Fayal
N° 145

Fayal, le 25 Juin 1861

159
1861

Monsieur le Consul.

A la suite d'une maladie que j'ai faite dernièrement, dont je ne fais que relever, je suis presque privé de me servir de la main droite.

J'ai donc nommé mon fils, Jean Sergio Ribeiro pour me remplacer dans le Vice-consulat de France pendant mon empêchement. Ce que j'ai l'honneur de vous annoncer d'après les instructions que vous m'avez transmises.

Agréez, Monsieur le Consul, l'assurance de ma considération très distinguée.

Monsieur Lenevier consul
Général de France à
Lisbonne

Le Vice consul de France
Gme Ribeiro

Documento nº 43 (25.06.1861) — Doente, Guilherme Ribeiro designa o filho, João Sérgio Ribeiro, para substitui-lo interinamente na chefia do Consulado

TOMO II

DESCENDÊNCIA

DO

COMENDADOR

GUILHERME TELLES RIBEIRO

por

Eliana Quintella de Linhares
(Sócia colaboradora do Colégio Brasileiro de Genealogia)

Um agradecimento a todos os primos que tornaram possível este trabalho, enviando os dados de seus núcleos familiares e, em especial, a D. Consuelo Dondeo, D. Olga Magalhães Murray, Dr. Victor Baskerville, D. Laura Stael Ribeiro da Rocha, Brigadeiro Antonio Guilherme Telles Ribeiro e D. Paula Millions Dutra por terem, gentilmente, cedido as fotos de seus acervos.

Homenagem póstuma.

À Sylvia Sandt Cumplido, que foi incansável na busca por alguns primos Murray mais afastados e que, infelizmente, nos deixou antes da conclusão desta obra.

Eliana Quintella de Linhares.

GUILHERME TELLES RIBEIRO — n. no Faial (freguesia das Angústias), arquipélago dos Açores, a 16.04.1827 e f. no Rio de Janeiro (Cemit. S. J. Batista) a 13.06.1893. Filho de Guilherme Ribeiro e de D. Luisa Telles. Descendente dos primeiros povoadores das ilhas dos Açores, em sua ascendência entroncam famílias ilustres de Portugal, Espanha, França e da antiga Flandres (atualmente, Bélgica e Países Baixos).

Estabelecido no Rio de Janeiro no final da década de 1840 (provavelmente 1847), dedicou-se a um próspero negócio que incluía exploração agrícola, importação e exportação e estaleiro de reparação naval. Foi proprietário da Fazenda da Posse (que lhe veio por intermédio de sua primeira esposa, Anna Joaquina de Sousa Meirelles), situada na freguesia do Pilar, Município da Estrela, Província do Rio de Janeiro, onde plantava cana de açúcar para produção de aguardente e rapadura. A fazenda era dotada de uma capela particular com direito à celebração de missa, construída por volta de 1696, onde foram oficiados os casamentos de algumas de suas filhas. Como negociante, exportava algodão e importava champanha, vinhos e produtos manufaturados.

Possuía uma Casa de Comissões de Importação e Exportação, situada à rua dos Pescadores, 23 (1865), hoje Visconde de Inhaúma, e à rua Theophilo Ottoni, 22 (1869). Em 1870 sofreu uma grande perda com a queda da cotação internacional do algodão e foi obrigado a abrir falência, que logo transformou em concordata. Para fazer frente ao prejuízo, teve que vender alguns de seus bens no Rio de Janeiro, que incluíam: ilha da Caqueirada (ou de Bom Jesus, hoje integrada na ilha do Fundão); duas casas, constituídas pelos prédios nº 4 e 6 da praça Pedro II, outrora largo do Paço (atual praça 15 de Novembro, no conjunto formado pelas famosas casas da família *Teles de Meneses*); e várias casas na ilha do Faial (Açores). Separando-se da esposa, Anna Joaquina, e tendo-se unido a Frederica Huder, estabeleceu-se como armador na ilha de Mocanguê Grande, ao largo de Niterói, onde montou a casa familiar.

Possuía também duas galeras e um patacho, embarcações que utilizava para seus negócios, no transporte de cabotagem. Era ainda proprietário de outros imóveis no Rio de Janeiro, na rua Riachuelo nº 274 e 276, e de metade da citada ilha de Mocanguê Grande, onde fundou um estaleiro para reparação de embarcações e onde nasceram quase todos os seus filhos do segundo casamento. Em 1886 comprou a ilha Santa Rosa e em 1881 arrendou a outra metade da Ilha de Mocanguê Grande.

Foi agraciado pelo imperador D. Pedro II com a comenda de cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, em 02 de dezembro de1858, pelos serviços prestados por ocasião da epidemia de cólera-morbo, que assolou o Rio de Janeiro em 1855 e 1856. Falava com fluência vários idiomas, entre eles francês, inglês e alemão.

C. a 1ª vez na igreja de Santana, Rio de Janeiro, a 29.01.1848, c. D. Anna Joaquina de Sousa Meirelles, n. no R. Janeiro (Candelária) a 15.05.1834 e aí f. a 12.03.1906. Filha de Damazo Moreira de Sousa Meirelles e de D. Francisca Joaquina de Oliveira Barboza (★ 24.12.1809); *avô pat*: Damazo Moreira de Carvalho; *avó pat*: Anna Moreira de Sousa Meirelles; *avô mat*: Carlos José Moreira Barboza; *avó mat*: Escolástica Maria de Oliveira Telles; *bisavô pat*: Manoel José Moreira Barboza; *bisavó pat*: Maria Rosa das Mercês; *bisavô mat*: Francisco Telles Barreto de Menezes (Juiz de Orfãos); *bisavó mat*: D. Francisca Joaquina de Oliveira Brito.

Sua 2ª esposa foi D. Frederica Maria Herminia Huder, n. em Münster, Alemanha a 03.05.1849 e f. a 20.08.1908 em Hamburgo, Alemanha. Filha de Bernhard Huder (★ Münster 05.12.1808 - ✞ 26.09.1883) e de D. Bernhardine Theresia Vaupel (★ Padernborn 20.07.1812 - ✞ Münster 01.01.1906); *avô pat*: Johann Wilhelm Huder (★ 30.08.1777 - ✞ 09.03. 1847); *avó pat*: Maria Anna Aldrup (Lüdinghausen, ★ 12.1779 - ✞ 10.03.1847); *bisavô pat*: Joan Friedrich Huder; *bisavó pat*: Anna Gertrud Stücker; *avô mat*: Ludwig Vaupel (★ Padernborn); e *avó mat*: Anna Maria Reelsen (★ Padernborn).

Frederica veio para o Brasil contratada como governanta dos filhos de Guilherme, Guilherme (filho), Carlito, Sergio e Luiza Julieta. Tornou-se sua esposa e passou a assinar-se Frederica Huder Ribeiro, tal como figura em seu passaporte. Todos da prole advinda deste 2° consórcio foram registrados como filhos legítimos do casal e batizados na igreja de S. Lourenço, em Niterói-RJ, conforme a vontade de Guilherme Telles Ribeiro.

Minna Telles Ribeiro

Filhos com D. Anna Joaquina de Sousa Meirelles:

1 D. Francisca Meirelles Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro em 1848 e f. na mesma cidade a 08.09.1864. Solteira.

1 D. Carlota Telles Ribeiro, que segue (§ 1°).

1 D. Minna Telles Ribeiro, que segue (§ 2°).

1 D. Anna Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro (Irajá) em 1857. C . no R. Janeiro (Candelária) a 09.08.1876 c. Ernest Wilhelm Spann, n. em Dresden – Saxônia (Alemanha). Filho de Carlos Antonio Spann e de D. Henriquetta Spann. Foram suas testemunhas Joaquim Pereira Vianna de Lima e Rodopho Monteiro (Liv. 1866/1887, pp. 17 e 17v.).

Filhos:

2 Arthur Spann , f. antes de 1902, na Alemanha.

2 Ernest Spann, f. na Alemanha.

1 Guilherme Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro (Engenho Velho) a 7.11.1857. Batizado na Matriz do Engenho Velho a 16.12.1858. Foram padrinhos Carlos Guilherme Valther Dielhl e D. Maria Thereza Ribeiro, irmã de Guilherme Telles Ribeiro (pai). F. criança.

1 Carlos Guilherme Telles Ribeiro (Carlito), n. no R. Janeiro a 11.10.1859. Batizado a 15.05.1860 (Engenho Velho, Liv. 5°, 137). Foram padrinhos Hermann Matheus Tesdorpf e D. Maria Magdalena Ribeiro, irmã de Guilherme Telles Ribeiro (pai). C. e f. nos Estados Unidos. Teve cinco filhos. S.m.n.

1 Sergio Telles Ribeiro, C. e f. em Manaus-AM. Missa em 05.10.1905. Teve uma filha, D. Miriam Telles Ribeiro. S.m.n.

1 D. Luiza Julieta Telles Ribeiro, n. na Fazenda da Posse a 13.04.1869 e f. a 14.08.1937 no R. Janeiro (Cemit. S. J. Batista). Professora. C. no R. Janeiro (S. José) c. José de Larrigue Faro, n. a 02.11.1876, no R. Janeiro, filho de João Teixeira Darrigue de Faro (descendente do 1° barão do Rio Bonito, Joaquim José Pereira de Faro, n. em Braga, Portugal, a 07.03.1768 e f. no R. Janeiro a 10.11.1843) e de D. Maria Rosalina dos Santos Faro. S.g. Casou-se novamente com Nunes do Amaral que, segundo relato da família, era o leiteiro da casa. Bastante esperto, foi-se insinuando junto a Luiza, pessoa solitária e já idosa. Aos poucos conseguiu conquistá-la e convencê-la a se casar com ele. Tendo Luiza falecido pouco tempo depois, o marido entrou na posse de todos os seus bens, sem dar satisfação à família.

Guilherme Filho na poltrona, Guilherme Telles Ribeiro em pé, Frederica Huder Ribeiro com Luiza no colo, Frederica (Rica) no pufe, Wilfried em pé com Frederico inclinado sobre ele

Frederica Huder Ribeiro
(foto: Atelier Wertheim – Berlim)

Wilfried Telles Ribeiro
(foto: Studio Bastos Dias – RJ)

Tia Frederica (Rica) e o marido, Alfredo Fernandes (Photographo Louis Fiereck – *Pernambuco)*

Irma Telles Ribeiro (filha de Tio Frederico) e o marido, Ladislau

Filhos com D. Frederica Maria Herminia Huder:

1 Wilfried Telles Ribeiro, n. Niterói (Ilha de Mocanguê Grande) em 1870. Comerciante. C. em Niterói (S. J. Batista) a 24.12.1892 c. D. Anizia Maria Serpa, n. em 1876. Filha de Carlos Ferreira Serpa e de D. Maria Emmerencianna Serpa.

Filhos:

2 Guilherme Telles Ribeiro Junior, n. em Niterói–RJ a 03.05.1895 e aí f. a 16.06.1898.

2 Amizuê Telles Ribeiro, n. em Niterói–RJ em abril de 1900 e f. a 09.06.1900.

1 Guilherme Telles Ribeiro, n. Niterói–RJ em 1872 e f. a 12.04.1894, vítima de febre perniciosa (varíola). Solteiro. Herdou de seu pai metade da Fazenda da Posse e benfeitorias na ilha de Mocanguê Grande. Com sua morte, os bens passaram para sua mãe, D. Frederica Huder Ribeiro.

1 D. Frederica Telles Ribeiro (Rica), n. em Niterói–RJ a 03.05.1873 e f. no Rio de Janeiro a 23.10.1937. C. a 01.10.1898 em Niterói (S. J. Batista) c. Alfredo Aleixo Fernandes, n. 1875 na ilha da Madeira. Filho de Manoel Fernandes e de D. Maria Constança Fernandes. S.g. Eram comerciantes de tecidos, com loja na rua Direita n° 5, em Recife–PE. Possuíam um sítio em Tigipió, perto de Recife, onde os sobrinhos costumavam passar as férias. Viajavam à Europa para trazer artigos e novidades para a loja. Não tiveram filhos. Criou seu irmão mais novo, Sergio Telles Ribeiro, até o momento em que ele se apaixonou por uma funcionária da loja, Belarmina, coisa que tia Rica não aprovou, tendo então rompido com o irmão. Já mais velhos, mudaram-se para o Rio de Janeiro. Entre outros negócios, possuíam ações do Hotel Suíço, tradicional estabelecimento situado na Rua da Glória 268. Quando faleceu, tia Rica morava na rua da Glória, 68. Nesta época, Sérgio já havia falecido e Belarmina (Bela) também tinha vindo para o Rio. A revelia de tia Rica, tio Alfredo passou a proteger e cortejar tia Bela, com quem manteve uma união, da qual consta ter havido filhos. Ao morrer, tio Alfredo deixou para ela todos seus bens.

1 Frederico Telles Ribeiro, n. 1874 em Niterói-RJ. C. em Campos–RJ c. D. Josepha de Azevedo, filha de Prudêncio da Silva e de D. Francisca Maria da Conceição. F. em Campos, assassinado durante um assalto à fazenda onde morava.

Filha:

2 D. Irma Telles Ribeiro, n. em Campos–RJ a 03.02.1910 e C. no R. Janeiro (S. Francisco Xavier) a 5.7.1935 c. Ladislau Cardoso, n. a 16.07.1902 em Portugal, filho de José Cardoso e de D. Rosalina de Jesus. S.g. Depois do falecimento dos pais, foi morar com tio Raul (Raul Telles Ribeiro) e tia Lalá (v. § 4°). Casou-se já com alguma idade e, para compensar este pormenor, tia Lalá achou conveniente abater alguns anos na sua certidão de batismo. Com isto ficou difícil saber ao certo em que ano Irma nasceu. Sabe-se que ela era das mais velhas entre os primos. Casou-se na igreja de S. Francisco Xavier, no Rio Comprido (RJ). Morava, nesta época, na rua Amazonas n° 14, S. Cristovão. Tendo ficado viúva, casou-se novamente, com um aluno de seu marido, e a pedido deste. Adotou uma menina.

1 D. Luiza Telles Ribeiro, que segue (§ 3°).

1 Raul Telles Ribeiro, que segue (§ 4°).

1 Bernardo Telles Ribeiro, n. em Niterói–RJ. S.g.

1 Hermann Telles Ribeiro, que segue (§ 5°).

1 D. Candida Carolina Telles Ribeiro, que segue (§ 6°)

1 João Telles Ribeiro, que segue (§ 7°).

1 D. Guilhermina Telles Ribeiro, que segue (§ 8°).

1 Drago Telles Ribeiro, que segue (§ 9°).

1 Bernardo Sergio Telles Ribeiro, que segue (§ 10°).[1]

§ 1°

D. CARLOTA TELLES RIBEIRO[2] — n. em 1853 na ilha do Faial (Açores) e f. a 15.07.1890, a bordo de um navio em viagem para a Europa. C. em Niterói (S. J. Batista) a 25.01.1875, c. Eugênio Joaquim de Sá, n. no R. Janeiro

---

[1] Os filhos de Guilherme Telles Ribeiro e D. Frederica Huder Ribeiro foram batizados na Igreja de S. Lourenço, Niterói–RJ. O livro de batismos principal foi destruído pelas traças, só restando o livro índice e, com isso, tornou-se impossível saber a data de nascimento de alguns dos filhos mais velhos.

[2] Transcrito de "João Rodrigues da Silva e sua Descendência", por Carlos G. Rheingantz e Jorge G. Felizardo, 1° vol. (Rio, 1952/53).

(Candelária) a 24.11.1848 e f. a 24.08.1887 no R. Janeiro. Filho de José Maria de Sá e de D. Maria Josefa da Cunha.

Filhos:

1 Arthur de Sá, n. no R. Janeiro a 25.04.1875 e aí f. 25.07.1875.

1 Alberto Carlos de Sá, n. em 1876 em Recife-PE e f. no R. Janeiro a 24.08.1893.

1 Mário Oscar de Sá, n. na Fazenda da Posse – RJ a 02.08.1879. Batizado na Capela de N. S. da Conceição da fazenda do comendador Pedro Antonio Telles Barreto de Menezes. Foram padrinhos: Elias José dos Santos e sua mulher, D. Jesuina Nunes dos Santos (Candelária, 1879 a 1887, pág. 3). F. no R. Janeiro a 15.08.1922.

1 Edgar de Sá, n. em fevereiro de 1881 e f. a 17.05.1881.

1 José Henrique de Sá , n. no R. Janeiro a 16.04.1883 e f. em Niterói–RJ.

1 D. Olga Ana de Sá, n. no R. Janeiro a 20.07.1885 . C. a 24.08.1912 no R. Janeiro c. Antônio de Moura e Silva, n. em Fortaleza–CE a 04.09.1887. Filho de José Fernando de Moura e Silva e de D. Leonilha de Menezes.

Filho:

2 José de Sá Moura e Silva, n. 08.06.1913 e f. no mesmo dia.

1 D. Eugênia Noemi de Sá (Azevedo)[3], n. no R. Janeiro (Candelária) a 15.11.1886. Batizada na Candelária a 17.12.1887. F. no R. Janeiro, a 23.10.1955. C. 1ª vez no R. Janeiro (Glória) a 11.10.1906 c. Antônio Martins Lage Filho, n. no R. Janeiro (Lagoa) a 17.02.1879 e b. na igreja de S. João Batista da Lagoa em 03.05.1882. F. no R. Janeiro a 20.10.1918. Filho de Antonio Martins Lage e de D. Cecília Braconnot (∞ na Matriz da Glória a 14.03.1877), expoentes da sociedade carioca do último quartel do século XIX, ela, imortalizada em tela do pintor Jean Van Beers, de 1895, que durante muito tempo adornou o grande salão da mansão de Henrique Lage no tradicional bairro do Jardim Botânico, no R. Janeiro[4]. Cecilia Braconnot tocava piano muito bem e possuía uma voz suavíssima

---

[3] Eugenia Noemi de Sá, conhecida pelo apelido de Baby, depois que perdeu os pais, foi perfilhada por seus padrinhos, Augusto Alvares de Azevedo e D. Thereza Vianna de Lima. Deles adotou o sobrenome Azevedo, passando a chamar-se Eugenia Noemi de Sá Azevedo.

[4] V. Wanderley Pinho, *Salões e Damas do Segundo Reinado* (São Paulo, Liv. Martins Ed., s/d), pp.151-4 e 295-6.

e muito educada. Costumava brindar os convivas que freqüentavam os salões do barão de Cotegipe, com o prazer de suas interpretações de árias italianas e francesas. *Avô pat*: Antônio Martins Lage, comendador; *avó pat*: Anna Rita de Mattos Lage; *avô mat*: Carlos Braconnot; *avó mat*: Maria Pereira Braconnot. O avô, Carlos Braconnot, era Oficial–engenheiro, diretor da Oficina de Máquinas do Arsenal, e foi quem, em 1865, desenhou as máquinas das corvetas encouraçadas "Barroso" e "Rio de Janeiro" (*A Marinha por Marc Ferrez, 1880-1910*. Editora Index-Verolme, pág. 43). C.g.
C. a 2ª vez em Petrópolis-RJ a 25.03.1922, c. Julius Edward Philippi, n. em Beardston -EUA em 1882 e f. em Ottawa – Kansas, Ohio (EUA) a 18.01.1947. Filho de Edward Hugh Philippi e de D. Mary Norton. Separaram-se. C.g. C. em 3ª núpcias no Reno – Nevada (EUA), a 29.06.1938, c. seu primo Harold Robert Murray . S.g. (v. § 2 - nº 7).

Filhos de D. Eugênia Noemi e Antonio:

2 Antonio Augusto Martins Lage, n. no R. Janeiro a 05.08.1907 e b. a 28.09.1907, na Freguesia de S. João Batista da Lagoa. Foram seus padrinhos o avô paterno e D. Leopoldina Russel de Oliveira (Liv. 16, pág. 55). F. nesta cidade a 29.03.1967. C. em 1ªs núpcias no R. Janeiro, a 20. 07.1929, c. D. Celia Attias Correia, n. no R. Janeiro (Eng. Novo) a 19.04.1912 e b. a 03.03.1913 na Paróquia de N. S. da Conceição do Engenho Novo. Foram seus padrinhos: Theóphilo Fortes e D.Theresa Costa Fortes. F. nesta cidade a 28.08.1994. Filha de Alvaro da Costa Correia e de D. Ester Attias.
C. em 2ªs núpcias no México, a 10.09.1944, c. D. Maria Luiza Van Erven (Zette), n. no R. Janeiro a 04.07.1909. Filha de Henrique Van Erven, notável empresário, e de D. Elvira d'Amarante Cruz. *Avô pat*: João Van Erven Sobrinho e *avó pat*: D. Luiza da Rocha Miranda. A família Van Erven possuía uma firma de Importação de Máquinas para a Indústria, Oficinas e Lavoura, com escritório na rua Theophilo Ottoni, 75 (RJ).

Filhos de Antonio Augusto e D. Celia:

3 D. Cecília Lage, n. no R. Janeiro, a 06.08.1932 e C. nesta cidade c. Yanar Carvalho Santos, n. no R. Janeiro a 04.06.1919. Filho de Demivioso Correia Santos e de D. Jandira Carvalho.

Filhos:

4 Eduardo Lage Santos, n. no R. Janeiro a 02.06.1955.

4 Marcos Lage Santos, n. no R. Janeiro a 18.11.1958. Gêmeo de Fábio Lages Santos, abaixo. C. a 1ª vez c. D. Andrea Isabella Dondreau Forner, n. em Santiago – Chile a 02.09.1960. Filha de Mario Dondreau Navarrete e de D. Isabel del Carmen Forner Senra. Separaram-se.
Marcos C. a 2ª vez (união) a 26.12.1987 c. D. Daisy Marisa Zaninotto, n. em S. Paulo-SP a 04.03.1960. Filha de Nello Zaninotto e de D. Coraly Gomes Zaninotto.

Filha de Marcos e D. Andrea:

5 Paula Forner Santos, n. no R. Janeiro a 17.08.1981 (vide pág. 454).

Filha de Marcos e D. Daisy :

5 Michelle Zaninotto Santos, n. no R. Janeiro a 23.10.1988.

4 Fábio Lage Santos, n. no R. Janeiro a 18.11.1958. Gêmeo do anterior, Marcos Lage Santos. C. a 1ª vez no R. Janeiro a 09.03.1980 c. D. Mônica Felix de Souza, n. em Belo Horizonte-MG a 11.12.1960. Filha de Antonio Augusto Felix de Souza e de D.Eunice Barbosa Felix de Souza. Separaram-se.
Fábio C. uma 2ª vez (união) a 11.12.1990 c. D. Adriana Cobra Moreira, n. em Barbacena–MG a 20.01.1971. Filha de Silvio Timoteo Moreira (★ MG 25.11.1943) e de D. Ana Maria Cobra Moreira (★ Cristiano Ottoni – MG, 04.11.1943).

Filha de Fábio e D. Mônica:

5 Tatiana Felix de Souza Lage Santos, n. a 24.09.1983.

3 D. Regina Lage, n. no R. Janeiro a 30.04.1937 e C. nesta cidade, a 05.01.1957, c. Claudio Manoel de Menezes Rebello, n. em Manaus–AM a 24.11.1927. Filho de Joaquim José Rebello e de D. Verônica de Menezes.

Filhos:

4 Marcelo Lage Rebello, n. no R. Janeiro a 10.04.1958. C. no R. Janeiro a 05.05.1984 c. D. Leila Maria Kraemer Saad, n. no R. Janeiro a 16.05.1958. Filha de Callil João Saad e de D. Edna Kraemer Saad.

Filhos:

5 Beatriz Saad Rebello, n. no R. Janeiro a 19.10.1987.

5 Gabriel Saad Rebello, n. no R. Janeiro a 27.02.1990.

4 D. Mônica Lage Rebello, n. no R. Janeiro a 11.07.1960. C. no R. Janeiro (Pequena Cruzada) a 05.12.1980 c. Ricardo Leite Ottati , n. no R. Janeiro a 28.12.1954 . Filho de José Leite Ottati e de D. Jamila Ottati.

Filhos:

5 Felipe Rebello Ottati, n. no R. Janeiro a 03.10.1984.

5 Luciana Rebello Ottati, n. no R. Janeiro a 11.12.1985.

4 D. Claudia Lage Rebello, n. no R. Janeiro a 27.11.1962. C. na mesma cidade a 26.07.1986 (Pequena Cruzada) c. Ricardo Gonçalves da Motta, n. no R. Janeiro a 28.05.1962. Filho de Walter Ferreira da Motta e de D. Hêle-Nice (Lili) Gonçalves da Motta.

Filhos:

5 Rodrigo Rebello da Motta , n. no R. Janeiro a 28.02.1990.

5 Clarice Rebello da Motta, n. no R. Janeiro a 20.03.1995.

4 Paulo Lage Rebello, n. no R. Janeiro a 28.10.1963. C. no R. Janeiro a 17.9.1992 (religioso) e 20.9.1992 (civil) c. D. Rose Marie Hill Moura, n. no R. Janeiro a 10.06.1966. Filha de Wilson Carlos Corrêa Moura e de D. Dilva Celina Hill de Moura. S.g.

Filho de Antonio Augusto e D. Maria Luiza:

3 Henrique Van Erven Lage, n. no R. Janeiro a 20.09.1949. C. a 1ª vez em Itaipava–RJ a 29.07.1973, c. D. Lúcia Maria de Barros Barreto, n. no R. Janeiro a 05.04.1953. Filha de Dr. Arnaldo de Barros Barreto e de D. Lúcia Cristina Sampaio Bahiana.
C. 2ª vez (união) c. D. Olga Maria de Salles Guerra, n. no R. Janeiro a 03.09.1951. Filha de Paulo de Salles Guerra e de D. Olga Alexander de Salles Guerra.

Filho de Henrique e D. Olga Maria:

4 Antonio de Salles Guerra Lage, n. no R. .Janeiro a 26.12.1987

2 Alfredo Martins Lage, n. no R. Janeiro a 04.05.1909 e C. em 1as núpcias nesta cidade, a 23.07.1929, c. D. Helena de Carvalho, n. no R. Janeiro a 05.08.1911. Filha de Antônio Augusto de Carvalho (★ 08.06.1885) e de D. Maria Amélia Bucker (★ 17.01.1888). Desquitaram-se.
C. em 2as núpcias no R. Janeiro, em novembro de 1935, c. D. Branca Eickhoff, n. em Hamburgo (Alemanha) a 04.01.1913 e f. em Friburgo-RJ a 29.01.1985. Filha de Karl Wilhelm Gustav Eickhoff e de D. Elisabeth Krause Eickhoff.

Filhos de Alfredo e Helena:

3 D. Gilda Lage, n. no R. Janeiro, a 19.06.1930. e C. nos Estados Unidos, a 08.03.1960 c. Charles Henry Stratton III, n. em New Jersey (EUA) a 11.09.1934. Filho de Daniel Eldridge Stratton e de D. Mildred Ella Mehr.

Filhos:

4 Niel Anthony Stratton, n. na Califórnia (EUA) a 15.02.1962. Solteiro.

4 D. Leslie Mirian Stratton, n. em Kailua – Havai (EUA) a 04.06.1970. C. no R. Janeiro a 07.07.1994 c. Romero Lallemant Lyra, n. no R. Janeiro a 09.07.1958. Filho de Antonio Pereira Lyra e de D. Marylia Eluiza Lallemant Lyra.

5 Nathaniel Stratton Lallemant Lyra, n. no R. Janeiro a 12.12.1994.

5 Brendon Stratton Lallemant Lyra, n. no R. Janeiro a 21.10.1997.

Filho de Alfredo e D. Branca Eickhoff:

3 Antônio Eduardo Martins Lage, n. no R. Janeiro a 07.10.1938. C. em 1as núpcias com D. Raquel Lima de Andrade, n. em Ladário–MS. Filha de Ayres Cunha de Andrade e de D. Lenice Lima.
C. em 2ª núpcias no R. Janeiro a 30.10.1965, c. D. Maria Luiza Castro de Andrade, filha do Almirante Lisandro de Andrade e de D. Maria Augusta de Castro e Costa.
C. a 3ª vez (união), em 1980, c. D. Perside Leal, n. em Lumiar-RJ a 2.10.1927. Filha de Manoel Ferreira Leal e de D. Palmira Crescêncio Ferreira Leal. S.g.

Filhos de Antonio e D. Raquel:

4 Antonio Carlos de Andrade Lage, n. no R. Janeiro a 13.02.1962 e f. a 10.08.1986.

4 D. Mônica de Andrade Lage, n. no R. Janeiro a 22.10.1964. Solteira.

2 Eugenio Martins Lage, n. em Petrópolis–RJ a 11.04.1913 e f. a 31.05.1977. C. em Albany – NY (EUA), a 02.04.1938, c. D. Marjorie Lyon, n. em Los Angeles – CA (EUA) a 11.06.1916 e f. em S. Paulo a 02.11.1962. Filha de John Francis Lyon e de D. Marjorie Bastian.

Filhos :

3 D. Suzana Lage, n. no R. Janeiro a 10.04.1939 e C. no R. Janeiro a 09.01.1959 c. Caio Graco da Silva Prado, n. em S. Paulo-SP a 02.08.1931 e aí f. a 18.06.1992 (de tradicional família paulista, enriquecida na lavoura do café e descendente de Antônio da Silva Prado, barão de Iguape), filho de Caio da Silva Prado (economista e historiador emérito) e de D. Hermínia Ferreira Cerquinho (D. Baby Cerquinho).

Filhos:

4 João da Silva Prado, n. em S. Paulo-SP a 7.10.1972. Solteiro.

4 Caio da Silva Prado Junior, n. em S. Paulo-SP a 10.03.1974. Solteiro.

4 Maria Eugênia Lage da Silva Prado, n. em S. Paulo-SP a 28.01.1978. Solteira.

3 Luiz Eugênio Lage, n. em S. Paulo-SP a 01.06.1944. C. (união) c. D. Mary de Los Angeles Fernandez Diaz , n. em León (Espanha) a 24.04.1945. Filha de Alfredo Fernandez Lopez e de D. Angela Diaz Rodriguez.

Filho:

4 Luiz Eugenio Fernandez Lage, n. no R. Janeiro a 07.02.1985.

2 Carlos Martins Lage, n. no R. Janeiro a 29.09.1915 e C. em 1as núpcias, nesta mesma cidade (Sagrado Coração), a 23.12.1936, c. D. Lia Margarida Lopes da Cunha, n. em Pernambuco a 24.02.1916. Filha de Oscar Francisco da Cunha e de D. Othilia Lopes da Cunha. Desquitaram-se em 1940. S.g.
C. a 2ª vez na Catedral de Assunção (Paraguai) a 29.09.1943, c. D. Abigail Isquierdo Ferreira (Bibi Ferreira) n. no R. Janeiro a 10.06.1922. Renomada atriz e cantora, filha de João Procopio Ferreira, também renomado ator de teatro, e de D. Aída Isquierdo. S.g.
C. a 3ª vez c. D. Lygia Bojunga Nunes, escritora. Filha de Alvaro Leite Nunes e de D. Aída Bojunga. S.g.
C. pela 4ª vez no R. Janeiro a 22.04.1974, c. D. Maria Isa Tavares Bastos, n. nesta cidade a 22.03.1944. Filha de Moacyr Tavares Bastos e de D. Diná Cardoso. S.g

Filha de D. Eugênia Noemi e Julius:

2 D. Eugênia Maria Philippi (Gene), n. no R. Janeiro a 28.08.1923 e C. nesta cidade (Outeiro da Glória) a 19.07.1944, c. João Borges Neto, n. no R. Janeiro a 14.7.1923, filho de João Borges Filho e de D. Helena Dutra de Souza Gomes. *Neto pat.* de João Vieira da Silva Borges e de D. Geralda Eugênia de Meira e *neto mat.* de Arlindo de Souza Gomes e de D. Elisa de Azevedo Dutra. Seu avô era rico proprietário em Parati e Angra dos Reis (RJ) e também na cidade do Rio de Janeiro. Médico de nomeada, foi um dos fundadores da Clínica S. Vicente, na rua João Borges, na Gávea, assim denominada em sua homenagem.

Filhos:

3 D. Sônia Philippi Borges, n. no R. Janeiro a 19.02.1949. C. no R. Janeiro a 06.01.1970 c. Hugo Bastos da Rocha Junior,

n. a 24.10.19??. Filho de Hugo Bastos da Rocha e de D. Eunice da Rocha.

Filhos:

4 Camila Borges da Rocha, n. em Macaé–RJ a 20.09.1978.

4 André Borges da Rocha, n. em Macaé–RJ a 20.08.1981.

3 João Philippi Borges, n. no R. Janeiro a 20.05.1950. C. c. D. Magali Nader, n. a 03.07.1953. Filha de Jorge Nicolau Nader e de D. Renee Moreira Nader. Separaram-se.

João C. uma 2ª vez (união) c. D. Elizabeth Nardelli Ribeiro.

Filhos de João e D. Magali:

4 Paula Nader Borges, n. no R. Janeiro a 17.03.1977.

4 João Philippi Borges Filho, n. no R. Janeiro a 26.05.1979.

3 Julio Philippi Borges, n. no R. Janeiro a 06.09.1952 e f. em 1981. Solteiro.

3 Gilda Philippi Borges, n. no R. Janeiro a 18.07.1954. C. c. Paul Van Gent (holandês). Mora na Holanda.

Filho:

4 Olavo Borges Van Gent, n. a 25.04.1990.

3 Jorge Philippi Borges, n. no R. Janeiro a 24.04.1956. C. (união) em agosto de 1988 c. D. Marcia Modesto Gonzaga, n. no R. Janeiro a 03.12.1962. Filha de Guilherme Neves Gonzaga e de D. Ruth Modesto Gonzaga.

Filhos:

4 Gustavo Gonzaga Borges, n. no R. Janeiro a 27.02.1991.

4 Juliana Gonzaga Borges, n. no R. Janeiro a 16.08.1996.

3 José Philippi Borges, n. no R. Janeiro a 06.11.1958 e aí f. a 14.12.1999. C. nesta cidade a 30.06.1982 c. D. Suzana Furtado, n. em Juiz de Fora–MG a 28.03.1960. Filha de Rubens Furtado e de D. Yara Neves Furtado. Separaram-se em 1991.

Filhas:

4 Maria Eugenia Furtado Borges, n. no R. Janeiro a 19.10.1984.

4 Olivia Furtado Borges, n. no R. Janeiro a 19.12.1987.

§ 2º

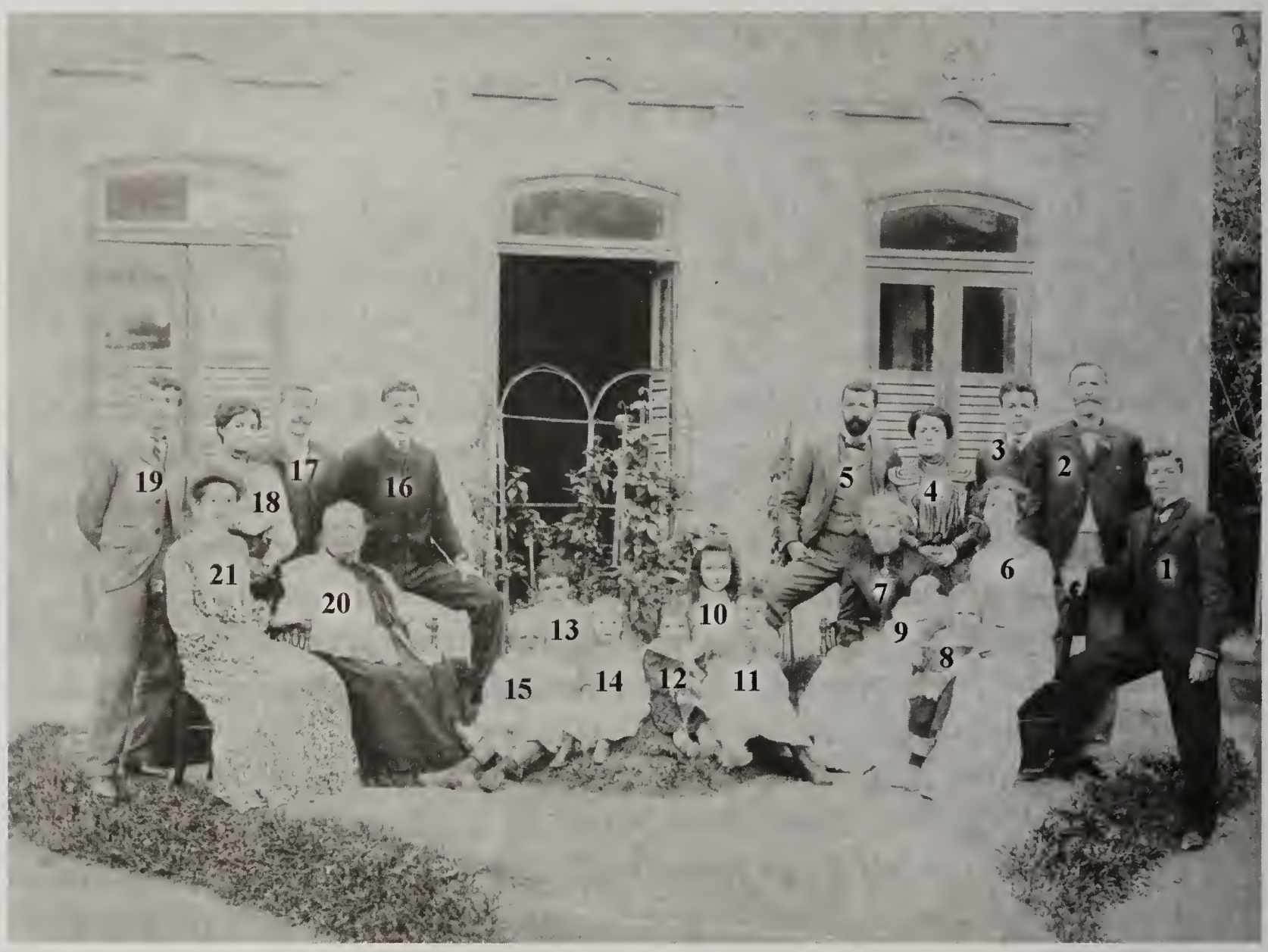
D. MINNA TELLES RIBEIRO – n. no Rio de Janeiro (Andaraí – Eng. Velho) a 24.11.1855 e f. na mesma cidade a 04.11.1929. C. na capela do Engenho da Posse, freguesia do Pilar, município da Estrela (RJ), que pertencia então a Guilherme Telles Ribeiro, a 25.12.1870 (Sta. Rita, Liv. 6º, fl. 232) c. John Ferguson Murray, n. em Dalry, Ayrshire, na Escócia, a 17.11.1843, e f. no R. Janeiro a 24.8.1905. Filho de John Murray e de D. Mary Ferguson Murray. Engenheiro da "Rio de Janeiro City Improvements Company". Segundo relato da família, John F. Murray tinha ido para as bandas do Engenho da Posse, a serviço e, de passagem pela fazenda, viu Minna que assomava à janela e por ela se encantou. Logo procurou Guilherme Telles Ribeiro e lhe pediu a mão da filha. O casamento foi celebrado pelo Padre Manoel e teve como padrinhos José Manoel da Rocha e a irmã de Minna, Carlota Telles Ribeiro.

Viveram por muito tempo em Curitiba-PR, numa casa conhecida como Vila Murray, que eles mandaram construir. Sua localização correspondia, hoje em dia, ao alto da rua 15 de Novembro (ou rua das Flores), onde se situa a praça do Expedicionário, cujo terreno foi doado pela família à municipalidade de Curitiba. John Ferguson Murray e Minna Ribeiro Murray foram figuras de grande destaque na sociedade local.

Assinale-se que, num certo momento, ocorreu o rompimento dos filhos de Anna Joaquina de Sousa Meirelles com o pai, inconformados com o fato de Guilherme Telles Ribeiro ter formado uma nova família com Frederica Huder. Mais tarde, Minna Ribeiro Murray tomou a iniciativa de procurar seus meio irmãos e reatar com eles os laços familiares. O necrológio de Minna, publicado no Jornal do Comércio, continha uma extensa lista de pessoas que compareceram ao velório e, entre elas, alguns dos filhos de Guilherme Telles Ribeiro e Frederica Huder. Guilhermina Ribeiro Millions foi uma das meio irmãs que mais conviveu com Minna Murray.

Filhos de Minna e John:

1 D. Anna Luiza Murray, n. em Santos-SP a 15.11.1871 e f. a 30.7.1876.



1- Percy Murray
2- John Ferguson Murray
3- Charles Muray
4- Palmira Vidal Murray
5- John Wallace Scott Murray
6- Mary Leopoldina
7- Minna Ribeiro Murray
8- Estela (no colo de M. Leopoldina)
9- Edgard (no colo de Minna)
10- Minna Murray (filha)
11- Elsie (filha de John e Palmira)
12- Sarita Murray (Ceci)
13- Carmen Silvia Murray (Baby)
14- Maria Cecilia (filha de Edwin)
15- Minita (filha de Edwin)
16- William Ruthven Murray
17- Edwin Douglas Murray
18- Noemia do Lago Murray
19- Haroldo
20- Anna Joaquina Meirelles T. Ribeiro
21- Aida Victoria Murray

John Ferguson Murray

Minna Ribeiro Murray

1 John Wallace Scott Murray, que segue no nº 1.

1 Edwin Douglas Murray, que segue no nº 2.

1 William Ruthven Murray, que segue no nº 3.

1 D. Mary Leopoldina (Marieta) Murray, que segue no nº 4.

1 D. Aida Victoria Murray, que segue no nº 5.

1 Charles Robert Murray, que segue no nº 6.

1 Edgard Murray, n. a 01.01.1884 e f. 08.03.1897.

1 Percy Murray, n. em Bayswater - Londres (Inglaterra), a 19.12.1886 e f. em Curitiba-PR a 08.01.1906.

1 Harold Robert Murray, que segue no nº 7.

1 D. Minna Murray, que segue no nº 8.

1 D. Carmem Silvia Murray, n. em Londres (Inglaterra) a 19.12.1890, e batizada em Paris, França (St. Pierre Charlot), em 1891 ou 1892. Foram padrinhos o conde de Sebastião de Pinho e D. Corina Ribeiro, representados por Aida Victoria Murray e William R. Murray. F. no R. Janeiro a 12.07.1951. Solteira.

§ 2º - nº 1

1 John Wallace Scott Murray, n. em Santos–SP a 03.09.1873. F. em Curitiba–PR a 09.12.1934. Batizado no R. Janeiro (São José, Liv. 12, fl. 59) em 30.01.1874. Foram padrinhos José Manoel da Rocha e D. Carlota Telles Ribeiro. Negociante, exportador de borracha e madeiras do Paraná e representante de firmas de navegação inglesas. C. em Curitiba–PR em junho de 1898, c. D. Palmira Vidal, n. a 06.02.1885 nesta cidade e f. também em Curitiba a 23.10.1958. Filha de Joaquim Gomes Vidal e de D. Rosa Garcez Vidal. Professora.

Filhos:

2 D. Sarita Scott Murray (Ceci), n. em Manaus–AM a 04.11.1900. C. em Rivera (Uruguai), em 1934 c. Arsenio Pinto, n. no Paraná a 19.07.1889. Filho de Mathias Soares Pinto e de D. Gabriela Miranda Pinto. Funcionário da Estrada de Ferro do Paraná.

Filhos:

3 John Murray de Miranda Pinto, n. em Curitiba–PR a 30.11.1935 e f. em Curitiba a 04.05.1993. Médico. C. no R. Janeiro a 25.03.1970 c. D. Maria Emília Hostin Samy, n. em S. Francisco do Sul-SC a 08.06.1943. Filha de Antonio Hostin Samy e de D. Maria Estelita Nobrega Samy.

Filho:

4 Alexandre Murray Pinto, n. no R. Janeiro a 20.06.1972.

De uma união teve:

4 John Michael Murray Pinto, n. em 1993.

3 D. Grace Murray Pinto n. em Curitiba-PR a 04.04.1939. C. nesta cidade a 06.01.1987 c. Adalberto Ricardo dos Santos Filho, n. em Jacarezinho–PR a 29.05.1927. Filho de Adalberto Ricardo dos Santos e de D. Aladie Gheur Ricardo dos Santos.

3 D. Sonia Murray Pinto n. em Curitiba–PR a 12.02.1948. C. em Curitiba a 19.07.1973 c. Jefferson Del Castilho, n. a 19.02.1948. Filho de Del Castilho e de D. Zaira Musse Del Castilho.

Filhos:

4 Rodrigo Otavio Del Castilho, n. em Curitiba–PR a 16.07.1976.

4 Jefferson Del Castilho Junior, n. em Curitiba–PR a 20.10.1978.

2 D. Elsie Scott Murray, n. no R. Janeiro a 03.10.1902. Batizada (Lagoa, Liv. 14º, fl. 210) a 18.02.1904. Foram padrinhos os avós paternos. F. na mesma cidade a 03.03.1988. C. no R. Janeiro, a 11.07.1923, c. Dimas Siqueira de Menezes, n. em Belém do Pará a 22.02.1899 e f. no R. Janeiro a 30.01.1970. Filho de João de Siqueira Menezes e de D. Elvira Pereira de Siqueira Menezes. Oficial do Exército da Arma de Artilharia. Aspirante a 29.04.1918; Segundo-Tenente a 26.12.1918; Primeiro-Tenente a 03.01.1920; Capitão a 09.02.1923; Major a 10.02.1933 (m.); Tenente-Coronel a 03.05.1938 (m.); Coronel a 25.08.1942 (m.); General-de-Brigada a 22.01.1947. Em 29.11.1931 foi nomeado membro do Conselho Consultivo do Es-

Filhos de John e Palmira: Bob, Lucy, Jorge, Helena e Wallace. Sentados: Elsie, John e Sarita.

Sarita Scott Murray, o marido Arsenio Pinto e Mary Millions. Curitiba-Paraná, 1932

tado do Paraná. Participou da Revolução Constitucionalista de São Paulo, com as forças do Governo, de 12.07 a 03.10.1932, tendo sido Ajudante de Ordens do general Waldomiro Lima. Tomou parte nos combates de Itararé, Buri, Rio das Almas e Paranapanema, sendo sempre elogiado por seus superiores pela coragem, organização de combate e inteligência no comando das tropas. Em 1932 participou dos combates contra o Levante Comunista. Durante a 2ª Guerra Mundial serviu como Chefe do Estado-Maior da 7ª Região Militar, de 17.11.1943 a 13.01.1944 e de 02.04.1944 a 23.08.1945, em Pernambuco, nas tarefas de patrulhamento e segurança do litoral. Em 1944 estagiou no Exército dos EUA. Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e a Escola de Estado-Maior. Segundo relato da família, antes do segundo mandato de Getúlio Vargas (1950-54), houve uma reunião do alto comando do Exército para decidir se obstavam ou não à candidatura de Getúlio à presidência da República. A maioria dos oficiais era de opinião de que esta candidatura não oferecia risco para a segurança do Estado, porque não conseguiria muitos votos do eleitorado. Dimas Siqueira de Menezes pensava o contrário e chegou a apostar com outro membro do alto comando, o General Canrobert Pereira da Costa, que Getúlio seria eleito. Como isto de fato aconteceu, ele, desgostoso, pediu passagem para reserva. Foi reformado em 06.07.1953, no posto de Marechal. Recebeu as seguintes condecorações: Ordem do Mérito Militar – Oficial; Medalha Militar de Ouro; Medalha de Guerra; e Medalha do Atlântico Sul (Dados obtidos no Arquivo Histórico do Exército).

Filhos:

3 Leo de Siqueira Menezes, n. no Rio de Janeiro a 07.11.1925 e f. no R. Janeiro a 23.03.2000. Advogado. C. no R. Janeiro c. D. Solange Sergio, n. no R. Janeiro a 28.01.1926. Filha de Jayme de Caldas Sergio e de D. Corina de Souza Sergio.

Filhas:

4 D. Jussara Sergio Siqueira de Menezes, n. no R. Janeiro 08.07.1956.

4 D. Denise Sergio Siqueira de Menezes, n. no R. Janeiro a 13.10.1957. Advogada.

3 Carlos Alberto de Siqueira Menezes, n. em Curitiba a 29.11.1927 e f. a 28.7.1986. Advogado. C. no R. Janeiro a

26.07.1954 c. D. Evelin Pontes, n. no R. Janeiro a 28.11.1927. Filha de Manoel de Oliveira Pontes e de D. Dora Oliveira Pontes.

Filhos:

4 D. Eliane Pontes de Siqueira Menezes, n. no R. Janeiro a 15.04.1955. Solteira. Funcionária da Receita Federal.

4 D. Elizabeth Pontes de Siqueira Menezes, n. no R. Janeiro a 29.05.1958. Bibliotecária. C. na mesma cidade a 09.09.1983 c. Sergio Pereira Carvalho, n. no R. Janeiro a 08.03.1959. Filho de Eulicio Carvalho e de D. Vandeci Pereira de Carvalho. Comerciante.

Filha:

5 D. Nathalia de Siqueira Menezes de Carvalho, n. no R. Janeiro a 12.08.1987.

4 D. Sandra Pontes de Siqueira Menezes, n. no R. Janeiro a 14.12.1960. C. (união) c. Eubaldo Homobono Santa Brígida, n. na Paraíba a 24.09.1960. Filho de Durval Santa Brígida e de D. Doracinda Homobono Santa Brígida. Advogado.

3 D. Consuelo Murray de Menezes, n. em Curitiba-PR a 11.12.1929. C. no R. Janeiro a 11.12.1961 c. Lineu Dondeo, n. em Curitiba-PR a 17.09.1932 e f. no R. Janeiro a 24.12.1995. Filho de Alexandre Dondeo e de D. Juanita Dondeo. Contador e advogado.

Filhos:

4 Ricardo Dondeo, n. em Curitiba-PR a 01.01.1963. Oficial de Marinha. Capitão-de-Corveta. Medalha de Serviço Militar – Bronze. C. no R. Janeiro a 10.12.1990 c. D. Maria Dulce de Souza Leão, n. no R. Janeiro a 10.11.1970. Filha de Antonio Alberto Souza Leão e D. Maria Sylvia Veríssimo de Souza Leão.

Filha:

5 Marina de Souza Leão Dondeo, n. no R. Janeiro a 01.06.1992.

Consuelo Dondeo com filho, nora, filhas, genros e netos

4 D. Patricia Dondeo, n. em Curitiba-PR a 08.03.1964. Economista. C. no R. Janeiro a 28.12.1984 c. Edvan Lima Filho n. em Rosário do Sul–RS a 14.06.1958. Filho de Edvan Lima e de D. Dirce de Medeiros Lima. Professor, Instrutor de Esgrima na Escola Naval e no Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Filho:

5 Gabriel Dondeo Lima, n. no R. Janeiro a 14.08.1988.

4 D. Carla Dondeo, n. em Curitiba-PR a 30.06.1965. Professora. C. no R. Janeiro a 11.06.1985 c. Alvaro Henrique Verocai, n. no R. Janeiro a 13.10.1958. Filho de Waldir Verocai e de D. Iris Cortes Verocai. Engenheiro.

Filhos:

5 Henrique Dondeo Verocai, n. no R. Janeiro a 06.02.1989.

5 Giulia Dondeo Verocai, n. no R. Janeiro a 16.6.1995.

4 D. Renata Dondeo, n. no R. Janeiro a 20.10.1971. Professora. Estudante de Arquitetura. C. na mesma cidade a 27.12.1988 c. Mauricio Soldon Freire, n. no R. Janeiro a 14.07.1962. Filho do General Sergio Augusto Ribeiro Freire e de D. Teresa Kolontai Soldon.

Filhos:

5 Sergio Dondeo Freire, n. no R. Janeiro a 10.06.1992.

5 Rafael Dondeo Freire, n. no R. Janeiro a 02.01.1997.

2 D. Helena Scott Murray, n. no R. Janeiro a 23.12.1903. Batizada a 04.03.1906 (Lagoa, Liv. 15º, fl. 150v.). Foram padrinhos Joaquim Gomes Vidal e D. Rosa Gomes Vidal. F. a 25.09.1980. C. em Curitiba-PR a 23.12.1935 c. João Garcez do Nascimento, n. em Curitiba–PR a 23.06.1898 e f. na mesma cidade a 27.04.1971. Filho de Francisco Garcez do Nascimento e de D. Olivia Garcez do Nascimento. Oficial do Exército da Arma de Artilharia. Sentou praça em 30.4.1919. Aspirante em 07.01.1922. Atuou por diversas vezes como juiz do Conselho de Justiça Militar. Participou, em 26.09.1924, da rendição do Forte de Óbidos e em 01.04.1925, da ocupação do Município e Praça de Campos Novos, em Santa Catarina; e em 07.10.1930, do combate em Morungava, durante a Revolução Constitucionalista de São Paulo. Entrou com as tropas na cidade de São Paulo em 29.10.1930. Foi Ajudante-de-Ordens do Presidente Getúlio Vargas. Achava-se de serviço no Palácio Guanabara quando irrompeu o Levante Comunista na Escola de Aviação e no 3º Regimento de Infantaria, em novembro de 1935. Passou para a reserva no posto de General-de-Brigada, em 25.06.1955. Condecorado com as medalhas: Oficial Graduado da Coroa da Itália; "El Mérito" do Governo do Chile – Oficial; e Medalha do Pacificador. Foi Governador, interino, do então Território de Iguaçu (Dados obtidos no Arquivo Histórico do Exército).

Filhas:

3 D. Ernestina Murray Garcez do Nascimento, n. em Curitiba–PR a 11.04.1942. Advogada. C. a 1ª vez em Curitiba a 11.01.1964 c. Roberto Mattos de Oliveira, n. a 05.02.1937.

Filho de Roberto de Oliveira e de D. Maria de Lourdes Mattos de Oliveira. Médico.

Filho:

4 Antonio Roberto Nascimento de Oliveira, n. a 01.05.1965.

D. Ernestina C. a 2ª vez c. Alvaro Timótheo Feijó, n. a 05.02.1944. Filho de Alvaro Feijó Filho e de D. Lourdes Leon Petit Feijó.

Filho:

4 Alvaro Garcez do Nascimento Feijó, n.em Curitiba–PR a 01.12.1968.

D. Ernestina C. uma 3ª vez c. Carlos Alberto do Amaral, n. a 01.03.1943. Filho de Virgilio Ferreira do Amaral e de D. Zilka Lopes do Amaral. Bancário.

3 D. Cristina Murray Garcez do Nascimento, n. em Curitiba–PR a 01.09.1954. Solteira.

2 D. Lucy Scott Murray, n. no R. Janeiro a 08.07.1906 e f. em Santos–SP a 20.08.1988. C. em Curitiba–PR a 08.07.1941 c. Marcos Arruda Pereira, n. em S. Paulo-SP a 26.03.1900 e f. em Santos–SP a 03.05.1955. Filho de Alfredo Candido Pereira e de D. Aida Maria de Arruda Pereira.
Perfilharam: Ramon Silva, n. em Laranjeira do Sul–PR a 06.02.1940, casado, c.g., e D. Margarida Silva, n. em S. Paulo-SP a 09.04.1948, casada, c.g.

2 John Ferguson Murray, n. Curitiba–PR a 02.11.1908 e f. no R. Janeiro a 14.02.1991. Comerciante. C. no Paraná a 08.09.1938 c. D. Yone Dias, n. no Paraná a 16.11.1914 e f. no R. Janeiro a 16.01.2000. Filha de Firmino Motta Dias e de D. Ana Rosa do Couto Dias.

Filhos:

3 Ronald Ferguson Murray, n. em Belo Horizonte–MG a 27.01.1940. Comerciante. C. a 22.02.1973 c. D. Maria Cecilia Vieira, n. a 19.02.1946. Filha de Armando Vieira e de D. Cecilia Vidal Vieira.

Filhos:

4 John Lee Murray, n. a 22.01.1974. C. no R. Janeiro a 25.11.1998 c. D. Suzana Alvarenga de Palmer Paixão, n. no R. Janeiro a 10.11.1974. Filha de Luiz Felipe Nunes de Palmer Paixão e D. Eliane Alvarenga de Palmer Paixão.

4 D. Mariana Murray, n. a 06.01.1977.

3 D. Lilian Murray, n. em Minas Gerais a 09.09.1944. Paisagista e decoradora. Faz um trabalho inédito criando arranjos de plantas em pedras preciosas brutas. C. no R. Janeiro a 06.09.1967 c. Gilberto Mauricio de Rezende Carnasciali, n. no R. Janeiro a 10.07.1934. Filho de Tito Livio Virmond Carnasciali (★ PR 07.11.1907) e D. Cecilia Peixoto de Resende Carnasciali. (★ RJ 13.02.1910 – ✞ 28.09.2001). *Neto pat.* de Olivio Carnasciali, industrial, e de D. Paulina Virmond Carnasciali. *Neto mat.* do Dr. Francisco Barbosa Resende e de D. Maria Eugenia Peixoto de Resende.

Filhos:

4 D. Andrea Murray Carnasciali, n. no R. Janeiro a 08.02.1969. Desenhista de jóias. C. em Nova York (EUA) a 06.09.1997 c. Ricardo Ventura, n. em Luanda (Angola) a 08.08.1971. Filho de Ricardo Ventura e de D. Alda Ventura.

4 Philippe Murray Carnasciali, n. no R. Janeiro a 17.07.1972.

2 Robert Scott Murray, n. em Curitiba–PR a 10.11.1910 e aí f. a 30.5.1997. Comerciante. C. em Curitiba-PR a 20.11.1940 c. D. Zilah da Silva Figueiredo, n. em Curitiba-PR a 15.12.1918. Filha de José da Silva Figueiredo e de D. Maria das Dores de Oliveira Pinto da Silva Figueiredo. Desquitaram-se.

Filhos:

3 Sidney Murray, n. em Curitiba–PR a 16.04.1937. Comerciante. C. em S. Gonçalo–RJ a 25.05.1968 c. D. Marilene dos Santos Rangel, n. em Campos-RJ a 26.07.1942. Filha de Edgar Alves Rangel e de D. Maria de Lourdes dos Santos Rangel. Professora.

Filhos:

4 D. Sunny Rangel Murray, n. em S. Gonçalo-RJ a 23.06.1970. C. c. Warren Riker. Mora nos Estados Unidos.

4 Ronald Rangel Murray, n. em S. Gonçalo–RJ a 14.01.1972.

3 D. Palmyra Figueiredo Murray, n. em Curitiba–PR a 15.06.1939. Advogada. De uma união c. Ronald Braga de Andrade, n. em Campos-RJ a 07.03.1936. Filho de Natalino de Andrade e de D. Mercedes Braga de Andrade. Teve:

Filha:

4 D. Simone Murray de Andrade, n. em Niterói–RJ a 15.09.1961. C. no R. Janeiro a 13.07.1988 c. Renato Sobral Pires Chaves, n. no R. Janeiro a 07.07.1965. Filho de George Pires Chaves e de D. Teresa Silva Sobral.

Filho:

5 Daniel Murray Andrade Chaves, n. no R. Janeiro a 13.02.1990.

D. Palmyra C. no R. Janeiro a 27.03.1968 c. Fernando Gomes Loureiro, n. no R. Janeiro a 04.02.1939. Filho de Antonio Gil Loureiro e de D. Armanda Gomes Loureiro.

Filhos:

4 D. Regina Murray Loureiro, n. no R. Janeiro a 11.10.1969.

4 D. Fernanda Murray Loureiro n. no R. Janeiro a 15.03.1973.

4 Fernando Murray Loureiro n. no R. Janeiro a 29.06.1974.

3 Paulo Roberto Murray, n. em Belo Horizonte–MG a 03.04.1943. Vendedor. C. em Niterói-RJ a 27.07.1968 c.D. Antonia Jesus Gonçalves, n. no Porto (Portugal) a 05.05.1944. Filha de Antonio Augusto Gonçalves e de D. Natividade de Jesus Gonçalves.

Filhos:

4 D. Andrea Gonçalves Murray, n. em Niterói-RJ a 08.02.1969. C. em Curitiba-PR a 08.10.1994 c. Giovanni Barbosa, n. em Curitiba–PR a 27.02.1969. Filho de Luis Carlos Barbosa e de D. Glaci Kretrischmer.

4 Marcelo Gonçalves Murray n. em Curitiba-PR a 08.10.1970.

4 D. Adriane Gonçalves Murray, n. em Curitiba–PR a 25.07.1980.

2 Wallace Scott Murray, n. em Curitiba-PR a 17.06.1916. e aí f. a 12.02.1976. Oficial da Aeronáutica – Coronel-aviador. Sentou praça em 09.03.1934. Aspirante a 11.01.1937; Segundo-Tenente a 15.11.1937; Primeiro-Tenente a 24.05.1940; Capitão-aviador a 03.07.1943. Cursos: Aviação Militar cat. A e B. Transferido para o Ministério da Aeronáutica em 20.01.1941, passou a agregado em Julho de 1947. C. em Curitiba, a 16.11.1934, c. D.Yvonette Bogado, n. em Campos-RJ a 04.01.1917 e f. a 07.04.1993. Filha de João Bogado e de D. Laudimia Bogado.

Filhos:

3 Wallace Robert Scott Murray, n. em Curitiba–PR a 22.11.1935. C. na mesma cidade a 07.07.1972 c. D. Haidée Medeiros, n. em Santo Angelo–RS a 07.08.1948. Filha de João Calisto de Medeiros e de D. Ana Frutuoso de Medeiros. Separaram-se.

Filho:

4 John Wallace Scott Murray, n. em Curitiba–PR a 22.08.1973.

3 Paulo Sergio Scott Murray (adotivo), n. em Curitiba–PR a 13.01.1943 e C. também em Curitiba a 17.12.1971 c. D. Sonia Regina Hofman, n. em Ibituba–PR a 27.08.1944. Filha de Eduardo Hofman e de D. Albarina de Mattos Guedes. Separaram-se.

Filhos:

4 Richard Wallace Scott Murray, n. em Curitiba–PR a 08.05.1972. Oficial do Exército. C. nesta mesma cidade a 10.01.1998 c. D. Marcela Fernanda Cassins, n.

em Curitiba–PR a 25.01.1976. Filha de Dalton Cassins e de D. Nilce Taborda Cassins.

4 Michael Wallace Scott Murray, n. em Curitiba–PR a 22.05.1976. Solteiro.

4 Christian Wallace Scott Murray, n. em Curitiba–PR a 03.01.1974. Solteiro.

2 George Scott Murray, n. em Curitiba-PR a 03.09.1921 e f. nesta mesma cidade a 28.10.1955. C. em Laranjeiras do Sul–PR a 25.05.1947, c. D. Irene Bassara, n. em S. Mateus do Sul-PR a 25.03.1931. Filha de Estanislau Bassara e de D. Ezesfiela Bassara. Funcionária Pública, aposentada.

Filha:

3 D. Miriam Scott Murray, n. em Belo Horizonte–MG a 11.07.1948. Formada em Letras. Trabalha no Jornal de Indústria e Comércio como Gerente de Relações Institucionais. C. em Curitiba-PR (Sta.Teresinha) a 25.03.1972 c. Josino Alves Rocha Loures Filho, n. em Londrina-PR a 07.06.1948. Filho do Dr. Josino Alves da Rocha Loures (★ Palmas-PR a 05.01.1910), médico, e de D. Carmem Richling. *Neto pat.* de Jesuino Alves da Rocha Loures e de D. Francisca F. Loures. Engenheiro Civil.

Filhas:

4 D. Lilian Murray da Rocha Loures, n. em Curitiba–PR a 05.08.1975.

4 D. Vivian Murray da Rocha Loures, n. em Curitiba-PR a 10.12.1979.

§ 2 - nº 2

1 Edwin Douglas Murray, n. em Niterói-RJ a 16.02.1875. Batizado na Igreja das Neves, no R. Janeiro (Sto. Antonio, L. 4º, fl. 27v) a 08.08.1875. Foram padrinhos o Dr. José Martins da Rocha e D. Maria Meirelles Barbosa. F. em S. Paulo-SP a 30.12.1938. Tradutor público juramentado. C. a 1ª vez no R. Janeiro a 04.02.1899 c. D. Noemia Maria do Lago Rocha, n. no R. Janeiro a 09.11.1882 e batizada (S. José, Liv. 15º, fl. 10v.) a 24.07.1883.

Foram padrinhos: Arthur Corrêa Mendes Gonçalves e D. Clara Corrêa da Rocha. Filha de Antonio do Lago Rodrigues Rocha e de D. Amélia Correa Mendes. F. no R. Janeiro ca. 1911.
Casou 2ª vez em Curitiba–PR c. D. Constança Vidal, n. em Curitiba e f. no R. Janeiro. Filha de Joaquim Gomes Vidal e de D. Rosa Garcez. Pianista e soprano lírico.

Filhos com D. Noemia Maria:

2 D. Maria Cecília Murray, n. no R. Janeiro a 05.03.1900 e batizada (Lagoa, Liv. 13º, fl. 210) a 17.04.1900. Padrinhos: Dr. Domingos Pillar Ribas e sua mulher. F. em Santos a 21.02.1938. C. em Santos-SP a 18.06.1922 c. Alberto Moraes Barros. Comerciante de café, n. em Piracicaba–SP a 19.09.1894. Filho de João Moraes Barros e de D. Albertina Pinto de Oliveira Moraes Barros.

Filhos:

3 D. Noemia Murray de Moraes Barros, n. em Santos–SP a 08.05.1923 e f. em S. Paulo-SP a 17.08.1993. C. c. Raul Borges. S.g.

3 D. Dulce Murray de Moraes Barros, n. em Santos–SP a 08.05.1925. Decoradora. C. em Santos-SP a 23.05.1947 c. Alcyone Costa n. em Santos–SP a 30.06.1923 e f. em Avaré-SP a 01.07.1975. Filho de Antonio Costa e de D. Maria Veraniz Costa. Comerciante.

Filhos:

4 D. Mary Lou Moraes Barros Costa, n. no R. Janeiro a 24.03.1948. Secretária Executiva. C. a 13.09.1971 c. Luiz Fernando Lima Figueiredo, n. a 28.11.1945. Filho de Urias de Castro Figueiredo e de D. Juliana de Lima Figueiredo. Odontologista.

Filhas:

5 D. Marianna Costa Lima Figueiredo, n. a 27.10.1972. Advogada e Procuradora do Estado.

5 D. Carolina Costa Lima Figueiredo, n. a 01.11. 1974.

5 D. Juliana Costa Lima Figueiredo, n. a 27.12.1978.

4 Carlos Alberto Costa, n. em S. Paulo-SP a 31.10.1949 Comerciante. C. a 10.01.1975 c. D. Solange Maria Prado dos Santos, n. a 24.12.1950. Filha de Fernando José dos Santos e de D. Maria Antonia Prado Santos.

Filhos:

5 D. Maria Cecília Santos Costa, n. a 16.04.1978.

5 Ricardo Santos Costa, n. a 26.12.1979.

5 D. Maria Beatriz Santos Costa, n. a 14.10.1981.

5 Guilherme Santos Costa, n. a 16.06.1984.

4 D. Regina Helena Moraes Barros Costa, n.em S.Paulo–SP a 08.07.1951.Empresária. Casou-se e separou-se.

Filhas:

5 D. Helena Moraes Barros Costa, n. a 19.01.1984.

5 D. Paula Moraes Barros Costa, n. a 29.06.1985.

4 Paulo Roberto Costa, n. em S. Paulo–SP a 01.02.1953 e f. em Mogi das Cruzes-SP a 23.09.1975.

4 Luis Felipe Costa, n. em S. Paulo–SP a 27.11.1955. Engenheiro agrônomo.C.a 25.3.1983 c. D. Maisa Giovanetti, n. a 11.05.1957. Filha de Mario Giovanetti (fal.) e de D. Clevenice Giovanetti.

Filhas:

5 D. Renata Giovanetti Costa, n. a 25.07.1986.

5 D. Fernanda Giovanetti Costa, n. a 23.09.1989.

4 Marco Antonio Costa, n. em S. Paulo-SP a 12.12.1956. Economista.

De uma união teve:

5 Maria Emília Costa, n. a 16.06.1990.

5 Matheus Costa, n. a 14.09.1992.

3 Alberto Moraes Barros Filho, n. em Santos-SP a 15.01.1927. Administrador de empresas. C. a 04.07.1951 c. D. Ana Ma-

ria Pirajá, n. em S. Paulo-SP a 12.11.1930. Filha de Eduardo Pirajá e de D. Nair da Rocha Miranda, ambos falecidos.

Filhos:

4 Alberto Moraes Barros Neto, n. em S. Paulo–SP a 24.09.1952. Sociólogo. C. a 15.03.1984. c. D. Mônica Solferini, n. a 4.?.1961. Filha de Romeu Solferini Neto e de D. Ida Briganti Solferini.

Filhos:

5 Tomás Solferini Moraes Barros, n. a 09.05.1985.

5 D. Andréa Solferini Moraes Barros, n. a 29.04.1987.

5 Guilherme Solferini Moraes Barros, n. a 29.04.1989.

4 D. Ana Cecília Moraes Barros, n. em S. Paulo–SP a 18.12.1953 e f. a 07.06.1986. C. c. Mario Whatily Thompson.

Filha:

5 D. Isabel Moraes Barros Thompson, n. em S. Paulo–SP a 08.12.1974. Advogada.

3 Vera Murray Moraes Barros, n. em Santos-SP a 05.04.1929. Corretora de imóveis. C. a 31.07.1954 c. Agenor Dias da Silva (fal).

Filhos:

4 Agenor Gabriel Dias da Silva, n. em S. Paulo-SP a 26.05.1955. Administrador de empresas. C. a 07.01.1985 c. D. Maria Eduarda da Veiga, n. a 19.11.1954. Filha de Eduardo Veiga e de D. Marisa Marcondes da Veiga. Advogada.

Filhos:

5 Gabriel Veiga Dias da Silva, n. a 13.04.1986.

5 Fernanda Veiga Dias da Silva, n. a 13.06.1991.

4 D. Maria Helena Dias da Silva, n. em S. Paulo–SP a 29.04.1958. C. c. Roberto Dias da Silva.

Filho:

5 Eric Dias da Silva n. a 07.09.1990.

2 José Edwin Murray, n. no R. Janeiro a 06.11.1901 e batizado (Lagoa, Liv. 14º. fl. 66) a 01.01.1902. Padrinhos: Coronel Bento Martins da Rocha e D. Amélia Mendes do Lago Rodrigues. F. nesta cidade a 14.04.1987. Advogado, cantor e crítico musical. C. no R. Janeiro, a 09.03.1941 c. D. Maria Carla Tati Jácome, n. no R. Janeiro a 08.08.1908 e f. nesta cidade a 13.07.1984. Cantora lírica, apresentou-se várias vezes no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Um dos seus melhores papéis foi o de Gilda, na ópera "Rigoletto". Filha de Manoel Torres Jácome (violonista) e de D. Clara Tati Jácome (artista plástica).

Filhos:

3 D. Gilda Murray, n. no R. Janeiro a 14.02.1943. Bailarina, dirige o Centro de Encontro das Artes, em S. Paulo. C. no R. Janeiro em 1979 c. Samuel Santana de Vasconcellos, n. a 20.06.1953. Filho de Emanuel Vasconcellos e de D. Rachel Santana. Empresário.

Filho:

4 Daniel Murray, n. no R. Janeiro a 08.09.1981. Violonista.

3 D. Gloria Murray, n. no R. Janeiro a 14.02.1945. Bailarina. C. nesta cidade a 03.04.1964 c. Walter Borghoff, n. no R. Janeiro a 11.07.1943. Empresário. Filho de Guilherme Borghoff e de D. Wally Borghoff. Separaram-se.

Filhos:

4 D. Wally Murray Borghoff, n. no R. Janeiro a 09.07.1965. Fisioterapeuta. C. nesta cidade c. Ricardo Serpa Maia. Músico.

Filha:

5 D. Aline Borghoff Maia, n. no R. Janeiro a 01.08.1987.

4 Walter Borghoff Junior, n. no R. Janeiro a 10.05.1967. Agente de turismo. Solteiro.

3 José Edwin Murray Junior, n. no R. Janeiro a 22.10.1947. Analista de sistemas. C. nesta cidade em fevereiro de 1968 c. D. Roseana Kligerman, n. no R. Janeiro a 27.12.1950. Filha de Luis Kligerman e de D. Bertha Kligerman (poloneses). Escritora e poetisa, autora de 40 livros de poesia e de contos para crianças e jovens, entre eles: "Classificados Poéticos" (1984), finalista do Prêmio da Bienal de S. Paulo (1984); "Fruta no Ponto" (1986), Prêmio "O Melhor de Poesia F.N.L.I.J."; "Artes e Ofícios" (1990), Prêmio A.P.C.A.; "Tantos Medos e Outras Coragens" (1994), Prêmio "Melhor de Poesia" F.N.L.I.J. e Lista de Honra do I.B.B.Y; "Receitas de Olhar" (1998), O Melhor de Poesia F.N.L.I.J. Livros infantis: "Uma História de Fadas e Elfos" (1998), Acervo Básico da F.N.L.I.J. Poesia: "Caravana", vencedor do concurso Cidade de Belo Horizonte 1994; "Pássaros dos Absurdos" (1990), vencedor do concurso da Associação Gaúcha de Escritores.

José Edwin e Roseana separaram-se e ela casou com Juan Arias, jornalista e escritor espanhol, mas manteve o nome Roseana Murray, por já ser assim bastante conhecida.

Filhos de José Edwin e Roseana:

4 André Murray, n. em Juiz de Fora–MG a 30.03.1968. Chef de cuisine. Comanda a cozinha do "Enseada". Membro da Academia Brasileira de Alta Gastronomia. Criou um "site" para aficcionados da arte culinária.

4 Gustavo Murray , n. no R. Janeiro a 02.10.1973. Músico.

3 Antonio Francis Murray, n. no R. Janeiro a 4.6.1950. Moldureiro. C. nesta cidade a 09.12.1972 c. D. Celina Euler Pereira, n. no R. Janeiro a 12.02.1952. Moldureira. Filha de José Joaquim Pereira Junior e de D. Aidê Euler Pereira.

Filhos:

4 Bruno Murray, n. no R. Janeiro a 08.03.1976.

4 D. Clara Murray, n. no R. Janeiro a 10.11.1985.

4 Miguel Murray, n. no R. Janeiro a 21.03.1990.

2 D. Minna Murray (Minnita), n. no R. Janeiro (Lagoa) a 12.04.1903 e batizada (Lagoa, Liv. 14º, fl. 165) a 28.07.1903. Foram padrinhos os avós paternos. F. em S. Paulo. Serventuária da Justiça. C. no R. Janeiro a 07.02.1933 c. Délio Rangel Pestana, n. no R. Janeiro a 25.12.1901 e batizado (S. Fco Xavier, Liv.23º, fl. 26v) a 13.05.1902. Foram padrinhos: Tadeu Rangel Pestana e Maria Clara da Silva Torres. F. em S. Paulo. Filho de Renato Rangel Pestana e de D. Carlota Jácome Rangel Pestana. *Neto pat.* de Emílio Rangel Pestana e de D. Luiza Carneiro Pestana. *Neto mat.* de Luiz Jácome de Abreu e Souza e de D. Maria Ignez Torres Jácome. *Bisneto pat.* de João Jacinto Pestana e de D. Luiza Rangel Pestana; Joaquim Xavier Carneiro e D. Luiza Maciel Carneiro. Serventuário da Justiça.

Filhos:

3 Renato Murray Rangel Pestana, n. em S. Paulo–SP a 14.04.1934. C. a 07.01.1959 c. D. Eunice Sodré, n. em S. Paulo–SP a 11.02.1940. Filha de Levi de Azevedo Sodré e de D. Jandira Campos de Azevedo Sodré.

Filhos:

4 Renato Murray Rangel Pestana Junior, n. em S. Paulo–SP a 16.06.1963. Administrador de Empresas. C. a 13.04.1997 c D. Selma Yamazaki Cruz, n. em S. Paulo–SP a 28.04.1971. Filha de Homero Cruz e de D. Matias Yamazaki Cruz. Fonoaudióloga.

Filha:

5 Isabella Cruz Rangel Pestana, n. em S. Paulo–SP a 10.10.1997.

4 D. Patrícia Sodré Rangel Pestana, n. a 09.01.1961. C. a 14.07.1993 c. Waldir Henriques, n. a 26.05.1962. Filho de Waldomiro Henriques e de D. Maria Campanelli Henriques. Comerciante.

Filho:

5 Rafael Sodré Rangel Pestana Henriques, n. em S. Paulo–SP a 22.07.1992.

4 D. Graziela Sodré Rangel Pestana, n. em S. Paulo–SP a 14.02.1966. Comerciante. C. a 07.01.1997 c. Márcio

Rodrigues Gonçalves, n. a 11.04.1971. Filho de Waldemar Gonçalves e de D. Selma Rodrigues Gonçalves. Comerciante.

3 Sergio Rangel Pestana, n. em S. Paulo–SP a 08.06.1935. Comerciante. C. em S. Paulo–SP a 07.06.1962 c. D. Leonice Nogueira, n. em S. Paulo–SP a 31.01.1936. Filha de Arthur Nogueira de Freitas e de D. Maria Sebastiana Nogueira.

Filhos:

4 D. Denise Nogueira Rangel Pestana, n. em S. Paulo–SP a 10.08.1963 e C. em S. Carlos–SP c. Luiz Mário Pereira Lopes Labadessa. Filho de Alberto Labadessa e de D. Vania Pereira Lopes.

Filho:

5 Leonardo Rangel Pestana Labadessa, n. em S.Paulo–SP a 24.05.1994.

4 D. Gisela Nogueira Rangel Pestana, n. em S. Paulo a 12.10.1965.

4 D. Luciana Nogueira Rangel Pestana, n. em S.Paulo a 04.04.1967.

4 Sergio Murray Rangel Pestana Filho, n. em S. Paulo–SP a 21.05.1969.

3 D. Maria Cecília Murray Rangel Pestana, n. em S. Paulo–SP a 28.10.1940 e f. em S.Paulo. C. c. Franklin Alkmin Bueno Maia, n. em Ibitinga–SP a 16.12.1934. Filho de Antenor Simões Maia e de D. Maria da Gloria Bueno Maia. Médico pediatra.

Filho:

4 Alexandre Rangel Pestana Bueno Maia, n. em Campos do Jordão-SP a 31.01.1962. Administrador de empresas. C. em S. Paulo a 14.03.1987 c. D. Marisa Galdeano, n. em S. Paulo–SP a 04.06.1962. Filha de Rubens Galdeano e de D. Isaura Pedroso Galdeano.

Filhos:

5 Guilherme Galdeano Bueno Maia, n. em S.Paulo–SP a 02.04.1988.

5 Felipe Galdeano Bueno Maia, n. em S. Paulo–SP a 25.06.1989.

2 D. Clarisse Murray, n. no R. Janeiro a 15.12.1905 e batizada (Lagoa, Liv.15º, fl. 150) a 04.03.1906. Padrinhos: John Wallace Scott Murray e D. Palmira Vidal Murray. C. nesta mesma cidade (Glória) a 15.01.1924 c. Oswaldo da Rocha Ribas, n. no R. Janeiro a 11.06.1907 e batizado na Igreja da Glória (Lagoa, Liv. 16º, fl. 63) a 11.08.1907. Foram padrinhos Pedro Martins da Rocha e D. Amelberga Martins da Rocha. F. nesta cidade a 19.08.1963. Filho do Dr. Domingos Pillar Ribas e de D. Cecília Martins Rocha. *Neto pat.* de Domingos Rodrigues Ribas (Cavaleiro da Ordem de Cristo, de Portugal, a 21.01.1820) e de Constança Alice de Castro Pillar.

Filhos:

3 Oswaldo da Rocha Ribas, n. e f. no R. Janeiro. C. a 1ª vez, nesta mesma cidade, c. D. Nilce Ferreira.

Filhos:

4 D. Luiza Helena Ferreira Ribas, n. no R. Janeiro a 06.05.1948. C. nesta mesma cidade a 02.02.1964 c. Eduardo Antonio de Carvalho Cruz, n. 19.4.1948. Filho de Otílio de Carvalho Cruz e de D. Nair Freire Cruz.

Filhos:

5 Daniel Ferreira Cruz, n. no R. Janeiro a 10.08.1970.

5 D. Diana Ferreira Cruz, n. no R. Janeiro a 30.08.1977. Foi perfilhada pelos avós paternos.

4 Mario Celso Ferreira Ribas , n. no R. Janeiro a 04.07.1950.

Teve de uma união um filho:

5 Bruno Saavedra dos Santos Ribas, n. em 1977.

Oswaldo C. a 2ª vez c. D. Regina Helena Costa Gordilho, n. em Salvador- Bahia em 1934. Filha de Almir Campos Gordilho e de D. Virgilia Magalhães Costa.

Filho de Oswaldo e D. Regina Gordilho:

4 Marcellus Gordilho Ribas, n. no R. Janeiro em 1962 e f. na mesma cidade, a 17.05.1987. Professor de natação.

3 D. Maria Helena Murray Ribas, n. no R. Janeiro e f. em S. Leopoldo– RS a 28.07.1950 num desastre aéreo. Aeromoça da PANAIR.

2 D. Noemia Murray, n. no R. Janeiro a 30.02.1907. Batizada (Lagoa, Liv. 16º, fl.5v) a 23.04.1907. Foram padrinhos o general Augusto Cesar Diogo e D. Adelaide Theresa de Mattos Diogo. Solteira.

2 D. Vera Murray, n. no R. Janeiro a 20.12.1908. Batizada (Lagoa, Liv. 16º, fl. 209v) a 11.04.1909. Padrinhos: Paulo S. do Lago e D. Minna Murray. C. c. Mauricio Pereira Machado.

2 John da Rocha Murray, n. no R. Janeiro e f. solteiro, aos 19 anos.

Filhos de Edwin e D. Constança Vidal:

2 D. Carmem Vidal Murray, n. no R. Janeiro a 11.05.1913. Batizada (Lagoa, Liv. 22º, fl.90) a 21.06.1915. Foram padrinhos: Charles R. Murray e D. Lucy Murray. De uma união c. Demosthenes Gonzales Ferreira, jornalista, teve:

Filha:

3 D. Mary Helene Murray, n. em Porto Alegre-RS a 29.08.1941. C. c. Paulo Cesar de Oliveira, n. no R. Janeiro a 26.02.1936. Filho de José de Oliveira e de D. Lucília Pinto de Oliveira. Industrial (fal).

Filhos:

4 Pedro Paulo Murray de Oliveira, n. no R. Janeiro a 27.09.1964. Advogado. C. c. D. Lucimar Vicente da Silva.

Filho:

5 Lucas Vicente Murray, n. no R. Janeiro a 28.06.1998.

4 José Renato Murray de Oliveira, n. no R. Janeiro a 14.10.1966. Economista.

4 D. Deborah Murray de Oliveira, n. no R. Janeiro a 29.06.1969. C. nesta cidade a 26.05.1989 c. Carlos Alexandre Cambraia de Souza, n. em Resende–RJ a 29.8.????. Filho de Geraldo de Souza e D. Solange Cambraia de Souza.

Filhos:

5 Marcela Murray de Souza, n. no R. Janeiro a 05.09.1989.

5 Rafael Cambraia de Souza, n. no R. Janeiro a 20.03.1994.

D. Carmem Vidal Murray C. c. Giovanni Iovanni.

Filhos:

3 Roberto Iovanni, n. no R. Janeiro. C. e tem duas filhas.

4 Livia Maria Iovanni.

4 Lilian Iovanni.

3 Giovanni Iovanni Junior, n. no R. Janeiro e C. em 1998 c. D. Luiza Elvira.

Filhos:

4 Bruno Iovanni.

4 Luiz Henrique Iovanni.

2 Walter George Vidal Murray, n. no R. Janeiro a 02.02.1915 e batizado (Lagoa, Liv. 22º, fl.90) a 21.06.1915. Padrinhos: José de Larrigue [Faro] e D. Luiza [Julieta Telles]Ribeiro de Larrigue. F. no RJ em abril de 1962. C. no R. Janeiro a 14.01.1939 c. D. Diva Cavallo, n. no R. Janeiro a 27.02.1919 e f. 17.05.1992. Filha de Raphael Cavallo e de D. Maria Cavallo.

Filha:

3 D. Evelyn Murray, n. no R. Janeiro a 08.01.1944. Solteira

2 D. Flora Vidal Murray. C. c. Armando Rodrigues Casanova (fal.).

Filhos:

3 Armando Jorge Casanova. C. e tem três filhos.

3 D. Sandra Casanova. C. e tem três filhos.

3 Mario Augusto Casanova. Solteiro.

3 D. Florinda Casanova. C. com três filhos.

2 Edwin Murray, n. em Curitiba-PR a 19.08.1917 e f. no R. Janeiro. C. no R. Janeiro, em 1939 c. D. Maria José de Oliveira, n. em Campos de Jordão-SP a 29.10.1917. Filha de Faustino Fernandes de Oliveira e de D. Maria Conceição das Dores.

Filhos:

3 Edwin Douglas Murray, n. no R. Janeiro a 31.03.1941. Bacharel em Ciências Contábeis. Perito judicial e corretor de imóveis. C. no R. Janeiro a 09.09.1972 c. Diana Cleir Rawicz, n. no R. Janeiro a 01.09.1947. Filha de Berno Rawicz e de D. Nair Balthazar Rawicz.

Filhos:

4 Cedric Edwin Murray, n. no R. Janeiro a 03.11.1973.

4 Patrick Douglas Murray, n. no R. Janeiro a 05.02.1977.

4 Andrew Douglas Murray, n. no R. Janeiro a 23.03.1987.

3 D. Maria Elisabeth Murray, n. no R. Janeiro a 25.11.1942. Secretária Executiva. C. no R. Janeiro (Outeiro da Gloria) a 24.11.1966 c. Paulo Elysio Diniz Carneiro, n. em Barra Mansa–RJ a 30.03.1942. Filho de Paulo Frederico Diniz Carneiro e de D. Virginia Diniz Carneiro. Separaram-se.

Filhos:

4 D. Lara Elizabeth Murray Diniz Carneiro, n. no R. Janeiro a 18.07.1968. Gerente Comercial da Suforte Informática. De uma união com Cleber Inhassú de Almeida Gouveia, n. a 27.06.1940, filho de Jorge de Sampaio Gouveia e de D. Joselina de Sampaio Gouveia, teve:

Filha:

5 D. Emanuelle Murray Diniz Carneiro Gouveia, n. no R. Janeiro a 15.10.1989.

4 Alexandre Murray Diniz Carneiro, n. no R. Janeiro a 06.01.1970. C. no R. Janeiro a 06.02.1999 c. D. Luciane Branco Silveira, n. no R. Janeiro a 03.10.1975. Filha

Alexandre Murray Diniz Carneiro e Luciane Branco Silveira (Rio, 1999)

Elizabeth Murray, Alexandre, Luciane e Dilza Schwuab Silveira (Rio, 1999)

Lara Elizabeth Murray Diniz Carneiro e a filha, Emanuelle Murray Diniz Carneiro Gouveia (Rio, 1999)

Sonia Murray no casamento de Alexandre e Luciane (Rio, 1999)

de Paulo Cesar Branco Silveira e de D. Dilza Schwuab Silveira.

Filho:

5 Luan Victor Diniz Carneiro, n. no R. Janeiro a 05.10.2000.

Alexandre teve de uma união anterior ao seu casamento:

5 Larissa Tavares Murray Diniz Carneiro, n. no R. Janeiro a 07.02.1996.

4 D. Isabella Murray Diniz Carneiro, n. no R. Janeiro a 29.12.1977. Solteira.

3 D. Sonia Murray, n. no R. Janeiro a 06.11.1944. Artesã. C. 1ª vez no R. Janeiro a 14.07.1964 c. Walter Bento, n. a 31.05.19??. Filho de Manoel Bento e de D. Antonieta da Silva.

Filhas:

4 D. Patricia Murray Bento, n. no R. Janeiro a 29.08.1965. Uniu-se a 06.11.1985 c. Armando Bernardo da Silva, n. no R. Janeiro a 24.03.1963. Filho de Milton Bernardo da Silva e de D. Ivette Maurelli da Silva, teve:

Filhos:

5 D. Amanda Murray Bernardo da Silva, n. no R. Janeiro a 05.03.1986.

5 Diego Murray Bernardo da Silva, n. no R. Janeiro.

4 D. Claudia Murray Bento, n. no R. Janeiro a 27.08.1966. De uma união com Joaquim Lourenço, n. no R. Janeiro a 06.02.1954, filho de Manoel Lourenço Mello e de D. Ilka Lourenço de Carvalho, teve:

Filha:

5 Talita Murray Lourenço de Carvalho, n. no R. Janeiro a 25.10.1990.

D. Claudia C. no R. de Janeiro a 16.08.1999 c. Yuki Mitsu Mori, n. no Japão a 26.08.1956. Filho de Nisaku Mori e de D. Tome Mori.

Filhos gêmeos:

5 Daichi Murray Mori, n. no R.Janeiro a 31.05.1996.

5 Taiyo Murray Mori, n. no R. Janeiro a 31.05.1996.

4 D. Adriana Murray Bento, n. no R. Janeiro a 08.05.1969 e C. nesta cidade a 28.11.1992 com João Carlos Maurelli Costa, n. no R. Janeiro a 17.10.1959. Filho de João Batista Costa e de D. Arlete Maurelli Costa..

Filhos:

5 Marina Maurelli Costa, n. no R. Janeiro a 13.06.1994.

5 Giovana Maurelli Costa, n. no R. Janeiro a 12.04.1999.

D. Sonia Murray c. 2ª vez c. Juvenal Rouco de Sant'Anna, n. no R Janeiro a 26.07.1943. Filho de Manoel Rouco de Sant'Anna e de D. Elvira Sant'Anna.

Filhos de D. Sonia e Juvenal:

4 D. Janaína Murray Sant'Anna, n. no R. Janeiro a 24.06.1973.

De uma união c. André Silva teve:
Filho:

5 Gabriel Murray da Silva.

4 Fabricio Murray Sant'Anna, n. no R. Janeiro a 02.01.1977 e aí f. em 1999.

3 D. Suely Murray, n. no R. Janeiro a 17.11.1946. Solteira.

3 D. Regina Coeli Murray, n. no R. Janeiro (Irajá) a 23.12.1949. Modelo. Uniu-se a 28.6.1974 c. Octavio da Silva Costa, n. no R. Janeiro a 31.03.1940. Filho de Paulo Cesar da Silva Costa e de D. Celina Simonsen.

Filha:

4 D. Ana Carolina Murray da Silva Costa, n. no R. Janeiro a 18.10.1981. Solteira.

3 José Luiz Murray, n. no R. Janeiro a 18.07.1951. C. c. D. Luiza Augusta da Rocha e tem dois Filhos, Cristiane e Bruno (vide pág. 454).

3 Paulo Roberto Murray, n. no R. Janeiro a 24.11.1952

3 D. Grace Helen Murray, n. no R. Janeiro a 17.11.1955. C. c. Hector Soares, de origem argentina. Moram em Buenos Aires. S.g.

2 William Albert Murray, n. no R. Janeiro a 20.08.1920. C. c. D. Mara Silva Araujo Esteves Pereira, n. no R. Janeiro e aí f. em 1967. Filha de Quintino Esteves Pereira e de D. Magdala Silva Araujo Esteves Pereira.

Filhos:

3 William Albert Murray Junior, n. no R. Janeiro a 18.09.1965. C. nesta cidade a 02.01.1988 c. D. Valéria Maria de Oliveira Corte Real, n. em Recreio–MG a 09.12.1967. Filha de Marcio Corte Real e de D. Maria Aparecida Oliveira Corte Real.

Filha:

4 D. Cecilia Corte Real Murray, n. no R. Janeiro a 22.03.1989.

3 Frank Murray, n. no R. Janeiro em 1967.

2 James Douglas Murray, n. no R. Janeiro a 28.12.1921 e aí f. a 18.8.1984. C. nesta cidade a 13.05.1950 c. D. Lourdes Gomes Corrêa, n. no R. Janeiro a 24.12.1928. Filha de Vitorino Gomes Corrêa e de D. Gertrudes de Paula Corrêa.

Filhos:

3 D. Elisabeth Murray, n. no R. Janeiro a 08.03.1951 e aí C. a 02.09.1972 c. Mauro Moraes Queiroz, n. no R. Janeiro a 08.05.1949. Filho de Watson Queiroz e de D. Maria Moraes Queiroz.

Filhos:

4 Mauro Moraes Queiroz Junior, n. no R. Janeiro a 06.04.1974.

4 D. Debora Murray Queiroz, n. no R. Janeiro a 22.07.1975.

3 James Douglas Murray, n. no R. Janeiro a 22.06.1954 e aí C. a 24.09.1977 c. D. Rosana Iorio, n. no R. Janeiro a 05.06.1957. Filha de Miguel Iorio e de D. Marli Thereza Gen Iorio.

Filho:

4 Gabriel Iorio Murray , n. no R. Janeiro a 11.11.1985.

3 William Murray, n. no R. Janeiro a 12.05.1958 e aí C. a 07.08.1981 c. D. Maruza Cruz, n. no R. Janeiro a 12.05.1960. Filha de Sergio Santos Cruz e de D. Marilena de Carvalho Santos Cruz.

Filhos:

4 Ian Visconti Murray, n. no R. Janeiro a 30.01.1982.

4 Kim Murray, n. no R. Janeiro a 08.04.1987.

4 Mel Murray, n. no R. Janeiro a 16.08.1989.

2 D. Rosemary Vidal Murray, n. no R. Janeiro a 09.10.1925 e aí f. a 25.09.1992. C. nesta cidade a 03.01.1948 c. Luiz Lanter Peret Antunes, n. em Belem do Pará a 05.01.1922. Filho de José Peret Antunes e de D. Letícia Lanter Peret Antunes. Bancário.

Filhos:

3 Luiz Lanter Peret Antunes Filho, n. no R. Janeiro a 22.01.1952. C. 1ª vez nesta cidade c. D. Melany Ribeiro, n. no R. Janeiro a 05.12.1956. Filha de Ary da Silva e de D. Melany Ribeiro da Silva.

Filha:

4 D. Patrícia Ribeiro Peret Antunes, n. no R. Janeiro a 22.09.1978.

Luiz C. 2ª vez c. D. Marta Lopes Costa, n. no R. Janeiro a 10.06.1957. Filha de Marcio Costa e de D. Marilda Lopes Costa.

Filha:

4 D. Ana Luiza Costa Peret Antunes, n. no R. Janeiro a 25.10.1983.

3 D. Letícia Maria Murray Peret Antunes, n. no R. Janeiro a 14.03.1953 e aí f. em julho de 1999. Decoradora. C. no R. Janeiro a 12.11.1977 c. Sergio Teixeira de Carvalho, n. em Fortaleza–CE a 18.06.1952. Filho de Marcio Teixeira de Carvalho e de D. Theresinha do Menino Jesus Teixeira de Carvalho. Aeronauta.

Filha:

4 D. Renata Peret Teixeira de Carvalho, n. no R. Janeiro a 17.03.1979. Atriz de Teatro.

§ 2 - nº 3

1 William Ruthven Murray, n. no R. Janeiro a 25.06.1877 e f. em S. José dos Campos–SP a 15.12.1918. Batizado a 25.11.1877, na Capela das Neves – Sto. Antonio-RJ. Foram padrinhos: Antonio Carlos da Silva Braga e D. Anna Freire da Silva Braga. Uniu-se sucessivamente a três mulheres, sem casamento formal.

De sua 1ª união, c. D. Rosa Maria da Conceição, teve:

2 D. Rosa da Conceição Murray, n. a 16.08.1907 no R. Janeiro e aí f. a 22.10.1992. Solteira.

2 D. Laura Murray, n. no R. Janeiro em 1909. C. c. Julio Fazeckas Szigethy (húngaro).

Filhos:

3 Julio Fazeckas Szigethy Filho, n. no R. Janeiro a 21.11.1930 e aí C. c. D. Nilza Silva de Macedo, n. em Campos–RJ a 21.01.1941.

Filhos:

4 D.Norma Suely Macedo Szigethy, n. no R. Janeiro a 18.06.1959. C. c. Terosco Neves de Souza.

Filho:

5 Agner Szigethy Neves de Souza, n. no R. Janeiro a 19.06.1981.

4 Julio Cesar de Macedo Szigethy, n. no R. Janeiro a 27.05.1961. C. c. D. Mônica Assumpção, n. a 17.01.1966.

Filhos:

5 Thiago Assumpção Szigethy.

5 Igor Assumpção Szigethy.

5 D. Giulia Assumpção Szigethy.

4 Paulo Cesar de Macedo Szigethy, n. no R. Janeiro a 05.09.1964.

4 D. Nilceia de Macedo Szigethy.

3 Luiz Fazeckas Szigethy. C. c. Neuza ...

William Ruthven, de uma união c. D. Ana Aguiar, teve:

Filhos:

2 D. Helena Murray, n. em S.José dos Campos–SP a 17.12.1915 e f. em Santos–SP a 02.02.1984. C. em S. Paulo–SP a 08.02.1936 c. Pedro Torres, n. em Batatais–SP a 14.12.1911 e f. a 21.07.1996. Filho de Antonio Torres e de D. Francisca Milan Torres, ambos naturais de Málaga (Espanha).

Filhas:

3 D. Teresa Murray Torres, n. em S.Paulo–SP a 13.07.1937. C. nesta mesma cidade a 31.05.1958 c. Carlos Alberto Corrêa, n. em S.Paulo–SP a 06.11.1934. Filho de Alberto Corrêa (★ Lamego – Portugal, 11.10.1911) e de D. Cecília Corrêa (★ RJ, 30.04.1915).

Filhos:

4 Wagner Alberto Torres Corrêa, n. em S.Paulo–SP a 31.03.1959. C. c. D. Lucilda Kundzin, n. em Apucarana–PR a 20.07.1962. Filha de Jairo Kundzin e de D. Luiza Tibério Kundzin. (★ Vera Cruz-SP, 26.02.1941)

Filhos:

5 Felipe Kundzin Corrêa, n. em Santos–SP a 08.01.1981.

5 D. Gabriella Kundzin Corrêa, n. em S.Vicente–SP a 04.07.1988.

4 D. Viviane Torres Corrêa, n. em S.Paulo–SP a 02.09.1961. C. c. Antonio Cassimiro Bizerra Filho, n. em Itagauí–RJ a 10.04.1966. Filho de Antonio Cassimiro Bizerra (★ Quipapá–PE, 13.06.1921) e de D. Maria Anunciada da Silva Bizerra (★ Quipapá–PE, 15.08.1929).

Filho:

5 Lucas Corrêa Cassimiro, n. em S.Vicente–SP a 03.09.1988.

3 D. Marilene Murray Torres, n. em S. Paulo–SP a 25.06.1939. De uma união c. Antonio Duarte, n. em Santos–SP a 18.06.1923. Filho de Manoel Duarte e de D. Virginia Duarte, ambos naturais de Trás–os–Montes (Portugal), teve:

Filha:

4 D. Fabiana Murray Torres Duarte, n. Guarujá–SP a 02.10.1976. Que teve c. Igor Gimenes Mendes, n. em Carapicuiba–SP a 12.09.1979. Filho de Waldemar Mendes (★ São Paulo-SP, 07.03.1950) e de D. Raquel Felicidade Gimenes (★ São Paulo-SP, 30.09.1954).

Filho:

5 Daniel Murray Mendes, n. em Santos–SP a 06.05.1999.

2 José Luiz Murray, n. em S. José dos Campos–SP a 19.03.1918 e f. no R. Janeiro a 01.04.1985. C. no R. Janeiro a 30.11.1940 c. D. Olga Nobrega Martins, n. no R. Janeiro a 01.09.1921. Filha de João Moreira Martins e de D. Hilda Nobrega Martins.

Filhos:

3 William Martins Murray, n. no R. Janeiro a 24.01.1942. C. nesta cidade a 29.12.1979 c. D. Maria Auxiliadora do Espirito Santo, n. no R. Janeiro a 23.05.1949. Filha de Manoel do Espirito Santo e de D. Maria Pettar Mattias.

Filhos:

4 D. Marilia Martins Murray, n. no R. Janeiro a 15.09.1981.

4 Marilza Martins Murray, n. no R. Janeiro a 13.04.1992.

3 D. Edir Martins Murray, n. no R. Janeiro a 22.10.1943. C. a 16.11.1968 c. Gilmo Gomes Magdinier, n. em Esplendor-MG a 13.03.1935. Filho de Pedro Baptista Magdinier e de D. Maria Gomes.

Filhas:

4 D. Ingrid Murray Magdinier, n. no R. Janeiro a 04.12.1969.

4 D. Daniele Murray Magdinier, n. no R. Janeiro a 07.04.1975.

3 D. Wilma Martins Murray, n. no R. Janeiro a 04.01.1945. C. nesta cidade a 28.09.1968 c. Manoel da Luz, n. em Manhumirim–MG a 02.02.1940. Filho de Laudelino Matilde de Oliveira e de D. Efigênia de Oliveira.

Filhas:

4 D. Denise Maria Murray da Luz, n. no R. Janeiro a 19.07.1964

4 D. Viviane Murray da Luz, n. em Brasília a 16.01.1968. C. em Araruama–RJ a 12.7.1997 c. Luiz Claudio Carvalho Couto, n. em Araruama–RJ a 6.7.1971. Filho de David Machado do Couto e de D. Deliria de Carvalho Couto.

4 D. Glaucy Murray da Luz, n. em Brasília a 24.01.1970 e aí C. a 24.06.1988 c. João Ferreira da Silva Junior, n. em Brasília a 17.08.1967.Filho de João Ferreira da Silva e de D. Marlene Carvalho da Silva.

Filho:

5 Vitor da Luz Ferreira, n. em Brasília a 11.09.1990.

3 D. Edna Martins Murray, n. no R. Janeiro a 20.01.1947. C. a 29.08.1964 c. Luiz Carlos Sperle, n. no R. Janeiro a 18.07.1943. Filho de Frederico Sperle e de D. Carmelia Mafra Sperle.

Filha:

4 Claudia Murray Sperle, n. no R. Janeiro a 28.11.1966. Agente de Polícia. De uma união c. Edson Carlos Mora Chinchilla, n. a 03.08.1954 (falecido, filho de Floriselda Mora Chinchilla), Policial, Agente Penitenciário, teve:

Filhos:

5 Edson Carlos Sperle Chinchilla, n. no R. Janeiro a 31.05.1995.

5 Barbara Julia Sperle Chinchilla, n. no R. Janeiro a 25.03.1996.

3 Valter Martins Murray, n. no R. Janeiro a 19.02.1948 e C. em Brasília a 23.12.1972 c. D. Doraci Freire da Silva, n. a 09.07.1950. Filha de Anélio Freire e de D. Maria Ana da Conceição.

Filho:

4 Deyverson Freire Murray, n. a 17.01.1974.

2 Ary William Murray, n. e f. solteiro, no Rio de Janeiro.

§ 2 - nº 4

1 D. Mary Leopoldina Murray (Marietta) n. em São Domingos – Niterói-RJ a 22.02.1879 (Sto. Antonio Liv. 5º, fl 85v) e f. em Santos-SP a 29.09.1925. Batizada a 23.11.1879, Capela das Neves – RJ. Foram padrinhos: Dr. Augusto Alvares de Azevedo e D. Leopoldina Augusta Russel Alvares de Azevedo. C. ca 1896 c. Romulo Cumplido, n. no R. Janeiro a 12.09.1878 e f. em Santos-SP a 14.07.1942. Filho de Dr. Fanor Cumplido, natural do Uruguai, engenheiro, fundador da Empreza Industrial e Colonizadora do Paraná (v. "Almanaque Laemmert" – 1890) e de D. Hypolita Alves de Araujo Cumplido.

Filhos:

2 Edgard Murray Cumplido, n. no R. Janeiro a 05.02.1897 e aí f. a 10.04.1974. Solteiro.

2 D. Stella Murray Cumplido, n. no R. Janeiro a 19.02.1899 e f. em Santos–SP a 22.04.1989. C. em Santos–SP a 26.11.1927 c. Jorge

Alberto Broad, n. em Lapa–SP a 18.09.1898 e f. em Santos-SP a 26.06.1962. Filho de Colin Freitas Broad e de D. Leonie Jeanne Filvet Broad. S.g. Corretor de café.

2 Sydney Murray Cumplido, faleceu criança.

2 Luiz Murray Cumplido, n. no R. Janeiro a 03.04.1904 e f. em Santos–SP a 28.10.1973. C. em Santos-SP a 28.09.1972 c. sua prima, D. Sylvia Murray Sandt, n. em Santos-SP a 27.03.1920. Filha de Karl Froedrick August Sandt e de D. Aida Victoria Murray Sandt S.g. (v. § 2 - nº 5)

2 Jorge Murray Cumplido, faleceu criança.

2 D. Maria do Carmo Murray Cumplido, n. em Santos–SP a 01.05.1916 e aí f. a 18.09.1996. Solteira.

2 D. Ercilha Emerita Murray Cumplido , n. em Santos - SP a 22.09.1920. F. em 1923.

§ 2 - nº 5

1 D. Aida Victoria Murray, n. no Rio de Janeiro a 18.02.1881 e f. em Santos–SP a 06.09.1974. Batizada a 02.07.1881 na matriz de Santo Antonio dos Pobres – RJ. Foram padrinhos: Dr. Antonio Joaquim Nogueira da Gama e sua filha, D. Maria Victoria Villas Boas Nogueira da Gama. C. em Curitiba-PR a 12.10.1912 c. Karl Froedrick August Sandt, n. na Alemanha a 18.01.1888 e f. em S. Paulo a 01.11.1948. Filho de Ludwig Sandt e de D. Maria Sandt. Negociante. Por ser alemão e tendo seu país de origem precipitado as duas Grandes Guerras Mundiais, a família o via com certa desconfiança, talvez ocasionada pela suspeita de seu envolvimento ideológico com aqueles conflitos. Isto muito o entristecia, pois nunca deu motivos para tal.

Filhos:

2 D. Maria de Lourdes Murray Sandt. Faleceu criança.

2 D. Helena Murray Sandt, n. em Santos–SP a 10.10.1915 e C. em S. Paulo–SP a 16.10.1943 c. Antonio José D'Araujo Pessoa, n. em Santos-SP a 19.02.1913. Filho de Antonio da Veiga Pessoa e de D. Maria da Piedade de Araujo Pessoa. Engenheiro civil e mecânico.

Filhos:

3 Fernando Sandt Pessoa, n. no R. Janeiro a 02.01.1946. Técnico em contabilidade. C. em S. Paulo - SP a 03.05.1974 c. D. Clio Salgado e Cesar de Oliveira, n. em S. Paulo - SP a 27.02.1953. Filha de Clodoaldo Cesar de Oliveira e de D. Elza Salgado e Cezar de Oliveira.

Filhas:

4 D. Priscilla Sandt Pessoa, n. em Santos–SP a 25.01.1978.

4 D. Diana Sandt Pessoa, n. em Santos-SP a 21.08.1979.

4 D. Deborah Sandt Pessoa, n. em Santos–SP a 17.02.1984.

3 D. Sonia Maria Sandt Pessoa, n. no R. Janeiro a 28.07.1948 e aí f. em 14.01.1991.

3 Eduardo Sandt Pessoa, n. no R. Janeiro a 15.09.1949. Oficial do Exército. Ingressou na Academia Militar a 26.02.1972. Aspirante a 12.12.1975; Segundo-Tenente a 31.08.1976; Primeiro-Tenente a 25.12.1977; Capitão a 25.12.1981; Major (m) 31.08.1988; Tenente-Coronel (m.) a 25.12.1993. Cursos de Formação de Oficiais da Arma de Infantaria; Aperfeiçoamento de Oficiais de Infantaria; Comando e Estado-Maior; Operações na Selva; e Habilitação em Língua Inglesa. Medalha Militar – Prata; Medalha do Pacificador; e Medalha Serviço Amazônico. C.em Itaperuna–RJ a 20.01.1979 c. D. Isabel Cristina Freire Borges, n. em Itaperuna–RJ a 10.05.1958. Filha de Luiz Moraes Borges e de D. Iva Freire Borges. Professora.

Filhos:

4 Eduardo Sandt Pessoa Filho, n. em Rio Branco-Acre a 07.11.1980.

4 Gabriel Borges Pessoa, n. em S. Gonçalo–RJ a 07.04.1984.

4 D. Nina Morena Borges Pessoa, n. em Niterói-RJ a 11.11.1985.

3 Fabio Sandt Pessoa, n. em Três Rios–RJ a 25.04.1953. Casou-se e desquitou-se. S.g. Técnico em eletrônica.

3 Marcio Sandt Pessoa, n. em Três Rios-RJ a 21.08.1954 e f. no R. Janeiro a 22.11.1985.

3 Celso Sandt Pessoa, n. no R. Janeiro a 18.05.1958. Engenheiro mecânico. C. no R. Janeiro a 21.07.1987 c. D. Mailú de Assumpção Liu., n. no R. Janeiro a 17.11.1963. Filha de Richard Liu e de D. Delourdes Theomar de Assumpção Liu.

Filhos:

4 Marcio Liu Sandt, n. no R. Janeiro a 18.12.1987.

4 Bernardo Liu Sandt, n. no R. Janeiro a 19.05.1992.

2 D. Sylvia Murray Sandt, n. em Santos-SP a 27.03.1920 e aí f. a 11.10.1999. Secretária e Procuradora. C. em Santos–SP a 28.09.1972 c. seu primo Luiz Murray Cumplido (v. § - 2 nº 4).

§ 2 - nº 6

1 Charles Robert Murray, n. no Rio de Janeiro a 04.04.1882 e f. em Nova York, a bordo do navio "Queen Elizabeth". Batizado a 25.12.1882 na Igreja de Santo Antonio dos Pobres – RJ. Foram padrinhos: Dr. Thomas da Gama Cochrane e Srta. Robertina Cochrane. Estudou no Saint George's College, Weybridge, Surrey (Inglaterra). Empresário e banqueiro. Era sócio-gerente da firma "Murray, Simonsen & Cia Ltda". Presidente da Companhia Imobiliária do Paraná. Diretor, no Brasil, da Cia. de Terras do Norte do Paraná e da Cia. Brasileira de Crédito Hypothecário. Gerente-Geral da "Brazilian Warrant Agency and Finance Co. Ltda". Foi um dos fundadores da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação–ABBR, para poder tratar de seu filho Percy. C. em Santos-SP. c. D. Lucy Cochrane Simonsen, n. no R. Janeiro em 1886 e f. nesta cidade a 19.06.1941. Filha de Sidney Martin Simonsen e de D. Robertina da Gama Cochrane. D. Lucy era irmã de D. Maria Luiza Cochrane Simonsen (v. § 2 - nº 7).

Filhos:

2 D. Daisy Simonsen Murray, n. em Santos – SP a 22.05.1908. Faleceu solteira.

2 Percy Charles Murray, n. em Santos–SP a 07.02.1910 e f. no R. Janeiro em 1961. Devido a uma queda que sofreu, ainda bebê de

Família de Charles Robert Murray e Lucy Cochrane Simonsen (1941)

1- Charles Filho (Charleco)
2- Grace, casada com Roberto Suplicy (13)
3- Daisy Simonsen Murray (solteira)
4- Charles Murray (pai)
5- Sidney Murray (filho)
6- Tia Lucy Simonsen Murray (mãe)
7- Nelly, freira da Congregação do Sacré Coeur de Marie
8- D. Robertina Cochrane Simonsen
9- Stella Cumplido Broad
10- Jorge Broad, marido de Stella
11- Maria do Carmo Murray Cumplido (solteira)
12- Romulo Cumplido, pai de Stella e Carminha
13- Roberto Suplicy

Refletindo no espelho, Percy Murray, que ficou paraplégico devido a um tombo quando ainda era criança. Logo atrás, sua enfermeira

colo, ficou paraplégico, mas este infortúnio não impediu que se tornasse um empresário de sucesso. Foi o primeiro diretor da ABBR. Sendo solteiro, tomou a seu cuidado alguns sobrinhos, filhos de seu primo, Edwin Murray (v. 2 § 2 - nº 2).

2 D. Grace Lucy Simonsen Murray, n. em Santos–SP a 14.02.1912 e f. no R. Janeiro em 1945. C. no R. Janeiro (Glória) a 14.05.1932 c. Robert Cochrane Suplicy, n. em S. Paulo-SP a 06.11.1907. Filho de Luiz Suplicy e de D. Helena Cochrane Suplicy.

Filha:

3 D. Lucy Murray Suplicy.

2 D. Helen May Simonsen Murray, n. em S. Paulo–SP a 07.03.1913. Faleceu solteira.

2 Charles Edward Murray, n. em Santos–SP a 26.07.1915 e f. em S. Paulo em 1959 num desastre aéreo. C. em 1as núpcias c. no R. Janeiro a 14.09.1944 c. D. Sonia Oiticica, n. em Maceió–AL a 19.12.1918. Filha de José Rodrigues Leite Oiticica e de D. Francisca Bulhões Leite Oiticica. C. em 2as núpcias c. Maria Isabel Fontoura.

Do 1° casamento teve:

Filha:

3 D. Ana Claudia Oiticica Murray, n. em Paris (França) a 14.04.1951. C. no R. Janeiro c. Jorge Antonio dos Santos Lemgruber. Filho de Sylvio de Moraes Lemgruber e de D. Maria Theresa dos Santos Lemgruber.

Filhos:

4 Leonardo Oiticica Lemgruber, n. no R. Janeiro a 05.05.1977.

4 Luciano Oiticica Lemgruber, n. no R. Janeiro a 19.09.1978.

2 Sidney Robert Murray, n. em Sto. André – SP a 05.01.1920 e f. no R. Janeiro a 01.10.1990. Empresário. C. em Sto. André – SP a 20.01.1945 c. D. Marisa Isabel Barcelos Dias, n. no R. Janeiro (Glória) a 03.08.1924. Filha de Paulo Ferreira Dias e de D. Nilnah Barcelos Dias. Tradutora Autônoma de Livros e Peças Teatrais.

Filhos:

3 D. Mary Lucy Dias Murray, n. no R. Janeiro a 17.10.1952. Escritora e professora universitária. C. no R. Janeiro a 16.05.1973 c. Hugo Del Priori, n. no R. Janeiro a 20.08.1949. Filho de Hugo Del Priori e de D. Hiluz Barreto. Banqueiro.

Filhos:

4 Pedro Augusto Murray Del Priori, n. em S. Paulo a 28.02.1975.

4 Paulo Fernando Murray Del Priori, n. em S. Paulo a 14.02.1978.

4 D. Isabel Murray Del Priori, n. em S .Paulo a 25.08.1980.

3 Charles Robert Murray, n. no R. Janeiro a 17.02.1955. Produtor de eventos culturais. Solteiro.

§ 2 - nº 7

1 Harold Robert Murray, n. no Alto da Boa Vista - RJ (Glória, Liv. 12º, fl 128v) a 14.09.1888 e ali f. a 30.01.1951. Comerciante. C. em Santos–SP a 26.04.1913 c. D. Maria Luiza Cochrane Simonsen (Mary), n. em S. Paulo a 20.12.1893 e f. no R. Janeiro a 13.10.1935. Filha de Sidney Martin Simonsen e de D. Robertina da Gama Cochrane. D. Maria Luiza era irmã de D. Lucy Cochrane Simonsen, casada c. Charles Robert Murray (v. § 2 - **nº 6**) e também do senador Roberto Cochrane Simonsen. C. a 2ª vez no Reno-Nevada (EUA) com sua prima, Eugênia Noemi de Sá (Azevedo), s.g (v. § 1º).

Filhos:

2 Harold Robert Murray Junior, n. a 14.04.1914 e f. a 23.08.1957. C. no R. Janeiro (N. S. do Brasil) a 20.05.1937 c. D. Wolfanga Rohr, n. a 19.09.1914 e f. a 03.07.1989. Filha de Carlos Jorge Rohr e de D. Wolfanga Crissiuma Paranhos Rohr.

Filho:

3 Harold Rohr Murray, n. a 21.05.1941. Capitalista. Diretor do "Brazilian Business Bank". C. no R. Janeiro (S. Fco. de Paula) a 19.10.1972 c. D. Fernanda Maria Machado Coelho Flores da Cunha, n. no R. Janeiro a 26.05.1946. Filha de José Bonifácio Flores da Cunha e de D. Maria Celeste Machado Coelho.

Filha:

4 D. Elisabeth Flores da Cunha Murray, n. no R. Janeiro a 02.07.1973. De uma união c. Julio Cesar Belaguarda Nagy de Oliveira, n. a 28.07.1971, Oficial do Exército, filho de Darly Adão Nagy de Oliveira e de D. Neuza Belaguarda Nagy de Oliveira, teve:

Filho:

5 Julio Cesar Flores da Cunha Belaguarda Nagy de Oliveira, n. no R. Janeiro a 29.12.1994.

2 Albert Wallace Murray, n. em Santos–SP a 18.07.1915 e f. no R. Janeiro a 21.06.1966. C. no R. Janeiro a 08.01.1944 c. D. Olga de Magalhães, n. em Paris (França) a 21.12.1921. Filha do Embaixador Alvaro de Magalhães e de D. Irene Mary Nightscales de Magalhães. Seu avô, Luiz Antônio de Magalhães, n. em Braga (Portugal), foi agraciado pelo governo português com o título de Conselheiro.

Filhos:

3 D. Mary Lousie Magalhães Murray, n. no R. Janeiro a 18.05.1945.

3 Albert Ronald Murray , n. no Rio de Janeiro a 12.08.1946. Administrador de empresas. C. a 1ª vez no R. Janeiro, a 28.1.1971, c. D. Maria de Lourdes Fontainha de Araujo, n. no R. Janeiro a 15.10.1946. Filha de Celso Fontainha de Araujo e de D. Yolanda Heinzelmann. Divorciaram-se.

Filhas:

4 D. Raphaella de Araujo Murray, n. no R. Janeiro a 20.11.1971.

4 D. Camila de Araujo Murray, n. no R. Janeiro a 27.09.1972.

Albert Ronald C. a 2ª vez em Teresópolis–RJ a 12.06.1993 c. D. Sheila Rosenberg, n. no R. Janeiro a 07.04.1952. Filha de Hetsz Rosenberg e de D. Jitla Rosenberg. Empresária. Durante a guerra seu pai esteve prisioneiro num campo de concentração nazista.

Conselheiro Luiz Augusto Magalhães (bisavô de Olga)

D. Carlota d'Araujo Guimarães Magalhães (bisavó de Olga)

Palacete no Cosme Velho onde morava o Conselheiro Luiz Augusto Magalhães (1925)

Fred Nightscales, avô de Olga

Selina Nightscales (avó inglesa de Olga)

Alvaro Magalhães, pai de D. Olga

Irene (Reneé) Nightscales Magalhães, mãe de Olga (Paris, 1932)

Harold Murray, pai de Albert

Albert Murray e Olga Magalhães

Albert Ronald Murray e as filhas, Raphaella e Camila

Mary Lousie Magalhães Murray, filha de Olga e Albert Murray

D. Olga com as netas, Raphaella, Camila e Leticia

Filha:

4 D. Leticia Murray, n. a 19.11.1983.

2 D. Maria Helena Simonsen Murray, n. em Santos–SP a 08.09.1916. C. em Santos–SP em maio 1940 c. Cleomar Gonçalves, n. em Santos–SP a 23.06.1917 e aí f. em 1975. Filho de Benedito Gonçalves e de D. Dulce Gonçalves. Comerciante.

Filhos:

3 D. Mary Murray Gonçalves, n. em Santos–SP a 02.03.1941. C. em S.Paulo–SP a 08.08.1963 c. Luiz Carlos Moreira da Costa, n. em S. Paulo a 14.01.1940 e aí f. a 06.06.1973. Filho de Wilson Moreira da Costa e de D. Dulce Moreira da Costa. Comerciante.

Filhos:

4 Eduardo Moreira da Costa, n. em S. Paulo a 25.02.1964 e f. a 26.10.1994.

4 D. Andrea Moreira da Costa, n. em S. Paulo a 6.07.1965.

3 D. Suzy Murray Gonçalves, n. em Santos–SP a 13.09.1947. C. em S. Paulo a 21.12.1971 c. Cyro Antonio de Oliveira Germano, n. em S. Paulo a 04.03.1945. Filho de Cyro Emigdio de Oliveira Germano e de D. Mariana Conceição Germano.

Filhos:

4 Guilherme Gonçalves Germano, n. em S. Paulo a 04.06.1973 e aí C. a 23.06.1997 c. D. Sandra Lomas, n. em S. Paulo a 30.07.1971. Filha de Manoel Alves Lomas e de D. Angélica da Ressurreição Ferrinha Lomas. Comerciante.

4 D. Gabriela Gonçalves Germano, n. em S. Paulo a 20.05.1975. C. (união) com Guilherme Amando de Barros, n. em S. Paulo a 16.05.1971. Filho de Luiz Eduardo Amando de Barros e de D. Anamaria Damazio, teve:

Filha:

5 Isabella Germano Amando de Barros, n. em S. Paulo a 06.10.1996.

4 Gustavo Gonçalves Germano, n. em S. Paulo a 11.07.1977. Solteiro.

3 Sergio Murray Gonçalves, n. em Santos–SP a 23.07.1955. Bancário. C. (união) em 1994 c. D. Claude Regina Campos, n. em S. Paulo–SP a 28.04.1963. Filha de José Celso de Oliveira Campos e de D. Marisa Gessy Campos. Bancária.

Filho:

4 Lucas Murray, n. em Fortaleza–CE a 26.11.1996

2 D. Dulce Simonsen Murray, n. em Santos–SP a 22.01.1919 e f. a 07.05.1977. Solteira.

2 D. Regina Simonsen Murray, n. a 29.06.1920 e f. a 12.12.1989. C.em S. Paulo em 1945 c. Leon Gattegno, n. em Nova York-EUA a 02.04.1915 e f. em Orlando-Flórida (EUA) a 15.03.1999. Executivo. Filho de Lazar Gattegno e de D. Delicia Gattegno.

Filho:

3 Leslie Joseph Murray Gattegno, n. em S. Paulo-SP a 19.03.1950 e f. em Longwood-Flórida (EUA) a 19.12.1995.Arquiteto. C. em São Paulo-SP a 21.08.1986 c. D. Celia Leão Volpini, n. em Lins-SP a 03.02.1961. Filha de Celio Volpini e de D. Alaíde Leão Volpini. Artista Plástica. Em 1994 foram morar nos Estados Unidos.

Filhas:

4 Ana Luiza Volpini Gattegno, n. em S. Paulo-SP a 24.10.1987.

4 Mariana Volpini Gattegno, n. em S. Paulo-SP a 28.03.1990.

2 D. Alice Simonsen Murray, n. em Santos-SP em 1922 e aí f. em 1923.

2 D. Carmem Simonsen Murray, n. em Santos–SP a 22.07.1923. C. em S. Paulo a 06.09.1955 c. Nuno Vieira Bustorff Silva, n. na Lapa - Lisboa (Portugal) a 26.02.1924. Filho de Joaquim Judice Bustorff

Silva e de D. Bertha Sampaio Vieira Bustorff Silva. Engenheiro eletrônico.

Filhos:

3 D. Maria Luiza Murray Bustorff Silva, n. em S. Paulo a 05.07.1956. Gerente Comercial. C. no Porto (Portugal) a 30.07.1977 c. Romualdo Luis Ribera Salcedo, n. no Porto (Portugal) a 27.02.1953. Filho de Ignácio Alejandro Salcedo Y Abad e de D. Rosa Angela Ribera Salcedo. Engenheiro químico.

Filhos:

4 João Bustorff Salcedo, n. no Porto (Portugal) a 13.05.1980.

4 D. Carolina Bustorff Salcedo, n. no Porto (Portugal) a 08.04.1982.

3 Joaquim Murray Bustorff Silva, n. em S. Paulo a 21.11.1957. Médico cirurgião. C. em Campinas–SP a 26.7.1986 c. D. Teresa Meloni Rosa, n. a 21.05.1963. Filha de Silvio Nascimento Rosa e de D. Celina Meloni Rosa. Enfermeira.

Filhos:

4 Tiago Bustorff Silva, n. a 17.03.1989.

4 Daniel Bustorff Silva, n. a 30.03.1992.

3 Nuno Murray Bustorff Silva, n.em S. Paulo a 15.12.1959. Oficial de Marinha, de Portugal. C. em Manique - Cascais (Portugal) a 13.10.1991 c. D. Maria da Graça de Sousa Coutinho Rebello de Andrade, n. a 30.03.1961. Filha de Francisco Vieira Rebello de Andrade e de D. Maria da Graça de Sousa Coutinho Rebello de Andrade.

Filhos:

4 Nuno Rebello de Andrade Bustorff Silva, n. a 09.03.1992.

4 Maria Margarida Rebello de Andrade Bustorff Silva, n. a 01.10.1994.

3 D. Maria Isabel Murray Bustorff Silva, n. em S.Paulo a 18.07.1961. Técnica em informática. C. em Cascais (Portu-

gal) a 05.02.1990 c. José Manuel Marinho da Cruz Cardim, n. em Estoril (Portugal) a 20.02.1948. Filho de Joaquim Canas Cardim e de D. Maria Luiza Franco Marinho da Cruz Cardim. Engenheiro mecânico.

Filho:

4 Guilherme Bustorff Cardim, n. a 12.06.1994.

2 D. Rachel Simonsen Murray, n. em Santos–SP a 29.06.1925. Supervisora da AVON. C. em S. Paulo a 26.6.1943 c. Luiz Suplicy Netto, n. em Santos–SP a 18.09.1920. Filho de Luiz Suplicy Junior e de D. Zanith F. Suplicy. Corretor de valores.

Filhos:

3 Luiz Suplicy, n. em São Paulo–SP a 01.06.1944 e aí f. num desastre automobilístico, em 1996. Corretor de mercadorias. C. a 22.11.1968 c. D. Claudia M. L. Kannebley Battendière, n. a 01.06.1944. Filha de Nero Siegfried Wagner Batttendière e de D. Maria de Lourdes S.Kannebley Battendière. Decoradora.

Filhos:

4 Luiz Suplicy, n. a 14.03.1972.

4 D. Rebecca Suplicy, n. a 24.04.1974.

3 John Murray Suplicy, n. em S. Paulo a 24.07.1946. Corretor. C. em S. Paulo a 03.09.1969 c. D. Flavia Danova Gomes, n. em S. Paulo a 05.06.1949. Filha de Alberto Villares Danova Gomes e de D. Hebe S. Villares Danova Gomes. Flávia é sobrinha-neta de Alberto Santos Dumont, "o pai da aviação". Artesã.

Filhas:

4 D. Daniela Suplicy, n. em S. Paulo a 26.11.1970.

4 D. Isabella Suplicy, n. em S. Paulo a 12.07.1973.

§ 2 - nº 8

1 D. Minna Murray, n. em Londres (Inglaterra) a 30.08.1889 e f. em Santos–SP a 27.12.1974. Batizada na Clapham Church, em Londres. Foram

padrinhos: Luiz de Seixas Correa e Anna Pereira de Seixas Correa, representados por Marietta e William R. Murray. C. em Santos–SP (1ª Zona – Liv. 45, fls 117v) a 17.07.1915 c. William Fountain Baskerville, n. em Pelotas–RS a 17.05.1890. Filho de Henry James Baskerville e de D. Elizabeth Graham Baskerville. Diretor da Cia. União Transportes.

Filhos:

2 D. Edna Baskerville, n. no R. Janeiro a 27.04.1916. C. em Santos–SP a 29.01.1944 c. Jacyro Macchi, n. em Santos–SP a 23.04.1918 e f. em Mirasol–SP a 21.10.1991. Filho de Alberto Macchi e de D. Rosa Duarte Macchi. Bancário.

Filhos:

3 Jacyro Macchi Junior, n. em Santos–SP a 16.11.1944. C. nesta cidade a 13.06.1973 c. D. Vera Lucia Augusto, n. em Santos–SP a 25.02.1948. Filha de Nelson Augusto.

Filhos:

4 Jacyro Macchi Neto, n. em Santos–SP a 14.12.1976.

4 D. Lauren Christina Macchi, n. em Santos–SP a 25.08.1978.

3 José Luiz Baskerville Macchi, n. em Santos–SP a 21.01.1946. Classificador de café. C. em Santos–SP a 07.01.1971 c. D. Maria Antonieta Sarubi, n. em Santos–SP a 31.01.1949. Filha de Antonio José Sarubi e de D. Ivette Maia Sarubi. Professora.

Filhos:

4 Luiz Gustavo Sarubi Macchi, n. em Santos–SP a 12.04.1972.

4 D. Marcela Sarubi Macchi ,n. em Santos–SP a 14.12.1974.

4 D. Paloma Sarubi Macchi, n. em Mirassol–SP a 04.01.1982.

3 José Geraldo Baskerville Macchi, n. em Santos–SP a 15.02.1947. C. a 1ª vez em S. Paulo a 10.09.1978 c. D. Viviane Zantut, n. a 10.03.1950. Filha de Antonio Zantut.

Filhos:

4 D. Jessica Zantut Macchi, n. em Santos–SP a 12.12.1978.

4 D. Jeniffer Zantut Macchi, n. em Santos-SP a 12.12.1978.

4 D. Juliana Zantut Macchi, n.em Santos–SP a 13.05.1983.

José Geraldo C. 2ª vez c. D. Rosa Dilena.

Filha:

4 D. Fernanda Dilena Macchi, n. em Santos–SP a 06.01.1989.

3 José Eduardo Baskerville Macchi, n. em Santos–SP a 23.02.1949 e f. em Santos–SP a 10.07.1993. Despachante. C. em Santos - SP a 13.06.1974. c. D. Eliane Campomar do Nascimento, n. em Santos–SP a 30.08.1951. Filha de Horácio Pina Nascimento e de D. Ivete Campomar Nascimento. Despachante.

Filhos:

4 Nicholas Campomar Nascimento Baskerville Macchi, n. em Santos-SP a 22.02.1976.

4 Theo Campomar Nascimento Baskerville Macchi, n. em Santos–SP a 03.11.1977.

3 D. Marcia Elisabeth Baskerville Macchi , n. em Santos–SP a 19.02.1950. Bancária. C. em Santos–SP a 04.05.1979 c. Luiz Antonio Fontes Novoa, n. em Santos – SP a 30.12.1948. Filho de Osmar Novoa e de D. Jandyra Fontes Novoa. Arquiteto.

Filhos:

4 Luiz Frederico Baskerville Macchi Fontes Novoa, n. em Santos–SP a 21.06.1982.

4 Luiz Felipe Baskerville Macchi Fontes Novoa, n. em Santos–SP a 21.03.1985.

3 José Alberto Baskerville Macchi, n. em Santos–SP a 26.08.1955. Massagista. C. em Santos–SP a 13.06.1980 c. D. Regina Celia Freitas Gomes, n. em Santos–SP a 13.08.1945.

Filha de José de Freitas Gomes e de D. Arlete Freitas Gomes.

Filha:

4 D. Ana Guilhermina Baskerville Macchi, n. em Santos–SP a 13.02.1988.

2 Cedric Henry Murray Baskerville, n. no R. Janeiro a 18.04.1917 e f. a 11.10.1988. C. em Santos–SP a 06.07.1940 c. D. Lucy Gonçalves, n. em Santos–SP a 01.08.1918. Filha de Pedro Gonçalves e de D. Balbina Gonçalves. Comerciante de café.

Filhos:

3 Victor William Gonçalves Baskerville, n. em Santos–SP a 28.03.1941. Médico. C. em Santos–SP a 08.01.1969 c. D. Beatriz Vasconcelos, n. em Campinas–SP a 01.09.1944. Filha de Luiz Teixeira de Vasconcelos e de D. Laurinha Chebabi Teixeira de Vasconcelos.

Filhos:

4 D. Wendy Vasconcelos Baskerville, n. em Santos–SP a 14.02.1970.

4 D. Priscilla Vasconcelos Baskerville, n. em Santos–SP a 27.12.1971.

4 Guy Vasconcelos Baskerville, n. em Santos–SP a 03.04.1976.

4 Robin Vasconcelos Baskerville, n. em Santos–SP a 03.12.1979.

3 D. Rosemay Gonçalves Baskerville, n. em Santos–SP a 02.9.1945 e aí f. a 12.07.1995. C. c. Paulo Schiesari n. em S. Paulo a 12.03.1945. Filho de Vicente Schiesari e de D. Araci Schiesari. Administrador de empresas.

Filhas:

4 D. Susan Baskerville Schiesari, n. em Santos–SP a 20.02.1971. Professora de Sapateado. C. em Santos–SP a 28.04.1994 c. Gilberto Ferreira Doneux, n. em Santos–SP a 24.02.1967. Filho de Luiz Fernando Doneux e de D. Magaly Ferreira Doneux.

Filha:

5 Winnie Baskerville Doneux, n. em Santos–SP a 08.08.1996.

4 D. Vicky Baskerville Schiesari, n. em Santos–SP a 05.06.1974. Administradora de Empresas. Solteira.

3 Henry James Gonçalves Baskerville, n. em Santos–SP a 26.08.1959. Fazendeiro, agricultor e pecuarista. C. em Jacarezinho–PR a 14.06.1986 c. D. Andrea Sartori Baccon, n. em Jacarezinho–PR a 02.05.1967. Filha de Alfeu Baccon e de D. Anadir Sartori Baccon.

Filhas:

4 D. Emily Baccon Baskerville, n. em Santos–SP a 08.12.1986.

4 D. Celie Baccon Baskerville, n. em Santos–SP a 20.12.1989.

2 D. Doris Elisabeth Baskerville, n. em Santos–SP a 18.03.1920 e aí f. a 03.03.1999. C. em Santos- SP a 29.05.1943 c. José Justino de Mello, n. em Paranaguá-PR a 11.05.1919 e f. a 06.05.1977. Filho de João Diamantino de Mello e de D. Zilpa Pereira de Mello. Gerente do Banco do Brasil.

Filhos:

3 D. Maria Inês Baskerville de Mello, n. em Santos–SP a 16.04.1944 e aí C. a 29.06.1971 c. Máximo Antonio Martins, n. em Santos–SP a 22.05.1942. Filho de Máximo Martins e de D. Maria da Conceição Martins.

Filha:

4 D. Simone de Mello Martins, n. em Santos–SP a 19.09.1972.

3 D. Maria Silvia Baskerville de Mello, n. em Santos–SP a 12.06.1945 e aí C. a 08.02.1974 c. Felisberto João Carneiro Gonçalves, n. em Campinas–SP a 05.11.1950. Filho de Francisco Fernandez Gonçalves e de D. Floriza Carneiro Gonçalves.

Filhos:

4 Leonardo de Mello Gonçalves, n. em Santos–SP a 14.03.1975.

4 Adriano de Mello Gonçalves, n. em Santos–SP a 30.06.1977.

4 Murilo de Mello Gonçalves, n. em Santos–SP a 15.03.1980.

3 José Oswaldo Baskerville de Mello, n. em Santos–SP a 01.01.1947. C. c. D. Daisy Kassetari, n. em Sto. André–SP a 02.08.1948. Filha de Bruno Kassetari.

Filhas:

4 D. Lia Kassetari de Mello, n. a 05.02.1977.

4 D. Lara Kassetari de Mello, n. a 20.07.1978.

4 D. Luiza Kassetari de Mello, n. a 05.05.1982.

3 José Gilberto Baskerville de Mello, n. em Santos–SP a 08.07.1948. C. em S.Paulo–SP a 03.09.1979 c. D. Regina Stella Amendola, n. em Mogi das Cruzes–SP a 10.11.1949. Filha de Pascoal Amendola e de D. Cleonice Amendola.

Filhos:

4 Giuliano Amendola de Mello, n. em Santos–SP a 20.06.1978.

4 Breno Amendola de Mello, n. em Santos–SP a 14.10.1981.

3 José Arnaldo Baskerville de Mello , n. em Santos–SP a 22.09.1951 e aí C. a 3.7.1975 c. D. Maria Irene Brito, n. em Santos-SP a 28.11.1950. Filha de Alcides Marba Brito e de D. Rosaria Nastre Brito.

Filhos:

4 José Fernando Brito de Mello, n. em Santos–SP a 29.12.1977.

4 José Felipe Brito de Mello, n. em Santos-SP a 20.03.1979.

3 D. Maria Lucia Baskerville de Mello, n. em Santos–SP a 03.09.1954 e aí C. a 19.09.1980 c. Antonio Carlos Costa Fran-

co, n. em Santos–SP a 25.09.1951. Filho de Alberto de Oliveira Franco e de D. Dinorah da Costa Franco.

3 José Henrique Baskerville de Mello, n. em Santos–SP a 02.04.1958 e C. em Santos–SP a 03.01.1988 c. D. Elisete Alves Pereira, n. em S.Vicente–SP a 07.01.1965. Filha de Diamantino Pereira e de D. Adelina Alves Pereira.

Filha:

4 Leticia Pereira Baskerville de Mello, n. em Santos–SP a 17.06.1992.

2 D. May Baskerville, n. a 22.05.1921 e f. a 26.03.1923.

2 D. Gladys Minna Baskerville, n. 07.06.1927 e f. a 01.09.1961. Solteira.

§ 3°

D. LUIZA TELLES RIBEIRO, n. em Niterói–RJ a 06.05.1875 e f. no Rio de Janeiro a 01.07.1955. C. em Niterói (S. João Batista) a 12.11.1902 c. Jonathas Salathiel Dias da Rocha, n. em Manaus–AM a 19.03.1877 e f. no Rio de Janeiro a 18.01.1968. Filho de José Gonçalves da Rocha e de D. Innocência Virgínia Dias da Rocha. Oficial do Exército. Participou dos combates durante a Revolta dos Marinheiros, dita "Revolta da Chibata", em 1910. Durante a 1ª Guerra Mundial, comandou de 19.08.1917 a 11.10.1918 o Destacamento de Guaratiba (52° Batalhão de Costa), na vigilância e segurança do litoral brasileiro. Passou para a reserva em 24.02.1927, no posto de Major. Por ter tido serviço de guerra, foi promovido a Tenente-Coronel por decreto de 09.06.1953 (Dados obtidos no Arquivo Histórico do Exército).

Filhas:

1 D. Valina Ribeiro da Rocha, n. em Niterói–RJ a 02.12.1906 e f. em Châtel-Guyon, na França, a 30.06.1926. Pianista e concertista de fama internacional. Diplomou-se no curso de piano do Instituto Nacional de Música. Seus exames foram sempre provas belíssimas e sensacionais. No exame final, em 29.11.1921, o júri, por deliberação unânime, inseriu na ata uma menção especial, sem precedente, pelas brilhantes provas que deu de sua capacidade artística. Concorreu aos prêmios em 31 de dezembro do mesmo ano, obtendo Medalha de Ouro. Apresentou-se em Paris, sendo

muito elogiada pela crítica francesa. Faleceu na França, vitimada pela tuberculose. Solteira.

1 D. Lucília Celestina Ribeiro da Rocha, n. no R. Janeiro a 10.09.1907 e b. na Igreja da Glória em 14.02.1909. Foram padrinhos: Hermann Telles Ribeiro e Anna Jones (Liv.23, Fl. 7, n° 1651). F. no R. Janeiro a 20.11.1974. C. nesta cidade a 21.02.1927 c. Affonso Figueira Machado, n. no R. Janeiro a 26.02.1895 e aí f. a 25.11.1972. Ofical Intendente de Marinha. Chegou ao posto de Contra-Almirante em 23.10.1951, com 41 anos e 5 meses de serviço. Durante a 1ª Guerra Mundial (1917), serviu a bordo do "Encouraçado Floriano", fazendo o patrulhamento do litoral brasileiro. Na 2ª Guerra Mundial serviu a bordo do encouraçado "Minas Gerais". Também serviu no Navio Escola Saldanha da Gama (1935); Escola Naval (1937); e Escola Almirante Batista das Neves (1939). Recebeu a Medalha de Victoria (1928); Medalha Militar de Prata (1931); e Medalha Militar de Ouro (1947). [Dados obtidos no SGDM.] Filho de D. Maria Izabel Figueira Machado e do Dr. João Lopes Machado, médico e político de renome, governador do Estado da Paraíba (22.10.1908-22.10.1912), quando se destacou com uma administração louvável, do ponto de vista financeiro e ficou conhecido como um governador modelar, ativo e honesto. Assim é descrito na página 172 do livro "Homens do Brasil, vol. II, "Parahybanos Ilustres", de Liberato Bittencourt.

Filhos:

2 João da Rocha Machado, n. no R. Janeiro a 17.12.1927 e aí f. a 17.02.1977. Comerciário. C. no R. Janeiro a 24.01.1953 c. D. Clea Martins, n. no R. Janeiro a 14.02.1931. Filha de Policarpo Martins e de D. Marina Martins.

Filho:

3 Jerônimo Martins Machado, n. no R. Janeiro a 30.09.1953.

2 Affonso da Rocha Machado, n. no R. Janeiro a 21.10.1929 e f. em Miguel Pereira–RJ a 28.02.1989. Solteiro.

2 D. Luiza da Rocha Machado, n. no R. Janeiro a 16.07.1931. C. no R. Janeiro a 17.05.1952 c. Acyr Lourenço Nogueira, n. em Coimbra-MG a 27.06.1921. Filho de Joaquim Nogueira e de D. Maria Lourenço. Comerciante. Desquitaram-se a 17.11.1987.

Filhos:

3 Luiz Eduardo Nogueira, n. no R. Janeiro a 04.05.1953. Bancário. C. em Belo Horizonte–MG a 06.04.1991 c. D. Gloria

Regina Costa Correia, n. em Patos de Minas–MG a 25.07.1965. Bancária. Gerente de negócios do Banco Econômico. Filha de Benedito Correia e de D. Maria da Glória Costa. Separaram-se.

Filhas:

4 Maysa Correia Nogueira, n. em Viçosa–MG a 29.08.1991.

4 Stella Correia Nogueira, n. a 25.05.2000.

3 D. Maria do Carmo Nogueira, n. no R. Janeiro a 25.06.1954. Analista de Sistemas. C. 1ª vez em Viçosa–MG a 07.04.1978 c. Paulo Marcio Alencar Fontes, n. no R. Janeiro a 15.09.1950. Filho de Januário Andrade Fontes e de D. Maria da Conceição Alencar. Comerciante. Separaram-se.

Filhos:

4 Luiz Márcio Nogueira Fontes, n. em Santos–SP a 06.06.1980.

4 D. Maila Nogueira Fontes, n. em Belo Horizonte–MG a 12.08.1981.

D. Maria do Carmo C. 2ª vez c. Fernando Leite de Assis Fonseca, n. a. 12.01948. Filho de José de Assis Fonseca e de D. Heloisa Leite de Assis Fonseca. Dentista.

Filhos:

4 Matheus Nogueira Fonseca, n. em Brasília–DF a 22.09.1992.

4 Marina Nogueira Fonseca, n. em Brasília–DF a 05.03.1994.

3 Mario Henrique Nogueira, n. no R. Janeiro a 24.02.1958. Administrador de Empresas. Comerciante. C. em Belo Horizonte–MG a 20.12.1986 c. D. Rejane Andrade Carvalho, n. em Viçosa–MG a 29.12.1959. Filha de Alexandre Batista de Carvalho e de D. Iracema Rezende Andrade. Engenheira agrônoma. Funcionária da V.F.V.

Filhas:

Luiza Telles Ribeiro

Jonathas Salathiel Dias da Rocha

De pé, Luiza e Jonathas. Sentada, D. Inocência (mãe de Jonathas) com Laura no colo. Valina em pé, Lucilia sentada e Inoca, sentada do outro lado.

Innocência e Valina

Lucília Celestina (Lulu) Ribeiro da Rocha e o filho, Joquinha, com 4 meses

Luizinha da Rocha Machado, filha de Lulu e Affonso F. Machado

Laura Stael Ribeiro da Rocha, filha de Luiza e Jonathas S. Dias da Rocha

Casamento de Innocencia Ribeiro da Rocha e Joaquim Correia Seixas. Rio, 1931

Paulo Bismark Barroso Machado com Daniele no colo, Claudia Barroso Machado, Maria Teresa com Alessandra no colo e uma tia atrás

Paulo da Rocha Machado e a filha, Claudia Barroso Machado

Claudia Barroso Machado e a mãe, Janete Barroso, no baile dos 100 anos do Fluminense – RJ

Angela no dia da formatura em Mariana-MG

Cristiano no jardim de sua casa (Sydney-Austrália)

Jorn da Rocha Seixas Jr., a esposa, Ana Flávia, Jorn da Rocha Seixas (pai), a esposa, Maria e a prima, Mary Quintella Godoy – Belo Horizonte

4 Julia de Carvalho Nogueira, n. em Viçosa–MG a 22.06.1992.

4 Luiza de Carvalho Nogueira, n. em Viçosa–MG a 15.03.1994.

3 D. Marcia Vitória Nogueira, n. em Viçosa–MG a 06.07.1966. Formada em História e Comunicação pela Universidade Nacional de Brasília. Estagiária no Banco Central. C. em Brasília a 09.06.1995 c. Leonardo Lima Ramalho de Castro, n. em Brasília a 15.03.1965. Filho de José Prazeres Ramalho de Castro e de D. Tê Mendonça Lima de Castro.

Filha:

4 Tainá Nogueira Ramalho de Castro, n. em Brasília a 08.10.1995.

2 Alvaro da Rocha Machado, n. no R. Janeiro a 21.11.1932 e aí f. em 1958. Solteiro.

2 Antonio Jorge da Rocha Machado, n. no R. Janeiro a 08.01.1937 e aí f. em 1956. Solteiro.

2 Paulo da Rocha Machado, n. no R. Janeiro a 25.01.1941. Bancário, gerente da Caixa Econômica Federal. C. em setembro de 1962 c. D. Janete Barroso Perez, n. no R.Janeiro a 04.02.1931. Filha de Domingos Pires Barroso e de D. Maria Perez Barroso. Bancária.

Filhos:

3 D. Claudia Barroso Machado, n. no R. Janeiro a 30.05.1963. Formada em Administração de Empresas, cursa o 5º período de Desenho Industrial (2000). Desportista, compete em natação pelo Fluminense Football Clube. Vice-campeã em provas longas do "ranking master", ano 2001.

3 Paulo Bismark Barroso Machado, n. no R. Janeiro a 14.07.1965. Oficial do Exército da Arma de Comunicações. Aspirante a Oficial em 12.12.1987; Segundo-Tenente a 31.08.1988; Primeiro-Tenente a 25.12.1989; Capitão a 25.12.1993. Curso de Oficial de Carreira, arma de Comunicações (AMAN); Curso de Instrutor de Educação Física, da Escola de Educação Física do Exército; Curso Básico de Pára-quedista, do Centro de Instrução de Pára-quedistas

do Exército; Curso de Aperfeiçoamento da Arma de Comunicações, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército. Diplomado em inglês pelo IBEU e habilitado neste idioma pelo Exército, por concurso. C. em Santíssima Trindade–RJ a 21.10.1989 c. D. Maria Teresa da Cunha, n. no R. Janeiro a 26.04.1969. Filha de Marco Giovani Araujo Cunha e de D. Lilian Franco Cunha. Formada em Ciências Contábeis.

Filhas:

4 Daniele Cunha Machado, n. em Três Corações–MG a 19.12.1992.

4 Alessandra Cunha Machado, n. no R. Janeiro a 03.10.1995.

1 D. Inocência Ribeiro da Rocha (Inoca) n. em Blumenau–SC a 10.08.1910 e f. no R. Janeiro a 16.6.1999. Pianista e concertista de renome internacional. Apresentou-se em 1924 em Paris e Versalhes juntamente com sua irmã Valina, com grande sucesso de crítica. 1925 Paris, Versalhes, Riom, Châtel-Guyon e Lyon. 1926 - Lyon, Nice, Cannes, Menton, Riom e Vichy. 1927 – Paris, Roma e Bolonha. 1928 – Bolonha, Lugo, Rovigo, Berlim, Leipzig e Roma. 1929 – Milão, Bolonha e Florença. Obteve várias medalhas de ouro em concursos para piano no Rio de Janeiro. Professora de piano e francês. C. no R. Janeiro a 08.08.1931 (4ª Pret. Liv. 61, fl. 258v) c. Joaquim Correa Seixas, n. na Fazenda das Frexeiras, em Campos–RJ, a 09.09.1903 e f. a 19.10.1965 em Belo Horizonte-MG. Filho de Joaquim Seixas Tinoco e de D. Maria Correa Seixas. Químico. Cursou a Escola Nacional de Engenharia do Largo de São Francisco (R. Janeiro) e a Escola Politécnica de Zurich (Suíça), onde fez curso de especialização. Após casar com Inoca, Joaquim Seixas proibiu-a de se apresentar em público e, como compensação, presenteou-a com pianos de vários tamanhos. Depois de algum tempo, separaram-se e Joaquim levou os filhos consigo, internando-os em colégios em Minas Gerais.

Filhos:

2 João Batista da Rocha Seixas, n. no R. Janeiro a 05.08.1933 e aí f. a 24.05.1997. Oficial Médico do Exército. C. a 1ª vez no R. Janeiro a 31.03.1962 c. D. Vera Regina Francioni de Sarmento, n. em Petrópolis–RJ a 23.12.1939. Filha de José de Moraes Sarmento e de D. Norma Francioni Sarmento.

Filhos:

3 Gustavo Alberto de Sarmento Seixas, n. no R. Janeiro a 25.05.1963. Oficial de Marinha Mercante. C. (união) no R. Janeiro a 30.09.1995 c. D. Celi Abreu de Faria, n. no R. Janeiro a 03.02.1966. Filha de Aristides Pereira de Faria e de D. Celia Abreu de Faria.

Filha:

4 Gabriela de Faria Seixas, n. no R. Janeiro a 13.05.1996.

3 Flávio Henrique de Sarmento Seixas, n. no R. Janeiro a 03.01.1966. Economista. C. a 27.02.1997 c. D. Kelly Cristina da Silva Rosa, n. a 12.06.1976. Filha de Luiz Carlos Duarte da Rosa e de D. Solange da Silva Rosa.

Filha:

4 Lorena Rosa Seixas, n. em Goiás a 27.06.1997.

João Baptista C. 2ª vez no R. Janeiro, em 1981, c. D. Acileia Domingues Roris, n. a 12.06.1952. Filha de Manoel Domingues Roris e de D. Acileia Monteiro Domingues Roris. Bancária. Professora formada em Geografia.

Filho:

3 Maximiliano Roris Seixas, n. no R. Janeiro a 10.11.1981.

2 D. Valina da Rocha Seixas, n. no R. Janeiro a 10.12.1935. Professora. Diretora de uma Escola Municipal em Ouro Branco–MG. C. a 31.12.1956 c. Aprigio Pinto, n. em Ouro Branco–MG a 17.06.1929. Filho de Edmundo Hermógenes Pinto e de D. Augusta dos Reis Pinto. Motorista profissional.

Filhos:

3 Aprigio Pinto Filho, n. em Conselheiro Lafayete–MG a 25.12.1957. Comerciante. C. em Ouro Branco–MG a 05.01.1983 c. D. Edméia Victória, n. em Salto Grande–MG a 10.06.1958. Filha de Edmundo Antonio Victoria Filho e de D. Esther de Carvalho Victória. Funcionária Municipal.

Filhas:

4 Priscila Victória Pinto, n. em Belo Horizonte–MG a 04.07.1985.

4 Cinthia Francieli Victória Pinto, n. em Belo Horizonte–MG a 15.07.1987.

3 João Batista Pinto, n. Conselheiro Lafayete–MG a 13.02.1959. Técnico em Mineração. Cursou a Escola Técnica Federal de Ouro Preto-MG. C. em Ouro Branco–MG a 01.02.1986 c. D. Solange Aparecida da Costa, n. em Ouro Branco–MG a 25.10.1965. Filha de Geraldo Vital da Costa e de D. Maria Pereira da Costa. Professora.

Filhos:

4 Edmundo Augusto Costa Pinto, n. em Ouro Branco–MG a 16.07.1987.

4 João Luiz Costa Pinto, n. em Ouro Branco–MG a 23.02.1992.

3 D. Maria Luiza Seixas Pinto, n. em Conselheiro Lafayete–MG a 03.06.1960. Contabilista e empresária. C. em Ouro Branco–MG a 07.07.1984 c. Washington Gonçalves Vilarino, n. em S. Pedro de Guaçui a 29.06.1960. Filho de José Vilarino e de D. Maria das Dores Guimarães Vilarino. Técnico em mecânica.

Filhos:

4 Christiane Emilia Seixas Vilarino, n. em Belo Horizonte–MG a 11.10.1985.

4 Bruno Alexandre Pinto Vilarino, n. em Ouro Branco–MG a 11.03.1988.

4 Daniel Henrique Pinto Vilarino, n. em Ouro Branco–MG a 04.12.1989.

3 D. Virginia Augusta Pinto, n. em Conselheiro Lafayete–MG a 18.10.1961. Funcionária municipal. Chefe do Cartório Eleitoral. C. em Ouro Branco–MG a 10.09.1983 c. José Verdolin Certo, n. em Volta Redonda–RJ a 20.01.1954. Filho de Otto Certo e de D. Leda Verdolin Certo. Engenheiro mecânico pela Universidade de Mogi das Cruzes–MG.

Filhos:

4 Thais Seixas Certo, n. em Belo Horizonte–MG a 09.06.1985.

4 Felipe Seixas Certo, n.em Ouro Branco–MG a 29.04.1992.

3 José Luiz Pinto, n. em Conselheiro Lafayete–MG a 09.10.1963. Funcionário estadual. Secretário da Escola Estadual. C. em Ouro Branco–MG a 14.07.1990 c. D. Marcia Elisa Maria Machado, n. em Conselheiro Lafayete– MG a 16.12.1970. Filha de Renato Anselmo Machado e de D. Luzete Vieira Machado. Comerciante.

Filha:

4 Ana Luisa Machado Pinto, n.em Ouro Branco–MG a 11.05.1990.

3 Francisco Angelo Pinto, n. em Conselheiro Lafayete–MG a 19.10.1965. Técnico em Contabilidade. De uma união c. D. Cleria Maria de Souza teve:

Filho:

4 Bruno Pasceli Aprigio Seixas Pinto, n. em Ouro Branco–MG a 03.06.1990.

3 D.Ana Cristisna Pinto, n. em Conselheiro Lafayete–MG a 09.03.1968. Técnica em contabilidade. Chefe do Departamento de Pessoal. C. em Ouro Branco–MG a 10.01.1987 c. Evaldo Leonel Cortes, n. Frutal–MG a 04.03.1962. Filho de Claudemiro Leonel Cortes e de D. Doralice Emília Cortes. Técnico em contabilidade.

Filhas:

4 Danielle Cristina Seixas Cortes, n. em Ouro Branco–MG a 16.07.1988.

4 Denise Cristina Seixas Cortes, n. em Ouro Branco–MG a 20.02.1993.

3 Fabio Luciano Pinto, n. em Conselheiro Lafayete–MG a 02.06.1971. Técnico em mecânica, bancário. Solteiro.

3 Jorn Seixas Pinto, n. em Conselheiro Lafayete–MG a 10.12.1974. Militar. Solteiro.

2 Jorn da Rocha Seixas, n. no R. Janeiro a 21.12.1936. Médico pediatra. Cursou a Faculdade de Medicina da UFMG. Curso na Ale-

manha. Tem como "hobby" a química, que utiliza para purificar metais. C. em Belo Horizonte–MG a 17.02.1966 c. D. Maria Pereira Sobrinho, n. em Belo Horizonte–MG a 26.06.1944. Filha de Antonio Pereira Sobrinho e de D.Maria Castanha.

Filhos:

3 Jaqueline Seixas, n. em Belo Horizonte–MG a 27.11.1967. Economista. Formada pela Escola de Ciências Econômicas da UFMG. C. a 15.10.1992 c. Rodrigo Fiuza Botelho, n. a 25.03.1960. Filho de Ivan Moura Botelho, n. a 14.02.1921, e de D. Maria Geraldina Fiuza Botelho, n. a 01.08.1926.

Filhos:

4 Giovanni Seixas Botelho, n. a 03.05.1994.

4 Victor Seixas Botelho, n. em Belo Horizonte–MG a 20.03.2000.

3 Jorn da Rocha Seixas Junior, n. em Berlim Ocidental (Alemanha), a 17.06.1970. Engenheiro. C. a 28.02.1997 c. D. Ana Flavia Avelar Maia, n. em Divinópolis–MG a 29.11.1971. Filha de Geraldo Caetano Maia e de D. Adelaide Rodier Maia.

Filhos:

4 Julia Avelar Maia Seixas, n. 02.09.1997.

4. Bruno Avelar Maia Seixas, n. em Edison – Nova York (EUA) a 14.02.2000.

3 Junea Seixas, n. em Belo Horizonte–MG a 14.07.1972. Jornalista. C. em Berlim (Alemanha) a 08.08.1997 c. Mattias Michael Paul Bartsch, n. em Berlim (Alemanha) a 17.02.1968. Filho de Otto Bartsch e de D. Erica Elisabeth Julie Bartsch. Economista.

Filha:

4 Luana Maria Junea Seixas Bartsch, n. em Lion (França) a 12.08.2000.

3 Giovanni Seixas, n. em Belo Horizonte–MG a 01.03.1977. Solteiro.

2 D. Angela da Rocha Seixas, n. a 04.02.1941. Professora. C. a 12.02.1965 c. Francisco Duarte, n. em Rio Acima–MG a

15.12.1917. Filho de Antonio Felipe Duarte e de D. Maria Isabel Soares. Minerador. Falecido.

D. Angela cria uma filha do primeiro casamento de seu marido, Angela Maria Duarte, n. a 20.09.1953.

2 Cristiano da Rocha Seixas, n. no R. Janeiro a 17.04.1943. Carteiro. Emigrou para a Austrália a 30.07.1973. C. em Sidney (Austrália) a 21.12.1973 c. D. Maria Dineuse Andrade Duarte, n. a 07.08.1943. Filha de D. Maria Dolores Andrade Duarte. Bancária. Desquitaram-se a 12.10.1981.

Filho:

3 Cristiano da Rocha Seixas Junior, n. em Sidney (Austrália) a 22.10.1975.

1 D. Laura Stael Ribeiro da Rocha, n. a 22.09.1912. Tradutora. Fala diversos idiomas. Solteira.

§ 4°

RAUL TELLES RIBEIRO, n. no Rio de Janeiro a 08.11.1877 e aí f. a 13.11.1931. Empresário. Possuía a firma "Telles & Fontes", situada à rua D. Manuel, 33, onde comercializava produtos químicos, tintas e drogas para fábricas de tecido. Era seu sócio Custódio da Silva Fontes. A 1º de novembro de 1919 sua casa comercial foi consumida por um incêndio. A apólice de seguro da Cia. Previdente avaliou o prédio em 200:000$00. Foi membro da Guarda Nacional e campeão de remo pelo Clube Gragoatá.

C. em Niterói–RJ a 20.07.1906 c. D. Isalinda Chavantes, n. no R. Janeiro a 07.01.1882 e aí f. a 02.08.1967. Filha do Dr. Carivaldo José Chavantes e de D. Minervina Preciosa Soares Serpa. Modista, possuía um ateliê de alta costura. Criou vários sobrinhos: Irma, Hildebrando, Magdalena, Gisella, Darcy e Hélio, os cinco últimos, filhos de sua irmã.

Seu pai, o médico Carivaldo José Chavantes, foi batizado em 27.05.1848, com oito meses de idade, na Freg. Sagrado Coração de Jesus – Laranjeira (Sergipe). Era filho do comendador Anacleto José Chavantes e de D. Maria Pastora Alves Chavantes. Sua mãe, Minervina Preciosa Soares Serpa, nasceu a 29.12.1849 e foi batizada na Freg. de Nª. Sr.ª da Conceição – Vassouras-RJ, em 14.11.1850. Era filha do Dr. Vicente Porfirio Soares Serpa e de D. Joana Preciosa Soares Serpa. *Neta pat.* de Vicente Porfírio Soares Serpa e de D. Emerenciana Angélica Soares Serpa. *Neta mat.* de Rodrigo Antônio de Araújo Lima e de

Raul Telles Ribeiro, em uniforme da Guarda Nacional

Raul Telles Ribeiro

Tia Lalá (Isalina) com os filhos, Isacyr e Elka

Guilherme Aloysio Telles Ribeiro (Willie)

Leônidas Telles Ribeiro

Violeta Telles Ribeiro e os filhos, por ocasião da homenagem póstuma prestada pela Marinha brasileira a seu marido, Almirante Leônidas, em 29-12-1994

Joaquina Maria Vieira de Andrade. Foram padrinhos de Minervina: Eleuterio Rodrigues Barbosa e D. Preciosa Mathan.

Filhos:

1 Guilherme Aloysio Telles Ribeiro, n. no R .Janeiro a 18.07.1908 e aí f. a 31.08.1978. Oficial da Aeronáutica. Engenheiro. Sentou praça no Exército em 01.04.1927; Aspirante a 21.01.1930; Segundo-Tenente a 24.07.1930; Primeiro-Tenente a 13.08.1931; Capitão a 16.06.1933; Major a 24.05.1940 (m); Tenente-Coronel-aviador a 05.07.1943; Coronel-aviador a 26.11.1948 (m). Combateu na Revolução Constitucionalista de São Paulo (11.6/03.10.1932). Foi transferido para o Ministério da Aeronáutica em 20.04.1941. Cursos: Aspirante-aviador Reg.; Oficial-aviador Cat. B.; Piloto-metralhador, Observador - cat. A e B; Foi transferido para categoria de Engenheiro-aeronáutico, de acordo com o Art. 23. Curso de Engenheiro Civil e Aeronáutico, em 1938, pela Escola Superior de Aeronáutica de Paris. Recebeu a Cruz do Mérito - 2ª Classe, da Polônia; Medalha do Serviço Militar - 3. Passou para a reserva em 1957, transferência esta provocada por um incidente ocorrido no elevador de um prédio da rua Tonelero, em Copacabana (Rio), quando Guilherme esmurrou o polêmico jornalista e político Carlos Lacerda, por causa de uma reportagem injuriosa publicada no jornal "Tribuna da Imprensa". Como engenheiro, trabalhou como chefe da Assessoria de Materiais (ASMAT) da Petrobrás. C. na Matriz de São João Batista da Lagoa (Liv. 14º, nº 220 - 1931) a 06.02.1931 c. D. Yvonne Fernandes, n. no R. Janeiro a 04.12.1911 e aí f. a 19.11.1987. Filha de Achilles de Oliveira Fernandes e de D. Beatriz de Oliveira Fernandes.

Filhos:

2 Sergio Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 16.04.1933. Engenheiro. C. no R. Janeiro a 15.12.1956 c. D. Laura Beatriz de Souza Fernandes, n. no R. Janeiro a 07.10.1935. Filha de Armando de Oliveira Fernandes e de D. Lucia de Souza Fernandes. Sobrinha e nora de D. Yvonne Fernandes.

Filhos:

3 Sergio Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 14.02.1958. Médico. C. no R. Janeiro a 17.02.1984 c. D. Júlia Maria Novaes, n. no R. Janeiro a 03.11.1958. Filha de Gabriel Novaes e de D. Maria Novaes. Médica Pediatra.

Filhos:

4 D. Luiza Novaes Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 30.08.1986.

4 D. Beatriz Novaes Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 27.04.1988.

3 D. Sonia Telles Ribeiro, n. em Illinois (EUA) a 22.08.1960. Bióloga e artista plástica. Mestrado de Biologia na Universidade de Oklahoma (EUA) e Mestrado em Artes Plásticas na Pratt Univ. NY (EUA). Solteira.

3 Saulo Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 02.02.1972. Advogado.

2 Mario Aloysio Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 11.06.1940 e aí f. a 27.01.1988. Engenheiro, analista de sistemas e consultor do SERPRO. C. a 1ª vez no R. Janeiro, a 10.07.1963, c. D. Regina Maria Bechara Ferreira, n. no R. Janeiro a 31.01.1943. Filha de José Luiz Ferreira Junior e de D. Maria Luiza Bechara Ferreira. Divorciaram-se a 31.08.1981.

Filho:

3 Guilherme Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 13.09.1964.

C. a 2ª vez no R. Janeiro a 06.08.1982 c. D. Marina de Almeida Rego Figueira de Melo, n. no R. Janeiro a 30.04.1952. Filha de Gustavo Gerber Figueira de Melo e de D. Rosa de Almeida Rego Figueira de Melo. Economista e Professora da PUC-RJ.

Filha :

3 D. Sylvia Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 06.07.1980.

2 Arnaldo Aloysio Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 02.06.1943 e aí f. a 11.09.1982. Químico. C. no R. Janeiro a 23.12.1966 c. D. Denise Borges de Barros, n. a 07.04.1943. Filha de Aurélio Borges de Barros (descendente do eminente baiano Domingos Borges de Barros, visconde de Pedra Branca, 1779-1885) e de D. Amália Borges de Barros.

Filhos:

3 André Telles Ribeiro, n. a 10.08.1970.

3 D. Andrea Telles Ribeiro, n. a 16.07.1976, casada c.g.

1 Leônidas Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 06.04.1910 e aí f. a 10.01.1994. Engenheiro, Oficial de Marinha do Corpo de Fuzileiros Navais. Aspirante a 01.01.1935; Segundo-Tenente a 31.10.1935; Primeiro-Tenente a 14.10.1938; Capitão-Tenente a 12.05.1944; Capitão-de-Corveta (m.) a 04.08.1947; Capitão-de-Fragata (m.) a 05.08.1952; Capitão-de-Mar-e-Guerra (m.) a 24.01.1956; Contra-Almirante a 21.11.1960, foi reformado como Vice-Almirante a 06.10.1964 e promovido a Almirante-de-Esquadra, na inatividade, a 28.05.1973. Estagiou no "US Marine Corps", EUA, como observador (1948/9). Foi Instrutor e Chefe do Departamento de Ensino de Fuzileiros Navais, na Escola Naval (1949/52); Chefe, interino, do Estado-Maior do CFN (1952/3); Instrutor da Escola de Guerra Naval (1953/5); Chefe do Estado-Maior do CFN (1956/60); e Comandante do Núcleo da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais da FFE (1960/2). Seguiu os seguintes cursos: de Infantaria do Exército (1947); Especial para Fuzileiros Navais, da Escola de Guerra Naval (1952); de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas (1955); e de Orientação em Guerra Anfíbia para "Senior Foreign Officers" (EUA, 1962); Superior de Guerra, da Escola Superior de Guerra. Recebeu as seguintes condecorações: Medalha Militar de Bronze; Medalha de Serviço de Guerra; Medalha Militar de Prata; Ordem do Mérito Naval -Cavaleiro e, posteriormente, Oficial e Comendador; Medalha Maria Quitéria; Medalha Marechal Caetano de Faria; Medalha Marechal Hermes; Medalha Marechal Souza Aguiar; Medalha do Mérito Tamandaré; Medalha Comemorativa do Centenário do Barão do Rio Branco; e Medalha Comemorativa do Centenário de Nascimento de Ruy Barbosa.

Em 06.12.1963, durante o governo do presidente João Goulart, o então comandante-geral do Corpo de Fuzileiros Navais, almirante Décio Santos Bustamante, passou para a reserva e o oficial mais antigo, a quem competia assumir o comando, era o conhecido Almirante Cândido Aragão. A oficialidade era contrária à sua posse e favorável ao Almirante Leônidas, segundo na hierarquia, o qual tinha acabado de concluir o curso de "Senior Foreign Officer" e estava lotado na Escola Superior de Guerra. Tendo sido nomeado pelo presidente da República para o comando, o Almirante Aragão escolheu para chefe do Estado-Maior o Almirante Leônidas. Se não aceitasse, isto seria considerado um ato de indisciplina militar, que teria como conseqüência sua passagem para a reserva, e também uma afronta a um companheiro de farda, que sempre lhe demonstrou apreço, respeito, admiração e lealdade.

Entretanto, era sabido e notório que o Almirante Aragão tinha envolvimento com políticos, a quem devia e de quem recebia favores, o que explicava o seu prestígio.

Não afeito a ligações partidárias e sem interesses políticos, o Almirante Leônidas pertencia a grupos que cursavam a Escola Superior de Guerra e constituíam a elite da oficialidade, que via com muita preocupação o desenrolar dos fatos políticos. Tendo confidenciado a amigos a situação embaraçosa em que se encontrava, aceitar ou rejeitar a sua indicação para a chefia do Estado-Maior, ouviu as seguintes sugestões: do cunhado e advogado: "se você aceitar estará pactuando com uma pessoa vulnerável etc"; do colega engenheiro: "você deve aceitar, pois assim impedirá que assuma efetivamente o comando um incompetente, comprometido e despreparado para ocupar o posto"; do médico e amigo: "você deve se declarar incapacitado por motivo de saúde. Eu darei o atestado".

O Almirante Leônidas se dirigiu para a solenidade de sua investidura levando um documento, que seria lido no ato, no qual agradecia a honra de sua indicação, mas se considerava moralmente sem condições ...

Quando estava a caminho, de carro, na companhia de seu filho, o então Tenente Renato Aloysio Telles Ribeiro, sentiu-se mal e baixou ao hospital. Recuperado, foi designado para a Escola Superior de Guerra. Em 04.01.1964 foi considerado apto para assumir o cargo de Comandante Geral, em substituição ao Almirante Aragão. Logo em seguida ocorreu um processo de instabilidade institucional em decorrência da orientação política do presidente da República e de seu cunhado, Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul. Reuniões foram realizadas nos Clubes Militares e no Serviço Nacional de Informações, e nelas estava presente o Almirante Leônidas. Forçado pelos militares, o Almirante Aragão deixou o comando e mais uma vez o Almirante Leônidas foi insistentemente pressionado a assumir o comando do CFN. Declarou então que só assumiria se fosse designado, uma vez que existia o sub-comandante, Almirante Washington Frazão Braga, substituto legal do Almirante Aragão, no impedimento deste. Sua intenção era manter a hierarquia e a disciplina e prestigiar o sub-comandante. Com o movimento de 31.03.1964 e a tomada do poder pelos militares, o Almirante Leônidas foi convocado pelo Ministro da Marinha, interino, Vice-Almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald, que lhe propôs a passagem para a reserva com duas promoções. Rejeitou, refutando que era contra o regulamento pressionar o militar a pedir passagem para a reserva. O Almirante Rademaker insistiu na oferta, mas o Almirante Leônidas não cedeu.

Para seu espanto, recebeu um documento com uma série de imputações consideradas inconsistentes, ridículas e caluniosas. Foi novamente ins-

Sergio Telles Ribeiro (filho do Willie) e a esposa, Laura, no Fashion Mall para o lançamento do livro de Edgard Telles Ribeiro (junho de 2000)

Marcio Aloysio Telles Ribeiro e o filho, Marcos

Raul Aloysio Telles Ribeiro e a esposa, Eugenia Macedo Soares

Renato Aloysio Telles Ribeiro, Vera Lucia da Costa Alves e Renato Aloysio Jr.

Isadora Telles Ribeiro, o marido Felipe Rudge Barbosa e o filho, André Felipe Rudge Barbosa

Encontro em casa de Violeta Telles Ribeiro no chamado "Tunel do Tempo". Paulo Fernando Telles Ribeiro, Claudia Barroso Machado, Eliana Quintella de Linhares, Tuxana Plínio Barcelos de Linhares, Raul Aloysio Telles Ribeiro e Violeta Telles Ribeiro

tado a assinar o pedido de passagem para a reserva e, caso isto se concretizasse, o documento acusatório ficaria anulado. Não cedeu e respondeu a cada item do documento. Sem saída, apelaram para um "ato institucional". Inconformada, Violeta, sua esposa, foi à casa do Almirante Rademaker e depois de uma conversa difícil, onde demonstrou toda a sua indignação pela injustiça que se estava cometendo, conseguiu que o presidente Castelo Branco anulasse o ato, desde que Leônidas concordasse em assinar a passagem para a reserva. Muito a contragosto, para satisfazer sua esposa, ele assinou.

A 29.12.1994, mediante a portaria ministerial n° 859, a Marinha brasileira rendeu-lhe expressiva homenagem póstuma, alterando a denominação da Base dos Fuzileiros Navais, situada na ilha das Flores–RJ, para "Base Almirante Leônidas Telles Ribeiro".

C. no R. Janeiro a 29.6.1936 c. D. Violeta Floresta de Martins Ferreira, n. no R. Janeiro a 03.12.1917. Filha do Dr. Hugo Martins Ferreira e de D. Nilah Floresta de Martins Ferreira. Autora de peças teatrais, tradutora, conferencista, jornalista e crítica de cinema. Cursou o Colégio Sacré Coeur de Jésus. Ainda como aluna começou a escrever peças teatrais para serem apresentadas nas festas escolares. A partir daí escreveu inúmeras peças: (1933) "A Caçada"; (1945) "A Centelha"; (1946) "Maria Quitéria", que em 1970 ganhou um concurso de teatro em S. Paulo; (1947) "A Melhor Parte", apresentada no Dia da Antiga Aluna; (1948) "Reflexos"; (1949) "O Que os Olhos não vêem"; (1950) "Teatro Infantil"; (1951) "A Grande Caçada"; (1952) "A outra mão, por favor"; (1955) "Passageiros em trânsito", encomendada para a comemoração do cinqüentenário da fundação do Externato Sacré Coeur de Jésus; (1960) "Os três símbolos"; (1961) "Le Portrait"; (1963) "Teatro Infantil"; (1969) "A Consulta"; (1970) "Ligação Cortada"; (1970) "Os 7 Pecados Capitais"; (1971) "A Pressão"; (1975) "A entrevista"; (1977) "Le Papillon", encenada no Colégio São Bento; (1978) "Improviso de uma noite de Natal" – Igreja São João Batista da Lagoa; (1979) "Natal Original" - Colégio Notre Dame; (1987) "O Choque"; (1987) "O Chá das três"; (1991) "O Susto" – em benefício da campanha da lã. Além de autora, participava como atriz em suas peças. Violinista, foi aluna de Magdalena da Gama. Professora no Colégio Sacré Coeur de Jésus e na Escola Rui Barbosa. Datilógrafa para Dolfin Engenharia e Bandeirantes. Presidiu a AAASC e AMOUR. Participou de Congressos na Bélgica e em Medellin. Foi a criadora do lema "ADSUMUS", para o Corpo de Fuzileiros Navais. Ganhou dois prêmios de teatro, um com a peça "A Caçada" e outro com "Maria Quitéria". Como dona de

casa e mãe de sete filhos, servia de babá para os sobrinhos e vizinhos e ainda achava tempo para costurar suas roupas e bordar.

Filhos:

2 Renato Aloysio Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 03.03.1937. Oficial de Marinha do Corpo de Fuzileiros Navais. Guarda-Marinha a 08.03.1958; Segundo-Tenente a 02.12.1960; Primeiro-Tenente a 02.12.1961; Capitão-Tenente a 17.04.1969; Capitão-de-Corveta a 30.04.1974; Capitão-de-Fragata a 25.12.1980; Capitão-de-Mar-e-Guerra a 31.08.1985. Passou para a reserva neste posto a 04.07.1991.(1955-1958) Assistente Administrativo, Serviço Social do Comércio (SESC); (1960-1963) Ajudante e instrutor da Escola de Armamento, Centro de Instrução e Adestramento do CFN; (1964-1966) Ajudante de Ordens do Chefe do Estado-Maior, Comando-Geral do CFN; (1966-1967) Instrutor e Encarregado de Divisão, Colégio Naval; (1967-1970) Instrutor, Chefe de Departamento e Professor de inglês em comissão, Escola Naval; (1967-1970) Instrutor, Chefe de Departamento e Professor de inglês em comissão, Escola Naval; (1970-1971) Oficial de comunicações militar e Assistente do Comandante, Divisão Anfíbia; (1972-1973) Encarregado do Centro de Comunicações do Estado-Maior, Comando-Geral do CFN; (1974-1976) Imediato, Batalhão de Serviços; (1976-1977) Assistente do Comandante-Geral, Comando-Geral do CFN; (1982-1984) Imediato, Batalhão Riachuelo; (1984-1985) Imediato, Grupamento de FN/RJ; (1985-1987) Chefe do Departamento de Pessoal, Comando de Apoio do CFN; (1988-1990) Assessor de Organização e Controle, Comando de Apoio do CFN.
Trabalhos publicados: "O Estatuto da Antártica e a Posição Brasileira", em O Anfíbio (set/86) e na Revista Marítima Brasileira (out-dez/86); "O Apoio Logístico nas Operações Anfíbias", em O Anfíbio (set-dez/88) e na Revista Marítima Brasileira (jan-mar/89).
Recebeu as seguintes condecorações: Medalha do Serviço Militar (Passadeiras de bronze e de prata); Medalha do Mérito Tamandaré; Mérito Militar (ouro); e Mérito Anfíbio.
C. no R. Janeiro a 21.10.1961 c. D. Vera Lúcia da Costa Alves, n. no R. Janeiro a 16.07.1941e aí f. a 26.04.2000. Filha de Carlos Alves e de D. Nair da Costa Alves. Bibliotecária.

Filho:

3 Renato Aloysio Telles Ribeiro Junior, n. no R. Janeiro a 23.11.1967.

2 Fernando Aloysio Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 12.04.1938. Engenheiro. Foi Campeão de Saltos Ornamentais pelo Fluminense Football Clube – RJ e Campeão Mundial na categoria Master (60 a 65 anos), 1999. Trabalha numa Empresa de Comércio Exterior. C. no R. Janeiro a 27.06.1970 c. D. Maria Alice Giuliani, n. no R. Janeiro a 20.02.1938. Filha de Francisco Giuliani e de D. Alice Sintz Giuliani. Professora. Trabalha como Corretora de Imóveis.

Filhas:

3 D. Fernanda Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 12.04.1971. Jornalista.

3 D. Laura Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 25.08.1973. Secretária Executiva.

2 Marcio Aloysio Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 09.12.1939. Funcionário do Banco do Brasil. C. a 1ª vez no R. Janeiro a 05.12.1963 c. D. Martha Maria Resende Martins, n. no R. Janeiro a 18.4.1941. Filha de João Baptista Resende Martins e de D. Edith Resende Martins. Secretária Executiva.

Filhos:

3 Marcos Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 01.08.1967. Engenheiro mecânico. C. no R. Janeiro a 30.09.1998 c. D. Rosália Tavares Braga, n. no R. Janeiro a 22.07.1967. Filha de Erlan de Souza Braga e de D. Regina Maria Tavares Braga.

Filha:

4 Alice Braga Telles Ribeiro, n. em Niterói–RJ a 05.10.1998.

3 Marcelo Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 18.04.1969. Engenheiro civil. C. a 18.06.1994 c. D. Tathiane Simões da Motta, n. a 05.05.1971. Filha de Erimá da Motta Couto e de D. Marlene de Miranda Simões da Motta.

Filhos:

4 Maria Clara Simões da Motta Telles Ribeiro, n. em S. Paulo–SP a 11.04.1995.

4 João Marcelo Simões da Motta Telles Ribeiro, n. em S. Paulo–SP a 28.11.1998.

Marcio Aloysio c. a 2 ª vez no R. Janeiro a 20.02.1981 c. D. Maria Auxiliadora de Souza, n. no R. Janeiro a 01.09.1948. Filha de Paulo de Souza e de D. Maria de Lurdes Moura de Souza. Bibliotecária. S. g.

2 José Aloysio Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 19.03.1943. Empresário. C. a 1ª vez no R. Janeiro a 20.05.1967 c. D. Mariléia Silva, n. no R. Janeiro a 24.10.1945. Filha de José Custódio Silva, comerciante, e de D. Lea Marçal Silveira. Divorciaram-se em 1998.

Filho :

3 Cristiano Silva Telles Ribeiro, n. em Brasíla–DF a 27.09.1968. Comerciante. C. em Brasília a 10.12.1991 c. D. Adriana Hentzy Moraes, n. em Brasília a 11.10.1969. Filha de Cornélio Moraes Neto e de D. Lacyr Hentzy. Desquitaram-se.

Filho:

4 Bruno Hentzy Telles Ribeiro, n. em Brasília a 04.06.1992.

José Aloysio C. a 2ª vez em Brasília c. D. Jussara de Lara, n. a 28.03.1953. Filha de Carlos Adir De Lara e de D. Lourdes Amaral Favieiro.

Filha:

3 D. Luciana De Lara Ribeiro, n. em Brasília a 30.07.1981.

2 D. Lúcia Cristina Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 03.08.1944 e aí f. a 03.04.1965. Estudou no Colégio Sacré Couer de Jésus (RJ). Cursou Museologia no Museu Histórico Nacional (RJ).

2 D. Isadora Cristina Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 07.01.1953. Bacharel em Letras. Proprietária de um Curso de Línguas em Campinas–SP. C. no R. Janeiro a 28.12.1974 c. Felipe Rudge Barbosa, n. no R. Janeiro a 22.06.1951. Filho de Edgar Caldas Barbosa e de D. Dulcelina Rudge Barbosa. Físico e Professor na UNICAMP.

Filhos:

3 Denis Rudge Barbosa, n. a 09.06.1975.

3 D. Letícia Rudge Barbosa, n. no R. Janeiro a 12.06.1976. C. em Campinas-SP a 10.11.2001 c. André Kina, n.em Salvador-BA a 27.04.1972. Filho de Takeshi Kina e de Kio Kina.

3 André Felipe Rudge Barbosa, n. no R. Janeiro a 01.06.1978.

2 Raul Aloysio Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 19.03.1956. Economista. C. no R. Janeiro a 11.03.1986 c. D. Eugenia Macedo Soares, n. no R. Janeiro a 19.12.1960. Filha de José Eugenio Prestes de Macedo Soares e de D. Muriel de Macedo Soares. Moram nos Estados Unidos da América.

Filhos:

3 Thiago Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 01.08.1986.

3 D. Cristina Eugenia Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 29.12.1987.

3 D. Mariana Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 09.05.1990.

1 Isacyr Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 06.02.1916 e aí f. a 26.01.1973. Oficial do Exército da Arma de Artilharia. Ingressou na Escola Militar de Realengo em 25.04.1935; Aspirante a Oficial a 31.3.1938; Segundo-Tenente a 03.05.1939; Primeiro-Tenente a 24.05.1939; Capitão a 25.12.1944; Major a 25.10.1951 (m.); Tenente-Coronel a 25.12.1959 (m.)Cursos de: Artilharia (EMR), Aperfeiçoamento de Oficiais, Artilharia de Costa e Estado-Maior do Exército. Promovido a Tenente-coronel a 25.12.1959 (m). Reformou-se no posto de Coronel. Cursos de Aperfeiçoamento de Oficiais; de Artilharia de Costa; e de Estado-Maior. Recebeu as seguintes condecorações: Ordem do Mérito Militar - Cavaleiro; Medalha Militar de Prata; Medalha de Guerra; Medalha Marechal Taumaturgo; Medalha do Centenário do Nascimento de Rui Barbosa; Medalha do Pacificador; e Medalha de Prata do Instituto Socorros Náufragos de Portugal. Foi membro efetivo do 1º Congresso Brasileiro de Medicina Militar e membro honorário da 1ª Jornada do Serviço de Saúde Aeronáutica. C. no R. Janeiro a 16.06.1938 c. D. Clodia Melo Lima, n. no R. Janeiro a 19.08.1917. Filha de Enoch da Rocha Lima e de D. Euridina de Melo Lima. S.g.

1 Helka Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 15.12.1920 e aí f. a 02.05.1982. Solteira.

§-5°

HERMANN TELLES RIBEIRO, n. em Niterói–RJ a 15.06.1883 e aí f. a 17.03.1930. Morreu numa Sexta-feira Santa, vítima de uma úlcera perfurada. Foi o único dos irmãos que não estudou na Europa mas, não obstante, falava vários idiomas. Empresário, capitalista, foi vice-presidente da Casa Pratt (que representava no Brasil a Remington Rand) e também presidente da firma "Pianos Nardelli". Em São Paulo, formou um bairro que denominou Romanópolis, em homenagem à esposa, que nascera em Roma, e lá existe uma rua com seu nome. Foi o que teve melhor êxito na vida, entre os irmãos, a quem ajudou na adversidade, principalmente a Guilhermina, que ficou viúva muito jovem e com três filhos. Está enterrado no jazigo (10241 Q3) da família no cemitério de São João Batista da Lagoa (R. Janeiro).

C. no R. Janeiro (Candelária) a 22.09.1910 c. D. Bianca Delaorden, n. em Roma (Itália) a 06.04. 1888, b. a 29.04.1888 na paróquia de Santa Maria do Monte - Roma. F. no R. Janeiro a 05.04.1933. Filha de Raymondo Delaorden e de D. Annunciata Quadrozzi. *Neta pat.* de Francesco Delaorden e *neta mat.* de Barnabé Quadrozzi.

Filhos:

1 Nelson Telles Ribeiro, n. em S. Paulo–SP a 28.07.1911 e f. em Niterói–RJ a 01.09.1992. Publicitário. Gerente de aeroporto da Aerovias Brasil, em Salvador (1942). Representante da Panair do Brasil em São Paulo e em Montevidéu (1949/52). Representante da Neo-Life. C. no R.Janeiro a 30.09.1938 c. D. Theresa Dias, n. no R. Janeiro a 25.07.1919. Filha de José Maria Dias e de D. Maria do Carmo Dias.

Filhos:

2 Wilson Telles Ribeiro, n em Salvador–BA a 15.09.1942. C. em Niterói–RJ a 11.12.1971 c. D. Maria Lucia Vasconcellos, n. no R. Janeiro a 18.04.1944. Filha de Jorge Vasconcellos e de D. Alice Bastos Vasconcellos.

Filhos:

3 D. Roberta Telles Ribeiro, n. em Niterói–RJ a 12.12.1972. Bancária. C. em Itaipú–RJ a 11.12.1992 c. Ugo Souza Lay, n. em Niterói–RJ a 07.05.1964. Filho de Ugo Lay e de D. Nilza Antonia de Souza Lay.

Filha:

Hermann Telles Ribeiro

Tio Hermann, tia Bianca, Nelson, Lydia, Milton, Paulo e Dinah Telles Ribeiro

Adolpho Gutsch, marido de Lydia

Lia Ribeiro Gutsch e Hélio Ribeiro da Silva na catedral de São Paulo

Inez Gutsch Ribeiro da Silva (filha de Lia Ribeiro Gutsch) com marido e filho

Cleita e Maria Telles Ribeiro

Edgard Telles Ribeiro no lançamento de seu livro, "No Coração da Floresta" – junho de 2000

Isabel Telles Ribeiro com o filho, Rafael, no lançamento do livro de Edgard Telles Ribeiro

Felipe Telles Ribeiro (filho de Edgard)

Nelson Telles Ribeiro e Teresa Dias

Wilson e Lilian (filhos de Nelson)

4 Isabella Telles Ribeiro Lay, n. em Niterói–RJ a 12.05.1993.

3 João Marcos Telles Ribeiro, n. em Niterói–RJ a 4.12.1976. Solteiro.

2 D. Lilian Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 20.01.1945 e f. em Itaipu–RJ a 12.01.1999. Solteira.

1 D. Lydia Telles Ribeiro, n. em S. Paulo–SP a 02.09.1912 e f. no R. Janeiro a 01.03.1988. C. no R. Janeiro (S. Bento) a 28.07.1934 c. Adolpho Hermann Gutsch, n. em Blumenau–SC a 23.12.1905 e f. no R. Janeiro a 23.03.1965. Filho de Hermann Emil Gutsch (✞ 18.07.1935) e de D. Anny Odebrecht Gutsch (✞ 18.08.1971, carneiro 38 – Cemit. Charitas). Empresário, capitalista, presidente da Remington Rand do Brasil. Possuía grande fortuna em imóveis no Rio de Janeiro e em Niterói. Trabalhava na Casa Pratt e assim conheceu Lydia, filha do patrão. Depois da morte do sogro, assumiu a direção dos negócios e, com seu tino administrativo, multiplicou a fortuna já existente. Possuía uma casa de praia em Jurujuba. Estava pescando, em seu iate, quando teve um problema cardíaco e veio a falecer. Está enterrado no jazigo da família no Cemitério de S. J. Batista da Lagoa (R. Janeiro).

Filha:

2 D. Lia Ribeiro Gutsch, n. no R. Janeiro a 28.04.1938 e aí f.a 18.02.1973. C. em S.Paulo–SP (Catedral) a 09.09.1958 c. Hélio Ribeiro da Silva, n. em Barretos–SP 09.12.1926. Filho de Raul Ribeiro da Silva e de D. Alda Ribeiro da Silva. Empresário. Desquitaram-se.

Filhos:

3 D. Inês Gutsch Ribeiro da Silva, n. em Barcelona (Espanha) a 07.06.1960. Advogada. Uniu-se a 07.10.1993 c. Marcelo Gualberto Zobaran, n. no R. Janeiro a 02.03.1963. Filho de Carlos Zobaran Filho e de D. Beatriz Gualberto Zobaran. Administrador de empresas.

Filho:

4 Tomaz Gutsch Zobaran, n. no R. Janeiro a 21.03.1994.

3 Tasso Gutsch Ribeiro da Silva, n. em S. Paulo–SP a 28.04.1962 e aí f. a 27.09.1989. De uma união c. D. Maria Terezinha da Cunha Veloso, teve:

Filhos:

4 D. Letícia Veloso Ribeiro da Silva, n. em S. Paulo–SP a 05.11.1987.

4 Adolpho Veloso Ribeiro da Silva, n. em S. Paulo–SP a 31.05.1989.

1 Milton Telles Ribeiro, n. em S. Paulo–SP a 19.07.1914 e f. no R. Janeiro a 28.09.1993. Diplomata. Ingressou na carreira diplomática por concurso, em 1941. Foi Cônsul-Adjunto em Valparaíso, Chile (1944/6); Segundo-Secretário da Embaixada em Berna, Suíça (1947/50); Cônsul em Marselha, França (1953/5); Primeiro-Secretário da Embaixada em Atenas, Grécia (1955/7); Cônsul de 1ª Classe no Consulado-Geral em Istambul, Turquia (1957/9); Embaixador do Brasil em Taipé, República da China (1964/8); Embaixador em Seul, Coréia (1969/73); Embaixador em Manila, Filipinas (1973); e Embaixador em Georgetown, Guiana (1974/6). Representou o Brasil em diversas comissões e congressos internacionais. Recebeu as seguintes condecorações: Medalha da Revolução Constitucionalista de São Paulo (1932); Medalha Barão do Rio Branco (1946); Medalha Lauro Muller (1965); Comendador da Ordem da Fênix, Reino da Grécia (1958); Grande-Cordão da Estrela Brilhante, República da China (1969); Ordem do Mérito Diplomático, 1ª Classe, República da Coréia (1973).
C. no Rio de Janeiro a 29.12.1941 c. D. Maria de Castro Barbosa, n. no R. Janeiro a 07.06.1916 . Filha de Edgard de Castro Barbosa e de D. Zaida do Espirito Santo Costa. Escritora e poetisa.

2 Edgard Telles Ribeiro, n. em Valparaíso (Chile) a 13.11.1944, quando seu pai era Cônsul-Adjunto do Brasil naquela cidade. Filho de diplomata, passou parte da infância na Suíça, França, Grécia e Turquia. Ingressou na carreira diplomática pelo Instituto Rio Branco do MRE, em 1968. Foi Cônsul-Adjunto em Los Angeles, EUA (1972/5); Segundo-Secretário da Embaixada na Guatemala (1975/77); Encarregado de Negócios em Bissau, Guiné Bissau (1981); Cônsul-Geral-Adjunto em Los Angeles, EUA (1984/87); Encarregado de Negócios em Lagos, Nigéria (1987); Conselheiro da Embaixada em Quito, Equador (1987); Ministro-Conselheiro da Missão do Brasil na ONU, Nova York (1992/97). Embaixador em Wellington, Nova Zelândia (1997/2002). Embaixador em Kuala Lumpur, Malásia (2002 em diante). Delegado do Brasil à XXII

Conferência Geral da UNESCO, em Paris (1983). Entre 1967 e 1970 colaborou com os diários "Correio da Manhã" e "O Jornal", do Rio de Janeiro, com matérias sobre cinema, música e literatura. Cineasta, produziu curtas-metragens e um deles, "Vietnam, Viagem no Tempo", foi exibido no Festival de Cannes (1980). Foi professor de técnica de cinema e roteiro na Universidade de Brasília (1978/82). Escritor renomado, é autor do romance "O Criado Mudo" (1990), publicado também nos Estados Unidos e outros cinco países. Publicou um livro de contos, "Livro das Pequenas Infidelidades" (1994); "As Larvas Azuis da Amazônia" (1996); "Branco como o Arco-Íris" (1998) e "O Manuscrito" (2002).
C. a 1ª vez no R. Janeiro a 27.07.1968 c. D. Regina Gloria Sipauba, n. no R. Janeiro a 18.06.1948. Filha de Manuel Sipauba e de D. Maria Sipauba. Coreógrafa.

Filha:

3 D. Isabel Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 15.01.1972. C. no R. Janeiro a 21.12.1996 c. Paulo Roberto de Souza, n. em Conselheiro Pena–MG a 01.02.1961. Filho de Avelino de Souza e de D. Waldemaria de Souza.

Filho:

4 Rafael Telles Ribeiro de Souza, n. no R. Janeiro a 15.03.1998.

Edgard C. a 2ª vez c. D. Maria Pacca, n. em S. Paulo a 20.03.1945. Filha de Egmar de Almeida Pacca e de D. Luzia Santos Pacca. Artista plástica (Pintora).

Filhos:

3 D. Adriana Telles Ribeiro, n. na Guatemala a 16.11.1977. Cursou a "New School for Social Research" em Nova York (EUA) e a PUC-RJ.

3 Felipe Telles Ribeiro, n. em Brasília–DF a 28.12.1979.

Edgard casou-se a 3ª vez c. D. Maria Angélica Fernandes Nazareth, n. no R. Janeiro a 23.12.1954. Filha de Alair Nazareth e de D. Mary Fernandes.

2 D. Branca Maria Telles Ribeiro, n. em Berna (Suíça) a 23.10.1949, quando seu pai era Segundo-Secretário da Embaixada do Brasil

naquela capital. Licenciada em Letras (Português, Francês e Inglês) pela PUC-R. Janeiro (1972). Professora universitária, foi supervisora de língua inglesa e coordenadora de línguas estrangeiras junto ao Departamento de Letras da PUC-Rio. Defendeu tese de mestrado sobre o escritor brasileiro Guimarães Rosa (1976). Colaborou como lexógrafa para o Dicionário Webster Português-Inglês (Ed. Record, 1981). Em 1988 graduou-se com *magna laude* como Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade Georgetown — Washington (EUA) e sua tese de doutorado (Coerência no Discurso Psicótico) foi publicada nos EUA (Oxford University Press, 1994), no Reino Unido, na França e no Brasil (edições da Universidade de Campinas, UFRJ e PUC-Rio). Aprovada em concurso para o Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sta. Catarina (1989-1991) e UFRJ (1993-1999), em ambas universidades lecionou nos programas de graduação e pós-graduação em Lingüística. Professora visitante em universidades brasileiras (Univ. Estadual de Campinas, PUC-S. Paulo, PUC-Rio, Univ. Federal da Bahia, Univ. Federal de Pernambuco, Univ. Federal do Espírito Santo) e universidades estrangeiras (Harvard e Pensilvania, nos EUA e Birmingham, no Reino Unido). Desde 1993 é pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisas-CNPq na área de Lingüística, trabalhando junto ao Programa Interdisciplinar de Lingüística Aplicada da UFRJ e ao Programa de Pós-graduação em Saúde Mental do Instituto de Psiquiatria da UFRJ. Coordena o projeto "Contexto e Coerência no Discurso Psicótico" do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, onde atua como docente e pesquisadora.

C. a 1ª vez c. Eduardo Rodrigues da Silva, n. no R. Janeiro a 26.06.1945. Filho de José Rodrigues da Silva e de D. Violeta Rodrigues de Carvalho. Médico. Divorciaram-se. S.g.

C. a 2ª vez em Santa Barbara – California (EUA) a 23.11.1988 c. Scott Philip Studebaker, n. em Seatle (EUA) a 20.05.1949. Filho de John Paul Studebaker e de D. Anne Marie Studebaker (née Winch). Advogado e jornalista. S.g.

2 Hermano Telles Ribeiro, n. em Berna (Suíça) a 13.11.1946, quando seu pai servia na Embaixada do Brasil naquela capital. Diplomata em 1979, pelo Instituto Rio Branco do MRE, foi Segundo-Secretário da Missão do Brasil junto à OEA, em Washington (1982/5); Primeiro-Secretário da Missão junto à ALADI, em Montevi-

déu (1986/88); Cônsul-Adjunto em Paris (1992/94); Conselheiro da Embaixada em Caracas, Venezuela (1994/96); e Ministro-Conselheiro da Embaixada em Tóquio, Japão (2001 em diante). Na Secretaria de Estado das Relações Exteriores, em Brasília, entre outros cargos foi Chefe da Divisão da América Central e Setentrional (1997/2001), ademais de delegado do Brasil à III Reunião do Conselho de Ministros da ALADI, em Montevidéu (1987) e à XLVI Assembléia Geral da ONU, em Nova York (1991).
Foi condecorado com a Ordem do Mérito Aeronáutico (Brasil) no grau de Cavaleiro.
C. em Marselha (França) a 12.08.1983 c. D. Isabel Villa-Lobos, n. no R. Janeiro a 19.11.1962. Filha do Embaixador Jayme Villa-Lobos e de D. Lucy Bonetti Dutra. Bacharel em Letras pela Universidade de Brasília. Tradutora. Assessora da Diretoria do Instituto Euvaldo Lodi, da Confederação Nacional da Indústria-CNI.

Filhos:

3 Amanda Villa-Lobos Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 26.11.1988.

3 Cândida Villa-Lobos Telles Ribeiro, n. em Caracas (Venezuela) a 13.06.1995.

3 Lourenço Villa-Lobos Telles Ribeiro, n. em Brasília–DF a 10.03.1998.

1 D. Dinah Telles Ribeiro, n. em S. Paulo–SP a 03.06.1916 (Cartório do Distrito de Vila Mariana, Liv.9, fl. 86, nº 365 SP) e f. no R. Janeiro a 21.11.1978. Campeã carioca de bridge por vários anos. C. no R. Janeiro a 24.02.1938 c. seu primo Arthur William Millions, n. em Belém–PA a 13.09.1910 e f. no R. Janeiro a 09.08.1974. Filho de William John Millions e de D. Guilhermina Telles Ribeiro (v. § 8°). Contador. Estudou no Colégio Anglo-Americano. Fez seu curso de Contador por correspondência. Seu primeiro emprego foi na Metro Goldwin Mayer, indo depois trabalhar para a Imperial Chemical Company, onde era Assistente de Contador. Quando houve a divisão entre a Imperial e a Dupont, ficou nesta última como Contador-chefe. Aposentou-se no cargo de Diretor do Departamento de Pessoal da Dupont do Brasil. Falava fluentemente inglês, francês, espanhol, português e latim.

Filha:

2 D. Joyce Ribeiro Millions, n. no R. Janeiro a 24.11.1938 e aí f. a 11.07.1977. Psicóloga. C. no R. Janeiro a 11.07.1964 (S. Francisco

de Paula) c. José Carlos Dutra, n. em Itatiba–SP a 09.05.1935. Filho de Benedicto Gonçalves Dutra e de D. Laura Panzarin Dutra. Advogado e jornalista.

Filhas:

3 D. Paula Millions Dutra, n. no R. Janeiro a 14.02.1967. Psicóloga. C. em Lisboa (Portugal) a 12.04.1999 c. Cidmar Santos de Castro, n. a 06.09.1960. Filho de Cid Castro e de D. Marilda Santos de Castro. Desenhista gráfico. Moram em Lisboa.

Filhos :

4 Laura Millions de Castro Dutra, n. em Lisboa (Portugal) a 12.05.1998.

4 Lucas Millions de Castro Dutra, n. em Lisboa (Portugal) a 09.11.1999.

3 D. Fernanda Millions Dutra, n. no R. Janeiro a 11.12.1968. Artista circense, formada pela Escola de Circo do Rio de Janeiro. Uniu-se a Adriano de Carvalho Marçal, n. a 06.03.1966. Filho de Luis Marçal Ferreira Neto e de D. Terezinha de Carvalho Marçal. Artista circense.

Filho:

4 Léo Dutra Marçal, n. em Lisboa (Portugal) a 18.07.2000.

1 Paulo Telles Ribeiro, n. em S. Paulo–SP a 20.07.1917 e f. em Niterói–RJ a 12.03.1978. Vendedor. C. a 1ª vez c. D. Irene Pimenta Silveira, n. a 18.02.1915.

Filho com D. Irene:

2 Paulo Silveira Ribeiro, n. em Niterói–RJ a 12.12.1938. Vendedor. C. em Jacarepaguá–RJ c. D. Evangelina de Castro, n. no R. Janeiro a 13.06.1940. Filha de Francisco Paulo Maia de Castro e de D. Consuelo Montenegro Maia de Castro.

Filhos:

3 Rogério de Castro Ribeiro, n. em Niterói–RJ a 11.10.1963. Agente de vendas. Solteiro.

Joyce Ribeiro Millions (filha de Arthur William Millions e Dinah Telles Ribeiro)

Encontro em Lisboa. Paula Millions Dutra, Paulo Fernando Telles Ribeiro, Fernanda Millions Dutra, Adriano de Carvalho Marçal e Cidmar Santos de Castro (julho de 1996)

Laurinha e Lucas, filhos de Paula e Cidmar

Léo, filho de Fernanda e Adriano

Casas 26 e 24 à rua Anchieta – Leme – RJ, hoje demolidas, onde moraram Guilhermina Millions, Dinah Ribeiro Millions e Nelson Telles Ribeiro

Jorge Telles Ribeiro (filho de Hermann e Bianca)

May Waddington Telles Ribeiro (filha de Jorge)

Paulinho, filho do primeiro casamento de Paulo Telles Ribeiro

Casamento de Paulo Telles Ribeiro e Zuleika, com Lia, Paulinho e Joyce

Zuleika e os filhos, Marly e Roberto

Marly

3 D. Katia de Castro Ribeiro, n. em Niterói–RJ a 26.04.1965 e aí f. a 28.04.1994.

Filhos:

4 D. Adriana de Castro Ribeiro, n. em Niterói a 12.08.1982.

4 Thiago de Castro Ribeiro, n. em Niterói a 08.01.1987.

4 Bruno de Castro Ribeiro, n. em Niterói a 19.12.1992.

3 Roberto de Castro Ribeiro, n. em Niterói a 25.03.1969. Solteiro.

Paulo Silveira Ribeiro, tendo-se separado da esposa, vive há 18 anos c. D. Gloria Regina de Mattos Marinho, n. a 15.09.1953. Filha de Oswaldo Coelho de Mattos e de D. Isaura da Costa Mattos.

Filho com D. Gloria:

3 Diogo Mattos Ribeiro, n. a 15.05.1987.

Paulo Telles Ribeiro, tendo fica viúvo, tornou a casar em Niterói–RJ a 18.07.1942 c. D. Zuleika da Costa Vasconcellos, n. em Santos–SP a 13.10.1920. Filha de Salvador Pio Vasconcellos e de D. Maria Stella da Costa Vasconcellos.

Filhos com D. Zuleika:

2 D. Marly Vasconcellos Ribeiro, n. em S.Paulo–SP a 07.02.1943. Casou-se c. Virlei José Amaral mas logo se desquitaram. Uniu-se mais tarde c. Eustáquio Tiengo Junior, n. 08.11.1933. Filho de Eustáquio Antonio Tiengo e de D. Mercedes Xavier Tiengo.

Filha:

3 Tatiana Ribeiro Tiengo, n. em Niterói–RJ a 01.09.1988.

2 Roberto Vasconcellos Ribeiro, n. no R. Janeiro a 20.08.1944. C. a 1ª vez no R. Janeiro a 22.08.1967 c. D. Neuza Pereira, n. a 06.06.1947. Filha de Ayrton da Silva Pereira e de D. Nair de Carvalho Pereira. Divorciaram-se.

Filhos :

3 Ricardo Pereira Ribeiro, n. em Niterói–RJ a 23.07.1968. C. a 17.09.1994 c. D. Paula Monnerat Mululo, n. em Bom Jar-

dim–RJ a 09.09.1967. Filha de Délio Mululo e de D. Isa Monnerat Mululo. S.g.

3 D. Clarice Pereira Ribeiro, n. em Niterói–RJ a 30.06.1969. Solteira.

3 Renato Pereira Ribeiro, n. em Niterói–RJ a 26.05.1972. Uniu-se a 19.01.1993 c. D. Denise Coquet, n. a 19.01.1960. Filha de Maurício Coquet e de D. Idylva Tavares Coquet.

Filha:

4 Carolina Coquet Ribeiro, n. em Niterói–RJ a 02.01.1994.

Roberto Vasconcellos Ribeiro uniu-se em Brasília a D. Edelswitha Amorim Trindade , n. no Piaui a 13.05.1940. Filha de Pedro da Costa Amorim e de D. Maria da Costa Amorim. S. g.

1 Jorge Telles Ribeiro, n. em S. Paulo–SP a 23.04.1927. Oficial-Aviador da Marinha, com especialidade de Helicópteros. Guarda-Marinha a 01.03.1946; Segundo-Tenente a 07.04.1953; Primeiro-Tenente a 07.10.1954; Capitão-Tenente a 07.04.1957; Capitão-de-Corveta a 07.05.1962; e Capitão-de-Fragata a 11.10.1966. Passou para a reserva neste posto a 25.07.1969. Recebeu as seguintes medalhas: Medalha do Serviço Militar (Passadeiras de bronze e de prata); Medalha Marechal Hermes; Medalha Marechal Caetano de Faria; e Medalha Marechal Souza Aguiar. Já reformado, trabalhou para uma firma de prospecção de petróleo, fazendo vôos de helicóptero sobre a Amazônia. Em um desses vôos teve problemas, tendo que fazer uma aterrissagem de emergência, ocasião em que ficou perdido em plena selva, sendo resgatado uma semana depois.
C. a 1ª vez no R. Janeiro a 26.10.1953 c. D. Mitzi Waddington, n. a 10.06.1932. Filha de Mauro Waddington e de D. Jupyra Ferreira Waddington. Jornalista.
C. a 2ª vez em 1972 c. D. Eliane Camargo Coutinho, n. 15.06.1937. Filha de Eder Tourinho Bittencourt e de D. Nair Camargo Tourinho. S. g.

Filhos c. D. Mitzi:

2 Marcelo Waddington Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 20.09.1954. Uniu-se: 1° c. D. Beatriz Ramos de Araujo Mesquita.

Filha:

3 D. Fabiana Ramos Telles Ribeiro, n a 15.01.1975.

2° c. D. Luisa Menescal Passos.

Filha:

3 D. Carolina Passos Telles Ribeiro, n. a 07.09.1977.

3° c. D. Eliane Regina Nunes Lopes Martins., n. a 08.05.1954.

Filhos:

3 Marcelo Mauro Antonio Nunes Lopes Martins Waddington Telles Ribeiro.

3 Mauro Jorge Antonio Nunes Lopes Martins Waddington Telles Ribeiro.

4° c. D. Marília Castro Tartalho.

Filho:

3 Yan Telles Ribeiro.

5° c. D. Bianca Winograd, n. a 27.9.1966. Filha de Rubem Winograd e de D. Fanny Gorbreg Winograd.

Filhos:

3 Marcus Vinicius Winograd Waddington Telles Ribeiro, n. a 05.06.1989.

3 Hannah Jessica Maria Stephanie Winograd Waddington Telles Ribeiro, n. a 28.06.1990.

3 Isabella Victoria Maria Stephanie Winograd Waddington Telles Ribeiro, n. a 28.01.1992.

2 D. May Waddington Telles Ribeiro, n. a 17.11.1956. Indigenista. Trabalha para a firma de cosméticos americana AVEDA, que não só faz pesquisas com novas ervas, como também subvenciona estudos para o desenvolvimento de projetos de auto-sustentação das aldeias indígenas na Amazônia. May passa grande parte do ano naquelas aldeias, trabalhando com os índios e batalhando por mais apoio para os seus projetos.
C. c. Peter Christian Aune, n. a 26.04.1954. Filho de Carl Julius Aune e de D. Mary Irene Lomax Aune. Separaram-se.

Filhos:

3 D. Liv Karenina Aune, n. a 25.04.1979.

3 Pedro Cristiano Waddington Aune, n. a 14.12.1980.

3 Eric Knut Waddington Aune, n. a 24.03.1983.

§ 6°

D. CANDIDA CAROLINA TELLES RIBEIRO (Lina), n. na ilha de Mocanguê Grande–RJ a 25.07.1885 e f. no R. Janeiro a 31.10.1972. C. em Vitória da Conquista–BA a 11.12.1907 c. Max Alfred Weber, n. em Berna (Suíça) a 17.12.1877 e f. no R. Janeiro a 07.01.1928. Filho de Franz August Weber (★ Obergrasswyl/Seeberg-Berna, Suíça 22.07.1838 – ✞ Basiléia 15.8.1901) e de D. Susana Hübscher (★ Basiléia 17.10.1841 - ✞ c. 1924), casados em 26.02.1874. *N.p.* de Kaspar Andreas Weber (★ Obergrasswyl-Berna, Suíça), solicitador junto aos tribunais, e de D. Anna Maria Hirsbrunner (★ Sumiswald-Berna, Suíça), casados em 02.01.1837. Comerciante.

A família de que provinha Max Alfred Weber é natural do cantão de Berna, na Suíça alemã, com a casa familiar na localidade de *Obergrasswyl/Seeberg*, um vilarejo da região do *Emmental*, conhecida por seu famoso queijo. Seu pai, Franz August Weber, foi batizado em Burgdorf (cantão de Berna), em 22.07.1838, e mudou-se para a cidade de Basiléia, onde seguiu carreira como funcionário público cantonal e alcançou o cargo de Secretário do Departamento de Construção Civil do Cantão de Basiléia. Lá se casou com Susanna Hübscher, batizada em 07.11.1841 na igreja paroquial evangélica reformada de São Pedro (Basiléia), divorciada, em 04.12.1867, de seu 1° marido, da família *Sartorius*. Filha de Samuel Wilhelm Hübscher, mestre-carpinteiro, e de Susanna Juliana Lichtenhahn, residentes em St. Johann-Vorstadt n° 1 (Basiléia).

Filhos:

1 Fritz Weber, n. na Bahia a 19.11.1908 e batizado em 12.12.1909 na igreja de São Pedro (Basiléia, Suíça). F. no R. Janeiro a 20.11.1974. C. no R. Janeiro a 03.07.1932 c. D. Odete Silva, n. na Bahia a 29.07.1908. Filha de José da Silva e de D. Maria da Glória Silva.

Filha:

2 D. Maria Lucia Weber, n. no R. Janeiro a 14.06.1933.

1 Hans Weber, n. na Bahia a 27.07.1910 e f. em S. Paulo–SP a 09.05.1959. C. no R. Janeiro a 11.07.1935 c. D. Irene Teixeira, n. no R. Janeiro a 19.04.1913 e f. em S. Paulo–SP em 1996.

Tia Lina, Tio Max e filhos: Hans, Lina, Max, Fritz, Suzy, Nette, Tia Lina com Marina no colo e Tio Max com Judith. Falta Alfredo, o mais novo

Tia Lina, Tio Max e Fritz (1909)

Filhos :

2 Ernesto Teixeira Weber, n. no R. Janeiro a 29.12.1937. Engenheiro. Funcionário da Petrobrás. Foi Presidente daquela estatal no governo Fernando Collor. C. em S. Paulo–SP a 14.04.1961 c. D. Vera Lúcia Franco de Oliveira, n. em Santos–SP a 06.12.1940. Filha de José João Baptista de Oliveira e de D. Ana Franco de Oliveira. Divorciaram-se.
Casou novamente a 14.02.1992 c. sua prima [2] D. Luiza Frota Oliveira, n. em Caxias-RJ a 12.09.1939. Filha de [1] D. Luiza Antoinette Weber (Nette) e de Francisco Geraldo Frota.

Filhos:

3 D. Ana Paula Oliveira Weber, n. em S. Paulo–SP a 12.08.1963. Advogada. C. em S. Paulo–SP a 02.05.1992 c. Claudio Kier Citrim, n. em Porto Alegre–RS a 04.04.1962. Filho de José Citrim e de D. Rachel Kier Citrim. Engenheiro.

Filhos:

4 Isadora Weber Kier Citrim, n. em S. Paulo–SP a 11.11.1994.

4 Thomas Weber Kier Citrim, n. em S. Paulo–SP a 13.12.1996.

3 Ernesto Teixeira Weber Junior, n. em Santos–SP a 18.11.1965 e C. em Ibiúna–SP a 23.03.1992 c. D. Alicia Fernandez, n. em S. Paulo–SP a 12.03.1968. Filha de Júlio Benigno Fernandez e de D. Amyris Zapparolli Fernandez.

Filhos:

4 Ernesto Teixeira Weber Neto, n. em S. Paulo–SP a 07.04.1993.

4 Gabriela Weber, n. em Natal–RN a 21.09.1994.

3 Luiz Guilherme Oliveira Weber, n. em S. Paulo–SP a 10.07.1970. C. em S. Paulo–SP a 24.10.1992 c. D.Katia Cristina Fudalhis, n. em Registro–SP a 05.07.1969. Filha de Nazul José Fudalhis e de D. Nair Sumie Fudalhis.

Filhos:

4 Lucas Kim Fudalhis Weber, n. em S. Paulo–SP a 16.05.1994.

4 Michaela Weber, n. em S. Paulo–SP a 26.02.1998.

2 Roberto Teixeira Weber, n. no R. Janeiro a 25.06.1942 e f. na Bahia a 06.12.1978, num acidente automobilístico. Solteiro.

1 D. Suzana Weber (Suzie), n. no R. Janeiro a 06.06.1912 e aí f. a 24.10.2001. C. nesta cidade a 20.05.1936 c. João Baptista Pessoa Muniz, n. em Salgueiro-PE a 23.06.1908. Filho de Galdino Rêgo Pessoa e Mello e de D. Claudina da Rosa Muniz Pessoa. Oficial de Intendência do Exército. Sentou praça a 23.03.1928. Aspirante a 16.01.1936; Segundo-Tenente a 24.05.1937; Primeiro-Tenente a 25.12.1944; Capitão a 15.01.1948; Major a 25.12.1955 (m). Passou para a reserva como Tenente-Coronel a 14.07.1960. Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e de Administração Regional. Condecorado com a Medalha Marechal Souza Aguiar; Medalha Marechal Hermes; Medalha de Guerra; Medalha Militar de Prata; Medalha Marechal Caetano de Faria; Medalha do Pacificador; e Medalha da 1ª Jornada do Serviço de Saúde da Aeronáutica.

Filhos:

2 Ivan Pessoa Muniz, n. no R. Janeiro a 03.05.1940. Funcionário do Banco do Brasil. C. em Porto Alegre–RS a 03.12.1960 c. D.Neuza Maria Martins da Silva, n. em Porto Alegre–RS a 18.05.1942. Filha de Ari Martins da Silva e de D. Almira Martins da Silva.

Filhos:

3 D. Mara Denise Silva Muniz, n. em Porto Alegre–RS a 22.07.1961. C. duas vezes, a 1ª vez no R. Janeiro a 19.08.1984 c. Celso Antonio Bravo Benavides. Separaram-se.

Filho:

4 Tales Rafael Muniz Bravo, n. no R. Janeiro a 20.06.1985.

D. Mara C. a 2ª vez c. Vitor Eduardo Monteiro Goes, n. no R. Janeiro a 16.05.1948. Filho de Vitor Souza Goes e de D. Maria Regina Monteiro Goes (f.). Funcionário do Banco do Brasil.

Filhos:

4 Gabriela Carine Muniz Goes, n. no R. Janeiro a 15.03.1990.

4 Vitor Matheus Muniz Goes, n. no R. Janeiro a 01.10.1995.

3 Ivan Alexandre Silva Muniz, n. em Novo Hamburgo–RS a 26.10.1962. Advogado, Delegado de Polícia. Cursou a Faculdade Nacional de Direito. C. no R. Janeiro a 03.12.1986 c. D. Maria Cristina Lavradas, n. a 31.12.1965. Filha de Roberto Lavradas e de D. Neuza Araújo. Professora de Letras. Cursou a Faculdade de Letras da UERJ.

Filho:

4 Rodrigo Nicolau Lavradas Muniz, n. no R. Janeiro a 18.03.1987.

3 D. Marcia Cristina Silva Muniz, n. no R. Janeiro a 19.11.1965. Formada em Letras pela UFRJ. Funcionária da Receita Federal. C. a 15.05.1989 c. Odorico Sergio Oliveira Vieira, n. em Mangaratiba–RJ a 01.03.1961. Filho de Demerval Vieira (fal.) e de D. Catarina de Oliveira Vieira. Músico.

Filhos:

4 D. Bruna Renata Muniz Vieira, n. no R. Janeiro a 08.11.1989.

4 Natalia Louise Muniz Vieira, n. no R. Janeiro a 30.06.1997.

2 D. Vanda Pessoa Muniz, n. no R. Janeiro a 27.08.1941. C. nesta cidade a 06.06.1971 c. Caio de Oliveira Lima, n. em Limoeiro do Norte–CE a 23.10.1935. Filho de Melchiades de Oliveira Lima e de D. Apolinária Cirila de Oliveira Lima. Advogado, Fiscal do Estado.

Filhos :

3 D. Suzana Carolina Muniz de Oliveira Lima, n. no R. Janeiro a 13.02.1972. Jornalista, Funcionária Pública. C. na mesma cidade a 20.01.1996 c. Alexandre Craveiro Roldão, n. no R. Janeiro a 21.12.1972. Jornalista. Filho de Adriano Alberto Roldão e de D. América Jacob Craveiro Roldão.

Filho:

4 Lucas Oliveira Lima Roldão, n. no R. Janeiro a 04.08.1999.

3 D. Candida Daniela Muniz de Oliveira Lima, n. no R.Janeiro a 05.01.1974. Advogada. C. na mesma cidade a 19.6.1993 c.

Marcelino Iglesias Lago, n. no R. Janeiro a 29.04.1969. Filho de Primitivo Lago Pensado e de D. Carmem Iglesias Lago. Comerciante.

Filha:

4 Pamela Carolina Lima Lago, n. no R. Janeiro a 06.10.1993.

3 André Guilherme Muniz de Oliveira Lima, n. no R. Janeiro a 11.11.1977.

1 D. Lina Weber, n. no R. Janeiro a 25.10.1915 e f. em S. João Nepomuceno–MG a 12.06.1997. C. em Salvador–BA a 15.04.1936 c. Gustavo Lohse, n. na Alemanha. Filho de Hans Heinrich Lohse e de D. Alma Elise Karoline Lohse. Agrimensor. Desquitou-se em 10.10.1961.

Filhos:

2 D. Sonia Lohse, n. no R. Janeiro a 14.03.1939. C. c. Chaim Samuel Hönig, n. na Alemanha a 01.02.1926. Filho de Moisés Elias Hönig e de D. Rachela Hönig. Professor de Matemática na USP.

Filhos:

3 D. Rebeca Hönig, n. em S. Paulo–SP a 07.11.1977.

3 Daniel Hönig, n. em S. Paulo–SP a 10.02.1979.

3 David Hönig, n. em S. Paulo–SP a 25.07.1980.

3 D. Raquel Hönig, n. em S. Paulo–SP a 03.09.1982.

2 Max Lohse, n. no R. Janeiro a 15.07.1940. Trabalhou em Marketing. É maçom. C. em S. João Nepomuceno a 17.12.1966 c. D. Emilia Antunes Rabello, n. em S. João Nepomuceno-MG a 28.06.1940. Filha de Manoel Rabello e de D. Euphrosina Antunes Rabello.

Filha:

3 D. Lygia Rabello Lohse, n. em S. João Nepomuceno-MG a 27.06.1975. C. c. André Luiz Monteiro.

Filha:

4 Isabel Lohse Monteiro, nascida em Maricá–RJ a 22.05.2000.

2 D. Nidia Lohse, n. em Sapucaia–RJ a 20.11.1943. Agente administrativo. C. c. Amiro Benedito da Silva Pinto. Filho de Pedro Alves Pinto e de D. Faraildes Barros da Silva Pinto. Vendedor.

Filhos:

3 D. Faraildes da Silva Pinto, n. em S. João Nepomuceno–MG a 21.08.1965. Auxiliar de enfermagem e Paisagista. C. c. seu primo [2] Eduardo Max Weber, n. no R. Janeiro a 05.08.1957. Filho de [1] Alfredo Max Weber e de D. Anilce da Silva Aquino. Motorista profissional.

Filhos:

4 Felipe Augusto Pinto Weber, n. em Nova Iguaçu–RJ a 09.02.1985.

4 Fabio Eduardo Pinto Weber, n. em Niterói–RJ a 10.07.1989.

3 D. Rita de Cassia da Silva Pinto Sobrinha, n. no Maranhão a 12.02.1967. Paisagista e Astróloga. C. c. Carlos Alberto Monteiro, n. em Niterói–RJ a 03.12.1949. Filho de Edgar Muniz Monteiro e de D. Nilza de Cerqueira Muniz Monteiro. Empresário.

Filhos:

4 Gustavo Henrique da Silva Pinto, n. em Nova Iguaçu–RJ a 24.09.1984.

4 Rojane Lohse Monteiro, n. em Niterói–RJ a 10.03.1990.

3 D. Isabel Cristina da Silva Pinto, n. no R. Janeiro a 10.09.1968. Auxiliar de enfermagem. C. c. João Baptista Ferreira, n. em Descoberto–MG a 23.06.1935. Filho de Gumercindo Ferreira e de D. Aneclides Alves Ferreira.

Filho:

4 Rysian Lohse, n. em Niterói–RJ a 17.06.1991.

3 Pedro Alves Pinto Neto, n. no R. Janeiro a 28.08.1973.

3 Ricardo Henrique da Silva Pinto, n. em Nova Iguaçu–RJ a 14.09.1976.

2 Henrique Lohse, n. em S. João Nepomuceno-MG a 01.04.1948. C. em Juiz de Fora– MG a 21.01.1976 c. D. Juramy do Nascimento, n. em Juiz de Fora–MG a 18.03.1957. Filha de João Rosa do Nascimento e de D. Alzira Martins do Nascimento.

Filhos:

3 Alan do Nascimento Lohse, n. em Juiz de Fora–MG a 21.03.1978.

3 D. Martha do Nascimento Lohse, n. em Juiz de Fora–MG a 10.08.1983.

3 D. Mila do Nascimento Lohse, n. em Juiz de Fora–MG a 25.10.1985.

2 D. Lina Lohse, n. em S. João Nepomuceno a 06.12.1949. Costureira. C. nesta cidade a 05.01.1980 c. Paulino Levino Neves. Filho de Olevindo Tiburcio Neves e de D. Elisa Maria de Jesus.

Filhos:

3 D. Elisa Maria Neves, n. em S. João Nepomuceno-MG a 01.12.1980.

3 Eduardo Max Neves, n. em S. João Nepomuceno-MG a 30.03.1983.

3 Henrique Levindo Neves, n. em S. João Nepomuceno–MG a 07.11.1985.

3 Elias Ronaldo Neves, n. em S. João Nepomuceno-MG a 27.06.1987.

3 Emerson Neves , n. em S. João Nepomuceno-MG a 11.05.1990.

1 Max Weber, n. no R. Janeiro a 06.11.1913 e f. em S.Paulo–SP a 28.05.1999. Comerciário. C. no R. Janeiro a 26.09.1935 c. D. Amenayde Perret, n. no R. Janeiro a 04.04.1916 e f. em S. Paulo–SP a 04.09.1995. Filha de Augusto de Lima Perret e de D. Eulalia da Costa Perret.

Filhos:

2 D. Lia Weber, n. a 30.08.1937. Solteira. Adotou uma menina.

3 D. Denise Maria Weber, n. a 02.05.1978.

2 D. Nayde Perret Weber, n. a 28.01.1940. C. c. Amelio Trivellato Junior, n. a 26.08.1937. Filho de Amelio Trivellato e de D. Violeta Oppenheimer.

Filho:

3 Mauro Weber Trivellato, n. a 13.06.1974.

2 D. Lucia Perret Weber, n. no R. Janeiro a 26.07.1946. Contadora. Funcionária da Prefeitura de S. Paulo. C. em S. Paulo–SP a 26.12.1985 c. Jader Guadalupe Zaler D'Avila, n. em Bagé–RS a 11.05.1953. Filho de Heron D'Avila e de D. Cleia Zaler D'Avila. Técnico Judiciário.

Filha:

3 D. Heloisa Weber D'Avila, n. em S. Paulo–SP a 26.09.1986.

2 D. Nanci Perret Weber, n. em S. Paulo–SP a 21.02.1947. Jornalista. Uniu-se a Marco Antonio Gomes Conceição, n. em Taquaritinga–SP a 29.08.1941. Filho de Antonio Gomes Conceição e de D. Jaci Dias Coelho Conceição. Jornalista.

Filha:

3 D. Maíra Weber Conceição, n. em S. Paulo–SP a 20.01.1981.

2 Ruy Perret Weber, n. a 06.04.1950. Divorciado. S. g.

2 José Augusto Weber, n. em S. Paulo-SP a 21.07.1956. Artista Gráfico. C. a 01.06.1991 c. D. Marcia Golovaty Asnis, n. em S. Paulo-SP a 27.8.1964. Filha de Jayme Asnis e de D. Blima Golovaty Asnis.

Filhos:

3 Guilherme Golovaty Asnis Weber, n. em S. Paulo-SP a 25.01.1992.

3 Fernanda Golovaty Asnis Weber, n. em S. Paulo-SP a 21.12.1994.

3 Max Golovaty Asnis Weber, n. em S. Paulo-SP a 15.01.2002.

2 D. Ana Maria Weber, n. em S. Paulo–SP a 08.08.1957. C. a 1ª vez c. Roberto Hanania, n. em Muqui–ES a 10.11.1947. Filho de Michel Ibrahim Hanania e de D. Nirce Bastos Hanania. Advogado. Divorciaram-se em 05.09.1994.

Filhos:

3 Roberto Hanania Filho, n. em S. Paulo-SP a 09.04.1979. Estudante de Direito na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo-USP. Fez os estudos secundários no Liceu Pasteur. Fala inglês e francês.

3 D. Bruna Weber Hanania, n. em S.Paulo–SP a 09.05.1984.

Fernanda, Max e Guilherme, filhos de José Augusto Weber e Marcia G. Asnis

Família de Rachel e José Aurélio Valporto de Sá

D. Ana Maria C. a 2ª vez a 13.12.1997 c. Tony Rodrigues de Almeida, n. em Fortaleza-CE a 04.11.1964. Sargento da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Filho de Antonio Rodrigues de Almeida e de Maria do Carmo Gomes de Almeida.

1 D. Luiza Antoinette Weber (Nette) n. no R. Janeiro a 08.02.1918 e aí C. a 31.07.1937 c. Francisco Geraldo Frota, n. em Fortaleza–CE a 18.12.1912 e f. no R. Janeiro a 26.11.1996. Filho de João Neves da Frota e de D. Joana Furtado. Comerciante de carros, proprietário de uma revendedora. Recebeu a Ordem do Mérito Naval, por serviços prestados à Marinha.

Filhas:

2 D. Lea Frota, n. no R. Janeiro a 19.05.1938 e aí f. a 30.08.1955.

2 D. Luiza Frota, n. em Caxias–RJ a 12.09.1939 e C. no R. Janeiro a 23.04.1960 c. Reinaldo Santos de Oliveira, n. no R. Janeiro a 11.12.1933 e f. na Escócia em um acidente automobilístico, a 26.03.1987. Filho de Ovidio Cipriano de Oliveira (fal.) e de D. Carmem Santos Oliveira.

Filhos:

3 D. Rosane Frota Oliveira, n. no R. Janeiro a 13.05.1961. C. 1ª vez no R. Janeiro a 10.02.1982 c. Pedro Gouveia Teixeira. S. g. De uma união c. Mauro Klajman, n. no R. Janeiro a 26.01.1961, filho de Benjamim Klajman e de D. Marta Klajman, Economista, teve :

Filha:

4 Camila Klajman, n. no R. Janeiro a 08.05.1990.

D. Rosane C. 2ª vez no R. Janeiro a 23.12.1994 c. Sergio José Waksman, n. no R. Janeiro a. 03.04.1962. Filho de Ruwin . Waksman e de D. Pua Lewin. Médico.

Filho:

4 Felipe Frota Waksman, n. no R. Janeiro a 22.3.1999.

3 Ricardo Frota Oliveira, n. no R. Janeiro a 14.10.1962. Comandante da VARIG. C. no R. Janeiro a 25.07.1987 c. D. Rita de Cassia Bastos de Menezes, n. no R. Janeiro a 28.10.1958. Filha de Cleber de Menezes e de D. Ines da Silva Bastos de Menezes. Jornalista e Promotora de eventos.

Filhos:

4 Renan Menezes Frota, n. no R. Janeiro a 15.04.1988.

4 Rodolfo Menezes Frota, n. no R. Janeiro a 27.02.1990.

3 D. Rosangela Frota Oliveira, n. no R. Janeiro a 29.6.1963. C. (união) na França c. Jean Henri Jacques Renault. Filho de Jacques Louis Renault e de Nicole Anne Marie Jeanne Louise Tanguy.

Filhos:

4 Nina Frota Renault, n. em Rennes – França a 7.12.1998.

4 Yanick Frota Renault, n. em Istres– França a 01.09.2001.

3 Reinaldo Frota de Oliveira, n. no R. Janeiro a 12.02.1969 e aí C. a 20.09.1997 c. D. Flávia Correia Araujo, n. no R.Janeiro a 30.7.1970. Filha de Aluizio Lucena Araujo e de D. Maria Celeste Correa Araujo.

D. Luiza Frota, viúva, C. novamente a 14.02.1992 c. seu primo [2] Ernesto Teixeira Weber, n. no R. Janeiro a 29.12.1937. Filho de [1] Hans Weber e de D. Irene Teixeira Weber.

2 D. Lais Frota, n. a 21.11.1940. C. a 1ª vez c. Antonio Carlos de Andrade, n. no R. Janeiro a 25.06.1929. Filho de Nestor de Andrade e de D. Jandira Cunha de Andrade. Produtor de TV.

Filhos:

3 Alexandre Frota de Andrade, n. no R. Janeiro a 14.10.1963. Ator de teatro e televisão. No teatro fez "Capitães de Areia" e "Os Doze Trabalhos de Hércules". Na televisão trabalhou em várias novelas, entre elas: "Livre para Voar", "Roque Santeiro", "Blue Jeans", "Sassaricando" e "Malhação" (1999), da TV Globo. Trabalhou também na mini-série "Boca do Lixo". Em 1986, com mais quatro amigos, formou a "Banda Quatro", onde cantava e compunha. Apresentou na SBT um programa dedicado aos esportes, "Trupe". Também se dedica às corridas de Fórmula UM.
C. no R. Janeiro (Candelária) a 15.12.1986 C. D. Maria Claudia Motta Raia (na carreira artística, Claudia Raia), n. em Campinas-SP a 24.12.1967. Filha de Mario Raia e de D.

Odette Motta Raia. Bailarina profissional e renomada atriz de teatro, televisão e cinema. Divorciaram-se. S. g..

3 D. Angela Frota Andrade, n. no R. Janeiro a 18.01.1968 e aí C. a 20.11.1987 c. Mauricio Silveira Monteiro, n. a 23.05.1958. Filho de Herman Monteiro e de D. Sueli Silveira Monteiro.

Filha:

4 D. Mariana Andrade Monteiro, n. no R. Janeiro a 15.08.1988.

D. Lais Frota C. a 2ª vez a 19.09.1987 c. Ronaldo Mauri Obladen, n. em Curitiba–PR a 19.05.1940. Filho de Theodoro Obladen Filho e de D. Maria Baglioli Obladen. S. g.

2 D. Lena Frota, n. no R. Janeiro a 02.12.1946 e aí C. (N. S. de Lourdes) a 29.05.1965 c. Teotônio Correia de Araujo, n. em Pernambuco a 15.04.1933 e f. em Vitória–ES a 10.02.1993. Filho de Roque Correia de Araujo e de D. Laura Borba Correia de Araujo. Joalheiro.

Filhos:

3 Rogério Frota Correia de Araujo, n. no R. Janeiro a 12.02.1966. Editor de Imagens. Trabalha na Fundação Roberto Marinho e TV Zero. C. no R. Janeiro a 20.05.1990 c. D. Maria Isabel Barros Ramos, n. em São Luiz– MA a 28.12.1965. Filha de Carlos Alberto Duarte Ramos e de D. Maria Lucia Barros Ramos.

Filhos:

4 Lucas Ramos Frota, n. no R. Janeiro a 28.02.1993.

4 Marcos Ramos Frota, n. no R. Janeiro a 19.12.1999.

3 Fernando Frota Correia de Araujo, n. em Fortaleza–CE a 22.02.1967. Gerente Hoteleiro. C. no R. Janeiro (Sta. Mônica) a 14.03.1987 c. D. Ana Veronica Gomes, n. no R. Janeiro em 1970. Filha de Licino da Silva Gomes e de D. Maria Luiza Ferreira Gomes.

Filhos:

4 Thiago Gomes Correia de Araujo, n. no R. Janeiro a 11.05.1989.

4 Julia Gomes Correia de Araujo, n. no R. Janeiro a 17.11.1997.

3 Marcelo Frota Correia de Araujo, n. a 29.03.1969. C. c. Monica Correa de Araujo.

Filho:

4 Marcelo Frota Correia de Araujo Filho, n. no R. Janeiro a 13.03.1987.

Marcelo C. 2ª vez (união) c. Ana Paula e teve:

Filha:

4 Maria Julia Frota Correia de Araujo, n. no R. Janeiro a 26.02.1998.

3 D. Andrea Frota Correia de Araujo, n. No R. Janeiro a 25.11.1970.

Filha:

4 Fernanda Frota Correia de Araujo, n. a 15.04.1992.

Andrea Frota Correia de Araujo, de uma união com Helio Pacheco da Rocha, n. em Volta Redonda-RJ a 19.06.1960, filho de Heloi Pacheco da Rocha e de Dilza Pacheco da Rocha, teve:

4 Bruna Frota Correia de Araujo Rocha, n. em Arraial do Cabo-RJ a 12.11.2001.

D. Lena Frota c. 2ª vez (União) c. Divaldo Cardoso Santos, n. a 26.09.1953. Filho de Gumercindo Cardoso dos Santos e de D. Eutalia Cardoso dos Santos.

2 D. Leila Frota, n. no R. Janeiro a 17.06.1955 e aí C. a 17.07.1977 c. Jorge Salvador Sarro, n. no R. Janeiro a 9.4.1953. Filho de Wilson Lucio Sarro e de D. Francisca Duarte Sarro. Militar. Engenheiro aeronáutico.

Filhos:

3 Jorge Salvador Frota Sarro, n. no R. Janeiro a 06.07.1977. C. a 02.10.1998 c. Ana Paola Ferreira, n. em S. José dos Campos-SP a 23.08.1973. Filha de Walter Ferreira e de D. Yone Oliveira Ferreira.

Filha:

4 Mariana Ferreira Frota Sarro, n. em S. José dos Campos-SP a 27.10.1999.

3 Leonardo Bruno Frota Sarro, n. no R. Janeiro a 18.06.1979. C. (união) c. Ana Carolina Fernandes, n. em Curitiba-PR a 05.06.1982. Filha de Sergio Dilberto Fernandes e de Joana Ferreira.

Filho:

4 Bruno Fernandes Frota Sarro, n. em Curitiba-PR a 12.01.2001.

3 D. Carolina Frota Sarro , n. em S. José dos Campos–SP a 21.10.1981.

1 D. Judith Weber, n. no R. Janeiro a 24.4.1920 e aí C. a 31.01.1938 c. José Barroso, n. em Bicas–MG a 20.11.1895. Filho de José Zacarias da Fonseca Barroso e de D. Maria Isabel Pereira Barroso. Corretor.

Filhos:

2 D. Thais Barroso, n. em S. João Nepomuceno–MG a 6.11.1939. Professora. C. no R. Janeiro a 29.12.1962 c. Orlando Pereira de Souza, n. no R. Janeiro a 26.02.1938. Filho de Alfredo de Souza e de D. Hilda Pereira de Souza. Engenheiro.

Filha:

3 D. Ana Claudia Barroso de Souza, n. em Curitiba–PR a 25.10.1969.

2 D. Rachel Barroso, n. em S. João Nepomuceno–MG a 15.03.1941. Professora primária. Formou-se em Letras pela Universidade de Juiz de Fora. C. no R. Janeiro a 10.02.1962 c. José Aurélio Valporto de Sá, n. no R. Janeiro a 19.03.1939 e aí f. a 06.03.1998. Oficial do Exército da Arma de Infantaria. Entrou para a Academia Militar de Agulhas Negras a 11.03.1957. Aspirante a 17.12.1959; Segundo-Tenente a 25.08.1960; Primeiro-Tenente a 25.08.1962; Capitão a 25.08.1966; Major a 30.04.1975; Tenente-Coronel a 31.08.1980 (m) e Coronel a 30.04.1985 (m). Passou para a reserva neste posto em 1992. Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e a Escola de Comando e Estado-Maior. Cursos de Técnica de Administração; Operações na Selva; Ações e Comandos;

Básico de Pára-quedista; Precursor Pára-quedista; e Mestre de Salto. Condecorado com: Ordem do Mérito Militar – Comendador; Medalha Militar – ouro; Medalha do Pacificador; Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes; Medalha da Força de Emergência da ONU; e Medalha da Inconfidência. Fez parte da diretoria do Clube Militar (1993/94). Filho de Murilo Valporto de Sá e de D. Celia Moss Reis de Sá.

Filhos:

3 José Aurelio Valporto de Sá Junior, n. no R. Janeiro a 24.01.1963. Economista. Solteiro.

3 Augusto Cesar Valporto de Sá, n. a 16.10.1964. Piloto da Varig. C. no R. Janeiro (Sta. Inês) a 23.09.1994 c. D Marcia Bergmann Moraes, n. em Porto Alegre–RS a 10.03.1971. Filha de Marino Moraes e de D. Ecilda Bergmann Moraes.

Filhos:

4 Caio Moraes Valporto de Sá, n. no R. Janeiro a 15.04.1998.

4 Cleo Moraes Valporto de Sá, n. no R. Janeiro a 24.09.2001.

3 D. Mônica Barroso Valporto de Sá, n. no R. Janeiro a 01.01.1966. Formada em Comunicação. C. no R. Janeiro 21.10.1998 c. Luiz Felipe Cantanhede Donato, n. no R. Janeiro a 18.5.1962. Filho de Mauricio Cunha Donato e de D. Vera Maria Cantanhede Donato.

Filho:

4 Lucas Valporto de Sá Cantanhede Donati., n. no R.Janeiro a 25.01.1999.

3 Carlos Frederico Valporto de Sá, n. em Florianópolis–SC a 28.03.1970.

3 D. Rachel Valporto de Sá, n. no R. Janeiro a 03.03.1973. Advogada. Solteira.

2 Renato Weber Barroso, n. no R. Janeiro a 22.06.1944. Administrador postal. C. a 1ª vez em Niterói–RJ a 01.07.1972 c. D. Maria Nilda Soarez, n. em Itaocara–RJ a 15.03.1947. Filha de Jovelino da

Rosa Soares e de D. Maria Souza Soares. Professora estadual. Separaram-se.

Filhos:

3 Rafael Soares Barroso, n. em Itaocara–RJ a 24.05.1974. Funcionário da Prefeitura de Itaocara.

3 Tiago Soares Barroso, n. em Brasília a 09.09.1977.

3 Renato Soares Barroso, n. em Itaocara–RJ a 13.03.1979.

3 Felipe Soares Barroso, n. em Salvador–BA a 13.8.1980.

Renato C. 2ª vez em Belo Horizonte–MG a 21.05.1988 c. D. Mary Inez Curtis, n. em Belo Horizonte–MG a 22.09.1956. Filha de Euclides Curtis e de D. Neida Fortini Curtis. Funcionária dos Correios.

Filho:

3 Bruno Curtis Weber, n. em Belo Horizonte–MG a 08.04.1989.

1 D. Marina Weber, n. no R. Janeiro a 29.12.1924 e f. em Joinville–SC a 29.12.1998. C. no R. Janeiro a 27.11.1948 c. Ary Falcão Macedo, n. no Ceará a 29.08.1922. Filho de Emilio Macedo e de D. Beatriz Falcão Macedo. Oficial do Exército da Arma de Artilharia. Sentou praça de 01.03.1942 a 31.01.1944. Novamente a 15.03.1945. Aspirante a 24.12.1947; Segundo-Tenente a 25.06.1948; Primeiro-Tenente a 25.06.1950; Capitão a 25.12.1952; Major a 25.08.1961 (m); Tenente-Coronel a 25.08.1967 (a). Curso Regulamentar de Artilharia; Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; Centro de Instrução de Defesa Antiaéra; e Curso Regulamentar de Cavalaria. Condecorado com as medalhas: Militar – bronze; e Mérito Militar – prata.

Filhos:

2 D. Ana Carolina Macedo, n. no R. Janeiro a 27.08.1949. Professora. C. em Castro–PR a 04.01.1969. c. Helcio D'Aquino, n. em Joinville–SC a 13.05.1937. Filho de Vicente D'Aquino e de D. Maria D'Aquino. Corretor de imóveis.

Filhos:

3 André Vicente D'Aquino, n. em Joinville–SC a 30.12.1971.

3 Leonardo Falcão D'Aquino, n. em Joinville– SC a 11.07.1973.

3 Helcio D'Aquino, n. em Curitiba–PR a 17.07.1975.

3 Dante Bruno D'Aquino, n. em Curitiba–PR a 13.07.1979.

2 Ary Falcão Macedo Filho, n. em Joinville–SC a 19.09.1963. Digitador. C. em Canoinhas–SC a 05.10.1990 c. D. Clarice Gauloski, n. em Canoinhas–SC a 01.04.19??. Filha de Cazemiro Gauloski e de D. Madalena Gauloski.

Filho:

3 Guilherme Gauloski Falcão Macedo, n. em Curitiba–PR a 28.09.1992.

2 Marcelo Weber, n. em S. Francisco do Sul–SC a 25.12.1964. Tipógrafo.

1 Alfredo Max Weber, n. no R. Janeiro a 03.02.1928. C. a 1ª vez c. D. Ivone Paranhos Gomes, n. no R. Janeiro a 05.10.1930.

Filho:

2 Max Alfred Weber, n. a 09.05.1947. Casou-se e teve dois filhos. S.m.n.

Alfredo C. 2ª vez c. D. Anilce da Silva Aquino, n. a 16.01.1930 e f. a 25.09.1985.

Filhos:

2 Luiz Fernando Weber, n. no R. Janeiro a 17.08.1956. C. a 13.06.1976 c. D. Iole de Alvarenga Sintra Ribeiro.

Filhas:

3 D. Candida Carolina de Alvarenga Weber, n. no R. Janeiro a 15.10.1977.

3 D. Iole de Alvarenga Weber , n. no R. Janeiro a 17.02.1982.

2 Eduardo Max Weber. n. a 05.08.1957. C. a 1ª vez em 1979 c. D. Alaide Amparo Lagoa.

Filhas:

3 D. Carla Lagoa Weber, n. em Niterói–RJ a 13.09.1980.

3 D. Carina Lagoa Weber.

3 D. Camile Lagoa Weber.

Eduardo C. a 2ª vez c. sua prima [3] D. Faraildes da Silva Pinto, n. em S.João Nepomuceno–MG a 21.08.1965. Filha de [2] D. Nidia

Lohse e de Amiro Benedito da Silva Pinto. Neta mat. de [1] D. Lina Weber.

Filhos:

3 Felipe Augusto Pinto Weber, n. em Nova Iguaçu–RJ a 9.02.1985.

3 Fabio Eduardo Pinto Weber, n. em Niterói–RJ a 10.07.1989.

2 D. Ana Cristina Weber, n. a 09.05.1960. C. a 10.10.1985 c. João Grimaldo.

Filhos:

3 Rodrigo Weber Grimaldo, n. em 1987.

3 D. Rosana Weber Grimaldo, n. em Niterói–RJ a 13.09.1992.

§ 7°

JOÃO TELLES RIBEIRO, n. em Niterói (ilha de Mocanguê Grande)–RJ a 15.06.1886 . F. em Felipe dos Santos–MG a 13.08.1963. Diplomou-se em Engenharia Elétrica pela "Intercontinental University of Washington – DC", a 30.09.1908. Em Washington fazia pesquisas com o reitor da universidade, Dr. Campbell. Viajou ao Brasil para se despedir da mãe doente, que estava embarcando para a Alemanha. Uma vez no Brasil, passou a construir usinas elétricas no interior de Minas Gerais, onde conheceu Evangelina, com quem se casou. Pensou voltar aos Estados Unidos para continuar suas pesquisas mas desistiu e em 1916 foi para Itaporanga, no interior de São Paulo, a fim de dirigir uma fábrica de beneficiamento de algodão, que pertencia a um de seus irmãos (Hermann ?). Em 1920-21 passou a trabalhar com os irmãos GATAI e STEFANO MALUF, na preparação e instalação de usinas elétricas em Ribeirão dos Porcos, Itapolis, Jacanga, Araraquara e Catanduva. Voltou para São Paulo e passou por uma época de dificuldades financeiras (1931/1934). Em seguida, conseguiu uma concessão no interior, onde voltou a trabalhar. Em 1936 foi para Minas Gerais, onde passou vários anos dirigindo escavações à procura de diversos minerais, enquanto a família ficou em São Paulo. Em 1952, montou um sítio em Tapiraí – S. Paulo, que deixou em 1953 para regressar definitivamente a Minas, passando a trabalhar para o Conselho de Águas e Energia Elétrica Federal. Residiu em Felipe dos Santos até o fim de sua vida. Sua mãe o chamava carinhosamente de Hans, correspondente a João, em alemão.

C. em Ponte Nova–MG, em 1911, c. D. Evangelina da Cruz Camarão (Lili), n. em Ponte Nova–MG a 20.03.1886 e f. em S.Paulo–SP a 16.04.1946. Filha do Dr. João da Cruz Camarão, Engenheiro, e de D. Maria Alexandrina Marinho Camarão. Educada no Colégio Sion de Petrópolis, seus pais morreram quando ela ainda era uma mocinha. Era a mais velha de nove irmãos que, ao ficarem órfãos, passaram a viver com uma tia, "Vovó Dondona", em Ponte Nova, a qual foi madrinha do filho de João e de Evangelina, João Camarão Telles Ribeiro. Um tio materno, Marinho, era figura importante na política mineira e em Minas Gerais há parentes de Evangelina, tanto do lado Marinho como do lado Camarão.

Já viúvo e adoentado, João Telles Ribeiro conheceu D. Edith Maria Cassimira dos Santos, filha de Cassimiro dos Santos e de D. Maria Loppes dos Santos, enfermeira que cuidou dele durante sua enfermidade. Desta união teve João dois filhos: Antonio Guilherme e Jânio.

Filhos c. D. Evangelina:

1 Helena Telles Ribeiro, n. em Ponte Nova–MG a 20.09.1912 e f. em S. Paulo em 1938. Poetisa, teve vários de seus versos publicados em revistas e jornais. C. em S. Paulo–SP em 1930 c. Julio Cezar de Cerqueira Leite, n. em S. Paulo–SP a 13.10.1902 e aí f. a 22.12.1946. Filho de Rogerio Cezar de Andrade e de D. Almira Cezar de Andrade. Advogado.

Filhos:

2 Rogério Cezar de Cerqueira Leite, n. em Sto. Anastácio–SP a 14.07.1931. Formado em Engenharia Eletrônica pelo Instituto Tecnológico da Aeronáutica. Doutorado pela "Ecole Normale de Sciences" da Universidade de Paris. Físico renomado, foi professor assistente no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (1965); Professor titular na Universidade de Campinas (1970); Diretor do Instituto de Física da UNICAMP (1973/80); Conselheiro da "Sociedade Brasileira de Física". Teve vários trabalhos científicos publicados em revistas especializadas e escreveu um livro de contos. Em 1996, por ocasião dos conflitos de terra no Pontal de Paranapanema, ofereceu 80 mil hectares que possuía na região, para assentamento dos "Sem Terra", pelos quais aceitaria 30% do valor estimado de 320 milhões de reais. Eram terras que herdara do avô, Rogério César de Andrade. ("O Globo" – 01.08.1996)
C. no R. Janeiro a 26.07.1958 c. D. Ruth Valadão de Mattos, n. no Rio Janeiro a 25.04.1935. Filha de Jaime Valadão de Mattos e de D.

Maria Emir Valadão de Mattos. Psicóloga e Professora na UNICAMP.

Filhos:

3 D. Luciana Cezar de Cerqueira Leite, n. em S. José dos Campos–SP a 07.06.1959. Formou-se em Química pela UNICAMP e fez doutorado em Bioquímica na Universidade de S. Paulo. Pesquisadora no Instituto Butantã. C. em S. Paulo–SP em 1988 c. Rogério Meneghini, n. a 18.12.1940. Filho de Mário Meneghini e de D. Irma de Grandi Meneghini. Professor de Bioquímica na USP. Separaram-se.

Filho:

4 Tiago de Cerqueira Leite Meneghini, n. em S. Paulo–SP a 29.01.1993.

3 D. Helena Cezar de Cerqueira Leite, n. em S. Paulo–SP a 22.06.1961. Formada em Psicologia pela PUC–Campinas. Cursou a Escola de Psicanálise de Londres. C. em Campinas–SP a 24.01.1987 c. Roberto André Hexsel, n. em Passo Fundo–RS a 13.04.1960. Filho de Conrado Augusto Hexsel e D. Balbina Machado Hexsel. Curso de doutorado em computação na Inglaterra.

Filhas :

4 Julia de Cerqueira Leite Hexsel, n. em Londres (Inglaterra) a 16.03.1994.

4 Ana de Cerqueira Leite Hexsel, n. em Curitiba–PR a 24.06.1996.

3 Sergio Cezar de Cerqueira Leite, n. em N. Jersey – NJ (EUA) a 26.10.1963. Formado em Engenharia pela UNICAMP. Empresário. C. em Campinas–SP a 03.04.1993 c. D. Adriana Pereira de Castro Campos, n. em Montpellier (França) a 20.12.1970. Filha de Marcio Campos e D. Maria Fausta Pereira de Castro Campos. Psicanalista.

Filha:

4 Laura Cerqueira Leite, n. em Campinas–SP a 02.10.1995.

1 Olga Telles Ribeiro, n. em 1914 e f. criança.

João Telles Ribeiro

Evangelina Camarão Telles Ribeiro com as filhas, Helena e Olga

Lucy e Helena Telles Ribeiro (filhas de João e Evangelina)

Antonio Guilherme Telles Ribeiro com a esposa, Maria Gorette, e os filhos, Gustavo Henrique e Raquel, em viagem ao Egito (janeiro de 2001)

Jânio Telles Ribeiro (filho de João Telles Ribeiro e Edith Cassimira dos Santos) e a esposa, Stella

80 anos de João Camarão Telles Ribeiro. Camarão e Sophie com os filhos de Camarão e os irmãos, Tonico e Jânio (1ª fila à esquerda e à direita)

Tamara Telles Ribeiro (filha de João Camarão), com o marido, Rodolpho, e o enteado, Igor

João Camarão Telles Ribeiro e Sophie em viagem à França, acompanhados de toda a família (1994). 1- Evangelina; 2- Carolina; 3- Pierre; 4- Maria da Graça; 5- Malila; 6- Juliana; 7- André Cotrin; 8- Cecília; 9- Pedro; 10- Biasoto; 11- Elisa; 12- Aline; 13- Natalia; 14- Lucas; 15- André; 16- Isabela; 17- Camarão; 18- Sophie; 19- Maria de Fátima; 20- Suzana; 21- Ivan

Vera Regina Ribeiro de Moura e família

Carlos Eduardo Ribeiro de Moura e família

Carlos Alberto Ribeiro de Moura e seu filho Rafael (filho de Lucy Ribeiro de Moura)

1 João Camarão Telles Ribeiro, n. em S. Gonçalo – Niterói–RJ a 08.06.1916 e f. em Campinas–SP a 08.04.2000. Oficial da Aeronáutica. Sentou praça a 08.05.1935 e ingressou na Escola Militar de Realengo (1936). Optou pela arma de aviação e saiu Aspirante-a-Oficial a 22.11.1937; Segundo-Tenente a 30.12.1938; Primeiro-Tenente a 20.12.1941; Capitão a 08.08.1944; Major a 02.10.1950; Tenente-Coronel a 15.01.1954; Coronel a 20.01.1959; Brigadeiro a 04.05.1966; Major-Brigadeiro a 22.04.1971; Tenente-Brigadeiro-do-Ar a 01.12.1975, posto em que passou para a reserva.

Cursos de Aviador Militar "A" e "B", da Escola de Aviação dos Afonsos; Tática Aérea (1952); Estado-Maior (1956); Superior de Comando (1963); e Superior de Guerra, da Escola Superior de Guerra (1970).

Foi Chefe dos Serviços e Chefe de Operações na Base Aérea de S. Paulo; Chefe da 1ª e da 4ª Seção no Quartel General da 4ª Zona Aérea; Subcomandante e Comandante da Base Aérea de Belém (1954); Subdiretor do Parque de Aeronáutica de S. Paulo (1954/5); Subcomandante da Base Aérea de Sta. Cruz (1955); Chefe da Inspetoria no Comando de Transporte Aéreo (1957); Chefe, interino, do Estado-Maior no Comando de Transporte Aéreo (1957); Agente Diretor no Comando de Transporte Aéreo (1957); Chefe do Estado-maior no Quartel General da 1ª Zona Aérea (1957/63); Comandante, interino, da 1ª Zona Aérea (1960); Membro da Comissão de Planejamento da Valorização da Amazônia (1961/2); Chefe da 5ª Divisão na Inspetoria Geral da Aeronáutica (1964); Chefe do Departamento de Ensino na Escola Preparatória de Cadetes do Ar em Barbacena-MG (1964/6); Comandante da Escola Preparatória de Cadetes do Ar (1966/9); Chefe do Núcleo da Diretoria Técnica do Pessoal (1969/70); Comandante da 1ª Zona Aérea (1971/6); e Comandante do Comando Geral do Pessoal (1975/7).

Em 1939 iniciou seus vôos no Correio Aéreo Militar, quando conheceu e se deslumbrou com a Amazônia. Posteriormente, nos muitos anos de serviço naquela região, sempre procurou proteger e incentivar a auto-sustentação dos povos indígenas. Seu trabalho neste sentido foi tão importante que chegou a servir de tema para um filme de Renato Tapajós "As Asas e o Arco", a ser produzido em S. Paulo. Foi o verdadeiro demarcador do Pico da Neblina (1959), durante seus vôos de exploração aérea. Durante a 2ª Guerra Mundial, adestrou-se em aeronaves de caça nos EUA e foi treinador dos pilotos americanos. Fluente em francês, inglês, alemão, italiano, espanhol e grego antigo e moderno, foi oficial-observador da ONU na Grécia (1948/52).

Recebeu as seguintes condecorações: Medalha Militar – Ouro; Campanha do Atlântico Sul; Mérito Santos Dumont – prata; Ordem do Mérito Aeronáutico – Oficial e, posteriormente, Comendador e Grande- Oficial; Medalha Mérito Tamandaré; Ordem do Mérito Militar – Grande-oficial; e Ordem Nacional do Mérito de Educação – Comendador.
C. a 1ª vez no R. Janeiro a 02.02.1944 c. D. Ediza Falcão Malta, n. no RJ a 29.06.1916 e aí f. a 26.5.1992. Filha de Francisco dos Santos Malta e de D. Clotilde Bandeira Falcão. Divorciaram-se.

Filha:

2 D. Tamara Telles Ribeiro, n. no R.Janeiro a 21.08.1944. Formada em Educação Física pela UERJ. Relações Públicas do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro. Representante da Alitalia para o Paraná e Santa Catarina. C. a 07.02.1991 c. Rodolpho Ribas Castello Branco, n. em Além Paraíba–MG a 10.02.1931. Filho de Eneas Fonseca Castello Branco e de D. Anah Ribas Castello Branco. Engenheiro Químico Industrial. Foi Diretor da Cia. Nacional de Alcalis (1964); da Fiat Lux (1978); do Curbel Curtumes (1980); da Comig Madeireira (1983); da Promapa Madeireira (1988); e da Krebs Indústria Ltda (1994). Viúvo, tem três filhos do casamento anterior.

João Camarão, de uma união c. D. Ilza da Cunha Pereira, n. no R. Janeiro a 31.08.1921 e aí f. em 1959, teve:
Filha:

2 D. Sandra Camarão Telles Ribeiro, n. em S. Paulo–SP a 18.05.1947 e f. no R. Janeiro em 1985. Formada em Antropologia e Filosofia pela UERJ. Coordenadora do Departamento de Antropologia da UERJ. De uma união c. Carlos Alberto Mendes Gregório, ator de teatro, televisão e cinema, teve:

Filha:

3 D. Ariane Camarão Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 18.06.1975.

João Camarão C. a 2ª vez (no religioso) em Versailles (França) a 21.03.1952, e (no civil), no R. Janeiro, a 11.4.1978 c. D. Marie Sophie Madeleine Jacqueline Guieu, n. em Nice (França) a 31.10.1932. Filha de André Jean Marie Guieu, Oficial da Resistência Francesa na 2ª Guerra Mundial, e de D. Suzanne Desirée Vincent Bréchignac. Professora de francês na UNICAMP e de Literatura na Aliança Francesa de Campinas.

Filhos:

2 Pierre Camarão Telles Ribeiro, n. em Belém do Pará a 10.10.1953. Formou-se em Direito pela UERJ. Advogado regional da Companhia Paulista de Força e Luz, em Campinas. C. em Campinas–SP a 26.06.1983 c. D. Maria da Graça Câmara Barone, n. em Campinas–SP a 26.06.1953. Filha de Ary Negrão Barone e de D. Judith Câmara Barone. Psicóloga e Professora da PUC – Campinas. S.g.

2 D. Helena Camarão Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 04.11.1956. Bióloga com doutorado em genética animal pela UNICAMP. Pós graduação no INRA – França. Pesquisadora de genética animal na UNICAMP. C. em Campinas–SP a 08.01.1990 c. Rodolfo Lagos Mônaco, n. em Santiago (Chile) a 07.02.1957. Filho de Rasul Leytel Lagos e de D. Aurora Mônaco Mônaco. Físico matemático da UNICAMP.

Filho:

3 Daniel Lagos Telles Ribeiro, n. em Campinas–SP a 17.06.1993.

2 D. Evangelina Camarão Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 18.10.1957. Professora de francês, diplomada pela Universidade de Nancy (França). Leciona na Aliança Francesa. C. em Campinas–SP a 16.08.1980 c. Ernesto Paulo Cencin, n. em S. Paulo–SP a 01.03.1956. Filho de Vincenzo Cencin e de D. Gilda Garcia Pollo. Engenheiro mecânico. Separaram-se.

Filhas:

3 D. Carolina Camarão Cencin, n. em Natal–RN a 22.03.1981.

3 D. Suzana Camarão Cencin, n. em João Pessoa–PB a 16.05.1982.

2 André Camarão Telles Ribeiro, n. em Belém do Pará a 24.03.1964. Formado em Jornalismo pela PUC – Campinas. Editor do Jornal Regional da TV Globo. C. em Campinas–SP a 26.03.1985 c. D. Cecília Haffers Simon, n. em Santos–SP a 08.11.1962. Filha de Francisco Carlos Simon e de D. Lia Isabel Suplicy Haffers. Analista de sistemas, formada pela PUC – Campinas.

Filhos:

3 Pedro Simon Camarão Telles Ribeiro, n. em Campinas–SP a 28.09.1985.

3 Izabel Simon Camarão Telles Ribeiro, n. em Campinas–SP a 12.10.1991.

2 D. Malila Camarão Telles Ribeiro, n. em Belém do Pará a 24.07.1961. Economista, formada pela UNICAMP. C. em Campinas–SP a 06.04.1980 c. Geraldo Biasotto Junior, n. em Jundiaí–SP a 26.05.1961. Filho de Geraldo Biasotto e de D. Neidi Donatti Iotti.

Filhos:

3 D. Aline Camarão Telles Biasotto, n. em Campinas–SP a 14.07.1981.

3 D. Juliana Camarão Telles Biasotto, n. em Campinas–SP a 27.02.1988.

3 Elisa Camarão Telles Biasotto, n. em Campinas–SP a 13.10.1991.

2 Ivan Camarão Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 01.03.1964. Oficial da Aeronáutica. Aspirante em 1986; Segundo-Tenente a 31.08.1987; Primeiro-Tenente a 31.08.1989; Capitão a 31.08.1995. Cursou a Academia da Força Aérea (curso de Formação de Oficiais Aviadores) e seguiu os cursos de Tática Aérea (Comando Aéreo de Treinamento-CATRE, de Natal) e de Aperfeiçoamento de Oficiais. C. (civil) em Campinas–SP a 21.07.1990 e (religioso) em Natal–RN a 22.09.1990 c. D. Maria de Fátima Marques Galvão, n. em Natal–RN a 31.04.1961. Filha de Helio Galvão Filho e de D. Maria da Gloria Mello Marques. Nutricionista.

Filho:

3 Luiz Eduardo Guieu Galvão Telles Ribeiro, n. a 27.06.1995.

2 D. Natalia Camarão Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 31.03.1965. C. em Campinas–SP a 17.01.1987 c. André Ribeiro Cotrim, n. em S. Paulo–SP a 10.10.1958. Filho de Gustavo Henrique Padula Cotrim e de D. Vilma Helena Ribeiro. Químico. Chefe do Laboratório da Unidade de Química Ligno-Celulosóicos do Centro de Biotecnologia da Faculdade de Engenharia de Lorena–SP.

Filho:

3 Lucas Camarão Telles Ribeiro Cotrim, n. em Campinas–SP a 03.04.1991.

2 D. Maria das Graças Macuiama, n. em 09.07.1949. Índia apiacá, foi adotada por João Camarão. É professora e diretora de escola. C. c. Antonio da Silva. Inspetor escolar.

1 D. Lucy Telles Ribeiro, n. em Itaporanga–SP a 03.05.1918 e f. em S.Paulo–SP a 28.05.1993. Formada em Línguas Neo-Latinas na USP. Professora de Literatura Hispano-Americana na USP. Tradutora juramentada de francês e espanhol. Diretora de um grupo de teatro amador. C. em S.Paulo–SP a 12.08.1937 c. Zelio de Moura, n. em Lorena–SP a 01.02.1912 e f. em S.Paulo–SP a 30.08.1966. Filho de Zenon Cleantes de Moura e de D. Maria do Carmo Moura. Dentista.

Filhos:

2 Carlos Eduardo Ribeiro de Moura, n. em S.Paulo–SP a 06.06.1939. Formado em Engenharia elétrica pela Universidade de Newark – N.Jersey (EUA). Funcionário da Unicamp. C. em Newark – New Jersey (EUA) a 31.03.1967 c. D. Marly Gomes, n. a 11.10.1939. Filha de Hernando Gomes e de D. Claudia Carneluti Gomes. Psicóloga, formada pela PUC - Campinas.

Filhos:

3 D. Patricia Ribeiro de Moura, n. em Newark – N. Jersey (EUA) a 29.01.1973. Química.

3 Eduardo Ribeiro de Moura, n. em Campinas–SP a 30.06.1975.

2 D. Vera Regina Ribeiro de Moura, n. em S. Paulo–SP a 03.09.1942. Formada em Artes, com especialização em joalheria. Produziu e expôs suas coleções em S. Paulo, Curitiba e Portugal, com grande êxito. C. a 31.03.1971 c. Fausto Tavares Botelho, n. em Recife–PE a 31.03.1932. Filho de João Fausto Botelho e de D. Nair Tavares Botelho. Agente de seguros.

Filho:

3 Fernando Ribeiro de Moura Botelho, n. em S. Paulo–SP a 08.06.1972. Professor de inglês.

2 Carlos Alberto Ribeiro de Moura, n. em S. Paulo–SP a 13.04.1949. Formado em Filosofia pela USP. Doutorado pela UNICAMP. Professor de Filosofia na USP e UNICAMP. C. em S. Paulo–SP a 06.10.1975 c. D. Maria Eugenia de Domenico, n. em Catanduva–SP a 02.01.1949. Filha de Nilo de Domenico e de D. Joscelina Silva

de Domenico. Atriz de teatro e televisão. Apresentou-se na peça de Antonio Hermírio de Moraes, "SOS BRASIL ".

Filho:

3 Rafael Ribeiro de Moura, n. em S. Paulo–SP a 07.04.1984.

Filhos de João Telles Ribeiro e D. Edith Cassimira dos Santos:

1 Antonio Guilherme Telles Ribeiro, n. em Mariana–MG a 18.07.1949. Oficial da Aeronáutica. Aspirante a 16.12.1974; Segundo-Tenente a 31.08.1975; Primeiro-Tenente a 31.08.1977; Capitão a 31.08.1980; Major a 31.08.1984; Tenente-Coronel a 30.04.1992; Coronel a 30.04.1997; Brigadeiro a 31.03.2003. Piloto Operacional com especializações nas Aviações de Caça, Reconhecimento e Ataque e Transporte. *Cursos militares*: Preparatório de Instrutor de Vôo; Tática Aérea; Aperfeiçoamento; e de Estado-Maior, Superior de Comando e de Política e Estratégia (ECEMAR). *Curso civil*: Direito (não concluído). Foi Oficial Assistente do Comandante do Comando Aéreo de Treinamento (CATRE); Comandante do 3°/1° GCC; Comandante do 5° GAv.; Chefe, interino, do Centro de Comunicação Social do Ministério da Aeronáutica; Vice-chefe, interino, da Secretaria da Comissão de Promoções de Oficiais; Chefe de Gabinete do II Comando Aéreo Regional; Chefe do Estado-Maior do II Comando Aéreo Regional; Comandante da Base Aérea de Recife (1998/99); Adido de Defesa e Aeronáutico às Embaixadas do Brasil em Paris (França) e Bruxelas (Bélgica) [2001/3]; e Encarregado, no Comando da Aeronáutica em Brasília, dos Setores de Inteligência Estratégica e Relações Internacionais (março de 2003 em diante). Coordenador da atividade de jornalismo do Ministério da Aeronáutica, durante cinco anos. Instrutor de vôo em Unidade Aérea de Conversão Operacional (seleção), durante doze anos. Possui as seguintes condecorações: Ordem do Mérito Aeronáutico – Cavaleiro; Medalha Militar de Ouro; Medalha Mérito Santos Dumont; e Medalha do Pacificador.
C. em Natal–RN a 15.03.1977 (religioso) e a 31.3.1977 (civil) c. D. Maria Gorette Othon da Costa, n. em Currais Novos–RN a 12.07.1953. Filha de Manuel Maria Costa (Sr. Manuel) e de D. Vicência Dulce de Araujo Costa (D. Dulce). Assistente Social. Formou-se em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora universitária, desenvolve seu trabalho em estabelecimento hospitalar.

Filhos:

2 Gustavo Henrique Costa Ribeiro, n. em Natal–RN a 05.11.1977. Publicitário, formado em Publicidade e Propaganda. Iniciou os

estudos universitários na Universidade Católica de Brasília, prosseguiu na Universidade Federal de Pernambuco e concluiu na Universidade Potiguar em Natal-RN. Pós-graduação no INSEEC em Paris (França). Fala inglês, francês e espanhol.

2 D. Raquel Costa Ribeiro, n. em Natal–RN a 16.10.1983. Estudante de Medicina Veterinária em Paris (França), onde acompanhou o pai, Adido de Defesa e Aeronáutico à Embaixada do Brasil naquela capital. Fala inglês e francês. Estudou "ballet" clássico desde os quatro anos de idade. Tenista amadora, esporte em que demonstra grande facilidade. Apesar de muito jovem, notabilizou-se pelo talento demonstrado, ao ser escolhida como oradora na cerimônia de despedida e passagem de comando do pai, na Base Aérea de Recife, em setembro de 2000, ocasião em que entusiasmou a assistência com o discurso expressivo que pronunciou.

1 Jânio Telles Ribeiro, n. em Felipe dos Santos–MG a 15.02.1957. Diretor de Diagramação do Diário do Comércio e do Estúdio de Artes Gráficas. C. em S. Paulo–SP a 05.01.1982 c. D. Stella Suely Spirandelli, n. em S.Paulo–SP a 19.05.1947. Pedagoga. Com o marido, dirige o Estúdio de Artes Gráficas. Tem dois filhos de um casamento anterior.

§ 8°

D. GUILHERMINA TELLES RIBEIRO (**Mimi**), n. na Ilha de Mocanguê Grande – Niterói–RJ a 25.06.1889 e f. no R. Janeiro a 03.10.1978. Estudou na Bavária (Alemanha). Foi Priora da Ordem Terceira de São Domingos na igreja do Leme – RJ. Costumava organizar chás de caridade para as senhoras da sociedade, a fim de angariar fundos para as obras assistenciais da igreja do Leme. Muito prendada, confeccionava bolos, doces e brindes para essas ocasiões. Numa época em que não era comum uma senhora de família trabalhar, tendo ficado viúva, passou a lecionar inglês e português e numa casa, cedida por seu irmão Hermann, alugava quartos para famílias estrangeiras. Prezava, acima de tudo, a educação e a etiqueta. Fez questão de transmitir aos netos as tradições da família. Falava fluentemente português, inglês, alemão, francês e espanhol. Professora de inglês. C. em Salvador–BA a 02.05.1906 c. William John Millions, n. em Birkenhead – Chester (Escócia) a 30.04.1875 e f. no R. Janeiro a 04.09.1919. Filho de James Patterson Millions e de D. Margareth Wood, casados em Greenock–Renfrew (Escócia) a 31.03.1873. Contador e comerciário. Funcionário da Cia. Nacional de Navegação Costeira. Tendo sido mandado a bordo de um dos navios da firma para verificações, contraiu tifo, que já tinha atingi-

do a tripulação, vindo a falecer pouco depois. Ficou órfão muito pequeno e seu pai tornou a se casar. Como sua madrasta maltratasse suas irmãs, sendo o mais velho, resolveu sair de casa com elas. Moravam, nesta época, na Guiana Inglesa e, de lá, William veio para o Brasil. Lutou na Guerra Anglo-Boer, na África do Sul (1899-1902) e tomou parte no famoso sítio de Mafeking, quando aquela praça, comandada pelo General Sir Robert (depois Lord) Baden-Powell, o fundador do movimento escoteiro, permaneceu sitiada de outubro de 1899 a maio de 1900. Durante o episódio, foi ferido no joelho.

Filhos:

1 John Millions, n. em Salvador–BA a 20.02.1909 e f. no R. Janeiro a 29.08.1988. Contador, trabalhava para a Leopoldina Railway Co., onde se aposentou. Colecionador de selos e dono de uma invejável pinacoteca. C. no R. Janeiro (igreja dos Ingleses) a 15.06.1937 c. D. Cynira Roubaud, n. no R. Janeiro a 24.09.1913. Filha de Augusto Roubaud e de D. Dolores Reis. Violinista. Integrou a Orquestra Sinfônica Brasileira, Orquestra da TV Globo e Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Membro da Ordem dos Músicos desde 1962.

Filhos:

2 William John Millions (Willie), n. no R. Janeiro a 03.07.1941 e f. em Barra de S. João–RJ a 27.07.1996. Músico, cantor e compositor. Tocava vários instrumentos. C. no R. Janeiro a 27.09.1968 c. D. Mainer Teresinha Ribeiro de Souza, n. a 20.04.1945. Filha de Darcy Diógenes de Souza e de D. Irma Ribeiro da Costa.

Filhos:

3 D. Adriana Millions, n. no R. Janeiro a 16.07.1969. Professora primária com especialização em educação comportamental. Curso de francês pela Aliança Francesa.

3 Christian John Millions, n. no R. Janeiro a 17.06.1972. Estudante. Solteiro.

2 D. Cecília Millions, n. no R. Janeiro a 17.06.1949. Formada em Turismo. C. (união) c. Ivan Andrada Sant'Anna e Silva. Filho de Sebastião de Sant'Anna e Silva e de D. Maria José de Andrada Sant'Anna e Silva. Corretor de valores na Bolsa de Chicago e de Nova York. Aposentou-se e começou a se dedicar à literatura. Autor de "Rapina" e "Mercadores da Noite", que obtiveram grande sucesso de crítica.

Filha:

3 D. Leticia Sant'Anna e Silva, n. no R. Janeiro a 07.06.1982.

2 José Silvio Millions, n. no R. Janeiro a 02.03.1951. Músico, compositor e letrista, com mais de trinta músicas registradas. Membro da Ordem dos Músicos do Brasil.

1 Arthur William Millions, n. em Belém–PA a 13.09.1010 e f. no R. Janeiro a 09.08.1974. Contador. Diretor do Departamento de Pessoal da Dupont do Brasil. Além do português, falava fluentemente inglês, francês, castelhano e latim. C. no R. Janeiro a 24.02.1938 c. sua prima, D. Dinah Telles Ribeiro, n. em S.Paulo–SP a 03.06.1916 e f. no R. Janeiro a 21.11.1978. Filha de Hermann Telles Ribeiro e de D. Bianca Delaorden (v. § 5°).

1 D. Mary Millions, n. em S. Paulo–SP a 09.08.1912. Formou-se pela "Academy of the Holy Cross" com curso na "Washington School for Secretaries - Washington – DC (EUA)". Arquivista-chefe da Embaixada Britânica no Rio de Janeiro, onde trabalhou por mais de trinta anos. Foi condecorada pela rainha Elizabeth II como "Member of the British Empire" (v. "Honored by the Queen", edição de 1995, pág. 310). Tem dupla nacionalidade: brasileira e inglesa. C. no R .Janeiro, a 04.12.1936, c. George Norton de Murat Quintella, n. a 29.08.1907 e f. no R. Janeiro a 26.11.1949. Filho do Capitão Oswald Norton de Murat Quintella e de D. Laura Ferreira da Silva Quintella. Corretor de seguros para a Cia. Atlântica de Seguros e Previdente. Cantor e pintor.

Filhos:

2 D. Mary Norton de Murat Quintella, n. no R. Janeiro a 10.07.1937. Psicóloga com formação psicanalítica pela Sociedade Psicanalítica de Minas Gerais, com especialização em Terapia Psicanalítica de Casal e Família pelo GREP; e em Terapia Psicanalítica de Psicóticos pelo IEPSI. Pesquisadora no projeto de tratamento integrado em portadoras de câncer de mama do Hospital das Clínicas da UFMG. Professora Assistente do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. C. no R. Janeiro a 03.05.1956 c. Dr. Mauro Hebert Godoy, n. em Rio Piracicaba–MG a 06.06.1926. Filho de Romeu Moreira Godoy e de D. Maria de Barros Brandão. Clínico geral. Diretor- administrativo da Policlínica de Congonhas do Campo–MG. Foi prefeito de Congonhas do Campo–MG (1972/76). Membro do Lions Clube do Brasil.

Casamento de Mimi e William Millions – Salvador-BA (foto R.A. Readers)

Guilhermina (Mimi) e os filhos John, Mary e Arthur, no Leme – RJ

Casamento de George Norton de Murat Quintella e Mary Millions

Casamento de John Millions e Cynira Roubaud

Bodas de ouro de John e Cynira com os filhos William, Cecilia e José Silvio (Zeca), os netos, Adriana, Christian e Letícia e a prima, Eliana Quintella de Linhares

Mary de Murat Quintella e filhos; Eliana e Tuxaua, Oswald e Nadya, Mary e Mauro (agosto de 2002)

Mary de Murat Quintella e os netos; Oswald e Stella, Roberta e Claudio, Tatiana, Andrea e Chico, Thais e Sandro (agosto de 2002)

Mary de Murat Quintella e os bisnetos; Gustavo, Felipe, Breno, Carolina com Rhanna no colo e Andreza (filha de Stella). (Agosto de 2002)

Oswald Norton de Murat Quintella e Nadya Viggiano Quintella com o neto, Felipe Quintella Bezerra

Roberta Norton de Murat Quintella, Nadya Viggiano Quintella e Oswald Norton de Murat Quintella Filho

Felipe Quintella Bezerra e Rhanna Victoria de Freitas Quintella

Gustavo Godoy Monteiro, Francisco Carvalho, Andrea Godoy Carvalho com Felipe Quintella Bezerra no colo, Tatiana Godoy e Carolina Godoy Carvalho – BH, 2002

Sandro Dinarte Araujo da Costa, Claudio Bezerra, Roberta Quintella e Thais Quintella de Linhares

Tuxaua Plinio Barcelos de Linhares, Eliana Quintella de Linhares, Thais Quintella de Linhares, Mary (Millions) Quintella e Tuxaua Quintella de Linhares

Tuxaua Quintella de Linhares, Lucilia de Araujo Linhares e Thayna de Araujo Linhares

Thais Quintella de Linhares, Sandro Dinarte Araujo da Costa e Breno Dinarte Linhares da Costa

Filhas:

3 D. Andrea Norton Godoy, n. em Belo Horizonte–MG a 10.09.1956. Psicóloga. Funcionária concursada da Prefeitura de Belo Horizonte. C. em Belo Horizonte–MG a 27.12.1977 c. Francisco José Martins Carvalho, n. em Belo Horizonte–MG a 2.06.1950. Filho de José Lima Carvalho e de D. Olga Martins Carvalho. Formado em Administração de Empresas. Empresário no ramo de Pastelaria.

Filha:

4 D. Carolina Godoy Carvalho, n. em Belo Horizonte–MG a 07.02.1983. Estudante. Está cursando Administração de Empresas na PUC de Belo Horizonte.

3 D. Tatiana Norton Godoy, n. no R. Janeiro a 26.09.1957. Formada em Administração Bancária. Curso de extensão de Analista de Sistemas pela UFMG. Funcionária do Banco Estadual de Minas Gerais. C. em Belo Horizonte–MG a 25.10.1985 c. Homero de Araujo Monteiro, n. em Belo Horizonte–MG a 21.02.1957. Filho de Thucydides Monteiro e de D. Maria de Araujo Monteiro. Formado em Engenharia Elétrica pela UFMG. Especialização em Análise de Sistemas pela PRODENGE.

Filho:

4 Gustavo Godoy Monteiro, n. em Belo Horizonte–MG a 18.04.1988.

2 Oswald Norton de Murat Quintella, n. no R. Janeiro a 07.10.1938. Funcionário da Caixa Econômica Federal. C. no R. Janeiro a 16.12.1967 c. D. Nadya Viggiano, n. no R. Janeiro a 25.06.1945. Filha de Armando Andrea Viggiano e de D. Laura Viggiano. Professora. Curso de Pedagogia pela Universidade Jacobina. Especialista em Educação. Coordenadora de ensino do 1° grau do Colégio Sto. Agostinho – RJ.

Filhos:

3 Oswald Norton de Murat Quintella Filho, n. no R. Janeiro a 08.01.1968. Funcionário Sub-Gerente do Banco do Brasil. Uniu-se a Stela Luciani de Freitas Guarnieri, n. na ilha Solteira-SP, filha de Joaquim de Freitas e de Jaci Coimbra de

Freitas. Seu sobrenome Guarnieri provém de um casamento anterior.

Filha:

4 Rhanna Victoria de Freitas Quintella, n. no R. Janeiro a 21.10.2001.

3 D. Roberta Norton de Murat Quintella, n. no R. Janeiro a 18.01.1972. Formada em Matemática pela UERJ. Trabalha para PIX-SOFTER. C. no R. Janeiro a 01.12.1995 c. Claudio Fernandes Bezerra, n. no R. Janeiro a 25.04.1966. Filho de Francisco Chã Bezerra e de D. Gilda Xavier Fernandes. Técnico em computação, trabalha na PIX-SOFTER.

Filho:

4 Felipe Quintella Bezerra, n. no R. Janeiro a 23.07.1996.

2 D. Eliana Norton de Murat Quintella, n. no R. Janeiro a 23.08.1940. Curso de inglês no Monterey College – California (EUA). Sócia Colaboradora do Colégio Brasileiro de Genealogia. C. no R. Janeiro a 17.07.1964 c. Tuxaua Plínio Barcelos de Linhares, n. em Porto Alegre–RS a 06.09.1941. Filho do General João Maria de Linhares e de D. Herondina Barcelos de Linhares. *Avós pat.* Frederico Guilherme Schulze (alemão) e D. Crescência Velloso Linhares. *Avós mat.* Marcelino Barcelos dos Santos e D. Carmelita Machado Gorrese. Oficial de Marinha do Corpo de Engenharia. Segundo-Tenente a 12.04.1964; Primeiro-Tenente a 12.04.1966; Capitão-Tenente a 30.04.1969; Capitão-de-Corveta a 30.04.1974 (m.); Capitão-de-Fragata a 30.04.1978 (m.); Capitão-de-Mar-e-Guerra a 25.12.1983 (m.). Passou para a Reserva, a pedido, a 29.06.1989. Primeiro Ajudante da Divisão O-3 do NAeL "Minas Gerais" (1964); na Fábrica de Artilharia da Marinha (1966 e 1970); Estágio de Analista de Processamento de Dados no Instituto Militar de Engenharia-IME (1972); Chefe do Departamento de Administração da FAM (1973); Chefe do Departamento de Estudos Técnicos e Encarregado da Divisão de Estudos e Projetos do CASNAV (1976); Membro do Conselho Técnico do CASNAV (1977); Representante da Marinha no XIII Congresso Nacional de Processamento de Dados e IV Seminário Latino-Americano de Comunicações de Dados (1978); Presidente do Conselho Técnico, Membro do Conselho Econômico e Substituto eventual do

Ordenador de Despesas do CASNAV (1984); Diretor do Centro de Armamento da Marinha Almirante Octacílio Cunha (1987/9); Assessor de Planejamento e Informática do Lloyd Brasileiro; Consultor para Holosys Engenharia e Sistemas Ltda. *Cursos*: Engenharia Mecânica e Armamento, no Instituto Militar de Engenharia–IME (1967/70), que concluiu em 1º lugar, com média 9,26; Pós-graduação em "Computer Science" na "Naval Postgraduate School – Monterey – CA (EUA); Básico de Guerra Naval, na Escola de Guerra Naval (1978); Superior de Guerra Naval (1984); Relações Internacionais e de Política e Estratégia Marítimas-C-PEM (1985). Possui as seguintes condecorações: Medalha Mérito Tamandaré (1985); Medalha Militar de Bronze (10 anos); de Prata (20 anos); e de Ouro (30 anos); Ordem do Mérito Naval – Oficial (1987).

Filhos:

3 Tuxaua Quintella de Linhares, n. no R. Janeiro a 13.09.1965. Batizado na igreja de N. S. da Paz em 23.10.1965. Foram padrinhos: Herialdo Martins Ferreira e Regina Martins Ferreira, amigos de seus pais. Oficial de Marinha – Armamento e Sistemas. Estudou na "Delmonte Primary School", em Monterey, Califórnia (EUA); Escola Pequeno Príncipe; Colégio Rio de Janeiro e Colégio Acadêmico. Prestou concurso para a Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de Barbacena onde fez o Curso Colegial (turma de 1983) e conheceu sua futura esposa. Terminou em 4º lugar. Prestou concurso para a Escola Naval em 1984. Guarda-Marinha em 1988. Segundo-Tenente em outubro de 1988; Primeiro-Tenente a 24.12.1990; Capitão-Tenente a 24.12.1994; Capitão-de-Corveta a 24.12.1999. Curso de Especialização em Armamento e Sistemas (Centro de Instrução Almirante Wandenkolk-1991), obtendo o 1º lugar, que lhe garantiu um posto na tripulação do "NE Brasil", numa 2ª viagem de instrução. Encarregado da 1ª Divisão da Fragata "Constituição" (1988/90); Encarregado da 1ª Divisão de Sistemas da Corveta "Jaceguai" (1992/5); Encarregado da 1ª Divisão do NE "Brasil" (1995); novamente na Fragata "Constituição", como Chefe do Departamento de Armamento (1996); Comandante do Navio-Tanque "Potengi" (1997), na Base Naval de Ladário; Chefe do Departamento de Armamento da Fragata "Paulo Bosísio" (1998). Viajou à Itália como

observador de um sistema de mísseis para a Marinha brasileira (1998). Integrou a comissão que foi à França receber o porta-aviões NAe"São Paulo" (set. 2000-fev. 2001). Chefe do Departamento de Armamento do NAe "S. Paulo" (2001). Comandante de Rebocador de alto-mar Alte. Guilhem (2002, Base Naval de Natal). Condecorado com a Medalha do Museu Histórico Nacional; Medalha Militar – bronze; e Ordem do Mérito Marinheiro – 2 âncoras. Possui o "Cambridge Certificate in English" da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa e o Certificado de Língua Italiana do Intituto de Cultura Italiana.
C. no R. Janeiro a 17.12.1988 c. D. Lucilia de Araujo Silva, n. em Barbacena–MG a 24.12.1964. Filha de Olegal Emigdio da Silva e de D. Maria Aparecida de Araujo Silva. Professora e artesã.

Filha:

4 Thayna de Araujo Linhares, n. no R. Janeiro a 19.10.1996.

3 D. Thais Quintella de Linhares, n. no R. Janeiro a 29.09.1970. Desenhista gráfica e ilustradora. Cursou a Escola Nacional de Belas Artes da UFRJ. Técnico em Programação Visual pelo SENAI-RJ (Artes Gráficas). Prêmios recebidos: Selecionada da EBA/UFRJ para o Prêmio Phillips, categoria arte digital; Menção Honrosa na Gincana Artística Ciaga; Selecionada para o Salão CREA comemorativo dos 185 anos da Escola Nacional de Belas Artes; Selecionada para o Salão do Forte de Copacabana, também comemorativo dos 185 anos da Escola Nacional de Belas Artes; Selecionada para a exposição inaugural da Galeria SESC-Madureira, com mostra individual e palestra seguida de mesa-redonda. Trabalhos principais: Roteirista de quadrinhos para o estúdio do Ziraldo (ZAPPIN); Sétima colocada na II Bienal Internacional de Quadrinhos, sendo a partir de então sempre selecionada para o acervo da exposição permanente das Bienais. Ilustrou as seguintes obras: em 1999 e 2000, os dois livros de "O Tesouro das Virtudes para Crianças", de Ana Maria Machado, editora Nova Fronteira–RJ (Acervo Básico 1999 FNLIJ); em 2000 e 2001, para a Geração Editorial, as obras "Eu Vi Mamãe Nascer" e "O Outro Lado do Paraíso", do

premiado autor e jornalista Luiz Fernando Emediato; em 2001, o início da reedição dos clássicos de Malba Tahan para a editora Record–RJ, com "O Livro de Aladim" e "O Homem que Calculava" e, em 2002, "Os Melhores Contos" e "Novas Lendas". Também ilustrou: "Aromaterapia", editora Record-RJ, 2002; "O Jogo do Pensamento" de Vivina Viana, Geração Editorial–SP, 2001; "Você e Seu Signo", editora Record–RJ, 2002; Capa e aberturas de capítulo para "Sob Minha Pele", da coleção de romances policiais *noir* (Série Negra), da editora Record–RJ, 2000; ilustrações mensais para a revista Internet.br, da Ediouro–RJ, semanais para a "Aqui!", página de notícias do "Cadê?", *site* de procura, premiado melhor *site* de entretenimento no *Ibest 2000!*
C. no R. Janeiro a 01.01.1999 c. Sandro Dinarte Araujo da Costa, n. em Campina Grande–PB a 21.03.1970. Filho de Dioclecio Braga da Costa e de D. Teresinha Araujo da Costa. Desenhista gráfico. Empresário. Proprietário do Estúdio de Artes Gráficas "Dinarte Designer" e da Editora Adler, especializada em obras sobre a Aviação Militar na Segunda Guerra Mundial.

Filhos:

4 Breno Dinarte Linhares da Costa, n. no R. Janeiro a 01.05.1999.

4 Ian Dinarte Linhares da Costa, n. no R. Janeiro a 27.08.2002.

§ 9°

DRAGO TELLES RIBEIRO, n. na ilha de Mocanguê Grande - Niterói–RJ, a 26.01.1891 e f. no R. Janeiro a 19.04.1957. Está enterrado no jazigo de sua família (carneiro 16.403 – Q. 21 - 2° P.) no cemitério de S. J. Batista da Lagoa (R. Janeiro). Ao nascer, sua mãe lhe chamou Dagoberto, que foi o nome de batismo e como consta de seus documentos escolares. O pai o registrou como Drago, que foi como ficou conhecido e como figura em todos seus documentos civis.* Estudou no "Knabeninstitut Steinegg" – Herisau – Cantão de Appenzell, Suíça (1905/6). Engenheiro civil (CREA, 1918). Trabalhou para as

---

* V. nota 170 no capítulo VII da 1ª Parte: "A Ventura".

companhias LIGHT e "Jardim Botânico de Ferrocarris", e em seguida para a "Société Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro", onde chefiou a Seção de Instalação e Consertos. Como Superintendente da Distribuição, cargo em que se aposentou em 31.12.1954, era responsável pela segurança e execução do serviço de fornecimento de gás encanado para toda a cidade do Rio de Janeiro. Amante da vida simples e do contato com a natureza, predileção que lhe vinha dos tempos de estudante na Suíça alemã, adquiriu um sítio no denominado "Parque dos Campos Elíseos", município de Caxias, não distante das terras onde se localizara a Fazenda da Posse, que tinha sido de seu pai. Ali lhe aprazia reunir os filhos, genros, noras e netos, ademais dos numerosos amigos, nos fins de semana e em celebrações de família.

C. no R. Janeiro a 27.09.1913 (10ª C.R.C.P.N.) c. D. Albertina de Andrade (Branquinha) , n. em Cuiabá–MT a 15.11.1889 e f. no R. Janeiro a 09.09.1975. Filha do Oficial Médico do Exército, Diretor do Hospital da Guarnição Militar de Teresina-Piauí, Aprigio Anthero da Costa Andrade (★ Sergipe 03.12.1852 - ✞ Teresina, Piauí 07.01.1892) e de D. Clotilde Amélia Maciel Barbosa - vovó Coló (★ Belém do Pará – 13.08.1863? - ✞ R. Janeiro 30.01.1967), casados na Igreja de N. S. de Nazaré do Desterro (Belém do Pará) a 28.04.1883. *Avós pat.*: Antonio da Costa Andrade e D. Manoela Martins Fontes; *avós mat.*: Manoel Maciel Barbosa e D. Maria Francisca Barbosa.

Segundo relato da família, depois de perder a mãe, Drago foi viver em casa da irmã, Luíza, casada com Jonathas Salathiel Dias da Rocha (v. § 3°). Jonathas era primo da mãe de D. Branquinha, a vovó Coló, pois a mãe de ambos eram irmãs. Dado o parentesco, ao fazer certo dia uma visita ao primo, em companhia de Branquinha, Drago foi-lhe apresentado e logo depois se casaram, tendo Jonathas sido padrinho do ato civil. D. Branquinha nasceu em Cuiabá quando o pai servia no Arsenal de Guerra daquela zona militar, como coadjuvante do Cirurgião-mor do Exército. Muito prendada e devotada à família, tinha o hábito de confeitar magníficos bolos para festejar os aniversários dos filhos e netos e, ao nascimento destes, confeccionava-lhes pessoalmente o enxoval de roupinhas de lã. Também dedicada à caridade, recolheu do orfanato mais de um menino desvalido, criando-o e educando-o até poder confiá-lo à Marinha de Guerra, para seguir a carreira naval.

Filhos:

1 Ayrton Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 06.08.1914 e aí f. a 04.01.1977. Fez os estudos secundários no Ginásio 28 de Setembro (RJ), dirigido pelo General Liberato Bittencourt (1929 a 1933). Oficial Intendente de Marinha. Aspirante em 23.12.1938; Segundo-Tenente em 26.11.1939; Primeiro-Tenente em 30.12.1942; Capitão-Tenente em 1944; Capitão-de-

Corveta em 1950; Capitão-de-Fragata em 1955; Capitão-de-Mar-e-Guerra em 22.09.1959. Como Segundo-Tenente, serviu no contratorpedeiro "Mato Grosso" e no Navio-Auxiliar "Vital de Oliveira". De 1942 a 1944 serviu na Escola de Aprendizes Marinheiros de Recife-PE. Foi Ajudante-de-Ordens do Almirante Nestor Ferreira Cabral (1948) e Diretor do Depósito de Suprimentos do Rio de Janeiro (1958). Curso Especial de Estado-Maior e de Direção de Serviços, da Escola de Guerra Naval (1957). Passou para a reserva no posto de Contra-Almirante, em 26.12.1963. Condecorado com as medalhas: Militar de bronze; Militar de Prata; e Medalha Naval de Serviços de Guerra. Reformado, trabalhou na USIMINAS. Desportista, durante anos praticou tênis no Clube Piraquê, da Lagoa Rodrigo de Freitas. Emérito filatelista, membro da Sociedade Filatélica Brasileira, juntou notável coleção de selos de diversos países, de que ressaltava a seção brasileira, com alguns exemplares raros da época do Império.

C. no R. Janeiro a 11.05.1940 c. D. Lutecia Corrêa (Cecinha), n. a bordo do navio francês "Lutetia" a 22.09.1914, quando em viagem de seus pais da Europa para o Brasil (donde seu nome de batismo). De uma antiga família de viticultores, arrendatários no vale do rio Pinhão, afluente do Douro, em Trás-os-Montes, Portugal.* Filha de Antonio Paulo Corrêa, comerciante (★ Vilarinho de São Romão, Concelho de Sabrosa, Vila Real, Portugal, 10.05.1879 - ✞ R. Janeiro, 04.01.1940) e de D. Victoria Marques Corrêa (★ R. Janeiro, 28.05.1888 - ✞ Teresópolis-RJ, 03.03.1973). *Neta pat.* de Alexandre Paulo Correa e de D. Brígida Campos e *neta mat.* de Jacintho Marques e de D. Victoria Candida Marques. Professora de Música, Diplomada em História da Música, Piano, Harmonia Elementar e Superior e Pedagogia pelo Instituto Nacional de Música da Universidade do Rio de Janeiro, em 1935.

Filhos:

2 Paulo Fernando Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 09.01.1942. Diplomata. Estudou no Colégio S. José (Externato – 1952/6) e no Colégio Santo Inácio (1957/9). Bacharel em Letras pela UERJ (1963). Ingressou na carreira diplomática pelo Instituto Rio Branco do MRE, em 1966, e foi Cônsul-Adjunto em Milão–Itália (1969/72); Segundo-Secretário da Embaixada em Georgetown–Guiana (1972/4); Conselheiro da Embaixada em Bonn–Alemanha (1979/83); Conselheiro da Embaixada em Jedá e Riade–Arábia Saudita (1983/6); Conselheiro da Embaixada em Buenos Aires–Argentina

---

* V. A. Liddel, *Douro — As Quintas do Vinho do Porto* (Lisboa: Quetzal Ed., 1995), pp. 92-3.

Drago Telles Ribeiro

Jerson, Drago, Branquinha, Neusa, Cleíta e Ayrton reunidos no sítio de Tio Drago, em setembro de 1954

Drago Telles Ribeiro e Cleíta, na homenagem prestada pelos funcionários da "Société Anonyme du Gaz", ao despedir-se da empresa, em abril de 1955. (Foto do Depto. de Rel. Públicas da Cia. Carris, Luz e Força do RJ Ltda.)

Ayrton Telles Ribeiro e Lutecia Corrêa (Cecinha)

Ayrton Telles Ribeiro, com a esposa, Lutecia (Cecinha) e os filhos (da esquerda para a direita): José Geraldo, Maria Teresa, Regina Helena, Paulo Fernando, Carlos Roberto e Ana Lúcia (sentada no braço da poltrona) – Rio, 1958

Carlos Roberto Telles Ribeiro e Victoria Telles Ribeiro

Maria Teresa Telles Ribeiro com o marido, Jorge Alberto Senna e os filhos, Carlos Eduardo e Anna Beatriz, em Florianópolis

Gustavo e Natália, filhos de José Geraldo Telles Ribeiro e Maria Clara

Regina Helena Telles Ribeiro com Ney e os filhos Bruno, Isabela e Flávia

Paulo Fernando Telles Ribeiro recebe as insígnias de Comendador da Ordem do Mérito Aeronáutico, na Embaixada do Brasil em Berna, em 01/12/1994, entre o ex-Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Sócrates de Oliveira e o Embaixador do Brasil, C.E. Alves de Souza

(1986/8); Ministro-Conselheiro da Embaixada em Berna–Suíça (1992/7); Ministro-Conselheiro da Embaixada em Lima–Peru (1997/2000); e Ministro-Conselheiro da Embaixada em Pretória–República da África do Sul (2001 em diante). Foi Encarregado de Negócios a.i. do Brasil, por diversas vezes, naquelas capitais e integrou a Delegação do Brasil às seguintes reuniões internacionais: 5ª e 7ª Sessões do Sub-comitê Científico e Técnico do Comitê da ONU sobre o Uso Pacífico do Espaço Exterior (Nova York e Genebra, 1967 e 1968); Comissão Executiva da 3ª Sessão do Comitê da ONU sobre o Fundo do Mar (R. Janeiro, 1968); 9ª e 10ª Sessões do Sub-comitê Jurídico do Comitê da ONU sobre o Uso Pacífico do Espaço Exterior (Genebra, 1969 e 1970); 3ª Reunião da Comissão Mista Brasileiro-Venezuelana de Cooperação Econômica e Técnica (Caracas, 1975); 1ª Reunião do Grupo de Trabalho Brasil-Suriname (Brasília, 1975).

Na Secretaria de Estado das Relações Exteriores (Brasília) foi representante do MRE no Conselho do Grupo de Organização da Comissão Nacional de Atividades Espaciais (1967-69); Assistente do Chefe da Divisão da América Meridional-II (1974-79); Assessor do Chefe do Departamento das Américas (1979); e Chefe da Divisão de Programas de Promoção Comercial (1988/91).

Recebeu as seguintes condecorações: Comendador da Ordem do Mérito Aeronáutico e Grande-Oficial da Ordem de Rio-Branco (Brasil); Cavaleiro do Mérito Melitense, da Ordem Soberana e Militar de Malta; Grã-Cruz do Mérito da República Federal da Alemanha; Oficial da Ordem do Mérito por Serviços Distinguidos, do Peru; e Ordem de Francisco de Miranda (Terceira-Classe), da Venezuela.

Fluente em francês, espanhol, italiano, alemão e inglês (possui o "Certificate of Proficiency in English" da Universidade de Cambridge–Inglaterra), idiomas com que se familiarizou nos seus países de residência, dedicou parte dos quase 25 anos passados no exterior a pesquisar a genealogia da família.

2 Carlos Roberto Telles Ribeiro, n. em Recife–PE a 05.11.1944, quando seu pai servia naquela cidade. Estudou no Colégio S. José do RJ (Externato). Médico pela Faculdade de Medicina da UERJ. Neurocirurgião. Doutorado em Medicina pela "Freie Universität Berlin" (Alemanha). Assistente da Clínica de Neurocirurgia da Universidade de Hanover (Alemanha) e, posteriormente, do Hospi-

tal Steglitz de Berlim (Alemanha). Chefe da Disciplina de Neurocirurgia do Hospital Pedro Ernesto – R. Janeiro. Professor de Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da UERJ. Chefe da Clínica de Dor da UERJ. Foi Chefe do Departamento de Especialidades Cirúrgicas da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ (março de 1995 a março de 1997); Diretor de Serviços Técnicos e Médicos Gerais do Hospital Universitário Pedro Ernesto (1982 a 1985); Presidente da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia (biênio 1996-1998), Presidente da Sociedade de Cirurgia Neurológica do Cone Sul; Vice-Presidente eleito da Sociedade Brasileira para Estudo da Dor, Presidente do Conselho Deliberativo da SBN e Presidente do Conselho Deliberativo da Sociedade de Neurocirurgia do Rio de Janeiro. É Membro da Câmara Técnica de Neurocirurgia do CREMERJ, Membro da "Internacional Association for the Study of Pain" (IASP); Membro da Sociedade Alemã de Neurocirurgia, Diretor Presidente da Neurodor – Clínica Integrada de Neurologia, Neurocirurgia e Tratamento da Dor; e Diretor-Geral do Hospital Universitário Pedro Ernesto da UERJ (2002 em diante). Participou de 130 congressos de especialidade, organizou 25 concursos, congressos e jornadas, ministrou 230 conferências e palestras, apresentou 120 trabalhos científicos e publicou 20 trabalhos científicos em revistas nacionais e estrangeiras.

C. no R .Janeiro a 20.05.1975 c. D. Maria Amélia Baptista Rabello, n. no R. Janeiro a 30.04.1955. Filha de Rui Lins Rabello e de D. Maria Amélia Baptista Rabello. Musicista. Divorciados em 1978.

Filha:

3 D. Victoria Baptista Rabello Telles Ribeiro, n. em Hanover (Alemanha) a 25.11.1977. Bacharel em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Estudante do Curso Técnico em Design Gráfico do Centro de Formação de Profissionais em Artes Gráficas do SENAI-RJ. Empresária do setor editorial.

2 D. Ana Lúcia Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 15.05.1946. Professora. Diplomada em Matemática e Estatística pela Faculdade de Educação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. C. (união) c. Paulo Roberto Tavares de Souza, n. no R. Janeiro a 05.07.1944. Filho de Silvio Tavares de Souza e de D. Gracinda Tavares de Souza. Engenheiro.

Filha:

3 D. Ana Paula Tavares de Souza, n. no R. Janeiro a 30.05.1983. Estudante de Medicina na UFRJ.

2 D. Regina Helena Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 18.07.1949. Professora do 1º Grau pela Escola Normal Julia Kubitschek. C. no R. Janeiro a 29.01.1972 c. José Ney Ferraz Guimarães, n. no R. Janeiro a 13.02.1946. Filho de José Maria Anastácio Guimarães e de D. Deolinda Ferraz Guimarães. Professor de Educação Física, graduado pela UFRJ (1971). Mestrado em Bases Biomédicas da Educação Física (UFRJ). Professor da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ. Membro da Comissão de Estudos para Graduados em Educação Física e Desportos, EEFD, UFRJ (1991/4); Membro de Banca Examinadora do Concurso para Mestrado em Educação Física (Biociências), EEFD,UFRJ (1992); Membro da equipe de medidas e avaliação física dos jogadores da Seleção Brasileira de Futebol, nas Copas do Mundo de 1982 e 1986, e na Seleção de Juniores no X Campeonato Sul-americano de Futebol (1983); Membro da Congregação da EEFD (1991/9); Professor do Curso de Medicina Desportiva da Escola Médica de Pós-Graduação da PUC-Rio (1989/90); Chefe do Departamento de Biociências da Atividade Física da EEFD,UFRJ (1995/9); Membro da Banca Examinadora de Concurso Público para professor auxiliar do Departamento de Clínica Médica - Setor: Fisioterapia Cardíaca, da Faculdade de Medicina da UFRJ (1997). Vice-Diretor da Sociedade Maurício Rocha (fundada em 05.1999).
Trabalhos publicados: "Testes expiratórios em indivíduos de 8 a 65 anos", Jornal Brasileiro de Medicina (03.1974); "O Remo ergométrico e a antropometria dinâmica dos remadores para o Pan de 1975", Revista de Educação Física do Exército (nº 100/1976); "Cicloergometria e sua metodologia", Jornal Brasileiro de Medicina (10.1976); "Hemodinâmica do esforço no jovem hipertenso assintomático", Jornal Brasileiro de Medicina (08.1977); "Medidas da Capacidade Aeróbica em bicicleta ergométrica", Revista Brasileira de Ciências do Esporte (01.1980); "Memória e Atividade Física", Revista Brasileira de Educação Física - MEC (Abril/Setembro 1982); "Ciência e Esporte sem Incompatibilidade", Revista Brasileira de Educação Física - MEC (03.1983); "Aconselhamento Médico-Funcional no Futebol", Ars Curandi, (06.1982); "Construção de um sistema prático de avaliação funcional na ergometria", Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP, 05.1985) - Catálogo de Protótipos do MCT, 1987. "A Comparison Between

Direct and Indirect Basal Metabolic Rate Evaluation Methods for Champions Athletes", American College of Sports Medicine -32 (5) - May, 2000, Suppl.; "Basal Metabolic Rate of Olympic and World Games Champions Athletes of Different Sports", American College of Sports Medicine – 32 (5) - May, 2000, Suppl.

Filhos:

3 D. Flávia Ferraz Guimarães, n. no R. Janeiro a 28.07.1974. Diplomada em Administração de empresas pela Faculdade Sta. Úrsula (1996).

3 Bruno Anastácio Ferraz Guimarães, n. no R. Janeiro a 12.11.1979. Estudante de Medicina na UFF.

3 D. Isabela Ferraz Guimarães, n. no R. Janeiro a 18.02.1983.

2 D. Maria Teresa Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 26.11.1951. Professora do 1º Grau pela Escola Normal Julia Kubitschek (1969). Diplomada em Fonoaudiologia (1979), com pós-graduação em Patologia da Linguagem (1991), pela Univerdidade Estácio de Sá (RJ). Especialista em Audiologia pela Universidade Veiga de Almeida (RJ, 1991). Pós-Graduação em Letras/Lingüistica (Fonética acústica) pela Univerdidade Federal de Santa Catarina (1994). Mestrado em Lingüística (área de concentração: Aquisição da Linguagem) pela UFSC (1999). Fonoaudióloga e Professora de Surdos do Centro de Educação/Núcleo de Desenvolvimento Infantil e NUCLEIND da UFSC (1994/2002). Professora do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Estácio de Sá, Florianópolis (SC, 2002 em diante). Organizadora do Curso "Lingüística e Educação do Indivíduo Portador de Surdez (UFSC) e da Jornada "Educação da Criança Surda". Debatedora no "IV Encontro Carioca de Linguagem-IBMR". Palestrante em: "Simpósio Internacional sobre a surdez", Angra dos Reis (RJ); "Reciclagem de Fonoaudiólogos"; "Formação Pedagógica para os Docentes da UFSC"; "Ciclo de Palestras do NDI-UFSC"; Habilitação em D.A. – UFSC; " Jornada Educação da Criança Surda".
C. no Rio de Janeiro a 18.10.1980 c. Jorge Alberto Senna, n. em Florianópolis–SC a 19.08.1947. Filho de Alberto Senna e de D. Domitília Sartorato Senna. Desenhista industrial.

Filhos:

3 Carlos Eduardo Senna, n. no R. Janeiro a 01.06.1983.

3 D. Anna Beatriz Senna, n. no R .Janeiro a 28.05.1988.

2 José Geraldo Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 19.06.1954. Estudou no Colégio S. José do RJ (Externato). Engenheiro metalúrgico pela Faculdade de Engenharia da UFF (1978). Empresário no ramo de importação e exportação. Engenheiro da Cia. Siderúrgica Nacional-CSN, área comercial (1978/88); Dirigente da Siderco Trading, exportadora de produtos siderúrgicos (1988/92); Dirigente da Comercial Siderfer, comercializadora de produtos siderúrgicos (1992 em diante). C. no R. Janeiro a 28.06.1980 c. D. Maria Clara Martins Pinheiro, n. no R. Janeiro a 23.12.1957. Filha de Eugênio Augusto Pinheiro e de D. Lea Martins Pinheiro. Professora primária.

Filhos:

3 Gustavo Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 24.02.1987.

3 D. Natalia Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 26.12.1988.

1 D. Neusa Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 03.01.1916. Pianista, formada pela Escola Nacional de Música da Universidade do Rio de Janeiro. C. no R. Janeiro a 15.06.1939 c. Geraldo Magarinos de Souza Leão*, n. no R. Janeiro a 15.06.1915 e aí f. a 05.09.1997. Filho de José Magarinos de Souza Leão (R. Janeiro, ★ 25.05.1884 e ✞ 31.03.1968, *neto pat.* de Domingos de Souza Leão, 2° barão de Vila Bela, deputado, conselheiro do Império, presidente da província de Pernambuco e Ministro dos Negócios Estrangeiros, em 1878, e de D. Ângela Magarinos, natural do Uruguai; e *neto mat.* de Antônio José de Castro, barão de Benfica) e de D. Noemi de Castro Souza Leão (★ 23.11.1881 e ✞ 27.04.1965). Oficial do Exército da Arma de Artilharia. Aspirante em 22.11.1937; Segundo-Tenente em 30.12.1938; Primeiro-Tenente em 25.12.1940; Capitão em 25.12.1944; Major em 25.12.1951 (m); Tenente-Coronel em 25.12.1958 (m); Coronel em 25.08.1944 (m); General-de-Brigada em 25.07.1971; General-de-Divisão em 25.11.1976. *Cursos de*: Formação de Oficiais; Aperfeiçoamento de Oficiais; Estado-Maior; Moto-mecanização; Comando e Estado-Maior das Forças Armadas; e Curso Superior de Guerra, na Escola Superior de

---

* A irmã de Geraldo Magarinos de Souza Leão, Madalena Magarinos de Souza Leão, casou com Artur de Toledo, cuja irmã, Alice de Toledo e o marido, Walther Sommerlath, foram pais de Silvia de Toledo Sommerlath, rainha da Suécia pelo casamento com o rei Carlos XVI Gustavo, em 19.06.1976.

Guerra. Como integrante da FEB (Força Expedicionária Brasileira), lutou na 2ª Guerra Mundial na Itália. Adido Militar à Embaixada do Brasil em Bogotá (Colômbia) — 1972. Passou para a Reserva no posto de General-de-Divisão, em 1979. Condecorado com a Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; Medalha do Pacificador; Medalha Santos Dumont – prata; Medalha Marechal Hermes – bronze, com uma coroa; Ordem do Mérito Militar – Comendador; Ordem do Mérito General José Maria Cordoba – Oficial (Colômbia); Ordem de Rio Branco – Comendador; Ordem do Mérito Aeronáutico – Comendador; Ordem do Mérito Naval – Grande-Oficial; e Medalha de 40 anos de bons serviços. Poeta, criou versos para todas as armas do Exército.
Filhos:

2 Maurício Magarinos de Souza Leão, n. no R. Janeiro a 11.05.1940. Oficial de Marinha. Estudou nos Colégios Santo Inácio (1952/56) e Militar do RJ(1957/58), onde foi aluno brilhante, tendo conquistado a Medalha de Ouro Marquês de Tamandaré, "conferida ao aluno que for aprovado nos exames de licença do curso científico com grau igual ou superior a 9,5 (nove e meio) em pelo menos metade destes exames". Ingressou na Escola Naval (1959/61), de onde saiu Guarda-Marinha, tendo recebido o prêmio Estado-Maior das Forças Armadas, "Instituído pelo EMFA para distinguir o Guarda-Marinha que obtiver a maior média aritmética do conjunto de disciplinas do ensino técnico-científico e oficialato". Engenheiro Naval pela Escola Politécnica da USP (1966/68) nas modalidades de Máquinas e Estruturas. Em 1971, ingressou por concurso no quadro do Magistério e tornou-se professor efetivo da Escola Naval, na cadeira de Resistência dos Materiais 1971/79). Professor Adjunto da Faculdade de Engenharia da Univ. Católica de Petrópolis, nas cadeiras de Resistência dos Materiais e Mecânica Geral (Isostática). Membro da banca Examinadora do Concurso para Provimento do Cargo de Professor Efetivo da Escola Naval. Engenheiro Encarregado da Seção de Acessórios do Casco e da Seção de Fabricação de Estruturas da Divisão de Oficinas Estruturais do Arsenal de Marinha do R. Janeiro. Assessor Executivo do Departamento de Engenharia da SUNAMAM. Gerente Comercial do Estaleiro SO S/A. Assessor do Diretor Comercial do Estaleiro Mauá e Gerente de Vendas para Navios Militares. Professor Auxiliar da Escola Naval, contratado em 1990 para as Cadeiras de Tecnologia de Materiais e Processos (TMP), Matemáti-

Neusa Telles Ribeiro e Geraldo Magarinos de Souza Leão

Mauricio Magarinos de Souza Leão com a esposa, Angela, e os filhos, Cristiano e Márcia

Teresa (filha de Mauricio), com o marido, Rômulo, e filhos

Maria Helena (Leninha) Magarinos de Souza Leão com Manoel (à direita), Maria Cristina, a sogra, Glorinha e Ana Luiza com o marido, Bruno (à esquerda)

Helaisse Magarinos de Souza Leão com o marido e filhos

Cleíta com os filhos, Cleiber (à direita) e Marta (em pé), a nora, Bernadete (à esquerda) e os netos, Marcio, Rodrigo, Iara e Evelyn (no colo) – Penedo, 27/03/99

Cleíta, Neusa e filhos: Maurício e a esposa, Angela (à direita) e Leninha e Manoel (à esquerda) – Penedo, 27/03/99

Marta e Cleiton Conrado (filhos de Cleíta), com Evelyn, filha de Cleiber Conrado (apoiada em Marta), a esposa de Cleiton, Regina (à direita) e os filhos, Iara, Marcio e Adriana

ca (MAT-1) e Mecânica Geral (MEC-1 e MEC-2). Professor da Universidade Estácio de Sá, na Cadeira de Resistência dos Materiais. Professor da Universidade Gama Filho, na Cadeira de Resistência dos Materiais. Curso de extensão sobre projeto de Motores a Combustão Interna, do Instituto Mauá de Tecnologia, Escola de Engenharia Mauá - SP. Curso de Componentes Básicos de Computadores, da IBM. Curso de Corrosão, da Diretoria de Engenharia da Marinha. Curso de Engenheiro de Proteção Hempel, da Hempel's Marine Paints. Curso Básico de Solda (1a. Etapa), do Instituto Eutestic. Curso Básico de Solda (2a. Etapa), do Instituto Eutectic. Curso de Especialização em Docência Universitária, Universidade Gama Filho (1994). Domina as línguas inglesa e espanhola. C. no R. Janeiro a 14.01.1966 c. D. Angela Maria Santos Moreira, n. no R. Janeiro a 19.02.1943. Filha de Manoel de Azevedo Santos Moreira Sobrinho (★ 15.11.1908 e ✞ 01.08.1982) e de D. Augusta Victoria Pellon Santos Moreira (★ 04.01.1915). Professora de Línguas Anglo-germânicas.

Filhos:

3 D. Teresa Magarinos de Souza Leão, n. no R. Janeiro a 16.12.1968. Advogada. C. na mesma cidade a 24.04.1985 c. Romulo Oliveira Souto, n. no R. Janeiro a 25.07.1966. Filho de José Lima Souto e de D. Regina Maria Abreu de Oliveira Souto. Engenheiro.

Filhos:

4 Alexandre Magarinos Souto, n. no R. Janeiro a 12.09.1986.

4 Helena Magarinos Souto, n. no R. Janeiro a 28.12.1990.

4 Beatriz Magarinos Souto, n. no R. Janeiro a 10.10.1999

3 Cristiano Magarinos de Souza Leão, n. no R. Janeiro a 15.04.1970. Engenheiro de computação. Executivo do Banco Caputo, com sede em Milão (Itália). C. no R. Janeiro a 03.03.2001 c. D. Fernanda Coelho da Rocha, n. a 26.02.1970 nos EUA, filha de José Roberto Coelho da Rocha e de D. Sandra Maria Cimbalista Coelho da Rocha.

3 D. Márcia Magarinos de Souza Leão, n. no R. Janeiro a 26.08.1971. Professora de Literatura Inglesa. Solteira.

2 D. Maria Helena Magarinos de Souza Leão (Leninha), n. em Bagé-RS a 31.10.1941, quando seu pai servia naquela unidade militar. Professora. C. no R .Janeiro a 07.07.1962 c. Alípio Rocha Cordeiro, n. no R. Janeiro a 04.03.1938 e f. em Campinas–SP a 01.04.1974. Filho de Urius Cordeiro (★ 19.05.1905 e ✞ 04.01.1969) e de D. Maria da Glória Rocha Cordeiro (★ 23.06.1908). Engenheiro.

Filhas:

3 D. Ana Luiza Rocha Cordeiro, n. no R. Janeiro a 02.04.1963. Arquiteta. C. no R. Janeiro a 27.07.1996 c. Bruno Murtinho de Moraes, n. no R. Janeiro a 01.10.1971. Filho de Carlos Alberto de Moraes e de D. Sonia Maria de Brito Murtinho.

Filho:

4 Ariel Cordeiro de Moraes, n. em Petrópolis–RJ a 29.07.1999.

3 D. Maria Cristina Rocha Cordeiro, n. no R. Janeiro a 31.05.1964. Bióloga. Aprovada em concurso para EMBRAPA (1999).

2 D. Heloisa Magarinos de Souza Leão, n. no R. Janeiro a 29.04.1943. Professora. Membro da Academia Petropolitana de Educação (1995). C. no R. Janeiro a 17.12.1962 c. José Duarte de Barros, n. no R. Janeiro a 23.09.1936. Filho de Sebastião Duarte de Barros (★ 02.4.1895 e ✞ 19.12.1969) e de D. Eunice de Souza Barros (★ 07.5.1902 e ✞ 31.12.1971). Médico.

Filhos:

3 D. Patricia Duarte de Barros, n. no R. Janeiro a 03.12.1963. Médica psiquiatra. C. no R. Janeiro a 25.05.1994 c. Eduardo Birman, n. no R. Janeiro a 27.05.1963. Filho de Saul Birman (★ 09.11.1934) e de D. Yara Birman (★ 17.7.1936). Médico psiquiatra.

Filhos:

4 Bernardo Birman, n. no R. Janeiro a 10.11.1995.

4 Ilana Birman, n. no R. Janeiro a 25.11.1996.

3 José Duarte de Barros Filho, n. no R. Janeiro a 19.5.1965. Biólogo, graduado pela Faculdade Santa Úrsula (RJ). Pós-graduação na UFRJ. Solteiro.

2 D. Helaisse Magarinos de Souza Leão, n. no R. Janeiro a 12.05.1956. Médica pediatra. C. no R. Janeiro a 15.12.1977 c. Marcelo Montedonio Rego, n. em Itajaí–SC a 16.11.1953. Filho de Fernando Geraldo Leopoldo Montedonio Rego (★ 16.11.1921) e de D. Oiomar Montedonio Rego (★ 07.8.1928). Analista de sistemas.

Filhos:

3 Frederico Montedonio Rego, n. no R. Janeiro a 02.06.1982. Estudante de Direito na UERJ.

3 Pedro Paulo Montedonio Rego, n. no R. Janeiro a 09.07.1986.

3 Lucas Montedonio Rego, n. no R. Janeiro a 14.12.1990.

1 Jerson Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 13.06.1017 e aí f. a 17.04.1996. Perito Contador. Funcionário da Companhia Fornecedora de Materiais. C. no R. Janeiro a 09.03.1944 c. D. Lucy de Gouvea Breves, n. no R. Janeiro a 12.03.1917 e f. na mesma cidade a 05.12.1996. Filha de Ovídio de Souza Breves e de D. Rosa de Gouveia Breves.

Filhos:

2 Jerson Antonio Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 23.05.1945. Engenheiro Operacional Eletrônico. Empresário. C. no R. Janeiro a 13.12.1969 c. D. Suely Dubois Kohën, n. no R. Janeiro a 06.03.1948. Filha de Bernard Dubois Kohën e de D. Sylvia Dubois Kohën. Formada em Filosofia. Sócia de seu marido.

Filhos:

3 D. Cintia Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 16.12.1973.

3 Bruno Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 13.11.1974. Casou-se em S. Paulo-SP a 14.04.1999 com D. Camila Dell'Arciprete, n. a 20.12.1973. Filha de Nicolangelo Dell'Arciprete (fal.) e de D. Walkiria Aparecida Amendola. Trabalha em publicidade. Tem um filho de um casamento anterior, Angelo Dell'Arciprete Ferronato.

3 Diogo Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 14.10.1977.

2 Armando Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 28.09.1955. Técnico de som. C. no R. Janeiro a 08.10.1983 c. D. Marisa de Mattos Salgueiro, n. no R. Janeiro a 19.03.1955. Filha de Ubirajara Salgueiro e de D. Lygia Salgueiro. Médica homeopata.

Filho:

3 Pedro Salgueiro Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 01.02.1985.

1 D. Arycléa Telles Ribeiro (Cleíta), n. no R. Janeiro a 30.03.1919. Professora, Psicóloga e Terapeuta. Formada em Psicologia pela PUC - RJ. Chefiou o Serviço de Normas e Programas no Departamento de Educação Primária (RJ), de 1962/74. Psicóloga no Centro de Orientação Juvenil (COJ). Clinicou particularmente como Terapeuta até 1993. C. no R. Janeiro a 16.12.1939 c. Dr. Humberto Altamiro Lopes Conrado, n. no R. Janeiro a 23.11.1915. Renomado clínico geral, com especialização em cardiologia, foi médico do antigo IPASE. Filho do Dr. Tito Livio Lopes Conrado, Cirurgião-dentista, e de D. Graciema Altamira Chaves Conrado; *neto pat.* de Adolpho José Conrado e de D. Piralyna Minervina Lopes Conrado; *neto mat.* de João Getúlio da Silva Neves e de D. América Chaves.

Filhos:

2 Cleiber Conrado n. no R. Janeiro a 11.10.1940. Estudou no Colégio S. Bento (RJ) e Colégio Andrews (RJ). Engenheiro eletrônico pela PUC-RJ (1964). Bolsista do Governo alemão (DAAD-Deutscher Akademisher Austauschdienst) nas Universidades de Darmstadt (curso de Alta Freqüência) e Munique (curso de Processamento de Dados), em 1965/1966. Engenheiro da Matriz da Siemens A.G., em Munique (Alemanha), de 1966 a 1968, onde participou das equipes de instalação e ajuste de equipamentos de rádios microonadas para a Rede de Comunicações do Correio Alemão (Deutsche Bundespost) na Baviera. Transferido para a Siemens do Brasil (1968), onde atuou por cinco anos, tendo participado, também, das equipes alemães enviadas pela Casa Matriz para instalação e ajuste dos equipamentos de microondas da Rede de Comunicações da então TELEPAR – Telecomunicações do Paraná S.A. Trabalhou na então TELESP – Telecomunicações de S. Paulo S.A. (de 1973 a 1986), ocupando importantes cargos no Departamento de Operação (Chefe da Divisão de Transmissão) e no Departamento de Engenharia (Chefe da Divisão de Infra-estrutura). Atuou ainda em várias outras empresas da área de telecomunicações do país, entre as quais a PHT Sistemas Eletrônicos S.A. (Grupo Promon) e Telemulti S.A. (Grupo Bosch), nesta última como Assessor do Presidente. Atualmente é sócio e Gerente Técnico da SBS Telecom.
C. a 1ª vez em S.Paulo a 06.05.1977 c. D. Miriam de Paula, n. em S. Paulo-SP a 22.08.1950. Filha de Paulo de Paula e de D. Aparecida Antonia de Paula. Secretária. S.g.

C. a 2ª vez em S. Paulo a 24.06.1993 c. D. Maria Bernadete Moreira, n. em Bebedouro–SP a 19.04.1956. Filha de Benedito Moreira e de D. Maria Hernandez Moreira. Médica pela Universidade Federal do Piauí.
Filha:

3 Evelyn Moreira Conrado, n. em S. Paulo–SP a 16.12.1993.

2 Cleiton Conrado, n. no R. Janeiro a 08.12.1944. Formado em Economia. Empresário. C. a 1ª vez, no R. Janeiro a 06.12.1969 c. D. Cecília Maria de Oliveira Campos (Cila), n. no R. Janeiro a 20.09.1949. Filha de Jayme de Almeida Campos (★ 22.08.1923 e ✞ 06.02.1976) e de D. Laurentina de Oliveira Campos (★ 15.07.1928). Professora e empresária. Divorciaram-se.

Filhos:

3 D. Adriana Campos Conrado, n. no R .Janeiro a 20.10.1972.

3 Marcio Campos Conrado, n. no R. Janeiro a 15.11.1974.

3 Rodrigo Campos Conrado, n. no R. Janeiro a 01.04.1977.

Cleiton C. a 2ª vez c. no R. Janeiro a 26.01.1984 c. D. Regina Celi Rocha Santos, n. em Manaus-AM a 25.07.1955. Filha de Mario Barbosa dos Santos e de D. Nilce Rocha dos Santos.

Filha:

3 D. Iara Santos Conrado, n. no R. Janeiro a 03.04.1986.

2 D. Marta do Nascimento Conrado, n. no R. Janeiro a 21.10.1952. C. no R. Janeiro a 09.04.1976 c. José Severiano Caeté Felipe Ferreira, n. no Pará a 12.04.1952 e f. no R. Janeiro a 21.09.1993. Filho de Benedicto Caeté Ferreira e de D. Zilda Felipe Mangas Ferreira. S.g.

§ 10 °

BERNARDO SERGIO TELLES RIBEIRO (SERGIO), n. em Niterói–RJ a 05.05.1893 e f. em Recife-PE. Sua mãe o registrou como Bernardo Sergio, que é como figura no Registro Civil, mas foi sempre conhecido como Sergio, talvez pelo fato de já ter um irmão chamado Bernardo. Quando o pai faleceu, ele tinha pouco mais de um mês de nascido e foi criado pela irmã, Frederica. C. em Recife–PE c. D. Belarmina.

Filho:

1 Alvaro Telles Ribeiro, n. em Recife–PE a 02.09.1915 e f. no R. Janeiro a 28.02.1987. C. no R. Janeiro a 24.02.1934 c. D. Iolanda Bruno, n. a 24.02.1917. Filha de Antonio Bruno e de D. Genoveva Pepe.

Filhos:

2 Sergio Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 29.01.1935. Funcionário público, trabalha no Centro Brasileiro de Pesquisas. C. no R. Janeiro a 27.09.1958 c. D. Alexandrina da Piedade Duarte, n. a 22.04.1933. Filha de Herculano Duarte Bento e de D. Maria da Purificação Henrique Duarte Bento. S.g.

2 Alvaro Telles Ribeiro Junior, n. no R. Janeiro a 09.12.1937. Agente administrativo aeronáutico. C. a 18.12.1992 c. D. Adriana Marinho, n. a 25.01.1970.

Filhos:

3 Ana Carla Marinho Telles Ribeiro, n. a 01.07.1992.

3 Milton José Marinho Telles Ribeiro, n. a 28.02.1994.

2 Vicente Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro. Faleceu criança.

Alvaro separou-se de Iolanda e uniu-se à sua cunhada, D. Julieta Bruno, n. a 08.12.1912 e f. a 13.09.1996. Tiveram:

Filha:

2 D. Sheila Telles Ribeiro, n. no R. Janeiro a 18.09.1945. C. a 27.11.1964 c. Getúlio Felix de Lima, n. a 06.03.1939 e f. a 09.07.1994. Filho de Anastácio de Andrade Lima e de D. Serafina Felix de Lima.

Filhos:

3 Sergio Alexandre Felix de Lima, n. a 18.05.1966. Engenheiro civil. C. a 24.05.1996 c. D. Sandra Scliar da Costa, n. a 06.08.1969. Filha de Rodrigo Manuel da Costa e de D. Cecilia Scliar da Costa.

Filho:

4 Igor Scliar da Costa Felix de Lima, n. a 23.06.1997.

3 Marcus Vinicius Felix de Lima, n. a 25.06.1973. Formado em Ciências Contábeis. C. a 14.06.1997 c. D. Aline Costa Paes, n. a 02.02.1974. Filha de Vitor Emanuel Paes e de D. Jacira Costa Paes.

Bernardo Sergio Telles Ribeiro

Alvaro Telles Ribeiro, Iolanda, Eduardo (amigo), Alvaro Filho, Sergio e Vicente Telles Ribeiro

Sergio Telles Ribeiro (neto)

Sergio Telles Ribeiro e a esposa, Alexandrina

Os dados abaixo, somente foram obtidos quando do fechamento da presente edição, motivo pelo qual figuram neste Anexo:

[5] Paula Forner Santos (pág. 273)

5 Paula Forner Santos, n. no Rio de Janeiro a 17.08.1981. Teve com Roberto Mendonça Dias, n. a 14.10.1980, filho de Roberto Riba Dias e de D. Maria Teresa Mendonça Dias:

Filha:

6 Maria Antonia Forner Mendonça Dias, nascida no Rio de Janeiro a 22.09.2001.

[3] José Luiz Murray (pág. 309)

3 José Luiz Murray, n. no R. Janeiro a 18.07.1951. C. a 24.06.1974 em São José do Calçado-ES com D. Luiza Augusta da Rocha, n. a 02.02.1955 em São José do Calçado-ES. Filha de Alcides Gonsalves da Rocha e de D. Maria Augusta da Rocha.

Filhos:

4 Cristiane Rocha Murray, n. a 09.09.1975, no Rio de Janeiro. C. a 07.07.1995 em Apiaca-ES c. Nielson Zanon Soares, n. a 13.09.1972 em Duque de Caxias-RJ. Filho de Nelson Soares e de D. Delza Zanon Soares.

Filhas:

5 Jessica Murray Soares, n. a 06.06.1996 em Bom Jesus-ES.

5 Nicole Murray Soares, n. 12.01.1998 em Bom Jesus-ES.

4 Bruno Rocha Murray, n. a 03.03.1979 no Rio de Janeiro.

APÊNDICES

Glossário Heráldico-Genealógico

Bibliografia e Fontes

Resumos

Índice Onomástico

Glossário Heráldico-Genealógico

Composto especialmente para melhor entendimento da presente obra, com base em dados e informações colhidos nas diversas fontes bibliográficas mencionadas no Apêndice (Bibliografia e Fontes)

acontiado: vassalo que recebia pensão do rei para servi-lo em tempo de guerra e ficava, com isso, obrigado a contribuir com armas e cavalos, de acordo com o valor (*acontiamento*) da sua *fazenda*. A forma de remuneração do vassalo era a *contia* (soldada) e dela dependia o número maior ou menor de *lanças* (soldados armados) que devia fornecer ao rei.

adiantado: dignidade titular que designava o governador de uma província, com poder civil de correição sobre *meirinhos* e poder militar, como general. Em Portugal, data do rei D. Afonso V (1438-81). Na Espanha da Idade Média, o adiantado exercia o comando de todas as hostes de sua província ou região, em tempo de guerra e, em tempo de paz, desempenhava as funções administrativas e judiciais.

aia: mulher da primeira nobreza, encarregada da educação de crianças ilustres. O vocábulo equivale a camareira, no desempenho destas altas funções e é usado em geral na expressão "aia da rainha" ou "aia da princesa".

aio: encarregado de educar crianças ilustres. O vocábulo equivale às nobres funções de camareiro ou escudeiro do rei ou de um príncipe.

alcaidaria: dignidade de *alcaide* ou suas funções ou ainda sua jurisdição civil e militar.

alcaide: governador de castelo, província ou comarca, com jurisdição civil e militar.

alcaide-mor: governador de uma *praça*.

alferes-mor: oficial que conduzia a bandeira ou estandarte real nas batalhas, em tempo de guerra ou em atos solenes, em tempo de paz.

alvará: diploma assinado pelo rei em favor de alguém, sobre negócios públicos ou de interesse particular. Era, por exemplo, o documento mediante o qual um indivíduo era nobilitado.

aposentador: o que tinha a seu cargo dispor *aposento* para as pessoas a que correspondia receber *aposentadoria*. Esta se entendia como o direito de que noutras épocas goza-

vam alguns indivíduos privilegiados, de tomarem a outrem a pousada, para si e o seu séquito, a fim de se assegurarem *aposento*, isto é, hospedagem, casa, morada.

armas: conjunto de símbolos que compõem o *brasão* de uma família.

arminhos: pele que na armaria se representa por campo de prata semeado de *mosquetas* (pontos) de negro. As *armas* dos *Teles Barreto*, por exemplo, têm o *escudo esquartelado*, 2 e 3, *de arminhos*, pleno.

árvore (genealógica): quadro em que se inscrevem os nomes dos ascendentes e/ou descendentes de um indivíduo. Constitui a representação gráfica que simboliza a continuidade da genealogia de uma família.

beneficiado: diz-se do clérigo titular de uma paróquia que, nela não residindo, escolhia um *vigário perpétuo*, nela residente, para substitui-lo nos serviços religiosos.

besteiro: os *besteiros* armavam-se de *bestas*, armas medievais usadas até o séc. XVII para disparar virotes (setas curtas). Compunham-se de um arco de ferro apoiado numa haste ou coronha, ambos ligados por uma corda que se retesava por meio de uma mola.

brasão: conjunto emblemático no qual se inscrevem as *armas* de um indivíduo ou de uma família. Integram-no, basicamente, o *escudo* e o *timbre*.

capitão-donatário: na época da colonização, que se seguiu aos descobrimentos portugueses (séc. XV e XVI), o capitão-donatário era aquele que recebia da autoridade real uma extensão do território descoberto, para explorar e administrar. Ressalvadas as atribuições inerentes à soberania real, cabia-lhe (1) a organização da vida econômica com base, sobretudo, na exploração da terra, pelo que lhe competia a corresponsabilidade da sua distribuição sob a forma de *dadas* ou *sesmarias*; (2) o exercício da jurisdição civil e criminal; (3) a manutenção da ordem pública e a garantia das regalias e liberdades, estas, adstritas ao uso da época. Embora devessem subordinar a governação e a administração locais à instância média que representavam, contavam com o direito da sucessão no cargo em favor de um herdeiro, em geral o primogênito.

capitão-mor: autoridade militar que comandava as *ordenanças*, numa vila ou cidade. Afora a tropa de linha, que garantia a autoridade militar dos capitães-generais, o sistema militar português abrangia os regimentos de *milícias* e a segunda reserva, formada pelas *ordenanças*. Umas e outras constituíam, em última análise, a base da administração portuguesa, pois garantiam a autoridade civil dos magistrados: as *milícias,* chefiadas pelos coronéis e as *ordenanças*, pelos capitães-mores, que eram chefes civis e militares, residindo um em cada vila ou aldeia, juntamente com um corregedor ou fiscal de justiça. Teoricamente, *milícias* e *ordenanças* representavam o povo em armas e, na prática, cumpriam funções de polícia em sua jurisdição territorial.

carta: documento oficial pelo qual se concedia a alguém *mercê* lucrativa ou honorífica. Era, por exemplo, o documento mediante o qual se autorizava o uso de *brasão*.

casa: o mesmo que família, em geral pertencente à *nobreza*. Os *Teles Barreto*, por exemplo, são um ramo da nobre *casa* dos *Teles de Meneses*.

casal: lugarejo de poucas casas, pequena aldeia.

cavaleiro: aquele que era admitido na confraria militar medieval denominada *cavalaria*. Os cavaleiros eram homens que podiam custear por si cavalo e armas, mediante recursos que lhes provinham ordinariamente da propriedade fundiária, tornada hereditária no curso de gerações. Sua permanência gerou a chamada *nobreza imemorial* ou *de raça*.

concelho: privilégio concedido pelos reis a certos povos mediante *foral* (ou *carta de foral*) e que consistia em certa autonomia administrativa e no direito a magistrados eletivos. Em Portugal, modernamente passou a designar a circunscrição administrativa correspondente à subdivisão de um distrito. Por extensão se diz *paços do concelho* ao edifício das sessões e do cartório da câmara municipal, donde o adjetivo *concelhio*, aplicado a estas circunstâncias.

costado: cada um dos quatro avós; diz-se da *árvore genealógica* quando abrange toda a *linhagem* de um indivíduo e não somente a *varonia*.

couto: *terra* defesa e que, por isso, contava com privilégios. Em geral, o *couto* tinha chegador e nele não entravam nem o mordomo nem o porteiro reais. A região *de couto e homizio* era aquela na qual crimes cometidos anteriormente em outros lugares ficavam instantaneamente prescritos e perdoados.

couto de homiziados: v. *couto*.

criado: não se deve entender como *a serviço de* mas, sim, *que teve criação de, foi sustentado por*. Como exemplo, diz-se: "fulano, criado do infante D. Henrique", no sentido de que o Infante lhe provia os meios de sustento, isto é, a *criação*.

escudeiro: título honorífico que designava o grau mais inferior na escala da nobilitação. Era concedido a plebeus ou a pessoas (a) que não tinham foro *de juro e herdade* (por direito de herança); e, (b) também, como acrescentamento ao de *moço da câmara*. Assim, havia escudeiros por nascimento e escudeiros não fidalgos, que tinham por dever seguir, cada um, o seu cavaleiro.

escudo: peça em que assentam todas as que formam as *armas*; considera-se a parte mais importante do *brasão*, pois nele figuram as peças demonstrativas da ascendência do seu titular ou as que simbolizam as atividades que o celebrizaram ou à sua família.

esquartelado: diz-se do *escudo* que contém partições, em geral, quatro; estas se formam por dois traços perpendiculares aos bordos e que se cruzam no centro. O *brasão* dos *Teles*, por exemplo, tem o escudo *esquartelado*, 1 e 4, de oiro liso (*Meneses*); 2 e 3, de prata, leão de púrpura, armado e lampassado de azul (*Silvas*); *timbre*: o leão.

estirpe: tronco, ascendência ou origem de uma família.

Familiar do Santo Ofício: oficial leigo da Inquisição ibérica com funções ligadas à máquina policial do Santo Ofício. Os Familiares deviam demonstrar "pureza ou limpeza de sangue" (não descender de judeus, mouros, índios ou negros); apresentar conduta ilibada (não ter amantes); e comprovar ter posses. Além de privilégios materiais, como a isenção de certos impostos, o cargo conferia prestígio, expresso na ostentação da medalha familiar e na credibilidade de ser alguém da confiança da Inquisição. A Familiatura era, assim, um caminho para a nobilitação de leigos sem títulos de nobreza, mas podia também prestigiar a nobres titulados (*cf.* Ronaldo Vainfas, *Dicionário do Brasil Colonial*).

fazenda: o mesmo que bens ou haveres.

fidalgo: significa o nobre de linhagem, por oposição ao que é nobilitado. A etimologia do termo, fruto da aglutinação dos componentes *filho de algo*, indica a origem de alguém de condição superior, sem necessariamente lhe presumir a nobreza, pois *algo* pode aqui indicar apenas a posse de bens materiais ou prestígio. Na prática, considera-se fidalgo o nobre *de raça* (cuja origem se perde na chamada *nobreza imemorial*), não necessariamente revestido de magistratura civil ou militar, que era privilégio da categoria dos *ricos-homens*. A fidalguia era geralmente herdada dos antepassados mas mais tarde o rei passou a conferir títulos de *fidalgo*, mediante um processo de nobilitação que gerou a chamada *nobreza civil* ou palatina (v. *cavaleiro, fidalgo-cavaleiro* e *moço-fidalgo*).

fidalgo de cota d'armas: diz-se do nobre a quem o rei concedeu *brasão de armas* mediante uma *mercê nova*. A *cota de armas*, aqui simbólica, era originalmente uma vestimenta de seda bordada, que os *cavaleiros* usavam por cima da armadura.

fidalgo-cavaleiro: primeiro grau da *nobreza civil,* i.é, conferida pelo rei (v. *fidalgo*).

fronteiro: capitão de uma *praça* de guerra situada na fronteira do Reino.

geração: *linhagem*, posteridade, descendência.

herdade: grande propriedade rústica composta geralmente de *montados*, terra de semeadura e casa de habitação. Assemelha-se à *quinta*, esta, sem os montados.

herdamento: propriedade rústica ou urbana.

homem-bom: indivíduo que, nos antigos *concelhos*, se distinguia pela conduta respeitável, respaldada por boa capacidade financeira. Os homens-bons deviam ser "os melho-

res e mais ricos" e, como tais, podiam ser convocados ao centro das deliberações *concelhias* ou designados para ocupar certas funções públicas.

homem honesto ou homem honrado: designações, uma ou outra, apostas pelas autoridades eclesiásticas para individualizar pessoas que não eram de qualidade mas cuja conduta e posição relativa no meio local eram suficientes para destacá-las da plebe ordinária.

homem principal: dizia-se do plebeu que vivia à lei da nobreza, na medida em que ele era considerado *homem rico e principal* no meio local. Considerava-se que este era o primeiro passo no caminho que o levaria à nobreza.

honra: *terra* privilegiada pertencente a um *fidalgo*.

infanção: nobre de raça não revestido de magistratura civil ou militar, a quem geralmente era confiado o comando de um castelo ou fortaleza. Na gradação descendente da nobreza vinha a seguir ao *rico-homem* mas precedia o *cavaleiro* e o *escudeiro*. Com o tempo assimilou-se ao termo genérico de *fidalgo*.

lavrador: cultivador da terra que, para isso, dispunha de animais. Era, no mínimo, proprietário de uma junta de bois e se opunha às designações de *agricultor*, *camponês*, que somente dispunham da força de seus braços. Nas ilhas, o *lavrador* em geral tinha fazenda própria mas também havia o *lavrador rendeiro* e o *lavrador parceiro*, todas denominações que se opunham a *homem trabalhador*, que era o homem livre (não escravo), assalariado. Este podia alcançar que lhe fossem concedidas, por via de sesmaria, as terras de *pão* (para cultura do trigo, centeio ou cevada) e de criação de gado, quando então ascendia à condição de *lavrador*. Vale acrescentar que, na Madeira, os lavradores de açúcar usavam, no século XVI, "nas suas tarefas de campo, uma jaqueta verde" (*cf.* Cônego F. de M. Vaz, *Famílias...*).

linha: o mesmo que *linhagem*.

linhagem: conjunto de pessoas ligadas entre si por um parentesco direto, na medida em que compõem gerações antigas e que se vão sucedendo na linha do tempo.

lugar: povoado, pequena aldeia, localidade.

lugar-tenente: aquele que é o primeiro depois do chefe e pode provisoriamente desempenhar as funções deste.

maiorino: juiz de última instância.

meirinho-mor: antigo magistrado que, por nomeação real, governava amplamente uma comarca ou um território, com poderes administrativos e judiciais. Na Idade Média, o

mordomo-mor (espécie de primeiro-ministro) e o *meirinho-mor* constituíam os dois mais elevados postos do Reino de Portugal e sua designação correspondia a notável honraria, dispensada pelo rei aos fidalgos da primeira nobreza. O cargo tem origem na organização visigótica e leonesa e evoluiu bem depois para indicar um juiz régio, encarregado de dar execução às sentenças de justiça. Com o tempo, o termo *meirinho* passou a equivaler ao de "oficial de diligências", acepção que prevaleceu no uso comum da palavra. No sistema franco-teutônico, as funções originais do *meirinho-mor* correspondiam aproximadamente à figura do *bailio*.

mercê: graça, favor ou benefício concedido pelo rei. Ela é *mercê nova* quando indivíduos cujos avós eram nobres, sem serem fidalgos, justificam a nobreza e a requerem ao soberano, a fim de obterem *brasão de armas*.

moço da câmara: o que faz serviço na câmara do rei ou de um príncipe real.

moço-fidalgo: a mais baixa graduação dos *fidalgos* palatinos, assentados nos livros do rei (v. *fidalgo* e *fidalgo-cavaleiro*).

montado: terreno plantado de azinheiras e sobreiros, onde pasta o gado suíno para engordar.

mordomo-mor: o mais alto cargo da Casa Real, em que o rei somente investia a fidalgos da primeira nobreza (v. *meirinho-mor*).

morgadio: tudo que diz respeito ou pertence ao *morgado*, que é o bem inalienável, vinculado à herança transmissível ao primogênito.

nobre: indivíduo que, por direito de nascimento ou *mercê* real, pertence à classe da *nobreza*.

nobreza: sistema legal pelo qual, nas monarquias, um conjunto de indivíduos constitui categoria social que goza privilégios políticos superiores aos da maioria da população, transmissíveis hereditariamente. Na Europa, teve início na alta Idade Média (por volta do século XI) e compunha-se de proprietários fundiários e exploradores agrícolas, cuja fusão com a sociedade cavaleira medieval lhe incorporou valores militares que justificaram teoricamente seus privilégios. A evolução secular deste sistema gerou variações mais modernas, algumas das quais ainda se preservam em algumas sociedades européias (v. *cavaleiro, fidalgo, nobre*).

nobreza civil: graduação a que podiam aceder os *homens principais* de uma freguesia, geralmente após se graduarem como doutor, licenciado ou bacharel em teologia, direito ou medicina, ou se eram advogados ou vereadores da Câmara de uma cidade importante, como Lisboa ou Porto. A nobreza civil não era transmissível.

ouvidor: funcionário que superintendia na administração da justiça, em nome do rei.

pajem: mancebo nobre empregado no serviço do rei ou nos paços dos grandes senhores. Em Portugal, também conhecidos como *donzéis*, os pajens geralmente ganhavam o grau de *escudeiro* ao completarem quatorze anos de idade.

pertigueiro: secular que, nas cerimônias em catedrais, conduz na mão uma pértiga ou vara. Nas ordens militares-religiosas havia o *pertigueiro-mor*.

praça: vila ou cidade militarmente fortificada.

privado: pode significar *valido, favorito, confidente*. Na administração visigótica correspondia a cada um dos indivíduos pelos quais se repartiam terras conquistadas e o termo continuou a ser empregado neste sentido pelos soberanos portugueses da dinastia de Borgonha (1095-1383).

rico-homem: a primeira ordem da aristocracia mediévica na Península Ibérica, a qual dispunha de domínio administrativo, judicial e militar sobre determinada jurisdição, denominada *terra*. Unindo à fidalguia do nascimento a autoridade e prestígio dos cargos públicos mais elevados, era a classe que dispunha do *pendão e caldeira*, isto é, tinha a faculdade de recrutar homens para a guerra e os meios para mantê-los (*cf.* Dr. A.E.M. Zúquete, *Armorial Lusitano*).

sálica (lei): a Lei Sálica ou Lei dos Francos Sálios (nome derivado de uma das tribos dos francos) era um conjunto de regras de direito civil e penal, cuja última redação data da época de Carlos Magno (800 A.D.). Continha uma disposição que excluía as mulheres à sucessão da *terra salica et aviatica*, isto é, da terra vinda dos antepassados. Em 1328 os juristas invocaram esta disposição de direito privado para excluir as mulheres à sucessão da coroa de França e o princípio propagou-se a outros sistemas europeus.

senhor: o que tinha autoridade feudal sobre certas pessoas e propriedades.

sesmaria: terra inculta ou abandonada, dada a cultivar segundo a lei das *sesmarias*, promulgada por D. Fernando I, de Portugal, em 1375.

sesmeiro: designa normalmente não o concessionário mas a autoridade que tinha a seu cargo distribuir as terras para serem aproveitadas, segundo a lei das *sesmarias*.

solar: era onde o *nobre* tinha sua morada fixa ou habitual.

tença: pensão de caráter permanente, dada em troca de serviços prestados à Coroa.

tenente: aquele que substitui um chefe na ausência deste.

termo: território que se estende às abas de uma cidade ou vila etc.; diz-se também do distrito sobre o qual se exerce uma jurisdição.

terra: jurisdição sobre a qual o *rico-homem* exercia o domínio administrativo, judicial e militar.

timbre: parte das *armas* colocada acima do *escudo*; muitas vezes é uma peça tomada dele, no todo ou em parte e que vem, assim, realçada (v. *esquartelado*). As armas dos *Teles*, por exemplo, têm por timbre o leão, tomado do escudo.

valido: pessoa que dispõe de um *valimento* ou privança com alguém e, por isso, é por ele protegido ou favorecido.

varonia: ascendência (ou descendência) em *linha* direta masculina.

veador: gentil-homem da câmara da rainha.

veirado: diz-se do desenho caracterizado por *veiros*. É uma das peles usadas em heráldica, a qual se representa por tiras horizontais, com peças em forma de campânulas, colocadas lado a lado, numa mesma posição e, outras, invertidas. As *armas* dos *Ribeiros*, por exemplo, têm o *escudo esquartelado*, 2 e 3, de negro, com três faixas *veiradas* de prata e de vermelho.

Bibliografia e Fontes

Alemanha

Allgemeines Krankenhaus St. Georg, Hamburg (Arquivo de prontuários do Hospital Geral St. Georg, Hamburgo, Alemanha).

Bistumsarchiv Münster (Arquivo episcopal de Münster, Alemanha).

Bremen, Silke von & Hans Jessel. *Madeira & Azoren.* Kronshagen: Conrad Stein Verlag, 1995.

Erzbistumsarchiv Paderborn (Arquivo do Arcebispado de Paderborn, Alemanha).

Freie und Hansestadt Hamburg: Standesamt Hamburg/barmbeck/ Uhlenhorst (Registro Civil Regional de Hamburg/Barmbeck/Uhlenhorst, da Cidade Livre e Hanseática de Hamburgo).

Geisberg, Max. *Stadt Münster Bd. I-VI (in Die Kunstdenkmäler Westfalens).* 1932-41 (Os Monumentos Artísticos da Vestefália).

Gussek-Revermann, Anja. *Münster, ein Verlorenes Stadtbild.* Wartberg Verlag, 1994 (Münster, uma imagem urbana perdida).

Hager, Werner. *Münster in Westfalen.* Deutscher Kunstverlag. s.d.

Hamburger Friedhöfe: Friedhof Ohlsdorf (Arquivo do cemitério de Ohlsdorf, Hamburgo, Alemanha).

Haunfelder, Bernd. *Münster, Geschichte in Bildern.* Münster: Aschendorff Verlag, 1994 (Münster, Histórias em Imagens).

Haunfelder, Bernd. *Münster und das Münsterland in frühen Photographien* — 1841 bis 1900. Münster: Aschendorff Verlag, 1988 (Münster e sua região em Fotografias Antigas).

Knaurs Kulturführer in Farbe-Spanien (Guia Cultural em cores da Espanha). Munique: Droemer Knaur, 1981.

Münsterischer Anzeiger (A Gazeta de Münster, jornal da cidade de Münster, Alemanha. Coleção).

Schäfers, Gottfried. *So lebte sich's in Münster-Stadtviertel=Geschichten. Band III.* Münster, Gebrüder Lensing Verlaganstalt, 1992 (Assim se vivia em Münster = História dos Bairros).

Schwennicke, Detlev. *Europäische Stammtafeln.* 1984+.

Staatarchiv Hamburg (Arquivo estatal de Hamburgo, Alemanha).

Stadtarchiv Münster (Arquivo da cidade de Münster, Alemanha).

Stadtarchiv Paderborn (Arquivo da cidade de Paderborn, Alemanha).

Standesamt 21 Hamburg (Hamburg-Barmbek/uhlenhorst) - [Registro Civil de Hamburgo 21, comunidade de Hamburgo/Barmbek/Uhlenhorst].

Standesamt Münster (Registro civil de Münster, Alemanha).

Westfällische Nachrichten, Münster (Notícias da Vestefália, jornal da cidade de Münster, Alemanha. Coleção).

Bélgica

Brachène, O. Coomans de. *Etat présent de la noblesse belge*. Bruxelas: 1984 e 1985.

Ministère des Affaires Etrangères, Conseil de la Noblesse. Bruxelas*: Registre aux Copies des Pièces* (1891-1897).

Ministère des Affaires Etrangères, Conseil de la Noblesse. Bruxelas*: Registre des copies des lettres patentes étrangères, Tome I.*

Brasil

Almanak Laemmert, Rio de Janeiro. Edições de 1850 a 1894, nas coleções da Biblioteca Nacional e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro.

Almanaques do Exército, 1881 a 1892. Arquivo Histórico do Exército, Ministério do Exército. Rio de Janeiro.

Arquivo Nacional, Ministério da Justiça. Rio de Janeiro.

Aulete, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 4ª ed., 5 vols. Rio: Ed. Delta, 1958.

Barata, Carlos Eduardo de Almeida & Antônio Henrique da Cunha Bueno. *Dicionário das Famílias Brasileiras*, 2 vols. São Paulo: 1999.

Brotero, Frederico de Barros. *A Vida do Dr. João Dabney de Avelar Brotero*. São Paulo: 1945.

Bueno, Eduardo. *A Viagem do Descobrimento*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 1998.

Bueno, Eduardo. *Capitães do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 1999.

Bueno, Eduardo. *Náufragos, Traficantes e Degredados*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 1998.

Bueno, Eduardo. *O Descobrimento das Índias*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 1998.

Caldeira, Jorge, *Mauá. Empresário do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Carrazzoni, Maria Elisa. *Guia dos Bens Tombados*. Rio: Expressão e Cultura, 1980.

Carvalho, Delgado de. *História da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio: Mendonça, Machado & Cia., 1926.

Cavalcanti, J. Cruvello. *Nova Numeração dos Prédios da Cidade do Rio de Janeiro*. 2 vols. Rio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, s.d. (reprodução fac-similada da edição original de 1878).

Coaracy, Vivaldo. *Memórias da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio: Liv. José Olympio Ed., 1955.

Cruls, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*. 2 vols. Rio: Livraria José Olímpio Editora, 1965.

Dicionário de Geografia do Brasil. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976.

Dicionário de História do Brasil. São Paulo. Edições Melhoramentos, 1976.

Doria, Francisco Antonio. *Os Herdeiros do Poder*. Rio de Janeiro: Editora Revan Ltda, 1994.

Doria, Francisco Antonio. *Lendas, Mitos* in *Convergência*. Rio: Sette Letras, 1999.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 1957-60.

Faria, Alberto de. *Mauá*. Paulo Pongetti & Cia., 1926.

Fonseca, Gondin da. *Biografia do Jornalismo Carioca (1808-1908)*. Rio: Quaresma Ed., 1941.

Freire, Joaquim. *Fronteiros de Portugal (1383-1433) - de Aljubarrota a Ceuta*. Rio de Janeiro: Editora Alba Limitada, 1934.

Galvani, Walter. *Nau Capitânia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

Garcia, Denise Cássia. *Os Garcia "Frades"*. Belo Horizonte: 1990.

Gerson, Brasil. *História das Ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed (Nova Aguilar), 2000.

Lyra, Heitor. *História de Dom Pedro II*. 3 vols. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1977.

Nascentes, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2 vols. R. Janeiro: 1955.

Neeser, Hermann. *A Descendência de Horácio Fortunato Urpia* (Separata da Revista do Instituto Genealógico da Bahia). l946.

Neeser, Hermann. *Genealogia* (Separata do nº 9 da Revista Genealógica Brasileira). São Paulo: Est. Gráfico Cruzeiro do Sul, l994.

Niterói, 400 Anos. Niterói: Rossijór Propaganda Ltda., 1973.

Paez, Simão Ferreira. *As Famosas Armadas Portuguesas, 1496-1650*. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha, 1937.

Pinto, Alfredo Moreira. *Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil*. 3 vols. Rio: Imprensa Nacional, 1894.

Rheingantz, Carlos G. *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro (séculos XVI e XVII)*. 3 vols. Rio: Brasiliana, Colégio Brasileiro de Genealogia, 1965-1995.

Rio de Janeiro, Cidade e Estado. Rio: Michelin & Cie., 1990.

Sanada, Yuri & Vera. *Histórias e Lendas do Descobrimento*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1999.

Santos, F. A. Noronha. *Meios de Transporte no Rio de Janeiro*. 2 vols. Rio, 1934.

Santos, F. A. Noronha. *As Freguesias do Rio Antigo*. Rio: Edições "O Cruzeiro", 1965.

Sousa, Octávio Tarquínio de. *História dos Fundadores do Império do Brasil*, vols. II a IV: *A Vida de D. Pedro I*. Rio: Livraria José Olympio Editora, 1957.

Vainfas, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial.* Rio, Objetiva, 2000.

"Na alta roda", Revista VEJA, nº 1584 (10.02.1999). S. Paulo: Editora Abril.

Espanha e América Latina

Cortadellas, R. N. Y. *Los Descendientes de Cristobal Colon.* Havana: Sociedad Colombista Panamericana, 1952.

Javaloys, Joaquín. *El Origen Judío de las Monarquías Europeas.* Madri: Editorial EDAF, 2000.

Microsoft. *Atlas Mundial Encarta-1999.*

Microsoft. *Enciclopedia Encarta-1999.*

Real Academia Española. *Diccionario de la Lengua Española.* Madri: 1992.

França

Archives Nationales, Paris: Affaires Etrangères, Fonds des Consulats, Consulat à Horta, Fayal.

Bouillet, M.-N. *Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie*, 2 vols. Paris: Librairie Hachette & Cie, 1901.

Grand Larousse Encyclopédique. Paris: Librairie Larousse, 1968.

Henry, Gilles. *Retrouver ses ancêtres c'est facile.* Paris: Éditions Albin Michel, 1997.

Ministère des Affaires Etrangères, Direction des Archives et de la Documentation, Quai d'Orsay, Paris et *Centre des Archives Diplomatiques de Nantes (Loire): Archives rapatriées du Consulat de France à Lisbonne - Agences Consulaires des Açores, Ile du Fayal (1778-1903).*

Nouveau Petit Larousse. Paris: *Librairie Larousse*, 1968.

Les Guides Bleus - Portugal, Madère, Açores. Paris: Hachette,1978.

Switzer, Richard, ed. *Chateaubriand-Voyage en Amérique.* Paris: Librairie Marcel Didier, 1964.

Grã Bretanha

Bullar, Joseph and Henry. *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of Furnas.* 2 vols. London: John van Voorst, Paternoster Row, 1841.

Encyclopaedia Britannica (The New), 30 vols. Chicago: H. H. Benton, 1974.

Hodges, Lloyd G. *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832.* 2 vols. London: 1833.

Parker, Michael St John. *Britain's Kings & Queens.* Hants., UK: Pitkin Pictorials, s.d.

Portugal

À Descoberta de Portugal. Lisboa: Ed. Seleções do Reader's Digest, 1982.

Abrantes, Marquês de (Luís Gonzaga de Lancastre e Távora). *Pereiras Titulares e Titulares Pereiras.* Lisboa: Ed. da S. A. A., 1971.

Açores - Guide Touristique. Ponta Delgada (Açores): Publiçor, 1994.

Alverne, Frei Agostinho de Monte. *Crônicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores.* Ponta Delgada (S. Miguel): 1962.

Andrade, Fr. Jerônimo Emiliano de, tr. e ed. de August Mark Vaz. *Descrição Histórica da ilha Terceira,* 1845. Castro Valley, CA: 1990 (v. USA: August Mark Vaz, etc).

Archivo dos Açores, 10 vols. Ponta Delgada (S. Miguel): Typ. do Archivo dos Açores, 1888.

Armorial Lusitano - Genealogia e Heráldica, dir. do Dr. Afonso Eduardo Martins Zúquete e texto c/ colaboração de Antonio Machado de Faria. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1961.

Arquivo Distrital do Funchal (A.D.F.), Funchal, Madeira.

Arquivo Geral da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Arquivo Nacional / Torre do Tombo (A.N.T.T.), Lisboa.

Azevedo, Luis de Bivar-Weinholtz de. *Menezes - Notas Históricas e Genealógicas.* Lisboa: Factos e Temas, 1999.

Azevedo, Luis de Bivar-Weinholtz de. *História e Genealogia dos Mendoça Furtado, Alcaides – Mores de Mourão (1476-1674).* Lisboa: ed. do autor, 2001.

Barreira, César Gabriel. *Um Olhar sobre a Cidade da Horta.* Horta: Núcleo Cultural da Horta, 1995.

Biblioteca Pública e Arquivo da Horta (B.P.A.H.). Faial, Açores.

Biblioteca Pública e Arquivo de Angra do Heroísmo (B.P.A.A.H.). Terceira, Açores.

Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada (B.P.A.P.D.). São Miguel, Açores.

Boid, Captain. *Descrição dos Açores ou Ilhas Ocidentais,* tr. do original *A Description of the Azores or Western Islands,* London, 1885, por João H. Anglin in *Insulana* n° 5. Ponta Delgada (S. Miguel): 1949.

Brum, José Bettencourt. *Coisas da Nossa Terra - Crônicas.* Horta: Câmara Municipal, 1994.

Brunner, Edgar Hans. *Do Direito Heráldico - Ensaio de Direito Comparado* in *Armas e Troféus,* Separata do Tomo VI. Lisboa: Janeiro-Dezembro/1994.

Campos, E. de: v. Soares, Eduardo de Campos de Castro de Azevedo (Carcavellos): *Nobiliário da Ilha Terceira,* 3 vols. Porto: Livraria Fernando Machado, 1944.

Castilho, Visconde Júlio de. *As Ilhas Ocidentais.* Lisboa: 1886.

Chagas, Frei Diogo das. *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores.* Ponta Delgada (S. Miguel): Secretaria Regional da Educação e Cultura/Universidade dos Açores, 1989.

Clode, Engº Luís Peter. *Registro Genealógico de Famílias que Passaram à Madeira.* Funchal (Madeira): Tipografia Comercial, 1952.

Cordeiro S.J., Pe. Antonio. *Historia Insulana das Ilhas a Portugal Sujeitas no Oceano Ocidental.* Lisboa: Antonio Pedrozo Galvão, 1717.

Costa, Francisco Carreiro da. *Esboço Histórico dos Açores.* Pta. Delgada (S. Miguel): Instituto Universitário dos Açores, 1978.

Faria, Antônio Machado de. *Livro de Linhagens do século XVI.*

Faria, Antônio M. *O Uso dos Apelidos em Portugal.* Separata da revista Brotéria, vol. LII, fasc. 2, fev. 1951. Lisboa-Porto: Tipografia Porto Médico Ltda, 1951.

Figueiredo, Antero de. *Leonor Teles, Flor de Altura.* 1916.

Freire, Anselmo Braamcamp. *Brasões da Sala de Sintra*, 3 vols. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1996.

Gayo, Manoel José da Costa Felgueiras. *Nobiliário de Famílias de Portugal*, 12 vols. Barcelos: Carvalho de Bastos, 1989-90 (ed. fac-similada da 1ª ed, de Agostinho de Azevedo Meireles e Domingos de Araújo Afonso, 1938-41).

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Ed. Enciclopédia Ltda., 1935-87.

Hebbe, Jean Gustave. *Description des Iles des Açores.* Estocolmo, 1802 in *Archivo dos Açores*, X. Pta. Delgada (S. Miguel): Typ. do Archivo dos Açores, 1888.

João, Maria Isabel. *Os Açores no Século XIX — Economia, Sociedade e Movimentos Autonomistas.* Lisboa: Edições Cosmos, 1991.

Leite, José Guilherme Reis. *Política e Administração nos Açores de 1890 a 1910.*

Lello Universal, 4 vols. Porto: Lello & Irmão Editores, s. d.

Lima, Gervásio. *A Pátria Açoreana.* Angra do Heroísmo (Terceira): Tip. Edit. Açoreana, 1928.

Lima, Marcelino. *Anais do Município da Horta - História da Ilha do Faial.* Vila Nova de Famalicão: Oficinas Gráficas Minerva, 1943.

Lima, Marcelino. *Famílias Faialenses.* Horta: Tipografia "Minerva Insulana", 1922.

Macedo, Antônio Lourenço da Silveira. *História das Quatro Ilhas que formam o Distrito da Horta*, 3 vols. Reimpressão fac-similada da edição de 1871. Horta (Faial): Região Autônoma dos Açores, 1981.

Machado, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

Machado, José Pedro. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 3 vols. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

Martins, J. P. Oliveira. *História de Portugal*, 2 vols. Lisboa: Parceria Ant. Maria Pereira, 1913.

Mattoso, José. *A Nobreza Medieval Portuguesa - a família e o poder*. Lisboa: Ed. Estampa, 1981.

Mattoso, José. *Ricos-homens, Infanções e Cavaleiros*. Lisboa: Guimarães & Cia. Ed., 1982.

Monterey, Guido de. *Faial, Açores, Uma Ilha Encantada*. Porto: Tip. Sociedade de Papelaria Ltda., 1980.

Monterey, Guido de. *Ilha do Pico, Majestade dos Açores*. Porto: Tip. Sociedade de Papelaria Ltda., 1983.

Morais, Cristóvão Alão de. *Pedatura Lusitana*, 12 vols. Porto: Liv. Fernd° Machado, 1943-8.

Noronha, Henrique Henriques de. *Nobiliário Genealógico das Famílias que passaram a viver a esta Ilha da Madeira depois do seu descobrimento, que foi no ano de 1420*, 3 vols. São Paulo: Federação dos Institutos Genealógicos Latinos, 1948.

Núcleo Cultural da Horta. *O Faial e a Periferia Açoriana nos sécs. XV a XIX*. Horta: 1995.

Nye, Elisa W. *Diário de uma Viagem aos Açores no Veleiro Sylph em julho de 1847*. Tr. de João H. Anglin in *Insulana*, vols. 29-30. Ponta Delgada: 1973-1974.

Pereira, Fernando Jasmins e José Pereira da Costa. *Livros de Contas da Ilha da Madeira. 1504-1537, II - Registo da Produção de Açúcar*. Funchal: Ed. Brochado, 1989.

Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor. *Linhagens Medievais Portuguesas – Genealogías e Estratégias (1279-1325)*, 3 vols. Porto: Universidade Moderna, 1999.

Proença, Raul. *Guia de Portugal*. Reedição da Fundação Calouste Gulbenkian, coordenada por Sant'Anna Dionísio, V: *Trás-os-Montes e Alto Douro*. Porto: 1969

Rebelo, Ernesto. *Notas Açorianas*. Pta. Delgada (São Miguel), 1885 in *Arquivo dos Açores*, X. Pta. Delgada: 1992.

Ribeiro, Orlando. *A Ilha da Madeira até Meados do Século XX*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985.

Rosa, Pe. Júlio da. *Nossa Senhora das Angústias, Freguesia na Vila e Cidade da Horta, 1684-1984*. Horta: 1984.

Santarém, Visconde de. *Estudos de Cartographia Antiga*, 2 vols. Lisboa: 1919?

Santos, João Marinho dos. *Os Açores nos Sécs. XV e XVI*. Funchal: Direcção Regional dos Assuntos Culturais, s.d.

Saramago, José. *Viagem a Portugal*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Serpa, Antônio Ferreira de. *Os Flamengos na Ilha do Faial - A Família Utra (Hurtere)*. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1929.

Silva, Pe. Fernando Augusto da ... e Carlos Azevedo de Menezes. *Elucidário Madeirense*, 3 vols. Funchal: Tipografia «Esperança», 1921.

Soares, Eduardo de Campos de Castro de Azevedo ... (Carcavellos). *Nobiliário da Ilha Terceira*, 3 vols. Porto: Livraria Fernando Machado, 1944.

Vaz, Cônego Fernando de Meneses. *Famílias da Madeira e Porto Santo*. Madeira: Junta Geral do Distrito Autônomo do Funchal, 1964.

Zúquete, Dr. Afonso Eduardo Martins, dir. *Nobreza de Portugal e do Brasil*, 3 vols. Lisboa: Editorial Enciclopédia Ltda, 1960-1961.

Zúquete, Dr. Afonso Eduardo Martins e Antonio Machado de Faria (v. *Armorial Lusitano. Genealogia e Heráldica*. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1961).

Suíça

Historisher Verein Herisau und Umgebung (Associação Histórica de Herisau e Arredores, cantão de Appenzell, Suíça).

Musikschule Herisau, Gemeinde Herisau (Escola de Música da Comunidade de Herisau, cantão de Appenzell, Suíça).

USA

Dabney, Roxana Lewis. *Annals of the Dabney Family in Fayal, Part I. Compiled by ...*, 3 vols. Boston: Alfred Mudge & Son, s.d., 1902? ou 1898?.

Family History Library Catalog, The Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints, Salt Lake City, U.S.A.

Guill, James H. *A History of the Azores Islands*, 5° vol. Tulare (California), *Golden Shield Publications*, 1993.

Reilly, Bernard F. *The Kingdom of León-Castilla under Queen Urraca - 1109-1126.* Princeton (N. Jersey): Princeton University Press, 1982.

Vaz, August Mark. *Early History of the Island of Terceira from the Book by Fr. Jeronymo Emiliano d'Andrade-1845*. Tradução comentada do original do 2° volume da Topographia ou Descripção Physica, Politica, Civil, Ecclesiastica e Historica da Ilha Terceira dos Açores, de Frei Jeronymo Emiliano d'Andrade, 1845. Castro Valley, California (USA): 1990.

Resumos

PORTUGUÊS

Resumo

A evolução política, social, econômica e cultural dos vários reinos que no passado compuseram a Península Ibérica, emprestou características peculiares à sua realidade medieval, marcou os traços de sua gente e definiu permanentemente sua singularidade no âmbito europeu. Em relação a outros reinos da Europa, estas diferenças distinguem não somente Castela, sem dúvida o reino preponderante na Península, como também Portugal, que guarda com o reino castelhano inúmeros aspectos comuns, individualizadores de sua ação histórica.

Neste quadro adquire certamente interesse investigar a origem de uma linhagem castelhana com raízes transpirenaicas, a dos *Teles de Meneses*; seguir sua evolução num contexto histórico definido, que levou à sua transferência para Portugal; examinar suas alianças com outras famílias ibéricas e a forma como determinaram sua orientação social durante o fenômeno da Reconquista; verificar as condições em que embarcou na grande aventura marítima do século XV, quando alguns de seus representantes passaram aos arquipélagos portugueses da Madeira e dos Açores; e, finalmente, acompanhar os passos de um seu descendente, que se transferiu para o Brasil nos meados do século XIX e deu início a um novo ciclo familiar, marco de uma numerosa progênie ultramarina.

A obra se detém na narrativa do estabelecimento dos primeiros colonos flamengos e portugueses nas ilhas açoreanas, muitos deles oriundos de ramos secundários de famílias pertencentes à nobreza. A partir destes elementos, traça o perfil genealógico das principais personagens descritas e as entrelaça com as linhagens medievais peninsulares, das quais várias procediam. Aí emerge a figura de Sérgio Pereira Ribeiro que, oriundo de uma família da ilha Terceira, mercê de dotes especiais de inteligência, vontade e determinação, encontrou no Faial o cenário propício à sua afirmação econômica, entre os séculos XVIII e XIX. Mediante oportunas articulações, ele viu sua família retomar a preeminência social a que se considerava qualificada e um dos instrumentos desta afirmação foi o cargo que deteve, por mais de quarenta anos, de Vice-Cônsul da França no Faial. Com ele teve início uma dinastia de cônsules franceses, que abrangeu quatro gerações da mesma família.

Tendo assumido suas funções nas vésperas da Revolução Francesa, a obra recupera parte importante da correspondência de Sérgio Pereira Ribeiro e seus descendentes, trocada com os titulares do Consulado-Geral da França em Lisboa (entre os quais Fernando de Lesseps, o construtor do canal de Suez), correspondência esta conservada nos Arquivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Francesa, seção dos Arquivos Diplomáticos de Nantes (departamento do Loire). O exame das cartas e documentos consulares, numa época agitada da História européia e que atravessa as guerras napoleônicas, é de interesse para o estudo do comportamento de Paris para com seus agentes consulares nas ilhas portuguesas e a forma como sua atuação se mostrou

significativa para a manutenção do comércio francês com as Américas. Ressalta, nesse contexto, o papel exercido pelo Faial como centro de reabastecimento e suprimento de víveres e materiais para as embarcações francesas que trafegavam nesta rota.

Guilherme Ribeiro foi filho e sucessor de Sérgio Pereira Ribeiro, como titular do Vice-Consulado da França no Faial. O final da gestão de seu pai coincidiu com a Revolução Liberal portuguesa e a luta pela queda do Absolutismo em Portugal. Ainda com base na correspondência consular e em relatos contemporâneos, a obra se reporta à ação de Guilherme Ribeiro como ativista liberal, os anos difíceis em que permaneceu prisioneiro no governo de D. Miguel e o apoio de Sérgio Pereira Ribeiro a D. Pedro, duque de Bragança, ex-imperador do Brasil e rei de Portugal, em sua campanha pela restauração da filha, D. Maria da Glória, no trono português.

Com a vitória liberal e o fim da instabilidade européia, os Açores pareceram ingressar numa fase de tranqüilidade mas o ataque de pragas aos vinhedos e laranjais das ilhas, responsáveis pela prosperidade de muitos proprietários, inclusive da família de Sérgio Pereira Ribeiro, mergulhou o arquipélago em nova crise econômica e social, que levou um de seus netos, Guilherme Telles Ribeiro, a emigrar para o Brasil. Procedente, pelo lado materno, da notável estirpe dos *Teles de Meneses*, no Novo Continente ele se casou com uma prima distante, também ela pertencente ao tronco dos *Teles de Meneses* e herdeira de uma grande família de proprietários no Rio de Janeiro, com quem teve oito filhos.

De uma segunda união, com a alemã Frederica Huder, teve Guilherme Telles Ribeiro treze filhos. A obra perpassa o ambiente sócio-econômico da Vestefália dos meados do século XIX, terra natal desta sua segunda esposa, e narra as condições de sua transferência e enraizamento no Brasil.

A partir de dados biográficos de Guilherme Telles Ribeiro e de cada um dos filhos de ambos seus casamentos, o livro traça o perfil dele e de sua descendência, mediante a observação do ambiente cultural em que nasceram e se criaram cerca de seis gerações, e o que transmitiram como legado de sua formação e experiência, conquista e manutenção de um lugar na sociedade.

O confronto subjacente entre ascendência e descendência se faz de molde a permitir uma possível relação entre elementos sociológicos que presidiram à evolução destas inúmeras gerações, as quais a obra faz desfilar para o leitor ao longo de mais de mil anos de Genealogia e História.

ESPAÑOL

Resumen

La evolución política, social, económica y cultural de los varios reinos que en el pasado integraron la Península Ibérica, prestó características a su realidad medieval, marcó los rasgos de su gente y definió permanentemente su singularidad en el ámbito europeo. Con relación a otros reinos de Europa, esas diferencias distinguen no solamente a Castilla, sin duda el reino preponderante en la Península, sino también a Portugal, que mantiene com el reino castellano aspectos comunes, individualizadores de su acción histórica.

Siendo así, de hecho será de interés investigar el origen de un linaje castellano con raíces transpirenaicas, el de los Telles de Meneses; seguir su evolución en contexto histórico definido, lo que llevó a su posterior traslado a Portugal; examinar sus alianzas con otras familias ibéricas y la forma como determinaron su orientación social durante el fenómeno de la Reconquista; verificar las condiciones de cómo se embarcó en la grandiosa aventura marítima del siglo XV, cuando algunos de sus representantes pasaron a los archipiélagos portugueses, Madera y Azores; y por último, acompañar los pasos a un descendiente, que se trasladó a Brasil a mediados del siglo XIX y dio inicio a un nuevo ciclo familiar, correlacionado a numerosa progenie ultramarina.

La obra se detiene en la narrativa del establecimiento de los primeros colonos flamencos y portugueses en las islas Azores, algunos de ellos oriundos de ramas secundarias de familias pertenecientes a la nobleza. Partiendo de estos elementos, se traza el corte genealógico de los principales personajes descritos y se les entrelaza con los linajes medievales peninsulares, de los cuales varios procedían. Ahí surge la figura de Sergio Pereira Ribeiro que, originario de una familia de la Isla Tercera y dotado de particular inteligencia, voluntad y determinación, encontró en Faial el escenario propicio para su afirmación económica, entre los siglos XVIII y XIX. Mediante oportunas articulaciones, él logró retomar para su familia la preeminencia social a la que se consideraba calificada. Uno de los instrumentos de esta afirmación fue el cargo que desempeñó por más de cuarenta anos, de Vicecónsul de Francia en Faial, convirtiéndole en el precursor de una dinastía de cónsules franceses, que abarcó cuatro generaciones de su familia.

El hecho de que Sergio Pereira Ribeiro asumiera sus funciones en vísperas de la Revolución Francesa ha permitido que se rescatara y se compilara en esta obra parte importante de su correspondencia, y la de los suyos, intercambiada con los titulares del Consulado General de Francia en Lisboa (entre ellos Fernando de Lesseps, responsable por el canal de Suez), la misma que ahora se encuentra conservada en la sección de los Archivos Diplomáticos de Nantes (Departamento del Loira), órgano del Ministerio de Negocios Extranjeros de la Republica Francesa. El examen de tales cartas y documentos consulares, de aquella perturbada coyuntura de la Historia europea y que atraviesa las guerras napoleónicas, trasciende informaciones de gran interés para el estudio del comportamiento de Paris con respecto a sus agentes consulares en las islas portuguesas, y de igual manera ilustra lo significativo que fue su actuación en el sentido de mantener y hacer prosperar el comercio francés con las Américas. Así se resalta el rol de Faial como centro de suministro de provisiones y materiales para los barcos franceses que cruzaban el Atlántico.

Guillermo Ribeiro fue hijo y sucesor de Sergio Pereira Ribeiro, como titular del Viceconsulado de Francia en Faial. La conclusión de la gestión de su padre coincidió con la Revolución Liberal portuguesa y la lucha por el fin del absolutismo en Portugal. Aun basado en la correspondencia consular y en relatos contemporáneos, la obra se refiere a la acción de Guillermo Ribeiro como activista liberal, en los años difíciles que permaneció prisionero durante el gobierno de D. Miguel, y al soporte de Sergio Pereira Ribeiro a D. Pedro, Duque de Braganza, ex-emperador del Brasil y rey de Portugal, en su campaña por la restauración de su hija, D. Maria, en el trono portugués.

Después de la victoria liberal y terminada la inestabilidad europea, parecía que las Azores hubieran ingresado en una fase de tranquilidad. Sin embargo, el ataque de plagas a las viñas y plantaciones de naranja de las islas, responsables por la prosperidad de muchos propietarios, incluso de la familia de Sergio Pereira Ribeiro, sumergió el archipiélago en nueva crisis económica y social, que llevó a uno de sus nietos, Guillermo Telles Ribeiro, a emigrar al Brasil. Proveniente, por parte materna, de la notable estirpe de los Telles de Meneses, en el Nuevo Continente se casó con una prima lejana, también perteneciente al tronco de los Telles de Meneses y heredera de una gran familia de propietarios en Río de Janeiro, con quien tuvo ocho hijos.

De una segunda unión, con la alemana Federica Huder, tuvo Guillermo Telles Ribeiro trece hijos. La obra relata el ambiente socio-económico de la Westfalia a mediados del siglo XIX, de donde proviene su segunda esposa, y narra las condiciones de su arribo y arraigo en Brasil.

Partiendo de los datos biográficos de Guillermo Telles Ribeiro y cada uno de sus hijos, resultantes de ambos enlaces, la obra traza su perfil y el de su descendencia, mediante la descripción del ambiente cultural donde nacieron y crecieron alrededor de seis generaciones, además de lo que transmitieron como legado de su formación y experiencia, conquista y mantenimiento de un puesto en la sociedad.

La confrontación implícita entre ascendencia y descendencia se hace de tal manera que se permita una relación entre los elementos sociológicos presentes en la evolución de estas innumerables generaciones, las mismas que la obra desvela al lector a lo largo de más de mil años de Genealogía e Historia.

ENGLISH

Summary

The political, economic and cultural evolution of the kingdoms that in the past made up the Iberian Peninsula added several special characteristics to its medieval reality, marked the traits of its people and determined its singularity on the European scene. In relation to other European kingdoms, these differences single out not only Castile, undoubtedly the predominant kingdom in the Peninsula but also Portugal, which shares with the Castilian kingdom countless common aspects that distinguish their historical action.

Within this framework it is certainly of interest to trace the origin of a Castilian lineage with roots beyond the Pyrenees, that of the *Telles de Meneses*; to follow its development in a certain historical context, leading to its later transfer to Portugal; to inquire about its alliances with other Iberian families and how they determined its social conduct during the period of the Reconquista; to look into the conditions, of how it embarked on the maritime adventure of the 15th century, when some members moved to the Portuguese archipelagos of Madeira and Azores; and finally, to follow the steps of one descendant, who moved to Brazil in the mid 19th century and gave birth to a new family cycle, the landmark of a numerous overseas offspring.

The work tells the story of the first Flemish and Portuguese settlers on the Azores islands, many of them coming from impoverished branches of noble families. Based on this data it outlines the genealogical profile of the main characters and links them to the medieval lineages of the Peninsula, from which some of them derived. There emerges the personality of Sergio Pereira Ribeiro, born in a family originally coming from Terceira but which, thanks to his outstanding intelligence and determination, found in Faial the adequate scenario for its economic assertion, which took place between the 18th and 19th centuries. By means of skilful maneuvres he assisted his family in resuming the social pre-eminence to which it was entitled, and one of the instruments of this assertion was the charge of Vice-Consul of France in Faial, which he held for over forty years. Thus he initiated a dynasty of French consuls that kept that charge in his family for over four generations.

Having taken up his functions on the eve of the French Revolution, the work discloses an important portion of the correspondence that Sergio Pereira Ribeiro and his descendants exchanged with the heads of the Consulate General of France in Lisbon (among them Ferdinand de Lesseps, who opened the Suez Canal), now kept in the Diplomatic Archives in Nantes (department of Loire), a section of the Diplomatic Archives of the Ministry of Foreign Affairs of the French Republic. The scrutiny of these letters and consular documents, written during the uneasy times of the European History, throughout the Napoleonic wars, is of interest to the study of the attitude of Paris towards its consular agents on the Portuguese islands and the way their performance could be instrumental in sustaining French trade with the new American nations. The study heightens in this context the role of the island of Faial as a center for supplying provisions and equipment to the French ships sailing that route.

As a son of Sergio Pereira Ribeiro, Guilherme Ribeiro succeeded him as head of the French Vice-Consulate in Faial. The end of his father's term of office coincided with the Portuguese Liberal Revolution and the struggle to overturn Absolutism in Portugal. Always based on the consular correspondence and on contemporary accounts, the work recalls Guilherme Ribeiro's action as a Liberal activist, the hard years he spent as a prisoner under Dom Miguel's government and the support given by Sergio Pereira Ribeiro to Dom Pedro, Duke of Bragança, the former emperor of Brazil and king of Portugal, during his campaign to restore his daughter, Maria da Gloria, to the Portuguese throne.

With the Liberal victory and the end of the European turmoil, the Azores seemed to settle into quietness but a plague on the islands' vineyards and orange plantations, which had been responsible for the prosperity of many islanders, including the family of Sergio Pereira Ribeiro, plunged the archipelago into a new economic and social crisis. This led one of Sergio Pereira Ribeiro's grandsons, Guilherme Telles Ribeiro, to immigrate to Brazil.

Issued on his mother's side from the remarkable lineage of the *Teles de Meneses*, on the New Continent he married a distant cousin, also belonging to the *Teles de Meneses* race and herself a heiress to a great family of landlords in Rio de Janeiro. They had eight children.

From a second union with a German woman, Friederike Huder, Guilherme Telles Ribeiro had thirteen children. The work unveils the social and economic background of his second wife's homeland, Westphalia in the mid 19th century, and tells about the conditions presiding over her moving to and settling in Brazil.

Along with a concise biography of Guilherme Telles Ribeiro and of each of his children from both spouses, the work draws his profile and that of his descendents, passing through the cultural background of about six generations, including their birth and upbringing and what they left as a legacy of their human experience, the conquest and upkeep of their place in society.

The implicit confrontation between ancestry and descent arises in such a way as to evince the relationship between the sociological elements present in the evolution of these numerous generations, which the work unfolds to the reader throughout more than one thousand years of Genealogy and History.

FRANÇAIS

Resumé

L'évolution politique, sociale, économique et culturelle des divers royaumes qui dans le passé ont constitué la Péninsule Ibérique, a donné à celle-ci des caractéristiques particulières de sa réalité médiévale, a marqué les traits de ses peuples et a défini d'une façon permanente sa singularité dans le monde européen. Par rapport à d'autres royaumes en Europe, ces différences contribuent à distinguer non seulement la Castille, sans doute le royaume prépondérant de la Péninsule, mais aussi le Portugal, qui garde avec le royaume castillan d'innombrables aspects en commun, individualisant leur action dans l'Histoire.

Dans ce cadre on reconnaît certainement l'intérêt de rechercher l'origine d'une lignée castillane avec des racines trans-pyrénéennes, celle des *Teles de Meneses*; de suivre son évolution dans un contexte historique défini, qui l'a mené à se transférer plus tard au Portugal; d'examiner ses alliances avec d'autres familles ibériques et la façon dont celles-ci ont déterminé sa position sociale, pendant la Reconquista; de vérifier les conditions qui l'ont fait embarquer dans la grande aventure maritime du XVe siècle, quand quelques-uns de ses représentants sont passés aux archipels portugais de Madère et des Açores; et finalement, de suivre les pas d'un descendant qui s'est installé au Brésil dans la moitié du XIXe siècle et y a initié un nouveau cycle familial, repère d'une nouvelle progéniture de l'outre-mer.

L'œuvre met en relief l'établissement, aux îles des Açores, des premiers colons flamands et portugais, dont plusieurs provenaient de branches secondaires des familles de la noblesse. À partir de ces éléments, elle trace le profil généalogique des principaux personnages décrits et les relie aux lignées médiévales péninsulaires. Y émerge la figure de Sergio Pereira Ribeiro qui, issu d'une famille de l'île de Terceira, grâce aux ressources spéciales de son intelligence, sa volonté et sa détermination, a trouvé sur l'île de Faial une situation favorable à son affirmation économique, survenue entre les XVIIIe et XIXe siècles. Au moyen d'actions opportunes, il est parvenu à récupérer pour sa famille la position sociale à laquelle elle se jugeait située et l'un des instruments de cette affirmation a été la charge de Vice-Consul de France à Faial, qu'il a détenue pendant plus de quarante ans. Ainsi a-t-il démarré une dynastie de Consuls de France, qui a concerné quatre générations de sa famille.

Sergio Pereira Ribeiro ayant pris ses fonctions à la veille de la Révolution Française, l'œuvre met à jour une partie importante de sa correspondance et de celle de ses descendants, échangée avec les titulaires du Consulat-Général de France à Lisbonne (parmi lesquels Ferdinand de Lesseps, le constructeur du Canal de Suez), correspondance conservée aujourd'hui aux Archives du Ministère des Affaires Étrangères de la République Française, Section des Archives Diplomatiques de Nantes (département de la Loire). L'examen des lettres et documents consulaires, liés à une époque tourmentée de l'Histoire européenne, couvrant les guerres napoléoniennes, s'intéresse particulièrement à l'étude de l'attitude de Paris envers ses agents consulaires dans les îles portugaises, et comment leur comportement s'est montré important pour le maintien du commerce français avec l'Amérique. Il en découle le rôle exercé par Faial en tant que relais idéal, centre de ravitaillement et fournisseur de matériaux pour les bateaux français croisant en Atlantique.

Guillaume Ribeiro a été le fils et le successeur de Sergio Pereira Ribeiro comme titulaire du Vice-Consulat de France à Faial. La conclusion du mandat de son père a coïncidé avec la Révolution Libérale portugaise et la lutte pour mettre fin à l'Absolutisme au Portugal. Toujours basé sur la correspondance consulaire, ainsi que sur des récits contemporains, l'œuvre rappelle l'action de Guillaume Ribeiro comme activiste libéral, les années difficiles où il a été prisonnier sous le régime de Don Miguel et le soutien que Sergio Pereira Ribeiro a apporté à Don Pedro, Duc de Bragance, ex-empereur du Brésil et roi du Portugal, dans sa campagne en faveur de la restauration de sa fille, Maria da Gloria, sur le trône portugais.

Avec la victoire libérale et la fin de l'instabilité européenne, les Açores paraissaient entrer dans une époque de tranquillité. Une maladie a pourtant atteint ses vignobles et ses orangers, responsables de la prospérité de nombreux propriétaires, y compris la famille de Sergio Pereira Ribeiro, ce qui a plongé l'archipel dans une nouvelle crise économique et sociale. Cela a mené l'un de ses petit-fils, Guillaume Telles Ribeiro, à émigrer au Brésil. Provenant, du côté de sa mère, de la glorieuse lignée des *Teles de Meneses*, dans le Nouveau Continent il a épousé une cousine lointaine, elle aussi appartenant à la race des *Teles de Meneses* et héritière d'une grande famille de propriétaires à Rio de Janeiro. Avec elle il a eu huit enfants.

D'une deuxième union, avec l'allemande Frédérique Huder, Guillaume Telles Ribeiro a eu treize enfants. L'œuvre décrit l'ambiance socio-économique de la Westphalie de la moitié du XIXe siècle, la patrie de cette deuxième épouse, et raconte les conditions de son transfert et de son établissement au Brésil.

À partir des données biographiques de Guillaume Telles Ribeiro et de chacun de ses enfants, issus de ces deux mariages, l'œuvre trace son profil et celui de sa descendance, à travers la description de l'environnement culturel où sont nées et ont été élevées six générations. Elle relate aussi ce qu'elles ont transmis comme héritage de leur formation et expérience, et qui a contribué à la conquête et le maintien d'une position sociale.

La confrontation implicite entre l'ascendance et la descendance se fait de façon à établir une relation entre les éléments sociologiques présents dans l'évolution de ces innombrables générations, que l'œuvre déroule devant le lecteur tout au long de plus de mille ans de Généalogie et d'Histoire.

DEUTSCH

Zusammenfassung

Seit dem Mittelalter wurden die Königreiche der Iberischen Halbinsel durch politische, gesellschaftliche, wirtschaftliche und kulturelle Entwicklungen nachhaltig in ihrem Alltag, in der Kultur und Mentalität ihrer Bewohner und somit in ihrer Einzigartigkeit im europäischen Kontext geprägt. Nicht nur Kastilien – ohne Zweifel die wichtigste Macht auf der Halbinsel – unterscheidet sich in dieser Hinsicht von den anderen europäischen Königreichen, sondern auch Portugal, das mit ihm unzählige Eigenschaften teilte, die ihre Geschichte maßgeblich beeinflussen sollten.

In diesem Zusammenhang ist es sicherlich von besonderem Interesse, den Ursprüngen der kastilischen Familie *Teles de Meneses,* deren Wurzeln jenseits der Pyrenäen liegen, nachzugehen und ihre Entwicklung über einen bestimmten Zeitraum hinweg zu verfolgen. Welche Umstände führten zu ihrer Übersiedelung nach Portugal? Welche Verbindungen ging sie mit anderen Adelsgeschlechtern der Iberischen Halbinsel ein, und welche Einflüsse hatten diese auf die soziale Stellung der Familie zu Zeiten der *Reconquista*? Unter welchen Rahmenbedingungen siedelten einige Familienmitglieder im Zuge der großen Entdeckungsfahrten im 15. Jh. nach Madeira bzw. auf die Azoren über? Und schließlich gilt es, auf seinem Lebensweg einen der Nachfahren dieser Linie zu begleiten, der Mitte des 19. Jh. nach Brasilien übersiedelte und auf dem neuen Kontinent eine einflußreiche Familie gründete.

Das Werk beschreibt die Ankunft der ersten flämischen und portugiesischen Siedler auf den Azoren. Viele von ihnen entstammten Nebenlinien des Adels. Daraufhin werden die wichtigsten Vertreter auf ihre stammesgeschichtliche Herkunft und Verbindung zu ursprünglichen Adelsgeschlechtern der Iberischen Halbinsel bis zurück ins Mittelalter untersucht. Besonderes Augenmerk richtet sich im weiteren auf Sérgio Pereira Ribeiro, der aus einer auf der Insel *Terceira* (Azoren) ansässigen Familie stammte und um die Jahrhundertwende (18.-19. Jh.) dank seiner hohen Intelligenz, Willens- und Entschlußkraft auf der Nachbarinsel *Faial* ideale Bedingungen zu seinem wirtschaftlichen Aufstieg vorfand. Auf zahlreichen Wegen konnte seine Familie die gesellschaftliche Bedeutung erlangen, die ihr gebührte. So war Sérgio Pereira Ribeiro z.B. 40 Jahre lang Vize-Konsul von Frankreich auf *Faial* und begründete eine über vier Generationen währende Dynastie von französischen Konsuln, die alle aus der gleichen Familie stammten.

Das Werk nimmt große Teile des Briefwechsels wieder auf, der am Vorabend der französischen Revolution zwischen Sérgio Pereira Ribeiro bzw. seinen Nachkommen und Vertretern des französischen Generalkonsulats in Lissabon (u.a. Ferdinand von Lesseps, dem Erbauter des Suezkanals) geführt wurde. Diese Korrespondenz befindet sich in den Archiven des französischen Außenministeriums, Abteilung Diplomatische Archive in Nantes (*Département Loire*). Die nähere Untersuchung der Briefe und der konsularischen Dokumente aus einem bewegten, bis zu den Napoleonischen Kriegen währenden Abschnitt der europäischen Geschichte geben Aufschluß über das Verhalten der französischen Hauptstadt gegenüber ihren konsularischen Vertretern auf den

portugiesischen Inseln und deren bedeutende Rolle bei der Aufrechterhaltung des französischen Handels mit dem amerikanischen Kontinent. Dabei wird die wichtige Stellung *Faials* als Nachschub- und Versorgungsbasis (Lebensmittel und Bordmaterial) für die französischen Schiffe auf dem Weg nach Amerika hervorgehoben.

Als Sohn von Sérgio Pereira Ribeiro war Guilherme Ribeiro auch sein Nachfolger als Vize-Konsul Frankreichs auf *Faial*. Das Ende der Amtszeit seines Vaters fiel mit der liberalen Revolution und dem Kampf um die Abschaffung des Absolutismus in Portugal zusammen. Wiederum auf der Grundlage des konsularischen Briefwechsels sowie anderer Zeitzeugnisse setzt sich das Werk mit der Rolle Guilherme Ribeiros als aktiver Anhänger des Liberalismus sowie mit den schwierigen Jahren auseinander, die er als politischer Gefangener unter der Herrschaft von Dom Miguel verbrachte. Des weiteren wird näher darauf eingegangen, wie Sérgio Pereira Ribeiro Dom Pedro, Herzog von Bragança sowie ehemaliger Kaiser von Brasilien und König von Portugal, in dessen Bemühungen um den Thronanspruch seiner Tochter Dona Maria da Glória unterstützte.

Mit dem Sieg des Liberalismus in Portugal und der Stabilisierung der politischen Lage in Europa sprach alles für eine Beruhigung auf den Azoren. Es kam jedoch ganz anders: Die Weinstöcke und Orangenhaine der Insel, Grundlage für den Wohlstand vieler Familien, so auch von Sérgio Pereira Ribeiro, wurden von Plagen befallen, die das Archipel in eine neue wirtschaftliche und soziale Krise stürzten und u.a. dazu führten, daß der Enkel Pereira Ribeiros', Guilherme Telles Ribeiro, nach Brasilien auswanderte. Er stammte mütterlicherseits vom Adelsgeschlecht der *Teles de Meneses* ab und heiratete in seiner neuen Heimat eine entfernte Cousine, ebenfalls aus der Linie der *Teles de Meneses* und Erbin einer wohlhabenden Großgrundbesitzerfamilie aus Rio de Janeiro. Die beiden bekamen acht Kinder.

Aus einer zweiten Ehe mit der Deutschen Friederike Huder gingen weitere 13 Kinder hervor. In diesem Zusammenhang werden das sozio-ökonomische Umfeld in der westfälischen Heimat Friederike Huders' Mitte des 19. Jh. sowie die Umstände beschrieben, unter denen sie nach Brasilien übersiedelte und sich dort niederließ.

Ausgehend von den biographischen Eckdaten von Guilherme Telles Ribeiro sowie aller seiner 21 Kinder wird das Leben Guilhermes' und seiner Nachfahren über sechs Generationen hinweg in einem kulturellen Kontext beleuchtet. Ein weiterer Abschnitt des Werkes widmet sich dem geistigen und sozialen Vermächtnis der Familie, die sich über Generationen hinweg ihre hohe gesellschaftliche Stellung erarbeitet hat.

Das Werk berücksichtigt kontinuierlich sowohl die Herkunft als auch die Nachfahren der jeweils beschriebenen Person und versucht so herauszustellen, inwiefern die Entwicklung dieser unzähligen Generationen von gesellschaftlichen Aspekten beeinflußt wurde. Dem Leser wird ein geschichtliches und stammesgeschichtliches Panorama geboten, das sich über einen Zeitraum von mehr als 1000 Jahren erstreckt.

Índice Onomástico

A

A. Braamcamp Freire *ver Anselmo Braamcamp Freire*
A. de Morais, 159
A. E. M. Zúquete, 20, 45, 48, 58, 86, 127, 130, 142, 145, 152, 170, 177, 202, 220
A. Ferreira de Serpa, 75, 82, 149, 165
A. L. da Silveira Macedo, 26, 37, 43, 54, 58, 60, 61, 84, 85, 88
A. M. de Faria, 30, 127, 130, 142, 145, 152, 170
A. M. Pereira, 38
A. Moreira Pinto, 116
Abigail Isquierdo Ferreira (Bibi Ferreira), 277
Achilles de Oliveira Fernandes, 355
Acileia Domingues Roris, 348
Acileia Monteiro Domingues Roris, 348
Acyr Lourenço Nogueira, 338
Adalberto Ricardo dos Santos Filho, 283
Adalberto Ricardo dos Santos, 283
Adão Furtado de Mendonça, 145
Adelaide Rodier Maia, 351
Adelaide Theresa de Mattos Diogo, 302
Adelina Alves Pereira, 337
Adolpho Hermann Gutsch, 371
Adolpho José Conrado, 449
Adolpho Veloso Ribeiro da Silva, 372
Adriana Campos Conrado, 450
Adriana Cobra Moreira, 273
Adriana de Castro Ribeiro, 380
Adriana Hentzy Moraes, 364
Adriana Marinho, 451
Adriana Millions, 416
Adriana Murray Bento, 308
Adriana Pereira de Castro Campos, 403
Adriana Telles Ribeiro, 373
Adriane Gonçalves Murray, 292
Adriano Alberto Roldão, 387
Adriano de Carvalho Marçal, 376
Adriano de Mello Gonçalves, 336
Affonso da Rocha Machado, 338
Affonso Figueira Machado, 338
Afonso Anes da Costa Corte-Real, 169, 170
Afonso Anes, 138
Afonso de Albuquerque, 28
Afonso de La Cerda, 167, 168
Afonso de Molina, 172
Afonso Dias, 171
Afonso Dinis, 128
Afonso Fernandes de Novais, 145
Afonso Gonçalves de Antona, 150, 156
Afonso Henriques, 130, 134, 142, 148, 177
Afonso Hermiges de Baião, 142
Afonso I, "o Católico", 130, 177
Afonso I, de Aragão, 170, 171, 177
Afonso II, de Aragão, 171
Afonso III, "o Magno", rei das Astúrias, 171, 177
Afonso III, de Portugal, 128, 145, 157, 159
Afonso IV, de Portugal, 131
Afonso V, de Portugal, 20, 21, 130, 160, 165, 169, 182
Afonso V, rei de Leão, 177, 179
Afonso VI, rei de Leão e Castela, 130, 142, 155, 170, 177
Afonso VII, "o Bom", de Leão e Castela, 142, 170, 171
Afonso VIII, de Castela, 171, 179
Afonso IX, de Leão, 159
Afonso X, "o Sábio", de Castela, 167
Afonso XI, de Castela, 143
Afonso Lourenço de Carvalho, 157
Afonso Martins Alvernaz, 155
Afonso Martins Telo, 172, 179
Afonso Pepis, 171
Afonso Pires de Arganil, 159
Afonso Ribeiro, 133
Afonso Teles de Meneses, 171
Afonso Teles, "o Velho", 172
Afonso Teles, 172
Afonso, 1° duque de Bragança, 157, 159
Afonso, conde de Barcelos, 143
Afonso, conde de Noronha e Gijón, 143
Ágada da Trindade, 164, 165
Ágada de Melo, 79
Agenor Dias da Silva, 296
Agenor Gabriel Dias da Silva, 296
Agner Szigethy Neves de Souza, 311
Agostinho de Monte Alverne, 21, 155
Agostinho Pereira de Lacerda, 166, 168
Águeda Fernandes, 146
Aída Bojunga, 277
Aída Isquierdo, 277
Aida Maria de Arruda Pereira, 289
Aida Victoria Murray, 282, 316
Aidê Euler Pereira, 298
Aimérico VI, visconde de Narbona, 167
Aires Gomes da Silva, 3° senhor de Vagos, 179, 182
Aires, 59
Aladie Gheur Ricardo dos Santos, 283
Alaide Amparo Lagoa, 400

Alaíde Leão Volpini, 329
Alair Nazareth, 373
Alan do Nascimento Lohse, 390
Albarina de Mattos Guedes, 292
Alberade de Lorena, 171
Albert Ronald Murray, 322
Albert Wallace Murray, 322
Albertina de Andrade (Branquinha), 122, 429
Albertina Pinto de Oliveira Moraes Barros, 294
Alberto Carlos de Sá, 271
Alberto Corrêa, 312
Alberto de Oliveira Franco, 337
Alberto Labadessa, 300
Alberto Macchi, 332
Alberto Moraes Barros Filho, 295
Alberto Moraes Barros Neto, 296
Alberto Moraes Barros, 294
Alberto Santos Dumont, "o pai da aviação", 331
Alberto Senna, 439
Alberto Villares Danova Gomes, 331
Alcides Gonsalves da Rocha, 454
Alcides Marba Brito, 336
Alcyone Costa, 294
Alda Ribeiro da Silva, 371
Alda Ventura, 290
Aldonça Rodrigues de Castro, 159
Alessandra Cunha Machado, 347
Alexandre II, papa, 130
Alexandre Batista de Carvalho, 339
Alexandre Craveiro Roldão, 387
Alexandre Dondeo, 286
Alexandre Frota de Andrade (Alexandre Frota), 394
Alexandre Magarinos Souto, 446
Alexandre Murray Diniz Carneiro, 304
Alexandre Murray Pinto, 283
Alexandre Paulo Correa, 430
Alexandre Rangel Pestana Bueno Maia, 300
Alexandrina da Piedade Duarte, 451
Alexis, comte de Saint-Priest, 231
Alfeu Baccon, 335
Alfonso Perez de Guzmán, 168
Alfredo *ver príncipe Alfredo*
Alfredo Aleixo Fernandes, 122, 269
Alfredo Candido Pereira, 289
Alfredo de Souza, 397
Alfredo Fernandez Lopez, 277
Alfredo Martins Lage, 275, 276
Alfredo Max Weber, 389, 400
Alfredo Moreira Pinto, 116
Alfredo Urpia, 116
Alfredo Weber, 123
Alice Bastos Vasconcellos, 366
Alice Braga Telles Ribeiro, 363
Alice de Lacerda Bulcão, 253
Alice de Toledo, 440
Alice Simonsen Murray, 329
Alice Sintz Giuliani, 363
Alicia Fernandez, 385
Aline Borghoff Maia, 297
Aline Camarão Telles Biasotto, 412
Aline Costa Paes, 451
Alípio Rocha Cordeiro, 447
Alma Elise Karoline Lohse, 388
Almeida Garrett, 78
Almir Campos Gordilho, 301
Almira Cezar de Andrade, 402
Almira Martins da Silva, 386
almirante Hamelin, 242
Aluizio Lucena Araujo, 394
Alvaro da Costa Correia, 272
Alvaro da Rocha Machado, 346
Álvaro de Ataíde, 160
Alvaro de Magalhães, 322
Álvaro de Ornelas Saavedra, 135
Álvaro de Ornelas, 135
Álvaro de Sotomaior, 165
Alvaro Feijó Filho, 289
Álvaro Fernandes de Albornoz, 157
Alvaro Garcez do Nascimento Feijó, 289
Álvaro Gonçalves Pereira, 168
Alvaro Henrique Verocai, 287
Alvaro Leite Nunes, 277
Álvaro Martins de Melo, 135
Álvaro Martins Homem, 148
Álvaro Pais, bispo do Algarve, 132
Álvaro Pereira Sarmento, 29
Álvaro Pereira, 160
Álvaro Pires de Távora, senhor do Mogadouro, 165
Álvaro Rodrigues Carrascosa, 163
Álvaro Rodrigues, 144
Alvaro Telles Ribeiro Junior, 451
Alvaro Telles Ribeiro, 123, 451
Alvaro Timótheo Feijó, 289
Álvaro Vaz Peixoto Pereira, 157
Alzira Martins do Nascimento, 389
Amadeu VIII, duque de Sabóia, 151
Amália Borges de Barros, 356
Amanda Murray Bernardo da Silva, 307
Amanda Villa-Lobos Telles Ribeiro, 375
Amaro d'Utra Pereira, 133
Amaro Pereira de Lacerda, 89
Amaro Pereira, 133
Amelberga Martins da Rocha, 301
Amélia Correa Mendes, 294
Amélia Mendes do Lago Rodrigues, 297
Amelio Trivellato Junior, 390
Amelio Trivellato, 390
Amenayde Perret, 390

América Chaves, 449
América Jacob Craveiro Roldão, 387
Amiro Benedito da Silva Pinto, 388, 401
Amizuê Telles Ribeiro, 122, 269
Amyris Zapparolli Fernandez, 385
Ana Aguiar, 312
Ana Carla Marinho Telles Ribeiro, 451
Ana Carolina Fernandes, 397
Ana Carolina Macedo, 399
Ana Carolina Murray da Silva Costa, 309
Ana Carrascosa, 163
Ana Cecília Moraes Barros, 296
Ana Claudia Barroso de Souza, 397
Ana Claudia Oiticica Murray, 320
Ana Cristina Weber, 401
Ana Cristisna Pinto, 350
Ana de Cerqueira Leite Hexsel, 403
Ana de Paiva, 155
Ana Flavia Avelar Maia, 351
Ana Franco de Oliveira, 385
Ana Frutuoso de Medeiros, 292
Ana Guilhermina Baskerville Macchi, 334
Ana Joaquina Inácia da Cunha, 36, 191
Ana Josefa de Meneses Borges Corte-Real, 172
Ana Lúcia Telles Ribeiro, 437
Ana Luisa Machado Pinto, 350
Ana Luiza Costa Peret Antunes, 310
Ana Luiza Rocha Cordeiro, 447
Ana Luiza Volpini Gattegno, 329
Ana Maria Cobra Moreira, 273
Ana Maria Pirajá, 296
Ana Maria Teles Barreto de Meneses, 106
Ana Maria Weber, 391, 393
Ana Paola Ferreira, 396
Ana Paula Oliveira Weber, 385
Ana Paula Tavares de Souza, 438
Ana Paula, 396
Ana Pimentel, 160
Ana Rodrigues [de Freitas], 25, 28, 133
Ana Rosa do Couto Dias, 289
Ana Veronica Gomes, 395
Anacleto José Chavantes, 352
Anadir Sartori Baccon, 335
Anah Ribas Castello Branco, 410
Anamaria Damazio, 328
Anastácio de Andrade Lima, 451
André Borges da Rocha, 278
André Camarão Telles Ribeiro, 411
André Felipe Rudge Barbosa, 365
André Furtado de Mendonça, 79
André Guilherme Muniz de Oliveira Lima, 388
André Jean Marie Guieu, 410
André Kina, 365
André Luiz Monteiro, 388
André Murray, 298
André Ribeiro Cotrim, 412
André Silva, 308
André Telles Ribeiro, 356
André Vicente D'Aquino, 399
André Vilalobos da Silveira, 101
Andrea Frota Correia de Araujo, 396
Andrea Gonçalves Murray, 292
Andrea Isabella Dondreau Forner, 273
Andrea Moreira da Costa, 328
Andrea Murray Carnasciali, 290
Andrea Norton Godoy, 424
Andrea Sartori Baccon, 335
Andréa Solferini Moraes Barros, 296
Andrea Telles Ribeiro, 356
Andrew Douglas Murray, 304
Aneclides Alves Ferreira, 389
Anélio Freire, 315
Angela da Rocha Seixas, 351
Angela Diaz Rodriguez, 277
Angela Frota Andrade, 395
Ângela Magarinos, 440
Angela Maria Duarte, 352
Angela Maria Santos Moreira, 446
Angélica da Ressurreição Ferrinha Lomas, 328
Angelo Dell'Arciprete Ferronato, 448
Anilce da Silva Aquino, 389, 400
Anizia Maria Serpa, 122, 269
Anna Beatriz Senna, 440
Anna Freire da Silva Braga, 311
Anna Gertrud Stücker, 264
Anna Joaquina de Sousa Meirelles, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 263, 264, 265, 279
Anna Jones, 338
Anna Luiza Murray, 279
Anna Maria Hirsbrunner, 383
Anna Maria Reelsen, 111, 264
Anna Moreira de Sousa Meirelles, 101, 104, 264
Anna Pereira de Seixas Correa, 332
Anna Rita de Mattos Lage, 272
Anna Telles Ribeiro, 107, 265
Anne Marie Studebaker, 374
Annunciata Quadrozzi, 366
Anny Odebrecht Gutsch, 371
Anselmo Braamcamp Freire, 134, 159, 165, 170, 172, 176, 180
Antão Gonçalves d'Ávila Betencurt, 160, 161
Antão Vaz Homem, 146
Antenor Simões Maia, 300
Antônia d'Utra, 163
Antônia de Menezes, 101, 104
Antônia Ferreira da Encarnação, 102
Antônia Ferreira Drummond, 150
Antônia Gonçalves, 156

Antonia Jesus Gonçalves, 291
Antonieta da Silva, 307
Antonio Alberto Souza Leão, 286
Antônio Augusto de Carvalho, 275
Antonio Augusto Felix de Souza, 273
Antonio Augusto Gonçalves, 291
Antonio Augusto Martins Lage, 272
Antônio Brum da Silveira, 156, 160
Antonio Bruno, 451
Antonio Carlos Costa Franco, 337
Antonio Carlos da Silva Braga, 311
Antonio Carlos de Andrade Lage, 276
Antonio Carlos de Andrade, 394
Antonio Cassimiro Bizerra Filho, 313
Antonio Cassimiro Bizerra, 313
Antonio Cordeiro, 25, 29, 31, 79, 125, 136, 150
Antonio Costa, 294
Antônio d'Utra Machado, 151
Antônio d'Utra Nunes, 147
Antonio da Costa Andrade, 429
Antônio da Cunha e Silveira, 94
Antônio da Silva Prado, barão de Iguape, 276
Antonio da Silva, 413
Antônio da Silveira Gularte, 136
Antonio da Veiga Pessoa, 316
Antônio de Ataíde, 1° conde da Castanheira, 160
Antônio de Brum, "o Velho", 156
Antônio de Frágoa, 144
Antônio de Labat, 29
Antônio de Lacerda Pereira, 27, 28, 34
Antônio de Magalhães, 322
Antônio de Mendonça, 207
Antônio de Moura e Silva, 271
Antônio de Oliveira Pereira, 49, 98
Antonio de Salles Guerra Lage, 275
Antônio de Simas Telles, 74, 137, 152, 153, 172
Antônio de Sousa e Silva, 77, 79, 81
Antônio de Utra, 150
Antônio Dias de Simas, 73, 153
Antonio do Lago Rodrigues Rocha, 294
Antonio Duarte, 313
Antonio Eduardo Martins Lage, 276
Antonio Felipe Duarte, 352
Antonio Francis Murray, 298
Antônio Francisco Taveira, 61
Antônio Garcia da Rosa, 86, 201
Antonio Gil Loureiro, 291
Antonio Gomes Conceição, 391
Antonio Guilherme Telles Ribeiro (Tonico), 123, 402, 414
Antonio Hermírio de Moraes, 414
Antonio Hostin Samy, 283
Antônio Isidoro de Morais Âncora, 47, 48, 49
Antonio João D'Oliveira, 103
Antonio Joaquim Nogueira da Gama, 316
Antonio Jorge da Rocha Machado, 346
Antonio José D'Araujo Pessoa, 316
Antônio José de Ávila, 85, 201, 242, 243, 244
Antônio José de Castro, barão de Benfica, 440
Antonio José Sarubi, 332
Antônio Machado d'Utra Telles, 74, 155
Antônio Martins Lage Filho, 271
Antonio Martins Lage, 271, 272
Antônio Moniz Barreto, 184
Antonio Paulo Corrêa, 430
Antonio Pereira Lyra, 275
Antonio Pereira Sobrinho, 351
Antônio Ramos, 207, 208
Antonio Roberto Nascimento de Oliveira, 289
Antonio Rodrigues de Almeida, 393
Antônio Teles Barreto de Meneses, 102, 105, 106
Antonio Teles de Meneses, conde de Vila Pouca de Aguiar, 104
Antônio Teles Peixoto Gutierrez Palhinha, 207, 208, 209
Antônio Telles d'Utra Machado, 75, 76, 167
Antonio Torres, 312
Antonio Vieira de Simas, 194
Antonio Zantut, 332
Antônio, prior do Crato, 73, 76, 168
Aparecida Antonia de Paula, 449
Apolinária Cirila de Oliveira Lima, 387
Apolônia de Paiva, 155
Apolônia Machado Valadão, 149, 155
Aprigio Anthero da Costa Andrade, 429
Aprigio Pinto Filho, 348
Aprigio Pinto, 348
Araci Schiesari, 334
Ari Martins da Silva, 386
Ariane Camarão Telles Ribeiro, 410
Ariel Cordeiro de Moraes, 447
Aristides Pereira de Faria, 348
Arlete Freitas Gomes, 334
Arlete Maurelli Costa, 308
Arlindo de Souza Gomes, 277
Armanda Gomes Loureiro, 291
Armando Andrea Viggiano, 424
Armando Bernardo da Silva, 307
Armando de Oliveira Fernandes, 355
Armando Jorge Casanova, 303
Armando Rodrigues Casanova, 303
Armando Telles Ribeiro, 448
Armando Vieira, 289
Arnaldo Aloysio Telles Ribeiro, 356
Arnaldo de Barros Barreto, 275
Arsenio Pinto, 282
Arthur Corrêa Mendes Gonçalves, 294
Arthur de Sá, 271

Arthur Nogueira de Freitas, 300
Arthur Spann, 265
Arthur William Millions, 123, 417
Artur de Toledo, 440
Artur Vaz Osório da Nóbrega, 157
Ary da Silva, 310
Ary Falcão Macedo Filho, 400
Ary Falcão Macedo, 399
Ary Negrão Barone, 411
Ary William Murray, 315
Arycléa Telles Ribeiro (Cleíta), 122, 449
Auda Martel, 176
Augusta dos Reis Pinto, 348
Augusta Victoria Pellon Santos Moreira, 446
Augusto Alvares de Azevedo, 271, 315
Augusto Cesar Diogo, 302
Augusto Cesar Valporto de Sá, 398
Augusto de Lima Perret, 390
Augusto Hamann Rademaker Grunewald, 358, 361
Augusto Roubaud, 416
Aurélia Luísa Clara Ribeiro, 28, 34
Aurélio Borges de Barros, 356
Aurora Mônaco Mônaco, 411
Auzenda Anes Guimarães, 157
Auzenda de Frágoa (ou Izenda de Frágoa), 144
Ava de Ribagorza, 176
Avelino de Souza, 373
Ayres Cunha de Andrade, 276
Ayrton da Silva Pereira, 380
Ayrton Telles Ribeiro, 122, 429

B

B. Gerson, 104, 106, 118
Balbina Gonçalves, 334
Balbina Machado Hexsel, 403
Baltazar Pimentel Homem, 146
Baptista da Silva, 52
barão da Taquara, 106
barão de Alagoa, 52
barão de Benfica, 440
barão de Cotegipe, 272
barão de Iguape, 276
barão de Mauá, 91
barão de Santana, Rodrigo, 252, 253
barão de Vila Bela, 440
Bárbara da Silveira, 156
Bárbara da Trindade, 80
Bárbara de Ávila, 136, 141
Bárbara Gomes Teixeira, 161
Barbara Julia Sperle Chinchilla, 315
Bárbara Luís, 133
Barnabé Quadrozzi, 366
Bartolomeu dUtra, 73
Bartolomeu Gaspar de Milão, 165
Bartolomeu George, 136
Bartolomeu Gil, 136
Bartolomeu Luís Fialho, 133
Bartolomeu Luís Pereira, 133
Bastião Dias, 27
Beatriz de Goes, 183
Beatriz de Macedo, 20
Beatriz de Melo, 135, 159
Beatriz de Meneses, 179, 182
Beatriz de Oliveira Fernandes, 355
Beatriz Evangelho, 156, 160
Beatriz Falcão Macedo, 399
Beatriz Gualberto Zobaran, 371
Beatriz Magarinos Souto, 446
Beatriz Mirabel, 143
Beatriz Novaes Telles Ribeiro, 356
Beatriz Pereira, 183
Beatriz Pimentel, 145
Beatriz Ramos de Araujo Mesquita, 381
Beatriz Saad Rebello, 274
Beatriz Vasconcelos, 334
Beatriz, irmã de Isabel de Castela, 21
Beatriz, senhora de Niebla, 143
Belarmina (tia Bela), 123, 269, 450
Benedicto Caeté Ferreira, 450
Benedicto Gonçalves Dutra, 376
Benedito Correia, 339
Benedito Gonçalves, 328
Benedito Moreira, 450
Benjamim Klajman, 393
Bento Martins da Rocha, 297
Bermudo I, "o Diácono", rei das Astúrias, 177
Bermudo II, rei de Leão e da Galiza, 176, 177
Bernard Dubois Kohën, 448
Bernard F. Reilly, 171, 177
Bernarda Luísa, 74
Bernardino José de Castro, 44
Bernardo Birman, 447
Bernardo Liu Sandt, 318
Bernardo Sergio Telles Ribeiro (Sergio), 110, 114, 119, 123, 270, 450
Bernardo Telles Ribeiro, 110, 114, 270
Bernardo Telles, 52, 200
Bernardo, marquês de Septimania, 176
Bernhard Huder, 111, 112, 264
Bernhardine Huder, 119
Bernhardine Theresia Vaupel, 111, 264
Berno Rawicz, 304
Bertha Kligerman, 298
Bertha Sampaio Vieira Bustorff Silva, 330
Bertrand de Risnel (ou Reynel), 171, 176, 177, 178
Bianca Delaorden, 122, 366, 417

Bianca Winograd, 382
Blima Golovaty Asnis, 391
Bonifácio Pereira Sarmento, 166
Boussin, 216
Branca de França, 167
Branca Eickhoff, 275, 276
Branca Maria Telles Ribeiro, 373
Branca Pinheiro, 157, 158, 159
Brás Pereira Sarmento, 82
Brásia da Câmara, 155
Brasil Gerson *ver B. Gerson*
Brendon Stratton Lallemant Lyra, 276
Breno Amendola de Mello, 336
Breno Dinarte Linhares da Costa, 428
brigadeiro Alpoim, 107
brigadeiro Palhares, 214, 217
Brígida Campos, 430
Brites (Beatriz) de Macedo, 20, 22, 28, 165
Brízida Mariana da Silveira, 136
Bruna Frota Correia de Araujo Rocha, 396
Bruna Renata Muniz Vieira, 387
Bruna Weber Hanania, 391
Bruno Alexandre Pinto Vilarino, 349
Bruno Anastácio Ferraz Guimarães, 439
Bruno Avelar Maia Seixas, 351
Bruno Curtis Weber, 399
Bruno de Castro Ribeiro, 380
Bruno Fernandes Frota Sarro, 397
Bruno Hentzy Telles Ribeiro, 364
Bruno Iovanni, 303
Bruno Kassetari, 336
Bruno Murray, 298
Bruno Murtinho de Moraes, 447
Bruno Pasceli Aprigio Seixas Pinto, 350
Bruno Rocha Murray, 309, 454
Bruno Saavedra dos Santos Ribas, 301
Bruno Telles Ribeiro, 448

C

C. A. de Meneses, 144
C. Aulete, 59, 90, 149
C. G. Barreira, 61, 89
Caio da Silva Prado Junior, 276
Caio da Silva Prado, 276
Caio de Oliveira Lima, 387
Caio Graco da Silva Prado, 276
Caio Moraes Valporto de Sá, 398
Callil João Saad, 274
Camila Borges da Rocha, 278
Camila de Araujo Murray, 322
Camila Dell'Arciprete, 448
Camila Klajman, 393
Camile Lagoa Weber, 400
Candida Carolina de Alvarenga Weber, 400
Candida Carolina Telles Ribeiro (Lina), 110, 118, 120, 123, 270, 383
Candida Daniela Muniz de Oliveira Lima, 387
Cândida Villa-Lobos Telles Ribeiro, 375
Cândido Aragão, 357, 358
Canrobert Pereira da Costa, 285
capitaine Deiglun, 213, 216
capitaine M. Romain Desfossés, 239
capitaine Martin, 213
capitaine P. Smith, 239
capitão Carmac, 215
capitão Ruas, 163
cardeal-rei D. Henrique, 73, 76, 168
Carina Lagoa Weber, 400
Carivaldo José Chavantes, 352
Carl Julius Aune, 382
Carla Dondeo, 287
Carla Lagoa Weber, 400
Carlos Adir De Lara, 364
Carlos Alberto Corrêa, 312
Carlos Alberto Costa, 295
Carlos Alberto de Moraes, 447
Carlos Alberto de Siqueira Menezes, 285
Carlos Alberto do Amaral, 289
Carlos Alberto Duarte Ramos, 395
Carlos Alberto Mendes Gregório, 410
Carlos Alberto Monteiro, 389
Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 413
Carlos Alexandre Cambraia de Souza, 303
Carlos Alves, 362
Carlos Antonio Spann, 265
Carlos Braconnot, 272
Carlos Eduardo Ribeiro de Moura, 413
Carlos Eduardo Senna, 439
Carlos Ferreira Serpa, 269
Carlos Frederico Valporto de Sá, 398
Carlos Guilherme Telles Ribeiro (Carlito), 108, 264, 265
Carlos Guilherme Valther Dielhl, 265
Carlos Jorge Rohr, 321
Carlos José Moreira Barbosa, 101, 103, 104, 107, 264
Carlos Lacerda, ex-governador, 101, 355
Carlos Magno, imperador, 171, 177, 178
Carlos Martins Lage, 277
Carlos Roberto Telles Ribeiro, 436
Carlos Soares de Andrade, 102
Carlos VI, rei de França, 161
Carlos XVI Gustavo, rei da Suécia, 440
Carlos Zobaran Filho, 371
Carlos, "o Temerário", 73
Carlos, rei de Portugal, 252
Carlota Jácome Rangel Pestana, 299
Carlota Telles Ribeiro, 101, 107, 265, 270, 279, 282

Carmelia Mafra Sperle, 314
Carmelita Machado Gorrese, 425
Carmem Iglesias Lago, 388
Carmem Richling, 293
Carmem Santos Oliveira, 393
Carmem Silvia Murray, 282
Carmem Simonsen Murray, 329
Carmem Vidal Murray, 302, 303
Carolina Bustorff Salcedo, 330
Carolina Camarão Cencin, 411
Carolina Coquet Ribeiro, 381
Carolina Costa Lima Figueiredo, 294
Carolina Curry da Câmara Cabral, 71, 92, 236
Carolina Dart, 99
Carolina Frota Sarro, 397
Carolina Godoy Carvalho, 424
Carolina Passos Telles Ribeiro, 382
Caroline Perry Cough, 99
Carreiro da Costa, 90
Cassimiro dos Santos, 402
Castelo Branco, ex-presidente, 361
Catarina (ou Francisca) da Costa, 146
Catarina Albernaz Furtado, 79
Catarina Antunes Vieira, 146
Catarina Bolim, 73, 153
Catarina Borges Abarca, 169, 170
Catarina Coelho de Melo, 154
Catarina d'Ávila Pereira, 160
Catarina da Silveira, 151
Catarina de Oliveira Vieira, 387
Catarina Dias Leonardes, 137
Catarina Guevara, 142
Catarina Gularte, 133
Catarina Josefa de Andrade, 102
Catarina Lopes, 169
Catarina Martins, 137
Catarina Pacheco Corte-Real, 183
Catarina Pereira, 136
Catarina Pimentel, 145, 146, 148
Catarina Rodrigues da Costa, 137
Catarina Valadão, 136, 137, 141, 154
cavaleiro de Boislecomte, 232, 233
Cazemiro Gauloski, 400
Cecilia Braconnot, 271
Cecília Corrêa, 312
Cecilia Corte Real Murray, 309
Cecília Haffers Simon, 411
Cecília Lage, 272
Cecília Maria de Oliveira Campos (Cila), 450
Cecília Martins Rocha, 301
Cecília Millions, 416
Cecilia Peixoto de Resende Carnasciali, 290
Cecilia Scliar da Costa, 451
Cecilia Vidal Vieira, 289
Cedric Edwin Murray, 304
Cedric Henry Murray Baskerville, 334
Celi Abreu de Faria, 348
Celia Abreu de Faria, 348
Celia Attias Correia, 272
Celia Leão Volpini, 329
Celia Moss Reis de Sá, 398
Celie Baccon Baskerville, 335
Celina Euler Pereira, 298
Celina Meloni Rosa, 330
Celina Simonsen, 308
Celio Volpini, 329
Celso Antonio Bravo Benavides, 386
Celso Fontainha de Araujo, 322
Celso Sandt Pessoa, 318
Chaim Samuel Hönig, 388
Charles Cardin Amé de Saint Didier, 37, 193
Charles Dabney, 49, 61
Charles Edward Murray, 320
Charles Henry Stratton III, 275
Charles I d'Albret, 161
Charles Robert Murray (neto), 321
Charles Robert Murray, 282, 302, 318, 321
Charles William Dabney, 64, 66
chevalier de Boislecomte, 232
Christian John Millions, 416
Christian Wallace Scott Murray, 293
Christiane Emilia Seixas Vilarino, 349
Cid Campeador (Rodrigo Dias de Bivar), 130
Cid Castro, 376
Cidmar Santos de Castro, 376
Cinthia Francieli Victória Pinto, 349
Cintia Telles Ribeiro, 448
Clara Corrêa da Rocha, 294
Clara Francisca Angélica Pereira Sarmento, 82
Clara Gil Fagundes, 150
Clara Hettwer Ribeiro, 120
Clara Leal, 103
Clara Luís, 136, 149
Clara Luísa Bernarda de Jesus, 34, 139, 141
Clara Murray, 298
Clara Tati Jácome, 297
Clara Wörmann, 119
Clarice Gauloski, 400
Clarice Pereira Ribeiro, 381
Clarice Rebello da Motta, 274
Clarinha, filha de D. Úrsula e prima de Maria Leonor, 86
Clarisse Murray, 301
Claude Regina Campos, 329
Claudemiro Leonel Cortes, 350
Claudia Barroso Machado, 346
Claudia Carneluti Gomes, 413
Claudia Lage Rebello, 274

Claudia M. L. Kannebley Battendière, 331
Claudia Murray Bento, 307, 308
Claudia Murray Sperle, 315
Claudia Raia *ver Maria Claudia Motta Raia*
Claudina da Rosa Muniz Pessoa, 386
Claudio Fernandes Bezerra, 425
Claudio Kier Citrim, 385
Claudio Manoel de Menezes Rebello, 273
Claudio Ribeiro, 64
Clea Martins, 338
Cleber de Menezes, 393
Cleber Inhassú de Almeida Gouveia, 304
Cleia Zaler DAvila, 391
Cleiber Conrado, 449
Cleiton Conrado, 450
Clemente Silva, 251, 252
Cleo Moraes Valporto de Sá, 398
Cleomar Gonçalves, 328
Cleonice Amendola, 336
Cleria Maria de Souza, 350
Clevenice Giovanetti, 295
Clio Salgado e Cesar de Oliveira, 317
Clodia Melo Lima, 365
Clodoaldo Cesar de Oliveira, 317
Clotilde Amélia Maciel Barbosa (vovó Coló), 429
Clotilde Bandeira Falcão, 410
Clotilde *ver princesa Clotilde*
Clóvis I, 176
Colin Freitas Broad, 316
comandante M. Lagé, 249
comendador Pinto da Fonseca, 106
conde D. Henrique, 130, 142
conde D. Pedro, 171
conde d'Eu, 86
conde d'Haussonville, 66
conde da Castanheira, 160
conde da Feira, 29
conde da Penha Firme, 65
conde de Álava e de Lara, 170, 176
conde de Atalaia, 135
conde de Barcelos, 128, 143
conde de Beaurepaire, 48, 199, 214, 217
conde de Bobadela, 107
conde de Cabreira e Ribeira, 130
conde de Caminha, 165
conde de Castela, 170, 176, 177
conde de Castela e de Burgos, 170
conde de Cumberland, 24
conde de Essex, 24
conde de Fezensac, 176
conde de Linhares, 202, 203
conde de Marialva, 29, 165
conde de Neiva, 76, 145, 172, 182
conde de Niebla, 143
conde de Noronha e Gijón, 128, 143
conde de Oeiras, 36
conde de Resende, 106
conde de Ribagorza e Pallars, 176
conde de Saint Priest, 231, 232
conde de Sebastião de Pinho, 282
conde de Trastâmara, 134
conde de Vila Flor, 45, 57, 98, 201
conde de Vila Pouca de Aguiar, 104
conde Hermenegildo, 177
condessa d'Haussonville, 66
condessa de Agen, 176
condessa de Caminha, 165
Conrado Augusto Hexsel, 403
Constança Alice de Castro Pillar, 301
Constança de Borgonha, 142, 143, 170, 177
Constança de Mendonça de Vasconcelos, 135
Constança de Noronha, 143
Constança Pires de Arganil, 159
Constança Vidal, 294, 302
Constantino Machado, 183
Constantino Meschersky, 71, 92, 236
Consuelo Montenegro Maia de Castro, 376
Consuelo Murray de Menezes, 286
Coraly Gomes Zaninotto, 273
Corina de Souza Sergio, 285
Corina Ribeiro, 282
Cornélio Moraes Neto, 364
Cornelius Dabney, 61
Crescência Velloso Linhares, 425
Cristiane Rocha Murray, 309, 454
Cristiano da Rocha Seixas Junior, 352
Cristiano da Rocha Seixas, 352
Cristiano Ferin, 153
Cristiano Magarinos de Souza Leão, 446
Cristiano Silva Telles Ribeiro, 364
Cristina Eugenia Telles Ribeiro, 365
Cristina Murray Garcez do Nascimento, 289
Cristóvão Borges da Costa, 154
Cristóvão Colombo, 21
Custódio da Silva Fontes, 352
Custódio José Barbosa, 103
Cynira Roubaud, 416
Cyro Antonio de Oliveira Germano, 328
Cyro Emigdio de Oliveira Germano, 328

D

D. Schwennicke, 143
Dabney, 63, 90, 99
Dabney, R. L, 100
Dabneys, 65, 66, 67, 71, 90, 94, 99, 115
Dagoberto Telles Ribeiro *ver Drago Telles Ribeiro*
Daichi Murray Mori, 308

Daisy Kassetari, 336
Daisy Marisa Zaninotto, 273
Daisy Simonsen Murray, 318
Dalton Cassins, 293
Damaso Moreira de Carvalho, 101, 104, 264
Damaso Moreira de Souza Meirelles, 101, 104, 107, 264
Damião de Góis, 160
Daniel Bustorff Silva, 330
Daniel Eldridge Stratton, 275
Daniel Ferreira Cruz, 301
Daniel Henrique Pinto Vilarino, 349
Daniel Hönig, 388
Daniel Lagos Telles Ribeiro, 411
Daniel Murray Andrade Chaves, 291
Daniel Murray Mendes, 313
Daniel Murray, 297
Daniela Suplicy, 331
Daniele Cunha Machado, 347
Daniele Murray Magdinier, 314
Danielle Cristina Seixas Cortes, 350
Dante Bruno DAquino, 400
Darcy Diógenes de Souza, 416
Darcy Neuser, 352
Darly Adão Nagy de Oliveira, 322
David Hönig, 388
David Machado do Couto, 314
David Masnata, 171, 177
Debora Murray Queiroz, 310
Deborah Murray de Oliveira, 303
Deborah Sandt Pessoa, 317
Décio Santos Bustamante, 357
Del Castilho, 283
Delicia Gattegno, 329
Délio Mululo, 381
Délio Rangel Pestana, 299
Deliria de Carvalho Couto, 314
Delourdes Theomar de Assumpção Liu, 318
Delza Zanon Soares, 454
Demerval Vieira, 387
Demivioso Correia Santos, 272
Demosthenes Gonzales Ferreira, 302
Denis Gregório de Melo Castro Mendonça, 75
Denis Rudge Barbosa, 364
Denise Borges de Barros, 356
Denise C. Garcia, 30
Denise Coquet, 381
Denise Cristina Seixas Cortes, 350
Denise Maria Murray da Luz, 314
Denise Maria Weber, 390
Denise Nogueira Rangel Pestana, 300
Denise Sergio Siqueira de Menezes, 285
Deolinda Ferraz Guimarães, 438
Deyverson Freire Murray, 315
Diamantino Pereira, 337
Diana Cleir Rawicz, 304
Diana Ferreira Cruz, 301
Diana Sandt Pessoa, 317
Diego Murray Bernardo da Silva, 307
Diego Rodriguez Porcelos , conde de Castela, 170
Diego Rodriguez, senhor de Castela, 170
Dilva Celina Hill de Moura, 274
Dilza Pacheco da Rocha, 396
Dilza Schwuab Silveira, 307
Dimas Siqueira de Menezes, 283, 285
Diná Cardoso, 277
Dinah Telles Ribeiro, 123, 375, 417
Dinis, rei de Portugal, 19, 43, 142, 157, 168, 172
Diniz, 207
Dinorah da Costa Franco, 337
Dioclecio Braga da Costa, 428
Diogo Afonso Alvernaz, 155
Diogo Afonso de Carvalho, 157, 159
Diogo Afonso, 171
Diogo Borges de Albernaz, 155
Diogo da Ponte Maciel, 149
Diogo das Chagas, 21, 24, 35, 137, 138, 141, 144, 150, 151, 160
Diogo de Labat, 27, 34
Diogo de Melo, 135
Diogo de Mesquita Pimentel, 146
Diogo de Teive, 150
Diogo Gomes da Silveira, 163
Diogo Gomes, 73, 151
Diogo Henriques, 143
Diogo José da Silveira, 48
Diogo Lobo Teles, 101, 102, 104, 105
Diogo Lopes Lobo I, "o Velho", 1° senhor de Alvito, 159
Diogo Lopes Lobo II, 3° senhor de Alvito, 159
Diogo Martins, 103
Diogo Mattos Ribeiro, 380
Diogo Moniz Barreto, 104
Diogo Moniz, 180
Diogo Pereira, "o Velho", 29
Diogo Pereira, comendador de Santiago, 180
Diogo Pimentel, 146
Diogo Telles Ribeiro, 448
Dionísio Pires Querido, 103
Dirce de Medeiros Lima, 287
Diva Cavallo, 303
Divaldo Cardoso Santos, 396
Dolores Reis, 416
Domingos Borges de Barros, visconde de Pedra Branca, 356
Domingos de Avelar, 52
Domingos de Freitas, 27
Domingos de Simas, 153

Domingos de Sousa e Silva, 79, 80
Domingos de Souza Leão, 2° barão de Vila Bela, 440
Domingos dos Reis Quita, 78
Domingos Ferreira Coelho, 137
Domingos George, 135
Domingos Guterres, padre, 51
Domingos Pereira Sarmento, 89
Domingos Pillar Ribas, 294, 301
Domingos Pires Barroso, 346
Domingos Rodrigues Ribas, 301
Domitília Sartorato Senna, 439
Dora Oliveira Pontes, 286
Doraci Freire da Silva, 315
Doracinda Homobono Santa Brígida, 286
Doralice Emília Cortes, 350
Dórdia (Dorotéia) Martins de Lisboa, 157
Doris Elisabeth Baskerville, 335
Dorotea Francisca da Silveira, 136
Doutor Monetarius, 22
Drago Telles Ribeiro, 12, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 270, 428, 429
Duarte Corrêa da Cunha, 135
Duarte Pires, 27
Duarte Teles Barreto, 75, 152, 153
Duarte, rei de Portugal, 20, 169
Dulce Gonçalves, 328
Dulce Moreira da Costa, 328
Dulce Murray de Moraes Barros, 294
Dulce Simonsen Murray, 329
Dulcelina Rudge Barbosa, 364
Dumoulin, 216
duque de Aveiro, 79
duque de Borgonha, 20, 23, 73
duque de Bragança, 21, 29, 58, 61, 84, 157, 159, 160
duque de Cantábria, 177, 178
duque de Clèves, 72
duque de Coimbra, 169
duque de Córdoba, 178
duque de Gasconha, 176
duque de Loulé, 243
duque de Sabóia, 151
duque de Viseu, 20, 21
duque Fruela de Cantábria, 177
duquesa de Borgonha, 20, 23, 73
Durval Santa Brígida, 286

E

E. Bueno, 43, 133, 158, 160
E. de Campos, 88, 135, 137, 143, 146, 149, 182, 207
E. Rebelo, 97, 98
Ecilda Bergmann Moraes, 398
Edelswitha Amorim Trindade, 381
Eder Tourinho Bittencourt, 381
Edgar Alves Rangel, 290
Edgar Caldas Barbosa, 364
Edgar de Sá, 271
Edgar H. Brunner, 128
Edgar Muniz Monteiro, 389
Edgard de Castro Barbosa, 372
Edgard Murray Cumplido, 315
Edgard Murray, 282
Edgard Telles Ribeiro, 372, 373
Edir Martins Murray, 314
Edith Maria Cassimira dos Santos, 123, 402, 414
Edith Resende Martins, 363
Ediza Falcão Malta, 410
Edméia Victória, 348
Edmond Brévil, 248, 249
Edmundo Antonio Victoria Filho, 348
Edmundo Augusto Costa Pinto, 349
Edmundo Hermógenes Pinto, 348
Edna Baskerville, 332
Edna Kraemer Saad, 274
Edna Martins Murray, 314
Edson Carlos Mora Chinchilla, 315
Edson Carlos Sperle Chinchilla, 315
Eduardo Antonio de Carvalho Cruz, 301
Eduardo Birman, 447
Eduardo Hofman, 292
Eduardo Laemmert Bulcão, 97, 253
Eduardo Lage Santos, 273
Eduardo Max Neves, 390
Eduardo Max Weber, 389, 400
Eduardo Moreira da Costa, 328
Eduardo Pirajá, 296
Eduardo Ribeiro de Moura, 413
Eduardo Rodrigues da Silva, 374
Eduardo Sandt Pessoa Filho, 317
Eduardo Sandt Pessoa, 317
Eduardo Veiga, 296
Edvan Lima Filho, 287
Edvan Lima, 287
Edward Hugh Philippi, 272
Edwin Douglas Murray (neto), 304
Edwin Douglas Murray, 282, 293, 302, 320
Edwin Murray, 304
Efigênia de Oliveira, 314
Egas Garcia da Fonseca, 145
Egas Henriques de Portocarreiro, 158
Egas Moniz Barreto, 183
Egas Moniz, 182
Egmar de Almeida Pacca, 373
Eleuterio Rodrigues Barbosa, 355
Eliana Norton de Murat Quintella, 425
Eliana Quintella de Linhares, 11, 13, 261, 262
Eliane Alvarenga de Palmer Paixão, 290
Eliane Camargo Coutinho, 381

Eliane Campomar do Nascimento, 333
Eliane Pontes de Siqueira Menezes, 286
Eliane Regina Nunes Lopes Martins, 382
Elias José dos Santos, 271
Elias Ronaldo Neves, 390
Elisa Camarão Telles Biasotto, 412
Elisa de Azevedo Dutra, 277
Elisa Maria de Jesus, 390
Elisa Maria Neves, 390
Elisa W. Nye, 62, 99
Elisabeth Flores da Cunha Murray, 322
Elisabeth Huder, 112
Elisabeth Krause Eickhoff, 275
Elisabeth Murray, 309
Elisete Alves Pereira, 337
Elizabeth Graham Baskerville, 332
Elizabeth Nardelli Ribeiro, 278
Elizabeth Pontes de Siqueira Menezes, 286
Elsie Scott Murray, 283
Elvira d'Amarante Cruz, 272
Elvira de Ávila, 161
Elvira Fernandes de Saavedra, 135
Elvira Garcês de Castela, 176
Elvira Iñiguez de Vega, 143
Elvira Martins, 148
Elvira Pereira de Siqueira Menezes, 283
Elvira Peres de Lara, 142, 170, 171, 178
Elvira Pires Botelho, 157
Elvira Sant'Anna, 308
Elvira Sierra, 163
Elvira, filha de Garcia I, de Castela, 177
Elvira, filha do conde Hermenegildo, 177
Elza Salgado e Cezar de Oliveira, 317
Emanuel Vasconcellos, 297
Emanuelle Murray Diniz Carneiro Gouveia, 304
Emerenciana Angélica Soares Serpa, 352
Emerson Neves, 390
Emilia Antunes Rabello, 388
Emilio Macedo, 399
Emílio Rangel Pestana, 299
Emily Baccon Baskerville, 335
Emmeline Dabney, 64, 65, 72
Eneas Fonseca Castello Branco, 410
Enoch da Rocha Lima, 365
Ercilha Emerita Murray Cumplido, 316
Eric Dias da Silva, 297
Eric Knut Waddington Aune, 383
Erica Elisabeth Julie Bartsch, 351
Erimá da Motta Couto, 363
Erlan de Souza Braga, 363
Ermengarde de Roucy, 171
Ermesinda Gatonez, 177
Ermesinda, filha de Pelágio das Astúrias, 177
Ernest Spann, 265
Ernest Wilhelm Spann, 107, 265
Ernestina Murray Garcez do Nascimento, 288, 289
Ernesto Paulo Cencin, 411
Ernesto Rebelo, 40, 44, 57, 59, 64, 65, 67, 97, 98
Ernesto Teixeira Weber Junior, 385
Ernesto Teixeira Weber Neto, 385
Ernesto Teixeira Weber, 385, 394
Escolástica Maria de Jesus Oliveira, 101, 102,103
Escolástica Maria de Oliveira Teles, 101, 102, 105, 106, 107, 264
Estácio d'Utra Machado, 73, 149, 151, 164
Estácio de Utra Machado, 151
Estácio Machado d'Utra Telles, 43, 48, 64, 75, 82, 83, 84, 149, 163, 195, 200
Estácio Machado d'Utra, 149, 152, 153, 155
Estácio Machado de Utra Teles, 75
Estácio Manoel de Sousa, 208
Estácio Manoel, 209
Estanislau Bassara, 293
Ester Attias, 272
Estevainha Pais de Valadares, 159
Estêvão da Gama, 153
Estêvão Gomes de Outiz [Pinheiro], 159
Estêvão Gomes de Outiz, 159
Estêvão Nunes Ribeiro, 139
Esther de Carvalho Victória, 348
Eubaldo Homobono Santa Brígida, 286
Euclides Curtis, 399
Eugenia Macedo Soares, 365
Eugênia Maria Philippi (Gene), 277
Eugênia Noemi de Sá [Azevedo], 271, 277, 321
Eugênio Augusto Pinheiro, 440
Eugênio Joaquim de Sá, 107, 270
Eugenio Martins Lage, 276
Eulalia da Costa Perret, 390
Eulicio Carvalho, 286
Eunice Barbosa Felix de Souza, 273
Eunice da Rocha, 278
Eunice de Souza Barros, 447
Eunice Sodré, 299
Euphrosina Antunes Rabello, 388
Euridina de Melo Lima, 365
Eusébio de Queiroz, 90
Eustáquio Antonio Tiengo, 380
Eustáquio Tiengo Junior, 380
Eutalia Cardoso dos Santos, 396
Evaldo Leonel Cortes, 350
Evangelina Camarão Telles Ribeiro, 411
Evangelina da Cruz Camarão (Lili), 123, 402
Evangelina de Castro, 376
Evelin Pontes, 286

Evelyn Moreira Conrado, 450
Evelyn Murray, 303
Ezesfiela Bassara, 293

F

F. A. da Silva, 144
F. A. Doria, 170
F. A. Noronha Santos, 92
F. Carreiro da Costa, 90
F. de Barros Brotero, 61
F. de Menezes Vaz, 23, 29, 128, 131, 132, 144
Fabiana Murray Torres Duarte, 313
Fabiana Ramos Telles Ribeiro, 382
Fabio Eduardo Pinto Weber, 389, 401
Fábio Lage Santos, 273
Fábio Lage, 273
Fabio Luciano Pinto, 350
Fabio Sandt Pessoa, 317
Fabricio Murray Sant'Anna, 308
família Longoni, 116
família Thoms, 121
Fanny Dabney, 64
Fanny Gorbreg Winograd, 382
Fanor Cumplido, 315
Faraildes Barros da Silva Pinto, 388
Faraildes da Silva Pinto, 389, 400
Faustino Fernandes de Oliveira, 304
Fausto Tavares Botelho, 413
Favila, duque de Cantábria, 178
Felicia, irmã de Ermengarde de Roucy, 171
Feliciana Maria de Távora, 104
Feliciana Maria Joaquina, 103, 104
Felipe Augusto Pinto Weber, 389, 401
Felipe Frota Waksman, 393
Felipe Galdeano Bueno Maia, 301
Felipe Kundzin Corrêa, 312
Felipe Quintella Bezerra, 425
Felipe Rebello Ottati, 274
Felipe Rudge Barbosa, 364
Felipe Seixas Certo, 350
Felipe Soares Barroso, 399
Felipe Telles Ribeiro, 373
Felisberto João Carneiro Gonçalves, 335
Félix V, antipapa, 151
Ferdinand de Lesseps, 39, 50, 57, 196, 198, 202, 203, 212, 219, 220, 221
Ferdinand-Alphonse Hamelin, 242
Fernanda Coelho da Rocha, 446
Fernanda Dilena Macchi, 333
Fernanda Frota Correia de Araujo, 396
Fernanda Giovanetti Costa, 295
Fernanda Golovaty Asnis Weber, 391
Fernanda Maria Machado Coelho Flores da Cunha, 321
Fernanda Millions Dutra, 376
Fernanda Murray Loureiro, 291
Fernanda Telles Ribeiro, 363
Fernanda Veiga Dias da Silva, 296
Fernando Afonso de Novais, 145
Fernando Aloysio Telles Ribeiro, 363
Fernando Alvarez Evangelho, 160
Fernando Coutinho, 180
Fernando Désiré Bounder de Melsbroeck, 95
Fernando Frota Correia de Araujo, 395
Fernando Geraldo Leopoldo Montedonio Rego, 448
Fernando Gomes Loureiro, 291
Fernando I, "o Magno", rei de Leão e Castela, 130, 177
Fernando II, 3º duque de Bragança, 160
Fernando III, "o Santo", rei de Leão e de Castela, 172
Fernando Jasmins Pereira, 143
Fernando José dos Santos, 295
Fernando Leite de Assis Fonseca, 339
Fernando Machado, 135
Fernando Murray Loureiro, 291
Fernando Pais, 135
Fernando Pereira da Rosa Pires, 34
Fernando Ribeiro de Moura Botelho, 413
Fernando Sandt Pessoa, 317
Fernando, 2º duque de Viseu, 20, 21
Fernando, infante de Castela, 167
Fernando I, rei de Portugal, 129, 143, 172
Fernão Albernoz de Mendonça, 155
Fernão Anes, 157
Fernão Carrilho de Albernaz, 155
Fernão II, de Aragão, "o rei Católico", 21
Fernão de Évora, 155
Fernão Furtado de Ávila, 142
Fernão Furtado de Mendonça, pai de Mundos (Mendo) Furtado de Mendonça, 143
Fernão Furtado de Mendonça, capitão, 89
Fernão Gonçalves Camelo, 159
Fernão Gonçalves de Moscoso, 159
Fernão Gonzalez, conde de Álava e de Lara, 170, 176
Fernão Lopes Lobo, 101, 183
Fernão Pereira, 165
Fernão Peres de Lara, 142, 168, 170
Fernão Pires Lobo, 159
Fernão Pires, 27
Fernão Vaz, 153
Filipa de Lencastre, 23, 115, 152
Filipa Henriques de Albergaria, 165
Filipa Pereira, 160
Filipa Vaz de Ávila, 160
Filipe II, "o Audaz", 151
Filipe II, de Espanha, 73, 76, 151, 168
Filipe II, de França, 169
Filipe III, "o Bom", 20, 23, 73
Filipe, cavaleiro e senhor de Béthencourt, 162

Filipe Furtado de Menconça, 80
Firmino Motta Dias, 289
Flávia Correia Araujo, 394
Flavia Danova Gomes, 331
Flávia Ferraz Guimarães, 439
Flávio Henrique de Sarmento Seixas, 348
Flora Vidal Murray, 303
Florinda Casanova, 304
Florinda Fernandes, 157
Floriselda Mora Chinchilla, 315
Floriza Carneiro Gonçalves, 335
Frances Alsop Pomeroy, 64
Francesco Delaorden, 366
Francisca Adelaide Guerra, 93, 97
Francisca Bulhões Leite Oiticica, 320
Francisca Cordélia de Sousa Sarmento de Lacerda, 82
Francisca da Silva de Meneses, 180
Francisca das Chagas, 103
Francisca de Sotomaior, 165
Francisca Duarte Sarro, 396
Francisca F. Loures, 293
Francisca Gaspar Machado, 145, 146, 147, 149, 164
Francisca Joaquina das Chagas e Oliveira, 101, 102
Francisca Joaquina de Oliveira Barbosa, 101, 264
Francisca Joaquina de Oliveira Brito, 101, 264
Francisca Maria da Conceição, 269
Francisca Meirelles Telles Ribeiro, 107, 265
Francisca Milan Torres, 312
Francisca Ribeiro, 86, 93, 94, 95, 248
Francisca Úrsula de Meneses Borges Corte-Real, 76, 169, 179
Francisca Xavier Borges da Câmara Arriaga, 191
Francisca, irmã do imperador Pedro II, 40, 66
Francisco Alves de Castro Rosa, 107
Francisco Angelo Pinto, 350
Francisco Barbosa Resende, 290
Francisco Barreto de Meneses, 104, 184
Francisco Carlos Simon, 411
Francisco Chã Bezerra, 425
Francisco Coutinho, 4° conde de Marialva, 165
Francisco d'Utra Machado, 89, 151
Francisco da Silva Ribeiro, 213, 216
Francisco de Betencurt, 161
Francisco de Bom-Dia (Buendia), 163
Francisco de Castro, 169
Francisco de Utra, 22
Francisco dos Santos Malta, 410
Francisco Duarte, 351
Francisco Fernandes, 184
Francisco Fernandez Gonçalves, 335
Francisco Furtado de Mendonça, 34, 89
Francisco Garcez do Nascimento, 288
Francisco Geraldo Frota, 385, 393
Francisco Gil, 163, 164
Francisco Giuliani, 363
Francisco Godinho, 102, 184
Francisco Gomes Pais, 30, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 164
Francisco José Martins Carvalho, 424
Francisco Pais de Mendonça, 136
Francisco Paulo Maia de Castro, 376
Francisco Pereira Cardoso, 75
Francisco Pereira da Rosa Pires, 30, 31, 139, 141
Francisco Pereira Ribeiro [Filho], 93, 97
Francisco Pereira Ribeiro Jr, 97
Francisco Pereira Ribeiro, 84, 86, 93, 95, 96, 231, 253
Francisco Pinto da Fonseca Teles, barão da Taquara, 106
Francisco Pinto da Fonseca, 106
Francisco Ribeiro, 71, 218
Francisco Teles Barreto de Meneses, 101, 102, 105, 106, 184, 264
Francisco Valadão Caldeira, 155
Francisco Vieira Rebello de Andrade, 330
François René de Chateaubriand, 40
Frank Murray, 309
Franklin Alkmin Bueno Maia, 300
Franz August Weber, 383
Frederica Huder Ribeiro, 11, 12, 21, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119
Frederica Telles Ribeiro (Rica), 110, 117, 120, 122, 269, 450
Frederico Guilherme Schulze, 425
Frederico Montedonio Rego, 448
Frederico Sperle, 314
Frederico Telles Ribeiro, 110, 269
Frei Pedro, 20
Fritz Weber, 123, 383
Fruela I, filho de Afonso I, "o Católico", 177
Furtado de Melo, 200

G

G. Cruls, 107, 118
Gabriel Borges Pessoa, 317
Gabriel de Bruges, 165
Gabriel de Sousa, 104
Gabriel Dondeo Lima, 287
Gabriel Iorio Murray, 310
Gabriel Murray da Silva, 308
Gabriel Novaes, 355
Gabriel Saad Rebello, 274
Gabriel Veiga Dias da Silva, 296
Gabriela Carine Muniz Goes, 386
Gabriela de Faria Seixas, 348
Gabriela Gonçalves Germano, 328
Gabriela Miranda Pinto, 282
Gabriela Weber, 385

Gabriella Kundzin Corrêa, 312
Galdino Rêgo Pessoa e Mello, 386
Garcia Álvares Pereira, 165
Garcia da Mata, Juiz de Fora, 51
Garcia Henriques, 142
Garcia I, conde de Castela, 176, 177
Garcia I, rei de Navarra, 177
Garcia Perez de Trava, 170
Garcia Sanchez, duque de Gasconha, 176
Garcia Sarmento, senhor de Vigo, 165
Gaspar Dias de Arce, 135
Gaspar Frutuoso, 73, 79, 144, 150, 155
Gaspar Garcia Pereira Sarmento, 28, 165, 166
Gaspar Gonçalves Bulcão, 163
Gaspar Gonçalves Machado da Ribeira Seca, 147, 150
Gaspar Rodrigues Evangelho, 160
Gatai, 401
general Prego, 220, 221
Genoveva Pepe, 451
George Dabney, 61
George Norton de Murat Quintella, 417
George Pires Chaves, 291
George Rose Sartorius, visconde da Piedade e conde da Penha Firme, 65
George Scott Murray, 293
Georges de Béthencourt, 161
Geralda Eugênia de Meira, 277
Geraldo Afonso de Resende, 142
Geraldo Biasotto Junior, 412
Geraldo Biasotto, 412
Geraldo Caetano Maia, 351
Geraldo de Souza, 303
Geraldo Magarinos de Souza Leão, 440
Geraldo Vital da Costa, 349
Gerhard Huder, 112
Germão Lopes Cabaço, 137
Gertrudes de Paula Corrêa, 309
Gervásio Lima, 57
Getúlio Felix de Lima, 451
Getúlio Vargas, 285, 288
Gil Anes Curvo (Gil da Borba), 150
Gilberto Ferreira Doneux, 334
Gilberto Mauricio de Rezende Carnasciali, 290
Gilda Garcia Pollo, 411
Gilda Lage, 275
Gilda Murray, 297
Gilda Philippi Borges, 278
Gilda Xavier Fernandes, 425
Gilmo Gomes Magdinier, 314
Giovana Maurelli Costa, 308
Giovanni Barbosa, 292
Giovanni Iovanni Junior, 303
Giovanni Iovanni, 303
Giovanni Seixas Botelho, 351
Giovanni Seixas, 351
Gisela Nogueira Rangel Pestana, 300
Gisella Neuser, 352
Giulia Assumpção Szigethy, 312
Giulia Dondeo Verocai, 287
Giuliano Amendola de Mello, 336
Glaci Kretrischmer, 292
Gladys Minna Baskerville, 337
Glaucy Murray da Luz, 314
Gloria Murray, 297
Gloria Regina Costa Correia, 339
Gloria Regina de Mattos Marinho, 380
Goda Salvadores, 170
Goethe, *ver Johann Wolfgang von Goethe*
Gomes Freire de Andrada, conde de Bobadela, 107
Gomes Gonçalves Peixoto, 157
Gomes Nunes de Outiz, 159
Gomes Pacheco de Lima, 154
Gomes Peixoto, "o Velho", 157
Gomes Viegas de Portocarreiro, 157
Gonçalo Anes [da Fonseca], 147
Gonçalo Anes da Ribeira Seca, 148
Gonçalo Anes Maciel, 149
Gonçalo da Silva, 180
Gonçalo Ferreira, 79
Gonçalo Garcia de Sousa, 128
Gonçalo Gomes Peixoto, 157
Gonçalo Gonçalves Peixoto, 157
Gonçalo Martins da Cunha Camelo, 159
Gonçalo Nunes Barreto, 179
Gonçalo Pereira Roxo, 165
Gonçalo Pereira, "o das Armas de Riba de Vizela", 165
Gonçalo Pereira, 165
Gonçalo Pires de Pereira, 145
Gonçalo Rodrigues da Palmeira, 134, 158
Gonçalo Rodrigues, 27, 93
Gonçalo Teles, conde de Neiva e senhor de Faria, 76, 145, 172, 182
Gonçalo Velho Cabral, 19
Gonzalo Fernandez , conde de Castela e de Burgos, 170
Gonzalo Nunes de Lara, 170
Govaert Luís (ou Guarte Luís), 132, 136
Grace Helen Murray, 309
Grace Lucy Simonsen Murray, 320
Grace Murray Pinto, 283
Grácia Fernandes, 183
Grácia Mendes, 169
Graciema Altamira Chaves Conrado, 449
Gracinda Tavares de Souza, 437
Graziela Sodré Rangel Pestana, 299
Gregório d'Utra Pereira, 89
Guarte Luís *ver Govaert Luís*

Guilherme Aloysio Telles Ribeiro (Willy), 122, 355
Guilherme Amando de Barros, 328
Guilherme Borghoff, 297
Guilherme Bustorff Cardim, 331
Guilherme da Silveira (Willem van der Haghen), 21, 23, 27, 35, 73, 132, 136, 151, 155, 156
Guilherme de Brum (Willem van Bruyn Kasmasch), 156
Guilherme de David-Toulouse, 176
Guilherme Galdeano Bueno Maia, 300
Guilherme Gauloski Falcão Macedo, 400
Guilherme Golovaty Asnis Weber, 391
Guilherme Gonçalves Germano, 328
Guilherme Henrique Lane, 252
Guilherme I, conde de Fezensac, 176
Guilherme Moniz Barreto, "o Velho", 179
Guilherme Moniz Barreto, 183
Guilherme Neves Gonzaga, 278
Guilherme Ribeiro, 19, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 63, 64, 66, 67, 70, 71, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 93, 96, 98, 100, 129, 143, 144, 145, 146, 189, 195, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 259, 260, 263
Guilherme Santos Costa, 295
Guilherme Solferini Moraes Barros, 296
Guilherme Street d'Arriaga, 197, 198
Guilherme Street dArriaga Brum da Silveira e Cunha, 191, 197
Guilherme Telles Ribeiro (bisneto), 356
Guilherme Telles Ribeiro (filho), 91, 264, 269
Guilherme Telles Ribeiro (I), 108, 265
Guilherme Telles Ribeiro (Júnior), 110, 269
Guilherme Telles Ribeiro, 11, 13, 19, 22, 53, 90, 91, 93, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 107, 110, 113, 114, 115, 116, 140, 148, 176, 178, 263, 264, 265, 279
Guilhermina Telles Ribeiro (Mimi), 110, 117, 270, 279, 366, 375, 415
Guiomar Afonso de Resende, 142
Guiomar Gil, 139
Guiomar Luís Maciel, 149
Gumercindo Cardoso dos Santos, 396
Gumercindo Ferreira, 389
Gustav Ballauf, 92
Gustavo Alberto de Sarmento Seixas, 348
Gustavo Gerber Figueira de Melo, 356
Gustavo Godoy Monteiro, 424
Gustavo Gonçalves Germano, 329
Gustavo Gonzaga Borges, 278
Gustavo Henrique Costa Ribeiro, 414
Gustavo Henrique da Silva Pinto, 389
Gustavo Henrique Padula Cotrim, 412
Gustavo Lohse, 388
Gustavo Murray, 298
Gustavo Telles Ribeiro, 440
Gutierre, abade de Sahagún, 170
Gutierro Afonso, 171
Guy de Conflens, 171
Guy Vasconcelos Baskerville, 334

H

H. Neeser, 116
Haidée Medeiros, 292
Hannah Jessica Maria Stephanie Winograd Waddington Telles Ribeiro, 382
Hans Christian Andersen, 120
Hans Heinrich Lohse, 388
Hans Weber, 123, 383, 394
Harold Robert Murray Junior, 321
Harold Robert Murray, 272, 282, 321
Harold Rohr Murray, 321
Hebe S. Villares Danova Gomes, 331
Hector Soares, 309
Helaisse Magarinos de Souza Leão, 448
Helcio D'Aquino, 399, 400
Helen May Simonsen Murray, 320
Helena Camarão Telles Ribeiro, 411
Helena Cezar de Cerqueira Leite, 403
Helena Cochrane Suplicy, 320
Helena de Carvalho, 275
Helena do Souto Maior, 184
Helena Dutra de Souza Gomes, 277
Helena Magarinos Souto, 446
Helena Moraes Barros Costa, 295
Helena Murray Sandt, 316
Helena Murray, 312
Helena Scott Murray, 288
Helena Telles Ribeiro, 123, 402
Hêle-Nice Gonçalves da Motta (Lili), 274
Helio Galvão Filho, 412
Hélio Neuser, 352
Helio Pacheco da Rocha, 396
Hélio Ribeiro da Silva, 371
Helka Telles Ribeiro, 122, 365
Heloi Pacheco da Rocha, 396
Heloisa Leite de Assis Fonseca, 339
Heloisa Magarinos de Souza Leão, 447
Heloisa Weber DAvila, 391
Henri de Béthencourt, 161
Henrique de Betencurt, 161
Henrique de Borgonha, 130, 148, 177
Henrique de Gusmão, conde de Niebla, 143
Henrique Dondeo Verocai, 287

Henrique Fernandes Magro, 2º senhor do couto de Portocarreiro, 134
Henrique I, "o Passarinheiro", 171
Henrique II, de Inglaterra, 169
Henrique II de Trastâmara, rei de Castela, 143, 168
Henrique III, de Castela, 161, 168
Henrique V, de Inglaterra, 161
Henrique Lage, 271
Henrique Levindo Neves, 390
Henrique Lohse, 389
Henrique Manuel de Vilhena, 172
Henrique Moniz de Meneses, 183
Henrique Moniz, "o Velho", 179, 180
Henrique Moniz, 104, 180
Henrique Van Erven Lage, 275
Henrique Van Erven, 272
Henriquetta Spann, 107, 265
Henry James Baskerville, 332
Henry James Gonçalves Baskerville, 335
Herculano Duarte Bento, 451
Herman Monteiro, 395
Hermann Emil Gutsch, 371
Hermann Matheus Tesdorpf, 92, 265
Hermann Telles Ribeiro, 110, 116, 270, 338, 366, 417
Hermano Telles Ribeiro, 374
Hermínia Ferreira Cerquinho (D. Baby Cerquinho), 276
Hernando Gomes, 413
Heron D'Avila, 391
Herondina Barcelos de Linhares, 425
Hetsz Rosenberg, 322
Hieronymus Muntzer (ou Münzer), 22, 115
Hilda Nobrega Martins, 313
Hilda Pereira de Souza, 397
Hildebrando Neuser, 352
Hiluz Barreto, 321
Homero Cruz, 299
Homero de Araujo Monteiro, 424
Horácio Fortunato Urpia, 116
Horácio Pina Nascimento, 333
Hugo Bastos da Rocha Junior, 277
Hugo Bastos da Rocha, 278
Hugo Del Priori, 321
Hugo Martins Ferreira, 361
Humberto Altamiro Lopes Conrado, 449
Hypolita Alves de Araujo Cumplido, 315

I

Ian Dinarte Linhares da Costa, 428
Ian Visconti Murray, 310
Iara Santos Conrado, 450
Ida Briganti Solferini, 296
Idylva Tavares Coquet, 381
Ignácio Alejandro Salcedo Y Abad, 330
Igor Assumpção Szigethy, 312
Igor Gimenes Mendes, 313
Igor Scliar da Costa Felix de Lima, 451
Ilana Birman, 447
Ilka Lourenço de Carvalho, 307
Ilza da Cunha Pereira, 410
Inácio de Andrade Machado, 102, 184
Inácio de Sousa, 48
Inês Antônia Pereira da Silveira, 151, 155, 156, 164, 165
Ines da Silva Bastos de Menezes, 393
Inês da Silva de Magalhães, 165
Inês de Andrade, 102, 184
Inês de Carvalho, 157
Inês de Meneses Barreto, 105, 179
Inês de Meneses, 105, 183
Inês de Simas Telles, 74, 153
Inês de Utra, 153
Inês Dias, 153
Inês Fernandes, 157
Inês Gonçalves de Antona, 156
Inês Gonçalves Machado da Ribeira Seca, 150
Inês Gramaxo, 183
Inês Gutsch Ribeiro da Silva, 371
Inês Henriques de Sotomaior e Monroi, condessa de Caminha, 165
Inês Pereira (ou de Simas Valadão), 73
Inês Pereira (também chamada Inês de Simas Telles), 152
Inês Pereira, 149
Inês Rodrigues Fagundes, 150
Inês Sanches, 134
Inês Vasques de Melo, 145
Inês Vieira, 146
infanta D. Beatriz, 21
infante D. Henrique, 19, 20, 21, 144, 169, 179
Ingrid Murray Magdinier, 314
Iñigo Lopes de Mendoça, 142
Iñigo Lopes, 142
Innocência Virgínia Dias da Rocha, 337
Inocência Ribeiro da Rocha (Inoca), 122, 347
Iolanda Bruno, 451
Iole de Alvarenga Sintra Ribeiro, 400
Iole de Alvarenga Weber, 400
Iracema Rezende Andrade, 339
Irene Bassara, 293
Irene Mary Nightscales de Magalhães, 322
Irene Pimenta Silveira, 376
Irene Teixeira Weber, 394
Irene Teixeira, 383
Irineu Evangelista de Sousa, barão de Mauá, 91
Iris Cortes Verocai, 287
Irma de Grandi Meneghini, 403

Irma Ribeiro da Costa, 416
Irma Telles Ribeiro, 122, 270, 352
Isa Monnerat Mululo, 381
Isabel I, da Inglaterra, 24
Isabel Abarca, 169, 183
Isabel Cristina da Silva Pinto, 389
Isabel Cristina Freire Borges, 317
Isabel da Costa, 183
Isabel de Carvalho Peixoto, 156, 158, 160
Isabel de La Cerda, 168
Isabel de Sousa, 159
Isabel del Carmen Forner Senra, 273
Isabel do Souto (Maior), 101, 102
Isabel Fernandes Tavares, 161
Isabel Fernandes, 79
Isabel Gonçalves, 137
Isabel Lohse Monteiro, 388
Isabel Matoso, 183
Isabel Meirelles, 104
Isabel Moraes Barros Thompson, 296
Isabel Murray Del Priori, 321
Isabel Nunes, 135
Isabel Pereira Roxo, 166
Isabel Pereira Sarmento Roxo, 76, 165
Isabel Pereira, filha de Diogo Pereira, comendador de Santiago, 179
Isabel Pereira, filha de Tristão Pereira, 29
Isabel Pereira, mãe de Filipa Pereira, 160
Isabel Pereira, mulher de Bartolomeu Luís Fialho, 133
Isabel Pinheiro, 159, 160
Isabel Rodrigues Evangelho, 160
Isabel Rodrigues Fagundes, 150
Isabel Rodrigues, 144
Isabel Sodré, 153
Isabel Telles Ribeiro, 373
Isabel Valadão, 154
Isabel Vaz da Costa Corte-Real, 179
Isabel Villa-Lobos, 375
Isabel, "a Católica", 21
Isabel, duquesa de Borgonha, filha de D. João I, de Portugal, 20, 23, 73
Isabel, ex-escrava da família, 114
Isabel, filha ilegítima de D. Fernando I, rei de Portugal, 143
Isabel, filha do 1° duque de Bragança, 21
Isabela Ferraz Guimarães, 439
Isabella Cruz Rangel Pestana, 299
Isabella Germano Amando de Barros, 329
Isabella Murray Diniz Carneiro, 307
Isabella Suplicy, 331
Isabella Telles Ribeiro Lay, 371
Isabella Victoria Maria Stephanie Winograd Waddington Telles Ribeiro, 382
Isacyr Telles Ribeiro, 122, 365
Isadora Cristina Telles Ribeiro, 364
Isadora Weber Kier Citrim, 385
Isalinda Chavantes (tia Lalá), 122, 352
Isaura da Costa Mattos, 380
Isaura Pedroso Galdeano, 300
Iseu Pacheco Abarca, 161
Iseu Pacheco de Lima, 154
Iva Freire Borges, 317
Ivan Alexandre Silva Muniz, 387
Ivan Andrada Sant'Anna e Silva, 416
Ivan Camarão Telles Ribeiro, 412
Ivan Moura Botelho, 351
Ivan Pessoa Muniz, 386
Ivete Campomar Nascimento, 333
Ivette Maia Sarubi, 332
Ivette Maurelli da Silva, 307
Ivone Paranhos Gomes, 400
Ivonne Fernandes, 355
Izabel Simon Camarão Telles Ribeiro, 412

J

J. A. Pizarro, 127, 128, 129, 145, 157, 172, 176
J. Bettencourt Brum, 61, 82
J. Cruvello Cavalcanti, 92
J. de Campos e Souza, 191
J. G. Hebbe, 41, 135
J. Marinho dos Santos, 44, 135, 137, 138, 139
J. P. Machado, 129, 132, 137, 144, 155, 166
J. P. Oliveira Martins, 38, 194
J. Street d'harriague, 191
Jaci Coimbra de Freitas, 425
Jaci Dias Coelho Conceição, 391
Jacintho Marques, 430
Jacira Costa Paes, 451
Jácome de Bruges, 150, 165
Jácome Dias Flamengo, 149
Jacques Antoine Marc de Beaurepaire, conde de Beaurepaire, 48
Jacques Louis Renault, 394
Jacyro Macchi Junior, 332
Jacyro Macchi Neto, 332
Jacyro Macchi, 332
Jader Guadalupe Zaler D'Avila, 391
Jaime de Salazar Acha, 170, 171, 177
Jaime Valadão de Mattos, 402
Jaime, 4° duque de Bragança, 160
Jairo Kundzin, 312
James Douglas Murray (filho), 310
James Douglas Murray, 309
James H. Guill, 20, 74, 75, 151, 172
James M. Cough, 99
James Patterson Millions, 415
Jamila Ottati, 274

Janaína Murray Sant'Anna, 308
Jandira Campos de Azevedo Sodré, 299
Jandira Carvalho, 272
Jandira Cunha de Andrade, 394
Jandyra Fontes Novoa, 333
Janete Barroso Perez, 346
Jânio Telles Ribeiro, 123, 402, 415
Januário Andrade Fontes, 339
Jaqueline Seixas, 351
Jayme Asnis, 391
Jayme de Almeida Campos, 450
Jayme de Caldas Sergio, 285
Jayme Villa-Lobos, 375
Jean de Béthencourt, 161
Jean Dharriague, 36
Jean Henri Jacques Renault, 394
Jean Van Beers, pintor, 271
Jean-Auguste-Dominique Ingres, 66
Jefferson Del Castilho Junior, 283
Jefferson Del Castilho, 283
Jeniffer Zantut Macchi, 333
Jerônimo Bonaparte, rei da Vestefália, 85
Jerônimo Fernandes, 21
Jerônimo Martins Machado, 338
Jerônimo Napoleão, príncipe, 85
Jerson Antonio Telles Ribeiro, 448
Jerson Telles Ribeiro, 122, 448
Jessica Murray Soares, 454
Jessica Zantut Macchi, 333
Jesuina Nunes dos Santos, 271
Jesuino Alves da Rocha Loures, 293
Jitla Rosenberg, 322
Joan Friedrich Huder, 264
Joana [da Silva] de Meneses, 179, 180
Joana da Silva, 180
Joana de Escobar de Gouveia, 151
Joana de Macedo, 21
Joana Ferreira, 397
Joana Furtado, 393
Joana Lopes Lombada, 143
Joana Mendes de Vasconcelos, 161
Joana Preciosa Soares Serpa, 352
Joana Sodré, 152, 153
Joana Teles de Meneses, 145
Joana Vaz Corte-Real, 179
João (filho de D. João I), 21, 180
João "Sem Terra", 169
João "Sem-medo", duque de Borgonha, 151
João I, de Castela, 168, 172
João I, de Portugal, 20, 115, 148, 152, 155, 159, 180, 182
João II , de Castela, 21, 143
João II, de Portugal, 35, 133, 166
João III, de Portugal, 127, 137, 158, 160, 169
João IV, de Portugal, 89
João VI, rei de Portugal, 43, 45, 47, 60, 61, 105, 195, 202
João Afonso [Teles de Meneses], 172
João Afonso Alvernaz, 155
João Afonso de La Cerda, 168
João Afonso Pimentel, senhor de Bragança e Vinhais, 145, 146
João Afonso Telo, 172
João Alves Pinto Ribeiro, 105
João Anes *ver Johane Anne*
João Antônio da Costa, padre, 51
João Baptista da Rocha Seixas, 348
João Baptista Ferreira, 389
João Baptista Pessoa Muniz, 386
João Baptista Resende Martins, 363
João Batista Costa, 308
João Batista da Rocha Seixas, 347
João Batista Pinto, 349
João Bernardes, 150
João Bogado, 292
João Borges Filho, 277
João Borges Neto, 277
João Borges, "o Velho", 169, 183
João Bustorff Salcedo, 330
João Calisto de Medeiros, 292
João Camarão Telles Ribeiro, 123, 402, 409, 410
João Carlos Maurelli Costa, 308
João Carvalhal da Silveira, 201, 207, 208
João Coelho, 137, 150
João d'Arriaga (Jean Dharriague), 191
João da Cruz Camarão, 402
João da Ponte, 149, 150
João da Rocha Machado, 338
João da Silva Prado, 276
João da Silveira Vilalobos, 163, 164
João de Avis, 79
João de Betencurt de Vasconcelos, 168
João de Betencurt, 161
João de Frágoa Coelho, 146, 150
João de Lisboa Machado, 148
João de Melo, 135, 159
João de Mendonça Furtado, 135, 136
João de Resende Sodré, 152
João de Siqueira Menezes, 283
João de Sousa, 160
João Diamantino de Mello, 335
João Esmeraldo, "o Velho", 143, 144
João Estêvão, 98
João Fausto Botelho, 413
João Ferreira da Silva Junior, 314
João Ferreira da Silva, 314
João Garcez do Nascimento, 288
João Garcia Pereira, 28, 29, 34, 76, 81, 134, 165, 166, 168

João Getúlio da Silva Neves, 449
João Gonçalves [Zarco] da Câmara, 144
João Gonçalves Bolim, 153
João Gonçalves da Câmara, 143
João Goulart, ex- presidente, 357
João Grimaldo, 401
João Henriques Furtado de Mendonça, 142, 143
João Henriques, 143
João Dabney de Avelar Brotero, 61
João Jacinto Pestana, 299
João José de Sousa e Silva, 77, 79
João Leonardes, 137, 150
João Lopes da Lombada, 143
João Lopes Machado, 338
João Lopes Pinheiro, 104
João Lourenço da Cunha, 135
João Luís [Silveira], 25, 26, 28, 127, 128, 132, 140, 151
João Luiz Costa Pinto, 349
João Manuel da Câmara Berquó, 43, 195
João Marcelino de Mesquita Pimentel, 146
João Marcelo Simões da Motta Telles Ribeiro, 364
João Marcos Telles Ribeiro, 371
João Maria de Linhares, 425
João Martins Brito, 101, 103
João Mendonça, 79
João Moraes Barros, 294
João Moreira Martins, 313
João Mouro, 157
João Neves da Frota, 393
João Pedro Soares de Luna, 47, 54, 199, 206, 224, 225
João Pereira Cardoso, 75
João Pereira Ribeiro, 71, 201, 236
João Philippi Borges Filho, 278
João Philippi Borges, 278
João Pires de Portocarreiro, 159
João Pires Redondo, 148
João Procopio Ferreira, 277
João Quaresma, 52
João Ribeiro, 71
João Rodrigues Borges, 169
João Rodrigues de Briteiros, 128
João Rodrigues Pereira, 166
João Rodrigues Pereira, senhor de Basto e Vizela, 29
João Rosa do Nascimento, 389
João Sérgio Ribeiro, 85, 99, 245, 246, 247, 248, 260
João Soares Coelho, 159
João Street d'Arriaga Brum e Cunha, 36, 191
João Street d'Arriaga, 36, 37, 38, 191, 197
João Street de Harriaga, 37, 192
João Teixeira Darrigue de Faro, 265
João Teixeira Maciel, 48
João Telles Ribeiro (Hans), 110, 118, 121, 270, 401, 402, 414
João Valadão, 137, 141, 153
João Van Erven Sobrinho, 272
João Vaz Corte-Real, 179, 183
João Vaz Homem, 146
João Vieira da Silva Borges, 277
Joaquim Canas Cardim, 331
Joaquim Correa Seixas, 347
Joaquim de Freitas, 424
Joaquim de Oliveira Pereira, 49, 98
Joaquim Gomes Vidal, 282, 288, 294
Joaquim Inácio da Cruz Sobral, conselheiro, 36, 191
Joaquim José Pereira de Faro, 265
Joaquim José Rebello, 273
Joaquim José Suano, 103
Joaquim Judice Bustorff Silva, 330
Joaquim Lourenço, 307
Joaquim Murray Bustorff Silva, 330
Joaquim Nogueira, 338
Joaquim Pereira Vianna de Lima, 265
Joaquim Seixas Tinoco, 347
Joaquim Xavier Carneiro, 299
Joaquín Javaloys, 176
Joaquina Emília da Terra Brum, 58, 64
Joaquina Maria Vieira de Andrade, 355
Johan van Rossem (João da Rosa), 27
Johane Anne (João Anes), 132
Johann Wilhelm Huder, 112
Johann Wilhlem Huder, 264
Johann Wolfgang von Goethe, 120
John Bass Dabney, 61, 64, 66, 69
John da Rocha Murray, 302
John Ferguson Murray (avô), 107, 279
John Ferguson Murray (neto), 289
John Francis Lyon, 276
John Lee Murray, 290
John Michael Murray Pinto, 283
John Millions, 123, 416
John Milton, 19
John Murray de Miranda Pinto, 283
John Murray Suplicy, 331
John Murray, 279
John Paul Studebaker, 374
John Sudeley, 152
John Wallace Scott Murray (I), 282, 301
John Wallace Scott Murray (II), 292
Joinville, príncipe de, 40, 66, 67, 68, 69, 223
Jonathas Salathiel Dias da Rocha, 117, 122, 337, 429
Jorge Alberto Broad, 316
Jorge Alberto Senna, 439
Jorge Antonio dos Santos Lemgruber, 320
Jorge d'Utra *ver Josse van Hurtere*
Jorge da Terra (Josse van Aard Aetrijcke), 73, 132, 151, 152, 155, 156
Jorge de Melo, 135

Jorge de Sampaio Gouveia, 304
Jorge de Souza, 102, 184
Jorge Eduardo de Abreu Forjaz, 139, 153
Jorge Murray Cumplido, 316
Jorge Nicolau Nader, 278
Jorge Peixoto de Carvalho, 156, 157, 158
Jorge Philippi Borges, 278
Jorge Salvador Frota Sarro, 396
Jorge Salvador Sarro, 396
Jorge Telles Ribeiro, 123, 381
Jorge Vasconcellos, 366
Jorn da Rocha Seixas Junior, 351
Jorn da Rocha Seixas, 350
Jorn Seixas Pinto, 350
Joscelina Silva de Domenico, 414
José Alberto Baskerville Macchi, 333
José Aloysio Telles Ribeiro, 364
José Arnaldo Baskerville de Mello, 336
José Augusto Ribeiro, 31, 139, 141
José Augusto Weber, 391
José Aurelio Valporto de Sá Junior, 398
José Aurélio Valporto de Sá, 397
José Barroso, 397
José Bernardino de Sousa Machado, 194
José Bonifácio Flores da Cunha, 321
José Cardoso, 270
José Carlos Dutra, 376
José Celso de Oliveira Campos, 329
José Citrim, 385
José Curry da Câmara Cabral, 49, 71, 199, 201, 236, 237, 238, 239
José Custódio Silva, 364
José da Silva Figueiredo, 290
José da Silva, 383
José Daniel, 208, 209
José de Almeida e Silva, 201
José de Assis Fonseca, 339
José de Betencurt Vasconcelos e Ávila, 47, 48, 49, 52, 58, 199
José de Freitas Gomes, 334
José de Goes Lara de Andrade, 48, 54, 207
José de Larrigue Faro, 107, 265, 303
José de Moraes Sarmento, 347
José de Oliveira, 302
José de Sá Moura e Silva, 271
José Duarte de Barros Filho, 447
José Duarte de Barros, 447
José Eduardo Baskerville Macchi, 333
José Edwin Murray Junior, 298
José Edwin Murray, 297
José Estêvão Coelho de Magalhães, 98
José Eugenio Prestes de Macedo Soares, 365
José Felipe Brito de Mello, 336
José Fernandes Pinto Alpoim *ver brigadeiro Alpoim*
José Fernando Brito de Mello, 336
José Fernando de Moura e Silva, 271
José Francisco da Câmara Berquó, 58
José Francisco da Terra Brum Júnior, 96
José Francisco da Terra Brum, 52, 58, 59, 61, 96
José Francisco de Labat Lacerda, 28, 34
José Furtado de Mendonça, 82
José Geraldo Baskerville Macchi, 332, 333
José Geraldo Telles Ribeiro, 440
José Gilberto Baskerville de Mello, 336
José Goes Lara de Andrade, 52
José Gonçalves da Rocha, 337
José Guilherme Reis Leite, 97
José Henrique Baskerville de Mello, 337
José Henrique de Sá, 271
José I, rei de Portugal, 36, 75, 79
José Inocêncio Telles d'Utra Machado, 53, 200
José João Baptista de Oliveira, 385
José Joaquim Ferreira Bragança, 107
José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castelo Branco, bispo, 105
José Joaquim Pereira Junior, 298
José Justino de Mello, 335
José Leite Ottati, 274
José Lima Carvalho, 424
José Lima Souto, 446
José Luís de Castro, 2º conde de Resende, 106
José Luiz Baskerville Macchi, 332
José Luiz Ferreira Junior, 356
José Luiz Murray (I), 313
José Luiz Murray (II), 309, 454
José Luiz Pinto, 350
José Magarinos de Souza Leão, 440
José Manoel da Rocha, 279, 282
José Manuel Marinho da Cruz Cardim, 331
José Maria Anastácio Guimarães, 438
José Maria de Sá, 271
José Maria de Sequeira, 58
José Maria Dias, 366
José Martins da Rocha, 293
José Monteiro Torres, 50, 51, 58, 200, 204
José Ney Ferraz Guimarães, 438
José Oswaldo Baskerville de Mello, 336
José Pamplona Moniz Corte-Real, 48, 49, 86, 96, 199, 200
José Pereira da Costa, 143
José Peret Antunes, 310
José Philippi Borges, 278
José Prazeres Ramalho de Castro, 346
José Renato Murray de Oliveira, 302
José Roberto Coelho da Rocha, 446
José Rodrigues da Silva, 374
José Rodrigues Leite Oiticica, 320
José Severiano Caeté Felipe Ferreira, 450

José Silvio Millions, 417
José Street d'Arriaga Brum da Silveira, 36, 191
José Street d'Arriaga, 197
José Teixeira de Mesquita Basto, 107
José Teixeira Maciel, 54, 208
José Teles d'Utra Machado, 48, 53, 199, 200
José Verdolin Certo, 349
José Vilarino, 349
José Zacarias da Fonseca Barroso, 397
Josefa de Azevedo, 122
Joselina de Sampaio Gouveia, 304
Joseph e Henry Bullar, 63, 87
Joseph Henry Dart, 99
Joseph Merledet, 213, 216
Joseph Philippe Ferreira Cabral, 37
Josepha de Azevedo, 269
Josina d'Utra, 164
Josino Alves da Rocha Loures, 293
Josino Alves Rocha Loures Filho, 293
Josse van Aard Aetrijcke (Jos da Terra), *ver Jorge da Terra*
Josse van Hurtere (Jorge d'Utra ou Jos de Utra), 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 35, 72, 73, 132, 150, 155, 164
Jovelino da Rosa Soares, 399
Joyce Ribeiro Millions, 375
Juan Alonso de Guzmán, 143
Juan Alonso Perez de Guzmán, 143
Juan Arias, 298
Juan de La Cerda, 168
Juanita Dondeo, 286
Judith Câmara Barone, 411
Judith Weber, 123, 397
Julia Avelar Maia Seixas, 351
Julia de Carvalho Nogueira, 346
Julia de Cerqueira Leite Hexsel, 403
Julia Gomes Correia de Araujo, 396
Júlia Maria Novaes, 355
Juliana Camarão Telles Biasotto, 412
Juliana Costa Lima Figueiredo, 294
Juliana de Lima Figueiredo, 294
Juliana Gonzaga Borges, 278
Juliana Zantut Macchi, 333
Julieta Bruno, 451
Júlio Benigno Fernandez, 385
Julio Cesar Belaguarda Nagy de Oliveira, 322
Julio Cesar de Macedo Szigethy, 311
Julio Cesar Flores da Cunha Belaguarda Nagy de Oliveira, 322
Julio Cezar de Cerqueira Leite, 402
Júlio da Rosa, 21, 73, 97, 149, 152
Julio Fazeckas Szigethy Filho, 311
Julio Fazeckas Szigethy, 311
Julio Philippi Borges, 278
Julius Edward Philippi, 272, 277
Junea Seixas, 351
Jupyra Ferreira Waddington, 381
Juramy do Nascimento, 389
Jussara de Lara, 364
Jussara Sergio Siqueira de Menezes, 285
Justa Ruiz, 171
Juvenal Rouco de Sant'Anna, 308

K

Karl Anton Spann, 107
Karl Froedrick August Sandt, 316
Karl Schmid, 116
Karl Schmid, filho, 116
Karl Wilhelm Gustav Eickhoff, 275
Kaspar Andreas Weber, 383
Kate Dabney, 64
Katia Cristina Fudalhis, 385
Katia de Castro Ribeiro, 380
Kelly Cristina da Silva Rosa, 348
Kim Murray, 310
Kio Kina, 365

L

L. P. Clode, 149
Lacyr Hentzy, 364
Ladislau Cardoso, 270
Laemmert, Almanak, 92
Lais Frota, 394, 395
Lançarote Teixeira, "o Velho", 183
Lara de Andrade, 200
Lara Elizabeth Murray Diniz Carneiro, 304
Lara Kassetari de Mello, 336
Larissa Tavares Murray Diniz Carneiro, 307
Las Casas, Cônsul-Geral da França em Lisboa, 55, 219, 220, 222
Laudelino Matilde de Oliveira, 314
Laudimia Bogado, 292
Laura Beatriz de Souza Fernandes, 355
Laura Borba Correia de Araujo, 395
Laura Cerqueira Leite, 403
Laura Ferreira da Silva Quintella, 417
Laura Millions de Castro Dutra, 376
Laura Murray, 311
Laura Panzarin Dutra, 376
Laura Stael Ribeiro da Rocha, 122, 352
Laura Telles Ribeiro, 363
Laura Viggiano, 424
Lauren Christina Macchi, 332
Laurentina de Oliveira Campos, 450
Laurinha Chebabi Teixeira de Vasconcelos, 334
Lazar Gattegno, 329
Lea Frota, 393

Lea Marçal Silveira, 364
Lea Martins Pinheiro, 440
Leda Verdolin Certo, 349
Leila Frota, 396
Leila Maria Kraemer Saad, 274
Lena Frota, 395, 396
Lenice Lima, 276
Leo de Siqueira Menezes, 285
Léo Dutra Marçal, 376
Leo van Hurtere, 72, 73, 147
Leon Gattegno, 329
Leonardo Bruno Frota Sarro, 397
Leonardo de Mello Gonçalves, 336
Leonardo Falcão D'Aquino, 399
Leonardo Lima Ramalho de Castro, 346
Leonardo Oiticica Lemgruber, 320
Leonardo Rangel Pestana Labadessa, 300
Leonel Brizola, ex-governador, 358
Leonice Nogueira, 300
Leônidas Telles Ribeiro (Leo), 122, 357, 358, 361
Leonie Jeanne Filvet Broad, 316
Leonilha de Menezes, 271
Leonor de Guzmán, 143, 168
Leonor de Melo, 135
Leonor de Tovar, 166
Leonor Furtado, 142
Leonor Gomes Pinheiro, 159
Leonor Gomes, 157
Leonor Teles, rainha de Portugal, 129, 135, 145, 172, 182
Leonor, rainha, mulher de D. João II, 133
Leopoldina Augusta Russel Alvares de Azevedo, 315
Leopoldina Russel de Oliveira, 272
Leopoldo II, da Bélgica, 95
Lerianda de Gardaleme, 161
Leslie Joseph Murray Gattegno, 329
Leslie Mirian Stratton, 275
Letícia Lanter Peret Antunes, 310
Letícia Maria Murray Peret Antunes, 311
Leticia Murray, 328
Leticia Pereira Baskerville de Mello, 337
Letícia Rudge Barbosa, 365
Leticia Sant'Anna e Silva, 417
Letícia Veloso Ribeiro da Silva, 372
Levi de Azevedo Sodré, 299
Lia Isabel Suplicy Haffers, 411
Lia Kassetari de Mello, 336
Lia Margarida Lopes da Cunha, 277
Lia Ribeiro Gutsch, 371
Lia Weber, 390
Liberato Bittencourt, 338
Licino da Silva Gomes, 395
Lilian Franco Cunha, 347
Lilian Iovanni, 303
Lilian Murray da Rocha Loures, 293
Lilian Murray, 290
Lilian Telles Ribeiro, 371
Lina Lohse, 390
Lina Weber, 123, 388, 401
Lineu Dondeo, 286
Lisandro de Andrade, 276
Liv Karenina Aune, 383
Livia Maria Iovanni, 303
Lopo de Sousa, 160
Lopo Dias Cabaço, 137
Lopo Dias de Sousa, 159
Lopo Fernandes Lobo, 159
Lopo Soares de Albergaria, 28
Lorena Rosa Seixas, 348
Lotário I, imperador, 171
Louise-Antoinette (Nette) Weber, 123
Lourdes Amaral Favieiro, 364
Lourdes Gomes Corrêa, 309
Lourdes Leon Petit Feijó, 289
Lourença da Fonseca, 145
Lourenço da Silva Borges, 103
Lourenço Villa-Lobos Telles Ribeiro, 375
Luan Victor Diniz Carneiro, 307
Luana Maria Junea Seixas Bartsch, 351
Lucas Camarão Telles Ribeiro Cotrim, 412
Lucas Corrêa Cassimiro, 313
Lucas Kim Fudalhis Weber, 385
Lucas Millions de Castro Dutra, 376
Lucas Montedonio Rego, 448
Lucas Murray, 329
Lucas Oliveira Lima Roldão, 387
Lucas Ramos Frota, 395
Lucas Valporto de Sá Cantanhede Donati, 398
Lucas Vicente Murray, 302
Lúcia Cristina Sampaio Bahiana, 275
Lúcia Cristina Telles Ribeiro, 364
Lucia de Souza Fernandes, 355
Lúcia Maria de Barros Barreto, 275
Lucia Perret Weber, 391
Luciana Cezar de Cerqueira Leite, 403
Luciana De Lara Ribeiro, 364
Luciana Nogueira Rangel Pestana, 300
Luciana Rebello Ottati, 274
Luciane Branco Silveira, 304
Luciano Oiticica Lemgruber, 320
Lucilda Kundzin, 312
Lucília Celestina Ribeiro da Rocha (Lulu), 122, 338
Lucilia de Araujo Silva, 427
Lucília Pinto de Oliveira, 302
Lucimar Vicente da Silva, 302
Lucy Bonetti Dutra, 375
Lucy Cochrane Simonsen, 318, 321
Lucy de Gouvea Breves, 448

Lucy Gonçalves, 334
Lucy Murray Suplicy, 320
Lucy Murray, 302
Lucy Scott Murray, 289
Lucy Telles Ribeiro, 123, 413
Ludwig Sandt, 316
Ludwig Vaupel, 264
Luís Adolfo Pharoux, 118
Luís Bivar Guerra, 180
Luis Carlos Barbosa, 292
Luís da Terra Peixoto, 213, 216
Luís de Bivar-Weinholtz de Azevedo, 145, 170, 183
Luís de La Cerda, príncipe das Canárias, 168
Luís de Vasconcelos e Sousa, 106
Luis Felipe Costa, 295
Luís Filipe, rei, 40, 50, 66, 221, 223, 231, 234, 235
Luís VIII, rei de França, 162
Luís IX, rei de França, 132, 167
Luís XIV, rei de França, 37
Luís XVI, rei de França, 36, 191, 231
Luís XVIII, de França, 39, 195, 196, 256
Luis Kligerman, 298
Luis Marçal Ferreira Neto, 376
Luís Pereira de Lacerda, 168
Luís, infante, futuro rei de Portugal, 85, 96, 97, 243
Luísa Francisca Sarmento de Lacerda, 79, 81, 82
Luísa Maria Cornélia Bounder de Melsbroeck, 95
Luisa Menescal Passos, 382
Luísa Telles, 19, 48, 53, 55, 64, 75, 76, 81, 82, 83, 86, 88, 100, 129, 147, 148, 155, 163, 166, 167, 178, 179, 195, 200, 211, 263
Luiz Antonio Fontes Novoa, 333
Luiz Antonio Magalhães, 322
Luiz Carlos Duarte da Rosa, 348
Luiz Carlos Moreira da Costa, 328
Luiz Carlos Sperle, 314
Luiz Claudio Carvalho Couto, 314
Luiz da Terra Peixoto, 49, 200
Luiz de Seixas Correa, 332
Luiz Eduardo Amando de Barros, 328
Luiz Eduardo Guieu Galvão Telles Ribeiro, 412
Luiz Eduardo Nogueira, 338
Luiz Eugenio Fernandez Lage, 277
Luiz Eugênio Lage, 277
Luiz Fazeckas Szigethy, 312
Luiz Felipe Baskerville Macchi Fontes Novoa, 333
Luiz Felipe Cantanhede Donato, 398
Luiz Felipe Nunes de Palmer Paixão, 290
Luiz Fernando Doneux, 334
Luiz Fernando Lima Figueiredo, 294
Luiz Fernando Weber, 400
Luiz Frederico Baskerville Macchi Fontes Novoa, 333
Luiz Guilherme Oliveira Weber, 385
Luiz Gustavo Sarubi Macchi, 332
Luiz Henrique Iovanni, 303
Luiz Jácome de Abreu e Souza, 299
Luiz Lanter Peret Antunes Filho, 310
Luiz Lanter Peret Antunes, 310
Luiz Márcio Nogueira Fontes, 339
Luiz Mário Pereira Lopes Labadessa, 300
Luiz Moraes Borges, 317
Luiz Murray Cumplido, 316, 318
Luiz S. Magalhães Castro, "o Lulu", 115
Luiz Suplicy (filho), 331
Luiz Suplicy Junior, 331
Luiz Suplicy Netto, 331
Luiz Suplicy, 320, 331
Luiz Teixeira de Vasconcelos, 334
Luiz Teles Barreto de Meneses, 102, 106
Luiza Antoinette Weber (Nette), 385, 393
Luiza Augusta da Rocha, 309, 454
Luiza Carneiro Pestana, 299
Luiza da Rocha Machado, 338
Luiza da Rocha Miranda, 272
Luiza de Carvalho Nogueira, 346
Luiza Elvira, 303
Luiza Frota, 385, 393, 394
Luiza Helena Ferreira Ribas, 301
Luiza Julieta Telles Ribeiro, 107, 264, 265, 303
Luiza Kassetari de Mello, 336
Luiza Maciel Carneiro, 299
Luiza Novaes Telles Ribeiro, 356
Luiza Rangel Pestana, 299
Luiza Ribeiro de Larrigue *ver Luiza Julieta Telles Ribeiro*
Luíza Telles Ribeiro, 110, 117, 270, 429
Luiza Tibério Kundzin, 312
Lutecia Corrêa (Cecinha), 430
Luzete Vieira Machado, 350
Luzia da Silveira, 136
Luzia Ribeiro, 136, 141
Luzia Santos Pacca, 373
Lydia Telles Ribeiro, 122, 371
Lygia Bojunga Nunes, 277
Lygia Rabello Lohse, 388
Lygia Salgueiro, 448

M

M. A. de Lurde, 225, 228
M. Armas, 246
M. Dannery, 197
M. de Sénevier, 248
M. de St. Didier, 197
M. Houet., 242
M. Lima, 11, 26, 28, 29, 38, 40, 43, 44, 46, 48, 49, 58, 68, 77, 80, 81, 83, 84, 86, 93, 96, 132, 133, 135, 136, 138, 142, 146, 152, 153, 157, 158,

160, 163, 164, 165, 191, 195, 198, 199, 201, 243, 248
M. P. Dijond, 229
M. Varenne, 237
M.-N. Bouillet, 85, 168, 231
Mª Elisa Carrazzoni, 41
Mª Isabel João, 90
Machado, 212, 215
Maciot de Béthencourt, 161
Madalena Gauloski, 400
Madalena Magarinos de Souza Leão, 440
Madalena Vaz, 103
Madame de Staël (Germaine de Staël), 66
Mafalda de Narbona, 167, 168
Magali Nader, 278
Magaly Ferreira Doneux, 334
Magdala Silva Araujo Esteves Pereira, 309
Magdalena Gonçalves, 137
Magdalena Neuser, 352
Maila Nogueira Fontes, 339
Mailú de Assumpção Liu, 318
Mainer Teresinha Ribeiro de Souza, 416
Maior Aires, 157
Maior Moscoso, 159
Maíra Weber Conceição, 391
Maisa Giovanetti, 295
major Betencurt, 199, 200, 201
Makhir-Natronai David, 176
Malila Camarão Telles Ribeiro, 412
Manoel Alves Lomas, 328
Manoel Antônio Paes, 107
Manoel Bento, 307
Manoel Carvalho, 183
Manoel da Luz, 314
Manoel da Rosa Pires, 133
Manoel de Azevedo Santos Moreira Sobrinho, 446
Manoel de Oliveira Pontes, 286
Manoel de Souza Meirelles, 103, 104
Manoel do Espirito Santo, 313
Manoel Domingues Roris, 348
Manoel Duarte, 313
Manoel Fernandes, 269
Manoel Ferreira Leal, 276
Manoel Ignácio de Sousa, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82
Manoel Inácio Brum da Silveira, 194
Manoel João, 103
Manoel José d'Arriaga Brum da Silveira, 43
Manoel José Moreira Barbosa, 101, 103, 104, 264
Manoel Lourenço Mello, 307
Manoel Maciel Barbosa, 429
Manoel Moreira de Carvalho, 104
Manoel Pires Querido, 103
Manoel Rabello, 388
Manoel Rouco de Sant'Anna, 308
Manoel Torres Jácome, 297
Manoela Martins Fontes, 429
Manrique de Lara, 167
Manuel Alves Guerra [Sobrinho], 93, 95
Manuel Alves Guerra, 94, 248, 251, 252
Manuel Corrêa, 137, 141
Manuel d'Utra Machado, 149
Manuel da Rosa Pires, 25, 26, 27, 28, 30
Manuel de Brum da Silveira, 160
Manuel Elias do Amaral, 51
Manuel Fernando Rodrigo José Alves Guerra, 95
Manuel Francisco de Barros e Sousa Carvalhosa, 2° visconde de Santarém, 35, 55, 220
Manuel Furtado de Mendonça, 144
Manuel Garcia da Rosa, 86
Manuel I, "o Venturoso", 22, 137, 154
Manuel Inácio da Costa Quintela, 210
Manuel José d'Arriaga Brum da Silveira, 195
Manuel José de Ávila, 243
Manuel Maria Costa (Sr. Manuel), 414
Manuel Nicolau de Almeida, frei, 83
Manuel Nunes, 136, 141
Manuel Pereira Ribeiro, 64, 72
Manuel Silveira Gouvêa, 163
Manuel Sipauba, 373
Manuel Vila Lobos, 89
Mara Denise Silva Muniz, 386
Mara Silva Araujo Esteves Pereira, 309
Marc Ferrez, 272
Marcela Fernanda Cassins, 292
Marcela Murray de Souza, 303
Marcela Sarubi Macchi, 332
Marcelino Barcelos dos Santos, 425
Marcelino Iglesias Lago, 388
Marcelino Lima *ver M. Lima*
Marcellus Gordilho Ribas, 302
Marcelo Frota Correia de Araujo Filho, 396
Marcelo Frota Correia de Araujo, 396
Marcelo Gonçalves Murray, 292
Marcelo Gualberto Zobaran, 371
Marcelo Lage Rebello, 274
Marcelo Mauro Antonio Nunes Lopes Martins Waddington Telles Ribeiro, 382
Marcelo Montedonio Rego, 448
Marcelo Telles Ribeiro, 363
Marcelo Waddington Telles Ribeiro, 381
Marcelo Weber, 400
Marcia Bergmann Moraes, 398
Marcia Cristina Silva Muniz, 387
Marcia Elisa Maria Machado, 350
Marcia Elisabeth Baskerville Macchi, 333
Marcia Golovaty Asnis, 391
Márcia Magarinos de Souza Leão, 446

Marcia Modesto Gonzaga, 278
Marcia Vitória Nogueira, 346
Marcio Aloysio Telles Ribeiro, 363
Marcio Campos Conrado, 450
Marcio Campos, 403
Marcio Corte Real, 309
Marcio Costa, 310
Marcio Liu Sandt, 318
Márcio Rodrigues Gonçalves, 300
Marcio Sandt Pessoa, 318
Marcio Teixeira de Carvalho, 311
Marco Antonio Costa, 295
Marco Antonio Gomes Conceição, 391
Marco Giovani Araujo Cunha, 347
Marcos Arruda Pereira, 289
Marcos Lage Santos, 273
Marcos Ramos Frota, 395
Marcos Telles Ribeiro, 363
Marcus Vinicius Felix de Lima, 451
Marcus Vinicius Winograd Waddington Telles Ribeiro, 382
Margareth Wood, 415
Margarida da Silveira, 73, 151, 156
Margarida de Albernaz, 157
Margarida de Betencurt, 168
Margarida de Provença, 167
Margarida Gil, 163, 164
Margarida Luís, 132
Margarida Sabuyo, 151
Margarida Silva, 289
Margarida Valadão, 137, 141, 154
Marguerite de Béthencourt, 161
Maria I, de Portugal, 37, 193, 195
Maria II, de Portugal, 47, 52, 57, 58, 61, 96, 237, 238
Maria (ou Isabel) de Berredo, 165
Maria Abarca, 183
Maria Afonso de Albuquerque, 182
Maria Afonso de Brito, 145
Maria Afonso, filha ilegítima do rei D. Dinis, 168
Maria Afonso, senhora de Meneses, 172
Maria Alexandrina Marinho Camarão, 402
Maria Alice Giuliani, 363
Maria Almança, 133
Maria Álvares Cabral, 19
Maria Álvares Rabaldes, 129
Maria Álvares, mulher de Domingos de Simas, 153
Maria Amélia Baptista Rabello, 437
Maria Amélia Bucker, 275
Maria Ana da Conceição, 315
Maria Anes de Límia, 172
Maria Anes, mulher de Vasco Martins Pimentel, 145
Maria Angélica Fernandes Nazareth, 373
Maria Anna Aldrup, 264
Maria Antonia Prado Santos, 295
Maria Antonieta Sarubi, 332
Maria Anunciada da Silva Bizerra, 313
Maria Aparecida de Araujo Silva, 427
Maria Aparecida Oliveira Corte Real, 309
Maria Augusta da Rocha, 454
Maria Augusta de Castro e Costa, 276
Maria Auxiliadora de Souza, 364
Maria Auxiliadora do Espirito Santo, 313
Maria Baglioli Obladen, 395
Maria Beatriz Santos Costa, 295
Maria Bernadete Moreira, 450
Maria Borges, 155
Maria Brites de Gusmão, 143
Maria Campanelli Henriques, 299
Maria Carla Tati Jácome, 297
Maria Castanha, 351
Maria Cavallo, 303
Maria Cecília Murray Rangel Pestana, 300
Maria Cecília Murray, 294
Maria Cecília Santos Costa, 295
Maria Cecilia Vieira, 289
Maria Celeste Correa Araujo, 394
Maria Celeste Machado Coelho, 321
Maria Clara da Silva Torres, 299
Maria Clara Martins Pinheiro, 440
Maria Clara Simões da Motta Telles Ribeiro, 363
Maria Claudia Motta Raia (Claudia Raia), 394
Maria Coelho, 136, 138, 141
Maria Conceição das Dores, 304
Maria Constança Fernandes, 269
Maria Coronel, senhora de Aguiar, 168
Maria Correa Seixas, 347
Maria Cristina Lavradas, 387
Maria Cristina Rocha Cordeiro, 447
Maria D'Aquino, 399
Maria da Anunciada, 30, 31, 134, 136, 137, 139, 140, 141, 150
Maria da Conceição Alencar, 339
Maria da Conceição Martins, 335
Maria da Costa Amorim, 381
Maria da Cunha de Vasconcelos, 134, 135
Maria da Gloria Bueno Maia, 300
Maria da Glória Costa, 339
Maria da Gloria Mello Marques, 412
Maria da Glória Rocha Cordeiro, 447
Maria da Glória Silva, 383
Maria da Glória, filha de D. Pedro I, 47, 57, 58, *ver Maria II*
Maria da Graça Câmara Barone, 411
Maria da Graça de Sousa Coutinho Rebello de Andrade, 330
Maria da Piedade de Araujo Pessoa, 316
Maria da Purificação Henrique Duarte Bento, 451
Maria da Rocha, 79

Maria da Silva, 152
Maria da Silveira, 101, 105, 184
Maria das Dores de Oliveira Pinto da Silva Figueiredo, 290
Maria das Dores Guimarães Vilarino, 349
Maria das Graças Macuiama, 413
Maria de Araujo Monteiro, 424
Maria de Azevedo, 157
Maria de Barros Brandão, 417
Maria de Brito, 159
Maria de Castro Barbosa, 372
Maria de Castro, 148
Maria de Faria, 102, 184
Maria de Fátima Marques Galvão, 412
Maria de Los Angeles Fernandez Dias, 277
Maria de Lourdes dos Santos Rangel, 290
Maria de Lourdes Fontainha de Araujo, 322
Maria de Lourdes Mattos de Oliveira, 289
Maria de Lourdes Murray Sandt, 316
Maria de Lourdes S. Kannebley Battendière, 331
Maria de Lurdes Moura de Souza, 364
Maria de Melo, 135, 139
Maria de Miranda, 165
Maria de Molina, 172
Maria de Oliveira, 153
Maria Dineuse Andrade Duarte, 352
Maria do Canto da Silveira, 150
Maria do Carmo Dias, 366
Maria do Carmo Gomes de Almeida, 393
Maria do Carmo Moura, 413
Maria do Carmo Murray Cumplido, 316
Maria do Carmo Nogueira, 339
Maria Dolores Andrade Duarte, 352
Maria Dulce de Souza Leão, 286
Maria Eduarda da Veiga, 296
Maria Elisabeth Murray, 304
Maria Emília Costa, 295
Maria Emília Hostin Samy, 283
Maria Emir Valadão de Mattos, 403
Maria Emmerencianna Serpa, 269
Maria Estelita Nobrega Samy, 283
Maria Eugenia de Domenico, 413
Maria Eugenia Furtado Borges, 279
Maria Eugênia Lage da Silva Prado, 277
Maria Eugenia Peixoto de Resende, 290
Maria Fausta Pereira de Castro Campos, 403
Maria Fernandes, 137
Maria Filipina Amélia de Jonghe, 95
Maria Francisca Barbosa, 429
Maria Gato Valadão, 137
Maria Geraldina Fiuza Botelho, 351
Maria Gomes, 314
Maria Gonçalves, 103
Maria Gonçalves de Lara, 142
Maria Gorette Othon da Costa, 414
Maria Helena Dias da Silva, 296
Maria Helena Magarinos de Souza Leão (Leninha), 447
Maria Helena Murray Ribas, 302
Maria Helena Simonsen Murray, 328
Maria Henriques Lobo, 184
Maria Hernandez Moreira, 450
Maria Ignez Torres Jácome, 299
Maria Inês Baskerville de Mello, 335
Maria Irene Brito, 336
Maria Isa Tavares Bastos, 277
Maria Isabel Barros Ramos, 395
Maria Isabel da Câmara Cabral, 71, 236
Maria Isabel Fontoura, 320
Maria Isabel Murray Bustorff Silva, 330
Maria Isabel Pereira Barroso, 397
Maria Isabel Ribeiro, 71, 86, 201, 252
Maria Isabel Soares, 352
Maria Izabel Figueira Machado, 338
Maria José de Andrada Sant'Anna e Silva, 416
Maria José de Oliveira, 304
Maria Josefa da Cunha, 271
Maria Julia Frota Correia de Araujo, 396
Maria Júlia Terra Carvalhal, 96
Maria Leonor, filha de Guilherme Ribeiro, 86
Maria Lopes, 156, 157
Maria Loppes dos Santos, 402
Maria Lourenço, 338
Maria Lucia Barros Ramos, 395
Maria Lucia Baskerville de Mello, 336
Maria Lucia Vasconcellos, 366
Maria Lucia Weber, 383
Maria Luísa Bernarda, 149, 163
Maria Luísa Úrsula Teles, 75
Maria Luiza Bechara Ferreira, 356
Maria Luíza Bernarda, 164
Maria Luiza Castro de Andrade, 276
Maria Luiza Cochrane Simonsen, 318, 321
Maria Luiza Ferreira Gomes, 395
Maria Luiza Franco Marinho da Cruz Cardim, 331
Maria Luiza Murray Bustorff Silva, 330
Maria Luiza Seixas Pinto, 349
Maria Luiza Van Erven (Zette), 272
Maria Magdalena Ribeiro, 68, 71, 265
Maria Margarida Rebello de Andrade Bustorff Silva, 330
Maria Meirelles Barbosa, 293
Maria Moraes Queiroz, 309
Maria Nicolas, 157
Maria Nilda Soarez, 398
Maria Novaes, 355
Maria Nunes d'Utra, 163
Maria Pacca, 373

Maria Pais Ribeiro, "a Ribeirinha", 129
Maria Pastora Alves Chavantes, 352
Maria Pereira Braconnot, 272
Maria Pereira da Costa, 349
Maria Pereira Sobrinho, 351
Maria Pereira, 25, 26, 28, 30, 133, 140, 145, 148, 166
Maria Perez Barroso, 346
Maria Pettar Mattias, 313
Maria Pinheiro, 158, 160
Maria Pires Gravel, 145, 148
Maria Pires Moniz, 148
Maria Regina Monteiro Goes, 386
Maria Rodrigues de Pereira, 157, 158
Maria Rosa das Mercês, 101, 103, 104, 264
Maria Rosa Teles de Meneses, 107
Maria Rosalina dos Santos Faro, 265
Maria Sandt, 316
Maria Sarmento, 165
Maria Sebastiana Nogueira, 300
Maria Silvia Baskerville de Mello, 335
Maria Sipauba, 373
Maria Soares da Maia, 171
Maria Souza Soares, 399
Maria Stella da Costa Vasconcellos, 380
Maria Sylvia Veríssimo de Souza Leão, 286
Maria Teixeira, 183
Maria Teresa da Cunha, 347
Maria Teresa Ribeiro, 40, 49, 67, 71, 98, 223, 265
Maria Teresa Telles Ribeiro, 439
Maria Terezinha da Cunha Veloso, 371
Maria Theresa dos Santos Lemgruber, 320
Maria Vasques, 159
Maria Vaz Mascarenhas, 159
Maria Veraniz Costa, 294
Maria Victoria Villas Boas Nogueira da Gama, 316
Mariana Andrade Monteiro, 395
Mariana Conceição Germano, 328
Mariana da Ascenção Pinheiro da Távora, 103, 104
Mariana Ferreira Frota Sarro, 397
Mariana Moreira, 103, 104
Mariana Murray, 290
Mariana Narcisa, 51
Mariana Telles Ribeiro, 365
Mariana Volpini Gattegno, 329
Marianna Costa Lima Figueiredo, 294
Marie Sophie Madeleine Jacqueline Guieu, 410
Marilda Lopes Costa, 310
Marilda Santos de Castro, 376
Mariléia Silva, 364
Marilena de Carvalho Santos Cruz, 310
Marilene dos Santos Rangel, 290
Marilene Murray Torres, 313
Marília Castro Tartalho, 382
Marilia Martins Murray, 313
Marilza Martins Murray, 314
Marina de Almeida Rego Figueira de Melo, 356
Marina de Souza Leão Dondeo, 286
Marina Martins, 338
Marina Maurelli Costa, 308
Marina Nogueira Fonseca, 339
Marina Weber, 123, 399
Marinha Domingues, 168
Marinha Gomes, 168
Marino Moraes, 398
Mario Aloysio Telles Ribeiro, 356
Mario Augusto Casanova, 304
Mario Barbosa dos Santos, 450
Mario Celso Ferreira Ribas, 301
Mario Dondreau Navarrete, 273
Mario Giovanetti, 295
Mario Henrique Nogueira, 339
Mário Meneghini, 403
Mário Oscar de Sá, 271
Mario Raia, 394
Mario Whatily Thompson, 296
Marisa de Mattos Salgueiro, 448
Marisa Galdeano, 300
Marisa Gessy Campos, 329
Marisa Isabel Barcelos Dias, 320
Marisa Marcondes da Veiga, 296
Marjorie Bastian, 276
Marjorie Lyon, 276
Marlene Carvalho da Silva, 314
Marlene de Miranda Simões da Motta, 363
Marli Thereza Gen Iorio, 310
Marly Gomes, 413
Marly Vasconcellos Ribeiro, 380
marquês de Fronteira, 236
marquês de Pombal, 36, 62, 79
marquês de Septimania, 176
Marta do Nascimento Conrado, 450
Marta Klajman, 393
Marta Lopes Costa, 310
Martha do Nascimento Lohse, 390
Martha Maria Resende Martins, 363
Martim Afonso Alvernaz, 155
Martim Afonso Chichorro, 128
Martim Afonso da Charneca, arcebispo de Braga, 165
Martim Afonso de Melo, 145
Martim Afonso de Sousa Chichorro, 160
Martim Afonso de Sousa, 160
Martim Afonso Pimentel, 145
Martim Afonso Telo, 145, 179
Martim Albernoz de Mendonça, 155
Martim de Castro, 159
Martim Esteves Evangelho, "o Beirão", 160
Martim Fernandes de Novais, 145
Martim Fernandes de Riba de Vizela, 148

Martim Gil de Riba de Vizela, 2° conde de Barcelos, 128
Martim Gomes Lobo, 159
Martim Gonçalves de La Cerda, 168
Martim Lourenço da Cunha, 135, 159
Martim Martins Machado, 148
Martim Moniz, 182
Martim Pais da Ribeira, 130
Martim Pires, 148
Martin Behaim (Martinho da Boêmia), 21
Martinho Teles de Meneses, 105
Maruza Cruz, 310
Mary de Los Angeles Fernandez Diaz, 277
Mary Ferguson Murray, 279
Mary Fernandes, 373
Mary Helene Murray, 302
Mary Inez Curtis, 399
Mary Irene Lomax Aune, 382
Mary Leopoldina Murray (Marieta), 282, 315
Mary Lousie Magalhães Murray, 322
Mary Louise Moraes Barros, 294
Mary Lucy Dias Murray, 321
Mary Millions, 123, 417
Mary Murray Gonçalves, 328
Mary Norton de Murat Quintella, 417
Mary Norton, 272
Marylia Eluiza Lallemant Lyra, 275
Masle, Lackermann & Co., 116
Mateus Aquino, padre, 51, 54, 71, 210
Mateus Borges, 206, 207, 209
Mateus Pais, 30, 134, 135
Matheus Costa, 295
Matheus Nogueira Fonseca, 339
Mathias da Silveira, 89
Mathias Soares Pinto, 282
Matias Pereira, 133
Matias Yamazaki Cruz, 299
Mattias Michael Paul Bartsch, 351
Maurício Coquet, 381
Mauricio Cunha Donato, 398
Maurício Magarinos de Souza Leão, 441
Mauricio Pereira Machado, 302
Mauricio Silveira Monteiro, 395
Mauricio Soldon Freire, 288
Maurine Biet, 100
Mauro Hebert Godoy, 417
Mauro Jorge Antonio Nunes Lopes Martins Waddington Telles Ribeiro, 382
Mauro Klajman, 393
Mauro Moraes Queiroz Junior, 309
Mauro Moraes Queiroz, 309
Mauro Waddington, 381
Mauro Weber Trivellato, 390
Max Alfred Weber (neto), 400
Max Alfred Weber, 123, 383
Max Geisberg, 112
Max Golovaty Asnis Weber, 391
Max Lohse, 388
Max Weber, 123, 390
Maximiliano Roris Seixas, 348
Máximo Antonio Martins, 335
Máximo Martins, 335
May Baskerville, 337
May Waddington Telles Ribeiro, 382
Maysa Correia Nogueira, 339
Mécia Anes de Andrade, 148
Mel Murray, 310
Melany Ribeiro da Silva, 310
Melany Ribeiro, 310
Melchiades de Oliveira Lima, 387
Mem Rodrigues de Vasconcelos, 135
Mem Soares de Melo, 142
Mendo Moniz de Gandarei, 148
Mendo Moniz, 148
Mendonça, 68
Mercedes Braga de Andrade, 291
Mercedes Xavier Tiengo, 380
Mestre de Avis, 146
Meyronet de St. Marc, 192
Michael Wallace Scott Murray, 293
Michaela Weber, 386
Michel Ibrahim Hanania, 391
Michelle Zaninotto Santos, 273
Miguel Iorio, 310
Miguel Maria Borges da Câmara, 48, 49
Miguel Murray, 298
Miguel Rodrigues, 144
Miguel, irmão de D. Pedro I (ou D. Pedro IV), 45, 47, 48, 49, 50, 55, 57, 58, 206, 220
Mila do Nascimento Lohse, 390
Mildred Ella Mehr, 275
Mília Fernandes Camelo, 159
Milton Bernardo da Silva, 307
Milton José Marinho Telles Ribeiro, 451
Milton Telles Ribeiro, 122, 372
Minervina Preciosa Soares Serpa, 352
Minna Murray (Minnita), 299
Minna Murray, 282, 331
Minna Ribeiro Murray *ver Minna Telles Ribeiro*
Minna Telles Ribeiro, 107, 265, 279, 302
Miriam de Paula, 449
Miriam Scott Murray, 293
Miriam Telles Ribeiro, 265
Mitzi Waddington, 381
Moacyr Tavares Bastos, 277
Mohamed Saïd, 202
Moisés Elias Hönig, 388
Mônica Assumpção, 311

Mônica Barroso Valporto de Sá, 398
Monica Correa de Araujo, 396
Mônica de Andrade Lage, 276
Mônica Felix de Souza, 273
Mônica Godinho, 102, 184
Mônica Lage Rebello, 274
Mônica Pimentel, 146
Mônica Solferini, 296
Moninho Viegas, "o Gasco", 148
Mor Anes Coelho, 159
Mor Pais, 145
Morais Âncora *ver Antônio Isidoro de Morais Âncora*
morgado Linhares, 52
Mundos (ou Mendo) Furtado de Mendonça, 88, 143
Munia, mulher de Garcia Sanchez, duque de Gasconha, 176
Munia, mulher de Ordonho I, rei das Astúrias, 177
Muriel de Macedo Soares, 365
Murilo de Mello Gonçalves, 336
Murilo Valporto de Sá, 398

N

Nadya Viggiano, 424
Nair Balthazar Rawicz, 304
Nair Camargo Tourinho, 381
Nair da Costa Alves, 362
Nair da Rocha Miranda, 296
Nair de Carvalho Pereira, 380
Nair Freire Cruz, 301
Nair Sumie Fudalhis, 385
Nair Tavares Botelho, 413
Nanci Perret Weber, 391
Nancy Dabney, 62, 63
Napoleão Bonaparte, 38, 39, 66, 196
Napoleão III, 85, 242, 243, 244
Natalia Camarão Telles Ribeiro, 412
Natalia Louise Muniz Vieira, 387
Natalia Telles Ribeiro, 440
Natalino de Andrade, 291
Nathalia de Siqueira Menezes de Carvalho, 286
Nathaniel Stratton Lallemant Lyra, 275
Natividade de Jesus Gonçalves, 291
Nayde Perret Weber, 390
Nazul José Fudalhis, 385
Neida Fortini Curtis, 399
Neidi Donatti Iotti, 412
Nello Zaninotto, 273
Nelson Augusto, 332
Nelson Soares, 454
Nelson Telles Ribeiro, 122, 366
Nero Siegfried Wagner Batttendière, 331
Nestor de Andrade, 394
Neusa Telles Ribeiro, 122, 440
Neuza Araújo, 387
Neuza Belaguarda Nagy de Oliveira, 322
Neuza Maria Martins da Silva, 386
Neuza Pereira, 380
Nicholas Campomar Nascimento Baskerville Macchi, 333
Nicolangelo Dell'Arciprete, 448
Nicolau Tolentino de Moura, 86, 201, 252
Nicole Anne Marie Jeanne Louise Tanguy, 394
Nicole Murray Soares, 454
Nidia Lohse, 388, 401
Niel Anthony Stratton, 275
Nielson Zanon Soares, 454
Nilah Floresta de Martins Ferreira, 361
Nilce Ferreira, 301
Nilce Rocha dos Santos, 450
Nilce Taborda Cassins, 293
Nilceia de Macedo Szigethy, 312
Nilnah Barcelos Dias, 320
Nilo de Domenico, 413
Nilza Antonia de Souza Lay, 366
Nilza de Cerqueira Muniz Monteiro, 389
Nilza Silva de Macedo, 311
Nina Frota Renault, 394
Nina Morena Borges Pessoa, 317
Nirce Bastos Hanania, 391
Nisaku Mori, 308
Noemi de Castro Souza Leão, 440
Noemia Maria do Lago Rocha, 293
Noemia Murray de Moraes Barros, 294
Noemia Murray, 302
Norma Francioni Sarmento, 347
Norma Suely Macedo Szigethy, 311
Nuna Fernandez, 170
Nunes do Amaral, 265
Nuno Álvares Pereira, 159
Nuno Fernandes Cogominho, 157
Nuno Gomes Guedeão, 129
Nuno Gonzalez de Lara, 170
Nuno Mascarenhas, 137
Nuno Mendes de Gandarei, 148
Nuno Murray Bustorff Silva, 330
Nuno Rebello de Andrade Bustorff Silva, 330
Nuno Vieira Bustorff Silva, 329

O

Octavio da Silva Costa, 308
Odete Silva, 383
Odette Motta Raia, 395
Odorico Sergio Oliveira Vieira, 387
Oiomar Montedonio Rego, 448
Olavo Borges Van Gent, 278
Olegal Emigdio da Silva, 427

Olevindo Tiburcio Neves, 390
Olga Alexander de Salles Guerra, 275
Olga Ana de Sá, 271
Olga de Magalhães, 322
Olga Maria de Salles Guerra, 275
Olga Martins Carvalho, 424
Olga Nobrega Martins, 313
Olga Telles Ribeiro, 123, 403
Olivia Furtado Borges, 279
Olivia Garcez do Nascimento, 288
Olivio Carnaciali, industrial, 290
Ordonho I, rei das Astúrias, 177
Ordonho II, rei de Leão, 177
Ordonho III, rei de Leão, 177
Ordonho Ordonhes, conde de Cabreira e Ribeira, 130
Orlando Pereira de Souza, 397
Oscar Francisco da Cunha, 277
Osmar Novoa, 333
Osório de Cabreira, senhor de Ribeira, 130
Oswald Norton de Murat Quintella Filho, 424
Oswald Norton de Murat Quintella (I), 417
Oswald Norton de Murat Quintella (II), 424
Oswaldo Coelho de Mattos, 380
Oswaldo da Rocha Ribas (Filho), 301
Oswaldo da Rocha Ribas, 301
Othilia Lopes da Cunha, 277
Otílio de Carvalho Cruz, 301
Otto Bartsch, 351
Otto Certo, 349
Ouroana Pais Correia, 148
Ouroana Raimundes de Portocarreiro, 134
Ovidio Cipriano de Oliveira, 393
Ovídio de Souza Breves, 448

P

Padre Manoel, 279
Paio Pereira, 183
Paio Pires Lobo, 159
Paio Soares de Valadares, 159
Palhinha *ver Antônio Teles Peixoto Gutierrez Palhinha*
Palmira Crescêncio Ferreira Leal, 276
Palmira Vidal, 282, 301
Palmyra Figueiredo Murray, 291
Paloma Sarubi Macchi, 332
Pamela Carolina Lima Lago, 388
Pascoal Amendola, 336
Paterna, senhora de Castela, 170
Patricia Dondeo, 287
Patricia Duarte de Barros, 447
Patricia Murray Bento, 307
Patricia Ribeiro de Moura, 413
Patrícia Ribeiro Peret Antunes, 310
Patrícia Sodré Rangel Pestana, 299
Patrick Douglas Murray, 304
Paul Theroff, 142, 168, 177
Paul Van Gent, 278
Paula da Silveira, 21, 132, 150, 151, 164
Paula de Bom-Dia, 163
Paula Forner Santos, 273
Paula Millions Dutra, 376
Paula Monnerat Mululo, 380
Paula Moraes Barros Costa, 295
Paula Nader Borges, 278
Paulina Furtado de Mendonça, 155
Paulina Virmond Carnaciali, 290
Paulino Levino Neves, 390
Paulo Bismark Barroso Machado, 346
Paulo Cesar Branco Silveira, 307
Paulo Cesar da Silva Costa, 308
Paulo Cesar de Macedo Szigethy, 312
Paulo Cesar de Oliveira, 302
Paulo da Rocha Machado, 346
Paulo de Paula, 449
Paulo de Salles Guerra, 275
Paulo de Souza, 364
Paulo Elysio Diniz Carneiro, 304
Paulo Fernando Murray Del Priori, 321
Paulo Fernando Telles Ribeiro, 3, 11, 13, 15, 190, 430
Paulo Ferreira Dias, 320
Paulo Frederico Diniz Carneiro, 304
Paulo Lage Rebello, 274
Paulo Marcio Alencar Fontes, 339
Paulo Roberto Costa, 295
Paulo Roberto de Souza, 373
Paulo Roberto Murray, 291, 309
Paulo Roberto Tavares de Souza, 437
Paulo S. do Lago, 302
Paulo Schiesari, 334
Paulo Sergio Scott Murray, 292
Paulo Silveira Ribeiro, 376, 380
Paulo Telles Ribeiro, 123, 376, 380
Pedro Abarca, 169, 183
Pedro Álvares Cabral, 133
Pedro Álvares de Sotomaior, conde de Caminha, 165
Pedro Alves Pinto Neto, 389
Pedro Alves Pinto, 388
Pedro Anes [do Canto], 27, 106
Pedro Antonio Telles Barreto de Menezes, 271
Pedro Augusto Murray Del Priori, 321
Pedro Baptista Magdinier, 314
Pedro Beltrán [de Sahagún], 171, 178
Pedro Correia da Cunha, 135, 152
Pedro Cristiano Waddington Aune, 383
Pedro da Costa Amorim, 381
Pedro de Buendia, 163

Pedro de Castro, 159
Pedro de Seia, 138
Pedro Dias Cabral, 89
Pedro Esteves, 159, 165
Pedro Gonçalves de Lara ver *Pedro Gonzalez de Lara*
Pedro Gonçalves, 334
Pedro Gonzalez de Lara, 142, 170, 177
Pedro Gouveia Teixeira, 393
Pedro Homem, 148
Pedro, duque de Bragança, *ver Pedro I, imperador do Brasil*
Pedro I, "o Cruel, de Castela, 172
Pedro I, imperador do Brasil, 45, 47, 48, 49, 52, 57, 58, 59, 61, 64, 65, 84,85, 90, 96, 98, 159, 199, 201, 236, 243
Pedro II, imperador do Brasil, 92, 263
Pedro IV, de Portugal *ver Pedro I, imperador do Brasil*
Pedro Lopes Lobo, 159
Pedro Martins da Rocha, 301
Pedro Mendes de Gandarei, 148
Pedro Paulo Montedonio Rego, 448
Pedro Paulo Murray de Oliveira, 302
Pedro Quaresma Furtado, 89
Pedro Rodrigues Carrascosa, 163
Pedro Salgueiro Telles Ribeiro, 449
Pedro Simon Camarão Telles Ribeiro, 411
Pedro Torres, 312
Pedro, duque de Cantábria, 177, 178
Pedro, duque de Coimbra, 169
Pelágio, das Astúrias, 177, 178
Pepi, quinto avô de Telo Teles, 171
Pepino III, "o Breve", 176
Percy Charles Murray, 318
Percy Murray, 282
Pero Afonso de Arganil, 159
Pero Froiaz, senhor de Trastâmara e de Trava, 170
Pero Gomes Albernaz, 155
Pero Martins Botelho, 157
Pero Nunes, 129
Pero Pais Lobo, 159
Pero Pasteleiro, 132
Pero Pires de Pereira (Pedro Homem), 148
Pero Pires Gravel, 148
Pero Rodrigues de Pereira, 134, 145, 148
Pero Vaz de Melo, 1° conde de Atalaia, 135
Perside Leal, 276
Peter Christian Aune, 382
Philippe Murray Carnasciali, 290
Pierre Camarão Telles Ribeiro, 411
Pieter van Rossem (Pedro da Rosa), 27
Piralyna Minervina Lopes Conrado, 449
Policarpo Martins, 338
Preciosa Mathan, 355
Primitivo Lago Pensado, 388
princesa Clotilde, filha do rei da Itália, Vítor Emanuel II, 85
príncipe Alfredo, filho da rainha Vitória, da Inglaterra, 99
príncipe de Joinville, 40, 66, 67, 68, 69, 223
Priscila Victória Pinto, 348
Priscilla Sandt Pessoa, 317
Priscilla Vasconcelos Baskerville, 334
Prudência Joaquina Cândida da Costa, 243
Prudêncio da Silva, 269
Pua Lewin, 393

Q

Quintino Esteves Pereira, 309

R

R. L. Dabney, 94, 108
R. Vainfas, 22
Rachel Barroso, 397
Rachel Kier Citrim, 385
Rachel Santana, 297
Rachel Simonsen Murray, 331
Rachel Valporto de Sá, 398
Rachela Hönig, 388
Rafael Cambraia de Souza, 303
Rafael Dondeo Freire, 288
Rafael Ribeiro de Moura, 414
Rafael Soares Barroso, 399
Rafael Sodré Rangel Pestana Henriques, 299
Rafael Telles Ribeiro de Souza, 373
Raimundo de Borgonha, 142, 170
Ramiro I, rei das Astúrias, 170, 177
Ramiro II, rei de Leão, 177
Ramón II, conde de Ribagorza e Pallars, 176
Ramon Silva, 289
Raphael Cavallo, 303
Raphaella de Araujo Murray, 322
Raquel Costa Ribeiro, 415
Raquel Felicidade Gimenes, 313
Raquel Hönig, 388
Raquel Lima de Andrade, 276
Rasul Leytel Lagos, 411
Raul Aloysio Telles Ribeiro, 365
Raul Borges, 294
Raul Ribeiro da Silva, 371
Raul Telles Ribeiro, 110, 117, 118, 270, 352
Raymondo Delaorden, 366
Rebeca Hönig, 388
Rebecca Suplicy, 331
Refroi de Conflens, senhor de Prémy, 171
Regina Celi Rocha Santos, 450

Regina Celia Freitas Gomes, 333
Regina Coeli Murray, 308
Regina Gloria Sipauba, 373
Regina Helena Costa Gordilho, 301
Regina Helena Moraes Barros Costa, 295
Regina Helena Telles Ribeiro, 438
Regina Lage, 273
Regina Maria Abreu de Oliveira Souto, 446
Regina Maria Bechara Ferreira, 356
Regina Maria Tavares Braga, 363
Regina Murray Loureiro, 291
Regina Simonsen Murray, 329
Regina Stella Amendola, 336
Regnault de Béthencourt, 161
Reimão Pereira de Lacerda, 166
Reinaldo Frota de Oliveira, 394
Reinaldo Santos de Oliveira, 393
Reis Quita *ver Domingos dos Reis Quita*
Rejane Andrade Carvalho, 339
Renan Menezes Frota, 394
Renata Dondeo, 288
Renata Giovanetti Costa, 295
Renata Peret Teixeira de Carvalho, 311
Renato Aloysio Telles Ribeiro Junior, 363
Renato Aloysio Telles Ribeiro, 358, 362
Renato Anselmo Machado, 350
Renato Murray Rangel Pestana Junior, 299
Renato Murray Rangel Pestana, 299
Renato Pereira Ribeiro, 381
Renato Rangel Pestana, 299
Renato Soares Barroso, 399
Renato Sobral Pires Chaves, 291
Renato Weber Barroso, 398, 399
Renaud de Roucy, 171
Renee Moreira Nader, 278
Rhanna Victoria de Freitas Quintella, 425
Ribeiros, 65
Ricardo Dondeo, 286
Ricardo Frota Oliveira, 393
Ricardo Gonçalves da Motta, 274
Ricardo Henrique da Silva Pinto, 389
Ricardo I, "Coração de Leão", da Inglaterra, 169
Ricardo Leite Ottati, 274
Ricardo Pereira Ribeiro, 380
Ricardo Santos Costa, 295
Ricardo Serpa Maia, 297
Ricardo Ventura (Filho), 290
Ricardo Ventura, 290
Richard Liu, 318
Richard Wallace Scott Murray, 292
Rita Arcângela, 93, 95, 96
Rita de Cassia Bastos de Menezes, 393
Rita de Cassia da Silva Pinto Sobrinha, 389
Robert Baden-Powell, general, Sir e Lord, 416
Robert Cochrane Suplicy, 320
Robert Scott Murray, 290
Roberta Norton de Murat Quintella, 425
Roberta Telles Ribeiro, 366
Robertina da Gama Cochrane, 318, 321
Roberto André Hexsel, 403
Roberto Cochrane Simonsen, 321
Roberto de Castro Ribeiro, 380
Roberto de Oliveira, 289
Roberto Dias da Silva, 296
Roberto Hanania Filho, 391
Roberto Hanania, 391
Roberto I, "o Velho", duque de Borgonha, 130, 177
Roberto Iovanni, 303
Roberto Lavradas, 387
Roberto Mattos de Oliveira, 288
Roberto Menezes de Moraes, 11
Roberto Teixeira Weber, 386
Roberto Vasconcellos Ribeiro, 380, 381
Robin Vasconcelos Baskerville, 334
Rodolfo Lagos Mônaco, 411
Rodolfo Menezes Frota, 394
Rodolpho Ribas Castello Branco, 410
Rodopho Monteiro, 265
Rodrigo Afonso Fagundes, 150
Rodrigo Afonso Pimentel, 145
Rodrigo Alves Guerra [Filho], 93, 94
Rodrigo Alves Guerra, 86, 93, 95, 189, 248, 249, 250, 251, 252, 253
Rodrigo Anes da Lombada, 144
Rodrigo Anes Pimentel, 160
Rodrigo Anes, 169
Rodrigo Antônio de Araújo Lima, 352
Rodrigo Campos Conrado, 450
Rodrigo Domingos de Sousa Coutinho, conde de Linhares, 202, 203
Rodrigo Fernandes de Castro, "o Calvo", 159
Rodrigo Fiuza Botelho, 351
Rodrigo Froiaz, conde de Trastâmara, 134
Rodrigo Gonçalves de Pereira, 134
Rodrigo Manuel da Costa, 451
Rodrigo Nicolau Lavradas Muniz, 387
Rodrigo Otavio Del Castilho, 283
Rodrigo Rebello da Motta, 274
Rodrigo Weber Grimaldo, 401
Rodrigo, de Castela, 170
Rodrigo, último rei visigodo, 178
Rogerio Cezar de Andrade, 402
Rogério Cezar de Cerqueira Leite, 402
Rogério de Castro Ribeiro, 376
Rogério Frota Correia de Araujo, 395
Rogério Meneghini, 403
Rojane Lohse Monteiro, 389
Rolf Osang, 99

Romero Lallemant Lyra, 275
Romeu Moreira Godoy, 417
Romeu Solferini Neto, 296
Romualdo Luis Ribera Salcedo, 330
Romulo Cumplido, 315
Romulo Oliveira Souto, 446
Ronald Braga de Andrade, 291
Ronald Murray, 289
Ronald Rangel Murray, 291
Ronaldo Mauri Obladen, 395
Ronaldo Vainfas, 200
Roque Correia de Araujo, 395
Roque Francisco Furtado de Melo, 48, 49, 199, 200
Rosa Adelaide Maciel, 96
Rosa Angela Ribera Salcedo, 330
Rosa da Conceição Murray, 311
Rosa de Almeida Rego Figueira de Melo, 356
Rosa de Gouveia Breves, 448
Rosa Dilena, 333
Rosa Duarte Macchi, 332
Rosa Garcez Vidal, 282, 294
Rosa Gomes Vidal., 288
Rosa Maria da Conceição, 311
Rosa Maria Tavares, 104
Rosália Tavares Braga, 363
Rosalina de Jesus, 270
Rosana Iorio, 310
Rosana Weber Grimaldo, 401
Rosane Frota Oliveira, 393
Rosangela Frota Oliveira, 394
Rosaria Nastre Brito, 336
Rose Marie Hill Moura, 274
Roseana [Kligerman] Murray, 298
Rosemary Vidal Murray, 310
Rosemay Gonçalves Baskerville, 334
Roxa Dabney, 64
Roxana L. Dabney, 101
Rubem Winograd, 382
Rubens Furtado, 278
Rubens Galdeano, 300
Rui Dias Evangelho, 156, 160
Rui Dias Lobo, 2° senhor de Alvito, 159
Rui Gonçalves da Câmara, 144
Rui Gonçalves de Pereira, 158
Rui Lins Rabello, 437
Rui Lourenço, 160
Rui Vaz Peixoto, 157
Rui Vaz Pereira, 165
Ruth Modesto Gonzaga, 278
Ruth Valadão de Mattos, 402
Ruwin Waksman, 393
Ruxeleben, governador militar, 47, 199
Ruy Perret Weber, 391
Rysian Lohse, 389

S

S. Luís de Anjou, bispo de Toulouse, 132
Saladino, sultão, 169
Salazar Acha *ver Jaime de Salazar Acha*
Salvador Arriaga, 191
Salvador Coelho, 137
Salvador Gonçalves, 79
Salvador Gramacho, 183
Salvador Pio Vasconcellos, 380
Samuel Santana de Vasconcellos, 297
Samuel Wilhelm Hübscher, 383
Sancha David (Rosalinda), condessa de Agen, 176
Sancha de Navarra, 176
Sancha Henriques de Portocarreiro, 134, 158
Sancha Martins, 145
Sancha, filha de Afonso V, de Leão, 177
Sancha, filha de Sancho Garcês I, de Navarra, 170
Sancha, mulher de Paio Pires Lobo, 159
Sancho Garcês I, de Navarra, 170
Sancho I Ramirez, rei de Aragão, 171
Sancho I, de Portugal, 150, 172
Sancho II, de Portugal, 145, 157, 159
Sancho III, rei de Navarra, 177
Sancho IV, rei de Castela, 172
Sandra Camarão Telles Ribeiro, 410
Sandra Casanova, 303
Sandra Lomas, 328
Sandra Maria Cimbalista Coelho da Rocha, 446
Sandra Pontes de Siqueira Menezes, 286
Sandra Scliar da Costa, 451
Sandro Dinarte Araujo da Costa, 428
Santa Isabel da Hungria, 42
Sara Hickling Anglin, 99
Sarah Jennings, 61
Sarita Scott Murray (Ceci), 282
Saul Birman, 447
Saulo Telles Ribeiro, 356
Scott Philip Studebaker, 374
Sebastião Álvares, 183
Sebastião Alvernaz, 133
Sebastião de Pinho, conde de, 282
Sebastião de Sant'Anna e Silva, 416
Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, 115
Sebastião Duarte de Barros, 447
Sebastião Gonçalves Albernoz, 155
Sebastião José de Carvalho e Melo, conde de Oeiras e marquês de Pombal, 36
Sebastião Moniz Barreto, 179, 180
Sebastião Nunes, 136, 141
Sebastião, rei de Portugal, 172
Selma Rodrigues Gonçalves, 300
Selma Yamazaki Cruz, 299
senhor A. de Lurde, 227, 229

senhor Blanchet, 56, 202, 211, 214, 218, 220, 221
senhor C. Famin, 236, 237
senhor Capras, 51, 204
senhor Dannery, 198
senhor de St. Didier, 198
senhor G. B. Varenne, 235, 238, 239
senhor H. Flury, 241, 242, 243, 244
senhor Houet, 242
senhor Las Casas, 220, 221, 222
senhor M. P. Dijond, 230
senhor Sénévier, 245, 246, 247, 248, 249
Serafina Felix de Lima, 451
Sergio Alexandre Felix de Lima, 451
Sergio Augusto Ribeiro Freire, 288
Sérgio Augusto Ribeiro, 84, 93, 97, 189, 231, 232, 235, 236, 238, 240, 241
Sergio Cezar de Cerqueira Leite, 403
Sergio Dilberto Fernandes, 397
Sergio Dondeo Freire, 288
Sergio José Waksman, 393
Sergio Murray Gonçalves, 329
Sergio Murray Rangel Pestana Filho, 300
Sergio Pereira Carvalho, 286
Sérgio Pereira Ribeiro, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 79, 80, 83, 86, 89, 90, 93, 95, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 141, 142, 152, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 206, 210, 211, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 248, 252, 253, 254, 256, 257
Sergio Rangel Pestana, 300
Sergio Santos Cruz, 310
Sergio Teixeira de Carvalho, 311
Sergio Telles Ribeiro (I), 108, 264, 265
Sergio Telles Ribeiro (II), 269
Sergio Telles Ribeiro (III), 355
Sergio Telles Ribeiro (IV), 355
Sergio Telles Ribeiro (V), 451
Sheila Rosenberg, 322
Sheila Telles Ribeiro, 451
Sidney Martin Simonsen, 318, 321
Sidney Murray, 290
Sidney Robert Murray, 320
Sílvia de Foix, 167
Silvia, rainha da Suécia, 440
Silvio Nascimento Rosa, 330
Silvio Tavares de Souza, 437
Silvio Timoteo Moreira, 273
Simão Acciaioly (Simam Amxioly), 143
Simão Ferreira Paes, 28
Simas Telles, 73
Simas Valadão, 73
Simoa Álvares de Carvalho, 183
Simone de Mello Martins, 335
Simone Murray de Andrade, 291
Soares Luna *ver João Pedro Soares de Luna*
Soeiro Pais de Valadares, 159
Solange Aparecida da Costa, 349
Solange Cambraia de Souza, 303
Solange da Silva Rosa, 348
Solange Maria Prado dos Santos, 295
Solange Sergio, 285
Sonia Lohse, 388
Sonia Maria de Brito Murtinho, 447
Sonia Maria Sandt Pessoa, 317
Sonia Murray Pinto, 283
Sonia Murray, 307, 308
Sonia Oiticica, 320
Sônia Philippi Borges, 277
Sonia Regina Hofman, 292
Sonia Telles Ribeiro, 356
Stefano Maluf, 401
Stela Luciani de Freitas Guarnieri, 424
Stella Correia Nogueira, 339
Stella Murray Cumplido, 315
Stella Suely Spirandelli, 415
Street d'Arriaga, 192
Street d'Arriague, 202
Street d'Harriague, 193, 198
Street de Arriaga, 193
Street de Harriaga, 194
Sueli Silveira Monteiro, 395
Suely Dubois Kohën, 448
Suely Murray, 308
Sunny Rangel Murray, 291
Susan Baskerville Schiesari, 334
Susana Hübscher, 383
Susana Pimentel, 146, 150
Susanna Hübscher, 383
Susanna Juliana Lichtenhahn, 383
Susanna Weber, 123
Suzana Alvarenga de Palmer Paixão, 290
Suzana Camarão Cencin, 411
Suzana Carolina Muniz de Oliveira Lima, 387
Suzana Furtado, 278
Suzana Lage, 276
Suzana Weber (Suzie), 386
Suzanne Desirée Vincent Bréchignac, 410
Suzy Murray Gonçalves, 328
Sydney Murray Cumplido, 316
Sylvia Dubois Kohën, 448
Sylvia Murray Sandt, 262, 316, 318
Sylvia Telles Ribeiro, 356
Sylvio de Moraes Lemgruber, 320
Szabolcs de Vajay, 171, 177

T

Tadeu Rangel Pestana, 299
Tainá Nogueira Ramalho de Castro, 346
Taiyo Murray Mori, 308
Takeshi Kina, 365
Tales Rafael Muniz Bravo, 386
Talita Murray Lourenço de Carvalho, 307
Tamara Telles Ribeiro, 410
Tareja Roiz Girão, 172
Tareja Vasques Coutinho, 105
Tarik-Ibn-Ziyad, 178
Tasso Gutsch Ribeiro da Silva, 371
Tathiane Simões da Motta, 363
Tatiana Felix de Souza Lage, 273
Tatiana Norton Godoy, 424
Tatiana Ribeiro Tiengo, 380
Tê Mendonça Lima de Castro, 346
Tel Peres [de Meneses], 171, 179
Tel Peres, 172
Telo Gutierres, 171
Telo Teles, 129, 170, 171, 179
Teodofredo, duque de Córdoba, 178
Teodoro Pamplona, 96
Teodósio I, "o Grande", 176
Teodósio Ferreira de Melo, 152
Teotônio Correia de Araujo, 395
Teresa (Tareja), mulher do conde D. Henrique de Borgonha, 130, 142, 177
Teresa Adelaide Moura, 252
Teresa Anes de Portocarreiro, 159
Teresa Anes Redondo, 148
Teresa de Távora, condessa de Caminha, 165
Teresa Gonçalves de Curveira, 158
Teresa Kolontai Soldon, 288
Teresa Magarinos de Souza Leão, 446
Teresa Mariana da Silveira, 35, 67, 80, 135, 136, 142, 152
Teresa Meloni Rosa, 330
Teresa Murray Torres, 312
Teresa Pais de Jesus, 135
Teresa Ribeiro, 48, 86, 93, 94, 199
Teresa Sanches, 172
Teresa Silva Sobral, 291
Teresa Soares de Riba de Vizela, 142
Teresa Suarez de Figueroa, 143
Teresa Viegas da Fonseca, 145
Teresa Ximenes, 142
Teresinha Araujo da Costa, 428
Terezinha de Carvalho Marçal, 376
Terosco Neves de Souza, 311
Terras, 65
Thais Barroso, 397
Thais Quintella de Linhares, 427
Thais Seixas Certo, 349
Thayna de Araujo Linhares, 427
Theo Campomar Nascimento Baskerville Macchi, 333
Theodoro Obladen Filho, 395
Theóphilo Fortes, 272
Theotônio, 207
Theresa Costa Fortes, 272
Theresa Dias, 366
Theresinha do Menino Jesus Teixeira de Carvalho, 311
Thiago Assumpção Szigethy, 312
Thiago de Castro Ribeiro, 380
Thiago Gomes Correia de Araujo, 395
Thiago Telles Ribeiro, 365
Thiébaut I, de Reynel, 171
Thomas da Gama Cochrane, 318
Thomas Dart, 99
Thomas Hickling, 99
Thomas Telles d'Utra Machado, 194
Thomas Weber Kier Citrim, 385
Thomaz de Porras Pereira, 89
Thomaz Francisco da Rosa, 86
Thomaz Pereira da Rosa, 86
Thucydides Monteiro, 424
Tiago Bustorff Silva, 330
Tiago de Cerqueira Leite Meneghini, 403
Tiago Soares Barroso, 399
Tito Livio Lopes Conrado, 449
Tito Livio Virmond Carnasciali, 290
Toda Asnar, 170
Tomás Francisco Ribeiro, 31, 139, 141
Tomás Ribeiro, 136, 141
Tomás Solferini Moraes Barros, 296
Tomás, 74
Tomaz de Betencurt, 201
Tomaz Gutsch Zobaran, 371
Tomé de Sousa, 160
Tomé Furtado de Mendonça, 146
Tome Mori, 308
Tomé Pereira, 29
Tony Rodrigues de Almeida, 393
Tristão Pereira, 29
Tuxaua Plínio Barcelos de Linhares, 425
Tuxaua Quintella de Linhares, 426

U

Ubirajara Salgueiro, 448
Ugo Lay, 366
Ugo Souza Lay, 366
Urias de Castro Figueiredo, 294
Urius Cordeiro, 447
Urraca Nunes Manteigas, 157

Urraca Vasques Pimentel, 145
Urraca, rainha de Leão e Castela, 142, 170, 177
Úrsula Delfina Pereira de Lacerda, 27, 76, 82, 134, 150, 154, 166, 167, 168, 169, 172, 176, 180
Úrsula, irmã (ou tia) de Luísa Telles, 86

V

Valentim Fernandes Alemão (Valentim da Morávia), 133
Valéria Maria de Oliveira Corte Real, 309
Valina da Rocha Seixas, 348
Valina Ribeiro da Rocha, 117, 122, 337
Valter Martins Murray, 315
Vanda Pessoa Muniz, 387
Vandeci Pereira de Carvalho, 286
Vania Pereira Lopes, 300
Vasco Anes da Costa Corte-Real, 169, 179, 183
Vasco da Gama, 153
Vasco Gil Sodré, 152, 153
Vasco Gomes Peixoto, 157
Vasco Martins da Cunha, 135
Vasco Martins de Melo, 145
Vasco Martins de Novais, 145
Vasco Martins Moniz, 183
Vasco Martins Pimentel, 145
Vera Lucia Augusto, 332
Vera Lúcia da Costa Alves, 362
Vera Lúcia Franco de Oliveira, 385
Vera Maria Cantanhede Donato, 398
Vera Murray Moraes Barros, 296
Vera Murray, 302
Vera Regina Francioni de Sarmento, 347
Vera Regina Ribeiro de Moura, 413
Verônica de Menezes, 273
Vicência Dulce de Araujo Costa (D. Dulce), 414
Vicente DAquino, 399
Vicente Porfirio Soares Serpa (filho), 352
Vicente Porfírio Soares Serpa, 352
Vicente Schiesari, 334
Vicente Telles Ribeiro, 451
Vicky Baskerville Schiesari, 335
vicomte de Boislecomte, 233, 234
Victor Hugo, 120
Victor Seixas Botelho, 351
Victor William Gonçalves Baskerville, 262, 334
Victoria Baptista Rabello Telles Ribeiro, 437
Victoria Candida Marques, 430
Victoria Marques Corrêa, 430
Vilma Helena Ribeiro, 412
Vincenzo Cencin, 411
Violante d'Utra, 163, 164
Violante de Aragão, 167
Violante de Távora, 160
Violante Lopes de Távora, 160
Violante Pereira, 168
Violante Vaz Ferreira Pimentel, 156
Violeta Floresta de Martins Ferreira, 361
Violeta Oppenheimer, 390
Violeta Rodrigues de Carvalho, 374
Virgilia Magalhães Costa, 301
Virgilio Ferreira do Amaral, 289
Virginia Augusta Pinto, 349
Virginia Diniz Carneiro, 304
Virginia Duarte, 313
Virlei José Amaral, 380
visconde da Piedade, 65
visconde de Boislecomte, 233, 234
visconde de Narbona, 167
visconde de Pedra Branca, 356
visconde de Santarém, 35, 55, 220
visconde Júlio de Castilho, 90
Vital de Betencurt de Vasconcelos, 150, 161
Vitor da Luz Ferreira, 314
Vitor Eduardo Monteiro Goes, 386
Vitor Emanuel Paes, 451
Vitor Matheus Muniz Goes, 386
Vitor Souza Goes, 386
Vitorino Gomes Corrêa, 309
Vitorino José Ribeiro, 51
Vivaldo Coaracy, 107
Vivian Murray da Rocha Loures, 293
Viviane Murray da Luz, 314
Viviane Torres Corrêa, 313
Viviane Zantut, 332

W

W. Galvani, 19, 31
Wagner Alberto Torres Corrêa, 312
Waldemar Gonçalves, 300
Waldemar Mendes, 313
Waldemaria de Souza, 373
Waldir Henriques, 299
Waldir Verocai, 287
Waldomiro Henriques, 299
Waldomiro Lima, 285
Walkiria Aparecida Amendola, 448
Wallace Robert Scott Murray, 292
Wallace Scott Murray, 292
Wally Borghoff, 297
Wally Murray Borghoff, 297
Walter Bento, 307
Walter Borghoff Junior, 297
Walter Borghoff, 297
Walter Ferreira da Motta, 274
Walter Ferreira, 396
Walter George Vidal Murray, 303

Walter Raleigh, Sir, 24
Walther Sommerlath, 440
Warren Riker, 291
Washington Frazão Braga, 358
Washington Gonçalves Vilarino, 349
Watson Queiroz, 309
Wendy Vasconcelos Baskerville, 334
Wilfried Telles Ribeiro, 110, 269
Willem van der Haghen (Guilherme da Silveira), 21, 23, 27, 35, 73, 132, 136, 151, 155, 156
William Albert Murray Junior, 309
William Albert Murray, 309
William Dabney, 61
William Fountain Baskerville, 332
William John Millions (Willie), 416
William John Millions, 123, 375, 415
William Martins Murray, 313
William Murray, 310
William Ruthven Murray, 282, 311, 312, 332
William Street, 36, 191
Wilma Martins Murray, 314
Wilson Carlos Corrêa Moura, 274
Wilson Lucio Sarro, 396
Wilson Moreira da Costa, 328
Wilson Telles Ribeiro, 366
Winnie Baskerville Doneux, 335
Wolfanga Crissiuma Paranhos Rohr, 321
Wolfanga Rohr, 321
Wossidle & Co., 121

X

Ximena, filha de Garcia I, de Navarra, 177
Ximeno Iñigues, 142

Y

Yan Telles Ribeiro, 382
Yanar Carvalho Santos, 272
Yanick Frota Renault, 394
Yara Birman, 447
Yara Neves Furtado, 278
Yolanda Heinzelmann, 322
Yone Dias, 289
Yone Oliveira Ferreira, 396
Yuki Mitsu Mori, 308
Yvonette Bogado, 292
Yvonne Fernandes, 355

Z

Zaida do Espirito Santo Costa, 372
Zaira Musse Del Castilho, 283
Zanith F. Suplicy, 331
Zelio de Moura, 413
Zenon Cleantes de Moura, 413
Zilah da Silva Figueiredo, 290
Zilda Felipe Mangas Ferreira, 450
Zilka Lopes do Amaral, 289
Zilpa Pereira de Mello, 335
Zuleika da Costa Vasconcellos, 380

ERRATA

Pág. 271, nota 3, 2ª linha, onde se lê: **D. Thereza Vianna de Lima**, leia-se: **D. Leopoldina Augusta Russel Álvares de Azevedo**. No Índice, p. 503, acrescentar em Leopoldina Augusta Russel de Azevedo, **271,** 315

Pág. 272, em [**2**] Antonio Augusto Martins Lage, 5ª e 9ª linhas, substituir **Correia** por **Corrêa**: D. Célia Attias Corrêa e Alvaro da Costa Corrêa. Corrigir no Índice, pp. 483 e 488

Pág. 274, em [**4**] Marcelo Lage Rebello, 3ª e 4ª linhas, substituir **Saad** por **Saadi**. *Idem* em [**5**] Beatriz Saadi Rebello e [**5**] Gabriel Saadi Rebello. Corrigir no Índice, pp. 486-7, 491-4 e 503

Pág. 278, em [**3**] Jorge Philippi Borges, acrescentar e também no Índice, p. 502:

Filhos:

4 Julio Gonzaga Borges, n. R. Janeiro a 12.04.1989 e aí f. a 12.08.1991.

Pág. 294, em [**3**] D. Dulce Murray de Moraes Barros, 2ª linha: depois de 1925, acrescentar: ... e f. a 12.09.2001.

Pág. 322 em [**2**] Albert Wallace Murray, n. em Santos-SP a 18.**08**.1915 (e não 18.*07*.1915);
3ª e 4ª linhas, onde se lê: Filha do Embaixador Alvaro de Magalhães, leia-se: Filha do diplomata, Ministro de 2ª Classe Alvaro de Magalhães, e de ...
5ª linha, onde se lê: Luiz Antônio de Magalhães, leia-se: Luiz **Augusto** de Magalhães

[**3**] D. Mary Lousie Magalhães Murray, corrigir e também no Índice, p. 509, para D. Mary **Louise de** Magalhães Murray

Em [**4**] D. Raphaella de Araujo Murray, corrigir e também no Índice, pp. 486, 506-12-17, para: D. Raphaella Murray, ... C. (União) c. Marcos Bordallo, n. R. Janeiro-RJ a 01.07.1957. Filho de Miguel Hillas Bordallo e de D. Ardilanda da Silva Bordallo.

Filhos:

5 Victoria Murray Bordallo, n. R. Janeiro-RJ a 27.10.1997.

5 Arthur Murray Bordallo, n. Nova Friburgo-RJ a 25.01.2001.

Em [**4**] D. Camila de Araujo Murray, corrigir e também no Índice, pp. 487, 509, para: D. Camilla Murray, n. no R. Janeiro-RJ a 27.09.1973. C. em Estocolmo (Suécia), onde reside atualmente, c. Mikael Flodell, cidadão sueco, n. a 17.02.1967 em Oberá, província de Missiones (Argentina). Filho de Sven Arne Flodell e de D. Gunvor Linnea Flodell.

Filha:

5 Michaela Maria Murray Flodell, n. a 11.06.2003 em Estocolmo (Suécia).

Pág. 322, última linha e pág. 328, 1ª linha, corrigir e também no Índice, pp. 503-15: Albert Ronald C. a 2ª vez ... Divorciaram-se. Albert Ronald Murray, de uma união com Suzanne Gibertoni de Faria, psicóloga, teve:

Filha:

4 D. Letícia de Faria Murray, n. no Rio de Janeiro-RJ a 19.11.1982.

Pág. 323, nas legendas das duas 1as fotos, corrigir Luiz Augusto Magalhães (bisavô de Olga) para: Luiz Augusto **de** Magalhães (**avô paterno** de Olga); e D. Carlota d'Araujo Guimarães Magalhães (bisavó de Olga) para: D. Carlota ... Magalhães (**avó paterna** de Olga)
Na legenda da 3[a] foto, corrigir Luiz Augusto Magalhães para: Luiz Augusto **de** Magalhães

Pág. 325, na legenda da 1[a] foto: corrigir Álvaro Magalhães para Álvaro **de** Magalhães; na 2[a] foto: corrigir Reneé para Renée

Pág. 326, na legenda da 2[a] foto: corrigir Olga Magalhães para Olga **de** Magalhães

Pág. 327, na legenda da 1[a] e 3[a] fotos: corrigir Camila para Camilla; na legenda da 2[a] foto: corrigir Mary Lousie Magalhães Murray para Mary **Louise de** Magalhães Murray

Pág. 328, em [**2**] D. Maria Helena Simonsen Murray, ao final da 1[a] linha, acrescentar: ... e f. a 08.01.2002.

Em [**4**] D. Andrea Moreira da Costa, acrescentar e também no Índice: C. em San Diego, Califórnia-EUA a 09.10.1999 c. David Scott Renfrew.

Filhos:

5 Joye Scott Renfrew, n. em San Diego, Califórnia-EUA a 21.06.2000.

5 Lexie Kay Renfrew, n. em San Diego, Califórnia-EUA a 13.10.2003.

Pág. 329, em [**2**] D. Carmen Simonsen Murray, na 1[a] linha, depois de ... 1923, acrescentar: ... e f. a 05.07.2003.

Pág. 331, em [**2**] D. Rachel Simonsen Murray, na 3[a]. linha, depois de ... 1920, acrescentar: ... e f. a 21.02.2003.

Em [**4**] Luiz Suplicy, corrigir para Luiz Suplicy Junior. Depois de ... 1972, acrescentar e também no Índice: C. em Trancoso-BA a 25.11.2000 c. Camilla Borges Ferreira, n. em S. Paulo-SP a 30.09.1970. Filha de Jayro Borges Ferreira e de D. Dulce Maria Filardi Borges Ferreira.

Filha:

5 Mariah Suplicy, n.em S. Paulo-SP a 16.03.2003.

Em [**4**] D. Rebecca Suplicy, corrigir para D. Rebecca Battendière Suplicy. Depois de 1974, acrescentar e também no Índice: C. em Itararé-BA a 09.10.2002 c. Edward Manson Manson II, n. em Massachusetts-EUA a 27.05.1972. Filho de Edward Manson Manson I e de D. Norma Osgood Manson.

Filha:

5 Charlie Battendière Suplicy Manson, n. em S. Paulo-SP a 11.11.2003.

Em [**4**] D. Daniela Suplicy, depois de 1970, acrescentar e também no Índice: C. em 13.12.1994 c. André Barros Martins. Separaram-se.

Filha:

5 Rafaella Suplicy Barros Martins, n. a 09.06.1998.

Pág. 331, em [**4**] D. Isabella Suplicy, depois de ... 1973, acrescentar e também no Índice: C. em S. Paulo-SP c. seu primo, Felipe Wallace Simonsen, n. a 12.10.1971. Filho de Luiz Wallace Simonsen Junior e de D. Vera Leme da Fonseca.

Filhas:

5 Graziella Suplicy Simonsen, n. em S. Paulo-SP a 27.04.2002

5 Francesca Suplicy Simonsen, n.em S. Paulo-SP a 20.07.2003.

Pág. 334, em [**3**] Victor William Gonçalves Baskerville, 2ª linha, acrescentar:... e f. a 03.2003.

Pág. 343, na legenda da 1ª foto, 2ª linha: ... Maria Teresa com Alessandra no colo e, atrás, a tia, **Norma de Barroso Perez**, irmã de Jeannette Barroso Perez. Incluir também no Índice, p. 510

Pág. 346, em [**2**] Paulo da Rocha Machado, 3ª linha, corrigir e também no Índice, p. 499, onde se lê: **Janete** Barroso Perez, leia-se: **Jeannette** Barroso Perez

Pág. 355 – onde se lê: [**3**] Sergio Telles Ribeiro, leia-se: [**3**] Sergio Telles Ribeiro Filho; na 1ª linha, depois de ... Médico, acrescentar: Diretor-Científico da SBGG-RJ (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia do Estado do Rio de Janeiro). No Índice, p. 515, substituir **IV** por **Filho**

Pág. 360, última linha, onde se lê **Tuxana** ... de Linhares, leia-se: **Tuxaua** ... de Linhares

Pág. 371 – D. Lydia Telles Ribeiro ... n. ... a ..., onde se lê: 02.09.1912, leia-se: 02.11.1912

Pág. 383, 1ª e 2ª linhas, acrescentar e também no Índice:

3 Liv Karenina Aune, n. a 25.04.1979. C. c. Bernardo de Carvalho de Almeida Leoni, n. no R. Janeiro a 13.07.1978. Filho de Roberto de Almeida Leoni e de D. Vera Lucia Neves de Carvalho.

Filho:

4 Tarik Leis Aune Leoni, n. no R. Janeiro a 28.03.2002.

3 Pedro Cristiano Waddington Aune, n. a 14.12.1980. C. (união) c. Renata de Almeida Neves, n. no R. Janeiro a 18.11.1980. Filha de José Cláudio Vaz Neves e de D. Edilce Maria de Almeida Neves.

Filho:

4 Tito Antonio Neves Aune, n. no R. Janeiro a 25.09.2002.

Pág. 387, em [**3**] Ivan Alexandre Silva Muniz, 4ª linha, onde se lê: **Maria** Cristina Lavradas, leia-se: **Marcia** Cristina Lavradas. Acrescentar nomes e corrigir no Índice, pp. 483, 506 e 505:

Filhos:

4 Rodrigo Nicolau Lavradas Muniz (...)

4 Alexandre Lavradas Muniz, n. no R. Janeiro a 23.04.2003.

Pág. 388, depois de [**4**] Pamela Carolina Lima Lago, acrescentar nome e no Índice, p. 499:

4 João Gabriel Lima Lago, n. no R. Janeiro a 03.10.2002.

Pág. 388, depois de [**3**] André Guilherme Muniz de Oliveira Lima, acrescentar e também no Índice, p. 502:

3 Juliana Marina Muniz de Oliveira Lima, n. no R. Janeiro a 14.07.1982.

Pág. 391, em [**2**] D. Lucia Perret Weber, onde se lê: 1946, leia-se: 1943

Pág. 415, em D. Guilhermina Telles Ribeiro (Mimi), 13ª linha, onde se lê: (Escócia), leia-se: (Inglaterra); onde se lê: 04.09.1919, leia-se: 14.09.1919; 14ª linha: Filho de James Patterson Millions **(engenheiro)** e de D. **Margaret** Wood, ...; 15ª linha, depois de ... 31.03.1873, acrescentar: *N. p.* de John Millions (engenheiro) e de D. Elizabeth Udney e *N. m.* de William Wood (fabricante de caldeiras) e de D. Margaret McGeoch.

Pág. 417, em [**1**] Arthur William Millions, 1ª linha, onde se lê: n. ... 1010, leia-se: n. ... 1910

Pág. 445 – na 1ª foto, 6ª linha: Rodrigo, Marcio, Iara (ao invés de Marcio, Rodrigo, Iara)

Pág. 509, no Índice Onomástico, onde se lê: Mary Louise Moraes Barros, leia-se: Mary **Lou** Moraes Barros **Costa**, 294

Pág. 451, em [**2**] Sergio Telles Ribeiro, 2ª linha, onde se lê: trabalha no Centro Brasileiro de Pesquisas, leia-se: membro do Corpo Administrativo do CBPF-Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (RJ).

ADENDA

p. 21 – nota 6, 1ª linha, nos parênteses: (Guilherme van der Haghen ou Guilherme da Silveira)

p. 22 – nota 11, depois de **Geral** e antes do ponto, acrescentar, entre parenteses: (*cf. A Fênix ou o Eterno Retorno*, Recife: Min. da Cultura, Publicações Monumenta, 2001, pp. 27-8).

p. 29 – nota 29, 3ª linha: ... v. notas 26, 105 e 270 ... (ao invés de **v. notas 26 e 105**)

p. 45 – nota 61, substituir o texto por: J. G. Hebbe, *op. cit.*, p. 529 in M. Lima, *Anais* ..., p. 470.

p. 63 – na penúltima linha do texto em inglês, substituir os parênteses por colchetes e grafar **Madalena** em caracteres normais, não em cursivo, assim: [Madalena]

p. 64 – 2ª linha, depois de **John Bass Dabney** e antes da vírgula, inserir: e seu sucessor na chefia do Consulado americano, em 1827, não escondeu ...

p. 65 – 5° § (Tradução), 4ª e última linha: *Terras* (grafar em cursivo)

p. 74 – nota 100 – corrigir: **hisoriador** para **historiador**

p. 86 – nota 120, no final, depois de ... **Alves Guerra** e antes do ponto, acrescentar, entre parênteses: (Dabney, R. L., *Annals* ..., I, cap. XXIV, pp. 384-401 e cap. XXVII, pp. 436-450).
nota 121 – 1ª linha, nos parênteses: (1790-1867) e não 1876

p. 87 – penúltimo §, Tradução, 2ª linha, corrigir: **sobrevivêrncia** para **sobrevivência**

p. 95 – nota 138, final da 1ª linha: substituir An, 1885 por An. 1985,

p. 98 – 2 últimas linhas: as datas entre parênteses devem vir entre JOÃO SÉRGIO RIBEIRO e a vírgula e não depois de Guilherme Telles Ribeiro.

p. 103 – 2° §, D. FRANCISCA JOAQUINA DE OLIVEIRA BARBOSA, 6ª linha: em "Arco do Teles", o fechamento das aspas está trocado, deve ser sinal de fechar e não de abrir aspas.
Na mesma pág., no § que começa: É a seguinte a linha do bisavô materno de Ana Joaquina ..., onde se lê: **bisavô**, leia-se: **trisavô**.

p. 115 – nota 171: depois do ponto, acrescentar: Sobre a citação de Hieronymus Muntzer, mais abaixo, v. nota 12.

p. 118 – 1ª linha: eliminar 1 espaço entre **do** e **Rio**
2° §, 1ª linha: Em outro trecho (10.05.1906), manifesta ao filho Drago:
nota 176, 2ª linha: depois de XX e antes do ponto, acrescentar: (v. nota na p. 430)
nota 177, última linha: dar 1 espaço entre 25, 28 ...

p. 120 – nota 179, 3ª linha: Johann Wolfgang von GOETHE (inserir **von** antes de GOETHE)

p. 123 – 3ª e 4ª linhas: substituir Louise-Antoinette (Nette) por: Luiza Antoinette (Nette)
4ª linha: **Marina** e **Alfredo** (grafar **e** com minúscula)

p. 130 – 2° §, 7ª linha: substituir **reino** por **reinado**

p. 135 - 3° §, 3ª e 4ª linhas, onde se lê: ... netos de João de Melo, alcaide-mor e comendador de Casével, leia-se: ...netos de Martim Vaz de Melo, 3° senhor da Castanheira, Povos e Cheleiros, ...
p. 139 – nota 220, 6ª linha: ... de Francisco Gomes Pais e de sua 1ª mulher, Maria de Melo

p. 141 – no quadro genealógico, faltam as conexões gráficas [|] entre Tomás Ribeiro e os pais, Sebastião Nunes e Bárbara de Ávila, e entre Maria da Anunciada e Tomás Ribeiro.
Maria da Anunciada, Francisco Gomes Pais e Guilherme Telles Ribeiro devem vir na cercadura, sendo que, este último, em tipo maior.

p. 142 – 1° §, 4ª linha, onde se lê: D. **Lopes** Iñigues, leia-se: D. **Lope** Iñigues. Incluir também no Índice, p. 503
2° §, 6ª linha: substituir D. Afonso **IV** por D. Afonso **III**
3° §, 1ª linha, onde se lê: **Ascendente de** ... , leia-se: **Situado na ascendência de** ...
nota 222, no final, depois de ... 67-84 e antes de fechar o parêntese, por ponto e vírgula e acrescentar: L. Weinholtz de Azevedo, *Hist. e Gen. dos Mendoça Furtado*, pp. 8-15). Depois, acrescentar: Para além da genealogia tradicional, que vincula os Furtado de Mendonça portugueses aos poderosos Hurtado de Mendoza, na linhagem dos senhores de Llodio e Mendoza castelhanos, modernas investigações indicam que esta família, em Portugal, começou com Afonso Furtado (☼ c. 1360, suposto *neto* de Rui Fernandes Furtado, escudeiro em 1310, morador no Porto, e *bisneto* de Fernão Furtado, "o de Alava"), capitão-mor do mar (1385) e anadel-mor dos besteiros do conto (1414), casado com a fidalga galega D. Maria de Mendonça, pais de Afonso Furtado de Mendonça (☼ c. 1412 - ✝ c.1475), do conselho de D. Afonso V e anadel-mor dos besteiros do conto (1444), que teve bastardo a Fernão Furtado de Mendonça (☼ c. 1438, irmão de D. Catarina de Mendonça, 3ª mulher de Bartolomeu Perestrelo, senhor de Porto Santo), escudeiro fidalgo da Casa Real (1475), casado (c. 1462) com D. Catarina de Guevara, com quem foi povoar a Graciosa (c. 1478), acompanhado dos filhos menores, entre eles João Henriques Furtado de Mendonça e Mundus Furtado de Mendonça. Este assina como proprietário na Graciosa, em 1492, e tirou carta de armas para Mendonça, em 1519 (Manuel Abranches de Soveral e Manuel Lamas de Mendonça, *Os Furtado de Mendonça portugueses – ensaio sobre a sua verdadeira origem*. Porto: 2004).

p. 143 – 6ª linha: substituir ... **D. Fernando** por **D. Fernando I** ...
2° §, 1ª linha, onde se lê: **avô paterno**, leia-se: **pai**; última linha: eliminar: em 1519
3° § - 6 – JOANA LOPES LOMBADA, 2ª linha: substituir os parênteses por: (v. n° 5, acima)
4° §, 3ª linha, inserir **[Zarco]** depois de João Gonçalves, assim: João Gonçalves [Zarco] da Câmara ...

p. 145 – 10ª linha: nos parênteses, substituir **8ª Parte** por **Apêndices** e fechar aspas depois de "Glossário", assim: (v. Apêndices: "Glossário").
nota 235, 2ª linha: depois de **p. 17** e antes do ponto, por ponto e vírgula e acrescentar: J. A. Pizarro, I, 573; A. Braamcamp Freire, I, 415 e 422.

p. 147 – nota 237: corrigir **topônino** para **topônimo**

p. 148 – 1° §, na penúltima e última linhas, o texto entre parênteses passa a ser: (v. n° 8 e n° 9, acima: "CATARINA PIMENTEL" e "SUZANA PIMENTEL").

p. 150 – No quadro, falta o sinal gráfico [∞] entre Jorgina d'Utra e Nuno Fernandes

p. 153 - 4° §, 1ª linha, em Antônio de Simas Teles, acrescentar: (≈ Sé de Angra, 12.12.1591) ...

p. 156 – 2° §, última linha: separar **n° 9**, acrescentar vírgula e **n° 10**, assim: (v. n° 6, n° 9, n° 10 e n° 11, acima):
No quadro genealógico, falta a conexão gráfica [|] entre Rui Dias Evangelho e os pais, Gaspar Rodrigues Evangelho e Filipa Pereira.

p. 157 – 2° §, 2ª linha, depois de ... **morgado de Pousada, em Guimarães**, acrescentar: legitimado por D. Afonso V em Évora (08.02.1453), e de sua mulher, D. Inês de Carvalho;
4ª e 5ª linhas, depois de **(1442-1461)**, onde se lê: e de D. Florinda Fernandes (filha de Fernão Anes e de Leonor Gomes), leia-se: e de Maria Gonçalves;
nota 258, substituir e acrescentar, onde couber: Foi o 2° casamento de D. Inês de Carvalho, que era filha do desembargador Diogo Afonso de Carvalho ... e de sua mulher, Branca Pinheiro, ele, *filho* de Maria de Azevedo e de Afonso Lourenço de Carvalho, senhor ... (Braga); *neto* de Rui Lourenço Carvalho, "o Velho", senhor da honra de Carvalho, legitimado pelo rei D. Dinis (25.06.1322), e de Inês Afonso, filha de Afonso Pires Ribeiro e de Urraca Anes; *bisneto* de Lourenço Martins Carvalho (1301), senhor da quinta do Campo e do casal da Ribeira, e de Sancha Pires, mulher solteira; *trineto* de Martim Pires Carvalho, senhor da honra de Carvalho, no concelho de Celorico de Basto, o qual viveu em tempos do rei D. Sancho II [*cf. Carvalhos de Basto: a descendência de Martim Pires Carvalho, Cavaleiro de Basto*. 9 vol. (Porto: 1977 ...)].

p. 159 - nota 1, 8ª linha, onde se lê: ... filha de João de Melo, leia-se: ... filha de Vasco Martins de Melo (v. nota 207; *cf.* Jorge Forjaz, *Os Luso-Descendentes da Índia Portuguesa*, II, 570).
Penúltima linha: abreviar **Anselmo** como **A.**

p. 160 – nota 4, 4ª linha, onde se lê: Era filho de ... e de D. Violante ..., leia-se: Era filho de Martim Afonso de Sousa, este, trineto de Martim Afonso Chichorro (filho do rei D. Afonso III), e de D. Violante ... (no Índice, acrescentar: no nome: p. 160)

p. 161 – 4° e último §, 1ª linha: Da Madeira, pois, foi um passo ... (acrescentar **pois**, entre vírgulas)

p. 163 15 – MARIA LUIZA BERNARDA: 2° §, 2ª linha, onde se lê: ∞ 1678, leia-se: ∞ 13.06.1678, Matriz, Horta, com Manuel da Silveira Gouvêa), ...

p. 165 – nota 6, 2ª linha: o trecho entre parênteses não deve estar em cursivo
nota 270 – depois de 60 e antes de fechar o parênteses, por ponto e vírgula e acrescentar: v. notas 28 e 29).
nota 272, penúltima linha: abreviar **Anselmo** como **A.**

p. 166 – 2° §, 1ª linha, acrescentar **nesta linha**, assim: ... *Sarmento*, nesta linha a descendência

p. 167 – 17 – ÚRSULA DELFINA PEREIRA DE LACERDA – 2° §, 4ª e 5ª linhas: substituir Aimérico **VI** por Aimérico **IV**; e **Silvia** de Foix por **Sibila** de Foix, e corrigir no Índice.

p. 171 – nota 291, 2ª linha: acentuar a palavra **território**

p. 173 – Afonso III, rei das Astúrias (866-910); Ordonho II, rei de Leão (914-24)

p. 177 – 2° §, 4ª linha, depois de (1037-65), eliminar o ponto e vírgula e **bisneta de Sancho III, rei de Navarra**; a frase prossegue diretamente de **(1037-65)** para **e da infanta D. Sancha, filha de** ..., que era assim *bisavô de D. Urraca* (e não **trisavô**); a partir daí, diminuir de 1 grau todo o parentesco da ascendência, até a última linha do §, assim: *trineta* de Bermudo II (ao invés de **tetraneta** de Bermudo II), ... e *duodécima neta* de Pedro, duque de Cantábria (ao invés de **décima terceira neta**)

p. 182 – no quadro genealógico, substituir **Antônio Muniz Barreto** por **Antônio Moniz Barreto**

p. 183 – nota 6, 1ª linha: substituir **Isabel da Costa** por **Isabel Vaz da Costa Corte-Real**

p. 185 – nota 5, 2ª linha: acentuar **Órfãos** com til

p. 194 – faltou a tradução portuguesa do 1° trecho em francês

p. 195 – doc. 11, Certidão, última linha: o n° **314**, da nota de pé de pág., não deve estar em cursivo

p. 198 - na Tradução, antepenúltima linha, depois de d'Arriaga, o n° entre parênteses é (315)

p. 232 – na Tradução, 5ª linha, final, corrigir a palavra **consular**

p. 252 – doc. 52, 3ª linha: nos parênteses, **D. Carlos** não deve estar em cursivo

p. 253 – nota 345, depois do ponto, acrescentar: Quanto ao cunhado, Francisco Pereira Ribeiro, o 3° do nome, era filho de Francisco Pereira Ribeiro [Filho] e de Francisca Adelaide Guerra (v. nota 134)

p. 265 – [**2**] Arthur Spann (eliminar o espaço entre **Spann** e a vírgula)
[**1**] D. Luiza Julieta Telles Ribeiro – 4ª linha, nos parênteses, onde se lê: **descendente do 1° barão** ... leia-se: **na linhagem do 1° barão** ...

p. 270 – Em [**2**] D. Irma Telles Ribeiro, 3 últimas linhas, eliminar a vírgula entre **novamente** e **com um aluno**, assim: ... casou-se novamente com um aluno de seu marido, e a pedido deste.

p. 317 – [**3**] Eduardo Sandt Pessoa – 10ª linha: C. em Itaperuna-RJ (separar **C. em**)

p. 350 – [**3**] D. Ana Cristina Pinto (separar **D. Ana**)

p. 355 – [**1**] Guilherme Aloysio Telles Ribeiro, 1ª linha: separar o ponto em **R. Janeiro**.
19ª linha, depois de ... Petrobrás., acrescentar: Diretor da Comissão de Organização do Centro Técnico de Aeronáutica (COCTA), de 13.03.1952 a 29.01.1953.

p. 357 – Em 06.12.1963 ... 2ª linha: Almirante Décio Santos Bustamante (grafar **Almirante** com inicial maiúscula)

p. 363 – Em [**2**] Fernando Aloysio Telles Ribeiro, da 2ª à 4ª linha, substituir o texto que vai de: Engenheiro ... até ... (60 a 65 anos), 1999, pelo seguinte: Engenheiro civil, professor de Educação Física, com o Curso de Monitores da Escola de Educação Física do Exército (1958), campeão mundial de salto ornamental e músico amador, é um dos fundadores do "Swinging Sounds", grupo de "jazz" composto de engenheiros, advogados, comerciantes, artistas gráficos e industriais, que se apresenta em locais em São Paulo. É o trompetista da banda, que participou de espetáculo no Teatro Municipal de São Paulo, em junho de 2000. É um dos mais conceituados atletas do esporte brasileiro. Desde 1974 é membro da IAKS, associação sediada

em Colônia (Alemanha), especializada no planejamento de construções esportivas. Atleta olímpico, disputou os Jogos Sul-Americanos de 1958, em Montevidéu (Uruguai); os de 1960, em Cali (Colômbia); e os de 1962, no Rio de Janeiro. Participou dos Jogos Pan-americanos de 1959, em Chicago (EUA); de 1963, em São Paulo; de 1967, em Winnipeg (Canadá); das Olimpíadas de Melbourne, Austrália (1956) e de Roma, Itália (1960). Atualmente disputa na categoria Sênior (60 a 65 anos), onde tem brilhado com importantes conquistas, tendo-se destacado nos Campeonatos Mundiais de Master ("FINA-World Masters Aquatics Championship"), em 1994, em Montreal (Canadá); em 1998, em Casablanca (Marrocos); e em 2000, em Munique (Alemanha). Aos 63 anos, ganhou duas medalhas de ouro e duas de prata no campeonato norte-americano de salto ornamental, em 2001, em Ohio. Nele, combinou seus dois grandes "hobbies": saltar do trampolim e tocar trompete. Consta que, na abertura do torneio, tocou o hino nacional dos Estados Unidos do alto de uma plataforma de 10 metros e, em seguida, saltou de terno e tudo na piscina, tendo sido ovacionado pelos espectadores.

p. 366 – Em [**2**] Wilson Telles Ribeiro, 1ª linha, depois de: ... 1942., acrescentar: Advogado do Banco Bamerindus do Brasil S/A (2003).

p. 372 – Em [**1**] Milton Telles Ribeiro, 2º §, acrescentar e também no Índice: C. no R. Janeiro a 29.12.1941 c. D. Maria de Castro Barbosa, n. no R. Janeiro a 07.06.1916. Escritora e poetisa. Filha de Edgard de Castro Barbosa e de D. Zaida do Espírito Santo Costa. *N.p.* de Joaquim Silvério de Castro Barbosa (R. Janeiro, 02.02.1850-10.09.1918), notável engenheiro, e de D. Ana Carlota Monteiro de Barros Lima, esta, filha de João Gonçalves Pereira Lima e de D. Emília Augusta de Miranda Monteiro de Barros (*cf.* A. E. C. Bueno, *Dic. das Fam. Bras.*, I, 689).

p. 373 – Em [**3**] Adriana Telles Ribeiro, acrescentar: Coordenadora do programa de educação de adultos "Vídeo nas Escolas", no III Festival Comemorativo da Herança Africana ("III Celebration of the African Heritage" - Salvador-BA, 9-15/12/1999).

p. 381 – abaixo de [**4**] Carolina Coquet Ribeiro, ... Roberto Vasconcellos Ribeiro ... Amorim Trindade, n. no Piauí ... (eliminar o espaço da vírgula e por acento agudo no **í** final de Piauí)
Em [**2**] Marcelo Waddington Telles Ribeiro, ... p. 382 ... 5ºc. D. Bianca Winograd ... 2ª linha: ... e de D. Fanny **Gorberg** Winograd (ao invés de D. Fanny **Gorbreg** Winograd).

p. 385 – Em [**2**] Ernesto Teixeira Weber, 2ª linha, depois de ... **daquela estatal** e antes de **... no governo Fernando Collor**, acrescentar, entre parênteses: (21.08.1991 a 04.05.1992)

p. 391 – Em [**3**] Roberto Hanania Filho, 1ª e 2ª linhas: ... a 09.04.1979. Advogado, diplomado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo-USP. Fez os estudos ...
[**3**] D. Bruna Weber Hanania, n. em S. Paulo-SP a 09.05.1984. Estudante de hotelaria na "Ecole Hôtelière de Genève" (Suíça).

p. 394 – antepenúltima linha: C. no R. Janeiro ... c. D. Maria Claudia ... (o 2º **c.** é minúsculo)

p. 397 – [**3**] D. Carolina Frota Sarro, n. (eliminar o espaço entre **Sarro** e a vírgula)

p. 402 – Em [**2**] Rogério Cezar de Cerqueira Leite, 3ª linha, ... Instituto Tecnológico da Aeronáutica-ITA (1958); 4ª linha, ... Universidade de Paris (1962), onde foi também Professor visitante; 6ª linha, ... Universidade de Campinas (1970), onde é hoje Professor Emérito; dirigiu cátedra na Universidade de Montreal (Canadá); 8ª linha, depois de "Sociedade Brasileira de Física" e antes do ponto, acrescentar: membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC); Presidente do Conselho de Administração do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron (LNLS), do governo paulista (Campinas); pesquisou por oito anos nos Laboratórios Bell-EUA; editor da importantíssima revista científica "Solid State Communications" (Oxford, Reino Unido); membro do Conselho Editorial do jornal "Folha de S. Paulo"; condecorado com a Ordem Nacional do Mérito (França). Teve vários trabalhos científicos ...

p. 409 – em [**1**] João Camarão Telles Ribeiro, último §, 2 últimas linhas, onde se lê: ... foi oficial-observador da ONU na Grécia (1948/52), leia-se: ... integrou o Corpo de Observadores da Comissão Especial das Nações Unidas para os Bálcãs (UNSCOB), na Grécia (1948/51). Acrescentar: Em Manaus-AM há um estabelecimento de ensino fundamental e médio denominado, em sua homenagem, Escola Estadual Brigadeiro João Camarão Telles Ribeiro, que funciona em convênio com a Aeronáutica, área do 7º Comando Aéreo Regional. Em 1958, criou o Correio Aéreo Nacional da Amazônia (CAN/AM), com sede em Belém, para complementar as linhas do Correio Aéreo Nacional (CAN), com sede no R. Janeiro. Seu dinamismo idealizador, impregnado de patriotismo e visão de futuro, levaram-no a grandes iniciativas de integração da Amazônica, com vistas à implantação de uma infra-estrutura física e de serviços sociais, capaz de dar melhores condições de vida à população daquela região e assegurar a vivificação das fronteiras externas do país. Reformou os métodos de ensino da EPCdoAr. Seu desempenho profissional exponencial garante-lhe a presença na galeria dos grandes homens da Aeronáutica.

p. 413 – Em [**2**] Carlos Eduardo Ribeiro de Moura, 3ª linha, acrescentar: ... C. em Fanwood, Newark – New Jersey (EUA) ...
Em [**3**] D. Patricia Ribeiro de Moura, acrescentar: Química pelo Instituto de Química da UNICAMP; Mestrado em Química Orgânica, *idem*; Doutorado em Bioquímica, *idem*; pesquisadora no Centro de Biologia Molecular Estrutural do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron (LNLS), Campinas-SP.
Em [**3**] Eduardo Ribeiro de Moura, acrescentar: Engenheiro Civil pela UNICAMP; treinamento na EMBRAER, S. José dos Campos (18 meses); Engenheiro de Desenvolvimento de Produto na EMBRAER (2003); curso de Gestão e Estratégia de Empresas na Faculdade de Economia da UNICAMP (2004). Em 1991, fez teatro amador no Colégio Rio Branco, em Campinas, onde estudou, e logo foi convidado para o elenco da peça, "A Gata Borralheira", apresentada também em outras cidades da região. Pratica basquete e é fã de cinema.

p. 414 – Em [**1**] Antonio Guilherme Telles Ribeiro, 1º §, 4ª e 5ª linhas, onde se lê: Brigadeiro, leia-se: Brigadeiro-do-Ar; linha 19, depois de (março de 2003 em diante), acrescentar: Chefe do Centro de Comunicação Social da Aeronáutica-CECOMSAER; ainda no 1º §, penúltima linha, onde se lê: - Cavaleiro, leia-se: - Comendador.

p. 416 – 5ª linha: substituir **sítio** por **cerco**

p. 430 – na nota, depois de 92-3 e do ponto, acrescentar: Sobre o navio francês "Lutetia", v. nota 176

p. 448 – Em [**2**] Jerson Antonio Telles Ribeiro, 2ª linha, depois de ... Empresário. , acrescentar: Vice-Presidente da Transit do Brasil Ltda.

p. 478 – Français – corrigir Resumé para Résumé

p. 482 – Afonso III, de Portugal 128, **142**, 145, 157, 159
Afonso, **conde de Barcelos e** 1º duque de Bragança, **143,** 157, 159
eliminar: Afonso, conde de Barcelos, 143

p. 487 – acrescentar: Brites, rainha de Portugal, 142

p. 491 – Edwin Douglas Murray, 282, 293, 302 (eliminar **320**)
Edwin Murray, 304, 320 (acrescentar **320**)

p. 493 – onde se lê: Fernão Furtado de **Ávila**, 142, leia-se: Fernão Furtado de **Álava**, 142

p. 497 – eliminar: Iñigo Lopes, 142

p. 500 – Johann Wilhelm Huder, 112, 264 (acrescentar **264**)

Johann Wilhelm Huder, 264 (eliminar)

p. 503 – Louise-Antoinette (Nette) Weber, 123 (eliminar)

p. 504 - Luiza Antoinette Weber (Nette), 123, 385, 393 (acrescentar **123**)

p. 516 – Tel Peres (de Meneses), 171, 172, 179 (acrescentar **172**)
Tel Peres, 172 (eliminar)

Novos aditamentos:

Pág. 293, onde se lê [**3**] D. Miriam Scott Murray, leia-se: [**3**] D. Myrian Scott Murray. Corrigir também no Índice, pág. 509.

Pág. 348, em [**3**] Gustavo Alberto de Sarmento Seixas, acrescentar e também no Índice, pág. 506:

Filha:

4 Maria Clara de Faria Seixas, n. em Niterói-RJ a 30.04.2003.

Pág. 362, 2ª linha, em **Violeta Telles Ribeiro**, acrescentar: Em 14.09.2004, recebeu o Prêmio Grover Chapman de Cidadania, que incentiva os exemplos de cidadania do bairro da Urca, no R. Janeiro (v. jornal "O Globo", de 28.08.2004, coluna "Gente Boa", de Joaquim F. dos Santos).

Pág. 388, em [**2**] D. Sonia Lohse, n. ..., acrescentar: ... e f. a 23.03.2004.

Pág. 397, em [**1**] D. Judith Weber, n. ..., acrescentar: f. a 27.05.2004.

Pág. 425, em [**3**] Oswald Norton de Murat Quintella, corrigir **Filha** para **Filhos** e acrescentar:

4 Vinicius de Freitas Quintella, n. no R. Janeiro a 14.10.2004.

Pág. 436, em [**2**] Carlos Roberto Telles Ribeiro, ... p. 437, depois de: ... Divorciados em 1978. Acrescentar e também no Índice: C. 2ª vez (União) no R. Janeiro c. D. Mônica Braga de Jardim Sayão, n. no R. Janeiro a 18.04.1955. Arquiteta pela Faculdade de Arquitetura da UFRJ. Filha de Edgard da Cunha Braga e de D. Emilce Azevedo Braga.

Pág. 437, em [**3**] D. Victoria Baptista Rabello Telles Ribeiro, 6ª linha, acrescentar e também no Índice: C. no R. Janeiro a 28.08.2004 c. Rafael Matas Luz, n. a 15.08.1970 em Brasília, DF. Economista pela UFRJ. Pós-graduação em Finanças e em Marketing pelo IBEMEC-Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais. *Filho* de Fernando Junqueira da Luz e de Alba Mercedes Matas Luz. *Neto p.* de Carlos Coimbra da Luz (☼ Três Corações-MG, 1894 - ✞ R. Janeiro-RJ 1961), advogado, promotor público, prefeito de Leopoldina-MG, secretário de Estado do governo de MG, deputado federal (1934), Ministro da Justiça (1945-6), Presidente da Câmara dos Deputados e Presidente da República (1955).

Pág. 450, em [**3**] D. Adriana Campos Conrado, n. ..., acrescentar e também no Índice: C. no R Janeiro a 20.03.2004 c. Luiz Rinaldo de Castro Zamponi. Filho de Luiz Rinaldo Zamponi e de D Beatriz Maria de Castro..

BOSTON PUBLIC LIBRARY
RL
3 9999 04885 435 8

Impressão e Acabamento GRÁFICA LIDADOR LTDA.
Rua Hilário Ribeiro, 154 – Pça. da Bandeira
Tel.: (21) 2569-0594 / Fax: (21)2204-0684
e-mail: lidador@terra.com.br – Rio de Janeiro - RJ

Eliana Quintella de Linhares

Nascida no Rio de Janeiro a 23 de agosto de 1940. Estudou nos colégios: Anglo Americano, Notre Dame da Assunção, Andrews e Rio de Janeiro. Dona de casa, mãe de família e amante de História, adotou como "hobby", a partir de 1994, a genealogia. Pesquisadora, sócia colaboradora do Colégio Brasileiro de Genealogia, dedicou grande parte de seu tempo a investigar os dados de família que constam desta obra.

Paulo Fernando Telles Ribeiro

Nascido no Rio de Janeiro a 9 de janeiro de 1942. Diplomata, estudou nos colégios São José (Externato) e Santo Inácio. Bacharel em Letras, diplomado pelo Instituto Rio Branco do MRE, viveu mais de 25 anos de sua carreira em postos no exterior. Aproveitou a longa estada em países da Europa para pesquisar a genealogia da família e grande parte dos dados coletados se acham incluídos na presente obra.

GUILHERME TELLES RIBEIRO, n. no Faial (freguesia das Angústias), arquipélago dos Açores, a 16.04.1827 e f. no Rio de Janeiro (Cemit. S. J. Batista) a 13.06.1893. Filho de Guilherme Ribeiro e de D. Luiza Telles. Descendente dos primeiros povoadores das ilhas dos Açores, em sua ascendência entroncam famílias ilustres de Portugal, Espanha, França e da antiga Flandres (atualmente, Bélgica e Países Baixos).

Estabelecido no Rio de Janeiro no final da década de 1840 (provavelmente 1847), dedicou-se a um próspero negócio que incluía exploração agrícola, importação e exportação e estaleiro de reparação naval. Foi proprietário da Fazenda da Posse, situada na freguesia do Pilar, Município da Estrela, Província do Rio de Janeiro, onde plantava cana de açúcar para produção de aguardente e rapadura.

De seus dois consórcios, o primeiro com sua prima Anna Joaquina de Souza Meireles e o segundo com Frederica Maria Hermínia Huder – alemã, deixou numerosa prole que abrange as famílias: Sá, Lage, Borges, Rebelo, Murray, Baskerville, Rocha, Machado, Seixas, Gutsch, Millions,Weber, Muniz, Lohse, Frota, Barroso, Falcão Macedo, Cerqueira Leite, Moura, Quintella, Magarinos de Souza Leão, Conrado, e o tronco dos Telles Ribeiro.

Ademais do enfoque genealógico, ao traçar o perfil dele, de seus ascendentes e descendentes, esta obra mostra a participação que tiveram em momentos importantes da História e como souberam se manter no mar adverso da política, atuando de forma a não se desmerecer mas a demonstrar como eram valorosos e fiéis às suas tradições de honra, glória e união recíproca.

ISBN 85-903257-1-7

9 788590 325710